



Universidade do Minho
Instituto de Educação

Adelina Maria Granado Andrês

**Agostinho da Silva: a "vida conversável"
como fundamento da educação**

Adelina Maria Granado Andrês **Agostinho da Silva: a "vida conversável"
como fundamento da educação**





Universidade do Minho
Instituto de Educação

Adelina Maria Granado Andrês

**Agostinho da Silva: a "vida conversável"
como fundamento da educação**

Tese de Doutoramento em Ciências da Educação
Especialidade de Filosofia da Educação

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor Artur Manuel Sarmento Manso
e do
Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves Gama

DECLARAÇÃO

Nome: Adelina Maria Granado Andrês

Endereço eletrónico: prepafu@gmail.com

Número do Cartão de Cidadão: 05923788

Título da tese:

Agostinho da Silva: a "vida conversável" como fundamento da educação

Orientadores:

Professor Doutor Artur Manuel Sarmento Manso

Professor Doutor Manuel Rosa Gonçalves Gama

Ano de conclusão: 2015

Designação do Doutoramento: Ciências da Educação

Especialidade de Filosofia da Educação

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE APENAS PARA
EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO
INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/ ___/ _____

Assinatura: _____

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmo que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, ____ de _____ de _____

Nome completo: _____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço aos meus orientadores, que sempre revelaram grande disponibilidade e empatia em cada momento deste longo e também tão curto e estimulante processo e que, à maneira de Agostinho da Silva, diria que verdadeiramente aconteceu uma ‘orientação conversável’. Ao Professor Doutor Artur Manso, pela sua constante, atenta e genuína solicitude, e pelo gosto de partilhar o conhecimento agostiniano que tem vasto. Ao Professor Doutor Manuel Gama, pelo certo e sempre muito oportuno saber feito de um entusiasmo tranquilo, e também pelo gosto de o partilhar.

Ao Instituto Politécnico do Porto, IPP, que, através do seu “Programa de Apoio à Formação Avançada de Docentes”, me possibilitou as condições necessárias para levar a cabo a presente investigação; e, em particular ao Instituto de Contabilidade e Administração do Porto, ISCAP, e à sua presidência, o meu especial agradecimento pela atenção e incentivo que me foi concedido. Às minhas colegas e amigas professoras Margarida Matos, Maria João Cameira e Helena Oliveira, pelo cuidado, carinho, e apoio neste percurso.

À Associação Agostinho da Silva, pela inteira disponibilidade manifestada.

À Bigmoon Interactive Studios, nas pessoas de Paulo Gomes e Adélio Rangel, pelo auxílio na formatação do texto.

A Eva Orosová, pela revisão da tradução do resumo. E ao Filipe Silva, pelo recorrente apoio informático.

Aos amigos José António Afonso e Laura Fonseca, pelos momentos de frutuosa conversa teórica e apoio, e a Márcia Andrade, também pelo apoio com que sempre pude contar.

Por fim, e sempre no início, às pessoas que mais pertinho e juntinho de mim estão neste coração que Agostinho da Silva diz ser uma atmosfera de um amor geral que nos envolve e guarda: à Beatriz, à Inês e ao António, e à minha mãe. O real agradecimento é por existirem comigo na vida; mas também quero expressar os contributos de cada um para este percurso. À Beatriz, pela digitalização das notas de pé de página na Parte B do trabalho e respetiva revisão; à Inês, pela formatação e revisão de todo o texto; ao António, pelas leituras e apreciações que foi fazendo sobre a tese ao longo do seu processo da redação; e à minha mãe, pelo incentivo em a finalizar.

Agostinho da Silva: a "vida conversável" como fundamento da educação

RESUMO

O presente trabalho corresponde à dissertação de Doutorado em Ciências da Educação, especialidade de Filosofia da Educação, de Adelina Andrês.

É constituído por: duas partes – parte A, que inclui cinco capítulos, e parte B, que inclui quatro capítulos; índice; introdução; conclusões; bibliografia; e apêndice.

Na Parte A, o primeiro capítulo apresenta uma visão panorâmica da história da educação, em particular sobre as várias práticas pedagógicas utilizadas desde as sociedades primitivas até aos nossos dias; os quatro capítulos seguintes incidem sobre a educação, ao longo desse tempo, na perspetiva de Agostinho da Silva e com enfoque na teoria e na prática do movimento da escola nova a que este pedagogo dedicou a sua especial atenção. Esta parte desenvolve-se a partir de fontes escritas.

A Parte B desenvolve-se a partir do registo oral sob a forma de conversa – com base no programa de televisão “Conversas Vadias” com Agostinho da Silva – que transcrevemos, e é totalmente dedicada à sua hermenêutica e interpretação, na linha do respetivo ideário pedagógico que consta na parte anterior. Desde o primeiro ao quarto capítulo trata-se, respetivamente: a vida e a obra de Agostinho da Silva; a discrepância entre a verdadeira condição da humanidade – que corresponderá a características próprias da Criança, como a criatividade - e o estado desfavorável em que esta vive no mundo; a procura de meios para solucionar tal situação; e a educação como instrumento capaz de resgatar a verdadeira condição da humanidade pela possibilidade de fazer reemergir aquela Criança.

Na introdução apresenta-se o objeto de estudo, bem como os objetivos da investigação, a metodologia usada e a forma como é organizado o trabalho.

Nas conclusões, destacam-se aquelas principais a que o desenvolvimento do trabalho nos conduziu.

A bibliografia organiza-se em três categorias: obras de Agostinho da Silva; obras sobre Agostinho da Silva; e outras necessárias ao desenvolvimento do trabalho.

O apêndice corresponde à transcrição por nós realizada, na íntegra, das treze “Conversas Vadias” posteriormente analisadas, e cuja disposição sequenciada respeita a ordem cronológica da apresentação televisiva, ao tempo, das mesmas.

Palavras-chave: Agostinho da Silva; Educação; Universidade; Humanidade; Criatividade.

Agostinho da Silva: the "vida conversável" as foundation of education

ABSTRACT

This study consists in the PhD dissertation in Educational Sciences, the field of Philosophy of Education, written by Adelina Andrês.

This work is composed of two parts – part A, which includes five chapters, and part B, which includes four chapters; the index; the introduction; the conclusions; references and the appendix.

Part A, the first chapter, gives an overall view of the story of education, it highlights several pedagogical practices used since the primitive societies until nowadays. The following four chapters focus on the education, over the time, according to Agostinho da Silva and emphasize the theory and the practice of the Escola Nova (the New School) movement, which this pedagogue paid special attention to. This section is based on written sources.

Part B is developed from the oral record through conversation – based on the television program “Conversas Vadias” with Agostinho da Silva – which has been transcribed and it is completely dedicated to its hermeneutics and interpretation, in line with the pedagogic ideology showed in the previous part. The first four chapters refer to the life and the work of Agostinho da Silva; the discrepancy between the real condition of humanity – which corresponds to the specific features of the Criança (Child), such as the creativity – and the unfavorable condition in which the humankind lives in the world. It describes the search for the ways to solve that situation; and the education as a tool, which enables the rescue of the true condition of humankind by the possibility to re-emerge that Criança (Child).

In the introduction the object of study is displayed, as well as the aims of the research, the methodology and the way as the essay is organized. In the conclusion, we highlight the main points to which the process of research has conducted us. The section of references is organized in three categories: Agostinho da Silva’s works; works about Agostinho da Silva; and others, which were used for the development of this thesis.

The appendix is composed of the transcription carried out, fully, of the thirteen “Conversas Vadias”, after they were analyzed, and their sequenced exhibition follows the chronological order of television presentation.

Key-words: Agostinho da Silva; Education; University; Humanity; Creativity.

Índice

Introdução	17
1. Justificação do tema	17
2. Objetivos	18
3. Metodologia	18
4. Organização e estrutura do trabalho	20
5. Procedimentos de ordem técnica.....	21
PARTE A	
Breve excuroso da Educação no mundo: das sociedades primitivas às sociedades da atualidade	23
Apresentação	27
1. Educação e Humanidade, dois conceitos associados... ..	27
1.1. Ser humano social	27
1.2. Ser humano educado	29
CAPÍTULO I	
Da natureza e da educação pela vida aos ensejos de lá voltar	31
1. Sociedades Primitivas	35
1.1. Dimensão do Natural.....	36
1.2. Admiração/culto da Natureza.....	37
1.3. Natureza para usufruto de todos - não propriedade e vida gratuita	38
1.4. Não trabalho e alegria	39
1.5. Atitude de não pensar	39
1.6. Tempo no presente: agora	40
2. Civilizações da Antiguidade.....	41
2.1. Oriente: China, Índia e Egito.....	41
2.2. Ocidente: Grécia.....	42
3. Idade Média.....	45
3.1. Universidades árabes: convergência e disseminação de conhecimento na Europa.....	46
3.2. Império de Carlos Magno: feudos e educação do estado: escolas paroquiais obrigatórias, monásticas e catedralícias, e imperial ou palatina.....	46
3.3. Escolástica.....	46
3.4. Universidades	47
4. Reforma e Contra-Reforma	48

5. Oratorianos e Comênio.....	48
6. Jean-Jacques Rousseau.....	48
7. Pestalozzi.....	49
8. Herbart.....	49
9. Froebel.....	50
10. Positivismo e Evolucionismo	50
11. O Movimento da Escola Nova	51
11.1 A escola pública	51
11.2. A Criança: centro e fundamento da Escola Nova.....	52
11.3. A Escola Nova em oposição à Escola Tradicional.....	54
11.4. A Escola Nova em Portugal	56
CAPÍTULO II	
Educação pela Vida e à Lei da Natureza.....	59
1. Sociedades primitivas: educação pela vida	63
1.1. Apresentação	63
1.2. Índios brasileiros: tempo livre, alegria e contemplação	63
1.3. Africanos: a natureza e o silêncio.....	64
CAPÍTULO III	
Referências e Precusores da Escola Nova: educar pela experiência.....	73
1. Grécia: uma fonte do pensamento ocidental	77
1.1. Natureza, Amor e Vida.....	77
1.2. Um Paraíso Perdido, uma Idade para o (re)encontrar	77
1.3. Sócrates <i>versus</i> sofistas e seus sofismas.....	79
2. Oratorianos, Comênio e Pestalozzi: precusores da Escola Nova.....	83
2.1. Oratorianos	83
2.2. Comênio	88
2.3. Pestalozzi.....	90
CAPÍTULO IV	
A Educação como caminho para a (re)emergência da Criança: uma Universidade Diversidade Agostiniana	101
1. Escola Nova	105
1.1. Introdução	105
1.2. A Revolução de Maria Montessori.....	107

1.3. Sanderson em Oundle.....	115
1.4. Ivan Illich	120
1.5. Frantisek Bakulé.....	122

CAPÍTULO V

Modelos da Escola Nova: teoria e prática de aprendizagem.....	127
1. Escolas populares da Dinamarca.....	131
1.1. Gruntvig e a Escola de Rodding.....	131
1.2. Kold e a Escola de Rysling	132
2. As Escolas de Lietz	132
2.1. Natureza e liberdade precisa-se.....	132
2.2. A idealização de uma escola na natureza	133
2.3. A vida nas escolas do campo.....	134
2.4. Alunos e professores: todos aprendem com todos	135
3. Washburne e a Escola de Winnetka	136
3.1 Apresentação.....	136
3.2. Os Professores	136
3.3. Os alunos.....	137
3.4. Material didático para a autonomia	138
3.5. Programas, disciplinas e atividades livres	139
4. Parkhurst e o Plano Dalton.....	141
4.1 Um problema, um plano para o resolver	141
4.2. Liberdade de movimentos sem tempos cortados.....	142
4.3. Uma comunidade livre de aprender.....	142
5. Michael Duane e a escola de Risinghill	144
5.1. Da universidade para o ensino secundário	144
5.2. Primeira experiência no ensino secundário	144
5.3. A escola de Risinghill	147
6. Baden-Powell e o escutismo	151
6.1. Um adulto que era criança.....	151
6.2. Escutismo: um presente das crianças	152
6.3. Educação pela vida.....	153
6.4. Colaborar, em vez de competir.....	154
6.5. Pedagogia e vida militar	155

PARTE B

“Conversas Vadias”: pensamento e ação de Agostinho da Silva	157
Apresentação	159
1. Treze entrevistas com Agostinho da Silva	159
2. Perspetiva de Agostinho da Silva.....	160
2.1. Uma obrigação e uma escola.....	160
2.2. A imaginação está na pergunta.....	161
2.3. O que diz que resultou.....	161

CAPÍTULO I

Vida de Agostinho da Silva, Vagabundo dos Tempos Todos	165
1. Uma Vida, uma vadiagem pelo mundo	169
1.1. Portugal: Porto - Barca d’Alva – Porto - Lisboa	169
1.2. França: Paris.....	174
1.3. Portugal: Aveiro	174
1.4. Espanha: Madrid	175
1.5. Portugal: Lisboa	175
1.6. Brasil - Rio de Janeiro, São Paulo; Uruguai, Argentina.....	176
1.7. Brasil: São Paulo, Serra de Itatiaia, Rio de Janeiro, João Pessoa (Paraíba), Pernambuco, Santa Catarina, Baía, Brasília.....	176
1.8. Portugal: uma ingressão oficial	178
1.9. Japão – Tóquio; Macau; Timor; Estados Unidos da América; Senegal	178
1.10. Brasil: Baía – Cachoeira; Salvador	179
1.11. Portugal: Lisboa – um regresso definitivo	179
2. Atitude e postura na Vida.....	181
2.1. Uma pessoa simples e normal	182
2.2. Pessoa de convicção ou ideia fundamental	185
2.3. Como age no dia-a-dia: é extremamente simples viver.....	194
2.4. O que quer para si e para os outros	208

CAPÍTULO II

Humanidade: A Criança e o Mundo por se cumprir	211
1. Humanidade e Eternidade: a Criança	215
1.1. Ser-se Humano: Natureza e Cultura, Corpo e Espírito.....	215
1.2. NaScER Criança: Ser Poeta à Solta; Ser Poema	223

1.3. Deus, Eternidade e Origem, Universo, Vida e Mundo.....	232
2. Humanidade no Mundo: falta cumprir a Criança.....	239
2.1. A dificuldade de se cumprir no mundo.....	239
2.2. Europa ou mundo ocidentalizado.....	241
2.3. Modelo capitalista: contrário à expressão da poesia.....	245
2.4. Seres humanos: soldados produtores na guerra contra a carência.....	256
2.5. Serviço militar não prepara para a vida civil.....	261
2.6. A vida não vai continuar assim. . .	265

CAPÍTULO III

Uma Revolução Salvadora de Poetas.....	267
1. Para cumprir a Criança: Revolução Salvadora de Poetas - chegar à vida gratuita.....	271
1.1. Iniciar a Revolução Salvadora de Poetas: dar condições de vida.....	271
1.2. Assegurar os três <i>esses</i> : Sustento, Saber e Saúde - alicerce para outras culturas.....	271
1.3. Capitalismo a (ultra)passar: chegar à vida gratuita.....	274
1.4. Trabalhadores, desempregados, reformados: viver o tempo livre.....	276
1.5. Ciência e técnica: arma eficaz para ganhar a guerra e chegar à vida gratuita.....	278
2. Futuro: revolução salvadora de poetas - Ser Criança.....	282
2.1. Futuro: do provável, podemos escolher aquilo que nos dê liberdade.....	282
2.2. Um futuro: o mundo irá mudar muito rapidamente.....	283
3. Como viver o Presente e preparar o Futuro.....	291
3.1. Aprender a viver o presente para a meta do futuro.....	291

CAPÍTULO IV

A Educação como caminho para a (re)emergência da Criança: uma Universidade Diversidade Agostiniana.....	305
1. O Presente: Educação e Universidade sob a lei dos mercadores.....	309
1.1. Escola fornecedora de soldados produtores.....	309
1.2. Entrada na Universidade: <i>numerus clausus</i> e exclusão.....	311
2. Melhorar o presente: uma escola mista, para cumprir e se cumprir.....	314
2.1. Uma escola mista: unir o serviço militar ao civil.....	314
2.2. Construir, e não conduzir e reduzir.....	317
2.3. Universidade aberta: todas as pessoas, todos os saberes.....	323
2.4. Frequentar a Universidade.....	325
3. O futuro: Universidade, uma porta sempre aberta.....	329

3.1. Para todos aprenderem o que quiserem.....	329
3.2. Uma universidade para se cumprir.....	333
CONCLUSÕES.....	337
1. Voltando à educação pela vida.....	339
1.1 Quanto mais escola, menos natureza e liberdade.....	339
1.2 O elogio da educação pela vida.....	339
1.3. Escola, natureza e liberdade coabitam: a escola nova.....	340
2. Agostinho da Silva: humildade, convicção, missão e sorte na vida.....	341
2.1. A sua e outras vidas dos pedagogos que biografou: modelos de qualidades humanas	342
3. O que é ser-se humano: não se sabe muito bem.....	343
3.1. ... sabe-se que é essencialmente criador, e tem missão.....	343
4. A quebra da unidade com a vida.....	344
4.1. Revolução salvadora de poetas: para voltar à unidade perdida.....	345
5. Educação: meio para a (re)emergência da Criança.....	346
5.1. Uma universidade diversidade aberta criada pelos alunos.....	346
5.2. Voltar à unidade perdida não é voltar à sociedade primitiva.....	347
5.3. Voltar à unidade perdida é voltar para cima.....	348
BIBLIOGRAFIA.....	349
APÊNDICE.....	374

Introdução

1. Justificação do tema

Sempre com a pessoa e a obra de Agostinho da Silva como ponto crucial do trabalho de investigação que nos propusemos levar a cabo no âmbito do doutoramento em Ciências da Educação, especialidade em Filosofia da Educação, o título da respetiva tese de dissertação foi alterado no decurso do processo: ao anterior “Pedagogia e Universidade em Agostinho da Silva” sucedeu, entretanto, este novo título: “Agostinho da Silva: a ‘vida conversável’ como fundamento da educação”.

Tal deveu-se, por um lado, ao nosso interesse que, desde o início, se centrou nas “Conversas Vadias”, pelo que sentimos a vontade e a necessidade de as transcrever, para melhor sistematizar e analisar os vários aspetos do pensamento e da ação de Agostinho da Silva que, através da sua própria voz e também da expressão do seu corpo emergiam, fluíam ou interrompiam, e se desenvolviam. Por outro lado, e em consonância com o rumo que a investigação ia tomando, pudemos observar que, a par da escrita, Agostinho da Silva sempre considerou o discurso oral um importante meio de exercício pedagógico, como são disso exemplo as emissões que fez, ainda em 1939¹, das “Palestras Radiofónicas”, onde já é bem patente o conceito da vida conversável.

Na origem deste conceito e atitude de vida a ele associada encontrar-se-á, para além dos antigos gregos, um marinheiro português, lembrando Agostinho da Silva que este “...homem nosso (...) quando se funda no Brasil, em São Vicente, hoje no Estado de S. Paulo, o primeiro município; é o homem Pêro Lopes de Souza e diz ele em seu ‘diário’, que se fizera o município para que fosse a ‘vida conversável’”².

Assim, dada a relevância que Agostinho atribui à ‘vida conversável’, e também aos avanços da ciência e da técnica que interessadamente acompanhou e utilizou, neste caso, inicialmente a rádio e, depois, a televisão, afigurou-se-nos adequada e proveitosa a tarefa de fazer daquele conjunto das treze “Conversas Vadias” televisivas, que

¹ Trata-se de um conjunto de seis Palestras de cariz pedagógico, emitidas pela rádio e destinadas ao público infantil, no âmbito do “Núcleo Pedagógico Antero de Quental”, cf. Mota, Helena Biosa e; Azevedo, Maria da Conceição, “As Palestras radiofónicas de Agostinho da Silva: a actualidade de um projecto de Educação para a Cidadania”, em AA VV, *Agostinho da Silva – pensador do mundo a haver*, Lisboa, Zéfiro, 2007, pp. 99-111.

² A propósito da frase “Ser grego é conversar com os homens” que António Sérgio teria por hábito citar, e que considerava reveladora da superioridade dos que assim procedem (ao invés das atitudes de impor e desdenhar), refere Agostinho que aquela frase do marinheiro português Pêro Lopes de Souza (1500-1539) lhe é sinónima. Deste modo, podemos pressupor que Agostinho partilharia da opinião de António Sérgio sobre a importância da conversa, cf. Agostinho da Silva, “Fontes e Pontes do Futuro. Tema: Educadores Portugueses – António Sérgio”, em *Vida Mundial*, 18 de Agosto de 1972, p. 51.

apresentavam o pensamento e o ideário sócio-educativo de Agostinho da Silva, dito pelo próprio, o nosso objeto de estudo desta investigação.

Então, mantendo os objetivos e a dimensão pedagógica do discurso e da obra de Agostinho da Silva que tínhamos inicialmente, passámos a fazê-lo principalmente sobre as “Conversas Vadias”.

2. Objetivos

O objetivo principal da presente investigação consiste na construção dos fundamentos de um novo currículo para a Universidade Portuguesa de agora com base no ideário pedagógico-filosófico de Agostinho da Silva, recorrendo essencialmente ao conceito fulcral da Criança e daquelas que são as suas características marcantes que suportam este ideário das quais se destacam na reflexão de Agostinho, a criatividade, imaginação, liberdade plena.

Deste objetivo principal decorrem e associam-se outros, a saber: contribuir para a divulgação do ideário pedagógico-filosófico de Agostinho da Silva, nomeadamente no que diz respeito ao ensino superior; procurar instrumentos, atitudes e contextos capazes de promover a expressão da Criança, no sentido que Agostinho da Silva lhe atribuiu; sistematizar as ideias de Agostinho da Silva para a construção de uma pedagogia que sirva a humanidade.

3. Metodologia

Usaremos preferencialmente uma metodologia heurístico-histórica para recolher e situar no tempo a sua obra. Com o auxílio do método fenomenológico-hermenêutico compararemos as várias dimensões do seu discurso escrito e falado, na tentativa de ir mais ao fundo das questões para poder encontrar os fundamentos daqueles que são os conceitos mais marcantes do seu discurso. Pela análise, tentaremos dividir o seu discurso nas grandes linhas que traçamos para a investigação para assim, deixar mais claro o que em cada tema analisado se repete ou contradiz, para assim, passo a passo procedermos às sínteses a que nos propomos, que também hão-de beneficiar do uso do método dialético que nos ajudará que nos auxiliará na divisão e diferenciação dos conceitos-chave, e tantas vezes contraditórios que marcam o pensamento de Agostinho da Silva.

As fontes de informação em que esta investigação irá assentar traduzem-se no material escrito de Agostinho da Silva relativamente à pedagogia, nas ideias filosóficas que lhe estão associadas e que a suportam, no material escrito de outros autores sobre Agostinho da Silva nos domínios referidos e no material registado em outros suportes, principalmente audiovisuais do pensador e acerca dele que nos irão fornecer a informação que necessitamos para esta investigação.

O método autobiográfico, entendido apenas no sentido da narração da experiência profissional torna-se aqui muito importante, pois Agostinho desde sempre e de forma muito mais insistente nos últimos anos de vida, liga as suas realizações, ao desenrolar da sua própria vida. Contudo, essa ligação apenas contempla o decurso da sua vida profissional. Os seus relatos são exemplares na separação do público e do privado, pois ao longo dos anos, pese embora o imenso número de referências autobiográficas e a insistência nos pormenores da sua vida particular por parte de quem conversava com ele, quase nada ficamos a saber sobre a importância do decurso da sua vida pessoal mais íntima em relação às suas decisões profissionais que frequentemente teve que tomar na escolha dos caminhos que foi seguindo.

Com vista a atingir uma maior abrangência e compreensão do nosso objeto de estudo, de que acabamos por relevar a parte B onde pela primeira vez se estuda todo o conteúdo das “Conversas Vadias”, a metodologia da presente investigação beneficiará de uma abordagem qualitativa disposta em dois grandes troncos:

. No âmbito da análise de conteúdo, consideraram-se os temas e categorias que emergiram das entrevistas, tendo-se em seguida procedido à categorização do discurso. Expomos em síntese os passos metodológicos que nos conduziram ao longo da investigação:

1. Identificação dos aspetos relevantes na Educação para Agostinho da Silva.
2. (Re)conhecimento da obra pedagógica de Agostinho da Silva, com o objetivo de proceder a um levantamento dos aspetos que este pedagogo privilegiou na Educação, e também daqueles que o mesmo autor rejeitou.
3. Os aspetos positivos e negativos que Agostinho da Silva aponta na educação ao longo da história da humanidade.

1. Estabelecer as fontes de informação acrescida e relevante, com elementos eventualmente ainda não conhecidos, para esta investigação.

Quanto ao procedimento usado ao longo do estudo das entrevistas que constituem as “Conversas Vadias” que ocupam a totalidade da parte B da investigação, convém

relevar as etapas que procederão à recolha da informação: 1º passo – Transcrição das 13 entrevistas, a qual será disponibilizada, na íntegra, no Apêndice do trabalho; 2º passo – Entrevistadores por cores (atribuiu-se uma determinada cor a cada entrevistado); 3º passo – À cor atribuída a cada entrevistado corresponde a cor da respetiva entrevista, para, em seguida, se fazer o levantamento e identificação de categorias e temas que interessam à nossa investigação; 4º passo – identificação das categorias e temas, subcategorias e subtemas, obtidas a partir dos textos das entrevistas, e com base nos assuntos relevantes para o nosso objeto de estudo; 5º passo – distribuição do texto de todas as entrevistas pelas subcategorias e categorias.

4. Organização e estrutura do trabalho

A investigação será distribuída por duas partes: Parte A, que incluiu cinco capítulos e uma Parte B, que será constituída por quatro capítulos. Na Parte A, o primeiro capítulo apresenta uma visão panorâmica da história da educação, em particular sobre as várias práticas pedagógicas utilizadas desde as sociedades primitivas até aos nossos dias; os quatro capítulos seguintes incidem sobre a educação, ao longo desse tempo, na perspetiva de Agostinho da Silva e com enfoque na teoria e na prática do movimento da escola nova a que este pedagogo dedicou especial atenção. Esta parte desenvolve-se a partir de fontes escritas.

A Parte B desenvolve-se a partir do registo oral sob a forma de conversa, quase exclusivamente no programa de televisão “Conversas Vadias” com Agostinho da Silva – que transcrevemos, e é totalmente dedicada à sua hermenêutica e interpretação em registo oral, na linha do respetivo ideário pedagógico que consta na parte anterior. Desde o primeiro ao quarto capítulo trata-se, respetivamente: a vida e a obra de Agostinho da Silva; a discrepância entre a verdadeira condição da humanidade, que corresponderá a características próprias da Criança, como a criatividade e a liberdade absolutas, e o estado desfavorável em que esta vive no mundo; a procura de meios para solucionar tal situação; e a indagação em torno da educação como instrumento capaz de resgatar a verdadeira condição da humanidade pela possibilidade de fazer reemergir aquela Criança.

A escolha por parte A e B e não 1 e 2, deve-se ao facto de a presente investigação, na sua essência, recair nas “Conversas Vadias” que se tornaram a essência da investigação,

ao contrário da investigação inserida na parte A que serve de fundamento ao que vem a seguir e que constituiu a novidade no tema da investigação realizada.

A transcrição da totalidade das “Conversas Vadias” que aparece no apêndice permitirá, a quem o desejar, conferir os diálogos que são usados no corpo do texto. O ritmo da transcrição e o ênfase que se coloca na mesma, são da nossa inteira responsabilidade.

5. Procedimentos de ordem técnica

A referência, em nota de rodapé, das obras de Agostinho, da primeira vez far-se-á de modo completo e em seguida indicaremos apenas os elementos suficientes para proceder a uma correta identificação da mesma: autor, título, volume (sempre que se justificar), número de edição (sempre que se justificar), local, editora, ano. Este critério será também usado para as restantes referências bibliográficas.

Na parte B, onde predominam as referências às entrevistas, estas serão identificadas, naturalmente, pelo nome do respetivo entrevistador.

PARTE A

**Breve excuro da Educação no mundo:
das sociedades primitivas às sociedades da atualidade**

“Se virmos a História sem as precipitadas conclusões (...), força nos é concluir que o âmbito do humano se tem alargado cada vez mais, que vamos abatendo uma a uma, no meio de quanta dificuldade, as limitações que sentíamos e que o caminho tem sido, com seus altos e baixos, com suas esperanças e derrotas, sempre um caminho de ascensão, sempre uma aproximação de triunfo. Talvez nada mostre melhor como assim tem sido do que o que se refere à história da educação”.

Agostinho da Silva, “Fontes e Pontes de Futuro. Tema: Escola Nova”,
em *Vida Mundial*, 2 de junho de 1972, p. 48

Apresentação

Desde que conhecemos o ser humano a partir das diversas perspectivas das várias ciências que dele fazem o respetivo objeto de estudo, podemos observar que, a par da sua existência na terra, caminha igualmente a educação enquanto socialização do indivíduo no grupo, e para o grupo, ao qual pertence. Assim, e tanto quanto sabemos, humanidade e educação têm-se apresentado como realidades indissociadas... Pelo que iniciaremos o presente estudo com esta questão ou ponto de discussão.

Em seguida, os vários capítulos percorrerão os contextos espaço-temporais que se vão sucedendo ao longo da história conhecida da humanidade, nos quais a educação tem assumido diversos aspetos: desde a simples educação pela vida, onde o indivíduo é socializado através da participação no dia a dia do grupo, até aos sistemas mais complexos com a criação e organização de instituições destinadas ao efeito. Entre uma e outra situação, nesta escalada do mais simples para o mais complexo, surgem avanços e recuos¹, traduzidos em práticas pedagógicas diferentes e mais ou menos isoladas do contexto geral em que ocorrem e nas quais importa atentar².

É nesta perspectiva que apresentamos um muito breve excurso da educação pelo mundo³, acrescido pela perspectiva de Agostinho da Silva, através dos respetivos trabalhos sobre os pedagogos e respetivas pedagogias que mais relevou, bem como as que aponta para o futuro.

1. Educação e Humanidade, dois conceitos associados...

1.1. Ser humano social

Segundo Not, “A educação de um indivíduo é a utilização de meios próprios para transformá-lo ou que lhe permita se transformar no sentido definido pelos fins gerais

¹ Às expressões referidas *simples educação*, *sistemas mais complexos*, e *avanços e recuos* não se associam, aqui, atributos de ordem valorativa.

² Como possibilidades de eventual mudança.

³ O primeiro capítulo percorre a educação desde as sociedades primitivas até ao início do século XX; os seguintes capítulos incluídos nesta 1ª parte tratam-na desde essa mesma altura até à atualidade, e são construídos com base na obra escrita de Agostinho da Silva, com um especial foco no movimento da Escola Nova.

atribuídos ao processo educativo”⁴. A esta definição de educação subjaz, ainda pelas palavras do mesmo autor, a “...ideia de transformação finalizada”⁵, que será o mesmo que dizer que se trata de uma transformação operada no indivíduo para atingir um determinado fim ou objetivo.

E, seja qual for aquele fim ou objetivo tomado particularmente, em boa verdade poderemos considerar que existe um denominador comum a todo o tipo de educação, que se poderá traduzir enquanto

“...fenómeno mediante o qual o indivíduo se apropria em quantidade maior ou menor da cultura (língua, ritos religiosos e funerários, costumes morais...) da sociedade onde se desenvolve, adapta(ndo)-se ao estilo de vida da comunidade...”⁶.

Em tal contexto, convém, portanto, referir o que se entende por cultura e qual o seu significado no seio de uma dada sociedade:

“...cultura será tudo o que o trabalho do homem, guiado por sua intuição, sua fantasia e sua inteligência, no sentido restrito de sua razão organizadora, foi capaz de acrescentar ao dado pela natureza à sua volta (...) todo o homem é capaz de criação cultural e todos os domínios culturais estão certos se adaptados às condições de meio, aos fins em vista e às oportunidades ou recursos oferecidos”⁷.

Assim, podemos considerar que o ser humano⁸ sempre se terá apresentado e definido como um indivíduo social, com estabelecimento das consequentes e necessárias inter-relações que essa condição pressupõe e exige. Portanto, será apenas no seio do grupo em que o indivíduo nasce, estando fisiologicamente equipado para se vir a tornar num

⁴ Not, Louis, *As pedagogias do conhecimento*, 2ª ed., trad. Américo E. Bandeira, Rio de Janeiro, Bertrand, 1991, pp. 6-7.

⁵ *Ibidem*, Not, Louis, 1991, p. 6.

⁶ Larroyo, Francisco, *Historia Geral da Pedagogia*, tradução de Luís Aparecido Caruso, S. Paulo, Editora Mestre Jou, 1970, p. 14.

⁷ Agostinho da Silva, “Fontes e Pontes do Futuro, Tema: Transmontanos”, em *Vida Mundial*, 30 de junho de 1972, p. 73.

⁸ Conhecem-se exemplos de indivíduos que só puderam identificar-se como seres humanos apenas pelas características físicas, é o caso do “Selvagem de Aveyron”, um menino encontrado num bosque em França, no ano de 1800, ao qual se atribuiu a idade de cerca de 12 anos. Os seus comportamentos não eram considerados humanos (por exemplo, locomovia-se com os quatro membros, não falava mas soltava sons guturais, não estabelecia e rejeitava contacto social...). Como esta, todas as outras crianças abandonadas que foram encontradas em estado de privação de contacto humano continuado não apresentavam características comportamentais humanas. (Memória e Relatório sobre Vítor de Aveyron por Jean Itard em Malson, Lucien, *As Crianças Selvagens: Mito e Realidade*, tradução de Carlos Cidrais Rodrigues, Porto, Livraria Civilização Editora, 1978).

ser humano completo, que se poderá efetivamente atingir essa meta com a aquisição de todo o conjunto das características comportamentais que o definem enquanto tal.

1.2. Ser humano educado

Como reforça Lucien Malson “Antes do encontro dos outros e do grupo, o homem possui apenas virtualidades diáfanas como transparentes nuvens de vapor. Qualquer condensação pressupõe um meio, isto é, o mundo dos outros”⁹. Ou seja, esta “condensação” ou educação consistirá, então, no resultado de um jogo entre aquelas “virtualidades” ou possibilidades naturais e intrínsecas de cada indivíduo humano, e as inter-relações (em termos de quantidade, qualidade e frequência) estabelecidas no (e com o) meio exterior, com os outros, tendo como objetivo último (ou como finalidade) a transformação ou adequação dos indivíduos do grupo (com uma particular incidência nos mais jovens) ao respetivo contexto físico e social.

Neste sentido, a cultura deve ser transmitida, ensinada, aprendida, quer dizer, reproduzida em cada novo indivíduo no seu período de aprendizagem...”¹⁰, pelo que “Desde a nascença, todo o indivíduo começa a receber a *herança cultural*, que assegura a sua formação”¹¹.

Então, admitindo que não nos será possível dissociar a espécie humana das dimensões social e cultural, e dado que estas duas dimensões traduzem o conceito de educação (tal como foi apresentado), teremos que concluir que o ser-se humano será necessariamente equivalente a ser-se/estar-se objeto e sujeito de educação, logo, o ser humano não é natural no sentido em que é construído e educado no grupo em que se inclui:

“Nunca vi um homem natural e duvido até que jamais tivesse havido homens naturais. Logo que houve um grupo humano, porque era grupo, eles deixaram de ser naturais”¹².

Os meios através dos quais tal construção e educação é passível de se concretizar são suscetíveis de variação, consoante o contexto considerado, e são conhecidos por

⁹ Malson, Lucien, *As Crianças Selvagens: Mito e Realidade*, tradução de Carlos Cidrais Rodrigues, Porto, Livraria Civilização Editora, 1978, p. 7.

¹⁰ Morin, Edgar, *O Paradigma Perdido: a natureza humana*, tradução de Hermano Neves, Mem Martins, Publicações Europa-América, 2000, p. 75.

¹¹ Morin, Edgar, *ibidem*, p. 165. Na expressão *herança cultural*, mantivemos o itálico do texto do autor.

¹² Agostinho da Silva, *Diálogos com Agostinho da Silva. O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, 5ª ed., Lisboa, Editorial Notícias, 2003, p. 40.

métodos pedagógicos que “...definem o processo de acordo com o qual se organizam e se desenvolvem as situações educativas”¹³.

¹³ Not, Louis, *ibidem*, p. 7.

CAPÍTULO I

Da natureza e da educação pela vida aos ensejos de lá voltar

“Para nos mantermos apenas na esfera do que se convencionou ser o Ocidente e nos limites do puramente humano que, quem sabe, talvez seja a mais certa forma de atingir o divino, lembraremos como a verdadeira formação educativa dos gregos (...) era rara e difícil, a cada passo arriscando os mestres à cicuta e seus discípulos ao exílio; e lembraremos ainda, apesar de tão recente e tão teimosamente contemporânea, como a educação da segunda fase desse Ocidente, a que principia com a idade Média, era e é uma educação (...) que prepara os homens para servir, não para se desenvolver (...) cada vez mais se afasta da vida (...); entramos agora numa terceira fase, a da Escola Nova (que) desaba as paredes que a separam da vida (...), depois das tentativas isoladas de um Pestalozzi (...) a demonstrar que a marca real do homem é o seu espírito de criatividade...”.

Agostinho da Silva, “Fontes e Pontes de Futuro. Tema: Escola Nova”,
em *Vida Mundial*, 2 de junho de de 1972, p. 48

1. Sociedades Primitivas

Nestas sociedades a educação e a socialização fazem-se através da participação do indivíduo (desde o seu nascimento) na vida do dia a dia do grupo em que está inserido - que decorre sempre em contacto direto com o mundo natural, o qual se constitui em objeto de veneração e culto.

Como é nesta linha que Agostinho da Silva orienta todo o seu discurso, teremos que nos deter com mais pormenor na sua explicação.

Comecemos, então, por ponderar o pensamento de um sábio primitivo:

“O velho lakota era sábio. Sabia que o coração do homem afastado da natureza se torna duro; sabia que a falta de respeito para com o que cresce e vive, depressa conduz também à falta de respeito para com os humanos. Por isso mantinha ele os jovens sob a mansa influência da natureza”¹.

Com base na exposição que fizemos sobre o conceito de educação² e, pretendendo fazer uma pequena incursão pela respetiva história, teremos então que recuar até aos primórdios da humanidade – as sociedades humanas da pré-História³ ou sociedades primitivas⁴ – trata-se da chamada educação primitiva.

Ora, constituindo a tribo uma sociedade, e sabendo que “...toda a sociedade é a instituição de uma ordem contra a Natureza, de uma rede de obrigações, de regras, de interditos...”⁵, teremos que admitir que a educação primitiva terá um carácter artificial,

¹ McLuhan, Teri (recolha), *A fala do Índio: Auto-retrato da vida dos índios da América do Norte*, tradução de Júlio Henriques, Lisboa, Fenda, 1982, p. 13. Excerto de um discurso do índio americano chefe Luther Standing Bear (1868-1939), texto transcrito e depois recolhido por Teri McLuan para o presente seu livro. A tribo *lakota* é atualmente conhecida como tribo *sioux*.

² Tal como entendemos a educação enquanto agente socializador, “fabricadora de seres humanos” porque inseridos em grupo. Então, apresentar a educação desde o seu início será também equivalente a apresentar a humanidade desde o seu início.

³ A pré-História é habitualmente considerada como o período de tempo que decorreu entre o aparecimento dos seres humanos na terra e o início do nosso calendário (século I d.C.). O que essencialmente caracteriza este período é a ausência da escrita nas culturas dos respetivos povos, por este motivo, admite-se o conceito de pré-História como não exclusivamente temporal e cronológico, mas mais abrangente no sentido em que se cumpra a condição de se tratar de povos que não utilizam a escrita.

⁴ Como se designam essas sociedades no domínio da antropologia; o critério utilizado para a inclusão nesta categoria também é, como já referimos, a não utilização da escrita – pelo que podemos considerar sociedades primitivas cronologicamente situadas em eras a.C., bem como outras na nossa contemporaneidade (ex: índios da Amazônia).

⁵ Akoun, André, “Sociedades Arcaicas e Sociedades Modernas” em *Dicionário de Antropologia – do homem primitivo às sociedades actuais* (dir. de André Akoun), tradução de Geminiano Cascais Franco, Lisboa, Verbo, 1983, p. 195.

não natural, no sentido em que cada indivíduo do grupo a que pertence é sempre o resultado de uma determinada construção pela sua inter-relação com todos os elementos do meio:

“A tribo é uma sociedade complexa onde a educação desempenha um papel fundamental. É certo que não havia escolas, mas sim uma transmissão pelos anciãos, e ritos de puberdade, de passagem à idade adulta, de iniciação para rapazes ou para raparigas...”⁶.

A chamada educação primitiva revela-nos então, a par daquela dimensão da natureza que referimos, outro aspeto que é inegavelmente de cunho predominantemente social: seria sempre no seio do grupo que a criança aprenderia o necessário a toda a sua vida – era aos seus membros, principalmente à família e ao sacerdote da tribo, a quem caberia o papel de agentes socializadores e educativos dos mais jovens⁷. Esta educação incluiria, inseparável e globalmente, todos os aspetos da vida dos indivíduos, e teria como objetivo fundamental capacitar esses indivíduos para a respetiva satisfação de necessidades básicas como alimentação, vestuário e abrigo; bem como de outras essencialmente de natureza espiritual⁸. As respetivas aprendizagens seriam sempre proporcionadas pela integração e pela participação na vida do dia a dia do grupo, e realizadas como que natural e espontaneamente nesse contexto:

“...esta espécie de ensino espontâneo que nem necessidade tinha de recorrer à obrigação, (...) em que o adulto só intervinha a título de exemplo, em que tudo se fazia por jogo, por imitação ou participação na vida coletiva”⁹.

1.1. Dimensão do Natural

Depois deste retrato de uma sociedade primitiva da atualidade, em que o espaço onde as pessoas se movem é *mais vasto e mais autêntico*, pelas palavras do autor somos

⁶ Barreau, Jean-Claude; Bigot, Guillaume, *Toda a História do Mundo – da pré-História aos nossos dias*, tradução de Paula Reis, Lisboa, Teorema, 2005, p. 21.

⁷ Geralmente seria a família a encarregar-se da educação da criança até à puberdade; e, quando nela surgiam os respetivos sinais de mudanças físicas, era a vez da figura do sacerdote assumir o respetivo papel na sua educação, teriam lugar, nesta importante etapa da vida do indivíduo, determinados rituais de iniciação; depois de os ultrapassar com sucesso, o indivíduo seria tido como membro adulto da respetiva comunidade.

⁸ É consensual a ideia de que estes indivíduos se dedicariam a cerimónias e rituais de natureza espiritual, como por exemplo o enterro de mortos e o culto aos ancestrais.

⁹ Gal, Roger, *História da Educação*, tradução de António Campos, Lisboa, Veja, 1976, p. 17.

remetidos à dimensão do natural, por oposição ao artificial, ao transformado pelo ser humano.

Para além das características apresentadas relativamente à educação primitiva, e a ela associadas, identificamos em especial aquela que se pode traduzir pela ligação e pela veneração ou culto à natureza, à terra - que é, então, revestida de um inegável cunho de carácter religioso.

Esta, por sua vez, inclui outras dimensões significativas e comuns da vida destes povos, e que intimamente se relacionam entre si: a não existência de propriedade, tal como habitualmente a entendemos; o conceito de trabalho como atividade que se desenvolve com o objetivo de ganhar a vida não se aplica, já que as necessidades que a subsistência exige são asseguradas pela natureza; ocupar a cabeça a pensar não é valorizado nem faz sentido; o conceito de tempo não inclui o passado nem o futuro, porque se vive o presente imediato. Senão, vejamos¹⁰:

1.2. Admiração/culto da Natureza

Para o indivíduo primitivo, a natureza é digna de grande admiração e respeito, e o homem deve interferir nela o menos possível:

“...está tudo cheio de grandes coisas – a floresta virgem com os seus pombos selvagens, os seus colibris e periquitos, a lagoa com os seus pepinos do mar, as suas conchas, as suas lagostas e outros animais aquáticos, a praia com o seu rosto claro, a pele macia da areia, o grande mar (...). Para quê ser parvo, para quê criar ainda mais coisas para além das coisas sublimes que o Grande Espírito nos dá?”¹¹.

E, também,

“Quando nós, os Índios, caçamos, comemos toda a carne. Quando andamos à cata de raízes, fazemos na terra buracos pequenos. Quando construimos as nossas casas, fazemos buracos pequenos”¹².

¹⁰ As citações que se seguem e que fundamentam as características da vida, agora referidas, dos povos primitivos são retiradas de livros cujos conteúdos foram construídos usando, literalmente, os discursos orais de indivíduos desses povos, transcrevendo-os e depois traduzindo-os (já que é característica destes povos a não utilização da escrita).

¹¹ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa, em Scheurmann, Erich (recolha) *O Papalagui: discursos de tuiavii chefe de tribo de tiavéa nos mares do sul*, tradução de Luiza Neto Jorge, Lisboa, Antígona, 2003, p. 28.

¹² Palavras de uma velha índia da tribo dos Wintus (na Califórnia). McLuhan, Teri, *ibidem*, 1988, 19.

Associada a esta admiração e respeito, a natureza reveste-se de um grande poder religioso e constitui-se em objeto de adoração e culto: “...o Criador de todas as coisas era Wakan Tanka e (...) eu deveria venerar a sua obra na natureza.”¹³. Porquanto

“Nós víamos a obra do Grande Espírito em quase todas as coisas: no Sol, na Lua, nas árvores, no vento, nas montanhas. Por vezes aproximávamo-nos dele por intermédio destas coisas”¹⁴.

Assim, “Na vida do Índio só havia um dever inevitável – o dever da prece, o reconhecimento quotidiano do Invisível e do Eterno.”¹⁵. E, como é no solo que os mortos são enterrados - sendo que “Não há porém morte nenhuma; há só uma mudança de mundos. (...) As cinzas dos nossos antepassados são para nós sagradas, e o sítio onde repousam é terra santificada”¹⁶.

1.3. Natureza para usufruto de todos - não propriedade e vida gratuita

E esta *terra santificada* existe, enquanto obra do Criador, para usufruto de todos, é por intermédio dela, e com ela, que a vida lhes é assegurada sob variadas formas, sem que para isso haja que pagar qualquer preço (a não ser a expressão da sua gratidão através do respetivo culto): “...tínhamos bagas, raízes, caça e peixe. (...) No início de cada estação elevo o meu coração, agradecendo ao Criador a sua generosidade pela vinda deste sustento”¹⁷, já que “...se Deus nos deu o seu vasto reino, foi para que todos nele tivéssemos lugar e aí vivêssemos felizes”¹⁸. Neste contexto, a noção de propriedade não existe porque não faz sentido – a terra, ou qualquer outro aspeto dela, não pode nem deve ser dividida e possuída, já que foi concebida pelo Criador “...e não cabe ao homem dividi-la... (...) Eu nunca proclamei que a terra é minha, a fim de fazer dela o que me aprouvesse”¹⁹. Ora, como não existe essa noção porque nada pertence a ninguém mas sim ao Criador para usufruto de todos, de igual modo se verifica também

¹³ Palavras de Tatanka-ohitika, índio da tribo dos Sioux, curandeiro, 1911. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 20.

¹⁴ Palavras de Tatanga Mani, índio da tribo dos Stoney, Canadá. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 25.

¹⁵ Palavras de Ohiyesa, índio da tribo dos Santee Dakota, 1911. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 34.

¹⁶ Palavras do índio Seattle, chefe da tribo dos Dwamish, 1855. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 30.

¹⁷ Palavras do índio Weninock, chefe da tribo dos Yakimas, 1915. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 16.

¹⁸ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, p. 41.

¹⁹ Palavras de Hin-Mah-too-yah-lat-kekht, chefe da tribo dos Nez Percé. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 48.

a inexistência da noção de roubo: “*Laiú* quer dizer, na nossa língua, «meu», e também «teu», o que, por assim dizer, vai dar ao mesmo”²⁰.

1.4. Não trabalho e alegria

Nesta sequência, o conceito de trabalho enquanto obrigatoriedade de execução de determinada ação contrária à vontade do indivíduo, apenas com o fito de vir a possuir, tampouco existe, já que aquilo que é realmente necessário à vida está assegurado

“...que vem a ser: ter o suficiente para comer, um tecto que nos abrigue, e prazer em participar nas festas (...) é sempre com alegria, e nunca acabrunhado, que qualquer habitante destas inúmeras ilhas, qualquer irmão nosso, digno desse nome, faz o seu trabalho. Pois se assim não fosse preferiria nada fazer. O Grande Espírito (...) quer ver-nos, isso sim, firmes e altaneiros em tudo quanto fizermos, sem nunca perdermos a alegria do olhar...”²¹.

No mesmo sentido, “...nós encontramos todas as nossas riquezas e todas as nossas comodidades na nossa terra, sem sacrifício...”²², porque “O Grande Espírito (...) deu-nos o bisonte, o veado, o antílope (...) não nos fez para que trabalhássemos, mas sim para que vivêssemos da caça”²³.

Deste modo, podemos compreender que, para estes povos, as tarefas de que se ocupam são realizadas com alegria, não as considerando trabalho. Além disso, o trabalho acarreta outro mal muito grave, já que impossibilita o acesso à sabedoria: “Os meus jovens não hão-de nunca trabalhar. Os homens que trabalham não têm acesso ao sonho; e a sabedoria chega-nos através dos sonhos”²⁴.

1.5. Atitude de não pensar

Outro meio capaz de, para além da sabedoria, impedir até a própria plenitude da vida é o indivíduo deixar-se conduzir pelo pensamento, porquanto “...se devia ter como sinal de inteligência encontrar alguém o seu caminho sem ter necessidade de pensar”²⁵. Aquele que, ignorando isto, se dedica a pensar, “Deixa de ver o sol, o vasto mar, a beleza das

²⁰ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, p. 40.

²¹ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, p. 56.

²² Palavras de um chefe índio gaspesiano, 1676. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 43.

²³ Palavras de Crazy Horse, chefe sioux Oglala, século XIX. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 56.

²⁴ Palavras de Smohalla, índio da tribo dos Nez Parcé, século XIX. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 49.

²⁵ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, p. 66.

raparigas, perde a alegria, fica sem nada, mesmo nada (...). Sem estar morto, vivo também não está. Foi atingido pela grave doença de estar sempre a pensar”²⁶. E todo este grande sacrifício nem sequer serviu o objetivo que será encontrar uma resposta definitiva, porque “...as questões para as quais não encontrou resposta são do domínio do Grande Espírito. (...); e é assim que, de mil e uma maneiras, o pensamento faz o homem extraviar-se do seu caminho...”²⁷. Portanto

“...quando o sol brilha, vale mais não pensar em nada. Qualquer Samoano sensato irá estender e aquecer o seu corpo ao sol, sem mais reflexões. (...) Deixa a sua pele e os seus membros pensarem por si próprios, e eles pensam à sua maneira, por certo diferente da da cabeça”²⁸.

A este propósito, “Dom Juan dizia que para pensar bem é preciso deixar de pensar.”²⁹, ou seja, é fundamental que se faça silêncio no interior de cada um para se poder ouvir a natureza e, por esta via, ter acesso à sua sabedoria: “O silêncio é a balança e o aprumo absolutos do corpo, da mente e do espírito (...) assim é, para o sábio iletrado, a atitude ideal e o comportamento na vida”³⁰.

1.6. Tempo no presente: agora

Intimamente relacionada com esta crença e atitude de vida que se traduz por ser errado pensar está, para o primitivo, a noção de tempo - o qual deverá ser sempre aceite tal como aparece e vai decorrendo: “...amámo-lo e acolhêmo-lo tal como ele era, nunca corremos atrás dele (...) Não precisamos de mais tempo do que o que temos, temos sempre tempo suficiente”³¹, pelo que o tempo deverá ser vivido e usufruído enquanto momento do presente imediato. A não ser assim, seríamos obrigados a ocupar as cabeças com o passado e com o futuro – os quais não têm existência a não ser no pensamento... Ora, o resultado de pensar nesses tempos seria perdemos a vida verdadeira que está naqueles momentos a acontecer, o que se converteria numa perda

²⁶ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, p. 66.

²⁷ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, p. 67

²⁸ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, pp. 64-65.

²⁹ Palavras de Dom Juan, índio yaqui, relatadas por Carlos Castaneda em Fort, Carmina, *Conversando com Carlos Castaneda*, 3ª ed., tradução de Luiz Fernando Sarmiento, Rio de Janeiro, Record, 1995, p. 72.

³⁰ Ohiyesa, índio. McLuhan, Teri, *ibidem*, p. 85.

³¹ Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, 2003, p. 37.

irremediável: “Que triste sorte a do homem que pensa em coisas tão longínquas como por exemplo: «Que irá acontecer amanhã, ao alvorecer do dia?» (...) só com pensar, impossível se torna descobrir o que o futuro nos reserva...”³². Para além de tudo isto, e essencialmente, falar sobre o passado e o futuro “...não é mais do que um modo de falar. (...) só existem o aqui e o agora”³³.

Pelo exposto, e no que aos métodos pedagógicos diz respeito, todo este processo educativo se desenrolaria pela aquisição de experiências e pela transmissão de saberes-fazer realizadas, fundamentalmente, através do processo de imitação – o que conferiria um carácter estático a este tipo de educação, já que os comportamentos se repetiriam e reproduziriam, praticamente sem variações, de geração em geração.

A este respeito, diz-nos Agostinho da Silva que

“Enquanto o espaço é grande e as pessoas poucas, nem há que produzir, há que andar e colher, como fazem ainda alguns índios que sobram em terreno mais vasto e mais autêntico. Na América Latina, ainda andam por ali, vão colhendo e vão comendo o que encontram”³⁴.

2. Civilizações da Antiguidade

2.1. Oriente: China, Índia e Egito

A milenar civilização chinesa focava a educação no passado do país e na preocupação de o conservar, e baseia-se essencialmente nos ensinamentos de três sábios: Lao-Tsé (séc. VI-V a. C.); Confúcio (551-478 d. C.); e Buda (séc. I d. C) – a cujas doutrinas correspondem, respetivamente, o taoísmo, o confucionismo e o budismo.

Na Índia estruturada num sistema de castas³⁵ intransponíveis, acontece que cada casta socializa e educa os respetivos membros, desde os seus primeiros tempos de vida, nos

³² Palavras de Tuiavii, chefe de tribo da aldeia de Tiavéa, ilha de Upolu, Samoa. Sheurmann, Erich, *ibidem*, pp. 65-66.

³³ Palavras de Dom Juan, índio yaqui, relatadas por Carlos Castaneda (1925-1998). Fort, Carmina, *ibidem*, p. 124.

³⁴ Agostinho da Silva, *Diálogos com Agostinho da Silva. O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, 5ª ed., Lisboa, Editorial Notícias, 2003, p. 36.

³⁵ Trata-se de grupos sociais hereditários (a condição social passa sempre de pai para filho) e endógamos (os casamentos fazem-se sempre dentro do mesmo grupo social). Deste modo, estas castas são intransponíveis no sentido em que nenhum indivíduo pode mudar de uma casta para outra casta, mas sempre permanece naquela onde nasceu.

usos e costumes que lhe são próprios. A educação institucional destina-se apenas à população masculina incluída nas três castas superiores da hierarquia³⁶.

Refere-se igualmente o Egito antigo, sociedade marcante da antiguidade oriental do norte de África, localizada ao longo do curso do rio Nilo, já que aí se situou a mítica cidade de Alexandria que, em 332 a. C., se tornou o centro cultural de todo o mundo civilizado e cuja biblioteca³⁷ constituiu um importante ponto de referência.

2.2. Ocidente: Grécia

Considerada o berço cultural da civilização ocidental, nos seus mais de seis séculos de existência deixou-nos marca cultural inegavelmente muito rica.

Na obras de literatura grega, salientam-se nomes que imortalizaram estes mitos, tais como Homero (928-898 a. C.) e Hesíodo (entre 750-650 a. C.)³⁸: o primeiro com os poemas *Íliada* (uma epopeia helénica) e *Odisseia* (narrativa da viagem de Ulisses no seu regresso a Ítaca); o segundo com *Teogonia* (genealogia dos deuses) - tendo também a autoria de *Trabalhos e Dias* (onde exulta o trabalho).

Até cerca do século V a. C., foram estes os textos que orientaram a prática da educação, sobretudo oferecendo como exemplo a seguir, para os jovens, os grandes heróis e respetivos valores e modelo de vida que aprenderam com os seus mestres e que revelam no decurso das suas façanhas³⁹. Neste contexto, a educação assume geralmente um caráter prático, já que ela constitui o instrumento que serve o principal objetivo que

³⁶ Apresentam-se, seguindo uma ordem decrescente de importância social, as cinco grandes divisões existentes que terão nascido de diferentes partes do corpo de Brahma, criador do universo: 1. brâmanes – sacerdotes (cabeça); 2. xátrias – guerreiros e magistrados (braços); 3. vaicias – mercadores (pernas); 4. sudras – artesãos (pés); 5. párias (poeira debaixo dos pés). Derivadas destas, atualmente existem mais de três mil castas na Índia.

Refira-se que, embora as três primeiras castas acedam à educação verificam-se, entre elas, distinções - como é disso exemplo a existência de diferença nas idades dos indivíduos que iniciam os seus estudos, de acordo com a respetiva pertença a determinada casta: os brâmanes aos 8 anos; os xátrias aos 11; e os vaicias aos 12. Refira-se ainda que os brâmanes viviam afastados do dia a dia comum – já que se considerava estarem estes muito próximos do céu.

³⁷ A Biblioteca de Alexandria contaria com cerca de 700 mil rolos de papiro e pergaminhos, os quais conteriam praticamente todo o saber da Antiguidade. Recordamos, a propósito, que o seu lema era adquirir um exemplar de cada manuscrito existente à face da Terra. Acrescenta-se que, muito antes destes tempos, já o Egito contava com um grande número de bibliotecas disseminadas pelo país.

³⁸ Muitos textos de Homero foram considerados relatos de lendas gregas, mas isso mudou depois da descoberta da cidade de Tróia, em 1870, pelo arqueólogo alemão Heinrich Schliemann. Atualmente, esses textos são objeto de outra perspetiva.

³⁹ É o caso do herói Aquiles educado por Quíron e por Fénix, que representa o ideal da mais nobre educação e que corresponde ao ideal educativo cavalheiresco de Homero, constituindo, por isso, uma referência para os gregos. Assim, aprende-se música e caça, e adquirem-se valores como valentia, prudência, lealdade, hospitalidade, cortesia e castidade, tal como Aquiles os adquiriu com os seus mestres.

consiste na formação para a guerra e, por isso, o cultivo do corpo assume uma importância fundamental.

Entretanto, nos anos 900-600 a. C.??, houve duas cidades gregas – Esparta e Atenas - que revelaram, cada uma delas, aspetos educativos muito distintos. Em Esparta, a constituição tinha traços socialistas e bélicos, e todos os cidadãos pertenciam ao Estado pelo qual deveriam ser capazes de se converter em heróis⁴⁰; em consonância, a educação servia estes cânones, e constituía um sistema de escolas públicas com carácter acentuadamente militar⁴¹. Atenas, por outro lado, foi a cidade-Estado que cultivou a democracia⁴² e que se converteu em centro educacional e cultural da Grécia ou “escola de toda a Grécia”⁴³ - sobretudo no século V a. C., com Péricles (495/492 a. C.-429 a. C.) o qual, para além de outras importantes iniciativas⁴⁴, impulsionou a literatura e as artes.

2.2.1 Atenas: sofistas, Sócrates, Platão e Aristóteles

O período de tempo que decorreu entre os anos 450 a. C. e 400 a. C. correspondeu ao *iluminismo* grego que consistiu, fundamentalmente, numa nova postura relativamente à compreensão e explicação dos fenómenos da vida e, em especial, do próprio homem - o qual é agora o foco da atenção de uma nova doutrina – a dos sofistas. Em oposição às anteriores crenças e costumes fundados na tradição e na fé, e adotando perante aquelas uma atitude de dúvida ou ceticismo, os sofistas aceitam apenas formulações e conclusões racionais e tornam-se nos primeiros professores, ainda que itinerantes, ensinando aquilo que era considerado útil para triunfar na vida pública⁴⁵.

Contemporâneo dos sofistas, Sócrates (469-399 a. C.) partilha com estes a vertente antropológica característica daquela época, bem como a discussão dos mesmos problemas; no entanto, distancia-se claramente daqueles pela postura diferente que

⁴⁰ Trata-se da chamada virtude espartana, a qual consiste no amor à pátria em tal grau que pode implicar a morte honrosa do indivíduo: dar a vida pela polis é sinónimo de heroísmo.

⁴¹ Atribui-se a Licurgo (do qual não se conhecem datas de nascimento e morte), a organização do Estado de Esparta e do respetivo sistema educativo, o que terá ocorrido no século IX a. C..

⁴² A partir do ano 507 a. C..

⁴³ São palavras do historiador grego Tucídides (460 a. C. – 400 a. C.), como é referido por Francisco Larroyo, *ibidem*, p. 150.

⁴⁴ Péricles foi também responsável pela construção do Pártenon e de outras estruturas de referência da cidade.

⁴⁵ Toda a explicação se faz recorrendo exclusivamente à razão. Esta nova postura teve o seu apogeu em Atenas, então capital da Grécia.

assume. Assim, e tal como os sofistas, Sócrates ensina na praça pública⁴⁶ - mas não o faz a troco de dinheiro; também, e contrariamente aos mesmos, tem consciência sobre a própria ignorância que a afirmação “Eu só sei que nada sei!”⁴⁷ revela, criando, deste modo, a necessidade de saber mais e de descobrir a verdade que, para este filósofo, é universal – portanto, rejeita o relativismo e o ceticismo que os sofistas aceitam e consideram, pautando-se antes pelos ideais da ciência, pela fé na razão. Não se conhece qualquer obra da sua autoria, mas a doutrina e respetivo processo de educar serviu de mote à construção da obra de Platão - que torna Sócrates figura central numa grande parte dos seus diálogos⁴⁸.

Platão (428/427 a. C.-348/347 a. C.), tendo sido discípulo de Sócrates, comunga com o primeiro determinadas concepções sobre os fenómenos do mundo e da vida. Assim, tanto Platão como Sócrates creem numa verdade universal que coincide com o bem, e cujo conhecimento pré-existe ao nascimento do indivíduo. O meio privilegiado para que este conhecimento possa ocorrer é a educação, entendida enquanto auto-atividade do educando - com o apoio do respetivo mestre através do diálogo, de uma atitude dialógica, que ambos os filósofos elegem como método principal na sua atividade educativa⁴⁹. Inclui-se aqui a prática da educação vocacional, que possibilitaria uma escolha adequada relativamente aos estudos que cada um em particular deveria fazer, com vista à posterior ocupação de uma determinada função na qual fosse mais apto. Deste modo, seria alcançada a meta da educação, que consistia em formar homens plenos e virtuosos através da descoberta ou revelação da verdade, do que decorrem grandes benefícios - tanto para o indivíduo como para o Estado. Para tal, Platão funda a sua Academia⁵⁰.

Aristóteles (384 a. C.–322 a. C.) foi discípulo de Platão e, como tal, partilha algumas das suas ideias. Assim, este filósofo defende que a educação deve ser da responsabilidade do Estado – o qual tem como incumbência a moralização dos

⁴⁶ Ou em outro local público, sempre que se depara com um grupo de indivíduos interessados nos seus conhecimentos..

⁴⁷ Frase sobejamente conhecida atribuída a Sócrates, e que traduz bem a atitude oposta à dos sofistas, os quais não se apercebem da sua ignorância, porque acreditam que sabem tudo.

⁴⁸ Devido a tal situação, torna-se muitas vezes difícil distinguir as teorias de Sócrates das de Platão, seu discípulo e “biógrafo”.

⁴⁹ Nos moldes em que foi já referido relativamente a Sócrates. Este método de diálogo entre mestre e respetivo discípulo proporcionaria ao segundo a possibilidade de recordar/rememorar/lembrar/acordar aquilo que dormia na sua alma - motivo pelo qual se chama rememoração/lembrar (anamnesis, em grego) a este conhecimento. Neste sentido, as observações sobre a natureza das crianças relativamente às suas aptidões particulares incluem-se aqui como uma educação vocacional.

⁵⁰ A designação corresponde ao nome de um herói Akademos, a quem o jardim onde se edificou a escola era dedicado.

cidadãos, sendo que os valores morais mais elevados apenas se podem realizar e desenvolver no Estado, ou seja, a condição de homem moral e político só poderá ocorrer no seio das dinâmicas da vida social e, por isso, a educação deve ser pública e comum. Também, como o seu mestre, defende uma educação integral e progressiva; e, relativamente aos meios por que se ensina, pode-se recorrer tanto à análise (como defendia Sócrates) quanto à síntese – através da dedução, partindo das definições gerais para cada caso particular - enquanto meios pedagógicos igualmente válidos. Tal como o seu mestre, Aristóteles também fundou uma escola: o Liceu⁵¹.

3. Idade Média

É o período histórico que vai do século V ao XV. Inicia-se com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476; termina em 1453 com a Tomada de Constantinopla pelos turcos otomanos. Divide-se em dois períodos: Alta Idade Média - séculos V a XI; e Baixa Idade Média - séculos XII a XV.

A Idade Média tem como marco fundamental a assunção de Cristo como modelo fulcral da vida humana – o que se traduziu na chamada educação cristocêntrica, com a figura de Jesus como centro e exemplo perfeito do mestre cristão ou *Pedagogo da Humanidade*⁵². Portanto, será baseada na sua conduta e nos seus ensinamentos que a educação se fará, de modo gradual e adaptada ao respetivo público. Para que bem o compreendessem, recorria frequentemente a exemplos da vida quotidiana.

Entre os séculos V e VI surgem os mosteiros e escolas monásticas, que acompanharam a criação e a organização do monacato por Bento de Núrsia (480-543), fundador da Ordem dos beneditinos. Esta Ordem tinha como grandes ideais de vida a castidade, a pobreza e a obediência, os quais integravam a respetiva Regra constituída por 73 pontos, e que se pode resumir em “Ora e labora”⁵³.

⁵¹ Cujas designação se deve ao local onde se edificou esta escola, tal como acontecera no caso anterior. Neste, o jardim era dedicado a Apolo Lykeios, e constituía já um local que desde o século V a. C. se tinha afirmado como centro educacional onde se situava um dos três *Gymnasiums* de Atenas, conhecido como Lyceum.

⁵² Como o denominou Clemente de Alexandria (150-215).

⁵³ Ou seja, “reza e trabalha”, o que define a vida quotidiana perfeita dos monges no mosteiro, que deve ser ativa, já que se considera a preguiça como inimiga da alma. Esta perspetiva diferente da do oriente, na medida em que ali os monges deviam assumir uma atitude mais contemplativa.

3.1. Universidades árabes: convergência e disseminação de conhecimento na Europa

Nos séculos VII e VIII, o império árabe recém formado estendia-se desde a Índia até à Espanha⁵⁴. Depositário do conhecimento grego⁵⁵, desenvolveu-o e divulgou-o no ocidente através, principalmente, das suas universidades⁵⁶ - que eram independentes da igreja e que aspiravam à universalidade, constituindo centros de investigação científica e de alta docência. Para além das artes liberais, estudava-se: física, medicina, matemática, filosofia e teologia⁵⁷.

3.2. Império de Carlos Magno: feudos e educação do estado: escolas paroquiais obrigatórias, monásticas e catedralícias, e imperial ou palatina

Com Carlos Magno (742-814) surge a ideia da centralização da educação por parte do estado, bem como da sua obrigatoriedade. Dividiu a educação em três níveis e respetivas escolas: elementar – escolas presbiteriais ou paroquiais para ensinar o catecismo, e também leitura e escrita, e cálculo; secundária – escolas monásticas e catedralícias; e superior – escola imperial ou palatina, onde uma academia de sábios ensina os futuros funcionários.

3.3. Escolástica

A vida da Idade Média mantém-se numa atitude recetiva diante da cultura antiga: submete-se à autoridade dos pensadores clássicos, deseja-se ensinar a Ciência e a Filosofia – contrariamente a investigar e a filosofar por conta própria. Daí que o método característico da Escolástica seja o dedutivo na sua forma silogística, que se mostra muito adequada à exposição e apresentação de verdades já verificadas, porém muito limitado para o descobrimento de novas ideias. Outro aspeto da formação escolástica é a sua preocupação em resolver as contradições existentes entre as autoridades reconhecidas; tudo com o propósito final de fazer ver que não existe conflito entre o saber e a fé, entre

⁵⁴ Porque os os califas, sucessores do Profeta Maomé, empreendem a Guerra Santa a favor do seu deus único Alá, e apoderam-se de todo aquele território.

⁵⁵ Os árabes de Espanha desenvolveram a filosofia, a matemática e as ciências naturais a partir do ponto em que os deixaram os alexandrinos, e ampliaram as bases da medicina.

⁵⁶ As escolas elementares estavam unidas às mesquitas e tinham como ponto central a leitura do Alcorão, mas nas universidades havia maior liberdade: eram independentes da igreja e, para além de outras línguas, também usavam o latim. Aliás, foi por meio de traduções latinas que o conhecimento grego foi transmitido ao ocidente, via cultura árabe.

⁵⁷ A cultura árabe atinge grande relevância entre os séculos X a XII, desde os centros culturais de Bagdad a Córdova e Sevilha.

a Filosofia e a Teologia, entre a razão e a revelação. É este “...um tipo de vida intelectual, um estilo de pensar e de filosofar que se estende por mais de seis séculos...”⁵⁸.

3.4. Universidades

As Universidades surgem do cada vez mais aperfeiçoado e distinto trabalho pedagógico que se fazia nas escolas monásticas e catedralícias as quais, por sua vez, já muito deviam aos ensinamentos que foram buscar à ciência e teologia árabes.

O nome inicial foi *Studium Generale* que, no início, era uma entidade que acolhia todos os estudantes, sem atender a raças ou nacionalidades. No término do séc. XIV o nome *Studium Generale* é substituído pelo de *Universitas*, que resulta da sua organização em torno da corporação entre mestres ou professores e alunos.

Por exemplo, a Universidade de Paris, surgida em 1201, resultou da união voluntária das escolas monásticas de S. Denis e S. Vítor e da Escola Catedralícia de Sta Geneveva. Segundo Larroyo, é provável que a primeira universidade organizada em torno de professores e alunos, sob uma organização específica de conhecimentos⁵⁹, tenha acontecido em Nápoles, pelo ano de 1224.

O método da pedagogia universitária decorria em três fases ligadas entre si: as lições, expostas pelo mestre com base em determinados livros previamente selecionados; as repetições, que consistiam nas explicações e respetivos comentários da matéria que não foi compreendida; e as disputas, que correspondiam ao momento em que os alunos mostravam o que tinham aprendido e a respetiva habilidade de se relacionarem com a matéria lecionada.

Alguns dos mais reconhecidos autores canónicos foram: Prisciano, *doctrinale*: as *Summulae logicales* de Pedro Hispano, *Summulae logicales* e grande parte da obra de Aristóteles.

Em Portugal, a criação do Estudo Geral em Lisboa aconteceu em 1290, por diploma de D. Dinis datado de 1 de Março e confirmada no mesmo ano pela Bula De Statu Regni Portugaliae assinada pelo papa Nicolau IV.

⁵⁸ Intensamente entre os séculos IX a XV, cf. Larroyo, F., *ibidem*, 1970, p. 300.

⁵⁹ Na época, tais conhecimentos correspondiam a: teologia, direito, medicina e filosofia.

4. Reforma e Contra-Reforma

Se na Reforma vigorou o importante ideário pedagógico de Lutero, Erasmo e Calvino, a pedagogia da Contra-Reforma foi gizada pelo primeiro consórcio internacional de Educação: a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola em 1534, tendo sido principalmente devido aos jesuítas que se instituiu este modelo educativo “...a educação das crianças e dos jovens realiza-se num espaço próprio, separado da família e do trabalho, sendo da responsabilidade de um ou de vários mestres que ensinam um elenco de matérias previamente definidas através de determinados procedimentos didáticos...”⁶⁰.

5. Oratorianos e Coménio

Foi efetivamente com os oratorianos - ordem fundada em 1565 por S. Filipe de Nery (1515-1595), e com o pensamento pedagógico de Coménio (1593-1670), expresso na sua *Didáctica Magna* - que a pedagogia se tornou mais realista, onde a aprendizagem se começa a fazer a partir da experiência própria do indivíduo, em detrimento do recurso à memorização como único meio para a realizar.

6. Jean-Jacques Rousseau

Aqueles foram os antecessores do iluminismo pedagógico de que Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) viria a ser o grande teórico, e cujo lema “voltemos à natureza” se transforma na base do seu discurso, mesmo que contrarie o ideário do iluminismo e respetiva lei da razão - a qual deverá ser substituída pela fé na natureza, esta entendida como única via capaz de recuperar a humanidade que se encontra corrompida por se ter afastado do seu estado natural, ao qual corresponde o verdadeiro ser humano que é originariamente bom. Então, regressar à natureza significa, também, regressar a esse estado natural de se ser verdadeiramente humano porque bom, não contaminado pela sociedade.

⁶⁰ Nóvoa, António, em Nóvoa, António; Bandeira, Filomena (coord), *Evidentemente: histórias da educação*, Porto, Asa, 2005, p. 23.

7. Pestalozzi

No movimento da nova pedagogia que se ia desenhando surge Pestalozzi (1746-1827), que concebeu a educação sempre regida por princípios éticos e numa perspectiva social: uma educação para todos e gratuita.

Situando-se na linha de Rousseau, Pestalozzi comunga dos ideais do primeiro, pelo que são também esses os que estruturam a sua pedagogia: natureza, liberdade, bondade e personalidade individual são as dimensões que a educação deve respeitar e acompanhar. Para além destas, Pestalozzi enfatizou a intuição, a proximidade afetiva entre professor e discípulos, bem como a existência de pontos de maturação⁶¹ no desenvolvimento de cada criança - enquanto condições imprescindíveis para ocorrer uma efetiva aprendizagem.

8. Herbart

É a Herbart (1776-1841) que se deve o primeiro sistema da teoria educativa, vincando o seu pensamento na distinção entre a pedagogia enquanto ciência e a prática da mesma. Constrói uma teoria educativa baseada na ética e em princípios morais bem definidos. Um indivíduo bem educado deve ser capaz de se orientar livremente, desejar o bem e promover a equidade. Instrução e educação devem colaborar entre si para que se possa formar uma sociedade bem organizada, onde todos tenham possibilidade de aceder aos mesmos bens. A educação e a instrução devem radicar nos interesses de cada um e estar ao serviço da comunidade em que se insere. A educação é vista como uma faculdade de modificar o indivíduo de modo a inseri-lo no lugar em que melhor estiver na sociedade. Para isso deve-se considerar e atender aos diversos períodos de formação dos indivíduos, desde a mais tenra idade, promovendo as condições para que cada um seja capaz de se ir libertando dos ditames em que é educado para, com as próprias capacidades, ir colaborando harmonicamente na construção da sociedade em que se insere.

Pela escola prepara-se para a vida, de forma a que a vida se possa, também, entender como escola.

⁶¹ Para cada aprendizagem, cada criança tem um determinado ponto de maturação que a condiciona, ou seja, que determina o momento em que esta se pode realizar.

9. Froebel

Não podemos também deixar de lembrar Froebel (1782-1852), que criou os jardins de infância com base nas ideias pedagógicas de Pestalozzi. Considera que a criança é ativa na assimilação e expressão da vida, caracterizando-se a sua pedagogia, por isso, pelo respeito da atividade espontânea da criança.

Assim, acreditando que existe uma tendência criadora na humanidade que deve ser estimulada⁶² desde as primeiras idades, e também porque as crianças se interessam especialmente pelo brincar, pela observação e pela atividade construtiva, Froebel propõe uma educação essencialmente lúdica onde o jogo assume um papel crucial – enquanto instrumento de expressão, de conhecimento do meio, de alegria e de criação. Paralelamente, privilegia também como meios educativos a ginástica, a expressão musical e coral, a conversação, o desenho, a modelagem e os dons.

10. Positivismo e Evolucionismo

O positivismo foi uma corrente filosófica que surgiu em França, na primeira metade do século XIX (entre 1830 a 1840) e que teve em Auguste Comte (1798-1857) o seu fundador. Caracteriza-se principalmente pela fé na razão, ou na assunção do conhecimento científico como sendo o único credível porque verdadeiro⁶³ o qual, associado à tecnologia, pensava que viria a constituir a solução para os males da humanidade e do mundo – tal como transparece do respetivo lema “saber para prever, prever para agir”⁶⁴.

62 Deve ser estimulada no sentido de cada ser humano vir a realizar a sua vocação, entendendo-se essa vocação como a ação de cada pessoa que, em condições de liberdade, manifesta a divindade que terá em si.

63 Só se pode afirmar que uma teoria é correta se foi comprovada através de métodos científicos válidos. não consideram os conhecimentos ligados a crenças, superstição ou qualquer outro que não possa ser comprovado cientificamente. e de cujo progresso (ciência) depende também, e exclusivamente, o progresso da humanidade, afastando radicalmente a teologia e a metafísica.

64 Comte afirmava que a humanidade, no decurso da sua existência e relativamente àquilo a que atribuía a explicação dos fenómenos do mundo, percorrerá sequencialmente três estados: o teológico, através do sobrenatural; o metafísico, através de entidades abstratas como causas e fins; e finalmente o positivo ou real, através das leis descobertas pela inteligência, e sempre com base na observação da realidade. Neste último se situaria a humanidade naquela época, sendo o mais perfeito porque é o racional.

Na linha da filosofia de Comte e fundamentado no evolucionismo de Darwin, Spencer (1820-1903)⁶⁵ foi um pedagogo realista que considerou exclusivamente a ciência como matéria de ensino, e onde se deve incluir também a educação física. Preconiza um ensino orientado pelos postulados evolucionistas: do simples e homogêneo para o composto e heterogêneo; do indefinido para o definido, e do concreto para o abstrato.

11. O Movimento da Escola Nova

11.1 A escola pública

Em consonância com as respectivas mudanças de natureza social, económica e política que foram ocorrendo no decurso dos séculos de existência da escola, o respetivo modelo foi também alvo de importantes alterações, como é disso exemplo a sua passagem para lá das fronteiras do domínio religioso para se integrar noutras de domínio mais leigo. A este propósito, salientamos dois períodos significativos: a revolução francesa e a revolução industrial. Assim, na França dos fins do século XVIII, em plena revolução sustentada pelo ideário iluminista, reivindica-se uma nova sociedade fundada nos princípios de “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”⁶⁶. Dentro deste espírito, pensadores como Voltaire ou Diderot, entre outros, voltam a sua atenção para o domínio da educação estatal como meio privilegiado para assegurar a concretização desta nova sociedade, já que se acredita que a intervenção da escola será imprescindível enquanto instrumento capaz de transformar aqueles súditos considerados ignorantes em novos cidadãos esclarecidos.

Foi com base nos princípios sociais, económicos e políticos que sustentaram a revolução francesa que, no decurso do século XIX e por toda a Europa, se foram disseminando e estabelecendo os sistemas nacionais de ensino, os quais, e principalmente nas últimas décadas do século XX, irão evoluir no sentido da implantação de redes públicas em praticamente todos os continentes do mundo, ainda que com maior incidência na Europa e na América do Norte.

⁶⁵ O positivismo desenvolveu-se em Inglaterra, entre 1860 e 1890, como evolucionismo, com Charles Darwin e Herbert Spencer.

⁶⁶ Que acabou por se traduzir num novo contexto social e político de ascensão da burguesia e respetivo poder, em paralelo com uma muito significativa fragilização da aristocracia e das instituições religiosas, e cujo lema era este.

11.2. A Criança: centro e fundamento da Escola Nova

11.2.1. A emergência da Criança

Paralelamente, o contexto era de grande efervescência e profusão de descobertas científicas, nomeadamente nos domínios da psicologia, da sociologia e da biologia⁶⁷. Nestes tempos, as ideias novas relacionavam-se com “...trocas com o meio, exigências de adaptação, papel da ação, carácter global das situações, recapitulação pelo indivíduo das etapas transpostas pela espécie, exigência de liberdade e repúdio dos constrangimentos...”⁶⁸.

No que diz respeito especificamente à criança, as respetivas descobertas vieram deitar por terra a designada teoria do homúnculo⁶⁹ - segundo a qual a criança era entendida como um estado de adulto incompleto, ainda em miniatura. E, a partir dali, a criança adquire um novo estatuto de um ser próprio e singular com características e necessidades particulares consoante as várias idades que atravessa, e certamente diferentes das de um adulto relativamente, por exemplo, a aspetos de naturezas cognitiva, social e afetiva⁷⁰.

A este propósito, diz-nos Ferrière (1879-1960) que “A Psicologia permitiu-nos conhecer a infância...”⁷¹, acrescentando que “...antes das conclusões a que chegou a psicologia experimental, apenas se podia pressentir a infância; hoje conhece-se; amanhã conhecer-se-á melhor ainda...”⁷². Salienta-se aqui, entre outros, Jean Piaget (1896-1980) – que demonstrou ser a criança um sujeito ativo na construção do próprio conhecimento, o qual se realiza sempre em interação com o meio em que está inserida, e paulatinamente - de acordo com as determinadas etapas do seu desenvolvimento. Claparède (1873-1940) igualmente assim as considera “...a criança desenvolve-se naturalmente, passando por um determinado número de etapas que se sucedem numa ordem constante.

67 No período que decorreu de 1870 a 1920, a esse grande desenvolvimento científico correspondeu também um grande desenvolvimento das ideias pedagógicas: trata-se do movimento da Escola Nova, que colocou a criança no centro da respetiva ação educativa.

68 Not, Louis, *ibidem*, p. 94.

69 Do latim *homunculus*, que significa “pequeno homem” ou o ainda não homem, o qual se terá que transformar naquele outro verdadeiro, porque acabado, ser humano. Para tal serve a educação, que privilegia a dimensão intelectual e visa o futuro. Contrariamente, na perspetiva da pedagogia nova, a criança não é mais um homunculus ou um humano reduzido, mas um ser integral, distinto do adulto, que tem as suas próprias maneiras de pensar e de agir.

70 A psicologia, emergente nos finais do século XIX, revelou as especificidades da infância em relação à idade adulta, dando origem ao desenvolvimento de uma pedagogia centrada essencialmente no aluno. Nomes como Ferrière, Claparède, Piaget e Dewey, entre outros, contribuíram largamente para o desenvolvimento destas ideias e ações.

71 Ferrière, Adolphe, *A escola activa*, tradução de Domingos Evangelista, Porto, Editora Educação Nacional, 1934, p. 5. Adolphe Ferrière foi diretor do Bureau International des Écoles Nouvelles, com sede em Genève, Bélgica.

72 Ferrière, A., *ibidem*, p. 5.

Cada etapa corresponde ao desenvolvimento de uma certa função ou aptidão...”⁷³, etapas ou fases que se sucedem e justapõem numa determinada sequência desenvolvimental.

E é neste contexto - que inclui o conhecimento científico - que se legitima e se cria o conceito de infância, e depois se dissemina pelo mundo, sobretudo pela Europa e pelos Estados Unidos.

11.2.2. A necessidade de uma nova escola

A emergência do novo conceito traduz-se necessariamente numa nova visão sobre o que é o aluno enquanto criança a qual, por sua vez, se estende a uma nova compreensão e consequente dinâmica relacionada com o processo de ensino-aprendizagem, pelo que se criam e desenvolvem práticas pedagógicas inovadoras e, paralelamente, se faz um corte radical com o passado. Assim, procedimentos anteriormente instituídos e que agora se sabe serem gravemente atentatórios contra o são desenvolvimento psicológico e físico da criança passam a ser aspetos a banir de uma nova educação. Disso são exemplos pontos cujo “...conteúdo para o adulto (...) o mesmo que era dado à criança, simplificado e tornado mais claro (...) porque a ovelha tosquiada deve ser protegida de um vento muito forte.”⁷⁴, bem como - e sobretudo – aquilo que a criança tem de fundamental e que “...a escola tradicional interrompe desde o começo e incessantemente a actividade criadora da criança...”⁷⁵, e que é imprescindível preservar. Tal como é imprescindível, para isso, criar o organizar uma escola capaz de se adaptar a cada aluno nas suas diferentes fases - e não o contrário, como preconizava o modelo anterior. Fundamentada em tais conhecimentos surge, então, a corrente pedagógica que se proclama como Escola Nova⁷⁶, no sentido em que se opõe, condena e pretende substituir a anterior a que chama Tradicional.

73 Claparède, Édouard., *Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale I*, Neuchatel, Delachaux et Niestlé, 1972, p. 233.

74 Dewey, John, *A Escola e a Sociedade*, tradução de Paulo Faria, Maria João Alvarez, Isabel Sá, Lisboa, Relógio d'Água, 2002, p. 89.

75 Ferrière, Adolphe, *ibidem*, p. 94.

76 O movimento da Educação ou Escola Nova surge nos fins do século XIX e primeiro quartel do século XX, intimamente relacionada com o conceito de criança que as novas ciências possibilitaram, e em oposição ao modelo de ensino tradicional e ao que este pressupunha.

11.3. A Escola Nova em oposição à Escola Tradicional

11.3.1. A distinção fundamental

Com base numa sistematização de Not⁷⁷, diremos que à escola tradicional corresponderá uma heteroestruturação, já que o aluno deverá assumir um papel passivo, no sentido em que este será formado ou transformado a partir do exterior através de um agente ativo que é o professor, sendo então este a figura central do processo educativo, ou magistercentrismo. Trata-se, nesta perspetiva, do primado do objeto.

Contrariamente, à escola nova corresponderá uma autoestruturação, já que aqui o papel ativo cabe ao aluno, na medida em que este deve ser formado ou transformado essencialmente através da sua própria ação⁷⁸; o professor, agora tido como figura passiva, apenas deverá apoiar a iniciativa do aluno - convertendo-se este último na figura central no processo educativo, ou puerocentrismo. Trata-se, nesta perspetiva, do primado do sujeito, entendendo-se que cada aluno construirá uma autoaprendizagem.

Desta distinção fundamental entre as duas correntes pedagógicas consideradas decorre também as práticas de cada uma delas.

11.3.2 Os alunos, figuras centrais do processo educativo

Porque se pressupõe que o aprender implica necessariamente o fazer, valoriza-se a ação dos alunos nas próprias aprendizagens que se desenrolam num contínuo estabelecimento de trocas com o meio, através da descoberta e com base nas suas experiências e realidades concretas. Considera-se a socialização fundamental na construção de cada indivíduo pelo que as atividades são realizadas, sempre que possível, em grupo. Sublinha-se que, mais do que chegar ao resultado de um problema, importa percorrer o respetivo processo para lá chegar, confrontando-se frequentemente o aluno, para isso, com situações novas. Nesta nova perspetiva, as características que um bom aluno deve ter relacionar-se-ão com determinadas atitudes e competências tais como: criatividade, iniciativa, liberdade individual, ação, descoberta.

No novo contexto educativo, e no que ao professor diz respeito, este deverá esperar que cada aluno lhe indique “...o caminho a seguir e os métodos a utilizar...”⁷⁹, o que essencialmente consiste em partir das “...aptidões naturais da criança, em vez de a

⁷⁷ Not, Louis, *ibidem*, p. 20. Como já referimos, as características da Escola Tradicional correspondem à representação que cremos que os pedagogos da Escola Nova dela teriam.

⁷⁸ Se, há um século atrás, já Rousseau defendera que a educação deveria ser fundada na própria ação do educando, é agora neste contexto favorável que essa convicção se poderá realizar.

⁷⁹ Cousinet, Roger, *A Educação Nova*, 3ª ed., tradução de Maria Emília Moura, Lisboa, Moraes, 1978, p. 31.

censurar sempre que ela não as manifeste (...) porque ainda não as possui.”⁸⁰; finalmente, considera-se de importância decisiva que a prática educativa “...não deverá contrariar essa evolução natural.”⁸¹. Assim, o papel que lhe cabe será o de orientar o aluno, proporcionando-lhe as condições que favoreçam a autoaprendizagem. Embora este tenha abandonado o protagonismo em todo o processo de ensino-aprendizagem, revela-se no entanto aí um “...personagem incontornável...”⁸², já que lhe cabe o papel de mediador e facilitador na conquista que os alunos devem fazer dos próprios saberes, sendo que uma efetiva aprendizagem ocorrerá “...sob a presença de estímulos...”⁸³. Para tal, compete-lhe programar, orientar, organizar, proporcionar recursos e animar as atividades realizadas pelos alunos.

11.3.3. Uma escola nova

Para além do reconhecimento do aluno como sujeito autónomo e centro do processo pedagógico através da própria ação, outros conceitos e atitudes se relacionam de perto com a nova corrente pedagógica: a interação da escola com o meio, e vice-versa; a liberdade na escola, a qual deve ser autónoma e democrática; a individualidade; a coletividade, com a valorização da cooperação e do trabalho em grupo como base do processo de formação dos alunos enquanto indivíduos. Trata-se, portanto, de uma escola aberta, descentralizada e crítica.

Para a localização de tais escolas, acreditava-se que o ambiente mais adequado seria aquele que proporcionasse um contacto o mais próximo possível com a natureza como, por exemplo, o do meio rural. E, em 1912, Ferrière apresentara já a respetiva definição: “A Escola Nova é um internato estabelecido a nível familiar no campo, e onde a experiência da criança serve de base à educação intelectual pelo emprego adequado dos trabalhos manuais e à educação moral pela prática de um sistema de relativa autonomia dos alunos”⁸⁴. Afinal, e segundo o mesmo pedagogo, “É preciso compreender que a educação dita nova é a mais antiga do mundo. É feita de bom senso, de sentido prático e de ciência”⁸⁵.

80 Claparède, E. *ibidem*, p. 233.

81 Claparède, E. *ibidem*, p. 231.

82 Dewey, John. *ibidem*, p. 86.

83 Dewey, J. *ibidem*, p. 86.

84 Ferrière, Adolphe citado em Planchard, Émile, *Introdução à Pedagogia*, Coimbra, Coimbra Editora, 1979, pp. 193-199.

85 Ferrière, Adolphe, citado em Candeias, António; Nóvoa, António; Figueira, Manuel Henrique, *Sobre a Educação Nova. Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*, Lisboa, Educa, 1995, p. 25. O texto original de Ferrière, *Maisons d'enfants de l'après-guerre*, é de 1944.

A fim de se poder considerar as instituições educativas que se deveriam incluir na categoria de escola nova, definiu Ferrière um conjunto de trinta pontos ou características⁸⁶, publicados em 1915 pela primeira vez por Faria de Vasconcelos (1880-1939)⁸⁷, e que circularam nos meios pedagógicos por onde o movimento se havia disseminado, mais particularmente em vários países da Europa e Estados Unidos⁸⁸.

11.4. A Escola Nova em Portugal

Portugal foi um dos países em que houve eco daquelas novas pedagogias e ideário associado⁸⁹, o que se verificou por parte de alguns pedagogos que adotaram a prática das mesmas nas respetivas instituições educativas. Várias Escolas Normais apresentaram-se como modelo do movimento da escola nova em diferentes regiões do país: no Porto, a Escola Comercial Raul Dória e o Instituto Moderno; em Coimbra, o Colégio Moderno, o Instituto dos Pupilos do Exército e a Escola Agrícola; e, em Lisboa, a Casa Pia⁹⁰ e a Escola Oficina n.º 1⁹¹, constituindo esta última uma importante referência do movimento.

Assim, a Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, a partir de 1907, com Adolfo Lima (1874-1943) e outros professores⁹² que se identificavam com a escola nova, foi um reconhecido palco de iniciativas nesse âmbito, tanto a nível das respetivas práticas pedagógicas como também de divulgação do seu ideário, através de uma intensa atividade de

86 Os trinta traços categorizavam-se em: organização geral; vida fisiológica; educação intelectual; organização do trabalho; educação social; e educação estética e moral. Foi estabelecido que uma escola poderia ser considerada escola nova desde que as suas práticas pedagógicas correspondessem a um mínimo de quinze daquelas trinta consideradas.

87 Faria de Vasconcelos, português, vivia na Bélgica e era professor na Universidade Nova de Bruxelas, onde passou a reger a cadeira de Psicologia e Pedagogia do seu Instituto de Altos Estudos. Convicto pedagogo da escola nova, desde 1910 trabalhou com Edouard Claparède, Adolphe Ferrière e Pièrre Bovet no Bureau International des Écoles Nouvelles. Em 1911 fundou, perto de Bruxelas, uma Escola Nova e, em 1915, publica esta experiência em *Une école nouvelle en Belgique*.

88 A Escola Nova assume expressão material num conjunto de iniciativas ocorridas na Europa e nos Estados Unidos, das quais destacamos as seguintes: em 1919, em França, funda-se a organização "Les Compagnons de L'Université Nouvelle" e "Le Groupe d'Éducation Nouvelle" e, nos Estados Unidos, a "Progressive Education Association"; em 1921 surge a Liga Internacional para a Educação Nova à qual grupos nacionais de vários países se associam e que organiza congressos sobre o tema; e em 1925, na Suíça, é inaugurado o "Bureau International d'Éducation", junto ao Instituto Universitário das Ciências de Educação.

89 Viana de Lemos, em 1927, apresenta o desenvolvimento da Escola Nova em Portugal no Congresso de Locarno da Liga Internacional Pró Educação Nova.

90 Sobretudo durante a direção de Aurélio da Costa Ferreira.

91 Escola Oficina n.º 1 de Lisboa, propriedade da então Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, havia sido criada em 1905 com o objetivo de formar operários e filhos de operários através de cursos de marcenaria.

92 Para além dos professores desta escola, referimos outros como: Álvaro Viana de Lemos, António Sérgio, José Augusto Coelho, Manuel Ferreira-Deusdado...

publicação de artigos⁹³ na revista *Educação Social*⁹⁴, deste modo difundindo e impulsionando o movimento da Escola Nova em Portugal.

Durante os anos trinta, e coincidindo com o estado novo, tal movimento vai declinando⁹⁵; mas sobreviveram e difundiram-se pelo sistema de ensino português, pelo menos, várias das suas técnicas e metodologias.

Para além de todos aqueles, também outros pedagogos portugueses se distanciaram dos ditames da pedagogia tradicional, como por exemplo Leonardo Coimbra (1883-1936), cuja identificação ao movimento da escola nova este excerto deixa muito nitidamente transparecer:

“A alma arrastada para a rigidez e secura das abstracções científicas precisa tomar contacto com a vida real (...) Se dá alegria e felicidade intelectual saber classificar uma planta, quanto mais não vale poder sentir-lhe a beleza, o inebriamento de perfume...”⁹⁶.

Enquanto fundador e diretor da Primeira Faculdade de Letras do Porto, Leonardo Coimbra fez desta instituição de ensino superior um exemplo de aplicação de pedagogias renovadas:

“Era uma escola de liberdade. (...) em plena aula, o aluno soltava-se com uma teoria qualquer e o professor discutia aquilo como perfeitamente legítimo. Não havia pressão sobre ninguém (...) criou-se uma escola que era um jardim de liberdade”⁹⁷.

Estas são palavras de um ex-aluno daquele pedagogo e desta Faculdade, as quais, por sua vez, revelam também a identificação do seu autor aos mesmos princípios da escola

93 Professores da Escola Oficina nº1 de Lisboa com artigos publicados na Revista *Educação Social*, e respetivo número de artigos: Adolfo Lima (20); César Porto (6); António Lima (5); Deolinda Lopes Vieira Quartim (2); e José Isidoro Neto, José Carlos de Sousa, Aurora de Macedo, Emílio Costa (cada um destes com um artigo publicado).

94 Com a direção de Adolfo Lima e filiada na Liga Internacional Pró-Educação Nova, a revista *Educação Social* foi editada em Lisboa pela Empresa Literária Fluminense e circulou de 10 de janeiro de 1924 a 15 de dezembro de 1925, inicialmente a publicação era quinzenal, mas depois de 25 de junho de 1924 passou a ser mensal. Neste período de tempo publicou 24 números com cerca de 12 páginas cada número.

95 O Estado Novo perseguiu todos aqueles que se tinham revelado adeptos do movimento: afastou Adolfo Lima, António Sérgio exilou-se, exerceu também pressões várias sobre Faria de Vasconcelos, prendeu Viana de Lemos.

96 Coimbra, Leonardo, “Sobre educação”, em *Obras Completas I - 1903-1912*, tomo I, Lisboa, IN-CM/UCPortuguesa-Centro Regional do Porto, 2004, p. 195.

97 Agostinho da Silva, *Diálogos com Agostinho da Silva. O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa]*, 5ª ed., p. 17. Esta Faculdade, enquanto verdadeira escola de liberdade, terá influenciado o percurso e o pensamento filosófico-educativo de Agostinho da Silva.

nova: trata-se de Agostinho da Silva (1906-1994)⁹⁸, que manifestou sempre como objetivo de vida desenvolver o mais possível a pessoa naquilo que acreditava serem as suas maiores qualidades - a liberdade e a criatividade.

Neste âmbito, publicou trabalhos pedagógicos vários⁹⁹, tendo ainda desenvolvido continuamente outras ações dentro do espírito de liberdade educativa da Escola Nova, e das quais salientamos: fundação do Núcleo Pedagógico de Antero de Quental; introdução do sistema cooperativo no Colégio Infante Sagres; e criação da Escola Nova de S. Domingos de Benfica.

⁹⁸ Pedagogo, pensador e filósofo português. Licenciou-se em 1928 em Filologia Clássica na Primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1928), onde também fez o seu doutoramento (1929/30). Esta Faculdade, naquela época e enquanto contexto de liberdade, terá influenciado o seu percurso e o seu pensamento filosófico-educativo. E é o pensamento e obra deste sobre que nos debruçamos no presente trabalho.

⁹⁹ Entre outros, publicou: *Pestalozzi* (1938); *O Método Montessori* (1939); *As Escolas Winnetka* (1940); *Sanderson e a Escola de Oundle* (1941); *O Plano Dalton* (1942), os quais apresentaremos mais à frente.

CAPÍTULO II

Educação pela Vida e à Lei da Natureza

“...pequenas populações, na África, na Oceânia, na América e na Ásia, que viviam uma existência totalmente diversa da que é habitual (...). Os mais primitivos destes povos (...) viviam dos frutos que colhiam nas florestas, às vezes de caça e pesca, eram extremamente alegres (...), incapazes de castigar as crianças, e sem nenhuma espécie de propriedade, sem organização social e sem nenhum vestígio de religião organizada.”

Agostinho da Silva “A Comédia Latina”, em *Estudos sobre Cultura Clássica*,
Lisboa, Âncora, 2002, p. 302.

“...a natureza humana, mais do que boa, é excelente; que a sociedade, e nela a educação, ajudando o homem a sobreviver, o tem limitado, e muito, no melhor, que é o seu ser livre.”

Agostinho da Silva, *Citações e Pensamentos de Agostinho da Silva*
(organização de Paulo Neves da Silva), Alfragide, Casa das Letras, 2009, p. 63.

1. Sociedades primitivas: educação pela vida

1.1. Apresentação

Quando portugueses e tupis se encontraram no Brasil pela primeira vez, logo aqueles terão visto os índios como “...mansos, cordiais e inocentes...”¹.

Desde essa altura, e tal como estes, também outros povos do mundo habitualmente tidos como primitivos “...quando o são apenas se referidos à nossa civilização técnica...”² apresentam características semelhantes entre si, as quais se distanciam das dos povos ocidentais ditos desenvolvidos no que diz respeito, particularmente, à “...qualidade humana (...) na sua fidelidade, na sua gentileza, na sua ternura, na sua intuição, na sua saúde mental...”³ e, fundamentalmente, no “...valor de guardar intactas reservas de verdadeira humanidade...”⁴, estado ou condição imprescindível à manutenção da “...unidade entre nós e o mundo”⁵.

1.2. Índios brasileiros: tempo livre, alegria e contemplação

Nesta perspetiva, Agostinho da Silva apresenta-nos a vida do indígena brasileiro como um dos maiores exemplos que podemos ter de

“...amor universal: amor a animais que se não escravizam, mas que são inteiramente companheiros, deles se não esperando serviço algum e não os desabitua da sua vida própria pela esmola que se lhes dê de comida e abrigo; pássaro lá vai, lá voa, lá volta livre; amor à natureza das plantas, dos montes ou dos rios ou das estrelas, vivificados em mitos; amor ao ser humano, à mulher que se não oprime, à criança que se não maltrata”⁶.

1 Agostinho da Silva, “Sobre Índios e Suecos”, em *Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira II*, Lisboa, Âncora, 2001, p. 99.

2 *Ibidem*, p. 106.

3 Idem, “De Xingu e seus Índios”, em *ibidem*, p. 157.

4 Idem, “Sobre Índios e Suecos”, pp. 106-107.

5 *Ibidem*, p. 106. Mesmo que a vertente pedagógica não se destaque, não podemos deixar, também, de referir, o seu interesse pelo pensamento de outras latitudes, nomeadamente no que diz respeito à reflexão do vínculo unitário, ou à sua falta, entre o Homem e o Mundo. A título de exemplo veja-se, entre outros títulos, “O sábio Confúcio”, em *À Volta do Mundo – Textos para a Juventude*, Lisboa, Ed. Autor, 1943; “O Islamismo”, em *Iniciação – Cadernos de Informação Cultural*, 6ª série, 1942, Lisboa, Ed. Autor; “Uma página de Agostinho: Ideia de Tao de King ou Guia para o viandante ajuizado, sendo a substância de Lao Tse e o tempero de Agostinho”, em *Folhas à Solta – Boletim Bimestral da Associação Agostinho da Silva*, nº 6, Fevereiro de 2000, p. [2]. A estes títulos, temos ainda que acrescentar as referências elogiosas que repete em inúmeros contextos, nomeadamente, entrevistas, cartas e folhetos, aos princípios de ação desses povos em prol da unidade e da paz, que a tradição ocidental se habituou, durante séculos, a ignorar e a excluir.

6 *Ibidem*, p. 104.

Integrado numa economia apenas de subsistência, o índio ocupa-se com algumas tarefas como a caça, a pesca e o “...trato da sua roça que lhe dá a farinha de mandioca...”⁷, tarefas estas que procura reduzir ao mínimo, nelas “...poucas horas gasta por semana...”⁸. E, assim procedendo, praticamente todo “... o tempo lhes é livre.”⁹.

É esse tempo livre que os índios dedicam àquilo que lhes dá gosto na vida: o convívio sem tempo contado com os outros membros da tribo, a alegria das festas e dos jogos, e sempre a contemplação ou “...aquele embevecimento do mundo...”¹⁰.

1.3. Africanos: a natureza e o silêncio

De igual modo, também o africano “...casou-se com a eternidade...”¹¹, compreendendo e integrando “...a uma universalidade das coisas...”¹², pelo que “...tem uma soma de conhecimentos...”¹³ que se revelam no modo como vive no mundo.

O seu entendimento das diferentes idades do indivíduo traduz-se em “...ascensão numa escala que vá desde o simples ser humano (...) ao estádio do verdadeiro deus...”¹⁴, com a criança representando “...a garantia da continuação no tempo...”¹⁵, e “...o velho uma mensagem de eternidade...”¹⁶, sendo assim “...simultâneos a eternidade e o tempo...”¹⁷, e realizando-se ambos “...no concreto da vida...”¹⁸. Desta forma, “...no mais alto grau, a sentiríamos (a uma universalidade das coisas), não nelas, mas dentro de nós”¹⁹.

Contrariamente ao europeu que releva o exercício do domínio sobre os outros e sobre o mundo, “...o africano coloca nesse mesmo lugar o domínio de si próprio.”²⁰. Assim sendo, o que realmente importa “...é a pessoa em si mesma, o que ela é, o seu modo íntimo e pessoal de pensar, tratar, agir.”²¹. Vive o mais possível em concordância com a

7 *Ibidem*.

8 *Ibidem*.

9 *Ibidem*.

10 *Ibidem*.

11 Agostinho da Silva, “Tema: Educação Africana, 3” em *Vida Mundial*, 29 de setembro de 1972, p. 26

12 *Ibidem*.

13 *Ibidem*.

14 Idem, “Tema: Educação Africana, 2” em *Vida Mundial*, 22 de setembro de 1972, p. 26

15 *Ibidem*.

16 *Ibidem*.

17 *Ibidem*, p. 27.

18 *Ibidem*.

19 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 26

20 *Ibidem*.

21 *Ibidem*.

vida e o mundo, não o pretendendo mudar, mas antes o segue e acompanha “...muda com o mundo, quando o mundo muda...”²².

Nesta postura na vida e no mundo, a fala não ocupa posição privilegiada na relação com os outros, antes se procura comunicar no silêncio: “Homem educado, segundo o africano, seria o que fosse capaz de ser tudo, de a tudo sentir, e, se for necessário, de a tudo exprimir, isto só no caso de não serem os outros bastante educados ainda para no silêncio o ouvirem.”²³.

Neste sentido, e no âmbito educativo, Agostinho da Silva afirma que “Este ponto do silêncio...”²⁴ sempre se lhe revelou “...muito importante (...) a criança vê o que se faz e imita; se não deu certo, olha de novo, tenta de novo, até que não erre”²⁵ e durante todo o processo não é hábito fazer qualquer pergunta: “Na África só por exceção se pergunta...”²⁶.

No entanto, quando apetece falar ou se vê necessidade disso, fala-se, naquele mesmo espírito de concordância com a natureza “...quem fala, fala como toda a natureza se exprimindo, numa força total de céu e terra...”²⁷, procurando que quem o ouve sinta e se integre também nessa natureza, pelo que “...todos se fundem na mesma imensa corrente natural”²⁸. Portanto, para o africano, “...falar bem é exprimir bem o que é e ser completo no que é...”²⁹.

Tal completude pode observar-se como marca constante no percurso de vida dos indivíduos, no sentido em que cada um vive “...uma vida total em que não há separações (...) mas um conjunto em que tudo se interpenetra e se sustenta; nada é solto, tudo se liga a tudo; nada é linear, tudo é global”³⁰. Desde que nasce até que morre, o africano estabelece continuamente “...relações intrínsecas entre ele e as coisas...”³¹

22 *Ibidem*, p. 27

23 *Ibidem*, p. 26

24 *Ibidem*.

25 *Ibidem*.

26 *Ibidem*.

27 *Ibidem*.

28 *Ibidem*. O objetivo não é convencer o outro, como habitualmente acontece nas sociedades ditas civilizadas – mas é essa fusão conjunta na natureza.

29 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 26.

30 Idem, “Tema: Educação Africana, 1” em *Vida Mundial*, 15 de setembro de 1972, p. 26

31 Relações intrínsecas estas que correspondem àquelas referidas, e que se traduzem na associação íntima com as forças da natureza, cf. “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 26.

consistindo isso, afinal numa educação pela vida e na vida, que se pode resumir naturalmente em “...ser e expandir-se”³².

1.3.1. Crescimento em liberdade

1.3.1.1. Com a mãe, pela lei da natureza

Desde que nasce e durante todo o período de aleitamento, que costuma decorrer por cerca de três anos, a criança tem inteiramente para si a disponibilidade da mãe, e tudo aquilo que “...dá mostras de querer a mãe o cumpre imediatamente...”³³. Deste modo, “Mãe e criança formam um todo único...”³⁴, tal como acontecia “...antes de nascer (...) a mãe é, por assim dizer, um ventre que ganhou pernas, braços, olhos e sorriso”³⁵, dirigindo sempre à criança “...um sorriso de acolhimento ou ternura de olhar...”³⁶, mas “Boca pouco...”³⁷, porque “...quase lhe não fala...”³⁸. E, pelo costume de amarrar a criança à mãe, a primeira “...anda desde logo com o rosto mais ou menos à altura do rosto do adulto...”³⁹, facto a que Agostinho da Silva atribui “...uma grande importância...”⁴⁰ no sentido em que “...começou por andar tudo no mesmo nível”⁴¹.

A mãe não se comporta com a criança no sentido de a pressionar para crescer, pelo que ela crescerá livremente, de acordo com a “...lei da natureza, por si própria, conforme um impulso interior...”⁴².

1.3.1.2. Em familiares, com companheiros, e na tribo

Findo aquele tempo, a figura da mãe desaparece bruscamente da vida da criança, passando esta aos cuidados de outros membros da família: “...tios e avôs dos meninos, tias e avós das meninas”⁴³.

32 Agostinho da Silva, “Tema: Educação Africana, 2” em *ibidem*, p. 25.

33 *Ibidem*.

34 *Ibidem*.

35 *Ibidem*.

36 *Ibidem*.

37 *Ibidem*.

38 Cf. *ibidem*, p.25. O que será consonante com a atitude de silêncio do africano.

39 *Ibidem*, p. 26.

40 *Ibidem*.

41 Cf. *ibidem*. Agostinho contrapõe a este costume um outro dos ocidentais civilizados, o qual consiste numa “civilização de berço” cuja posição da criança ali representa uma relação desnivelada, e em seu desfavor: ela tem que olhar de baixo para cima os outros, enquanto que estes olham para ela de cima para baixo.

42 Idem, “Tema: Educação Africana, 2” em *ibidem*, p. 25.

Tais cuidados traduzem-se na disponibilização de abrigo e de alimento “...que ainda não pode granjear por suas próprias mãos ou engenho...”⁴⁴ e, sobretudo, em “...garantir-lhe liberdade...”⁴⁵. Habitualmente, a criança ajuda nas tarefas da casa, “...porque quer ou por imitação ou por ambiente...”⁴⁶, não sendo obrigada a isso.

Passado pouco tempo, normalmente passam a viver com as outras crianças, num “...universo de seus companheiros da mesma idade...”⁴⁷, em casas próprias “...como uma aldeia à parte...”⁴⁸, prosseguindo a respetiva educação “...pelo ambiente e pelas relações com os de seu grupo etário...”⁴⁹.

Quando atinge a puberdade, o indivíduo faz a sua entrada na tribo através da passagem pelos respetivos “...ritos iniciáticos”⁵⁰.

1.3.2. Educação pela vida e para a vida

Durante todo este processo de crescimento e educação, a tribo está sempre atenta à criança, tal como o atesta “...a quantidade de provérbios pedagógicos que existe em todas as tribos...”⁵¹, mas evita sempre imiscuir-se direta e visivelmente nele, deixando cada criança crescer livremente.

Tal educação faz-se sempre pelo concreto: “...o que importa é saber ver, experimentar, dizer, fazer.”⁵², por meio da própria vida, porquanto “...só o vivido é eficaz; educa-se pela vida e para a vida...”⁵³, o mais naturalmente possível, pelo que as escolas se apresentam desnecessárias; no entanto, também se educa pelos grupos sociais, acabando, assim, por se integrarem na vida “...sem conflitos entre elas e pais, ou pais e filhos, ou sociedade e escola...”⁵⁴.

Finalmente, a educação africana não privilegia nem pretende contemplar apenas a aquisição de saberes humanos, mas o que aí realmente importa é preservar a unidade

43 Cf. *ibidem*, p. 26. Sobre este corte brusco com a mãe, diz Agostinho da Silva que os ocidentais, por não o fazerem, muitos adultos nunca conseguem desligar-se salutarmente das respetivas mães, o que se traduz em graves distúrbios mentais.

44 *Ibidem*, p. 26.

45 *Ibidem*.

46 *Ibidem*.

47 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 26.

48 Idem, “Tema: Educação Africana, 2” em *ibidem*, p. 26.

49 *Ibidem*.

50 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 26.

51 Idem, “Tema: Educação Africana, 2” em *ibidem*, p. 26.

52 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 27.

53 *Ibidem*.

54 *Ibidem*.

primordial da pessoa com a vida e o mundo: a “...mentalidade humana, e naquilo que é de essencial e a liga a Deus, a fantasia, a imaginação, a criação.”⁵⁵.

1.3.3. A quebra da unidade

1.3.3.1. Mundo ocidentalizado: contra a natureza

Contrariamente a tal posição, tem vindo o mundo ocidentalizado a “...quebrar a sua unidade...”⁵⁶ com o essencial da vida, podendo observar-se que, conforme “...a civilização evolui, sempre no sentido de um maior poderio técnico, a noção de sagrado vai atenuando-se; todos os atos da vida (...) desligando-se de qualquer ideia de sobrenatural...”⁵⁷, deixando de existir o necessário e “...sagrado do diálogo do homem consigo mesmo...”⁵⁸.

A isto acresce que os indivíduos, na sua maioria, não terão consciência dessa quebra da unidade, e continuam a medir o que acreditam ser desenvolvimento “...pelo cimento, aço e quilovátio que consomem, ou pelos automóveis, telefones e rádios com que enfrenesiam a própria vida e a dos outros.”⁵⁹. Neste contexto vive-se, portanto, “...no meio de todas as penas que tomamos para sermos engenheiros ou médicos, para termos automóvel ou televisão e para virmos citados nos jornais...”⁶⁰, já que o que se valoriza “...é aquilo que o indivíduo é capaz de fazer, o que ele tem, o que ele sabe, afinal o que ele pode, num sentido predominantemente pragmático, objetivo e mesmo material...”⁶¹. Tal poder resume e traduz o quadro de valores dos ocidentais, e revela-se também na atribuição de um “...alto lugar ao que é domínio do mundo, na natureza e nos homens...”⁶², entendendo-se “...o europeu educado quando se contrapõe à natureza e a verga à sua vontade.”⁶³.

55 *Ibidem*.

56 Agostinho da Silva, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 101.

57 *Idem*, “A Comédia Latina”, em *Citações...*, p. 133.

58 *Idem*, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 103.

59 *Idem*, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 27.

60 *Idem*, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 105.

61 *Idem*, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 26.

62 *Ibidem*.

63 *Ibidem*.

1.3.3.2. Uma relação que mata

Aqui se inclui, também, o domínio que o mundo ocidentalizado vem exercendo sobre os povos primitivos com que se confrontou ao longo da história, muitos dos quais dizimou “...civilização significava a destruição do indígena...”⁶⁴.

Tal civilização, quando não lhes aniquilava os corpos, aniquilava-lhes as mentes através de “...aculturações que significaram quase sempre a destruição das tribos.”⁶⁵ Como exemplo Agostinho refere a imposição de uma catequese que “...fazia desabar o edifício de valores em que se albergava o índio (...) e o punha presa fácil da apatia mental, de um desânimo (...): o índio morria de tristeza...”⁶⁶.

Paralelamente a estes povos daquele modo aculturados, também “...morrem de tristeza os povos altamente desenvolvidos e industrializados...”⁶⁷ que aculturam os primeiros devido à sua ignorância ou afastamento do que realmente é fundamental na vida, privando-se por isso estes indivíduos de tempo livre “...e sonho...”⁶⁸ através da “...submissão à máquina, a invasão das horas de ócio...”⁶⁹. Ora, quando “...nós mudamos contra o mundo...”⁷⁰, o mundo reage e “...nos muda: ou nos mata, para se ver livre de nós.”⁷¹. Conclui, então, Agostinho da Silva, que tal gente “...nada mais tem a fazer do que marcar a data do enterro.”⁷².

E, assim sendo, todos acabam defuntos: os ditos civilizados pelo que tal, por si, já comporta, no sentido de apenas se dedicarem a aspetos materiais; e aqueles ditos primitivos, pelo que lhes impôs tal civilização.

1.3.4. Resgatar a unidade

1.3.4.1. Evitar distrair-se da vida

Para que possamos continuar vivos, é preciso que “...restabeleçamos o que mais nos falta e só de onde a onde o têm alcançado os místicos: a unidade entre nós e o mundo.”⁷³. Neste âmbito, Agostinho previne que, relativamente à ciência e à técnica, o

64 Idem, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 102

65 *Ibidem*, p. 105.

66 *Ibidem*, p. 103.

67 *Ibidem*.

68 *Ibidem*, p. 103.

69 *Ibidem*.

70 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 27.

71 *Ibidem*.

72 Cf. idem, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, pp. 102-103. A palavra *enterro* deverá, aqui, ser entendida não apenas literalmente, mas no sentido de “*morte*” da alma.

73 Idem, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 106.

respetivo “...desenvolvimento é bom quando não mata a alma para salvar os corpos”⁷⁴, e que essa morte da alma será causada sobretudo pelas distrações por que nos deixamos levar no decurso da vida já que, tal como ela se apresenta, “...a vida distrai.”⁷⁵ e desviamos, desse modo, do verdadeiro caminho que devemos percorrer para atingir aquela unidade, pelo que Agostinho acrescenta, de imediato, que “Viver, porém, é o contrário, é estar atento à vida...”⁷⁶.

Paralelamente, Agostinho chama a atenção para “...a falência cada vez mais nítida dos ideais de concorrência, produção e lucro que têm guiado o mundo ocidental...”⁷⁷, fazendo notar que atualmente “...o mundo está a assistir a um deslocar de seu centro de gravidade para povos (...) africanos, latino-americanos e asiáticos...”⁷⁸, povos estes que são os “...mestres (...de) o tempo livre, a convivência humana, a contemplação do universo...”⁷⁹, aspetos da vida que constituem o caminho que conduz à meta a que é necessário chegar e que, afinal, correspondem ao “...que nós desaprendemos...”⁸⁰ o que, por sua vez, resultará no tal desvio que referimos.

Ora, sendo forçoso evitar ao máximo “...o risco de nunca poder reencontrar o caminho; o que seria bem trágico...”⁸¹, deveremos encontrar modos de viver capazes de bem conduzir toda a humanidade “...e criar, de culturas compartimentadas, uma vasta cultura humana...”⁸² que conserve as especificidades de cada uma “...embora tudo vá convergindo para a unidade divina...”⁸³, cuja “...tradição mais profunda é a que vem da Pré-História...”⁸⁴.

1.3.4.2. Como na pré-história: abundância e tempo livre

Atualmente, entre as culturas vivas que mais se assemelham àquelas da pré-História e as do mundo ocidental, é necessário criar dinâmicas das quais resulte uma vida o mais

74 Agostinho da Silva, “De Xingu e seus Índios”, em *ibidem*, p. 157.

75 *Ibidem*, p. 157.

76 *Ibidem*.

77 Idem, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 107.

78 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, pp. 25-26.

79 Idem, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 106.

80 “*Ibidem*.”

81 Agostinho da Silva, “A Comédia Latina”, em *Citações...*, p. 133.

82 Idem, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 107.

83 “Tema: Educação Africana, 1” em *ibidem*, p. 26.

84 Idem, “Entrevista”, em *Citações...*, p. 62.

perfeita possível para todos os seres humanos, dando a cada um “...tudo de que ele necessita, de material e de espiritual...”⁸⁵.

Por um lado, deveremos aproveitar os benefícios do desenvolvimento ocidental no que se refere à ciência e à técnica “...as técnicas, sem as quais jamais haverá lazer e abundância...”⁸⁶ para toda a humanidade, havendo já “...bens materiais que lhe permitiriam viver a vida do primitivo sem os inconvenientes da incerteza e da fome, sem correr os riscos de ter de novo que percorrer a longa, perigosa e dramática aventura da História...”⁸⁷. Seria, então, o mundo ocidental a encarregar-se sobretudo do aspeto material; por outro lado, os povos “...africanos e outros nos poderão reeducar...”⁸⁸ em “...Humanidade que bem sumida anda...”⁸⁹, de tal modo “...que possamos nós aprender ou reaprender o muito que esquecemos de ser homens...”⁹⁰. A este propósito, Agostinho da Silva expressa a sua convicção de que tais povos “...nos têm mais que ensinar a nós do que nós a eles...”⁹¹.

De qualquer modo, o que importa fazer é juntar e partilhar uns com os outros aquilo que cada um tem de melhor, a fim de todos se integrarem naquela unidade, sendo este o “...caminho mais certo: o de irem ao encontro uns dos outros (...), juntando as ferramentas que fabricam mundo à rede que no mundo nos balança...”⁹². Tais ferramentas ou abundância, a par da rede ou tempo livre converter-se-ão, assim, em “...limpa e abundante mesa a que nos temos de sentar para comer, para comungar, isto é, comunicar e ter consciência de que fazemos parte do comum, e para, conversando, nos conhecermos, em perfeição, a nós, aos outros e ao mundo...”⁹³, revelando esta imagem aquilo que, para Agostinho da Silva, lhe parece ser “...educação e escola”⁹⁴.

85 Idem, “Tema: Educação Africana, 1” em *ibidem*, p. 27.

86 Idem, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 107.

87 Idem, “A Comédia Latina”, em *Citações...*, p. 133.

88 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 26.

89 Idem “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 107.

90 *Ibidem*, p. 105.

91 Idem, “Tema: Educação Africana, 3” em *ibidem*, p. 27.

92 Idem, “Sobre Índios e Suecos”, em *ibidem*, p. 107.

93 Agostinho da Silva, “Tema: Educação Africana, 1” em *ibidem*, p. 27.

94 *Ibidem*.

CAPÍTULO III

Referências e Precusores da Escola Nova: educar pela experiência

“...houve uma separação entre a natureza humana e o comportamento humano (...), diríamos que se trocou o instinto pela razão ordenadora; houve uma quebra entre os impulsos mais profundos e a necessária vida social; foi-se obrigado a remar contra a corrente do rio e só em raras ocasiões pôde o homem voltar a esse profundo, íntimo, identificante contacto com o mundo natural.”

Agostinho da Silva, “A Comédia Latina” em *Estudos sobre Cultura Clássica*, Lisboa, Âncora, 2002, p. 303

1. Grécia: uma fonte do pensamento ocidental

1.1. Natureza, Amor e Vida

A Grécia antiga é habitualmente tida como o berço cultural da civilização ocidental, dizendo-nos Agostinho da Silva que a “...caraterística essencial do espírito grego (...) é, sem dúvida, o amor insaciável da Beleza, o desejo de qualquer coisa que seja sempre mais alta e mais nobre.”¹, sendo a sua religião “...a projeção no eterno, no sagrado, no divino, do amor da Natureza, do amor da Vida, e, que o mesmo era para os gregos, do amor da Beleza.”².

A este respeito, salienta-se o entendimento que têm sobre o surgimento da Terra: “No Caos surge Gaia (...) que o grego divinizará também, a Mãe-Terra que produz o trigo; é a matéria de que ela se formará, pela intervenção dum terceiro elemento, Eros o Amor.”³. E é, então, ao Amor que se deve a Vida, é ele que “...pelo seu poder, faz surgir na terra as plantas e os animais.”⁴.

Entende ainda Agostinho que a Grécia nos revela, através das suas obras, um “...grande desejo de libertar os espíritos...”⁵, tendo dado “...o mais alto exemplo de cultura que o homem tem conhecimento (...). Pela sua curiosidade que não tinha limites, pelo admirável espírito crítico, pelo equilíbrio de todas as suas concepções, pela sempre renovada audácia do seu pensamento...”⁶.

O exemplo maior e escola de toda a Grécia antiga foi a cidade de Atenas que, “...com a flexibilidade e o livre jogo da sua democracia, fez dos seus habitantes seres superiores pela finura e penetração da sua inteligência, pelo equilíbrio e pela delicadeza do seu sentido estético”⁷.

1.2. Um Paraíso Perdido, uma Idade para o (re)encontrar...

Outro enfoque pedagógico de Agostinho da Silva com raízes na cultura grega prende-se com os fundamentos da Idade do Ouro, ou Paraíso Perdido, ou Idade do Espírito Santo,

1 Agostinho da Silva, “A Religião Grega”, em *Estudos sobre Cultura Clássica*, Lisboa, Âncora Editora, 2002, p. 111.

2 *Ibidem*, p. 116.

3 *Ibidem*.

4 *Ibidem*, p. 118.

5 *Ibidem*, p. 112.

6 Agostinho da Silva, “O Pensamento de Epicuro”, em *Iniciação, Cadernos de Informação Cultural*, 1ª série, s/d, p. 4.

7 *Ibidem*, p. 3.

associadas quase sempre a uma simbologia original da criança e seu papel no futuro da humanidade.

A ideia de que teria existido um paraíso na terra onde a humanidade vivia em total harmonia com a natureza estava já presente na antiguidade grega⁸, trata-se da Idade do Ouro, onde as pessoas viveriam num estado de completa felicidade, sem sofrimento algum, e com os meios de subsistência assegurados por essa mesma natureza. Nesta Idade não haveria quaisquer privações e limites para os seres humanos: nem os de espaço nem os de tempo.

Estabelecendo um paralelismo entre a tradição clássica e o mito cristão do Paraíso, a Bíblia apresenta-nos a imagem do Jardim do Éden. Este, depois da expulsão, ou propulsão⁹, de Adão e de Eva decorrente da ação por eles cometida, ter-se-á convertido num Paraíso Perdido, ou ausência de Paraíso, porque agora é marcado pelo sofrimento: já não há sustento gratuito, ter-se-á que trabalhar para o conseguir; e os nascimentos far-se-ão com dor.

A humanidade caminhará para a redenção, plasmada na Imagem do Quinto Império vislumbrado na referência bíblica, no sonho de Nabucodonosor¹⁰, rei da Babilónia. Aqui fala-se explicitamente de um último Quinto Império, último porque para sempre governará, que não será de lavra humana, mas divina.

Joaquim de Flora (1132-1202), com base neste mito, dividiu a história da humanidade em três idades: Idade do Pai; Idade do Filho; e Idade do Espírito Santo¹¹, esta última

8 Em escritos atribuídos ao poeta Hesíodo (século VIII a. C), que considerava que a história da humanidade percorria quatro idades no sentido de uma progressiva decadência: Idade do Ouro; Idade da Prata; Idade do Bronze; e Idade do Ferro. O processo seria cíclico pelo que, chegando à última Idade, a Humanidade regressaria à Idade do Ouro.

9 Agostinho refere-se nestes termos à saída de Adão e Eva do Paraíso, no sentido de estes serem impelidos à ação.

10 Trata-se da profecia da estátua de Nabucodonosor relatada no segundo capítulo do livro bíblico de Daniel. Por volta do ano 606 a. C., este rei teve um sonho que Daniel interpretou como se tratando da revelação divina da história da humanidade. O sonho consistia na imagem de uma pedra que descia do céu e que derrubava, a partir dos pés, uma grande estátua de homem com cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e pés de ferro e de barro; depois a pedra crescia e cobria toda a terra. A interpretação de Daniel é que haveria, depois do Império da Babilónia, mais três Impérios que se sucederiam uns aos outros sempre num processo descendente, até que finalmente se chegava ao último e Quinto Império – simbolizado pela pedra destruída dos quatro anteriores – o qual seria indestrutível, universal e eterno.

11 Joaquim de Flora foi um abade cisterciense e filósofo italiano. A divisão que faz da história da humanidade em três Idades apresenta as respetivas especificidades: a primeira ou Idade do Pai caracteriza-se por ser a de um tempo criador e legislador; a segunda ou Idade do Filho a de uma época de amor e de caridade; a terceira ou Idade do Espírito Santo corresponde a uma era de vida em liberdade e felicidade completas.

Idade (que estaria para acontecer) corresponderia ao Quinto Império bíblico e ao regresso àquele muito remoto paraíso perdido.

No espaço português, as celebrações do Espírito Santo consistiam sumariamente em três passos plenos de simbolismo pedagógico-educativo: a coroação de uma criança como imperador do mundo, sendo a coroa encimada pela figura de uma pomba (Espírito Santo); alimento gratuito para todos os presentes; o abrir da prisão pela criança coroada. Todo este conhecimento acumulado, e sua importância para o futuro da humanidade, foi sendo atualizado por portugueses cuja obra terá influenciado Agostinho da Silva. Entre eles destacam-se: Fernão Lopes (1380/90-1460); Luís de Camões (1524/5-1580); Anes de Bandarra (1500-1556); Padre António Vieira (1608-1697); e Fernando Pessoa (1888-1935).

1.3. Sócrates *versus* sofistas e seus sofismas

Se Atenas constituiu um meio privilegiado para o desenvolvimento de “...um tipo humano superior que ficou para modelo das gerações futuras...”¹², em contrapartida proliferava também naquela cidade um outro tipo de gente bem diferente: os sofistas. Estes, considerados depositários da sabedoria, eram professores que “...ensinavam sobretudo a arte de falar e preparavam os que pretendiam entrar na política; não tinham (...) nenhuma preocupação da verdade, da justiça, do bem...”¹³, servindo-se frequentemente de qualquer subterfúgio para atingir os seus objetivos, “...exatamente aquilo que ainda hoje se chama sofismas.”¹⁴. Para além disso, revelavam a sua falsa sabedoria de outra forma:

“...conhecer muito, ter lido muitos livros, saber a técnica, sem ter a capacidade de ordenação e criação da inteligência universal, é realmente ser ignorante, embora os outros ignorantes possam aplaudir e colocar o sofista em plano superior ao daquele para o qual a ciência foi revelação e fortalecimento da alma...”¹⁵.

Então, com uma nova postura neste domínio, entendendo-se que “...a verdadeira ciência não é mais do que uma revelação plena do espírito, um triunfo da sua essência

12 Agostinho da Silva, “O Pensamento de Epicuro”, em *ibidem*, p. 4

13 Agostinho da Silva, “Vida e Morte de Sócrates”, em *À Volta do Mundo – coleção de textos para a mocidade*, Lisboa, Edição de Autor, 1938, p. 12.

14 *Ibidem*.

15 Agostinho da Silva, “Sócrates”, em *Iniciação - Cadernos de Informação Cultural*, 9ª série, 1943, p. 17.

íntima...”¹⁶, pelo que esta estará “...contida no espírito...”¹⁷, surge um pensamento e modo de estar na vida diferente, representado pelos três filósofos Sócrates, Platão e Aristóteles. Estes três nomes que salientamos, todos surgidos na cidade de Atenas, são o exemplo de que “...só pela liberdade o homem é capaz de criar as grandes obras que o dignificam e que o regime de Atenas, com todos os seus erros e todas as suas hesitações, deu o ambiente adequado ao trabalho dos génios que surgiram...”¹⁸.

1.3.1. Uma Inteligência Universal: a alma é que importa

Agostinho da Silva entende que Sócrates concebe a ideia de que existe uma divindade “...criadora de tudo quanto existe...”¹⁹ no mundo, e também cuidadora desse mesmo mundo, a que chama “...inteligência universal...”²⁰. Esta inteligência universal, ou deus imanente, que é “...de natureza puramente espiritual²¹ e que, simultaneamente, é “...um abstracto e uma guia do mundo...”²², deverá revelar-se no interior dos seres humanos, sendo afinal nisso que verdadeiramente consiste o respetivo objetivo na vida de cada um, sendo “...necessário que a inteligência que existe no homem brilhe em todo o seu esplendor...”²³, pelo que se deverá procurar “...desenvolver ao máximo as suas capacidades de inteligência, fazer que se revele o deus oculto...”²⁴.

O pensamento socrático contemplava “...a ideia de uma alma diferente do corpo e nele presa, dominada pela parte material da nossa existência...”²⁵; o corpo importava apenas no sentido em que servia essa alma “...as mãos são extraordinárias (...) porque são as perfeitas ferramentas de que ele precisava para exprimir, para realizar essa inteligência...”²⁶ e “...algum operário se serve de uma tal ferramenta e é a ele que devemos procurar e querer; e esse operário é (...) a inteligência que sentimos em

16 *Ibidem*.

17 *Ibidem*, p.18.

18 Agostinho da Silva, “O Pensamento de Epicuro”, p. 3.

19 *Idem*, “Sócrates”, p.14.

20 *Ibidem*, p.13.

21 Contrariamente ao conceito de inteligência universal de Anaxágoras, o qual não se teria desprendido do carácter materialista das anteriores filosofias.

22 Agostinho da Silva, “Sócrates”, p. 7.

23 *Ibidem*, p.11.

24 *Ibidem*, p.16.

25 *Ibidem*, p.7.

26 *Ibidem*, p.12.

nós.”²⁷, acrescentando ainda que “...quanto menor for o papel do corpo, tanto maior será o papel da alma...”²⁸.

Para Agostinho, tais revelações terão surgido a Sócrates nos momentos em que este filósofo escutava “...dentro em si a voz divina...”²⁹, pelo que se terá sentido fortemente impellido a ensiná-las, uma vez que “...despertara nele uma vocação pedagógica que rapidamente se afirmou (...) e imediatamente, a força da sua personalidade, o talhe original do seu procedimento, lhe criaram (...) sólidas dedicações, sobretudo da parte dos mais novos”³⁰, os quais foram, em geral, seus discípulos.

1.3.2. Um ensino através de perguntas e respostas

Tal como os sofistas, Sócrates ensinava na praça pública³¹, mas não o fazia a troco de dinheiro. Para bem ensinar ao público que ali se reunia, Sócrates desenvolveu o método que consiste fundamentalmente na colocação de perguntas e respostas: depois de perguntar, “...o interrogado respondia e Sócrates punha as suas objecções ou fazia nova pergunta...”³², usando um processo “...absolutamente diferente do dos outros professores: não ensinava, ou ensinava muito pouco e nunca se metia em grandes discursos; com as perguntas ia guiando o rapaz – ou o homem – fazendo-o descobrir aquilo que pretendia, levando-o a formular as conclusões a que queria que chegasse...”³³.

Seguia-se a discussão, onde “...não havia propriamente o desejo de vencer (...), mas o de se instruir e de descobrir a verdade”³⁴.

Por vezes, havia confronto com algum sofista, e Sócrates “...tanto apertava com ele que o professor acabava por se contradizer e por confessar que ignorava quase tudo que julgava saber...”³⁵.

Sócrates também construiu “...uma moral que é um conjunto de regras de acção no que respeita a nós e aos outros, que é um sistema de normas que nos permitirá modelar uma

27 *Ibidem*, p.13.

28 *Ibidem*, p.15.

29 *Ibidem*, p. 9.

30 *Ibidem*, p.7.

31 Ou em outro local público, sempre que se depara com um grupo de indivíduos interessados nos seus conhecimentos.

32 Agostinho da Silva, “Sócrates”, p. 8.

33 Agostinho da Silva, “Vida e Morte de Sócrates”, em *A Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, Lisboa, Edição de Autor, 1938, p. 13.

34 *Ibidem*, p. 14.

35 *Ibidem*, p. 13.

existência perfeita...”³⁶, tendo conduzido a sua vida de acordo com estes ideais, procurando sempre que “...a forma de procedimento que estabelecera pela inteligência tinha de realizar-se na prática, quaisquer que fossem as dificuldades levantadas...”³⁷.

1.3.3. A morte não assusta

Muitas pessoas prestigiadas na cidade, e que se tinham como sábias, viram-se, com aquele método, confrontadas com a sua ignorância “...o costume que tinha de interrogar toda a gente que encontrava (...) e de quási sempre demonstrar a completa ignorância e a falta de precisão intelectual que caracterizavam as pessoas mais bem colocadas movia os despeitos e provocava a vingança...”³⁸. Este sentimento de ódio que muitos partilhavam contra Sócrates foi-se progressivamente adensando até à acusação de proceder contra os deuses e de corromper a juventude, tendo, a mesma, culminado na sua condenação à morte por cicuta, da qual Sócrates poderia ter escapado, tanto durante o julgamento como também depois da condenação.

No julgamento, e já depois de proferida a respetiva sentença, Sócrates ter-se-á dirigido àqueles poucos juízes que o tinham absolvido para os tranquilizar, dizendo-lhes “...que a morte o não assustava, porque ou era um sono sem sonhos e, portanto, a melhor das existências, ou um diálogo incessante com os melhores espíritos que tinham aparecido no mundo...”³⁹.

1.3.4. Eu só sei que nada sei

Contrariamente aos sofistas, a Sócrates “...a ciência que interessa não é uma ciência do mundo existente, mas a ciência de nós próprios; o conhecer-se a si mesmo é a grande actividade científica, porque se dirige à fonte de todo o saber...”⁴⁰. Desta forma o filósofo ateniense tem consciência sobre a própria ignorância que a afirmação “Eu só sei que nada sei!”⁴¹ revela, criando, deste modo, a necessidade de saber mais e de descobrir a verdade que, para si é universal e não particular: “...a ciência é uma atividade perfeitamente humana e que serve para a nossa libertação, porque aumenta o poder do

36 Agostinho da Silva, “O Pensamento de Epicuro”, p. 5.

37 Idem, “Prefácio” em *A Defesa de Sócrates* (tradução e prefácio de Agostinho da Silva), Lisboa, Seara Nova, 1937, p. 9

38 *Ibidem*, p. 8.

39 Agostinho da Silva, “Sócrates”, p. 24.

40 *Ibidem*, p.16.

41 Frase sobejamente conhecida atribuída a Sócrates, e que traduz bem a atitude oposta à dos sofistas, os quais não se apercebem da sua ignorância, porque acreditam que sabem tudo.

deus que em nós existe; por outro lado, o saber deste modo é uma afirmação do poder da alma sobre o corpo...”⁴². Fundamentalmente, Agostinho entende, tal como Sócrates ensinava que era “...preciso ser o que se é (...) numa homenagem real ao deus e numa consciência do que é a verdadeira felicidade”⁴³. Nesta autodescoberta individual, “...Sócrates aceita a coexistência do amor e da ciência, e a revelação das duas forças, na ação, dá a pedagogia...”⁴⁴.

Agostinho, tal como Sócrates, acreditava que

“...querer aperfeiçoar-se somente a si próprio (...) sem se importar com os outros, seria nunca atingir a perfeição; o homem que consideraremos perfeito será aquele que se interesse também pela sorte dos outros homens, esforçando-se por os fazer compartilhar do que ele mesmo tenha aprendido, ensinando-lhes todo o caminho que percorreu, aproveitando toda a ocasião para os educar”⁴⁵.

Esta ligação íntima entre a educação e a vida, no entender de Agostinho não foi interpretada da melhor maneira pelo maior dos seus discípulos, Platão, que pese embora ter construído a sua filosofia em torno das ideias do seu mestre, e mesmo reconhecendo que a “Filosofia é provocação e dúvida: jamais certeza e ensino. Platão se perdeu quando fundou a Academia. Virou dono da verdade e aprendiz de tirano”⁴⁶. Agostinho entendia que encerrar a procura da verdade numa escola, não era com certeza a melhor maneira de servir a pedagogia que Sócrates sempre exerceu na praça pública.

2. Oratorianos, Comênio e Pestalozzi: precursores da Escola Nova

2.1. Oratorianos

2.1.1. Libertar o indivíduo, amar a criança

Foram variadas as inovações pedagógicas que Agostinho da Silva quis destacar na Congregação do Oratório, fundada em 1565 por S. Filipe de Nery (1515-1595), comunidade de sacerdotes que escolheu “...para si uma constituição democrática, que

42 Agostinho da Silva, “Sócrates”, p. 17.

43 *Ibidem*, p. 22.

44 *Ibidem*, p. 21.

45 Idem, “Vida e Morte de Sócrates”, p. 11.

46 Agostinho da Silva, “Espólio”, em *Citações...*, p. 31.

viviam em república...⁴⁷, e que cultuavam a “...vida humana de Jesus...”⁴⁸ e, mais especificamente, a sua vida enquanto criança.

Em tal contexto, e crendo que a respetiva maneira de viver seria a mais adequada, “...eram naturalmente levados (...) a considerar como ideal o estado de sociedade que mais se assemelhasse ao da sua Congregação.”⁴⁹, o que “...só se consegue pela educação, pela formação dos espíritos ainda moços...”⁵⁰; também, e devido ao culto “...pela infância de Jesus, os Oratorianos acarinhavam todos os meninos, interessavam-se por eles, pelo amor dos filhos dos homens pagavam a dívida que tinham perante o filho de Deus...”⁵¹. Tais preocupações, na perspectiva de Agostinho, eram realizadas através da educação: “...a melhor forma de realizar esse amor era naturalmente ensinar as crianças.”⁵².

Assim sendo, dedicavam-se os oratorianos à educação, a qual, imbuída daquele seu espírito, fundamentalmente se caracterizava por um “...desejo de libertar o homem, de desenvolver o indivíduo...”⁵³, pelo que “...dentro do Oratório, acima de tudo, estava a liberdade de consciência individual”⁵⁴.

2.1.2. Uma educação que toca a vida

Na organização educativa dos oratorianos Agostinho refere que os seus colégios eram “...em geral gratuitos...”⁵⁵ e, relativamente ao domínio intelectual propriamente dito, atendia-se globalmente a que “...‘o espírito não se fez para a erudição, mas a erudição para o espírito’...”⁵⁶. Procurava-se uma educação próxima o mais possível da verdadeira vida da época, pelo que era privilegiado o ensino da língua viva do país em vez do latim (contra o hábito instituído), e dedicava-se “...atenção especial à filosofia de Platão...”⁵⁷, para o estudo do qual, bem como de todos os outros autores, se usavam

47 Agostinho da Silva “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana” em *Seara Nova*, nº 298, Ano XI, Maio 1932, p. 151

48 *Ibidem*.

49 *Ibidem*.

50 *Ibidem*.

51 *Ibidem*.

52 *Ibidem*,

53 *Ibidem*, pp. 155-156.

54 *Ibidem*, p. 155.

55 *Ibidem*, p. 153.

56 *Ibidem*, p. 152.

57 *Ibidem*, p. 155.

“...os cadernos ditados pelo mestre e punha-se o aluno directamente com o autor a estudar...”⁵⁸.

A este mesmo espírito educativo renovado obedecia, ainda, o estudo das várias ciências, que mereceram grande cuidado por parte dos oratorianos, os quais as introduziram nos seus colégios, tendo sido a geografia a primeira - com o objetivo de sustentar a aprendizagem de outras que posteriormente se lhe seguiriam “...firmados na Terra, os rapazes só depois abordavam a cronologia e a história.”⁵⁹. Para o estudo da física, organizaram-se “...pequenos laboratórios (para) que os próprios alunos (...) fizessem pequenas experiências...”⁶⁰. A preocupação de acompanhar a evolução do conhecimento estava sempre presente nos colégios oratorianos como, por exemplo, no caso da matemática, para a qual se recorria a livros modernos e não aos antigos, já que “...na opinião do Oratório, os antigos (...) ignoravam muito problema...”⁶¹ e respetivas soluções que entretanto se vinham descobrindo.

Para dar resposta à respetiva necessidade da existência de vários livros, constituíram-se bibliotecas escolares, estabelecendo a motivação do aluno também como importante critério de seleção dos livros “...livros que pudessem interessar aos alunos e lhes dessem o gosto da leitura...”⁶². A prática da ginástica e os cuidados de higiene, foram também uma preocupação educativa dos Oratorianos.

2.1.3. Alunos e professores: respeitar e conhecer

Também a nova relação pedagógica que os oratorianos instituíram foi apreciada de forma verdadeiramente inovadora e positiva por Agostinho da Silva que aponta a constante atenção e cuidado com os alunos reveladas nas condições de vida proporcionadas pelos respetivos colégios: por exemplo, cada aluno dispunha de quarto próprio e para não os fatigar com a atividade letiva, introduziram “...numerosos recreios, as aulas eram divididas em meias horas...”⁶³.

Havendo no professor oratoriano a consciência “...que tinha diante de si criaturas humanas e não coisas...”⁶⁴, procurava ele conhecer o melhor possível cada aluno seu

58 *Ibidem*.

59 *Ibidem*, p. 154.

60 *Ibidem*, p. 155.

61 *Ibidem*.

62 *Ibidem*.

63 *Ibidem*.

64 *Ibidem*, p. 152.

“...marcando as diferenças individuais...”⁶⁵, com o objetivo de, “...no ensino e na disciplina, as respeitassem o mais possível...”, a fim de, munidos desse conhecimento, com mais sucesso “...lhes despertar e fortificar, sobretudo, o amor da verdade.”⁶⁶.

Para tal muito terá contribuído a proximidade entre alunos e respetivos professores, já que “Ser o camarada dos alunos foi sempre o desejo dos professores oratorianos...”⁶⁷, o que, perante a “...mocidade do aluno...”⁶⁸, terá sido conseguido também pelo processo de colocar como professores mestres também eles jovens “...ainda em todo o ardor do seu entusiasmo pela missão e os mais capazes dentre todos de compreender a alma dos discípulos”⁶⁹. Na pedagogia individualizada que os oratorianos praticavam, Agostinho destaca o facto de os professores acompanharem “...a sua classe durante todo o tempo do curso...”⁷⁰, podendo assim, o mesmo mestre, ensinar-lhes “...sucessivamente (...) todas as matérias do quadro de estudos...”⁷¹, já que eram “...geralmente muito sabedores, bons latinistas, bons helenistas, hebraizantes alguns, muitos excelentes geómetras e físicos.”⁷².

Deste modo, e munidos daquelas importantes competências de índole humana, os professores oratorianos puderam também ensinar aos seus alunos “...o amor da ciência, o culto da razão; com uma boa bagagem de conhecimentos sólidos, o gosto de pensar...”⁷³. Tal processo apresentava-lhe ainda uma importante vantagem que consiste na não especialização do professor, a qual Agostinho qualifica “Como um perigo...”⁷⁴ que terá sido evitado pelos oratorianos ao desconsiderarem a “...especialização dos mestres...”⁷⁵.

Quanto à disciplina que normalmente se caracterizava por alguma dureza no ensino tradicional, os oratorianos passaram a entender que “...o bom mestre não é aquele que

65 *Ibidem*.

66 *Ibidem*.

67 *Ibidem*.

68 *Ibidem*, p. 151.

69 *Ibidem* “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana”, p. 151. Depois de concluído o seu curso teológico e decorridos três anos de prova, o noviço entra para a Congregação exatamente como professor.

70 *Ibidem*, p. 152

71 *Ibidem*.

72 *Ibidem*.

73 *Ibidem*.

74 *Ibidem*.

75 *Ibidem*. No entanto, respeitava-se e atendia-se à vontade da pessoa: sempre que qualquer professor revelava interesse e aptidão especial por determinado domínio do conhecimento, era-lhe concedida dispensa do trabalho letivo “...para que se pudesse livremente dedicar aos assuntos da sua predilecção”.

se impõe pela rudeza das maneiras...”⁷⁶, mas sim aquele que acredita que a harmonia nas aulas só se pode conseguir através de “...acordo de professores e discípulos...”⁷⁷. Em tal contexto, a existência do castigo não tem qualquer cabimento; o que se considerava acertado era “...tratar bem os alunos (...) não os deprimir com os castigos...”⁷⁸. Como muito positivo Agostinho salienta que tanto alunos como professores não se encontravam constrangidos por um rígido regulamento. Neste clima de “...respeito pela liberdade humana...”⁷⁹, o professor oratoriano deve, sempre que possível e em relação aos seus alunos, “...deixar-lhes toda a iniciativa...”⁸⁰.

2.1.4. Contraponto com os Jesuítas

Pelo exposto, e de acordo com Agostinho da Silva, o Oratório “...representa o triunfo da educação que deseja criar homens livres e não autómatos...”⁸¹, tendo em muito contribuído para os avanços da pedagogia. Para marcar a novidade da pedagogia oratoriana, Agostinho procedeu ao esclarecimento das roturas por ela efetuadas em relação à pedagogia que dominava nos colégios dos jesuítas⁸². Em seu entender, os oratorianos terão sido capazes de, “...pela abertura dos seus colégios, contrabalançar a influência dos jesuítas...”⁸³, a qual apresentava aspetos nefastos ao desenvolvimento da pessoa humana. Disso são exemplos a rigidez do seu regulamento, o “...pernicioso espírito de rivalidade (...) que se desenvolvia nas casas dos Jesuítas”⁸⁴, onde se incentivaria uma “...áspera luta pelas melhores classificações, com absoluto desprezo pelo fraco que não pode acompanhar a corrida e os elogios (...) para os fortes que alcançam os melhores lugares...”⁸⁵, dispondo os alunos na aula “...segundo a ordem de méritos...”⁸⁶. A este rigorismo acrescia que só os tidos como mais inteligentes apareciam “...nas sessões solenes em que o professor (os) apresentava ao público...”⁸⁷,

76 *Ibidem*, p. 152.

77 *Ibidem*.

78 *Ibidem*.

79 *Ibidem*.

80 *Ibidem*.

81 *Ibidem*, p. 152. A nova pedagogia praticada pelos oratorianos foi decisiva para as mudanças futuras que se vieram a reivindicar no futuro.

82 Jesuítas ou Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loiola (1491-1556) em 1534.

83 Agostinho da Silva “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana” em *ibidem*, p. 150.

84 *Ibidem*, p. 152.

85 Agostinho da Silva, “Sanderson e a Escola de Oundle” em *Textos Pedagógicos I*, pp. 270-271.

86 Agostinho da Silva “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana” em *ibidem*, p. 150.

87 *Ibidem*.

resumindo-se as aulas a “...muito latim, lido e escrito...”⁸⁸. Com tais procedimentos, entendia Agostinho que se destruíam “...tudo quanto é generosidade, altruísmo, frescura de espírito, delicadeza de maneiras, respeito pelas possibilidades de cada um...”⁸⁹.

Afinal, aqueles que “...se queixam da rude maneira porque os homens se comportam na vida”⁹⁰ não compreendem que essa postura se deverá àquela educação em que se releva “...vencer, sejam quais forem os meios empregados...”⁹¹, sendo surpreendentemente os mesmos, em muitos casos, “...os defensores de tais métodos...”⁹².

Mas o castigo, embora existisse, não atentava contra a integridade do indivíduo “...usava-se o menos possível do chicote e da palmatória e o aluno não era sujeito a castigos que o degradassem”⁹³, havendo um cuidado pelo bem estar e desenvolvimento dos alunos que “...viviavam em edifícios confortáveis, tomavam banho, faziam ginástica, jogavam as armas, montavam a cavalo...”⁹⁴. Tal postura dos jesuítas era já do agrado de Agostinho da Silva.

2.2. Coménio

2.2.1. O pensamento...

Agostinho da Silva relevou muito a nova pedagogia que Coménio (1592-1670)⁹⁵ delineou no século XVII, fazendo notar que para ele “...Deus (...) era o centro invisível de tudo...”⁹⁶, manifestando-se nos seres humanos por meio das respetivas estruturas do espírito “...a que chamava alma...”⁹⁷. Assim, e tal como Deus é onisciente, também os seres humanos têm, alojada em si, capacidade semelhante “A potencialidade de saber está inteira em nós...”⁹⁸.

88 *Ibidem*.

89 Agostinho da Silva, “Sanderson e a Escola de Oundle” em *Textos Pedagógicos I*, p. 271.

90 *Ibidem*.

91 *Ibidem*.

92 *Ibidem*.

93 Agostinho da Silva “Ensaio sobre a pedagogia oratoriana” em *ibidem*, p. 150.

94 *Ibidem*.

95 Agostinho da Silva, “Fontes e Pontes do Futuro. Tema: Os precursores – Komensky”, em *Vida Mundial*, 4 de agosto de 1972, p. 36. De seu verdadeiro nome Jan Amos, adotou o nome de Komenski ou Comenius (na forma latina) em honra do lugar onde cresceu, na Checoslováquia, pelo que passou a ser assim conhecido.

96 *Ibidem*.

97 *Ibidem*.

98 *Ibidem*.

Para despoletar esse conhecimento, é indispensável que cada ser humano experiencie o “...contacto com o mundo...”⁹⁹, sendo daqui que resulta a ciência “...que não é mais do que a linha tangencial de unidade do espírito com a unidade do universo...”¹⁰⁰. Nesta perspetiva, “...há decerto um método universal que a todas as ciências elabore e ordene, método reflexo, pela alma e pelo mundo, da unidade de Deus.”¹⁰¹. Se queremos saber, ou conhecer, deveremos conservar-nos atentos e esperar, já que “...é o mundo que deve dar a sua ordem de construir por instruir...”¹⁰² podendo nós, verificadas tais condições, proceder a esse desbloquear do conhecimento ou construção, através da instrução. Neste âmbito, sentindo Coménio “...um apelo fundamental do espírito.”¹⁰³, ingressou na Fraterna Igreja¹⁰⁴ que dispunha das melhores tipografias à época, e cujos membros “...consideravam que tinham responsabilidades no progresso do mundo...”¹⁰⁵, para o que, entre outras iniciativas, privilegiadamente “...abriam escolas...”¹⁰⁶ que traduziam e revelavam “...o escrúpulo e o carinho de Komenski (...) de antes formar que deformar”¹⁰⁷.

2.2.2. ...E a ação educativa

Para Agostinho, Coménio era “...combatente sem ser guerreiro, persistente sem ser obstinado, imutável sem que dia algum deixasse de o encontrar todo novo para a nova tarefa.”¹⁰⁸ – qualidades a que não será alheia a publicação de “Didáctica Magna”¹⁰⁹, obra sobre educação na qual apresentava, “...assentes sobre seus princípios filosóficos, para já não falarmos dos teológicos, as suas ideias sobre métodos de ensino e sobre organização escolar.”¹¹⁰. No que aos métodos diz respeito, Coménio salientava como

99 *Ibidem*.

100 *Ibidem*.

101 *Ibidem*.

102 *Ibidem*.

103 *Ibidem*, p. 35.

104 Agostinho da Silva traduz a designação original daquela Igreja *Jednota Bratrská* por Fraterna Igreja, e não por União ou Unidade dos Irmãos, como diz que habitualmente se faz, porque crê que, assim, melhor se revela o seu espírito; também se lhe chama, muitas vezes, Irmãos Moravos.

105 Agostinho da Silva, “Fontes e Pontes do Futuro. Tema: Os precursores – Komensky”, em *ibidem*, p. 35.

106 *Ibidem*.

107 *Ibidem*.

108 *Ibidem*, p. 36.

109 “Didáctica, a que só vai chamar Magna depois de 1641” em Agostinho da Silva, “Fontes e Pontes do Futuro. Tema: Os precursores – Komensky”, em *ibidem*, p. 36.

110 *Ibidem*, p.36.

mais positivos aqueles que “...fizessem mais apelo à inteligência que à memória...”¹¹¹, sublinhando também que “...são as coisas e não as palavras o que se tem de oferecer como objecto de aprendizagem ou ensino...”¹¹². Nas aulas, propõe que os alunos “...mais experientes (...) guiem os de ainda jovem estada no mundo.”¹¹³ continuando aqueles primeiros o seu percurso “...o que, no entanto, os não dispensará de continuar aprendendo...”¹¹⁴.

Preconizava Comênio um percurso educativo a iniciar-se no seio da família, até a criança completar os seis anos de idade; nesta etapa da sua vida, seriam as respetivas mães a ir à escola¹¹⁵ com o objetivo de aprenderem a educar os seus filhos. Depois dessa idade e até aos doze anos, todas as crianças, sem exceção, frequentam a escola “...todos os alunos pertencentes a todas as classes sociais, sem escolas para ricos e para pobres...”¹¹⁶, cujo ensino se deverá fazer na língua vernácula, e não em latim.

Todas estas escolas possibilitariam o acesso às universidades, onde se privilegiava o ensino das ciências, mas nem todos os alunos aí ingressariam, já que “...só entrariam os melhores...”¹¹⁷. Estes, findo o respetivo percurso educativo com um grau universitário, deverão revelar como características fundamentais

“...uma contínua, sempre viva, curiosidade, um interesse total pelo progresso do mundo, uma devoção completa ao bem dos homens, um passar do interesse geral à frente do interesse próprio e uma indefectível vontade de que reinasse no universo a mais perfeita harmonia...”¹¹⁸.

2.3. Pestalozzi

2.3.1. A natureza da sua pessoa

Ainda em criança, já Pestalozzi (1746-1827)¹¹⁹ revelava a natureza de um espírito atento ao mundo que o rodeava, bem como a obstinação nas ações que decidia levar a

111 *Ibidem*, p. 35.

112 *Ibidem*, p. 36.

113 *Ibidem*.

114 *Ibidem*.

115 As Escolas Maternas.

116 Agostinho da Silva, “Fontes e Pontes do Futuro. Tema: Os precursores – Komensky”, em *ibidem*, p. 36. Para tal ser possível, cada aldeia tem uma escola.

117 *Ibidem*.

118 *Ibidem*.

119 Agostinho da Silva “A vida de Pestalozzi” em *Textos Pedagógicos I*, Lisboa, Âncora, 2000, pp. 129-187.

cabo “...era de uma raça teimosa...”¹²⁰ e, independentemente do elogio ou da vaia, firmemente prosseguia no caminho que traçara “...não atendia aos aplausos e aos gritos, continuava como quem cumpre uma tarefa, mas a cumpre com amor”¹²¹. Durante todo o seu percurso de vida, tal obstinação sempre o acompanhou “...jamais recuava perante as dificuldades, que sempre lhe apareciam vencidas; a vida erguia-se, frente a Pestalozzi, como uma construção de heroísmo, de obstinação e de forte amor, de virtude e de inteira devoção ao bem comum”¹²².

Agostinho diz-nos que Pestalozzi estava “...sempre disposto a colocar-se ao lado dos mais fracos”¹²³, salientando que esta sua postura na vida não significava, nem correspondia, à oposição aos outros mais ricos, já que compreendia também “...a tragédia moral do rico...”, e isso “...enche-o de compaixão e tristeza”¹²⁴. Poder-se-á afirmar, assim, que “...o seu amor ia para todos os homens, sem distinção de classes; em todos encontrava qualidades idênticas, apenas favorecidas ou deformadas pelas condições económicas ou pela educação recebida”¹²⁵.

Todo o seu pensamento e respetiva postura na vida eram enformados pela ideia de um Deus que a tudo e a todos abarca “...o seu Deus não cabia na estreiteza das paredes, nos ritos acanhados...”¹²⁶, pelo que “...nenhuma igreja o atraía...”¹²⁷, mas era “...seu único templo a humanidade divina e lamentável”¹²⁸ e “...seu único dogma (...) o amor ao próximo...”¹²⁹. Assim, Pestalozzi compreendia intimamente que, no mundo, “...Deus criava-se criando-o”¹³⁰, e sentia que havia algo “...mais vasto e belo...”¹³¹ que o movia, no sentido em que ele deveria contribuir “...para que o reino de Deus – feito de harmonia e de abundância – se estabeleça na terra.”¹³².

120 O seu nome completo era Johann Heinrich Pestalozzi, pelo que Agostinho da Silva por vezes se lhe refere como João Henrique. Agostinho da Silva “A vida de Pestalozzi” em *ibidem*, p.137.

121 Agostinho da Silva, “Vida de Pestalozzi”, em *ibidem*, p. 134.

122 *Ibidem*, p. 135.

123 *Ibidem*, p. 137.

124 *Ibidem*, p. 145.

125 *Ibidem*, p. 171.

126 *Ibidem*, p. 138.

127 *Ibidem*.

128 *Ibidem*, p. 139.

129 *Ibidem*.

130 *Ibidem*, p. 138.

131 *Ibidem*.

132 *Ibidem*.

2.3.2. Uma missão pedagógica

2.3.2.1. A descoberta da vocação

Pestalozzi, nas palavras de Agostinho “Não viera ao mundo talhado para a monótona existência, para o deixar no mesmo estado em que o vira ao chegar”¹³³.

Depois de uma experiência gorada a que se lançara inicialmente como proprietário agrícola, já que acreditava que desse modo poderia ajudar, com novas técnicas de cultivo, os “...pobres lavradores que a fadiga derruba e a fome espreita...”¹³⁴, Pestalozzi terá depois considerado, nessa falência, “...certos aspectos de providência...”¹³⁵, acabando por concluir que “Querer ser proprietário fora um engano...”¹³⁶. Tal acontecera “...por se ter deixado desviar da missão que o espírito lhe tinha confiado”¹³⁷, pelo que seria necessário corrigir o seu percurso de acordo com essa mesma missão, o que aconteceria “...desde que se decidisse a seguir realmente o que era a sua vocação...”¹³⁸.

Querendo dedicar a sua vida a tornar a dos outros “...mais fácil e mais bela...”¹³⁹, e sensível às questões educativas que cria possibilitarem esse anseio, “...reclamava para todo o cidadão, fosse qual fosse a sua condição social, a educação elementar a que tinha direito a sua natureza de homem...”¹⁴⁰, acrescentando que “...o progresso filosófico e o progresso literário viriam depois...”¹⁴¹.

E foi então que lhe surgiu a vontade de realizar uma vida de educador, para o que converteu a sua casa e respetivas terras em escola¹⁴², cujo principal objetivo não seria ensinar a ler, escrever e contar, mas teria esta escola “...como ideal supremo o formar homens...”¹⁴³, já que desse modo “...se poderá renovar a face da terra...”¹⁴⁴. Localizando-se no campo, proporcionaria o saudável e imprescindível “...contacto com a Natureza...”¹⁴⁵.

133 *Ibidem*, p. 139.

134 *Ibidem*, pp. 139-140.

135 *Ibidem*, p. 143.

136 *Ibidem*, p. 144.

137 *Ibidem*, p. 182.

138 *Ibidem*.

139 *Ibidem*, p. 138.

140 *Ibidem*, p. 137.

141 *Ibidem*.

142 Essas terras localizavam-se em Neuhof; como tal, a escola que aí fundou passou a ser conhecida como Instituto Neuhof.

143 Agostinho da Silva, “Vida de Pestalozzi”, em *ibidem*, p. 144.

144 *Ibidem*.

145 *Ibidem*, p. 148.

Sempre com a preocupação em “...cuidar dos pobres...”¹⁴⁶ de acordo com o “...seu ideal de uma vida luminosa...”¹⁴⁷ para todos, compreendeu que, dos adultos, “...poucos serão os que tenham ficado (...) com as almas infantilmente cheias de curiosidade e de poéticos projectos...”¹⁴⁸, pelo que a sua ação melhor se adequaria aos mais novos, já que estes “...são a Primavera da terra e por eles hão-de vir os frutos saborosos e belos...”¹⁴⁹.

2.3.2.2. As instituições educativas

Num rápido périplo pelas instituições onde exerceu a sua ação educativa, contam-se e ordenam-se cinco: o Instituto Neuhof, que fundou na sua casa em 1774, e que incluía asilo e oficina, tendo como alunos “...todos os meninos pobres que a casa comportar...”¹⁵⁰; Stanz, que dirigiu, e onde se propôs “...viver entre crianças pobres (...) reeducar...”¹⁵¹; Burgdorf, onde foi mestre escola, numa escola de crianças pobres dirigida por um sapateiro que trabalhava e vivia na mesma sala onde Pestalozzi ensinava; ainda em Burgdorf, desta vez numa escola frequentada por meninos ricos e, como a respetiva diretora compreendeu e se identificou com os métodos de Pestalozzi, foi-lhe disponibilizado um castelo “...para instalar aí um instituto que fosse ao mesmo tempo uma escola primária e uma escola normal...”¹⁵²; Yverdon, com características semelhantes à anterior; e, finalmente, regresso a Neuhof, onde se propôs “...fundar uma escola idêntica à que tinha criado meio século antes”¹⁵³, mas que acabou por não abrir porque viria a falecer pouco antes das respetivas obras de edificação se encontrarem concluídas.

O abandono de cada escola, alheio à sua vontade¹⁵⁴, foi acompanhado de grande pesar por parte de Pestalozzi, o que não o impediu de, persistente e constantemente, avançar

146 *Ibidem*, p. 145.

147 *Ibidem*.

148 *Ibidem*, pp. 144-145.

149 *Ibidem*, p. 145.

150 *Ibidem*.

151 Cf. *ibidem*, p. 163. Os alunos eram órfãos de uma cidade destruída pela guerra, funcionando a escola nas instalações de um antigo convento de monjas

152 Agostinho da Silva, “Vida de Pestalozzi”, p. 171.

153 *Ibidem*, p. 184.

154 Viu-se obrigado a encerrar o Instituto Neuhof por falta de dinheiro; o Instituto em Stanz passou a funcionar como hospital militar; em Burgdhorf, foi expulso da primeira escola devido a intrigas do sapateiro e, depois, foi obrigado a abandonar a segunda escola para que as suas instalações servissem para câmara e prisão da cidade; de novo questões financeiras terão estado na origem da sua saída de Yverdon. Segundo Agostinho da Silva, tanto a escola de Stanz como a segunda escola de Burgdhorf

sempre no caminho a que se propusera, e que realça "...o valor daquele homem (...) que atravessara corajoso toda a lama da vida do seu tempo, para guiar os outros pelo largo caminho do futuro..."¹⁵⁵.

2.3.3. O processo de ensino e aprendizagem

A experiência de Pestalozzi, enquanto aluno, na sua escola, frequentada maioritariamente por crianças oriundas de famílias extremamente pobres, bem como o comportamento dos respetivos professores para com elas, mostrou-lhe aspetos muito negativos que urgia transformar: a maioria dos professores eram violentes com os alunos, enquanto que outros os ignoravam "...conforme os professores, reinavam a severidade ou o desleixo..."¹⁵⁶.

2.3.3.1. Em contacto com a Vida

O que essencialmente caracteriza e fundamenta os métodos pedagógicos de Pestalozzi será a sua natureza espontânea que o amor pela humanidade faria emergir "...o que valia em Pestalozzi (...) era não ser tudo isto uma receita que se aprendeu e se aplica; naturalmente o fazia..."¹⁵⁷ sendo, desse modo, "...todos penetrados do entusiasmo e da vontade do mestre..."¹⁵⁸.

Consonante com tal atitude, Pestalozzi acreditava que a escola deve ser "...uma experiência de vida..."¹⁵⁹ nas várias dimensões que tal pode significar, pelo que disponibilizar aprendizagem aos alunos a partir do seu contacto o mais próximo possível com a natureza é fundamental "...frequentemente, passeavam com ele pela borda do rio e voltavam para a escola ajouçados de pedras de que Pestalozzi (...) lhes ensinava os nomes..."¹⁶⁰. Tal como o é, também, o contacto com as realidades da vida do dia a dia com que os alunos se deverão confrontar como, por exemplo, o trabalho nos campos e nas oficinas: em Neuhof, "De verão labutavam nos campos (...) No Inverno (...) funcionavam as oficinas; os pequenos aprendiam a fiar e a tecer..."¹⁶¹.

terão sido extintas devido às más vontades de determinados indivíduos e instituições, os quais terão engendrado dinâmicas para, legitimamente, destruírem aquelas escolas.

155 Agostinho da Silva, "Vida de Pestalozzi", p. 176.

156 *Ibidem*, p. 133.

157 *Ibidem*, p. 149.

158 *Ibidem*, p. 167.

159 *Ibidem*, p. 146.

160 *Ibidem*, p. 170.

161 *Ibidem*, p. 147.

E aí, sempre que possível associado aos requisitos daqueles trabalhos porquanto toda a aprendizagem se deve desenvolver “...ao contacto do real e do concreto...”¹⁶², paralelamente “...iam aprendendo o cálculo, a escrita, a leitura, o desenho”¹⁶³.

Pestalozzi introduzira, nas aulas, o trabalho de grupo que “...punha no espírito de muitos o contagioso desejo de servir e colaborar na faina comum...”¹⁶⁴, e também a prática da ginástica e de jogos com o objetivo de contribuir para bem “...lhes formar o corpo e o espírito...”¹⁶⁵.

Abolira a imposição tanto de castigos como de prémios, porque os primeiros “...ferem a dignidade humana que ele, precisamente, queria salvar e desenvolver...”¹⁶⁶, e os segundos “...alimentam a vaidade e dissimulação...”¹⁶⁷ que, por sua vez, queria fazer desaparecer.

E como, para Pestalozzi, a vida deve ser simples, de igual modo o serão as respetivas necessidades básicas como a alimentação, que nas suas escolas, é frugal em “...todas as (...) refeições...”¹⁶⁸.

2.3.3.2. Alunos e Professores: uma relação de afetividade

Desde os seus primeiros tempos como professor, revelara Pestalozzi uma atitude muito diferente da considerada, à época, como normal: perante os alunos de Neuhoof que se lhe apresentaram tão sofridos, “...as lágrimas corriam nas faces de Pestalozzi...”¹⁶⁹, e isso causou estranheza “...as crianças começavam a contemplar com espanto o homem alto e magro que chorava.”¹⁷⁰, tal como quando os alunos pobres de Burgdorf “...viram com espanto que o novo professor não batia...”¹⁷¹.

Assim, a relação que Pestalozzi estabelecia e mantinha com os seus alunos era marcada por um forte cunho de afetividade, “...da paciência e da bondade, da compreensão e confiança...”¹⁷², como a saudável relação entre pai e filhos “...sabia contar histórias, os

162 *Ibidem*, p. 167.

163 *Ibidem*, p. 148.

164 *Ibidem*, p. 166.

165 *Ibidem*, p. 176.

166 *Ibidem*, p. 177.

167 *Ibidem*.

168 *Ibidem*, p. 176. Esta era a regra, independentemente de se tratar de escolas com mais ou menos recursos materiais.

169 Agostinho da Silva, “Vida de Pestalozzi”, em *ibidem*, p. 165.

170 *Ibidem*.

171 *Ibidem*, p. 170.

172 *Ibidem*, p. 177.

sentava nos joelhos...”¹⁷³, era amigo de confiança e a todos apoiava com “...os seus conselhos (...) num tom afectuoso, entre sorrisos e palmadas nas costas”¹⁷⁴, andando “...por entre os bancos a ajudá-los nas dificuldades que encontravam...”¹⁷⁵. Os alunos, “...que o adoravam pela afabilidade, pela atenção que os cercava...”¹⁷⁶, sabiam que tinham nele um amigo sincero e disponível. Consciente disto, Pestalozzi promovia privilegiadamente essa relação professor-alunos no contexto das aulas de desporto, onde “...os mestres praticavam juntamente com os alunos; as relações que se travam nos desportos entre o professor e o rapaz unem mais que todas as aulas e preparam melhor do que outro meio qualquer o terreno de ensino...”¹⁷⁷.

2.3.3.3. O professor segue os alunos

Neste âmbito, a competência essencial do professor será a expressão de amor e afeto para com os alunos, a que se associa a sua atividade, “...toda feita de perpétua invenção...”¹⁷⁸, e não outras como a ciência e a técnica “...bem via Pestalozzi que não é a ciência a qualidade fundamental do professor e que as técnicas se podem adquirir com relativa facilidade”¹⁷⁹.

O modo por que se deverá conduzir, nas aulas, dependerá sempre da ação que lhe imprimirem os alunos, cabendo ao professor colocar-se em segundo plano, apenas orientando e “...ensinar a fazer...”¹⁸⁰ quando para isso for solicitado, e nunca se substituir, na ação, ao aluno, já que “...o professor que faz, embotando a iniciativa do aluno, o que o impede de agir, é um mau professor...”¹⁸¹.

Para que tal possa acontecer, os alunos merecer-lhe-ão atenção individualizada: “O ensino não se dirigia a uma classe mediana, abstracta e falsa, mas a cada um dos alunos, concretamente...”¹⁸². Para tanto, o professor tinha que conhecer cada um dos seus alunos, estudava “...os casos pessoais e graduava o trabalho ou propunha as matérias, segundo o progresso dos rapazes e os tratamentos diversos que naturalmente

173 *Ibidem*, p. 170.

174 *Ibidem*.

175 *Ibidem*,

176 *Ibidem*, p. 148.

177 Em Yverdon, onde havia também uma escola normal. 176

178 Agostinho da Silva, “Vida de Pestalozzi”, em *ibidem*, p. 172.

179 *Ibidem*, p. 171.

180 *Ibidem*, p. 146.

181 *Ibidem*.

182 *Ibidem*, p. 177.

requeriam”¹⁸³. Como “...as classes eram móveis...”¹⁸⁴, consoante o grau de conhecimento que cada aluno revelava por disciplina, ia passando “...de uma para outra...”¹⁸⁵.

Neste contexto, Pestalozzi “...não concebia o professor senão humilde e modesto, todo entregue à sua grande missão e desprezando todas as honrarias e atracções do mundo...”¹⁸⁶, missão que, nessas condições, realizaria sempre “...com alegria...”¹⁸⁷ – até ao tempo em que “...pelo progresso dos métodos, a escola aprenda a dispensar o mestre...”¹⁸⁸.

2.3.3.4. Bons resultados

Já desde Neuhof que os resultados da sua educação, contrariamente ao que muitos preconizavam, eram bons pois “...os alunos (...) aprendiam com entusiasmo, faziam rápidos progressos”¹⁸⁹, gostando de aprender e sobretudo da forma como eram ensinados. Neste contexto, também “...a questão da disciplina raramente se punha...”¹⁹⁰, já que os alunos se encontravam constantemente absorvidos e interessados “...cada qual pela sua tarefa...”¹⁹¹. Tais resultados confirmavam a Pestalozzi que “...era bom o caminho que trilhava; a sua escola obtinha melhores resultados do que as outras; em nenhuma se respirava um tal ar de liberdade e confiança recíproca...”¹⁹².

Por ser bom esse caminho, Pestalozzi decidiu-se a partilhar e a disseminar o mais possível o seu pensamento e respetivo método educativo, dedicando-se a escrever, com a convicção de que “Mais depressa se espalhará a palavra que a obra...”¹⁹³.

2.3.4. A obra escrita: a educação pode salvar a humanidade

Pestalozzi escreveu dois livros¹⁹⁴ sob a forma de romance: *Leonardo e Gertrudes*; e *Como Gertrudes Ensina os Seus Filhos*.

183 *Ibidem*.

184 *Ibidem*.

185 *Ibidem*.

186 *Ibidem*, p. 172.

187 *Ibidem*, p. 163.

188 *Ibidem*, p. 149.

189 *Ibidem*, p. 148.

190 *Ibidem*, p. 177.

191 *Ibidem*, p. 177.

192 *Ibidem*, p. 149.

193 A sua decisão de escrever deveu-se, em grande parte, ao encerramento do Instituto Neuhof a que se viu obrigado, por falta de condições financeiras para o manter aberto; acrescenta-se que, nesta citação, a palavra *obra* se refere à escola realizada e respetiva pedagogia. 152

O autor afirmava frequentemente que, em geral, “...o interesse do método e do livro estava exactamente em que, pela sua perfeita apreensão, os poderiam e deveriam dispensar...”¹⁹⁵. Especificamente no que a esta obra diz respeito, pretendia o autor que a mesma fosse utilizada como “...alavanca que se põe de parte, depois de removida a carga; o seu desejo era que, volvidos poucos anos, ninguém mais falasse do romance, por se ter alcançado tudo que ele pretendia obter...”¹⁹⁶.

Na sua obra, Pestalozzi denunciou o que considerava como os “...grandes males que então afligiam o povo”¹⁹⁷, os quais consistiam numa “...dependência económica em que o lançava a organização social...”¹⁹⁸ com a conseqüente impossibilidade do desenvolvimento das “...boas sementes de honradez, de altruísmo e de amor da beleza que encerrava dentro de si o espírito do povo”¹⁹⁹. Em seguida, identificou a solução para acabar com tais males, a qual se encontraria no gozo da liberdade plena, pois “...só quando se quebrarem os laços de dinheiro que prendem homem a homem se terá atingido a estrutura social conveniente ao desenvolvimento da nossa natureza divina...”²⁰⁰. Mas, como nas condições em que se vivia isso não era ainda possível, Pestalozzi apelou à urgência de “...conceder ao povo um nível de vida mais alto, mais humano”²⁰¹ e, paralelamente, a abertura de mais escolas no sentido de satisfazer as “...necessidades primordiais que constituem a própria essência da alma...”²⁰². Se tal abertura não se concretizasse, então aconteceria uma “...animalização cada vez mais profunda”²⁰³ dos seres humanos, ao invés da sua divinização.

2.3.4.1. O método de Pestalozzi pelo mundo

Tal como Pestalozzi pretendia, com a publicação dos seus livros disseminou-se o conhecimento do seu método pedagógico e respetivo fundamento, o que aconteceu

194 O primeiro foi escrito, como referido, aquando do encerramento do Instituto Neuuhof; e o segundo na segunda escola de Burgdorf.

195 Agostinho da Silva, “Vida de Pestalozzi”, em *ibidem*, p. 172.

196 *Ibidem*, p. 154.

197 *Ibidem*, p. 153.

198 *Ibidem*.

199 *Ibidem*, p. 154.

200 *Ibidem*.

201 *Ibidem*.

202 *Ibidem*.

203 *Ibidem*.

também para além fronteiras “...o nome de Pestalozzi num momento se espalha na Suíça e na Alemanha, começa a entrar noutros países”²⁰⁴.

Igualmente o nome do Instituto Burgdorf ficou conhecido nos mesmos países, convertendo-se esta escola e respetivo mentor em modelos pedagógicos a seguir “...o êxito de *Gertrudes* trazia a Burgdorf, a visitarem Pestalozzi e a escola, todos os que se interessavam na Europa pelos progressos pedagógicos (...) quando regressavam às suas pátrias, logo fundavam escolas que seguiam fielmente os preceitos de Pestalozzi...”²⁰⁵.

Para seguir o mais fielmente possível aqueles preceitos, o seu autor era frequentemente solicitado pelos governos desses países a “...que lhes enviasse instruções e planos...”²⁰⁶; e Pestalozzi receava que, depois de ali implantados e fundadas as respetivas escolas, se “...viesse a produzir apenas as linhas rígidas e secas de uma guia”²⁰⁷.

204 *Ibidem*, p. 153.

205 *Ibidem*, p. 172.

206 *Ibidem*.

207 *Ibidem*.

CAPÍTULO IV

**A Educação como caminho para a (re)emergência da
Criança:
uma Universidade Diversidade Agostiniana**

“...escola não serve para nada se não for centrada no educando e no seu devir como homem de uma sociedade livre e criadora...”

Agostinho da Silva “Deseducação à força” em *Vida Mundial*, 1 de Setembro de 1972, p. 27.

“...servindo às crianças, não mandando-as, aprendendo com elas muita imaginação, muita poesia, muita sensibilidade, muita real humanidade (...), modelando-se sobre a criança...”

Agostinho da Silva “Tema: Liberdade Escolar” em *Vida Mundial*, 21 de julho de 1972, p. 31.

1. Escola Nova

1.1. Introdução

Vejam, então, com mais atenção, como Agostinho da Silva aprecia o movimento da Educação Nova ao longo do seu pensamento no sentido de por mais a claro a forma como essas ideias percorrem toda a sua vida e a sua obra, que no caso em apreço se confundem com a sua teoria e prática pedagógica. Para o pedagogo português sempre foi claro que “...o que é fora de dúvida é que qualquer método da escola nova, com todas as deficiências, vale muito mais que a escola antiga, que é, toda ela, uma enorme deficiência”¹. Afinal, na vida de cada um, “O saber tem importância, mas não muita; o poder criador vale mais (...); o mestre tem de ser um artista e não um sábio”², sendo por isso necessário “...introduzir na escola a energia criadora que dela tem estado tão ausente”³.

As novas pedagogias têm, assim, que estar ao serviço da criança e esta não pode ser vista como um pequeno homem ou tábua rasa que é necessário preencher, mas como um ser único cuja psicologia é muito diferente da do adulto. Toda a pedagogia deve, então, ir no sentido de preservar essas características que mantêm a especificidade e a autonomia desse ser em desenvolvimento.

Contudo, a realidade nem sempre confirma os avanços da ciência e, por isso, tal como Agostinho nos lembra

“Todas as reformas de ensino vão sempre, naturalmente, no sentido de tornar a escola mais eficiente, não no sentido de a eliminar; no sentido de mostrar às crianças toda a majestade do saber do adulto, em lugar de lhes descobrir o quanto eles ignoram; no sentido de lhes inculcar no ânimo que é sempre o adulto que têm de imitar, nunca no sentido de solicitar que ensinem elas ao adulto como pode ele restabelecer a aliança quebrada...”⁴.

Tal atitude que propaga a mudança pedagógica, mas mantém tudo na mesma tem, então, que ser contrariada. Enquanto pedagogos, devemos contrariar a ideia de que educar significa

1 Agostinho da Silva “O Método Montessori”, em *Textos Pedagógicos I*, Lisboa, Âncora, 2000, p. 231.

2 Agostinho da Silva, “Frantisek Bakulé”, em *Peregrinação*, nº 5, junho de 1984, p. 15.

3 *Ibidem*, p. 15.

4 Idem, “Ecúmena”, em *Dispersos*, 2ª ed., Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989, pp. 235-236.

“...o empurrar de meninos (...) empurramo-los para o ler, o escrever e o contar, mesmo que o não queiram, já que a escola é obrigatória, até mais obrigatória que a vida (...) mais tarde o empurramos para o liceu e para os cursos técnicos, para a universidade (...). Empurra-se o menino, empurra-se o adolescente, empurra-se o adulto: somos todos uns excelentes pedagogos: empurramos”⁵.

A todos aqueles que estão implicados na educação das gerações mais novas, compete inverter o papel que as escolas continuam a desempenhar, no seio das quais “...o que fazemos é criar cabeças cúbicas. E nós como perdemos essa memória do cúbico, o que dizemos é que a maior parte das vezes, a pessoa sai da escola sendo uma besta quadrada”⁶.

Para Agostinho da Silva o processo educativo deve, essencialmente, ser capaz de dar expressão às capacidades criadoras de cada um, à sua singularidade, e não transformar os indivíduos em meros produtores e consumidores. Realisticamente, diz-nos que

“As escolas realmente novas, as de um Tolstoi, as de um Sanderson, as de um Washburne, as de um Ligthard, as de um Faria de Vasconcelos, as de uma Armanda Alberto são apenas relâmpagos de esperança, logo abafadas pelas realidades dos sistemas económicos (...) dos sistemas políticos (...) das religiões instituídas e convencionais (...). Escolas de visionários, de anarquistas e de loucos: escolas em que a iniciativa é da criança, a que o adulto assiste e em que aprende, ou reaprende a ter imaginação, a criticar, a se integrar no jogo como num trabalho ou no trabalho como num jogo, a sonhar considerando o sonho como actividade necessária e legítima...”⁷.

Fundamentalmente, ao refletir sobre a educação nova, este pedagogo propõe-nos uma abordagem educativa onde

“...a vida inteira tem que ser escola para todos e que o caminho para esse ideal é o das escolas cada vez mais abertas, cada vez com menos predomínio dos professores, cada vez mais centradas nas possibilidades criadoras da criança. Homens que finalmente olhem todos que pensam como seus irmãos, não como adversários que se trata de destruir ou de captar por manhoso artifício ou suborno, ou pressão económica”⁸.

5 Agostinho da Silva, *Namorando o amanhã*, Alhos Vedros, Cooperativa de Animação Cultural de Alhos Vedros, 1996, p. 44.

6 *Ibidem*.

7 Idem, “Ecúmena”, em *ibidem*, p. 236.

8 Idem, “Nota a cinco fascículos”, em *Dispersos*, p. 543.

Portanto, para que a mudança realmente aconteça é preciso, ainda, substituir a palavra pedagogia “...por outra, a de anagogia, ou acto de levar para cima ou fazer subir...”⁹ pois até hoje temos sido “...instruídos para não crermos em nós, (mas) para nos submetemos, para obedecer, não para criar, que foi ao que viemos; venha pois a anagogia, o caminho para cima, o mais depressa possível”¹⁰.

1.2. A Revolução de Maria Montessori

1.2.1. Médica, apesar de todos

Maria Montessori (1870-1952) foi a primeira mulher a tornar-se médica em Itália o que, por si só, revela já a sua natureza determinada na prossecução de um objetivo. Ela “Ousou seguir a carreira que estava na sua época reservada aos homens...”¹¹, e para isso “...arrostou com todas as oposições, venceu uma a uma as resistências, impôs-se pelo seu gosto do estudo...”¹². A este respeito, Agostinho da Silva afirma que “...não o fez para competir, mas para que plenamente se exprimisse a pessoa que era...”¹³, já que se encontraria subjacente a esta sua decisão a “...ânsia de servir a Humanidade...”¹⁴.

Concluído o respetivo curso, e porque se interessava pelas doenças relacionadas com o sistema nervoso, seguiu pelo domínio da psiquiatria. Aqui, mereceram a sua especial dedicação as crianças deficientes mentais “...toda a sua alma se confrangia ante os pobres seres que um duro destino aniquilara...”¹⁵, e que lhe traziam insistentemente à memória “...as palavras de Jesus sobre os pequeninos (...) que o reino de Deus se não poderia construir sem a ajuda da criança.”¹⁶, as quais faziam eco na sua própria natureza.

1.2.2. O apelo da educação

Decidida então a melhorar a vida destas crianças “...ante os quais a medicina pouco podia...”¹⁷, propôs-se Montessori percorrer outros necessários caminhos, passando a dedicar-se inteiramente ao estudo dos trabalhos existentes sobre a educação destas

9 Idem, “Composição do Brasil”, em *Dispersos*, p. 559.

10 *Ibidem*.

11 Idem, “Celebrando Maria Montessori” em *Vida Mundial*, 23 de junho de 1971, p. 38.

12 Agostinho da Silva, “O Método Montessori” em *Textos pedagógicos I*, p. 189.

13 Idem, “Celebrando Maria Montessori”, em *ibidem*, p. 38.

14 Agostinho da Silva, “O Método Montessori” em *ibidem*, p. 189.

15 *Ibidem*, pp. 189-190.

16 *Ibidem*, p. 190.

17 *Ibidem*, p. 190.

crianças, que não abundavam. Conheceu, assim, o método de educação de Itard¹⁸ e, depois, as experiências de Séguin, das quais resultou "...a primeira escola para anormais..."¹⁹.

Convencida de que o desenvolvimento destas crianças se deveria fazer no âmbito da educação, enveredou por essa área "...se a educação (...) a atraía era por esse caminho que devia seguir..."²⁰. Maria Montessori defendia que era necessário "...construir escolas onde se aperfeiçoassem (...) os métodos de Séguin e onde ao mesmo tempo se pudessem formar os professores..."²¹.

Com o objetivo de mobilizar outros para esta ação, fez várias conferências onde apresentava a sua tese, as quais "...despertaram o interesse de todos os que se dedicavam ao assunto..."²², o que resultou na fundação de uma escola com internato para crianças anormais e para respetivos professores "...um mestre sem preparação compromete os resultados de um método, por melhor que este seja..."²³.

Montessori entregara-se incansavelmente à sua missão: viajava para conhecer o que de novo se fazia em outros países, "...instruía os mestres, observava os alunos, redigia as suas notas, atendia a consultas..."²⁴, e entrava em contacto com todos aqueles que a podiam ajudar. Para além disto, ainda criou o seu próprio material didático. Todo este esforço resultou, já que "...os anormais que educara, submetidos a exame nas escolas públicas, prestaram provas tão boas como as dos alunos normais..."²⁵

1.2.3. As Casas das Crianças pelo mundo

Perante tal êxito, um novo problema lhe surgia, e também uma possível resposta: "...como era possível que alunos anormais quase batessem os normais? Só havia uma explicação: a de que as escolas de normais estavam mal organizadas, a de que os

18 Jean Itard (1774-1838) construiu o seu método de educação com base numa observação metódica de uma criança do sexo masculino de cerca de 12 anos de idade, encontrada em França, no bosque de Aveyron - onde vivia privada de contacto humano, portanto, privada de educação. Itard escreveu "Memória e Relatório sobre Vítor de Aveyron", onde descreve detalhadamente toda a experiência. Foi este Relatório que Maria Montessori estudou.

19 Edouard Séguin foi professor e médico; fez uma série de experiências pedagógicas com crianças doentes mentais internadas numa casa de saúde, durante dez anos, das quais resultou aquela escola. 190

20 Agostinho da Silva, "Celebrando Maria Montessori", em *ibidem*, p. 38. Aqui, Agostinho da Silva acrescenta que "...e até vendo na clínica rendosa e na boa posição social muito mais perigos que vantagem."

21 Agostinho da Silva, "O Método Montessori" em *ibidem*, pp. 190-191.

22 *Ibidem*, p. 191.

23 *Ibidem*.

24 *Ibidem*, p. 192.

25 *Ibidem*.

métodos eram péssimos e sacrificavam todas as possibilidades que a Natureza, generosamente, tinha distribuído à maior parte das crianças...”²⁶.

A ser assim, tornava-se imperioso “...libertar os milhões de espíritos que implacavelmente as máquinas escolares diminuía ou esmagavam...”²⁷. Para tal tarefa, Montessori “...tinha de preparar-se cuidadosamente, antes de se lançar pelo novo caminho que se abria.”²⁸. E regressou aos estudos.

Traduziu os livros de Itard e de Séguin para a língua italiana, “...para que cada palavra se lhe gravasse indelevelmente no espírito...”²⁹, e frequenta as aulas de Psicologia Experimental e de Pedagogia; sempre que lho permitem, assiste a aulas em escolas elementares, “...inquirindo junto dos professores dos métodos seguidos e dos resultados obtidos...”³⁰.

Este visível interesse conduziu à sua nomeação para a cadeira de Antropologia Pedagógica de Roma, “...lugar em que podia exercer uma grande influência, expondo as suas ideias sobre o ensino elementar...”³¹. Neste âmbito, tratou de fundar uma Escola Normal que incluísse classes de experiência, onde a “...reforma de métodos e a preparação de professores - iriam a par, como da outra vez...”³².

Confrontada com questões burocráticas que bloqueavam a possibilidade de experimentar na escola oficial, conseguiu finalmente o seu objetivo: uma construtora propôs-lhe, em 1906, “...aquietar e entreter...”³³ as crianças daquela zona desfavorecida que vandalizavam os seus prédios, para o que “...estavam dispostos a ceder-lhe uma sala em cada “bloco” e a pagar-lhe o pessoal necessário.”³⁴. Iniciaram-se, assim, as chamadas *Casa dei Bambini* ou Casas das Crianças de Montessori, com a abertura da primeira em 1907.

Devido aos excelentes resultados que esta alcançou, “...as perspectivas eram brilhantes, porque a empresa possuía já quatrocentos prédios, e quatrocentas escolas Montessori seriam mais que o bastante para impor o método a toda a Itália e depois ao resto do mundo.”³⁵, o que se veio a concretizar. De vários pontos do mundo chegavam a Roma

26 *Ibidem*.

27 *Ibidem*.

28 *Ibidem*.

29 *Ibidem*.

30 *Ibidem*, p. 193.

31 *Ibidem*.

32 *Ibidem*.

33 *Ibidem*, p. 194.

34 *Ibidem*.

35 *Ibidem*, p. 195.

educadores para visitar as *Casa dei Bambini* e, quando regressavam aos seus países, “...falavam de crianças novas (...) que Maria Montessori soubera criar...”³⁶, e aí fundavam escolas seguindo o método Montessori.

1.2.4. Da biologia para a educação

Como nos diz Agostinho a respeito de Montessori “Quem tem coragem é; quem sabe actua; quem acredita inova. Nesta sua trindade, toda ela se resumindo em amor (...), se alicerçou Montessori para a sua teoria da criança, do professor e da escola...”³⁷.

A pedagoga italiana foi buscar os fundamentos do seu método sobretudo à biologia, e particularmente a estes dois conceitos: a *tendência íntima* de Lamarck; e o *sensibilismo* de De Vries³⁸. O primeiro consiste num ‘impulso vital’ interior que todos traremos ao nascer, e “...o que há de fundamental na criança e no seu desenvolvimento depende da qualidade, da força, do poder vital do seu impulso interior”³⁹; relativamente ao segundo, De Vries afirmava que passamos por uma série de estados ou períodos no decurso do desenvolvimento, correspondendo a cada um deles uma determinada sensibilidade específica, e “...logo que se fez a passagem de um estado para o outro a sensibilidade cessa de se manifestar...”⁴⁰ pelo que os indivíduos, no caso de terem sido artificialmente “...impedidos de fazer os movimentos a que essa sensibilidade particularizada os incitava, nunca mais os poderão repetir...”⁴¹ de forma natural.

Como sublinha Agostinho da Silva, “A insistência no factor íntimo do desenvolvimento e no aproveitamento dos períodos sensíveis (...) é fundamental no sistema da Montessori...”⁴². Assim, na moldura que estes dois conceitos formam e no que à educação diz respeito, considera Maria Montessori que “...o impulso vital da criança é soberano e o único operário capaz de construir o ser que se espera que surja...”⁴³ e, para que tal ocorra, deverá ela poder dispor de “...um ambiente favorável de que façam parte todos os elementos que a tendência a viver solicita e cuja existência é indispensável para que possa realizar a sua obra.”⁴⁴. Contudo, adverte para que “...toda a intervenção sobre

36 *Ibidem*.

37 Agostinho da Silva, “Celebrando Maria Montessori”, em *ibidem*, p. 39.

38 Lamarck (1744-1829) e De Vries (1848-1935) são evolucionistas.

39 Agostinho da Silva, “O Método Montessori”, em *ibidem*, p. 197.

40 *Ibidem*, p. 196.

41 *Ibidem*, p. 196.

42 *Ibidem*, p. 201.

43 *Ibidem*, p. 197.

44 *Ibidem*, p. 198.

a criança que não seja uma criação do ambiente favorável é uma mutilação...”⁴⁵. Em tal perspectiva, “...toda a educação verdadeira e sólida é uma auto-educação.”⁴⁶.

1.2.5. O ambiente da escola: à medida e escolha da criança

Pelo anteriormente exposto, podemos compreender a grande relevância que Maria Montessori dá ao ambiente em que se desenvolve a criança. Como tal, nas suas escolas “...tudo é construído pensando na criança; as paredes são de cores alegres, as janelas e as portas têm fechos baixos...”⁴⁷, tal como o mobiliário, que é feito de madeira leve para ser manipulado pelas próprias crianças, prescindindo ao máximo da ajuda do adulto.

Também na utilização do material didático propriamente dito⁴⁸ se procura dispensar a necessidade de intervenção do adulto; quando se engana, o próprio objeto “...mostra à criança que cometeu um erro...”⁴⁹, e ela tentará novamente “...a criança não vê fazer, faz; e só o fazer é realmente educativo”⁵⁰. A este propósito, considera Montessori que “...o primeiro acto de inteligência é a distinção de diferenças; ora, nas suas escolas, desde muito cedo a criança se habitua, por meio do material, a discriminar pesos, cores, formas, extensões.”⁵¹, por ela própria e através da manipulação do respetivo material.

Qualquer objeto com que a criança se ocupe corresponderá à sua própria escolha “...o critério é exclusivamente o do interesse; se o material corresponde aos impulsos íntimos da criança, não se cansará de o utilizar, repetindo os exercícios, dezenas de vezes seguidas, sempre com a mesma alegria de criação.”⁵².

Relativamente às questões relacionadas com a disciplina, estas nem sequer se colocam “...a indisciplina é desconhecida nas classes que adoptaram o método Montessori...”⁵³, já que o clima que se vive nas aulas onde “...o trabalho não imposto, a liberdade que só tem por limites (...) a liberdade dos outros, o interesse sincero por tudo quanto se diz...”⁵⁴, em paralelo com o convívio diário com adultos que se procura que “...sejam

45 *Ibidem*, p. 199.

46 *Ibidem*.

47 *Ibidem*, pp. 209-210.

48 Este material foi adaptado e criado por Montessori, como já houve oportunidade de referir. Dirige-se geralmente à educação dos sentidos.

49 Agostinho da Silva, “O Método Montessori”, em *ibidem*, p. 214.

50 *Ibidem*.

51 *Ibidem*.

52 *Ibidem*, p. 213.

53 *Ibidem*, p. 211.

54 *Ibidem*.

profundamente morais, nos mínimos actos da sua vida...”⁵⁵, traduz um modo de viver que as crianças assimilam, e que “...é verdadeiramente moral”⁵⁶, no sentido em que se encontra “...intimamente incorporado à vida e que o aluno o realize não por obediência (...), mas porque não pode, por um não-poder íntimo, proceder de outro modo”⁵⁷, e “...esta moral não a esquece ele: aprende-a juntamente com a vida.”⁵⁸. Procedendo deste modo, contrariam-se e eliminam-se as condições que conduziriam à ocorrência do dito “...mau comportamento...”⁵⁹.

Ainda neste âmbito, “...dá-se grande importância à educação social...” havendo, nas aulas, “...mil ocasiões de se exercer a cooperação...”⁶⁰. Para além disto, há também a preocupação pelo contacto das crianças com as outras formas de vida, através de atividades de jardinagem e de criação de animais.

1.2.6. A Criança

Num ambiente como o descrito, toda a iniciativa surgirá da criança, o que está em consonância com os períodos sensíveis da infância que, afinal, se traduzem em “...oportunidades únicas que a Natureza oferece e que nunca mais tornarão a aparecer...”⁶¹, pelo que não podemos deixar de aproveitar tais períodos, sob pena de “...a função que não ficou adquirida no período sensível, dificilmente a adquiriremos depois; e, se o conseguirmos, será à custa de um trabalho intenso e monótono...”⁶². Não respeitar o natural desenvolvimento da criança é absurdo, já que desperdiçaremos a ocasião “...de a fazermos aparecer na alegria e no bem-estar das perfeitas adaptações”⁶³, porquanto “A correspondência entre o período de sensibilidade e o ambiente favorável traduz-se na criança pela alegria e pela calma...”⁶⁴.

Num contexto com estas características, “...a criança escolhe o seu trabalho, solicita o material necessário, (...) acamarada à vontade com os seus companheiros, desloca-se, toma as iniciativas que lhe parecem razoáveis (...); tudo o que faz corresponde a um interesse interno...”⁶⁵. E, num conjunto de elementos fornecidos ou que se encontram

⁵⁵ *Ibidem*, p. 227.

⁵⁶ *Ibidem*.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 228.

⁵⁸ *Ibidem*.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 211.

⁶⁰ *Ibidem*, p. 229.

⁶¹ *Ibidem*, p. 201.

⁶² *Ibidem*.

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 200.

⁶⁵ *Ibidem*, p. 210.

no meio envolvente, será também a criança quem selecionará aqueles que entender que precisa “...é o interesse íntimo do ser que lhe indicará a selecção a efectuar e o elemento externo só será aproveitado quando corresponder a uma necessidade interna...”⁶⁶.

Como aquilo de que necessita se encontra facilmente acessível, a criança basta-se-á quase sempre a si própria, pelo que “...pede, raramente, a ajuda da professora...”⁶⁷ - o que constitui um muito importante fator de desenvolvimento: se, por um lado, “A criança que se serve constrói-se para a liberdade; só o homem independente é livre...”⁶⁸, por outro lado proporciona-lhe um melhor conhecimento sobre a sua própria pessoa “...a confiança da criança em si mesma, o saber que é capaz de praticar um certo número de actos, o conhecer também pelo exercício as suas limitações, os meios de as vencer, dão-lhe uma consciência da personalidade...”⁶⁹. Deste modo se promoverá a disciplina interna que “...faz os cidadãos úteis e conscientes, dá (...) mesmo na primeira idade, uma reflectida e nobre independência.”⁷⁰.

Relativamente a todo este processo, que mais não faz do que deixar o mais possível que a criança seja, salienta Agostinho da Silva que

“Os alunos que saem de uma escola montessoriana levam dentro de si a semente, os elementos de formação de uma sociedade nova (...) com esses há a contar como uma grande força de transformação do mundo, como um agente poderoso para que a Humanidade entre finalmente numa vida humana”⁷¹.

1.2.7. O professor

O que mais deverá caracterizar o professor será a sua capacidade de deixar à criança toda a iniciativa, compreendendo “...a necessidade do livre desenvolvimento da criança, de uma disciplina voluntária, do respeito absoluto pela personalidade infantil...”⁷², que é, necessariamente, “...formado de entendimento e amizade.”⁷³ e pressupõe, para cada aluno, uma atenção particular.

66 *Ibidem*, p. 198.

67 *Ibidem*.

68 *Ibidem*, p. 209.

69 *Ibidem*.

70 *Ibidem*.

71 *Ibidem*, p. 212.

72 *Ibidem*, p. 232.

73 *Ibidem*, p. 208.

Tal respeito deverá traduzir-se particularmente pela “...recusa de toda a acção modeladora...”⁷⁴ da sua parte para com os seus alunos. Assim, o professor deverá evitar realizar qualquer acção em vez do aluno, já que compreende que “...não permitindo que o indivíduo, por si próprio, se sirva, habituamo-lo à dependência...”⁷⁵, e “...a criança tem de ser livre para, sem as nossas interferências, aproveitar do exterior aquilo que lhe convém.”⁷⁶. Portanto “...deixemos a criança livre das nossas pressões e ela, por si, se transformará no adulto”⁷⁷.

Neste espírito, “...são as crianças que lhe mostram a ele o que se tem de fazer...”⁷⁸, cabendo ao professor seguir esse caminho que elas indicam, e apenas lhes proporcionar os meios para o realizarem. Durante o processo, o professor “...tem de se habituar a falar pouco...”⁷⁹, contrariamente ao que antes acontecia “...ao professor que tinha por missão falar substituímos o professor que sabe calar-se...”⁸⁰, o qual também deve ter “...como virtudes a humildade e a placidez.”⁸¹, e “...despertará na sua alma um imenso amor (...) que os alunos sentirão (...) e que hão-de pagar com o amor delicado, meigo e irónico que é o amor das crianças...”⁸².

Reunidas tais condições, ser-lhe-á oferecido o grande privilégio de “...contemplar a criação que incessantemente se fará na sua aula...”⁸³.

1.2.8. Críticas

Agostinho da Silva aponta, como aspetos menos interessantes do método, o reduzido contacto com a natureza “...tudo o que se refere à Natureza é pobre, não se põe, como princípio essencial, que a amizade pela árvore, pelo riacho, pelo animal livre é indispensável para a formação de um ser humano que pretendemos amplo e nobre...”⁸⁴. Considerando que tal poderá compreender-se e justificar-se pela localização das Casa dei Bambini serem na cidade, parece-lhe certo, no entanto, que isso não foi muito relevante para Montessori, já que ela “...não insiste na questão e que os seus discípulos se julgaram absolutamente dispensados de levar a criança ao encontro de um universo

74 *Ibidem*, p. 197.

75 *Ibidem*, p. 208.

76 *Ibidem*, p. 207.

77 *Ibidem*, p. 197.

78 *Ibidem*, p. 210.

79 *Ibidem*, p. 219.

80 *Ibidem*, p. 211.

81 *Ibidem*.

82 *Ibidem*.

83 *Ibidem*.

84 *Ibidem*, p. 232.

em que a tabuinha se encontre sob o aspecto de bosques e a cor sob o aspecto do céu, água e flores”⁸⁵.

Mas seria Maria Montessori, ela própria e a bem da humanidade, a querer “...que venha o mais cedo possível quem aperfeiçoando-nos, supere”⁸⁶, pelo que “...muito grata nos ficaria por nos lembrarmos dela muito menos como a inventora de um método que fez época, do que como criadora possível de mais perfeitos métodos...”⁸⁷ a partir, por exemplo, do seu. Tal terá vindo a acontecer, e tenderá a prosseguir, porque “...quando um movimento destes se põe em marcha, quando milhares de almas pelo mundo o apoiam (...) ele triunfará mais cedo ou mais tarde, marcando, pela libertação da criança, um dos grandes momentos do progresso moral do homem”⁸⁸.

1.3. Sanderson em Oundle

1.3.1 Professor por missão

Sanderson (1857-1922) desde cedo revelara uma grande curiosidade pelo mundo, a par de “...um sentimento religioso profundo e um desejo de servir os outros...”⁸⁹, tendo como ideal “...uma remodelação do mundo pela remodelação do espírito...”⁹⁰.

Entendia que tinha uma missão de educador “...uma vaga voz lhe dizia que na sua actividade de mestre encontraria objecto e expansão para todos os anseios de serviço de Deus e de serviço dos homens que lhe andavam na alma...”⁹¹, vendo a escola como “...o lugar de eleição para que se prepare a humanidade nova que transformará por completo o mundo existente e fará surgir as possibilidades do reino de Deus...”⁹².

Assim, passou à concretização da respetiva missão que lhe coubera, já que “...não era ‘um homem de ter ideias’, era ‘um homem de ser ideias’; para viver precisava de as exprimir, de as pôr em acto, de fazer delas e do seu procedimento uma fusão completa...”⁹³, tendo, por isso ingressado no ensino como professor de Física no colégio de Dulwich, onde se sentia feliz e realizado, lecionando as aulas “...com o

85 *Ibidem*.

86 Agostinho da Silva, “Celebrando Maria Montessori”, em *ibidem*, p. 38.

87 *Ibidem*, p. 41.

88 Agostinho da Silva, “O Método Montessori”, em *ibidem*, p. 233.

89 Agostinho da Silva, “Sanderson e a Escola de Oundle” em *Textos Pedagógicos I*, p. 250

90 *Ibidem*, p. 254.

91 *Ibidem*, p. 252.

92 *Ibidem*, p. 268.

93 *Ibidem*, p. 257.

fervor, o dom de si próprio, o amor vigilante com que celebraria um ofício religioso...”⁹⁴.

Tal entusiasmo e empenho conduziu-o à direção do colégio, facto que contrariou os outros professores. Contudo, a par com “...um ardor de batalha que (...) bateu sempre todos os adversários (...) não perdia tempo a tornear os obstáculos; demolia-os de qualquer modo...”⁹⁵, tendo acabado por se impor nas novas funções.

1.3.2. A escola como local de realização

Quando iniciou a sua atividade docente na escola de Oundle⁹⁶, Sanderson logo contagiou os alunos com o entusiasmo, a curiosidade e a determinação que o caracterizava “...animava as lições com experiências que nunca se tinham feito e com uma constante ligação ao mundo real (...) era como se tivessem aberto grandes janelas sobre o mundo e o mundo os viesse tomar num turbilhão de vida...”⁹⁷. Para este professor a religiosidade da vida tem de sobressair, acreditando por isso que “...a oficina, o campo de jogos, o jardim botânico são templos em que se adora Deus muito melhor que na igreja...”⁹⁸.

Nesta perspetiva, a escola terá, como missão “...servir o mundo e tentar modificá-lo...”⁹⁹, saindo da “...rotina que esteriliza para os perigos da aventura intelectual ou da aventura de acção...”¹⁰⁰. Por assim ser, Agostinho diz-nos que Sanderson preparava os alunos “...para o papel de renovadores que hão-de desempenhar no futuro...”¹⁰¹. Para tal, estabelece como missão principal “...lutar para que os homens seus irmãos tenham na oficina, no campo, na escola, na vida pública, a mesma liberdade, os mesmos direitos e os mesmos deveres, os mesmos recursos e as mesmas perspectivas”¹⁰². Nesta escola e através da experiência que se propunha levar por diante, poderia depois “...demonstrar a possibilidade de realização prática (...) de teorias pedagógicas que quase todos confinavam para os limites da utopia”¹⁰³.

94 *Ibidem*, p. 250.

95 *Ibidem*, p. 251.

96 Escola de fábrica onde eram construídos motores.

97 Agostinho da Silva, “Sanderson e a Escola de Oundle” em *ibidem*, p. 252.

98 *Ibidem*, pp. 282-283.

99 *Ibidem*, p. 281.

100 *Ibidem*, p. 284.

101 *Ibidem*, p. 273.

102 *Ibidem*, p. 284.

103 *Ibidem*, pp. 269-270.

1.3.3. Alunos e professores: confiança e intervenção social

Sanderson tinha como objetivo principal para com os seus alunos, despertá-los e sensibilizá-los para a realidade que os cercava, apontando-lhe os meios que passam a dispor pela educação no sentido de assumirem a missão "...de intervirem activamente para que ela se modifique num sentido de melhoramento..."¹⁰⁴.

Havia em Sanderson o cuidado e a atenção pelo indivíduo como ser único

"...não se entendia ser um ideal supremo fazer passar a todos pelos mesmos moldes, dar a todos um interesse uniforme; pelo contrário, procurava-se satisfazer os gostos de cada um dos alunos, com disciplinas especiais, facilitando a diferenciação, de modo que na escola houvesse a variedade de tendências e de ocupações que constitui uma das belezas do mundo"¹⁰⁵.

Por tudo isto, no contacto com este professor, os alunos terão aprendido "...que a vida só é bela quando é uma empresa em benefício dos outros homens e do mundo..."¹⁰⁶. A este propósito, Agostinho da Silva acrescenta que "...cada um tem a consciência de que está servindo o bem geral..."¹⁰⁷, e para isso terá cada aluno "...no seu espírito os dois polos fundamentais da vida de todos os grandes homens..."¹⁰⁸, correspondendo um dos polos à alegria criadora "...de quem se sente a construir um universo."¹⁰⁹, e o outro a uma determinação muito forte a qualquer tipo de oposição que eventualmente surja àquela tarefa de construir, revelando-se o aluno "...ardente, confiado, destemido perante as oposições..."¹¹⁰.

Com gente de tal ténpera espera Sanderson que "...o amor cristão entre no domínio que até agora lhe tem resistido mais teimosamente: no domínio económico..."¹¹¹, venham os seus alunos a ser os futuros agentes de transformação social, capazes de "...não aceitar a vida como um esquema fatal..."¹¹². E, assim, serão capazes também "...de conduzir os homens a uma felicidade ignorada de quase todos; além da vantagem de lançar para o país grupos de dirigentes com preocupações e visões novas..."¹¹³.

104 *Ibidem*, pp. 279-280.

105 *Ibidem*, p. 274.

106 *Ibidem*, p. 284.

107 *Ibidem*, p. 273.

108 *Ibidem*.

109 *Ibidem*.

110 *Ibidem*.

111 *Ibidem*, p. 284.

112 *Ibidem*, p. 280.

113 *Ibidem*, pp. 269-270.

Em tal contexto, e no que se refere mais especificamente à relação entre alunos e professores, qualquer barreira eventualmente existente havia desaparecido, dando lugar a um clima "...de confiança, de amizade viril, de verdadeiro amor pedagógico"¹¹⁴. Paralelamente, como "...uma outra disciplina (...) nascia – a do interesse e a do amor..."¹¹⁵, desapareciam também os castigos porque "...todo o motivo de castigo desaparecia da escola"¹¹⁶, bem como os prémios: "Toda a aparelhagem de coacção e de policiamento (...) pusera-se em Oundle completamente de lado..."¹¹⁷. Na escola de Oundle e sob a supervisão de Sanderson, "...as relações não são pautadas pelo medo da pancada ou das más notas ou, de outro lado, por um orgulho dominador..."¹¹⁸.

1.3.4. Trabalho de grupo e cooperação

Pelo exposto, em vez da anterior separação vivia-se agora em união "...havia, em Oundle, nos últimos anos, um bloco de trabalhadores dispostos a dar tudo o que lhes fosse possível para que o mundo se salvasse e se salvasse pela escola".¹¹⁹

Associado a esta postura estará também o desenvolvimento do trabalho que se faz em grupo e o espírito de cooperação que tal contexto promove "...dentro de cada grupo, distribuem-se os assuntos, segundo as predilecções de cada qual..."¹²⁰, e cada aluno tem a consciência de a sua parte é "...uma parte da obra comum..."¹²¹, contribuindo assim o trabalho em grupo para "...o sentimento e o hábito duma grande faina comum para o progresso da colectividade..."¹²². Dentro do espírito de não rigidez pelo qual a escola se pauta, "...os grupos constituem-se à vontade dos alunos (...) não têm horas fixadas para a tarefa, podem utilizar-se à vontade de bibliotecas e laboratórios (...) cada um fala e mexe-se como na vida..."¹²³.

Associado a isso, o trabalho de grupo contribui igualmente para a eliminação das bases em que se sustentam a competição, o sentido de posse e a emulação que as escolas costumavam favorecer – aspetos que Sanderson considera muito negativos por atentarem contra a elevação da humanidade, acreditando que "...compete à escola dar o

114 *Ibidem*, p. 272.

115 *Ibidem*, pp. 252-253.

116 *Ibidem*, p. 253.

117 *Ibidem*, p. 274.

118 *Ibidem*, p. 272.

119 *Ibidem*, p. 274.

120 *Ibidem*, pp. 271-272.

121 *Ibidem*, pp. 281-282.

122 *Ibidem*, p. 272.

123 *Ibidem*, pp. 272-273.

primeiro passo e abrir para os homens uma vida em que o lema não seja de luta egoísta, mas de cooperação, de tarefa em comum”¹²⁴. Segundo Agostinho da Silva, o trabalho de grupo enquanto revelador da possibilidade de cooperação nas escolas constitui, só por si, uma das grandes realizações de Sanderson em Oundle e de toda a pedagogia realizada em moldes renovados.

1.3.5. Escola e Vida

A dinâmica das aulas decorria em contacto direto com vida, que é, sendo todas as disciplinas estudadas neste âmbito.

Relativamente à disciplina de história, substituiu-se o uso de manuais “...pela consulta dos textos dos grandes historiadores ou, quando possível, pelos documentos contemporâneos”¹²⁵; e, em literatura, incentivou-se “...a ler realmente os escritores, a comparar as suas impressões com as dos críticos...”¹²⁶. Para tal, promoveu-se em ambas as disciplinas a frequência das bibliotecas por parte dos alunos.

Na área das ciências, salienta-se o seu interesse pela matemática, disciplina que os alunos aprendiam “...a propósito de motores de automóvel e de avião, de notícias de jornais, de fenómenos astronómicos, de trabalhos no campo, de estudos de física ou de química...”¹²⁷. A aprendizagem das outras ciências, como por exemplo a física, faz-se sobretudo através do trabalho em laboratório, já que “...é muito mais educativo (...) conhecer as experiências...”¹²⁸, sendo tarefa dos alunos reproduzir “...com material idêntico ao do sábio e fabricado por eles nas oficinas da escola, as experiências clássicas que tinham permitido avançar mais um passo...”¹²⁹.

1.3.6. Oficinas, laboratórios, bibliotecas e museus

Agora, instalações como oficinas, laboratórios, bibliotecas e museus apresentam-se imprescindíveis à aprendizagem, pelo que se apostou nessa vertente com a criação e adequado equipamento de várias destas instalações na escola “...modernizaram-se os laboratórios, alguns dos quais, como os de biologia, eram dos melhores de Inglaterra e permitiam toda a espécie de trabalhos...”¹³⁰, e tinham como prioridade o aluno poder

124 *Ibidem*, p. 271.

125 *Ibidem*, p. 277.

126 *Ibidem*, p. 278.

127 *Ibidem*.

128 *Ibidem*, p. 276.

129 *Ibidem*.

130 *Ibidem*, p. 253.

“...satisfazer a sua curiosidade, encaminhando-o a pouco e pouco para a investigação original; os laboratórios eram de frequência livre, os alunos trabalhavam neles às horas que queriam...¹³¹. Relativamente às oficinas, e como em quaisquer outras fábricas serviam para construir máquinas, sendo “...oficinas verdadeiras, organizadas para darem rendimento e em que mestres, sabedores do seu ofício e contacto pedagógico, procuram formar bons operários...”¹³².

Tal obra industrial não descurou o ensino da arte, a qual se fazia “...como um meio de elevar a alma e de a exprimir; modela-se, pinta-se, formam-se coros e orquestras, para que todos possam tentar uma linguagem nova e para que todos se possam sentir ligados por novos laços...”¹³³. E, neste espírito de interligação dos vários aspetos da vida, compreendia-se “...que se pode encontrar no jogo de válvulas dum motor a mesma beleza, o mesmo aceno de Deus que passa num quadro de Velásquez...”¹³⁴.

Assim, também os museus foram objeto da atenção de Sanderson que, de uma coisa até ali estática e que não provocava interesse, este diretor soube “...dar-lhe uma vida ampla e fecunda...”¹³⁵, convertendo-os em aula viva passando “...a ser uma lição (...) um museu de zoologia deve (...) expôr claramente as leis de Mendel ou a evolução das ideias sobre os cromossomas; um museu de pintura deve indicar-nos as influências que sofreu ou exerceu um artista, com as suas características, o ambiente social em que trabalhou, o seu significado na história do espírito humano”¹³⁶.

1.4. Ivan Illich

1.4.1. A escola que não serve à humanidade

Agostinho da Silva quis também refletir em torno da pedagogia nova pela meditação da obra de Ivan Illich (1926-2002), em cujos comentários tece um conjunto de críticas demolidoras relativamente ao sistema escolar existente. A escola, sendo “...extremamente dispendiosa...”¹³⁷, não utiliza essas verbas para usufruto de todos os indivíduos que a ela acedem, mas privilegia apenas aqueles que pertencem a determinados grupos sociais mais favorecidos e que correspondem aos que com ela se identificam, revelando-se, assim, uma “...máquina por meio da qual, afeiçoando quem

131 *Ibidem*, p. 277.

132 *Ibidem*, p. 281.

133 *Ibidem*, p. 282.

134 *Ibidem*.

135 *Ibidem*, p. 277.

136 *Ibidem*.

137 Agostinho da Silva, “Tema: Ivan Illich – os males” em *Vida Mundial*, 19 de maio de 1972, p. 40.

chega a moldes seus, se perpetua o grupo no poder...”¹³⁸; paralelamente, discrimina todos os outros que não se enquadram nesse modelo que ela socialmente veicula e reproduz.

Este caráter reprodutor estende-se também, e abrange, outros domínios da vida como a (in)capacidade de inovar e de criar, porquanto aí se trata de “...remastigar as antigas...”¹³⁹ e mesmas soluções para os problemas e que, assim sendo, se dá “...preferência a repetir”¹⁴⁰, ao invés de inventar. Procedendo a escola deste modo, ela incumbe-se de, continuamente, “...preparar gente que está pronta à subserviência mais do que à crítica...”¹⁴¹.

O que geralmente se tem como meta, na escola, é o diploma como via de acesso àquilo que se entende ser o sucesso na vida, e que quase sempre corresponderá aos anseios de cada um “...se encaixar onde ganhe seu carro (...) sua casa em bairro fino ...”¹⁴² e, se possível, alcançar também “...suas condecorações e suas homenagens...”¹⁴³. Para que tal aconteça, pressupõe-se e exige-se uma constante e ininterrupta competição entre os indivíduos, a qual se traduz naquilo que habitualmente conhecemos pela expressão *luta pela vida* e que é, afinal, aquilo que o diploma representa, a “...garantia de que está pronto para entrar na chamada luta pela vida...”¹⁴⁴.

No caso dos indivíduos que não têm como meta o diploma, mas “...que estão mais interessados em saber (...) em estudar a vida (...) em encontrar soluções novas para os problemas...”¹⁴⁵, estes a mecânica da escola os “...põe de parte, como impróprio para a referida luta...”¹⁴⁶.

E assim, pelo exposto, se prepara o “...necrológio final...”¹⁴⁷ da humanidade.

1.4.2. Para substituir a escola

Nesta sequência, torna-se necessário eliminar as escolas e respectivos diplomas. Com o intuito de substituir tal “...sistema que se reprova”¹⁴⁸, Illich propõe um conjunto de três

138 *Ibidem.*

139 *Ibidem.*

140 *Ibidem.*

141 *Ibidem.*

142 *Ibidem.*

143 *Ibidem.*

144 *Ibidem.*

145 *Ibidem.*

146 *Ibidem.*

147 *Ibidem.*

148 *Ibidem.*

pontos fundamentais que seguidamente se apresentam e que, segundo Agostinho da Silva, “...parece possível fazer a par da vida...”¹⁴⁹.

O primeiro ponto diz respeito ao *objeto educacional*, expressão que significa “...coisa que sirva para aprender”¹⁵⁰, cuja informação o mais completa possível se deveria encontrar totalmente acessível a todos.

Como segundo ponto, constituir-se-ia uma lista com os nomes e respetivos contactos de todas as pessoas que quisessem ensinar, “...uma ou duas horas por semana...”¹⁵¹, as técnicas de determinado ofício que sabem aos que pretendem aprendê-las, de tal modo que “...os países se transformariam assim em imensas escolas técnicas, de polimorfo currículo e de flexível horário...”¹⁵², tendo sempre o cuidado de nunca se correr o risco de transformar “...os instrutores em professores profissionais nem os instruendos em caçadores de diploma”¹⁵³.

Finalmente, e como terceiro ponto, pensou Illich que se poderiam promover “...reuniões de pessoas interessadas no mesmo assunto...”¹⁵⁴.

Haveria, ainda, uma outra lista de educadores “...que mais iriam para o científico e o abstracto, ponhamos a matemática ou a linguística ou a filosofia...”¹⁵⁵, educadores esses que estariam sujeitos à apreciação ou julgamento dos seus alunos.

Todo o material necessário ao ensino e à aprendizagem seria de propriedade pública, utilizando cada pessoa aquele que necessitasse.

1.5. Frantisek Bakulé

1.5.1. Amor e perseverança

Desde o início do seu percurso escolar como professor no ensino primário, aos vinte anos de idade, o checo Frantisek Bakulé (1877-1957) revelara, desde logo, uma natureza amorosa e perseverante que o acompanhou durante toda a sua vida.

Colocado numa escola a cuja população da aldeia era adversa, rapidamente a conquistou pela sua completa entrega aos alunos a quem dedicava “...o carinho, o respeito, a

149 Agostinho da Silva, “Tema: Ivan Illich – os Remédios” em *Vida Mundial*, 26 de maio de 1972, p. 55.

150 *Ibidem*.

151 *Ibidem*.

152 *Ibidem*.

153 *Ibidem*.

154 Trata-se de “redes de aprendizagem” ou “teias de aprendizagem” com apoio de tecnologias avançadas, e que consistiriam fundamentalmente em reuniões intencionais e livres de pessoas interessadas em aprender um mesmo assunto. Agostinho da Silva, “Tema: Ivan Illich – os Remédios”, em *ibidem*, p. 55.

155 Agostinho da Silva, “Tema: Ivan Illich – os Remédios”, em *ibidem*, p. 55.

solicitude que lhe pareciam indispensáveis no bom professor”¹⁵⁶, e com os quais mantinha uma atitude de “...serenidade, de delicadeza, de afectuosa familiaridade”¹⁵⁷, já que “...sentia sobretudo que a grande força da educação é o amor...”¹⁵⁸, admirando também os seus alunos pelo “...poder criador e de sensibilidade...”¹⁵⁹.

Estes, por sua vez, “...viam nele um companheiro mais velho que os amparava com a sua experiência, lhes formava o ambiente necessário para que se desenvolvessem...”¹⁶⁰.

Entretanto, confrontado com a experiência do dia a dia da sua prática pedagógica, Bakulé “...descobriu que as receitas nada valem...”¹⁶¹, pelo que individualizava o seu ensino “...para cada caso sabia construir uma solução nova...”¹⁶².

Em contrapartida, a sua relação com as entidades escolares era conflituosa e, sistematicamente, acabava por ser vencido; mas nunca o era a sua perseverança, porque “O seu temperamento, as suas ideias como que lhe impunham uma determinada direcção (...) o mundo jamais conseguiria modificar-lhe a maneira de ser e, portanto, o seu trabalho como mestre”¹⁶³. Bakulé “...sabia que estava na linha da verdade, que o seu dever era insistir e que acabaria por ganhar a grande batalha em que se tinha empenhado”¹⁶⁴.

1.5.2. Missão

O seu percurso como professor continuou, depois, em Praga, numa escola particular que era “...uma espécie de recolhimento, (...) uma escola-asilo para crianças estropiadas...”¹⁶⁵, tendo-lhe sido principalmente solicitado que assegurasse a disciplina da classe e, a ser possível, “...ensinar o que pudesse...”¹⁶⁶.

Perante a condição daquelas crianças, em Bakulé “...o amor se fez mais profundo, mais tenaz e criador”¹⁶⁷ e, da parte dos alunos que iam compreendendo que o seu professor

156 Agostinho da Silva, “Frantisek Bakulé”, em *Peregrinação – Revista das Artes e Letras de Expressão Emigrante*, nº 5, p. 11.

157 *Ibidem*.

158 *Ibidem*.

159 *Ibidem*.

160 *Ibidem*.

161 *Ibidem*.

162 *Ibidem*.

163 *Ibidem*.

164 *Ibidem*.

165 *Ibidem*.

166 *Ibidem*.

167 *Ibidem*, p. 12.

era “...um homem bem diferente de todos os que tinham encontrado até aí...”¹⁶⁸, “O amor recebia amor em troca...”¹⁶⁹.

Em tal ambiente e com o passar do tempo, “...as suas vidas tinham-se tornado solidárias...”¹⁷⁰, e “...as forças de criação, o sentido da beleza (...) despertava na alma das crianças...”¹⁷¹: o professor, para com os seus alunos, “...realizara o milagre de lhes inculcar confiança, de os trazer para a vida com a alma dos heróis que procuram as lutas e as ganham”¹⁷².

Segundo Agostinho da Silva, “Bakulé era fundamentalmente um artista e a sua técnica de expressão era a própria vida...”¹⁷³, tendo como missão a de “...despertar nos outros...”¹⁷⁴ a missão própria de cada um deles, não desprezando “...nenhuma ocasião de lhes fazer compreender o mundo e a missão que nele teriam que desempenhar...”¹⁷⁵ e, para isso, procurava utilizar “...todo o poder de criar dos grandes mestres da arte...”¹⁷⁶.

1.5.3. Os alunos fazem o professor

De outras artes não entendia Bakulé “...não tinha os meios técnicos do pintor ou do músico...”¹⁷⁷, e uma nova etapa se encontrava pela frente: os alunos, totalmente dispostos a que “...a sociedade não os tornaria a ver como seres que se protegem e vagamente se desprezam, mas como homens criadores...”¹⁷⁸, haviam decidido aprender a trabalhar a madeira. Mas, nisso, o seu professor não os podia ensinar “Não receu Bakulé confiar aos seus pequenos amigos que desconhecia as técnicas...”¹⁷⁹, pelo que todos decidiram que ele teria que as aprender “...e foi opinião geral que o professor passasse a frequentar as oficinas...”¹⁸⁰.

Depois destas aulas onde o professor ia aprender para depois poder ensinar os seus alunos, estes “...cercavam-no com interesse, faziam-lhe perguntas, apontavam-lhe as

168 *Ibidem*.

169 *Ibidem*.

170 *Ibidem*, p. 13.

171 *Ibidem*.

172 *Ibidem*.

173 *Ibidem*.

174 *Ibidem*.

175 *Ibidem*.

176 *Ibidem*.

177 *Ibidem*.

178 *Ibidem*.

179 *Ibidem*, p. 12.

180 *Ibidem*,.

deficiências”¹⁸¹. E, em todo este processo, os alunos iam “...construindo um mestre (...) faziam o seu mestre ...”¹⁸²,

Transformada a sala de aula em oficina, “...livremente os rapazes iam de um a outro banco, abriam e fechavam as caixas de ferramenta, dirigiam-se ao professor que trabalhava no seu canto, tão interessado na sua tarefa como os seus alunos...”¹⁸³ e, de tal modo as respetivas ocupações os absorviam, que todos consideravam que “O pior dia era o domingo...”¹⁸⁴.

Em tal contexto, os problemas com a disciplina deixaram de existir, já que “...eles surgem apenas quando as forças criadoras não têm em que se empregar...”¹⁸⁵.

1.5.4. Aprender a ler quando quiser

Nas aulas, tudo se fazia por iniciativa dos alunos, “...o mestre a nada os obrigava, tudo tinha sido resolvido, planeado por eles...”¹⁸⁶ e, ao fim de um ano, a pedagogia oficial considerava o sucesso de Bakulé, exceto num aspeto, tido como muito importante: os seus alunos não sabiam ler, escrever e contar “...como os rapazes não sentiam a precisão (...), achava que não os devia obrigar...”¹⁸⁷.

Apesar dos avisos e das imposições oficiais, aquele professor nada fazia para alterar tal situação, acreditando que, para isso, “...era necessário que a vida os forçasse ao uso das técnicas, como lhes tinha imposto o serrar e o pintar”¹⁸⁸. O que veio a acontecer, quando um dos alunos recebeu carta de um familiar e precisou de lê-la e de lhe escrever também, e aí todos compreenderam “...como a técnica do escrever era necessária...”¹⁸⁹, pelo que ocorreu “...um movimento de entusiasmo em toda a aula...”¹⁹⁰, e tal era a motivação que, em poucas semanas, os rapazes sabiam ler, escrever e contar”¹⁹¹.

181 *Ibidem*.

182 *Ibidem*.

183 *Ibidem*.

184 *Ibidem*.

185 *Ibidem*.

186 *Ibidem*.

187 *Ibidem*.

188 *Ibidem*.

189 *Ibidem*, p. 12.

190 *Ibidem*.

191 *Ibidem*.

1.5.5. Uma escola para o mundo

Quando, ao fim de seis anos, Bakulé se viu obrigado a abandonar a escola “...sem dinheiro...”¹⁹², os alunos quiseram acompanhá-lo, alegando que o seu professor sempre lhes ensinara “...que nenhuma empresa deve assustar o homem de valente coração, que as grandes obras do mundo têm surgido dos passos desesperados...”¹⁹³, indo para o mundo com “...uma firme vontade de vencer...”¹⁹⁴ na meta que tinham estabelecido: “Queriam sobretudo dar a outros a possibilidade de se educarem como eles”¹⁹⁵.

Com esse objetivo, e imbuídos de muita alegria, conseguiram fundar uma escola com recursos que obtiveram, inicialmente, através de recitais de canto¹⁹⁶ dos alunos e das conferências de Bakulé para divulgar a sua pedagogia. Houve depois tantos donativos, que foi possível construir “...um esplêndido edifício, com jardim em volta”¹⁹⁷. Mais importante, “O Instituto Bakulé passava a ser uma das melhores casas de educação de toda a terra”¹⁹⁸.

Com o duplo objetivo de agradecer e retribuir o carinho e o auxílio para a fundação do Instituto e mostrar a força da união entre os homens, Bakulé e seus alunos viajaram por vários países da Europa e da América, cantando “...as canções do seu país (...) para oferecer à humanidade a beleza que nelas se encontrava...”¹⁹⁹, e dando conferências nas quais Bakulé salientava “...o valor da educação, contanto que ela seja feita segundo os princípios que levam a um desenvolvimento e não a uma limitação da personalidade humana”²⁰⁰.

192 *Ibidem*, p. 14.

193 *Ibidem*.

194 *Ibidem*.

195 *Ibidem*, p. 15.

196 Entretanto tinham formado um coro, para o que haviam tido lições de música e canto pagas com o dinheiro que alunos e professor ganhavam numa oficina a qual, por sua vez, montaram com o produto do seu trabalho de carpintaria e das conferências de Bakulé. Estas iniciativas também os tornaram conhecidos, pelo que houve donativos para a construção da escola, principalmente da Cruz Vermelha Infantil da América do Norte.

197 Agostinho da Silva, “Frantisek Bakulé”, em *ibidem*, p. 15.

198 *Ibidem*.

199 *Ibidem*.

200 *Ibidem*.

CAPÍTULO V
Modelos da Escola Nova:
teoria e prática de aprendizagem

“...se o Plano fosse ainda uma teoria ou um sonho de pedagogo em férias, poderíamos discutir longamente acerca das suas qualidades (...) como não é (...) a experiência está feita...”

Agostinho da Silva “O Plano Dalton” em *O Diabo*, 8 de Julho de 1939, p. 1.

1. Escolas populares da Dinamarca

1.1. Gruntvig e a Escola de Rodding

Estas escolas constituem como que uma antecâmara da Educação Nova, já que apresentam características semelhantes às daquele movimento, e refletem aspetos da educação do povo muito importantes na teoria e prática pedagógica de Agostinho da Silva.

Surgiram da mente de Gruntvig (1783-1872) como escolas destinadas sobretudo a camponeses adultos e deveriam visar a “...educação do espírito...”, pelo que não teriam uma utilidade prática; antes serviriam “...para despertar o povo, para lhe dar consciência do que tinha a fazer, para o lançar numa existência de beleza e de força íntima...”¹. Para isso, seria preciso incentivar a liberdade e iniciativa individuais, devendo os professores mostrar aos alunos a multiplicidade da realidade em que estavam envolvidos. Assim sendo, tais escolas poderiam constituir o meio de os alunos alcançarem um plano mais elevado de auto-conhecimento.

Neste espírito, e de acordo com “...a contínua criação da própria vida...”², estas escolas não teriam um carácter rígido: não haveria nem programas nem métodos fixos, “...nem se procurava dar uma instrução completa...”³. Também a nomeação dos professores era livre, no sentido em que tanto professores legalmente formados, como outros indivíduos a quem fossem reconhecidas determinadas habilitações, poderiam aí ensinar.

Durante trinta anos, Gruntvig procurou realizar as escolas, mas o contexto não lhe era favorável; no entanto, “...nenhuma dificuldade pôde abater o velho que conservava intactos o entusiasmo e a tenacidade da juventude”⁴. E, depois de passado esse tempo, pôde fundar a escola de Rodding, que era particular e funcionava em regime de internato, onde os professores ensinavam rapazes entre os 18 e os 25 anos, num clima de proximidade e compreensão, aprendendo-se habitualmente através de palestras que os professores faziam⁵.

1 Agostinho da Silva “As altas escolas populares da Dinamarca” em *O Diabo*, 11 de novembro de 1939, p. 1

2 *Ibidem*.

3 *Ibidem*.

4 *Ibidem*.

5 Tais palestras faziam-se sobretudo na disciplina de história, que era “...tratada como uma epopeia da humanidade, conversavam com os alunos, discutiam com eles as lições...”.

1.2. Kold e a Escola de Rysling

Quando se fundou a escola de Rysling, Kold (1816-1870), “...o homem que melhor compreendia Gruntvig.”⁶, ficou a dirigi-la, pelo que esta escola se regia pelos princípios da anterior, “...procurando manter-se em contacto ininterrupto com a vida diária...”⁷.

Relativamente às matérias de ensino, foram-se acrescentando: a sociologia, as ciências naturais e físico-químicas, “...que despertaram imediatamente um grande interesse...”⁸; e insistiu-se na educação artística através da dedicação de mais tempo à música e ao canto, e à introdução das disciplinas de história de arte e de estética.

Mas o que importava manter e sustentar sempre, para Kold, era que “...os conhecimentos ainda eram o mínimo que tinham ido buscar à escola; o que valia era o espírito novo que sentiam dentro de si, aquele entusiasmo (...) a alegria e a força criadora dos heróis, aquela certeza que o seu trabalho tornaria melhor o Universo...”⁹.

Os alunos passariam a usufruir da “...riqueza mais preciosa e mais nobre (...) eram capazes de sonhar e (...) nas suas tarefas mais humildes, realizarem o seu sonho.”¹⁰.

Desempenhar estas tarefas era entendido como fazer poesia, já que fora um dos grandes mestres do movimento que “...lançou a ideia de que a acção é uma forma de poesia, e porventura a mais bela...”¹¹. Também, considerando que a escola era modesta, mesmo pobre, a amizade e a confiança que entre todos existia constituía uma grande força contra a adversidade, da conjugação de todos estes fatores resultava que os alunos “...que saíam da escola de Rysling iam temperados para a vida...”¹².

2. As Escolas de Lietz

2.1. Natureza e liberdade precisa-se

Hermann Lietz (1868-1919) nascera e crescera no campo, cuja experiência marcante de salutar liberdade em contacto com a natureza sempre o acompanharia na vida

6 Agostinho da Silva “As altas escolas populares da Dinamarca” em *ibidem*, p. 1

7 *Ibidem*, p. 4

8 *Ibidem*, p. 1

9 *Ibidem*.

10 *Ibidem*.

11 *Ibidem*.

12 *Ibidem*.

“...desde o princípio o embalou a atmosfera saudável e livre dos grandes campos (...) os garotos sabedores de ninhos e plantas foram os seus primeiros amigos e com eles teve a alegria forte de sentir os torrões que se esboroam sob os pés, o cheiro acre dos matos, a calma superior do céu que o casario não limita”¹³.

Quando ingressou na escola, “...tudo mudou por completo: nenhuma liberdade, nenhuma iniciativa, nenhum interesse...”¹⁴: em vez de viver livre e naturalmente a vida, como até aí sempre fizera, agora era obrigado a passar o tempo “...decorando livros que desconheciam a vida...”¹⁵.

Na universidade interessou-se por várias áreas, sendo “...incapaz de se especializar...”¹⁶, porque “...tudo o que era humano o fazia vibrar com a mesma intensidade...”¹⁷, e decidiu-se pela educação.

Findos os estudos universitários, e sempre com o ideal de uma vida natural e livre, viajou pela Alemanha “...tomando contacto com as populações que a cidade não corrompera...”¹⁸.

2.2. A idealização de uma escola na natureza

Em visita a Inglaterra, conheceu a escola de Cecil Reddie¹⁹, o que o levou a acreditar nas possibilidades de uma educação “...fundada sobre a liberdade, sobre a iniciativa pessoal, sobre o apelo ao que há de superior e não de inferior no homem”²⁰.

Assim, tomou a decisão de criar uma nova escola que banisse “...o excessivo intelectualismo...”²¹ e onde o espírito de iniciativa imperasse “...a iniciativa seria de regra e tudo se faria para a suscitar e desenvolver”²². Para que tal fosse possível, essa escola deveria situar-se no campo, porque cria que “...a vida, quanto possível natural, o contacto com a força íntima dos bichos e das árvores...”²³ seriam as condições capazes de “...infundir no ânimo de todos a tranquila energia, a tenacidade de propósitos, a

13 Agostinho da Silva, “As escolas de Lietz”, em *O Diabo*, 9 de dezembro de 1939, p. 1.

14 *Ibidem*.

15 *Ibidem*.

16 *Ibidem*.

17 *Ibidem*.

18 *Ibidem*.

19 Cecil Reddie (1858-1932), inglês, educador progressista e cofundador da Escola Abbotsholme...

20 Agostinho da Silva, “As escolas de Lietz”, em *ibidem*, p. 1.

21 *Ibidem*.

22 *Ibidem*.

23 *Ibidem*.

ampla visão, o amor da liberdade...”²⁴, condições estas necessárias ao despoletar do espírito que pretendia. Assim, neste ambiente propício, os alunos teriam “...toda a possibilidade de afirmar o seu recorte pessoal, de construir uma alma que se não dobrasse...”²⁵ e, deste modo, se “...criaria uma humanidade nova, de corações que tudo abarcam e de vontades que tudo realizam...”²⁶.

De regresso à Alemanha, deparou-se com consideráveis dificuldades em levar o seu empreendimento por diante, mas “...bater-se-ia com a persistência indomável que vem de uma completa fusão entre o que se faz e o que se pensa...”²⁷, acabando finalmente por atingir o objetivo a que se propusera.

2.3. A vida nas escolas do campo

Lietz fundou três escolas, ou casas de educação no campo, sendo a primeira fundada em Ilsenburg, no ano de 1898, tendo especial cuidado na escolha do local para cada uma, porque a escola “...estaria inutilizada desde princípio se a estabelecesse em lugares sem beleza e sem espiritualidade”²⁸, para tal tendo considerado como fatores essenciais “...a influência do meio, a educação pela paisagem...”²⁹.

A vida, nas escolas, acompanhava o ritmo da natureza: depois das atividades da manhã, e a seguir ao almoço “...a escola descansava: o silêncio absoluto casava-se com o torpor em que caía a natureza a meio do dia”³⁰. Depois, e à escolha de cada um, trabalhava-se nos campos ou a arranjar a escola, ou nas oficinas - a que se seguia o estudo. Findo o jantar, sempre ligeiro, alunos e professores reuniam-se, de preferência “...ao ar livre (...) cantava-se, tocava-se música...”³¹.

Nestas reuniões tratava-se também, em conjunto, da organização da escola e de outros assuntos “...todos eram igualmente livres, igualmente dotados de reflexão e de iniciativa: todos afirmavam o seu espírito de esclarecido exame e de comparação inteligente”³². A tal postura correspondia o grande ideal de Lietz relativamente a alunos e professores, o qual consistia em “Largueza de espírito nos alunos e mestres (...) almas

24 *Ibidem.*

25 *Ibidem.*

26 *Ibidem.*

27 *Ibidem.*

28 *Ibidem.*

29 *Ibidem.*

30 *Ibidem.*

31 *Ibidem.*

32 *Ibidem.*

firmes em toda a realidade, tranquilas e sólidas como a natureza, mas perfeitamente abertas a todo o empreendimento redentor”³³.

2.4. Alunos e professores: todos aprendem com todos

Devido ao hábito que os alunos mais velhos tinham de se valer da sua força para escravizarem os mais novos, e que inicialmente haviam revelado, Lietz estabeleceu classes etárias, acreditando que os inconvenientes de misturar idades diferentes eram superiores aos benefícios de que aí poderia retirar “...cada grupo de alunos se desenvolveria em separado, com um mínimo de atritos e demoras”³⁴.

Nesta sequência, e no sentido de os ensinar que o ato de escravizar alguém pressupõe, também, cair numa “...servidão que consiste em não saber desembaraçar-se de dificuldades”³⁵, foi estabelecido que “...os alunos tratavam das suas coisas (...): cada um se habituava a servir-se a si próprio...”³⁶, deste modo promovendo também a sua autonomia.

Nas aulas, as matérias estudadas obedeciam ao currículo oficial, mas apenas no seu mínimo obrigatório, havendo muitas aulas extraordinárias sobre assuntos do interesse dos alunos, e a seu pedido.

A avaliação não existia, “...não havia notas nem exames de passagem...”, pelo que “...cada um estudava pelo gosto de saber, sem pressões exteriores que desvirtuassem o sentido da tarefa”³⁷. Também a prática de exercícios de ginástica, que era sistemática, se incluía neste espírito, já que apenas se fazia como cuidado para uma boa saúde, excluindo o aspeto competitivo “...sem preocupação de fazer atletas...”³⁸.

Privilegiava-se o tempo livre, principalmente para os mais pequenos cultivarem a “...tendência natural da aventura (...) iam para os bosques próximos e eram piratas ou índios à sua vontade...”³⁹ e, deste modo, “...adquiriam para sempre o amor da liberdade e o gosto das empresas perigosas”⁴⁰.

Nas escolas de Lietz, professores e alunos devem ter uma relação de amizade e companheirismo “O verdadeiro professor deve ser um amigo do seu aluno (...) são

33 *Ibidem*.

34 *Ibidem*.

35 *Ibidem*.

36 *Ibidem*.

37 *Ibidem*.

38 *Ibidem*.

39 *Ibidem*.

40 *Ibidem*.

camaradas que se compreendem, se respeitam e se estimam...”⁴¹. E todos aprendem uns com os outros: se o aluno aprende com o professor, também este, por sua vez, sabe que “...todo o rapaz o ensina a ser mais paciente, mais tenaz, mais hábil e mais amplo”⁴².

3. Washburne e a Escola de Winnetka

3.1 Apresentação

Quando Washburne (1889-1968) foi encarregado de aplicar um novo sistema de ensino em Winnetka (EUA), logo preveniu que tal sistema não pretendia constituir-se em dogma, apelando para o caráter de flexibilidade que este deveria ter “...não existe um sistema de Winnetka, (...) não há um conjunto de normas inflexíveis apresentado como remédio seguro para todos os males do ensino...”⁴³, e caracterizou-o como sendo um sistema dinâmico “...é um agrupamento de ideias e de práticas que se discutem, se apuram, se conservam ou se reprovam...”⁴⁴.

Sob tal ângulo, e acreditando que “...é a prática que faz o cidadão...”⁴⁵, as escolas de Winnetka seriam escolas de auto-governo, em que “...cada classe nomeia os seus representantes que se reúnem em conselho uma ou duas vezes por semana e deliberam sobre os vários assuntos da vida da escola...”⁴⁶

3.2. Os Professores

Washburne manteve nas respetivas escolas a grande maioria dos professores, mesmo que inicialmente estes se opusessem à mudança, já que acreditava que “...grande parte dos professores que combatem os métodos novos fazem-no porque os desconhecem (...) se o ambiente muda, mudam também...”⁴⁷.

Com efeito, e depois de implementar determinadas medidas diretamente relacionadas com os professores, estes aceitaram, passando a identificar-se com o espírito do novo método. No que refere à respetiva situação económica e esforço pessoal no trabalho, o

41 *Ibidem*.

42 *Ibidem*.

43 Agostinho da Silva, “As Escolas de Winnetka” em *Iniciação - Cadernos de Informação Cultural*, 3ª série, Lisboa, Edição de Autor, 1940, pp. 5-6.

44 *Ibidem*, p. 6.

45 *Ibidem*, p. 16.

46 *Ibidem*.

47 *Ibidem*, p. 5.

panorama apresentou-se muito melhorado “...ganham bem e não têm excessivo trabalho (...) em Winnetka compreendeu-se que a situação económica do professor tem uma extraordinária importância no rendimento das aulas”⁴⁸.

Assim, os professores “...são, quanto possível, optimistas, bem humorados...”⁴⁹ e, porque têm conhecimento de que “...a influência sobre o aluno não vem da palavra, mas do ser...”⁵⁰, procuram estar atentos às suas ações, cuidando por que “...a sua vida íntima e a sua vida de escola sejam puras e calmas; têm curiosidades intelectuais, não pregam uma coisa e fazem outra...”⁵¹. Procedendo de acordo com estes parâmetros, “...têm o amor da sua profissão e o amor dos alunos”⁵².

Em tal ambiente, não têm lugar problemas relacionados com a disciplina “...todos os professores de Winnetka sabem que os actos de indisciplina (...) são também de atribuir, em grande parte, à psicologia dos professores...”⁵³ e que “...desde que se adopte com o aluno uma atitude de compreensão e de humanidade...”⁵⁴, a indisciplina seria erradicada.

3.3. Os alunos

Nesta sequência, os alunos deverão ter “...a sólida, duradoura, quási perfeita disciplina interior: o aluno (...) sente as suas responsabilidades de ser humano.”⁵⁵, não devendo para isso a escola, de modo nenhum, “...criar o ‘obediente’...”⁵⁶; antes terá que envidar os necessários esforços no sentido de “...criar o ‘responsável’, o responsável perante si próprio, perante a sua escola, perante a sua cidade, o seu país, perante a humanidade inteira...”⁵⁷, o que só se consegue quando se habitua cada aluno “...a ser senhor de si e respeitador da personalidade alheia.”⁵⁸, deste modo podendo expressar a natureza da sua

48 *Ibidem*, p. 19.

49 *Ibidem*.

50 *Ibidem*.

51 *Ibidem*.

52 *Ibidem*.

53 *Ibidem*.

53 *Ibidem*.

54 *Ibidem*, p. 18.

55 *Ibidem*, p. 19.

56 *Ibidem*, p. 6.

57 *Ibidem*.

58 *Ibidem*, p. 17.

própria pessoa “...a escola deve ser o lugar em que a criança mostra e firma a sua originalidade, a sua capacidade de criação e de emoção...”⁵⁹.

Em tais condições, “...os alunos das escolas de Winnetka não são indisciplinados”⁶⁰: se “...as aulas não apresentam o aspecto superficial de calma, de sossego e de ordem que aparece nas escolas antigas...”⁶¹, porque os alunos circulam livremente pelo espaço da sala de aula, esse comportamento relaciona-se com o interesse e a natureza do trabalho com que se ocupam “...esta aula é uma oficina...”⁶², bem como o interesse pelas relações de afetividade que salutarmente estabelecem e mantêm entre si “...desde que o trabalho lhe interesse, desde que as suas relações com os companheiros não têm por base a emulação e a avareza, os actos vulgares de indisciplina desaparecem por completo...”⁶³.

Outro aspeto fundamental consiste no seguinte: nada do que se faz deverá apresentar-se como estranho à vida da criança: “...o trabalho do aluno deve seguir o seu ritmo particular...”⁶⁴, e a aprendizagem faz-se partindo de algo conhecido, de algo que possa estabelecer uma ponte para outras aquisições “...logo de início se procura que o aluno marche sobre alguma coisa de sólido: é só depois que se vai entrando no mais geral”⁶⁵; e, quando se trata de exercícios de resolução de problemas, estes “...não são tirados da vida dos adultos que, em geral, interessa pouco à criança: são feitos sobre a própria vida, em casa ou na escola”⁶⁶.

Por todo este conjunto de importantes fatores a que se atende na educação, e comparando com outras escolas, “...em capacidade criadora, iniciativa, interesse pela vida, os alunos de Winnetka são também nitidamente superiores”⁶⁷.

3.4. Material didático para a autonomia

Esta nova perspetiva exige e pressupõe a existência de determinado material didático, adequado à mudança que se quer ver realizada.

59 *Ibidem*, p. 6.

60 *Ibidem*, p. 18.

61 *Ibidem*, p. 19.

62 *Ibidem*.

63 *Ibidem*, p. 18.

64 *Ibidem*, p. 6.

65 *Ibidem*, p. 9.

66 *Ibidem*, p. 10

67 *Ibidem*, p. 20.

No que se refere, por exemplo, à necessidade do desenvolvimento livre da personalidade, a sua concretização apresenta-se difícil “...visto que a divisão de alunos por classes parece impossibilitar um ensino individualizado...”⁶⁸. A solução encontrar-se-á na utilização de um material de auto-instrução e de auto-correcção por parte de cada aluno “...que todos os textos ou livros que lhe fossem entregues oferecessem possibilidades de aprendizagem com ligeiro auxílio do mestre e possibilidades de correcção com exercícios de ensaio...”⁶⁹.

Como não existia tal material, Washburne criou-o com base em “...dados fornecidos pela experiência...”⁷⁰, pelo que todos os “...livros de ensino e os exercícios foram (...) feitos especialmente para as escolas de Winnetka...”⁷¹.

Este material permite aos alunos a diversificação de ocupações: cada um adequa o respetivo estudo consoante as próprias necessidades “...os que avançassem rapidamente numa matéria poderiam dedicar o seu tempo...”⁷² àquela que não dominavam tão bem.

Depois do processo de aprendizagem feito quase só pelo aluno por este meio, também ele próprio escolheria qual o momento da sua avaliação “...quando se julgasse seguro da matéria pediria um exercício de exame (...) se estava bem, o aluno passava à unidade seguinte, se havia erros o aluno revia...”⁷³, usando o mesmo método individualizado. Neste último caso, o aluno não teria que repetir toda a matéria, mas apenas “...o que precisa de aprender, insistindo sobre o que não assimilou”⁷⁴.

3.5. Programas, disciplinas e atividades livres

Sempre no espírito da aproximação da escola o mais possível à vida se trataram também as disciplinas e respetivo programa. Das que habitualmente constituem o currículo, destacam-se aquelas cujo conteúdo “...se torna absolutamente necessário para que um homem se possa entender com outros homens...”⁷⁵, e que são “...em primeiro lugar as técnicas da leitura, da escrita e do cálculo; em segundo lugar, as noções de geografia, história, civismo e higiene...”⁷⁶.

68 *Ibidem*, p. 7.

69 *Ibidem*.

70 *Ibidem*, p. 9.

71 *Ibidem*.

72 *Ibidem*, p. 7.

73 *Ibidem*.

74 *Ibidem*, pp. 6-7

75 *Ibidem*, p. 8.

76 *Ibidem*.

Relativamente ao primeiro grupo, e mais especificamente à leitura, considera-se que “...uma leitura mecânica não interessa...”⁷⁷, já que é preciso compreender o que se lê, e importa sobretudo a leitura silenciosa em vez da que se faz em voz alta “...porque é a primeira a que mais serve na vida...”⁷⁸; o vocabulário aprende-se e enriquece-se “...nas conversas com o mestre ou com os companheiros, na leitura e em listas especiais elaboradas pela escola...”⁷⁹. As crianças aprendem e treinam a escrita com base na narração própria de “...casos da sua vida, fazem descrições do que viram, cartas, relatórios, tudo o que na realidade as interessa...”⁸⁰.

Para o segundo grupo de disciplinas, Washburne e colaboradores procuraram em “...jornais e revistas os nomes de acontecimentos, de homens, de lugares que apareciam mais amiúde...”⁸¹, e foi com base nessa recolha que os programas de geografia e de história foram criados: em geografia “...aprendem-se os factos económicos, o género de vida dos povos”⁸², e não uma mera nomenclatura de locais; em história aprende-se “...a vida dos povos do passado e a influência que exerceram sobre a nossa...”⁸³, evitando as habituais narrações de batalhas.

Para além destas disciplinas, os estudos sociais debruçam-se sobre o autogoverno⁸⁴, no estudo da “...solidariedade humana, de compreensão das diferenças individuais, de simpatia pelo que não é igual a nós, de grande sentimento de inter-dependência dos homens, das nações e das raças, de entendimento do dever que todos temos de nos melhorarmos a nós para que possamos melhorar os outros”⁸⁵.

Procura-se sempre a interligação entre as várias disciplinas e outras atividades livres, como no caso dos trabalhos manuais, onde “...o que se fabrica serve para alguma coisa, ingressa como elemento num quadro mais vasto...”⁸⁶.

Para além destas disciplinas, e sempre privilegiando “...um movimento criador...”⁸⁷ que se revela através dos meios de expressão que surgem da “...íntima vontade...”⁸⁸,

77 *Ibidem*, p.11

78 *Ibidem*.

79 *Ibidem*, p.12

80 *Ibidem*.

81 *Ibidem*, p. 8.

82 *Ibidem*, p.14.

83 *Ibidem*, p.12

84 Como se pratica nestas escolas, obedece ao critério de se aprender em contacto com a vida.

85 Agostinho da Silva, “As Escolas de Winnetka” em *ibidem*, p.17.

86 Como, por exemplo, na construção dos elementos necessários a uma peça de teatro que se apresenta: cenário, instalação de luz, guarda-roupa... cf. *ibidem*, pp. 17-18.

87 Agostinho da Silva, “As Escolas de Winnetka”, em *ibidem*, pp 17-18

existem nas escolas de Winnetka atividades livres, individuais ou de grupo: sessões literárias e de discussão; concertos musicais; representações teatrais – cujas peças são habitualmente da autoria dos alunos, e onde cabe sempre a improvisação dos atores; e também “...os jornais escolares, as excursões, a vida dos clubes escolares, das comissões e da assembleia geral dos alunos”⁸⁹.

Assim, e também relativamente às matérias exigidas pelo programa oficial, “...o método de Winnetka dá melhor resultado que os das outras escolas...”⁹⁰.

No entanto, Agostinho da Silva critica um aspeto destas escolas: as técnicas não são apresentadas seguindo “...uma necessidade íntima da vida do aluno, mas impostas de fora, na altura que o mestre julga conveniente...”⁹¹.

4. Parkhurst e o Plano Dalton

4.1 Um problema, um plano para o resolver

Em 1904, Miss Parkhurst (1887-1973) foi encarregada de gerir uma escola rural nos Estados Unidos da América onde havia, na mesma sala, oito classes diferentes, num total de quarenta alunos.

Perante tal dificuldade, não desiste e acabou por encontrar uma solução, tendo então desenvolvido um método de ensino que consistia na individualização do trabalho do aluno através da utilização de planos de trabalho, tendo obtido bons resultados.

O seu interesse por estas questões levaram-na a Itália, em 1914, para frequentar uma escola montessoriana; e, no ano seguinte, dirige uma Escola Normal Montessoriana nos EUA.

Mas é em 1920 que faz o verdadeiro ensaio do método fundando, em Dalton⁹², uma escola, para experiência e respetiva demonstração. São princípios fundamentais do seu método “...desenvolver a criança num ambiente de máxima liberdade possível (...) e a de que se deve habituá-la à cooperação social...”⁹³, procurando ajuda com outros colegas, e prestando também ajuda, por oposição ao ambiente de competição que

88 *Ibidem*, p. 18.

89 *Ibidem*, p.9

90 *Ibidem*, p. 20.

91 *Ibidem*.

92 Que tinha sido já adotado em Inglaterra.

93 Agostinho da Silva “O Plano Dalton” em *O Diabo*, 8 de julho de 1939, p. 1.

imperava anteriormente nas escolas, onde cada um se habituava a “...guardar ciosamente o saber adquirido para se ter a melhor nota da classe...”⁹⁴.

Miss Parkhurst insiste sobretudo na dimensão da liberdade, porquanto “...a cooperação vem naturalmente, nas escolas Dalton, da liberdade que se deixa ao aluno”⁹⁵.

4.2. Liberdade de movimentos sem tempos cortados

Como tal, nestas escolas não se compartimenta o tempo com horários que obrigam a interromper brusca e artificialmente qualquer atividade “...quebrar bruscamente, ao toque da sineta, os interesses que se iam formando, violentar a cada momento as disposições íntimas, é um processo de trabalho incapaz de formar cidadãos conscientes...”⁹⁶, pelo que cada aluno pode dedicar-se a cada disciplina quando quiser e o tempo que quiser, andando livremente pela sala.

A sala de aula não tem carteiras alinhadas, mas “...é um ‘laboratório’, isto é, um local em que o aluno encontra todos os elementos para fazer ele próprio a sua experiência de aprendizagem...”⁹⁷ passando, deste modo, a assumir aí um papel ativo. Há tantos laboratórios, ou salas de aula, quantas as disciplinas existentes, e em cada uma há um professor da respetiva disciplina.

Tal como na sala de aula, os alunos deslocam-se igualmente à sua vontade por todo o espaço da escola, que para isso deve dispor ainda de “...uma sala ou corredor amplo que estabeleça a comunicação entre as várias salas...”⁹⁸. Cada escola dispõe, também, de “...um ginásio, um balneário, uma sala de reuniões, um terreno de jogos, uma oficina de trabalhos manuais...”⁹⁹.

4.3. Uma comunidade livre de aprender

Nas deslocações constantes dos alunos pela escola reina a harmonia, sendo os alunos “...diligentes, aplicados, amáveis e calmos, seguros de si...”¹⁰⁰, e todos aqueles que frequentam as escolas Dalton, em comparação com os de outras escolas, revelam

94 *Ibidem*.

95 *Ibidem*.

96 *Ibidem*.

97 *Ibidem*.

98 *Ibidem*, p. 6.

99 *Ibidem*.

100 *Ibidem*, p. 1.

“...mais desperta e persistente a curiosidade, o amor da descoberta...”¹⁰¹, que emergem em clima de liberdade, e que constituem os elementos necessários à realização da autoaprendizagem que é “...essencial no Plano, como em todos os sistemas da escola nova...”¹⁰².

Por sua vez, o professor “...faz o possível por que o aluno aprenda por si (...), em si confie”¹⁰³, com o mínimo possível de intervenção da sua parte no processo educativo, o “...professor que discursa não tem cabimento nas escolas Dalton...”¹⁰⁴. Os professores do Plano Dalton não necessitarão de ter “...qualidades pedagógicas que são tão raras como as do grande artista ou as do grande sábio...”¹⁰⁵, mas qualquer professor interessado “...é capaz de, bem orientado, praticar sem dificuldade o Plano”¹⁰⁶.

Professores e alunos, juntos, devem formar uma comunidade de trabalho, pelo que “...não existe uma rígida barreira entre mestres e alunos...”¹⁰⁷.

Relativamente à avaliação ou verificação do trabalho do aluno, esta faz-se o mais possível integrada no espírito de liberdade que se vive no dia a dia da escola “...é sempre possível por todas as circunstâncias de vidas que se desenrolam par a par, com liberdade, com sinceridade, com simpatia, com perfeito entendimento, com interesse pela obra colectiva”¹⁰⁸. Neste contexto, poderá fazer-se a avaliação, por exemplo, através de “...uma simples conversa...”¹⁰⁹ entre aluno e professor; o que importa é que o primeiro fique a saber aquilo que não sabia, pelo que o segundo poderá indicar “...uma revisão do que lhe parece menos bem assegurado ou fornecendo elementos para que, em determinados pontos, o rapaz possa alargar o seu saber”¹¹⁰.

101 *Ibidem*.

102 *Ibidem*, p. 6.

103 *Ibidem*.

104 *Ibidem*.

105 *Ibidem*.

106 *Ibidem*.

107 *Ibidem*.

108 *Ibidem*.

109 *Ibidem*.

110 *Ibidem*.

5. Michael Duane e a escola de Risinghill

5.1. Da universidade para o ensino secundário

Michael Duane (1915-1997) era um homem “...firme nas suas opiniões, mas inteiramente disposto a entender as dos outros, pronto a tomar delas o que pudesse corrigir as suas...”¹¹¹, tendo um extremo cuidado em “...não querer impor a ninguém as verdades, ou preconceitos, que seus fossem”¹¹².

Desde cedo havia decidido “...seguir a carreira do ensino...”¹¹³ pelo que, quando ingressou na Universidade de Londres, logo se matriculou no seu Instituto de Educação. Findos os respetivos estudos, e porque “A tal ponto a sua inteligência, sua capacidade de entendimento humano e sua vontade de servir se demonstraram durante o curso que a universidade o escolheu para que regesse cadeira...”¹¹⁴. Assim sendo, ali ficou até que “...o rebentar da segunda guerra o levou às fileiras.”¹¹⁵, para as quais se esforçou por assumir e propagar “...hábitos civilizados de paz...”¹¹⁶.

Depois da guerra, decidiu passar a desenvolver a sua ação educativa no ensino secundário “...já não vendo como (...) sua mais útil forma de servir o de ensinar em universidades, antes lhe parecendo que a chave de tudo se encontrava na escola secundária...”¹¹⁷. Para Duane, deveria existir na etapa escolar anterior à universidade “...um regime de liberdade e de compreensiva guia...”¹¹⁸.

5.2. Primeira experiência no ensino secundário

5.2.1. A solidariedade de Duane

Com tal propósito, Duane ingressou numa escola secundária pública, na qualidade de diretor. A escola tinha más condições de arquitetura e de higiene, pelo que o novo diretor decidiu ali melhorar o que lhe era possível, tendo ele próprio feito a respetiva limpeza: do anterior contexto de guerra trouxera para o atual contexto civil “...medidas

111 Agostinho da Silva, “Tema: A Escola de Risinghill – 1. Quem propõe”, em *Vida Mundial*, 7 de julho de 1972, p. 37.

112 *Ibidem*.

113 *Ibidem*.

114 *Ibidem*.

115 *Ibidem*.

116 *Ibidem*.

117 *Ibidem*.

118 *Ibidem*.

de emergência guerreira (...) ninguém se humilha por fazer o que deve...”¹¹⁹ e, segundo Agostinho da Silva, ainda “...muito mais importante...”¹²⁰ é que, com tal atitude, este homem revelava o seu espírito de solidariedade pelo entendimento do seu semelhante “...embora não pareça, quem limpa é gente”¹²¹, podendo isso servir de modelo para outros. Tal como serviria de exemplo a sua persistência e tenacidade na busca do objetivo: “Desistiria? Não. Teimava”¹²².

5.2.2. Os alunos: da violência ao amor e liberdade

Tal espírito lhe foi guia para o que viria a seguir. Relativamente aos alunos da escola, todos eles eram crianças maltratadas pela fome e pelos castigos que os adultos incessantemente lhes infligiam: para além dos que vinham de um orfanato “...de tipo autoritário que os transformara a todos em quase débeis mentais...”¹²³, a maioria vinha de outras escolas “...onde os professores lhes batiam tanto como os pais e os consideravam quase sempre ou como desprezíveis e inúteis (...) ou como jovens criminosos à volta dos quais tinha que chover castigo sério...”¹²⁴, apresentando eles próprios, também, comportamentos violentos uns com os outros.

A relação de Duane com estes alunos pautava-se pelo cuidado e pela atenção afetuosa que dedicava a cada um “...a todas as crianças atendia como se fossem, e eram, únicos no mundo e como se cada um deles, por amor, guia e confiança, esperasse para esse mundo salvação e céu limpo”¹²⁵. Também atendia e visitava os pais, “...que desconfiavam daquela escola em que não batiam nos alunos...”¹²⁶.

Com o decorrer do tempo, e neste ambiente de compreensão e afetos, “...o medo e a violência das crianças desapareceu...”¹²⁷, passando a revelar muito gosto na frequência da escola daquele diretor “...as crianças acorriam num alvoroço de interesse, se rendiam a quem tanto os visitava, procurava ajudá-los em suas dificuldades...”¹²⁸ e, de igual modo, o reconhecimento dos respetivos pais tomou o lugar da sua anterior desconfiança.

119 *Ibidem*.

120 *Ibidem*.

121 *Ibidem*.

122 Agostinho da Silva, “Tema: Risinghill – 2. Quem supõe”, em *ibidem*, p. 45.

123 Agostinho da Silva, “Tema: A Escola de Risinghill – 1. Quem propõe” em *ibidem*, p. 38.

124 *Ibidem*.

125 *Ibidem*.

126 *Ibidem*.

127 *Ibidem*.

128 *Ibidem*.

No que toca à aprendizagem, esta fazia-se naturalmente a partir dos interesses que os alunos manifestavam “...a aprendizagem por iniciativa dos alunos teve mais peso do que o ensino por iniciativa do professor, ou melhor, por imposição da lei”¹²⁹.

5.2.3. Os professores: poucos bons, muitos maus

No que aos professores diz respeito, e tal como acontecera com os alunos e respetivas famílias, também alguns que eram “...bons, com rara qualidade de amar criança...”¹³⁰ foram “...entendendo o que queria, a que rumos humanos se enviava...”¹³¹. A escola apresentava, agora, um painel de professores inabitual “...surgiu a ensinar a brancos professor africano...”¹³².

Todavia, e quanto à maioria dos professores daquela escola, Duane duvidava da sua capacidade de amar e, portanto, de educar as crianças “...a grande esperança que poderia ter (...) era de que as crianças os educassem a eles”¹³³.

Por via destes professores e de outras entidades descontentes com aquele diretor cuja escola não funcionava de acordo com os moldes normais, houve formalmente queixas a que logo se seguiram, “...com a presteza que não houvera para enviar material e gente, inquérito, inspeções e audiências...”¹³⁴. Então, Duane apresentou a demissão.

5.2.4. Fugir da vida fácil...

Em seguida assumiu novo cargo de direção em outra escola secundária, esta com características muito diferentes da anterior: os seus alunos eram crianças cujas famílias pertenciam a estratos sociais favorecidos, e os professores eram “...de outra categoria...”¹³⁵. Para além disso, o diretor podia contar “...com apoio de cima...”¹³⁶ e “...caminho aberto...”¹³⁷.

129 *Ibidem*.

130 *Ibidem*, pp. 37-38

131 *Ibidem*, p. 38

132 *Ibidem*.

133 *Ibidem*.

134 *Ibidem*.

135 *Ibidem*.

136 *Ibidem*.

137 *Ibidem*.

Neste contexto tão favorável, Duane não teve qualquer dificuldade em se fazer compreender e em desenvolver a sua ação pedagógica no sentido de a levar a bom termo, pelo que logo “...teve êxito fácil...”¹³⁸.

Convicto de que o êxito transporta o grande perigo para a vida que consiste na possibilidade de a converter numa rotina à qual, por sua vez, corresponderá uma espécie de morte na vida, Duane viu-se tentado a abandonar esta escola e, “...quando um inspector lhe deu parabéns e louvores, sentiu que era tempo, demitiu-se e partiu”¹³⁹. E prosseguiu na sua vida de dificuldades, “...inteiro viera, inteiro sairia, pois só assim seria inteira a vida, inteira para ele, inteira para todos”¹⁴⁰.

5.3. A escola de Risinghill

5.3.1 Uma escola para todos se cumprirem

Dos escombros da guerra e num dos piores bairros de Londres, havia sido Duane encarregado de fazer e dirigir uma escola que poria a funcionar como melhor entendesse. Tal significaria que a escola não deveria apenas educar os respetivos alunos, mas toda a comunidade “...também os pais dos alunos (...) os professores (...) os funcionários, e ele próprio, (...) isto é, fazer que se cumprisse”¹⁴¹.

À abertura da escola seguiu-se um período inicial difícil de ajustamento de premissas para o seu funcionamento, como aconteceu em duas situações: a abertura da escola antes do horário oficial; e a abolição dos castigos.

Relativamente à primeira situação, muitas crianças que ficavam, desde a madrugada, abandonadas às condições do tempo, recorriam às instalações da escola como abrigo e, contra o que se tinha como impossível, o diretor autorizou para o efeito a respetiva abertura, alegando que “...escola não era só para dar aulas, mas para criar homens e mulheres o mais possível sãos e que abrigá-los fazia parte do programa...”¹⁴²; e, para a abolição dos castigos que comumente grassavam por ali, ao Conselho de Professores existente juntou Duane “...um Conselho Escolar composto de quatro ou cinco

138 *Ibidem*.

139 *Ibidem*.

140 Agostinho da Silva, “Risinghill – 2. Quem supõe”, em *ibidem*, p. 45.

141 *Ibidem*.

142 *Ibidem*, p. 46

professores, representantes dos alunos de todas as classes e funcionários...”¹⁴³, o qual “...foi de parecer que se abolissem castigos corporais...”¹⁴⁴.

5.3.2. Da violência para a solidariedade

Contra a posição da maioria dos professores da escola relativamente a não divulgar aos alunos tal decisão, para que o medo dos castigos continuasse a surtir efeito, e apesar de Duane explicar “...que medo de castigo é já castigo, que medo é o pior que se pode infligir a alguém e que uma sociedade educada no medo dificilmente arribará a bom porto...”¹⁴⁵, aqueles professores não se demoveram.

Mas Duane comunicou aos alunos que os professores iam deixar de lhes bater, o que logo desencadeou uma “...explosão (...) da liberdade sem peias (...) jamais se viu escola em que centenas de alunos mais gritassem, mais combatessem, mais destruíssem...”¹⁴⁶.

Paralelamente, o diretor mostrava-se disposto a falar com quem se lhe dirigia “...mães expunham seus problemas enquanto crianças engatinhavam pelo tapete e fora se ouvia o rumor de alunos que esperavam vez para também falar e discutir”¹⁴⁷. Este clima de recetividade, consonante com aquilo que afinal, as crianças solicitavam “...que as atendessem, as entendessem e as amassem...”¹⁴⁸, foi tornando cada vez mais desnecessárias as manifestações de violência “...fez que tudo se fosse apaziguando...”¹⁴⁹.

Operara-se uma visível mudança em toda a comunidade, tendo despertado naquelas pessoas “...o seu dever primacial de se desenvolverem ao máximo, afinal apenas por não sufocarem em si o humano que eram...”¹⁵⁰, e isso manifestava-se em comportamentos de solidariedade uns com os outros “...que espontaneamente tinham surgido das almas libertas da solidão e do castigo...”¹⁵¹. Desta forma, “...as raparigas (...) tinham dado pela existência dos velhos, visitavam-nos em suas casas, tratavam-nos (...), faziam que uma vida que ia findando renascesse, encontrasse novos

143 *Ibidem*.

144 *Ibidem*.

145 *Ibidem*.

146 *Ibidem*.

147 *Ibidem*.

148 *Ibidem*.

149 *Ibidem*.

150 Agostinho da Silva, “Tema: Risinghill – 3. E Quem dispõe”, em *Vida Mundial*, 25 de agosto de 1972, p. 25.

151 *Ibidem*.

interesses...”¹⁵²; e, na biblioteca da escola, a anterior atitude de hostilidade contra a bibliotecária e destruição de livros fora substituída pelo desejo de a ajudar “...a manter os livros arrumados e de saber como era possível tornar uma biblioteca eficiente e prática”¹⁵³. Agora, nesse espaço da escola, “...as crianças liam ou ouviam ler, tinham curiosidade de, por si próprias, completar o que traziam das aulas ou se lançar a novos assuntos, aprendiam a organizar bibliografias...”¹⁵⁴.

5.3.3. Um ambiente de criação

Na escola, vivia-se um clima geral de criação, um “...surto de poesia que o comum das escolas mata em nós todos e faz sobrar os poetas como seres de excepção...”¹⁵⁵, já que “...o talento artístico não é, como vulgarmente se julga, o dom de raros, mas património comum de todo o homem...”¹⁵⁶.

Em tal ambiente propício, todos criavam: uma orquestra e coros tinham sido organizados pelos grupos de música; havia clubes desportivos; representavam-se peças de teatro, com textos escritos pelos próprios alunos. Alunos da secção de arte fizeram planos de urbanismo para o bairro de Rishingill “...em que nem engenheiros nem arquitectos tinham sequer pensado”¹⁵⁷. Nas paredes da escola viam-se “...murais magníficos...”¹⁵⁸ desenhados e pintados pelos alunos, convertendo todo o edifício “...numa invenção e realização suas, expressão externa da alegria e da gratidão (...) na descoberta de si próprios”¹⁵⁹.

Este ambiente de criação estendia-se para lá da escola “...para as próprias casas levavam o mesmo impulso de transformação e beleza...”¹⁶⁰.

5.3.4. Entendimento entre as diferentes culturas

A escola era frequentada por uma variedade de crianças filhas de imigrantes, relativamente às quais a norma era, até ali, “...tornar o mais depressa possível bons

152 *Ibidem.*

153 *Ibidem.*

154 *Ibidem.*

155 *Ibidem.*

156 *Ibidem.*

157 *Ibidem*, p. 26.

158 *Ibidem*, p. 25.

159 *Ibidem.*

160 *Ibidem.*

ingleses os filhos de cipriotas ou indianos ou armênios...”¹⁶¹. Para isso, ignorava-se e desvalorizava-se qualquer outra cultura diferente da inglesa.

Segundo Agostinho da Silva, na perspectiva de Duane, aquela atual “...invasão dos imigrantes era apenas mais uma das que haviam atingido as ilhas...”¹⁶², resultando a dita cultura inglesa, afinal, de um misto de culturas de povos imigrantes “...de celtas e saxões, de noruegueses e dinamarqueses, de romanos e de normandos...”¹⁶³ e, portanto, “...nenhuma cultura adventícia se devia desprezar e que se tinha de aproveitar a circunstância histórica para enriquecer indivíduos, e por eles a cultura inglesa...”¹⁶⁴.

Assim, com o propósito de valorizar os indivíduos das diferentes culturas que ali havia, para que eles “...pudessem entender a validade de suas culturas e não se ver apenas como fonte de mão-de-obra barata...”¹⁶⁵, considerou como prioridade ensinar “...os meninos (a) dominar as línguas dos pais...”¹⁶⁶, para o que contratou professores das mesmas nacionalidades “...não eram mais uns desprezíveis estrangeiros; eram os primeiros cidadãos de uma cultura inglesa mais ampla e os mestres, para outros alunos (...), de suas próprias línguas e vivências...”¹⁶⁷. E, na última festa de Natal da escola, “...foi o Menino adorado em seu palheiro com danças e cantos de turcos, de indianos, de israelitas, de italianos e de africanos...”¹⁶⁸.

Todo este trabalho resultou muito positivamente “...o mundo, por eles, se alargava, os homens de origens diferentes se entendiam e a tal ponto que em Risinghill gregos e turcos se tratavam como irmãos e como irmãos tratavam a ingleses ou outros imigrantes”¹⁶⁹.

161 *Ibidem*.

162 *Ibidem*.

163 *Ibidem*.

164 *Ibidem*, p. 26.

165 *Ibidem*.

166 *Ibidem*.

167 *Ibidem*.

168 A escola fechou pouco depois, devido a pressões da oposição política e apesar da grande resistência da escola a esse desfecho. A este propósito, diz Agostinho da Silva “A escola fechava mesmo, as crianças eram reenviadas para os esgotos de que tinham saído...” cf. Agostinho da Silva, *Ibidem*, p. 26.

169 Agostinho da Silva, “Tema: Risinghill – 3. E Quem dispõe”, em *ibidem*, p. 26.

6. Baden-Powell e o escutismo

6.1. Um adulto que era criança

Baden-Powell (1857-1941) foi um militar inglês que se revelou também “...um homem capaz (...) de trabalhar num cenário de destruição para que ele fosse inteiramente construtivo”¹⁷⁰. Animava toda a ação deste homem uma “...força criadora que havia dentro dele...”¹⁷¹ e, de acordo com Agostinho da Silva, algo fundamental que Baden-Powell realizou no mundo através do seu exemplo, foi mostrar que essa “...coisa extraordinária que há no mundo, que é a força criadora...”¹⁷² e que se revela quase sempre nas crianças, afinal também existe nos adultos. E, tal como podemos ler nas “...palavras do Evangelho, o sermos nós todos como crianças...”¹⁷³ é uma porta aberta para que nos “...possamos salvar”¹⁷⁴.

Tais palavras não seriam estranhas a Baden-Powell, homem que, para além daquela característica da criança, revelava outras igualmente atribuídas às crianças: “...uma das grandes qualidades (...) a humildade...”¹⁷⁵, bem como a “...alegria contagiante que havia para toda a gente que com ele entrava em contacto”¹⁷⁶ e, também, como para qualquer criança o tempo deixa de existir quando brinca, é esse o “...milagre que uma criança faz quotidianamente no mundo (...) que o tempo desapareça de sua vida...”¹⁷⁷. Com Baden-Powell o mesmo acontecia “...nunca olhava o relógio; relógio para ele não existia”¹⁷⁸ porque “...para ele tempo não existia também...”¹⁷⁹.

Assim, sendo adulto, Baden-Powell era também criança, e compreenderia “...que, apesar de tudo, era capaz de estar ao mesmo nível dos meninos, ao mesmo nível no sentido de capacidade de interesse pelo mundo e capacidade de interesse pelo jogo”¹⁸⁰.

170 Agostinho da Silva, “Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991- (coordenação de Luís Villalobos)”, em *Jornal de Notícias - Notícias Magazine*, Porto, 30 de Março de 1997, p. 31.

171 Força essa que todos temos também, mas que muitas vezes ignoramos a sua existência.

172 Agostinho da Silva, “Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991- (coordenação de Luís Villalobos)”, em *ibidem*, p. 31.

173 Agostinho da Silva, “Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade” em *Textos Pedagógicos II*, Lisboa, Âncora, 2000, p. 25.

174 *Ibidem*.

175 *Ibidem*, p. 24.

176 *Ibidem*, p. 26.

177 *Ibidem*, p. 24.

178 *Ibidem*.

179 *Ibidem*.

180 *Ibidem*.

6.2. Escutismo: um presente das crianças

Sobre a vida militar, apresentara Baden-Powell um relatório do qual uma cópia, inesperadamente, “...tinha ido parar às mãos de uma educadora...”¹⁸¹. Esta, convencida que tal sistema haveria de dar bons resultados com os seus alunos, propôs ao respetivo autor “...que tomasse um grupo de meninos, experimentasse com eles os princípios que tinham dado certo...”¹⁸².

Assim, aceitou o desafio, tendo provavelmente pensado que “...pela primeira vez no mundo estavam descobrindo o que ele era, menino gostando de entreter-se com meninos...”¹⁸³. E foi neste espírito que caracteriza as crianças, de total entrega e imersão no jogo, que nasceram os princípios essenciais do escutismo prático.

A este respeito, Agostinho da Silva sublinha que, embora Baden-Powell seja tido como fundador do escutismo, na realidade “...o escutismo é essencialmente não uma criação de Baden-Powell...”¹⁸⁴, mas uma criação das crianças, constituindo este um dos seus aspetos fundamentais. Para tal, e durante o processo, Baden-Powell ter-se-á propositadamente colocado, para dar a iniciativa aos meninos, colocou-se propositada e “...inteiramente em segundo plano ...”¹⁸⁵.

Assim sendo, “...não devemos esquecer nunca que o escutismo é fundamentalmente isso, um presente das crianças aos grandes”¹⁸⁶. Com este presente, as crianças “...vêm chamar a atenção dos adultos para toda a vida extraordinária que se pode viver quando cada um de nós (...) voltar a ser a criança que foi e naturalmente deveria continuar a ser”¹⁸⁷. Por isso Agostinho enfatiza que

“...o que nós devíamos era estender o escutismo por toda a vida e ninguém devia deixar de ser escuteiro, e de o ser pela vida inteira. E ninguém devia deixar de ser criança, e de ser criança a vida inteira. (...) Com informação mais alta, mas sempre com o mesmo gosto poético, com a mesma inocência, com a mesma alegria, com a mesma profundidade e atração com que uma criança brinca”¹⁸⁸.

181 *Ibidem*, p. 23. Tratava-se de um relatório sobre as tropas da Índia

182 Agostinho da Silva, “Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade”, em *ibidem*, p. 23.

183 *Ibidem*, p. 24.

184 *Ibidem*.

185 *Ibidem*, p. 25.

186 *Ibidem*.

187 *Ibidem*.

188 Agostinho da Silva, “Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991- (coordenação de Luís Villalobos)”, em *ibidem*, p. 31.

6.3. Educação pela vida

Para Baden-Powell apenas a vida importa e o “...essencial na vida (...) (é) estar alegre...”¹⁸⁹ e ser capaz de contagiar os outros com essa alegria, a qual, a par da humildade, se inclui na “...lição máxima de escutismo...”¹⁹⁰; estas duas qualidades correspondendo a características daquela criança que cada um de nós deverá manter. Portanto, a educação a fazer será o mais natural possível e realizada pela vida, o que se traduz, no escutismo, pela “...primeira ideia fundamental da pedagogia (...) a de que é a vida aquilo que educa...”¹⁹¹.

A este respeito, Agostinho da Silva afirma que Baden-Powell quis que o escutismo “...fosse uma escola de educação pela vida”¹⁹² consistindo esta, simplesmente, na “...maneira de a pessoa se desenvolver livremente, tanto no aspeto físico como no psicológico”¹⁹³. E é assim que, no escutismo, se procura que os jovens sejam educados: o mais naturalmente possível pela vida, pois “...na escola aprendemos pouco, na vida aprendemos muito”¹⁹⁴. Portanto, em vez de “...passivamente estar sentado numa cadeira aprendendo a ler, a escrever e a contar, sobre problemas que não são reais (...) só para o caderninho de problemas...”¹⁹⁵, dever-se-á antes recorrer ao real e participar ativamente no mundo.

Nesta perspetiva se inclui a capacidade de iniciativa própria como um princípio básico do escutismo: para que cada um aprenda o que lhe interessa aprender, o indivíduo deverá procurar “...ele mesmo quem o possa ensinar sobre tal ou tal assunto...”¹⁹⁶, em vez de se sujeitar ao que se encontra prévia e exteriormente imposto, pelo que “...nenhum escuteiro deve ir para parte nenhuma ouvir nenhum curso que lhe queiram dar...”¹⁹⁷. Neste âmbito, e contrariamente à escola formal que “...às vezes fabrica sábios, mas quase nunca fabrica homens no sentido de (...) *persona*, a máscara que age, aquela que representa na vida um papel vital”¹⁹⁸, já no escutismo se prevê que cada um deverá ser capaz de “...realizar na vida o que se lhe meteu na cabeça, a despeito de

189 Agostinho da Silva, “Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade”, p. 32.

190 *Ibidem*, p. 26.

191 *Ibidem*, p. 28.

192 *Ibidem*.

193 Agostinho da Silva, “Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991- (coordenação de Luís Villalobos)”, em *ibidem*, p. 31.

194 Agostinho da Silva, “Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade”, em *ibidem*, p. 29.

195 *Ibidem*, p. 28.

196 *Ibidem*, p. 28.

197 *Ibidem*.

198 *Ibidem*, p. 31.

todos e a despeito de tudo”¹⁹⁹, ou seja, seguir a natureza, agindo sempre de acordo com as suas leis, não se deixando levar por desvios que eventualmente possam surgir.

6.4. Colaborar, em vez de competir

Contrariamente ao que, mais ou menos consensualmente, se entende sobre a *luta pela vida* como sendo algo que integrará naturalmente a vida, isso não corresponde à verdade. A este respeito, Agostinho da Silva chama a atenção sobre a interpretação que habitualmente se faz da teoria da seleção natural, quando erradamente se cita Darwin “...de facto Darwin não falou no mais forte, mas no mais apto, o que é inteiramente distinto”²⁰⁰.

Esclarecido este ponto, e considerando que aquela expressão tem a sua origem nesta teoria, a sua interpretação errada tem legitimado o contexto geral onde vivemos e no qual se valoriza a competição e respetivo vencedor “...numa civilização de concorrência, numa civilização de combate, numa civilização daquilo a que se chama luta pela vida...”²⁰¹, luta essa que se pode traduzir, por exemplo, na “...luta em concurso pela conquista do nosso lugar pessoal ou de luta no mundo, por exemplo pela conquista de mercados...”²⁰². Portanto, e contrariamente ao que estamos acostumados a ter como certo, essa luta pela vida não é natural, antes é artificial porquanto é fabricada por seres humanos, e atenta contra a alegria que caracteriza a criança, assim sendo, será necessário que consigamos afastá-la das nossas vidas.

Essa foi a preocupação de Baden-Powell que, no âmbito do escutismo, “...deu o primeiro golpe nessa concorrência quando fez que aquilo que existisse fosse uma concorrência de grupo perante outro grupo, não o do indivíduo perante outro indivíduo”²⁰³. Deste modo, embora não tivesse aí eliminado definitivamente a competição, “...pelo menos, matou ele completamente a ideia de concorrência entre indivíduos...”²⁰⁴, tratando de a substituir pela “...ideia da colaboração do indivíduo com

199 *Ibidem*, p. 32.

200 *Ibidem*, p. 30.

201 *Ibidem*, p. 29.

202 *Ibidem*, p. 30.

203 *Ibidem*.

204 *Ibidem*.

o seu grupo”²⁰⁵, ou seja, em qualquer situação “...é preciso participarmos dos outros, com os outros e para os outros...”²⁰⁶.

A vida que desenvolvemos em comum facilita a conversa e a atenção às ideias dos outros, permite desenvolver “...a arte de ter atenção às ideias que aparecem e da curiosidade de ver até onde é que elas vão, porque elas fazem falta”²⁰⁷ o que no escutismo tem, como contexto facilitador, a “...conversa à volta do fogo...”²⁰⁸.

Perante os problemas da sociedade, a solução é: “...escutismo no mundo, de uma maneira geral. Segundo a cultura, o jeito de ser próprio de cada país ou de cada região, em cada caso”²⁰⁹.

6.5. Pedagogia e vida militar

Segundo Agostinho da Silva, “...há uma força criadora total”²¹⁰, força essa que apenas resultará efetivamente em criação através “...de um carácter forte, de não ter medo a coisa alguma...”²¹¹, será este o caso de Baden-Powell, que conseguiu transformar a guerra em algo criativo.

E, como ele, todas as pessoas têm tal possibilidade, desde que o seu carácter se molde em condições a isso propícias. Nesta perspetiva, e relativamente aos jovens, Baden-Powell preconiza “...uma educação que lhes temperasse a vontade...”²¹², para o que se lhes deve possibilitar a experiência de “...uma vida difícil, (...) uma vida perigosa...”²¹³, a fim de os equipar com “...a capacidade de confiança em si suficiente para afrontar tudo o que a vida lhes trouxesse”²¹⁴, já que só nessas condições “...dá o homem o melhor de si próprio”²¹⁵.

205 *Ibidem*.

206 Agostinho da Silva, “Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991- (coordenação de Luís Villalobos)”, em *ibidem*, p. 31.

207 *Ibidem*, p. 32.

208 *Ibidem*.

209 *Ibidem*.

210 *Ibidem*, p. 31.

211 Agostinho da Silva, “Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade”, em *ibidem*, p. 32.

212 Para que não mais houvesse “...gente fraquíssima de carácter, fraquíssima de corpo, esperando que chegue o tempo de jantar para que chegue o tempo de dormir para que chegue o tempo de se levantar”, cf. Agostinho da Silva, “Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade” em *ibidem*, p. 27.

213 Agostinho da Silva, “Baden-Powell, Pedagogia e Personalidade” em *ibidem*, p. 26.

214 *Ibidem*, p. 28.

215 *Ibidem*, p. 26.

Tal educação far-se-á na vida, já que “...só a vida nos pode educar para a vida na medida em que corajosamente a ela nos lançarmos...”²¹⁶ correspondendo esta, por isso, à “...grande educação que existe no mundo, (...) fora das escolas”²¹⁷. E porque o que realmente importa é ficar “...instruído para a vida...”²¹⁸, e a vida constantemente nos apresenta desafios imprevistos, então é preciso “...ter espírito de iniciativa...”²¹⁹ e ser capaz de correr riscos de qualquer natureza.

Com tal fito, Baden-Powell afirma que, logo que os jovens atinjam a idade de dezoito a vinte anos, é necessário “...lançá-los em tarefas duras, em tarefas difíceis, em tarefas em que se corresse risco de vida”²²⁰. A este propósito, e a par da grande importância de que se reveste tal educação para assim valer a vida humana, também Agostinho da Silva releva a atitude daquele homem como a de um educador verdadeiro, porquanto Baden-Powell “...na altura em que apresenta uma teoria educativa, não se importa de fazer com que os outros afrontem risco de vida”²²¹.

A via para a concretização deste tipo de educação poderá encontrar-se na organização militar: se, por um lado, Baden-Powell convictamente afirmava que “...um dia a guerra seria completamente banida do mundo, porque (...) não faz parte da natureza humana, mas vem sobre nós por uma série de fatalidades e circunstâncias do desenvolvimento histórico...”²²², por outro lado também considerava que dela deveríamos nós “...guardar as virtudes da vida militar...”²²³ para uma “...verdadeira educação dos jovens...”²²⁴. Por isso, em muitos aspetos, o escutismo é semelhante à organização militar.

216 *Ibidem*, p. 28.

217 *Ibidem*, p. 26.

218 *Ibidem*, p. 28.

219 *Ibidem*, p. 32.

220 *Ibidem*, p. 26.

221 *Ibidem*.

222 *Ibidem*.

223 *Ibidem*.

224 *Ibidem*.

PARTE B

“Conversas Vadias”:
pensamento e ação de Agostinho da Silva

Apresentação

1. Treze entrevistas com Agostinho da Silva: *pelos vozes dos entrevistadores*

“Conversas Vadias” é o título de um programa da Rádio Televisão Portuguesa, gravado em Lisboa no ano de 1990 e emitido semanalmente às quintas-feiras, o qual consistiu numa série de treze entrevistas com Agostinho da Silva.

No início da primeira entrevista¹, logo a abrir a série de treze, foi apresentado o motivo que terá presidido à sua realização: “A ideia destes programas, destas Conversas, é dar a conhecer ao público de televisão o pensamento original e polémico de uma grande figura da cultura portuguesa contemporânea - Agostinho da Silva”².

No decurso do programa, outros entrevistadores tiveram oportunidade de o caracterizar. Assim, e segundo estes, “As Conversas Vadias pressupõem a ideia de uma conversa em liberdade, com indisciplina e com fantasia!”³, e também são “...uma homenagem [...] ao senhor Professor!”⁴, tanto mais que Agostinho da Silva privilegia esta forma de comunicação que é a conversa, e naquelas condições.

Assim, participar nestas “Conversas Vadias” enquanto entrevistador, nas quais “A ideia de vadiagem...”⁵ está presente e se espera acontecer, encontrando-se ali “Sempre à conversa...!”⁶ com o Professor Agostinho da Silva “...numa mesa quase de palratória...”⁷ onde, e a gosto, se pode “...jogar o jogo da conversa nessa afirmação de uma vadiagem...”⁸, é viajar pelo tempo e pelo conhecimento numa expedição cuja meta não se conhece *a priori*, já que “...o ponto de chegada será aquele onde a conversa vadia do senhor Professor nos conduzir...”⁹.

¹ A primeira entrevista foi conduzida por Maria Elisa – tendo cada uma delas contado com um entrevistador diferente. Assim, e para além da referida, os restantes doze entrevistadores foram - desde a segunda até à décima terceira entrevista: 2ª. Adelino Gomes; 3ª. Joaquim Letria; 4ª. Isabel Barreno; 5ª. Baptista-Bastos; 6ª. Alice Cruz; 7ª. Cáceres Monteiro; 8ª. Fernando Alves; 9ª. Vasco Ramalho e João Carlos; 10ª. Herman José; 11ª. Miguel Esteves Cardoso; 12ª. Manuel António Pina; 13ª. Joaquim Vieira. Cada entrevista teve a duração de, aproximadamente, meia hora.

² Palavras ditas por Maria Elisa, em Entrevista com Maria Elisa.

³ Entrevista com Baptista-Bastos: palavras do entrevistador.

⁴ Entrevista com Alice Cruz: palavras da entrevistadora.

⁵ Entrevista com Fernando Alves: palavras do entrevistador.

⁶ *idem*

⁷ Entrevista com Joaquim Letria: palavras do entrevistador.

⁸ Entrevista com Fernando Alves: palavras do entrevistador.

⁹ Entrevista com Adelino Gomes: palavras do entrevistador.

Pelo prazer e pela utilidade que proporciona, cada uma dessas “Conversas Vadias” bem poderia prolongar-se, todos lhe encontram “...o defeito de ser muito pequenina...”¹⁰, o que se aplicará tanto a entrevistadores, como também, e especialmente, ao respetivo público, já que as “...pessoas que assistem [...] a estas conversas vadias regularmente, são clientes certos, e que estão muito curiosos...”¹¹.

Respondendo a tal curiosidade, a emissão do programa através da televisão constitui-la-á em veículo e montra de conhecimento “...gigantesca montra (...) da sabedoria passada através da conversa”¹².

2. Perspetiva de Agostinho da Silva

No decurso das treze “Conversas Vadias”, e através das próprias palavras de Agostinho da Silva, pudemos ficar a conhecer a sua perspetiva relativamente ao programa¹³.

2.1. Uma obrigação e uma escola

Confrontado com a possibilidade de o programa ter surgido como uma homenagem à sua pessoa, bem como o incremento da fama que este conseqüentemente lhe trará, Agostinho não revela qualquer sinal de hesitação quando rejeita ambas as situações. Relativamente à primeira, declara “...considero que é uma obrigação!!...”¹⁴ e, assim sendo, acrescenta que não constitui hábito seu recusar aquele tipo de convites, pois diz-nos ele que “Desde que me convidam para alguma coisa, eu não tenho razão nenhuma para dizer que não!...”¹⁵. E, relativamente à segunda situação referida, afirma veementemente que não se deixará conduzir e submeter por qualquer tipo de fama “Tenho a [...] certeza absoluta de que não vou ficar prisioneiro!!”¹⁶.

Portanto, e para além destas questões, o que se lhe afigura relevante é que este, tal como outros programas de televisão, se poderá constituir veículo privilegiado de uma outra escola “Isso eu acho que sim, que é uma coisa que se pode fazer!!...”¹⁷.

¹⁰ Entrevista com Herman José: palavras do entrevistador.

¹¹ Entrevista com Manuel António Pina: palavras do entrevistador.

¹² Entrevista com Fernando Alves: palavras do entrevistador.

¹³ O que nos poderá revelar interessantes aspetos do seu pensamento e respetiva postura na vida.

¹⁴ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁵ *idem*

¹⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁷ Entrevista com Fernando Alves. Obrigação sua, em vez de homenagem à sua pessoa.

2.2. A imaginação está na pergunta

Sobre o número de entrevistas que se acertara previamente para o programa, diz não ter sido ele “...quem marcou treze programas!...”¹⁸, nem tão pouco conhece o motivo para tal: “Marcaram-me treze... - não sei porquê!”¹⁹. Afinal, não haveria necessidade dos treze, já que Agostinho “...talvez tivesse dito tudo logo no primeiro programa...!”²⁰.

De qualquer modo, aquilo que ficara combinado é que o programa decorreria através de perguntas e respostas, “...a pessoa que vinha fazia uma pergunta, e eu respondia, se pudesse responder...!!...”²¹. Em cada programa, cabe-lhe apenas o papel de responder às perguntas colocadas “A resposta vem automaticamente logo que a pergunta aparece...!!...”²², pelo que essas perguntas e respetivos autores é que deverão assumir relevância, já que considera que “...a imaginação está fundamentalmente do lado da pessoa que pergunta...!!...”²³. Portanto, Agostinho dedica uma especial atenção à pessoa com quem conversa “...a atenção que eu tenho é para a outra pessoa que fez o favor, teve a atenção, de vir dialogar, de vir perguntar coisas...!!...”²⁴, pelo que declara “...gosto da pessoa que está falando comigo...”²⁵.

2.3. O que diz que resultou

2.3.1. Ser tomado como droga, e haver identificação

Confrontado com o bom nível de recetividade ao programa por parte do público, Agostinho estabelece um paralelismo entre essa situação e a do consumo de drogas, avançando que tal recetividade “...pode ser que também seja uma droga...”²⁶. A ser assim, rejeita qualquer culpa sua no processo, antes a atribuindo às pessoas que o tomam como droga: “Eles têm a culpa de me tomar como droga!”²⁷.

Paralelamente, aquele bom nível de recetividade poderá dever-se, e corresponder, à curiosidade que tal programa e tal protagonista desperta. Neste caso, as pessoas aderem porque aceitam as ideias de Agostinho “...eles próprios estão convencidos de que é

¹⁸ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁹ *idem*

²⁰ *idem*

²¹ *idem*

²² Entrevista com Maria Elisa.

²³ Entrevista com Maria Elisa.

²⁴ Entrevista com Alice Cruz.

²⁵ *idem*.

²⁶ Entrevista com Herman José.

²⁷ *idem*.

verdade aquilo que eu digo!...”²⁸, o que poderá acontecer através de uma ou de outra via “...por exame próprio que fizeram, por exame crítico... porque lhes pareceu que realmente era isso que tinha que acontecer.”²⁹; ou então, das suas ideias, aceitam “...aquilo que eles quisessem aceitar...”³⁰.

A tal aceitação corresponderá necessariamente a identificação com as mesmas ideias “...em virtude de ser o próprio que [as] tem lá dentro!”³¹, o que será o mesmo que dizer que “...as pessoas têm dentro delas, esse mesmo ideal...”³². A ser assim, se “...as pessoas, acham que isso está bem, é porque elas também acham que é natural que eu também esteja assim...!!...”³³.

2.3.2. Conversar é melhor...

Agostinho da Silva quer, e espera, que o programa “Conversas Vadias” “...seja de conversa...”³⁴ e não tanto de discussão, privilegiando largamente a primeira situação relativamente à segunda.

Tal preferência relaciona-se, e revela-se, no sentido etimológico de cada uma daquelas palavras: por um lado, a conversa pressupõe que as pessoas envolvidas cheguem sempre a algo de comum entre si “...que, pela palavra, que uns se voltam para outros, e procuram chegar sempre a alguma coisa de comum!...”³⁵; ao contrário, a discussão pressupõe algo diferente disso, já que “...no sentido da etimologia da palavra (...) significa sacudir...”³⁶.

No entanto, “...se foi discussão...”³⁷, isso também “...foi bom para nós...”³⁸, já que “...é bom duas pessoas sacudirem as respetivas cabeças, para terem a certeza de que alguma coisa existe lá dentro...!!...”³⁹.

De qualquer modo, e de ambos os modos - por conversa e por discussão - o programa “Conversas Vadias” terá resultado muito positivo, porquanto “Estar aqui a falar

²⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁹ *idem*.

³⁰ *idem*.

³¹ Entrevista com Isabel Barreno.

³² Entrevista com Maria Elisa.

³³ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁴ Entrevista com Adelino Gomes.

³⁵ *idem*

³⁶ *idem*

³⁷ *idem*

³⁸ *idem*

³⁹ *idem*

consigo, e para um público que nos ouve aos dois... - excelente, é do melhor que há!!...»⁴⁰.

⁴⁰ Entrevista com Fernando Alves.

CAPÍTULO I
Vida de Agostinho da Silva,
Vagabundo dos Tempos Todos

“...sou do futuro ou sou do passado?!... – é muito difícil de dizer!!... Parece que é... que sou de alguma coisa que ainda se não conseguiu fazer!!! (...) eu não sei se estou a remeter para o futuro, se estou a remeter para o passado – ou se estarei, absurdamente se quiser, a remeter para a eternidade das coisas...!!...”

Entrevista com Fernando Alves

1. Uma Vida, uma vadiagem pelo mundo

Sobre si próprio, diz Agostinho da Silva que é vagabundo “...se é, por exemplo, que o vagabundo não gosta muito de estar fixo, atarraxado num lugar, porque gostaria de ver ele o mundo todo, também sou!... Claro!!”¹. E, efetivamente, a sua vida fez-se vadiando por diversos lugares do mundo, em tempos também diversos - de menino a velho de barba branca. Como num círculo, ponto de partida e ponto de chegada coincidem, resumindo-se num mesmo ponto: Portugal – que, afinal, traduz e revela o motivo e o interesse que o terá movido em todas estas várias e vadias andanças da sua vida.

Entre Portugal a Portugal, teve residência em França, Espanha, Brasil, Uruguai, Argentina, Japão, Macau, Timor, Estados Unidos, Senegal..., em períodos de tempo mais extensos nuns lugares, não tão extensos noutros – entre todos, destaca-se o Brasil - onde viveu vinte e cinco anos, tendo adquirido a nacionalidade brasileira em 1958.

1.1. Portugal: Porto - Barca d’Alva – Porto - Lisboa

1.1.1. Primeiros anos da infância: vividos na vida de Barca d’Alva

Portugal, Porto, 13 de fevereiro de 1906 - nasce para este mundo o menino George Agostinho Baptista da Silva². Mas o que estava na mira era Barca d’Alva³, uma pequena aldeia portuguesa cujos rios Douro e Águeda partilhava com terras espanholas, e que “escolhera” para nascer: “E pode ser que, ao rodar o mundo diante de mim, eu tenha achado que Portugal era extremamente interessante para eu nascer...!! E até um certo ponto!! do país!... Talvez, por exemplo, tivesse apetecido nascer na própria aldeia de Barca d’Alva...!!...”⁴.

No entanto, ter-se-á dado, afinal, um pequeno erro de longitude devido a dificuldades no processo, e não foi ali parar: “Mas, como é muito difícil fazer um tiro de artilharia de

¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

² Agostinho da Silva, filho de Francisco José Agostinho da Silva e Georgina do Carmo Baptista da Silva (um era algarvio, e outro alentejano) – nasceu numa casa da Travessa de Nova Sintra, nº 67 (atual nº 126).

³ Atualmente, Barca d’Alva insere-se no Parque Natural do Douro Internacional. Não é aldeia, mas lugar que pertence à freguesia de Escalhão, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda, e localiza-se muito perto da fronteira com Espanha - cujo traçado corresponde, ali, ao curso dos rios Douro e Águeda. Habitualmente referenciada por Agostinho como sendo uma aldeia transmontana, Barca d’Alva encontra-se formalmente no interior da fronteira geográfica da Beira Alta – mesmo junto à de Trás-os-Montes.

⁴ Entrevista com Isabel Barreno.

alguma coisa que rola para outra coisa que rola (...) deve ter havido um engano, e foi cair no Porto...!!...”⁵.

Aquilo que movia a pessoa de Agostinho da Silva para “escolher” como local do seu nascimento a dita aldeia, para si, simultaneamente transmontana e beirã⁶, e que consistia em “...ver bem como era uma aldeia portuguesa...! E aquela tão caraterística!!... Duríssima!! aldeia naquele tempo...!!...”⁷ terá prevalecido de modo que, por volta dos seus seis ou sete meses de idade foi, efetivamente, viver para Barca d’Alva⁸.

E foi ali que passou os primeiros anos da sua infância, brincando na rua e vendo a vida... - atividades que lhe davam prazer, contrariamente àquela outra da aprendizagem da leitura, que se via obrigado a fazer com a mãe: “...minha mãe achou que eu devia aprender a ler (...) a mim me apetecia muito mais ir para a rua e brincar... e ver a vida - do que ler letras e saber escrever letras! - ela me tinha que amarrar a perna... (à perna da mesa); (...) na altura não me interessou absolutamente nada ler!... Ler o quê?!...”⁹.

1.1.2. Percurso escolar no Porto: desde a escola primária de São Nicolau até à Faculdade de Letras do Porto

Por volta de 1912 ou 1913, a família de Agostinho da Silva regressa ao Porto¹⁰. E será nesta cidade que irá decorrer todo o seu percurso escolar: desde a escola primária até à universidade.

Inicia esse percurso, aos seis anos de idade, na escola primária de São Nicolau - como Agostinho já sabe ler quando aí ingressa, faz um exame cuja aprovação lhe permite a passagem imediata ao grau seguinte. Conclui a quarta classe, e respetivo exame, em 1914 – ano em que também dá entrada na Escola Industrial Mouzinho da Silveira.

Durante dois anos frequenta esta escola, mas será no Liceu Rodrigues de Freitas – onde se matricula em 1916 – que concluirá o seu ensino secundário.

⁵ *idem*.

⁶ É transmontana – porque ele assim frequentemente a refere; e é beirã, porque formalmente o é.

⁷ Entrevista com Isabel Barreno.

⁸ Seu pai, funcionário da Alfândega, fora transferido do Porto para Barca d’Alva naquela altura (agosto ou setembro de 1906) – pelo que passou a residir aí, acompanhado pela família. A propósito, refere-se que a estação ferroviária de Barca d’Alva – hoje abandonada e em ruína - teve grande importância (até 1985) pela localização fronteiriça: era a última estação portuguesa, pelo que dispunha, para além de outros equipamentos (ex: placa giratória) de postos aduaneiros. E foi nesses postos que trabalhou o pai de Agostinho da Silva.

Nota: em 1985, o troço Boadilla-Fregeneda - Fronteira do Águeda foi encerrado. Barca d’Alva e o Douro perdiam a sua ligação internacional, e em 1988 era a vez do último comboio apitar em Barca d’Alva, com o encerramento do troço Pocinho-Barca d’Alva.

⁹ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁰ O pai volta a trabalhar na cidade do Porto...

A universidade recebe-o no ano de 1924, na Faculdade de Letras do Porto e no curso de Filologia Clássica¹¹ - daí lhe terá ficado o hábito de ir à origem das palavras: “...olhe, eu tenho a mania... por causa do Porto... exatamente da Faculdade de Letras do Porto, onde estudei Filologia, eu tenho a mania de ir logo à origem da palavra...”¹².

Conclui a licenciatura em 1928¹³ e, em seguida, vai viver para Lisboa: “...eu saí do Porto logo que terminei o curso na Faculdade de Letras, portanto com vinte e poucos anos, vinte e um ou vinte e dois, ou qualquer coisa como isso...”¹⁴.

1.1.2.1. Doutoramento com raiva

No ano de conclusão da licenciatura – e ainda na mesma instituição – inicia o seu doutoramento, cuja dissertação “O Sentido Histórico das Civilizações Clássicas” defende no espaço de tempo de apenas um ano¹⁵. Mas Agostinho não tinha intenção de fazer doutoramento: “...que não tencionava fazer!... Eu não precisava de ser doutor para coisa nenhuma...!!...”.¹⁶ O que principalmente o terá levado a isso foram motivos relacionados com o encerramento desta Faculdade do Porto, e cuja responsabilidade caberia, em grande parte, às Universidades de Coimbra e de Lisboa... Então, a fazer doutoramento mais tarde, isso teria que acontecer numa daquelas universidades – pelo que Agostinho tomou a decisão de o levar a cabo naquela altura, mas com raiva: “Mas o que moveu a fazer a tese e tudo aquilo, foi exatamente a raiva que eu tinha à Universidade de Lisboa e à Universidade de Coimbra, por terem destruído a do Porto! (...) Com raiva!! Porque eu não queria de nenhuma maneira ser doutorado pela Universidade de Coimbra ou pela Universidade de Lisboa – que tinham ajudado a destruir a do Porto!! E então, com raiva a elas, eu fui fazer o doutoramento no Porto...”¹⁷.

Reforça esta postura, quando afirma que o mérito do seu doutoramento consiste em ter mostrado a vontade de salvar a Faculdade de Letras do Porto “...teve o mérito, da

¹¹ Inicialmente, Agostinho da Silva matriculou-se em Filologia Românica; e, ainda no mesmo ano letivo e, alegadamente, por desentendimentos com Hernâni Cidade, mudou para Filologia Clássica – ambos os cursos ministrados na Faculdade de Letras do Porto.

¹² Entrevista com Manuel António Pina.

¹³ No âmbito do final da licenciatura, fez dissertação sobre o poeta latino Catulo. Também, durante o tempo em que estudou nesta Faculdade, passa a fazer parte do grupo de Leonardo Coimbra (diretor da mesma Faculdade) e que, mais tarde, virá a ser conhecido, por muitos, como a escola portuense de filosofia... (por exemplo, segundo Pinharanda Gomes).

¹⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁵ Houve a necessidade de concluir o doutoramento naquele espaço de tempo, porque a Primeira Faculdade de Letras do Porto – cujo diretor era Leonardo Coimbra - tinha já o seu fim anunciado...

¹⁶ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁷ *idem*

minha parte, de demonstrar a vontade que tinha de salvar, quanto possível, a Faculdade de Letras do Porto que o governo tinha mandado extinguir...!!¹⁸”.

Para além destas motivações para si realmente importantes, outras existiram: acompanhar o amigo António Salgado Júnior – que insistia em que Agostinho se doutorasse com ele – “...para ir com ele (sobretudo para ir com ele – o António Salgado Júnior, de quem eu era muito amigo!), lá fomos os dois, e eu lá fiz o meu doutoramento!...”¹⁹; e também pela possibilidade de posterior carreira universitária que se supunha vir a exigir aquele grau – “Mas, como um amigo (António Salgado Júnior) me falou na possibilidade de um dia surgir uma carreira universitária para que exigissem o título de doutor...”²⁰.

1.1.3. Em Lisboa: colabora na Revista *Seara Nova* e Frequenta a Escola Normal Superior de Lisboa

Em paralelo com a atividade de realização da dissertação de doutoramento, Agostinho da Silva colaborava na Revista *Seara Nova*²¹ - onde ingressara na altura em que se preparava para entrar na Escola Normal Superior de Lisboa.

Aliás, estas duas ocorrências estavam relacionadas – já que Agostinho declara que entrou para a *Seara Nova* como estratégia de defesa e de combate aos seus futuros examinadores daquela Escola. Estes eram alguns dos responsáveis pelo encerramento da Faculdade de Letras do Porto, os quais tinham conhecimento da pessoa de Agostinho da Silva como opositor a essa decisão – facto que iria inegavelmente pesar a desfavor do examinando: “A minha ingressão no movimento foi à entrada na Escola Normal Superior, em que eu ia ter que afrontar para... para que me iam examinar homens que tinham ajudado a extinguir a Faculdade de Letras do Porto, não é?...”²²; desfavor que, deste modo, preveniu e ultrapassou “E a *Seara Nova* era o único lugar onde eu podia, antes de ir ao exame, combater os examinadores!!... E, portanto, entrar logo em posição que os obrigaria a tomarem eles próprios posições, e a ver o que havia...!! Então, a *Seara* me acolheu, escrevi os artigos que eram necessários...”²³

¹⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁹ Entrevista com Alice Cruz.

²⁰ *idem*

²¹ A colaboração na Revista *Seara Nova* iniciou-se logo que Agostinho da Silva terminou a sua licenciatura.

²² Entrevista com Baptista-Bastos.

²³ *Idem*.

Em 1930 (e já com o doutoramento concluído em 1929), ingressa na Escola Normal Superior de Lisboa – onde decidiu ficar, apesar de não ser aí bem recebido: “Fui, como se calcula, muito mal acolhido na Escola Normal Superior mas, como teimeei em ficar, fiquei!...”.²⁴

Em contrapartida, na *Seara Nova* relacionou-se com figuras como António Sérgio e Câmara Reis “E, depois, começou a relação com toda a gente da Seara - eu não me lembro se, nessa altura, o Sérgio estava em Lisboa, ou se estava exilado... - lembro-me bem de Câmara Reis...”, apreciou a liberdade que ali se vivia “...de como aquilo corria tudo, a liberdade que havia naquelas reuniões...”, e constatou “...o gosto que havia, em grande parte, de tornar o país racional...”.²⁵

No entanto, critica a atitude daquela gente que, segundo ele, se restringia a escrever artigos e a discutir, entre si, ideias “...a sociedade portuguesa não se podia transformar através de discursos, através de publicações!... (...) não era escrever artigos para jornais, publicar numa revista - todas as semanas, quando havia dinheiro; todos os meses, quando não havia.”²⁶ - em vez de participar também, e através de outros meios mais ativos e práticos, na melhoria das condições de vida do país “A sociedade portuguesa tinha que se transformar através de fazer coisas!...”²⁷. E acrescenta: “E isso é que, realmente, a Seara nunca fez!...”²⁸.

Assim, Agostinho da Silva continua a sua colaboração na *Seara Nova* através dos artigos que escreve, mas afasta-se daquela postura com a qual não se identifica: “...o resto, puramente a discussão de ideias sobre pedagogia ou qualquer coisa, punha isso de parte...”²⁹ e considera “...que o importante era fazer as coisas em lugar de estar a declamar sobre elas...!”³⁰.

Dentro desse espírito e porque se encontrava, naquele tempo, a fazer estágio no Liceu Pedro Nunes, dedicou-se, privilegiadamente, à prática do ensino secundário “Eu estava sobretudo muito interessado, nessa altura, em aprender aquilo que devia fazer, que era ensinar no ensino secundário, já que tinha sido impedido do ensino superior!... (...)

²⁴ É mais extremista nas conversas vadias do que noutro material escrito. Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁵ Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁶ *idem.*

²⁷ *idem.*

²⁸ *idem.*

²⁹ *idem.*

³⁰ Entrevista com Baptista-Bastos.

Então, todo eu estava dedicado à prática desse ensino, aquilo que devia fazer nesse domínio!...”³¹.

1.2. França: Paris

No ano seguinte, em 1931, confronta-se com um dilema: ou aceita um lugar de professor efetivo nos Açores, ou aceita uma bolsa da recém-criada Junta da Educação para estudar em Paris durante dois anos... “...o primeiro lugar de professor efetivo que eu tive foi para a Ilha Terceira... mas, no mesmo momento, a Junta de Educação da ideia do Sérgio³² e que se tinha realizado havia pouco, ofereceu uma bolsa para ir a Paris...!”³³.

Acaba por se decidir pela segunda alternativa, e vai estudar na Sorbonne e no Collège de France: “...e eu troquei!!... a Ilha Terceira por Paris, sabe?!...”³⁴ – decisão que lhe mereceu depois um grande arrependimento: “Até hoje, não consegui não me arrepender (...) de tudo isso, ter um remorso muito profundo...”³⁵.

1.3. Portugal: Aveiro

Em 1933, regressa a Portugal e fixa residência em Aveiro – já que é colocado, como professor efetivo, no Liceu José Estêvão dessa cidade³⁶.

Aí, leciona até 1935 - altura em que é, de novo, confrontado com a necessidade de fazer outra escolha: para continuar a exercer a docência como professor oficial, terá que assinar a respetiva declaração exigida pelo governo³⁷. Agostinho recusa assinar tal declaração tendo sido, por isso, imediatamente demitido do ensino oficial – mas bateu-se pela sua liberdade: “Quando eu me recusei a assinar lá o papel que o governo queria que eu assinasse, eu bati-me pela minha liberdade!!...”³⁸.

³¹ *idem*

³² Sérgio, ou António Sérgio – este, e também Raul Proença e Jaime Cortesão encontravam-se em Paris, como exilados políticos, na mesma altura em que Agostinho, na qualidade de bolseiro, lá esteve. Encontravam-se com frequência. Entrevista com Isabel Barreno.

³³ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁴ *idem*

³⁵ *idem*

³⁶ De 1929 a 1932, lecionara, respetivamente, nos Liceus: Alexandre Herculano; Gil Vicente; Pedro Nunes; e, de novo, Alexandre Herculano.

³⁷ Trata-se da Lei Cabral, que obriga todos os funcionários públicos a declararem formalmente que não pertencem, nem nunca pertencerão, a qualquer organização de natureza secreta.

³⁸ Entrevista com Cáceres Monteiro.

1.4. Espanha: Madrid

Ainda em 1935, consegue uma bolsa de estudos do Ministério das Relações Exteriores de Espanha, e ingressa no Centro de Estudos Históricos de Madrid – onde se propõe estudar o misticismo espanhol. Decorrido um ano, e devido a incompatibilidades havidas com Américo de Castro, seu orientador, regressa de novo a Portugal³⁹.

1.5. Portugal: Lisboa

Em 1936, tendo-lhe sido vedado o acesso ao ensino oficial, Agostinho assegura agora a sua sobrevivência pelo recurso ao ensino particular e a explicações, na sua casa⁴⁰, em Lisboa.

Entretanto, prossegue a colaboração com a revista *Seara Nova* - onde vão saindo as suas *Biografias*, que começou aí a publicar; dois anos após o regresso a Portugal, dá por finda a sua ligação àquele movimento.

Em 1939, enceta um período diferente de difusão intensiva de conhecimento, com a criação do Núcleo Pedagógico Antero de Quental: apresenta várias conferências por todo o país, e publica os *Cadernos de Iniciação Cultural*⁴¹ - que vão saindo regularmente.

Tais dinâmicas suscitaram a atenção e a hostilidade por parte da Igreja e do governo. E, em 1943, quando é publicado *O Cristianismo*, caderno que foi considerado subversivo por aquelas entidades – no decurso da polémica que se gerou, acabará por ser preso⁴².

No ano de 1944, depois da excomunhão de que fora alvo pela igreja católica, e certamente para se afastar do risco de prisão, deixa Agostinho, uma vez mais, o seu país...

³⁹ Esta altura coincide com o período de tempo em que era iminente a guerra civil espanhola – razão pela qual alguns autores terão atribuído o seu regresso a esse facto. No entanto, ... *continuar com fundamento que atesta o que afirmo*.

⁴⁰ Dos seus alunos destas aulas em casa (e cercanias...), referimos o escultor Lagoa Henriques – a quem Agostinho, para além de lhe ensinar as habituais disciplinas de Filosofia, Cultura Portuguesa e/ou Direito, o terá encaminhado para a escultura, por lhe ter descoberto essa vocação (como atesta o próprio, no documentário “Um Pensamento Vivo”).

⁴¹ Estes Cadernos abarcavam áreas de conhecimento muito variadas, e eram sempre vendidos a preços que os tornavam bastante acessíveis. Seguiram-se-lhe as séries Antologia e Volta ao Mundo.

⁴² Agostinho da Silva é preso no Aljube pela PVDE, polícia política do Estado Novo, e a sua biblioteca é inventariada e confiscada.

1.6. Brasil - Rio de Janeiro, São Paulo; Uruguai, Argentina

Vai para a América do Sul, entrando aí pelo Brasil: primeiro, fica no Rio de Janeiro, depois vai viver para São Paulo. Os anos seguintes de 1945 e de 1946 passa-os no Uruguai e na Argentina, respetivamente. Em todos estes lugares exerce atividade docente em diversas universidades. Afinal, como dirá mais tarde, bolsas de estudo e doutoramento ter-lhe-ão sido convenientes para o seu percurso: “Com as bolsas de estudo fora do país, e toda essa coisa, eu pude, a certa altura, completar uma carreira universitária com a tal história do doutoramento.”⁴³.

1.7. Brasil: São Paulo, Serra de Itatiaia, Rio de Janeiro, João Pessoa (Paraíba), Pernambuco, Santa Catarina, Baía, Brasília

1.7.1. São Paulo, Serra de Itatiaia, Rio de Janeiro...

Em 1947, e depois de curto período de tempo em São Paulo, Agostinho da Silva passa a viver na Serra de Itatiaia. Aqui fez parte da comunidade de Itatiaia, integrou o grupo filosófico de São Paulo, participou na revista *Diálogo*, e pesquisou para o Itamaraty⁴⁴ - no âmbito do relacionamento do Brasil com outros povos do mundo.

Em 1948, muda-se para o Rio de Janeiro, onde dedica o seu tempo a atividades em três instituições: Instituto de Biologia Oswaldo Cruz – estuda entomologia; Faculdade Fluminense de Filosofia – é professor; e Biblioteca Nacional – colabora, com Jaime Cortesão, no estudo da obra de Alexandre Gusmão⁴⁵.

1.7.2. ...João Pessoa (Paraíba), Pernambuco e Santa Catarina...

Em 1952, colabora na criação e fundação da Universidade Federal de Paraíba⁴⁶, e também na de Pernambuco, por aí ficando durante dois anos.

Relativamente à primeira, recorda um episódio aquando da sua entrada: em vez de ensinar uma disciplina para a qual estava preparado, viu-se na obrigação de começar por ensinar outra, que desconhecia “...Geografia Humana, quando eu tinha sido chamado

⁴³ Entrevista com Isabel Barreno.

⁴⁴ Itamaraty é uma instituição que se relaciona com o Ministério das Relações Exteriores do Brasil; relativamente à comunidade de Itatiaia, assim se referencia o grupo de pessoas que vivia, em conjunto, numa casa dessa serra – Agostinho foi uma delas. Esse grupo foi muito dinâmico... (ver depoimentos no documentário “Pensamento Vivo”).

⁴⁵ Alexandre Gusmão (1695-1753) - diplomata português nascido no Brasil, cuja ação terá sido decisiva na definição dos limites entre os domínios coloniais portugueses e espanhóis da América do Sul - Tratado de Madrid de 1750.

⁴⁶ Por convite de José Américo, governador dessa região.

para ir lá ensinar Literatura Portuguesa...!...”⁴⁷. Isto ocorrera devido a “...um engano qualquer (...) e o que havia era Geografia Humana!... E não havia professor de Geografia Humana!...!”⁴⁸. Então, Agostinho preparou-se rapidamente para a nova disciplina, ficou em condições de a ensinar, e tudo acabou por correr bem.

Ainda no ano de 1953, viaja por vários lugares do mundo – com destaque para o Japão, Macau e Timor, onde mais se demora.

Em 1955 é fundada a Universidade Federal de Santa Catarina, onde, Agostinho da Silva criou o Departamento de Cultura e o Núcleo de Estudos Africanos.

Neste mesmo ano de 1955, é nomeado primeiro secretário de Cultura do Estado.

1.7.3. ...Baía e Brasília

Chega à Baía em 1957: paralelamente ao ensino de Filosofia do Teatro na Universidade Federal da Baía, trabalha ali para criar o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO)⁴⁹

“...um Centro de estudos Africanos a que, por insistência da UNESCO, se juntou depois um Centro de Estudos Orientais: ficou Centro de Estudos Africano-Oriental.”⁵⁰ – e que terá constituído o principal motivo que para aí conduziu Agostinho “Eu, nessa altura, tinha ido para a Universidade da Baía para fundar o primeiro Centro de Estudos Africanos e Orientais que houve no Brasil...”⁵¹, fundação esta que ocorre no ano seguinte, em 1959.

Nesse mesmo ano, e com base no mesmo Centro, funda outro Centro de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade de Sófia⁵². Tal como Agostinho refere, o CEAO “...que deu modelo para todos os outros – e que se espalhou até pela América Latina!...”⁵³.

⁴⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴⁸ *idem*

⁴⁹ Com conhecimento e anuência de Edgar Santos (que dirigia a Universidade), Agostinho trabalhava neste projeto quase secretamente, numa cave daquela instituição – situação esta talvez devida a dificuldades de aceitação da relevância daquela matéria naquele contexto espaço-temporal (que se supunha iria haver)!?... Aliás, a prioridade de Agostinho seria este projeto (cujo trabalho não era pago); a disciplina de Filosofia do Teatro, que ali ensinava, é que constituía a sua fonte de subsistência. Na altura, o CEAO pretendia servir como canal de entendimento entre a universidade e a comunidade afro-brasileira, e também entre o Brasil e os países africanos e asiáticos.

⁵⁰ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁵¹ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁵² Cfr. “Da Existência do CEAO”, em Agostinho da Silva, *Ensaio sobre Cultura Portuguesa e Brasileira II*, Lisboa, Âncora, 2001, p. 38. Em trabalhos anteriores, inclusive em entrevistas dadas pelo autor e publicadas ainda em vida, aparece pela mesma altura a abertura de um outro centro designado Centro de Estudos Luso-Brasileiros na Universidade de Sófia, Bulgária. Mesmo que esta informação nunca tenha sido corrigida pelo autor, esta segunda referência resultará de um equívoco, pois o texto da sua autoria que refere a Universidade de Sófia de Tóquio, Japão, é de 1970. A Universidade de Sófia situa-se na capital da Bulgária, Europa Ocidental. Fundada em 1888, é a mais antiga deste país.

⁵³ Entrevista com Joaquim Vieira.

Entretanto, em 1958, Agostinho da Silva adquirira cidadania brasileira⁵⁴. Por essa altura, o novo presidente eleito do Brasil interessou-se pelas relações deste país com África, pelo que contactou a Universidade da Baía “...o presidente Jânio Quadros entrou em relações com a Universidade da Baía para ver como é que se podiam estabelecer boas relações entre o Brasil e a África, sobretudo a África Ocidental!...”⁵⁵. Neste contexto, e em 1961, Agostinho é assessor do presidente Jânio Quadros para a política externa “E eu fui o encarregado dessa tarefa...!!”⁵⁶, colaborando também com a Direção Geral do Ensino Superior do Ministério da Educação; desenvolvendo e concretizando ações de aproximação e de ligação do Brasil com países africanos. Prossegue a sua ação de fazer nascer universidades e/ou centros de estudo: colabora na criação do Centro de Estudos Goianos na Universidade de Goiás; integra a comissão de Estudos Ibéricos na Universidade de Mato Grosso, bem como a de Estudos Europeus na Universidade do Paraná; e participa muito ativamente na fundação da Universidade de Brasília – onde teve um papel fundamental e decisivo, e na qual concretizou, entre outras importantes iniciativas, o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses⁵⁷ (que ficou a dirigir), promovendo, também, o Centro de Estudos Clássicos da mesma Universidade.

1.8. Portugal: uma ingressão oficial

Em 1962, com o propósito de divulgar em Portugal o recém-criado Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília, Agostinho da Silva desloca-se oficialmente, por convite do governo português, a este país⁵⁸.

1.9. Japão – Tóquio; Macau; Timor; Estados Unidos da América; Senegal

Em 1963 e na qualidade de bolsheiro da UNESCO, vai para Tóquio lecionar Português. Vai também a Macau e a Timor, aos Estados Unidos e ao Senegal.

No Japão e no ano seguinte, funda um Centro de Estudos Luso-Brasileiros.

⁵⁴ Assim, ficou com as duas nacionalidades: portuguesa e brasileira.

⁵⁵ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁵⁶ *idem*

⁵⁷ Agostinho da Silva esteve ligado formalmente à Universidade de Brasília até ao ano de 1968 – altura em que esta foi ocupada por militares, devido à mudança do governo brasileiro que, a esta data, se convertera numa ditadura. Depois desta ocorrência, Agostinho terá decidido voltar para Portugal (o que irá acontecer no ano seguinte).

⁵⁸ É preso no aeroporto, logo que chega a Portugal – o que se terá devido a falha de informação entre o governo e a polícia (a qual manteria as indicações que tinha para prender este indivíduo. Esclarecida a situação, Agostinho foi libertado.

1.10. Brasil: Baía – Cachoeira; Salvador

Em 1964, regressa ao Brasil e fixa residência na Baía, entre Cachoeira e Salvador. Aí concebeu o Museu do Atlântico Sul no Forte de São Marcelo, Salvador, e fundou, na Cachoeira, a Casa Paulo Dias Adorno – que é uma extensão do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da Universidade de Brasília, e também uma escola.

Continuou o seu trabalho na Universidade de Brasília.

Viveu, no Brasil, um quarto de século (entre 1944 a 1969) até à altura em que se iniciou, também neste país, um tempo de ditadura que leva Agostinho a abandoná-lo para regressar, desta vez definitivamente, a Portugal – o que irá ocorrer em 1969. Entretanto, o largo período de tempo que Agostinho da Silva esteve no Brasil foi profícuo, como atesta a vasta obra, quer bibliográfica quer factual, que ali realizou⁵⁹.

1.11. Portugal: Lisboa – um regresso definitivo

1.11.1. Vive em Lisboa

É no ano de 1969 que Agostinho da Silva regressa definitivamente a Portugal⁶⁰, fixando logo residência em Lisboa – onde passará a viver: “...tenho vivido muito tempo em Lisboa (...) quase sempre tenho tido como centro de habitação Lisboa, exceto nos tempos da... de ter andado por fora, não é? Por Brasil, por Japão, e outros lugares assim...”⁶¹.

Nos primeiros tempos que se seguem ao seu regresso, passa a dedicar-se, essencialmente à escrita⁶².

Em 1976, o governo brasileiro atribuiu-lhe uma reforma como Professor das Universidades Federais Brasileiras: “Eu tenho uma pensão de reforma do Brasil...”⁶³.

1.11.2. Reconhecimento e notoriedade

É alvo de notoriedade, principalmente a partir da década de oitenta⁶⁴, sendo, nessa altura e com alguma frequência, homenageado através da atribuição de medalhas, cargos e

⁵⁹ Como se pode verificar na bibliografia, considerando as suas publicações entre 1944 e 1969. Todavia, parte dessa obra está ainda por sistematizar e por publicar, e encontra-se na Associação Agostinho da Silva – que a tem à sua guarda.

⁶⁰ No entanto, tinha um visto provisório de apenas um ano de duração – que terá renovado...

⁶¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁶² Atividade que lhe foi possível fazer porque, apesar de Portugal viver ainda sob um regime ditatorial, a chegada de Agostinho da Silva corresponde, no entanto, a um período de alguma abertura política, devido à recente morte de Salazar e conseqüente substituição deste por Marcelo Caetano – foi o chamado tempo da primavera marcelista.

⁶³ Entrevista com Cáceres Monteiro.

títulos – alguns dos quais rejeita, como disso é exemplo uma tentativa de condecoração com a Ordem da Liberdade: “Eu recusei a Ordem da Liberdade (...) não têm nada que me dar uma Ordem da Liberdade...”⁶⁵.

Entre vários, passamos a referir exemplos desse reconhecimento que Agostinho granjeou: em 1983, foi nomeado diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos do Instituto de Relações Internacionais da Universidade Técnica de Lisboa, e delegado em Portugal da Universidade de Santa Catarina; no ano seguinte foi consultor do ICALP (Instituto de Cultura e Língua Portuguesa) e do Centro de Estudos da América Latina; em 1987, recebeu da presidência da República a Grã Cruz da Ordem de Espada⁶⁶; no ano seguinte é eleito membro efetivo da Marinha... e é requisitado para vários eventos culturais e sociais - como as Conferências dos Estudos Gerais, no Museu de Arte Antiga, em Lisboa, e nesse mesmo ano, também a sua participação no Ciclo de Reflexão na Cooperativa Árvore, no Porto, e no ano de 1990.

Entretanto, encontra-se sempre em contínua atividade: dá conferências, escreve, viaja⁶⁷...

Em 1990, grava para a Rádio Televisão Portuguesa (RTP) uma série de 13 programas apresentados semanalmente, às quartas-feiras à noite – o que lhe terá ampliado a projeção a nível do grande público: as “Conversas Vadias”⁶⁸.

Num destes programas, e a propósito do facto de não ter número de contribuinte, declara: “...não recebo dinheiro nenhum em Portugal!!... (...) Nenhuma universidade portuguesa jamais me reintegrou, ou... me reformou... coisa nenhuma...! Nem pensam nisso!...”⁶⁹.

1.11.3. Cria o Prémio D. Dinis: para as áreas de Ciências da Educação, Filosofia e Agronomia

Afinal, ou já se pensava nisso, ou então passou-se a pensar – dois anos depois, em 1992, o governo português propõe-se restituir-lhe os valores⁷⁰ correspondentes ao tempo

⁶⁴ Referir o artigo de Jornal “Agostinho Pop Star”.

⁶⁵ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁶⁶ Condecoração atribuída como reconhecimento pelos serviços por si prestados à cultura portuguesa.

⁶⁷ Salientamos a viagem que fez a Moçambique, em 1988.

⁶⁸ Estas “Conversas Vadias” são o instrumento que privilegiamos, aqui, para o conhecimento da figura e do pensamento de Agostinho da Silva – já que ainda não foram trabalhadas.

⁶⁹ Referir que isso foi dito em 1990, e que só teve dinheiro de Portugal em 1992. Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁷⁰ Tal como aconteceu com todos os portugueses naquelas condições: os que se tinham visto privados do seu trabalho e dos respetivos vencimentos, por determinação da ditadura.

decorrido após a sua expulsão do ensino oficial neste país – que Agostinho recusa receber⁷¹. No entanto, e devido à insistência do governo, Agostinho da Silva encontra uma solução: com esse dinheiro, cria o Prémio D. Dinis⁷² - cujo objetivo é apoiar jovens a frequentar mestrados nas áreas de Ciências da Educação, Filosofia e Agronomia.

1.11.4. Fim, ou outro princípio e continuação...

Depois de todas as viagens ou “vadiagens” que fez pelo mundo, por esta “...coisa que rola...”⁷³ onde achara “...que Portugal era extremamente interessante...”⁷⁴ para, naquele momento, iniciar essas vadiagens, também as finalizou neste país – agora em Lisboa, sua capital: morre no Hospital de São Francisco Xavier a 3 de Abril de 1994, domingo de Páscoa, dia de ascensão de Cristo e também de primavera aqui.

No entanto, e segundo Agostinho, nós não podemos garantir que a morte, enquanto fim absoluto, exista: “...é uma coisa que o amigo não pode garantir: que nós vamos morrer! Não se sabe!...”⁷⁵. Nesta sequência, e tal como afirmava ter escolhido Portugal para nascer, talvez⁷⁶ tenha escolhido também este mesmo país como ponto de nova partida para continuar outras viagens e vadiagens... Afinal, “Nós nunca sabemos quando é a partida!... Consideramos que a partida é o momento em que nascemos – pode ser que a partida tenha uma eternidade atrás...!!...”⁷⁷.

2. Atitude e postura na Vida

Nos vários domínios da sua vida, a atitude de Agostinho da Silva e o modo como age resumir-se-á assim: “...estou fazendo aquilo que me é natural fazer...!!...”⁷⁸.

⁷¹ Não necessitava daquele dinheiro, porque dispunha já da reforma que recebia do Brasil.

⁷² O fundo que constitui este prémio foi criado com o produto da pensão que o governo português atribuiu a Agostinho da Silva e é, desde 1992, gerido pelo Montepio Geral – que o atribui, em parceria com a Direção Geral do Ensino Superior. Os candidatos deverão reunir determinadas condições requeridas – das quais destacamos idade inferior a 30 anos, e média de licenciatura superior a 14 valores. Em Decreto-Lei 161 de 15 de Julho de 1992, Diário da República - II Série.

⁷³ Entrevista com Isabel Barreno.

⁷⁴ *idem*

⁷⁵ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁷⁶ Talvez – palavra que usa muito frequentemente, no seu discurso...

⁷⁷ Entrevista com Adelino Gomes.

⁷⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

2.1. Uma pessoa simples e normal

É uma pessoa como outra pessoa qualquer “Vivo o meu dia a dia igual a toda a gente!...(…) É o dia a dia de toda a gente...”⁷⁹ e, até à reforma, toda a gente trabalha, “Como eu trabalhei...!!...”⁸⁰ - porque é normal “Sou uma pessoa inteiramente normal...!!...”⁸¹. Tenta sempre ser o mais simples possível: “...tenho menos importância que o Herculano, naturalmente!...”⁸²; para si, a tese de doutoramento que fez “...não teve, quanto a mim, nenhum mérito científico...”⁸³; bem como uma condecoração que lhe foi atribuída “É evidente que eu não tomei aquilo como Ordem honorífica – porque eu não mereço a Grande Cruz de Santiago da Espada!!”⁸⁴. Desvaloriza o facto de o seu nome se ter tornado bastante conhecido “Não há importância nenhuma em ter um certo nome, ou não ter um certo nome!... É apenas um sinal de identificação!... (..) É para chamarem por nós, e sabermos que somos nós que somos chamados! Não é? O resto não tem importância nenhuma!! Isso do nome não tem importância nenhuma!!”⁸⁵.

2.1.1. Não é místico, nem profeta, nem génio...

E se, na perspetiva dos outros, Agostinho é tido como alguém diferente, ele mostra-se tão surpreendido que nem sabe o que dizer: “...toda essa coisa de me acharem diferente, ou de porem perguntas “se o cavalheiro é isto, ou se o cavalheiro é aquilo”, eu fico sempre à espera da resposta, porque eu próprio não a sei dar...!!...”⁸⁶.

Mas, afinal, sempre vai dando respostas: em determinado livro, a propósito de uma alusão à sua pessoa como sendo místico, do respetivo autor diz Agostinho que “...ele fala no tal místico com cara de santo, não é? Eu suponho que ele estava de lado – só viu metade da cara, não é?... Se tivesse visto a outra metade, talvez mudasse de opinião...!!...”⁸⁷ e, em outra situação, refere “...eu acho que as pessoas estão a homenagear alguma coisa que lhes pode ser ilusória...”⁸⁸ – afastando-se, assim, daquela imagem de alguém tido como muito especial e longínquo dos vulgares humanos para se revelar, mais uma vez, como uma pessoa simples e normal, e tão normal que até tem as

⁷⁹ Entrevista com Manuel António Pina.

⁸⁰ Entrevista com Fernando Alves.

⁸¹ Entrevista com Maria Elisa.

⁸² Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁸³ Entrevista com Isabel Barreno.

⁸⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁸⁵ Entrevista com Manuel António Pina.

⁸⁶ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁸⁷ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁸⁸ Entrevista com Alice Cruz.

duas facetas – bom e mau. De igual modo, e sobre o epíteto de profeta com que era algumas vezes apresentado, diz que “O que pode acontecer, é que as coisas que acontecem coincidam com aquilo que eu imaginei que iam acontecer...!!...”⁸⁹, rejeitando também esta leitura da sua pessoa: “Quem? Eu?!... Evidentemente que não!... Eu sou... profeta!?...⁹⁰ Profeta? Não creio!...”⁹¹.

Quando tem e revela certas ideias que outros admiram, e o admiram a ele enquanto fonte dessas ideias, de modo algum isso significa que Agostinho seja um génio “...um génio – coisa nenhuma!”⁹² – pelo contrário, ele até se considera menos inteligente e menos capaz que os outros porque, das tais ideias que teve, muitas ainda não se podiam realizar, e “...o inteligente era ter a ideia na altura certa de a poder realizar! Para quê esperar tanto ano?!...”⁹³.

2.1.2. É prático, porque também é teórico...

Essa visão que outros poderão ter de si como sendo um génio dever-se-á, segundo ele, ao modo muito particular e prático como lida com as circunstâncias que a vida lhe apresenta, e cujos resultados lhe têm agradado “...que me parece a mim que deram resultado, interno, regular, para minha satisfação, mas que efetivamente podem parecer aos outros diferente...”⁹⁴. Assim, procura sempre ser um homem prático que age adequadamente, no sentido em que a sua ação deverá ocorrer de acordo com o contexto em que se encontra – pelo que tem o cuidado de associar a essa ação o respetivo e necessário conhecimento teórico, já que “A prática só vale se é teoria; e a teoria só vale se é prática!! (...) Mas temos que juntar as duas coisas...!!”⁹⁵.

2.1.3. Não é autor de nada

Relativamente à vasta obra que publicou, afirma ter dúvidas sobre ser ele próprio o seu autor: “Eu não tenho a certeza de ser eu o autor dum livro!...”⁹⁶ – já que apenas terá registado, por escrito, pensamento alheio “Lá que eu escrevi ou datilografei, seguro! Mas que fui eu que o pensei, não tenho a certeza – pode ser que não!!”⁹⁷ (...) De maneira

⁸⁹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁹⁰ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁹¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁹² Entrevista com Maria Elisa.

⁹³ Entrevista com Isabel Barreno.

⁹⁴ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁹⁵ Entrevista com Manuel António Pina.

⁹⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁹⁷ *idem*

que tenho as maiores dúvidas que seja eu que o faça...!! Mas por mim, não creio que faça!...”⁹⁸; no entanto, diz ignorar a identidade do verdadeiro autor da sua escrita “Lá quem faz, não sei!”⁹⁹.

Escrever poesia não depende nunca da predisposição de Agostinho para isso, mas do poema (que é soberano) – este tem vida e vontade próprias e, assim sendo, só aparece quando quer “...o que eu tenho que dizer contra a minha poesia é que talvez o único mérito dela seja a de ser involuntária: aparece!¹⁰⁰; (...) ...quando tem que sair, sai!”¹⁰¹; quando não quer, não há maneira de o forçar a aparecer “E depois, durante muito tempo, não há poema nenhum que saia! Por mais que eu quisesse fazer um poema, não conseguia coisa nenhuma!! – é só quando ele lhe apetece, não é?...”¹⁰². Nesta atividade da escrita, cabe a Agostinho estar sempre disponível para um súbito aparecimento do poema, ou poesia “De repente, há um poema, surge¹⁰³, (...) Aparece...¹⁰⁴” – que ele deve, desde logo, registar “, e eu registo-a!...”¹⁰⁵ e eu apenas o escrevo!...”¹⁰⁶ (...) Simplesmente¹⁰⁷.” – já que está ao serviço do poema “Eu estou às ordens dele: se ele aparecer, eu faço!”¹⁰⁸.

Agostinho da Silva não é, então, autor da sua obra “Eu não me considero autor de coisa nenhuma por mim próprio!!”¹⁰⁹; todavia, e no que diz respeito a algumas eventuais correções que aí faz, já se considera o autor: “...a não ser que seja preciso, às vezes, acertar qualquer coisa que saiu torta do outro que ditou o poema - ou qualquer coisa dessa espécie, não é?...”¹¹⁰.

2.1.4. É egoísta: bate-se pela sua liberdade

A propósito da sua recusa em ter assinado o documento¹¹¹ que o levou à expulsão do ensino oficial em Portugal, e porque essa atitude traduziu a luta pela sua própria liberdade, Agostinho da Silva considera-se egoísta “...um egoísta que só se bateu pela

⁹⁸ Entrevista com Alice Cruz.

⁹⁹ *idem*

¹⁰⁰ Entrevista com Herman José.

¹⁰¹ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁰² *idem*

¹⁰³ *idem*

¹⁰⁴ Entrevista com Herman José.

¹⁰⁵ *idem*

¹⁰⁶ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁰⁷ Entrevista com Herman José.

¹⁰⁸ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁰⁹ Entrevista com Manuel António Pina.

¹¹⁰ Entrevista com Alice Cruz.

¹¹¹ Lei Cabral.

própria liberdade...”¹¹². Como tal, não podia receber a Ordem da Liberdade “Eu recusei a Ordem da Liberdade, porque foi a Ordem dada às pessoas que tinham lutado pela liberdade de Portugal...!”¹¹³ – feito que Agostinho da Silva não inclui na sua ação.

Tal como aquela atitude, outras existem que revelarão egoísmo da parte de quem as manifesta: por exemplo, quando alguém fica satisfeito porque deu uma boa esmola “Quando eu vejo uma pessoa muito satisfeita porque deu uma boa esmola a um pobre, ele deu a boa esmola a ele próprio... (...) Egoísta!”¹¹⁴. Então, para Agostinho, toda a ocorrência a que alguém associe satisfação ou insatisfação própria traduz e revela um egoísta “...aquele que olha (...) aquilo que no dito mundo sucede (...) como alguma coisa que o fere ou gratifica a ele próprio...”¹¹⁵.

2.2. Pessoa de convicção ou ideia fundamental

2.2.1. Ser convicto é diferente de ter fé

Agostinho não se considera um homem de fé - porque isso habitualmente remete para o âmbito religioso “...chamar a isso fé, por exemplo, pode fazer inclinar a... a ideia da pessoa para um campo propriamente religioso...”¹¹⁶. Entende este conceito de fé como algo que provém do exterior, algo que a pessoa se convence que existe sem que, para isso, necessite de qualquer prova “...aquilo em que se acredita, ou que se convence a pessoa de que existe, sem ter nenhuma matemática pelo meio, sem haver nenhuma equação que o prove. A pessoa, então, tem fé!”¹¹⁷.

Relativamente ao conceito de convicção, este não remete necessariamente para esse campo religioso, embora observe que “...a fé religiosa é uma convicção que há no campo da religião!!...”¹¹⁸.

Então, e prevenindo eventuais ambiguidades, aconselha a “...talvez chamar convicção, ou ideia fundamental, ou qualquer coisa assim, não é?, seja melhor do que fé – para não entrar num campo especializado...!!...”¹¹⁹. E estabelece uma distinção entre um e outro conceito – a qual residirá, fundamentalmente, no lugar em que cada um deles se situa, e de onde é proveniente, relativamente à pessoa: contrariamente à fé, a convicção ou ideia

¹¹² Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹¹³ *idem*

¹¹⁴ Entrevista com Herman José.

¹¹⁵ *idem*

¹¹⁶ Entrevista com Manuel António Pina.

¹¹⁷ Entrevista com Herman José.

¹¹⁸ Entrevista com Manuel António Pina.

¹¹⁹ *idem*

fundamental está, e vem, do seu interior “...é alguma coisa que a pessoa terá, ou sente que terá dentro, que fizesse bem parte dele...”¹²⁰.

2.2.2. Tem convicção ou ideia fundamental

Agostinho assume-se como um homem de convicção “...sou uma pessoa de convicção”¹²¹. E, pelo seu discurso, considerando a definição que dá do não político “...como é que eu defino o não político?!...: (...) é aquele que é tão venerador da humanidade e dos homens, que não quer ter poder nenhum sobre eles.”¹²², bem como, noutra altura, esta sua verbalização “Então me livro de toda a espécie de poder!!...”¹²³ – parece, pois, ser inegável que a sua convicção inclui, e abrange, a humanidade enquanto objeto de atenção, respeito e veneração. Acredita que esta humanidade se dirige para uma determinada meta que corresponde à felicidade para todos “...pode ser uma convicção de que tal coisa vai nesse caminho!! (...) E enquanto não me demonstrarem que o que vai suceder é o contrário, continuo acreditando nisso.”¹²⁴, convicção esta que partilha com os portugueses do século XIII - que a teriam tido também - “...esses portugueses acreditavam que um dia se pode fazer!! E eu acredito que um dia se pode fazer!!!”¹²⁵.

Acredita sobretudo na criatividade, “Pois se aparecem as coisas criadas, em que eu hei de acreditar senão que existe a criatividade?!... (...) seria esquisito acreditar que existem coisas criadas, e não acreditar na criatividade?!...!!...”¹²⁶, atribuindo-lhe um papel decisivo e fundamental para a chegada à tal meta que almeja para o mundo.

Além disto, é também convicção sua que, pelo facto de se ter uma convicção, isso apresenta logo duas grandes vantagens: por um lado, “...é agradável para viver...”¹²⁷ e, por outro lado, pode converter-se num catalisador para a mudança que se pretende “...pode ser (...) que influa, ela própria, no sentido de as coisas avançarem.”¹²⁸.

¹²⁰ Entrevista com Herman José.

¹²¹ *idem*

¹²² Entrevista com Joaquim Letria.

¹²³ Entrevista com Manuel António Pina.

¹²⁴ *idem*

¹²⁵ Entrevista com Fernando Alves.

¹²⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹²⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

¹²⁸ *idem*

2.2.3. É realista e sonhador

Opondo-se às vozes que proclamam que Agostinho da Silva e respetivo discurso são utópicos “...quando dizem que eu que sou utópico ou não sei quê...”¹²⁹, insiste sempre que aquilo que anuncia não é utópico¹³⁰ - no sentido em que, habitualmente e por ignorância etimológica, as pessoas entendem essa palavra “...julgam que utópico quer dizer impossível!!”¹³¹... Mas não se trata disso: utópico qualifica algo que ainda não existe e que poderá, ou deverá, vir a existir; e também qualifica como sendo utópico aquele que anuncia isso: “Eu digo apenas que ainda não há...!!”¹³². Portanto, Agostinho admite ser tido como utópico enquanto pessoa que crê que determinadas ideias que expressa, no presente, se poderão concretizar depois, no futuro – mas nunca como algo impossível de vir a acontecer.

Nesta sequência, e relativamente também aos que o declaram otimista, também contraria esse juízo: “Quero dizer talvez que não sou otimista...”¹³³ – porque é sonhador, e é realista: “Quer dizer, quando eu olho o mundo... - apesar de todas as dificuldades!!..., não é?... não estou cego perante elas... (...) Portanto, eu vejo isso, e não estou afastado, como sonhador, de que isso existe!! Existe!”¹³⁴. Assume a posição do homem de ciência o qual, para legitimamente fazer qualquer previsão sobre determinada matéria, tem que conhecer bem o respetivo passado e situar-se muito seguramente no conhecimento do presente: “...se eu fosse um homem de ciência, de laboratório, eu tinha, de cada vez que ia tentar uma experiência de física, estar solidamente ancorado no presente – mas conhecer toda a física para trás, e ter uma ideia de como podia ser a física do futuro.”¹³⁵

Portanto, é nestas condições de conhecimento do passado e do presente – onde se estabelece e onde realisticamente sonha o futuro nestes tempos todos – que Agostinho projeta o seu pensamento e a sua ação para esse tal futuro que persegue. E continua assumindo essa postura na vida, já que crê que não se tem enganado: “...continuo convicto até me... entender que a convicção estava errada, e que tenho que mudar...!!... Mas, até hoje, não me tem acontecido muito, não!!...”¹³⁶.

¹²⁹ *idem*

¹³⁰ Contra o que, com bastante frequência, se dizia sobre o seu discurso e sobre a sua pessoa.

¹³¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹³² Entrevista com Isabel Barreno.

¹³³ *idem*

¹³⁴ Entrevista com Manuel António Pina.

¹³⁵ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

¹³⁶ Entrevista com Isabel Barreno.

2.2.3.1. Relação entre convicção, pensamento e ação

Agostinho da Silva sugere a existência de relação entre pensamento e ação ou realização “Ação e pensamento, e a relação entre os dois, são extremamente complicados para que a gente decida logo uma coisa ou outra!!!”¹³⁷. Nessa relação, o pensamento influenciará e desencadeará a realização: “...ter essa convicção (...) pode ser (...) que influa, ela própria, no sentido de as coisas avançarem.”¹³⁸. A ação decorre dos pensamentos que existem no mundo, e que a despoletam, fazendo-a acontecer: “Nunca se sabe se aqueles que vão realizar uma coisa a realizaram por si próprios, ou tangidos por milhares de pensamentos no mundo...!!!... A coisa é muito complicada!!!”¹³⁹.

2.2.4. Tem missão

Enquanto homem de convicção que é, Agostinho sentirá algo no interior de si que não pode evitar, procurando então fazer aquilo que é fortemente impelido a fazer: “...não há maneira de evitar – o convicto não evita!”¹⁴⁰. O que o move é a sua missão “Eu gostaria muito de servir sempre quem precisar de serviço; e cumprir aquilo de que fui encarregado!...”¹⁴¹.

Numa clara alusão à missão que assume ter, diz não se sentir “...agarrado pelo cachaço...!! Mas acho que o meu dono deve ter a mão bastante leve para nunca magoar o gato...”¹⁴² – pelo que, embora não se sinta agarrado porque o dono tem cuidado em não o ferir, ele não ignora que se encontra nessa condição.

Revela outra obrigação que crê ter: tornar-se contagioso, isto é, a sua ação deve fazer-se no sentido de conduzir outros a cumprirem a respetiva missão - cada um a sua: “A minha (mensagem e missão) é só para dizer que cuide da sua!!!... (...) Eu é que sou obrigado a vocês!!!...”¹⁴³.

Este e outros conhecimentos que tem dever-se-ão a sinais que a Vida lhe faz “...um sujeito que apenas fez uma coisa: achou muito interessante que a vida de vez em quando lhe faça uns sinais...”¹⁴⁴ que ele tenta captar e entender – é o caso da condecoração da Grande Cruz de Santiago da Espada que aceitou receber: “...eu tomei aquilo (...) como se fosse a Ordem monástica militar batendo à minha porta...!!!...”. E dizia: o meu amigo

¹³⁷ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹³⁸ Entrevista com Manuel António Pina.

¹³⁹ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁴⁰ Entrevista com Herman José.

¹⁴¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁴² Entrevista com Herman José.

¹⁴³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁴⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

tem que ver se não gostaria de ser as duas coisas ao mesmo tempo!! A Ordem do monge – que é servir tudo que lhe cumpre servir; e a ordem do militar – que é cumprir aquilo que tem que cumprir!!”¹⁴⁵. Assim, Agostinho deverá servir tudo o que lhe cumpre servir – como monge na vida religiosa, que serve e obedece às leis de Deus; e cumprir aquilo que tem que cumprir – como militar na vida do mundo em guerra, que serve e obedece às leis dos homens. A este propósito, declara: “Eu sirvo enquanto acho que posso ser útil na tal guerra...”¹⁴⁶, tendo sempre presente o futuro enquanto objetivo da sua missão, que consiste em chegar à tal meta de “...vir a estabelecer o mundo que seja bom para todos!...”¹⁴⁷ – ideal e missão do passado dos portugueses do século XIII¹⁴⁸, e que Agostinho da Silva convictamente crê ser sua, também “E é por isso que eu insisto sempre em que os portugueses do século XIII¹⁴⁹ (...) Eu sinto na obrigação de os continuar...!!...”¹⁵⁰.

Devido a esta convicção relacionada com o passado foi, por vezes, apontado como conservador, pelo que ironiza ao dizer “...veja como eu sou conservador...”¹⁵¹ e esclarece, muito vincadamente, que há duas espécies de conservador “...o conservador da lata, e o conservador da sardinha!...”¹⁵² – sendo o conservador da sardinha importante porque necessário, enquanto que o da lata não serve para nada, é dispensável (e há muitos...) “O conservador da sardinha é útil!... (...) e pode alimentar!...O conservador da lata que se deita fora não presta para nada...!! – que é o que acontece a grande parte dos conservadores!!...”¹⁵³. Prossegue esta apresentação: “Se (...) ter ideias – que continuo a achar que são vivas!!... e úteis!!... - as ideias de século XIII é ser conservador...”¹⁵⁴ e afirma-se, com convicção e neste quadro, um conservador da sardinha... “Com atenção ao que eu digo: sou conservador da sardinha, não da lata!!”¹⁵⁵.

A este propósito, e em jeito de conclusão, dirá: “...é curioso...!: a melhor maneira de ser revolucionário em Portugal é a de ser conservador do século XIII...!!...”¹⁵⁶.

¹⁴⁵ *idem*

¹⁴⁶ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁴⁷ *idem*

¹⁴⁸ Já foi referido, a propósito...

¹⁴⁹ Entrevista com Herman José.

¹⁵⁰ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁵¹ Entrevista com Herman José.

¹⁵² Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁵³ *idem*

¹⁵⁴ *idem*

¹⁵⁵ *idem*

¹⁵⁶ Entrevista com Adelino Gomes.

Neste espírito, e para tal desiderato que considera de crucial importância, acrescenta que “...é determinado naquilo que me apetece que seja determinado!...”¹⁵⁷.

2.2.5. Tem respeito e gratidão a Portugal

2.2.5.1. Três dívidas de gratidão

Portugal é um país que lhe merece um enorme respeito, e ao qual também se encontra gratíssimo “Sou muito grato a Portugal – gratíssimo a Portugal!...”¹⁵⁸. Considera que tem dívidas de gratidão com Portugal, pelo que este país lhe proporcionou “...tenho tais dívidas de gratidão com Portugal...”¹⁵⁹, dívidas essas que são três, e que tem sempre presentes “São três dívidas que eu não me esqueço!!...”¹⁶⁰. Enumera-as e apresenta-as numa sequência: em primeiro lugar, Portugal autorizou-o a nascer “A primeira dívida é essa!... Portugal deu-me licença de nascer!”¹⁶¹; em segundo lugar, instruiu-o de graça “Portugal me educou, me instruiu, se quiser, completamente de graça...!!... Nunca se gastou dinheiro... e o dinheiro que Portugal... dos portugueses - que efetivamente gastaram comigo...”¹⁶²; finalmente, depois destas duas grandes oportunidades que Portugal e os portugueses lhe terão dado e de que usufruiu na sua vida, ainda beneficiou de outra não menos importante – viu-se obrigado a sair do país, pelo que conheceu mais mundo: “Então, devo a Portugal um terceiro favor: ter arranjado as coisas de maneira a pôr-me fora!... (...) E ter-me feito ver muita coisa no mundo, que eu não veria de outra maneira!...”¹⁶³.

Neste contexto de grande respeito e gratidão a Portugal¹⁶⁴ é que aceitou receber a Ordem de Santiago: “...quando o Presidente da República achou que me devia dar a Ordem de Santiago, eu aceitei porque a Ordem de Santiago era uma Ordem monástica militar...!!... Que ajudou a fazer Portugal!!”¹⁶⁵.

¹⁵⁷ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁵⁸ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁵⁹ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁶⁰ *idem*

¹⁶¹ *idem*

¹⁶² *idem*

¹⁶³ *idem*

¹⁶⁴ Também se pode inserir no mesmo contexto o seu grande arrependimento por ter ido para Paris, em vez da Ilha Terceira – como foi já referido.

¹⁶⁵ Entrevista com Cáceres Monteiro.

2.2.5.2. Evita qualquer conflito com Portugal

Devido a esta postura relativamente a Portugal “...em virtude do que lhe devo...”¹⁶⁶, Agostinho declara perentoriamente que evita ter, com este país, qualquer tipo de conflito: “...há essa coisa – nítida! – de que não quero ter nenhuma espécie de conflito com Portugal¹⁶⁷ (...) eu não quero ter, com Portugal, nenhuma espécie de conflito...!”¹⁶⁸ (...) o que não quero é ter conflitos com Portugal!”¹⁶⁹.

Assim sendo, não tem número de contribuinte “Número de contribuinte não tenho...!”¹⁷⁰: se, por um lado, não tem necessidade de o ter “...porque não recebo dinheiro nenhum em Portugal!!...”¹⁷¹, por outro lado esse facto está relacionado com esta vontade que tem, e a decisão que tomou, de evitar conflitos com Portugal. Como revela: “É que, se eu tivesse número de contribuinte, imediatamente me sentia no direito – e mais que no direito: na obrigação!! – de saber o que é que o governo faz dos impostos...!...”¹⁷². Ora, Agostinho não quer ter conflitos particularmente e “...de maneira nenhuma, ter o menor conflito com a Administração do país, ou com aquilo que represente de qualquer maneira Portugal!”¹⁷³. Portanto, perante o cenário de se ver obrigado a questionar o governo sobre essas matérias e do inevitável conflito que iria surgir “...discutir com o governo o que ele faz dos impostos, acabava por dar conflito!...”¹⁷⁴, Agostinho simplesmente não se coloca nessa posição por não ter o dito número, não dando assim oportunidade a que surjam os conflitos com Portugal que ele tanto procura evitar.

Mas esta atitude sua de evitar conflitos não se generaliza a qualquer país – só acontece com Portugal, pelos motivos já referidos... Aliás, como declara: “Se estiver em qualquer outro lugar, e se for preciso ter conflitos por ter número de contribuinte e pagar os impostos, estou disposto a isso! Inteiramente!...”¹⁷⁵.

¹⁶⁶ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁶⁷ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁶⁸ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁶⁹ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁷⁰ Sobre esta questão relacionada com os documentos pessoais de Agostinho da Silva, e com base nas “Conversas Vadias”, ficámos a saber que não tem número de contribuinte, mas tem ou bilhete de identidade ou passaporte: “Bilhete de identidade, tenho!... (...) Tenho...!... Bilhete de identidade...! (...) Posso ter só o passaporte...” Entrevista com Maria Elisa.

¹⁷¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁷² Entrevista com Maria Elisa.

¹⁷³ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁷⁴ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁷⁵ Entrevista com Isabel Barreno.

2.2.6. Com sorte na vida

Agostinho da Silva considera-se um homem com sorte na vida: sempre teve a grande sorte ou destino de fazer o que gosta “Tive sempre a grande sorte – se é que se pode dizer que é sorte! – a grande sorte de só fazer as coisas de que tenho gostado!...”¹⁷⁶. Nunca foi obrigado a fazer fosse o que fosse “...realmente, eu nunca fui obrigado a fazer coisa nenhuma...”¹⁷⁷. Mesmo quando cumpre determinadas obrigações, escolhe se as quer cumprir ou não – é o caso do exercício do direito de voto: só vota quando quer e, quando vota, vota mais ou menos certo: “Evidentemente que eu posso escolher e... vá lá ver... Tenho a vaidade de dizer que talvez escolha mais ou menos certo...”¹⁷⁸. A sua profissão de professor – que lhe ocupou quase toda a vida - foi sempre uma fonte de felicidade “...felicidade extremamente interessante!!”¹⁷⁹ (e tenho passado a vida quase toda nisso!)”¹⁸⁰, nunca tendo considerado a atividade de dar aulas como trabalho “...sempre gostei de dar aulas – nunca foi nenhuma espécie de trabalho para mim, nunca foi nada que eu... de que me quisesse livrar.”¹⁸¹.

Como aconteceu com a sua atividade letiva, também nunca trabalhou em poesia - já que o poema surge, e ele apenas o escreve: “...nunca trabalhei em poesia!... (...) De maneira que acho que poesia, poema, não é coisa que me dê trabalho...”¹⁸².

Para além disto, ainda teve a sorte de não viver a sua vida sempre num mesmo lugar: tem sido vagabundo e conhecido muito mundo.

Tal como Agostinho, também os seus filhos vivem pelo mundo “Andam pelo mundo, por onde andaram, pelo que escolheram... O que escolheram como lugar em que queriam habitar...”¹⁸³, os quais respeita relativamente às opções de vida que fazem: “Eles fizerem, tomarem os caminhos que lhes pareciam mais interessantes para a sua vida (...), e se quiserem mudar, também podem mudar à vontade...”¹⁸⁴, sempre num contexto relacional de maior liberdade possível “...uma relação de liberdade (...) não os impeço absolutamente em nada!”¹⁸⁵. Como pai, e neste contexto, deu-lhes o apoio que

¹⁷⁶ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁷⁷ *idem*

¹⁷⁸ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁷⁹ Entrevista com Fernando Alves.

¹⁸⁰ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁸¹ *idem*

¹⁸² *idem*

¹⁸³ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁸⁴ *idem*

¹⁸⁵ *idem*

considerou adequado e interessante: “Apoio, sim! Dei o que pude, não é? O que era possível naquele momento, ou o que me parecia que era interessante...!”¹⁸⁶.

Assim, e tal como em outras áreas da sua vida, igualmente teve sempre sorte com os filhos “E acho que fizeram muito bem!”¹⁸⁷.

2.2.6.1. Tudo o que veio contra, veio para favorecer

Mesmo relativamente a situações da sua vida que, na altura em que aconteceram, não foram do seu agrado, revela uma visão muito positiva: “Amavelmente tem acontecido, da parte dela (vida), ter trazido aquelas coisas que, mesmo parecendo contrárias, acabam por ser positivas...”¹⁸⁸. E refere alguns exemplos disso, que seguidamente apresentamos.

Em primeiro lugar, o facto de ter nascido no Porto, quando pretendia Barca d’Alva “...foi muito bom, porque fui cair num... na cidade mais municipalista que pode existir!”¹⁸⁹. Igualmente, a sua saída de Portugal que a expulsão do ensino oficial e a excomunhão da igreja católica desencadearam: “...aqueles acontecimentos, quanto a mim, me obrigaram a ir embora...”¹⁹⁰. Considera-se, por isso, auxiliado “Eu fui favorecido, sabe!?”¹⁹¹, e não vítima: “Eu não me considero vítima da ditadura que houve em Portugal!”¹⁹²; e passa a explicar que foi essa ocorrência da vida que lhe possibilitou o conhecimento de mais mundo: “...uma abertura para a vida com a qual eu nunca tinha... pensado!! (...) Porque, se não fosse a ditadura, eu provavelmente teria ficado aí com o doutoramento, e essas coisas todas, uma vida bem tranquila, bem sossegadinha em Portugal”¹⁹³ – vida esta que teria sido, para si, seguramente entediante “...estava hoje bem aborrecido da vida porque não tinha visto o mundo...”¹⁹⁴; para além de tudo isto, Agostinho sugere que essa situação lhe terá facilitado o cumprimento da sua missão (contrariamente à possibilidade de se perder): “...podia ter ficado em Portugal com o risco de adormecer em Portugal, de me perder em alguma coisa que não interessasse muito, etc..”¹⁹⁵.

¹⁸⁶ *idem*

¹⁸⁷ *idem*

¹⁸⁸ Entrevista com Fernando Alves.

¹⁸⁹ Tal como referiremos no decurso deste trabalho, Agostinho da Silva defende o municipalismo como sendo a melhor maneira de gerir e administrar uma região. Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁹⁰ Entrevista com Baptista-Bastos.

¹⁹¹ Entrevista com Baptista-Bastos.

¹⁹² *idem*

¹⁹³ *idem*

¹⁹⁴ *idem*

¹⁹⁵ Entrevista com Isabel Barreno.

E, mesmo numa situação de voto “Quando Jânio Quadros se apresentou como candidato no Brasil para ser presidente...”¹⁹⁶ em que Agostinho declara que se enganou “...eu escolhi errado...!!...”¹⁹⁷, por ter entendido que, na altura “...seria melhor para o Brasil, mais tranquilo para o Brasil ir numa certa direção...”¹⁹⁸, pelo que votou noutro candidato “...eu votei contra”¹⁹⁹. No entanto, Jânio Quadros foi eleito – e essa situação converteu-se afinal em fator muito favorável à criação do CEAO²⁰⁰ “E depois deu certo!!”²⁰¹, já que “...ao passo que a política interna do Brasil tem sido (...) bastante perturbada...”²⁰², em contrapartida “...a sua política externa de ligação entre a África e o Brasil há vinte anos que dura!!...”²⁰³. Portanto, tal como Agostinho observa “Quer dizer, vota-se contra (...) e de repente a vida veio e mostra...”²⁰⁴.

Então, conclui que teve efetivamente sempre sorte na vida: até mesmo o que antes lhe apareceu, ou pareceu, como obstáculo, afinal acabou por depois se revelar em algo que serviu para favorecer “...eu creio que todos os impedimentos que me têm surgido, foi para ajudar...!!... (...) E sempre que tenho podido fazer a conta, o que tem resultado é isso!: tudo o que veio contra, foi para favorecer!!”²⁰⁵.

2.3. Como age no dia-a-dia: é extremamente simples viver

2.3.1. Faz o que lhe interessa e que tem obrigação

Para Agostinho da Silva, “É extremamente simples viver...!”²⁰⁶ o dia a dia: levanta-se e, dos assuntos que lhe aparecem para tratar, escolhe aqueles que lhe importa, e é com esses que se ocupa “...é levantar-se, fazer o trabalho que venha pela frente...” – e que interesse realmente fazer...”²⁰⁷. Procura fazer apenas aquilo que lhe apetece fazer - algo que depende quase exclusivamente da sua disposição e que, por isso, nem sempre faz, é votar “Voto! Se me apetece votar...! Ou quando sou obrigado a votar!... (...) Voto, porque me apetece!... Se não me apetecesse, não votava!...”²⁰⁸.

¹⁹⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁹⁷ *idem*

¹⁹⁸ *idem*

¹⁹⁹ *idem*

²⁰⁰ Tal como descrevemos no ponto 1.1.7.3. do presente trabalho.

²⁰¹ Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁰² *idem*

²⁰³ *idem*

²⁰⁴ *idem*

²⁰⁵ Entrevista com Alice Cruz.

²⁰⁶ Entrevista com Herman José.

²⁰⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

²⁰⁸ Entrevista com Joaquim Vieira.

No entanto, quando é convidado para participar ou colaborar em qualquer iniciativa ou evento, aceita, porque tem essa obrigação “É a obrigação geral que eu tenho...!!...”²⁰⁹ – que é a mesma obrigação que tem, também, em indicar uma rua quando o abordam para isso, desde que saiba onde fica: “...é como quando me perguntam, na rua, se eu sei onde é a rua não sei quê, eu por acaso sei, e digo, indico como é que se vai para lá!...”²¹⁰.

2.3.1.1. Gosta de vadiar

Gosta de andar a pé “Eu é do que gosto...”²¹¹ – assim se deslocando, quase sempre, pela cidade: “Estou tão acostumado a andar a pé...”²¹². Quando necessita de meio de transporte, utiliza preferencialmente o metro: “...prefiro, por exemplo, o metro... a tudo!”²¹³. Isto deve-se a por um lado, o gosto que tem em “...sentir as ruas, por estarem a meu lado, andando comigo, por assim dizer...”²¹⁴ - quando anda a pé, e, por outro lado, ao facto de se perder muito facilmente - quando utiliza outro meio de transporte²¹⁵: “Assim que entro num carro, quando me leva um amigo, ou um táxi me apanha, ou qualquer coisa assim, assim que entro num carro, já não sei onde estou...!!... (...) Qualquer meio de transporte eu me... me perco imediatamente...”²¹⁶.

Mas o facto de gostar de caminhar não significa que Agostinho goste de passear – pelo contrário, ele afirma veementemente: “Eu não gosto de passear!...”²¹⁷. Assim, quando anda pela cidade ou por outro sítio qualquer, ele não está a passear, mas a vadiar “Gosto de vadiar!”²¹⁸ - já que “Vadiar é já ter um fim em vista que é vadiar...!”²¹⁹ e “Vadiagem é, simplesmente, não ter que assinar o ponto num lugar qualquer!!”²²⁰, é “Andar caminhos!!... Por toda a parte! - o que se quiser!!...”²²¹. Afinal, não se trata apenas de vadiar por lugares exteriores à própria pessoa, mas também interiores: “Pode ser vadiar por dentro!!... - não houve já um grande escritor que falou da vadiagem à roda do seu

²⁰⁹ Entrevista com Alice Cruz.

²¹⁰ *idem*

²¹¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²¹² *idem*

²¹³ *idem*

²¹⁴ *idem*

²¹⁵ No caso do metro, como as respetivas estações são anunciadas, é fácil conhecermos a nossa localização.

²¹⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²¹⁷ Entrevista com Herman José.

²¹⁸ *idem*

²¹⁹ *idem*

²²⁰ Entrevista com Fernando Alves.

²²¹ *idem*

quarto?!... Pois claro!! Então, nós podemos andar à vadiagem sem mover um passo!!... – por dentro!!”²²². Assim sendo, Agostinho vadiará, certamente, por fora e por dentro.

2.3.1.2. Come fácil e com ritual

Relativamente à alimentação, e no mesmo espírito de simplicidade da vida, para Agostinho importa “...sobretudo, comer fácil...!”²²³, prescindindo, habitualmente, de parte do talher – porque se alimenta, de preferência, com sopa e fruta “...comer sopa - em lugar de ter que cortar com faca... e garfo... e toda essa complicação... (...) e fruta... essas coisas...”²²⁴, e em quantidades apenas suficientes “...uma colherada chega!...”²²⁵.

Critica o modo como muitas pessoas se alimentam: a falta de ritual “Sem nenhum ritual de comer!!!”²²⁶ que é causa da pressa com que pretendem viver: “Vocês já repararam como, hoje, as pessoas comem?!...: à pressa à pressa à pressa!!!?, encostadas ao balcão...!!!? (...) para andar depressa!!”²²⁷. Portanto, Agostinho fará das refeições um ritual que rodeia de tranquilidade. Acrescenta que evita “...comer animal...”²²⁸ – já que os animais não têm culpa da sua existência: “Coitado do bicho... que culpa tem ele que eu exista? Nenhuma!!”²²⁹. Afinal, para além do animal, existem muitos outros alimentos: “E, portanto, dentro disso, de evitar comer animal, há tanta coisa que comer...”²³⁰.

2.3.1.3. Nas dificuldades, fica calmo e age depois

Quando se vê confrontado com qualquer obstáculo ou impedimento, simplesmente procura ficar calmo: “...o que tenho, é que estar muito calmo (...) diante das coisas ...”²³¹, e entende que a sua obrigação é tentar compreender se aquilo que está a acontecer não será para ajudar, sendo sua obrigação tentar perceber “...se não foi uma coisa para ajudar!!...”²³².

²²² Entrevista com Fernando Alves.

²²³ Entrevista com Herman José.

²²⁴ *idem*

²²⁵ *idem*

²²⁶ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²²⁷ *idem*

²²⁸ Entrevista com Herman José.

²²⁹ *idem*

²³⁰ *idem*

²³¹ Entrevista com Alice Cruz.

²³² *idem*

Perante o cenário hipotético de, um dia, ficar privado do seu meio de subsistência “Se me cortar a reforma...”²³³, isso então não o atrapalharia e saberia logo o que fazer, continuando a usufruir da condição de não ter que pagar impostos: “...eu estou disposto a fazer uma coisa para a qual, segundo parece, não é preciso número de contribuinte...”²³⁴, e revela do que se trata: “...é mendigar, dos amigos, o meu sustento!”²³⁵, acrescentando que caberá a eles decidir “...se vale a pena sustentar-me, ou não!...”²³⁶. Se os amigos o sustentassem, a questão estaria resolvida; caso contrário, Agostinho iria por outro caminho qualquer: “Não vale a pena sustentar-me?!... Eu procuro outro destino qualquer!...”²³⁷.

2.3.1.4. Espera que a Vida venha e o leve para onde quer

Agostinho tenta agir sempre de acordo com aquilo que crê que a vida quer de si: “...deixo que a vida venha e me ofereça aquilo que ela acha que interessa - a ela vida!”²³⁸ e, para bem se compreender esta sua atitude, dá um exemplo: “...eu procuro o mais possível ser um gato bem manso, de maneira que a vida venha, me pegue pelo cachaço, e me leve aonde for isso conveniente para a vida!...”²³⁹. Assim sendo, não persegue seja o que for, não é “...caçador de coisa nenhuma...”²⁴⁰, esforçando-se apenas para compreender os sinais que a vida lhe faz pedindo “...à vida que fale bem claro, para ele entender (pode estar distraído, ou não perceber mesmo!)...”²⁴¹ e depois encaminha a sua ação no sentido de o(s) satisfazer, tentando perceber “...se pode ou não satisfazer aquele sinal que a vida lhe deu!...”²⁴².

2.3.1.5. Amar e ser independente

Agostinho estabelece, habitualmente, boas relações com a maioria das pessoas “...tenho sempre dado bem, muito bem com a maior parte das pessoas...”²⁴³, o que acontece num registo de resguardo da sua independência “...ponho nitidamente aquilo que me convém... que é, não convém ultrapassar quando as pessoas querem ultrapassar

²³³ Refere-se ao presidente do Brasil à época, Cóllo de Mello. Entrevista com Cáceres Monteiro.

²³⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²³⁵ *idem*

²³⁶ *idem*

²³⁷ *idem*

²³⁸ Entrevista com Fernando Alves.

²³⁹ Entrevista com Manuel António Pina.

²⁴⁰ Entrevista com Fernando Alves.

²⁴¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²⁴² *idem*

²⁴³ Entrevista com Alice Cruz.

determinadas coisas que me podem incomodar!...”²⁴⁴ e, de igual modo, cuida a independência do outro “Tendo eu, também, todo o cuidado em não ultrapassar os direitos à sua liberdade que têm as pessoas...!...”²⁴⁵.

Este outro pode incluir, também, os seus gatos: “Eles lá têm a sua vida o mais independente possível... Eu a minha, também... - o mais independente possível...”²⁴⁶.

Para Agostinho, eles “...são uma grande coisa na vida!...”²⁴⁷, e existe reciprocamente entre aquele homem e estes animais um sentimento “E eles por mim - ainda não percebi bem qual é a relação exata...”²⁴⁸ que assim descreve “Não é o respeito, é o gosto!”²⁴⁹.

Sobre as outras pessoas gostarem ou não de si, Agostinho diz que não sabe, nem isso lhe importa “Não sei nem me preocupa... nada disso!...”²⁵⁰ - o que lhe importa é ele amar os outros “...basta que eu ame os outros...!... O que me preocupa é isso!...”²⁵¹.

Na vida, o que se deve é amar nesta condição, “...deve-se deixar que o amor nos possua!”²⁵² e nunca assumir uma atitude crítica, pois “...diante do que se ama não se deve ser crítico...”²⁵³, já que amar pressupõe aceitar o outro, tomá-lo “...para si! A palavra vem da mesma palavra que capturar...!... Aceitar!!... Aceitar é tomar para si... captar para si!”²⁵⁴ – o que é contrário a impor-lhe seja o que for. Assim sendo, amar e ser-se independente estarão intimamente associados.

2.3.1.6. Não há nada como a conversa

Para além da independência de cada um que Agostinho da Silva prezaré em qualquer tipo de relação (seja com pessoas, seja com animais), na sua relação com outras pessoas releva o valor que tem, para si, a conversa: “Eu acho que não há nada como a conversa!”²⁵⁵, “Não sou misantropo, gosto de ouvir as outras pessoas²⁵⁶ e, em particular, com os amigos “...ver os amigos, e conversar com eles...”²⁵⁷ presencialmente - já que o telefone “...é uma máquina muito útil para dizer sim ou não,

²⁴⁴ *idem*

²⁴⁵ *idem*

²⁴⁶ *idem*

²⁴⁷ Entrevista com Herman José.

²⁴⁸ *idem*

²⁴⁹ *idem*

²⁵⁰ Entrevista com Alice Cruz.

²⁵¹ *idem*

²⁵² Entrevista com Alice Cruz.

²⁵³ *idem*

²⁵⁴ *idem*

²⁵⁵ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²⁵⁶ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁵⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

ou marcar uma hora... mas para o resto, para qualquer espécie de conversa, haver aquele intermediário ali, acho que não dá para nada...!...”²⁵⁸. Por isso, “...é sempre muito melhor conversar com outra pessoa”...²⁵⁹ – por um lado, porque nos dá a conhecer esse outro “...e sobretudo porque é uma revelação da pessoa que o faz!...”²⁶⁰; por outro lado – e principalmente - pela capacidade que este contexto tem de possibilitar o surgimento de posições e ideias diferentes e novas “...porque o outro está noutra posição – pode ser muito melhor que a nossa!...”²⁶¹, e “As ideias se exprimem por palavras...!... Porque senão bastaria estarmos em silêncio um diante do outro...!...”²⁶². Por isso, na conversa deve-se estar atento a outras perspetivas “...às ideias novas que vêm dos outros!”²⁶³, bem como mostrar abertura para as receber “...em inteira liberdade!...”²⁶⁴ (...) desde que ele se exprima com toda a liberdade, pode aparecer mesmo com um pensamento inteiramente contrário...”²⁶⁵.

Estes pensamentos e posições contrárias merecem muita atenção por parte de Agostinho: “Ou que elas acham possível algumas das ideias, ou combatam outras que, a elas, lhes parecem impossíveis...”²⁶⁶, no sentido em que o outro nos pode ajudar ao esclarecimento sobre a nossa própria pessoa “...é muito bom, a maior parte das vezes, que o outro pense o contrário daquilo que se está pensando, porque podemos nós estar iludidos a nosso respeito...!”²⁶⁷. A este propósito, acrescenta “...que aqueles que aplaudem cegamente...”²⁶⁸ não o ajudam - ao invés dos “...que me olham criticamente, que procuram encontrar erros no que digo, e acham que as coisas são exageradas da minha parte...!”²⁶⁹.

E, tal como pode aprender com o outro, de igual modo deverá ele proporcionar também essa aprendizagem, pelo que lhe cabe “...procurar dentro de si próprio aquilo que é uma resposta, aquilo que é uma crítica, aquilo que é uma objeção...”²⁷⁰ para, por meio desse

²⁵⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁵⁹ Entrevista com Fernando Alves.

²⁶⁰ *idem*

²⁶¹ *idem*

²⁶² Entrevista com Cáceres Monteiro.

²⁶³ Entrevista com Manuel António Pina.

²⁶⁴ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁶⁵ Entrevista com Fernando Alves.

²⁶⁶ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁶⁷ Entrevista com Fernando Alves.

²⁶⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁶⁹ *idem*

²⁷⁰ Entrevista com Alice Cruz.

confronto – ou encontro - de ideias, “...ajudar o outro a construir alguma coisa que ele realmente quer alcançar e que, sozinho, não o possa fazer!...”²⁷¹.

Pelo exposto, podemos compreender Agostinho, quando afirma: “De maneira que tudo quanto surge adverso ou contrário, me parece extremamente interessante...!!...”²⁷².

2.3.1.7. Desembaraça-se quando é preciso

Desembaraçar-se quando é preciso é outra atitude que Agostinho da Silva muito valoriza: “Quando se tem que, realmente, fazer alguma coisa de desembaraçar, a gente se desembaraça de qualquer jeito...!!”²⁷³. E ilustra isto com dois episódios, que relata: o primeiro passou-se com outra pessoa; e o seguinte consigo próprio.

Relativamente ao primeiro, trata-se da história de um homem que viaja sozinho, e cujo carro perde os quatro parafusos de uma das rodas “...tinham caído os parafusos de uma roda...! Todos eles!!”²⁷⁴. Desprevenido e à noite, apenas vê, em frente, um edifício com uma placa onde se lê “Clínica Psiquiátrica”. O homem não sabe o que fazer quando, de uma janela daquele edifício, alguém lhe diz “Tire um parafuso de cada roda, e ponha nessa!”²⁷⁵. E assim resolveu o problema que tinha.

O segundo episódio refere-se à ida de Agostinho para a Universidade de Paraíba. Quando aí chegou, viu-se confrontado com a situação de ter que ensinar uma disciplina para a qual não se encontrava preparado²⁷⁶, tendo, ante a situação, o diretor perguntado se não era “...capaz de dar Geografia Humana?...”²⁷⁷; ao que respondeu “Dou tudo o que o senhor quer com 24 horas de antecedência!...”²⁷⁸. Então, Agostinho arranhou forma de se preparar “Arranjei um bom manual, estudei a primeira lição...”²⁷⁹ e, afinal, tudo resultou bem entre ele e os seus alunos: todos ficaram a conhecer, pelo menos, as bases da Geografia Humana. E isso foi devido àquela atitude que tomou “...naquele momento, nos desembaraçámos!!...”²⁸⁰.

²⁷¹ Entrevista com Alice Cruz.

²⁷² Entrevista com Fernando Alves.

²⁷³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁷⁴ *idem*

²⁷⁵ *idem*

²⁷⁶ Tal como é apresentado em 1.1.7.2.. Em vez de Literatura Portuguesa, como se combinara, teria que ensinar Geografia Humana: “...tinham julgado que aquela cadeira era noutra ano qualquer...” Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁷⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁷⁸ *idem*

²⁷⁹ *idem*

²⁸⁰ *idem*

2.3.1.8. Repete propositadamente o fundamental

A ação de Agostinho da Silva relaciona-se, muito frequentemente, com Portugal e portugueses do século XIII. Neste contexto, o que sempre tem feito é tentar entender o mais importante da História de Portugal: “O que eu tenho procurado sempre é entender o que houve na História de Portugal de mais importante e de mais interessante...”²⁸¹ – processo através do qual crê ter chegado a um conjunto de ideias fundamentais “...que vêm de todo o Portugal que tem sido...”²⁸², as quais apresenta repetidas vezes. Tal como Agostinho, outros portugueses chegaram a ideias muito semelhantes àquelas, algumas das quais se constituíram em caminhos para as ideias que teve – pelo que este também as tem apresentado repetidas vezes “...o mais claramente possível, e repetido, o que foi o pensamento e a obra, também, de muitos portugueses do século XIII, com o culto do Espírito Santo, com o Camões, ou do António Vieira, ou de muita coisa que pensou, ou executou, o... o próprio Fernando Pessoa!...”²⁸³. E, assim sendo, “Simplesmente, (...) a fatalidade é repetir!”²⁸⁴.

Houve ocasiões em que Agostinho teve ideias para as quais o mundo, afinal, ainda não estava preparado: “...na minha experiência, muitas vezes me lembrei de coisas sem perceber que o mundo ainda não estava preparado (ainda não estava no ponto certo!)...”²⁸⁵ para que tais ideias se pudessem concretizar - o mundo não reunira as condições necessárias para, nessas alturas, agir “...ser o ator que era preciso ser!”²⁸⁶. E, tal como essas e pelo mesmo motivo, há outras ideias que tem mas que não revela “Para quê dizer coisas novas, se eu não as acho essenciais...”²⁸⁷ – sobretudo, “...se não as acho essenciais para Portugal?!...”²⁸⁸.

Então, e apesar de Agostinho se ter visto algumas vezes obrigado a esperar “...por exemplo, trinta anos...!...”²⁸⁹ para levar a cabo a realização de umas determinadas ideias, enquanto que para outras nunca houve oportunidade de as revelar, agrada-lhe ter tido aquelas ideias “...não me arrependo nada de ter tido essas ideias...!...”²⁹⁰.

²⁸¹ Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁸² Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁸³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁸⁴ Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁸⁵ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁸⁶ *idem*

²⁸⁷ Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁸⁸ *idem*

²⁸⁹ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁹⁰ *idem*

Portanto, a repetição e insistência relativamente às ideias que expressa é propositada e intencional - e consiste, então, no que lhe parece fundamental, ou que é convicção sua “...insistir naquilo que me parece, a mim, fundamental!!”²⁹¹.

2.3.2. Aquilo que evita e com o que não se identifica

Há um leque de matérias e atitudes com as quais Agostinho não se identifica, e até evita. Listamo-las: política e poder; luta económica; publicidade a produtos; saudades; veneração dos outros e de si próprio, elogios; discutir com outros; julgar outros; ter a verdade num bolso; tolerar; trabalhar; haver horários; ter discípulos; publicar apenas (em vez de agir); haver direitos de autor.

2.3.2.1. Política, poder e luta económica

Agostinho não quer ter nenhuma espécie de poder sobre qualquer pessoa, “...de nenhuma maneira quer tocar, ou que o toque, alguma coisa que tenha que ver com o poder!!”²⁹². A este respeito, conta que fora abordado na rua, recentemente, por alguém que lhe disse: “O senhor não gostaria da pasta da educação?!...”²⁹³, ao que respondeu: “Nada!! Nem pensar nisso!!...” (...) Não...!!”²⁹⁴.

De igual modo, procura não fazer parte da luta económica “Para eu, um dia, perder tudo de uma assentada?! Como perdeu aquela gente toda no Brasil?!...”²⁹⁵ e sustenta que “...o que devíamos alguns de nós procurar, era não ser apanhado por essa coisa da luta económica...”²⁹⁶, e que aqueles que entram nesse jogo perigoso acabam por se prejudicar “E, depois, muita gente espera que, um dia, venha um Cóllo - como veio no Brasil! - e cace o dinheiro todo dos bancos...!!...”²⁹⁷.

Também não se deixa convencer pela publicidade a produtos: “Eu não vou por rótulos...!!... Julga que, se vejo numa loja “Este é o melhor presunto do mundo!” é esse presunto que eu como?!... Não!”²⁹⁸: primeiro observa e experimenta o produto, e só depois compra ou não - de acordo com a sua própria avaliação: “Vou provar, vou experimentar, e só como desse se me apetece!!...”²⁹⁹.

²⁹¹ Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁹² Entrevista com Joaquim Letria.

²⁹³ Entrevista com Fernando Alves.

²⁹⁴ *idem*

²⁹⁵ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁹⁶ Entrevista com Manuel António Pina.

²⁹⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁹⁸ Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁹⁹ *idem*

Segue o mesmo procedimento quando se trata de pessoas. Por exemplo, nas eleições, quando vota, ignora pertencas a partidos e campanhas eleitorais: “...eu não quero saber das campanhas eleitorais para nada...!!...”³⁰⁰; antes se interessa por conhecer as ideias daquelas pessoas e de que modo(s) as poderão pôr em ação: “Eu quero saber das ideias que as pessoas têm, e depois da maneira como as vão defender ou praticar...!!...”³⁰¹. Portanto, desligando-se de rótulos uma vez mais, declara “...eu voto naquilo que me parece certo!!...”³⁰².

Agostinho não se identifica de tal modo com qualquer situação de poder que, das raríssimas vezes que, na sua vida, sentiu raiva “A não ser em duas ou três vezes...”³⁰³, pelo menos uma dessas vezes, e que refere de imediato, se deveu a exercício de poder - trata-se das circunstâncias em que fez o seu doutoramento na Faculdade de Letras do Porto³⁰⁴. Naquele contexto que muito o contrariava, obrigou-se a fazê-lo “...era preciso fazer uma coisa que me custava fazer, e eu tinha que a fazer...”³⁰⁵, revelando uma atitude de apreço pelo sentimento que teve: “Pois claro!... Tenho muito gosto em ter tido raiva nessa altura!...”³⁰⁶.

2.3.2.2. Admirar ou venerar, e tolerar

Nesta sequência, podemos considerar a admiração e a veneração de pessoas como algo que não goza de qualquer simpatia por parte de Agostinho – a começar pelo próprio “...por exemplo, na admiração de si próprio!!”³⁰⁷, situação que imediatamente elimina “...ponho essa coisa de parte num instante...”³⁰⁸ e declara “Comigo, não me interessa absolutamente nada!!...”³⁰⁹. Assim, procura não se deixar convencer por elogios e homenagens prestados à sua pessoa, “...sobretudo, tomar o meu cuidado em não pensar que é uma homenagem a mim (...) é preciso ter muito cuidado nisso...!!”³¹⁰; mostra-se tão avesso a essa veneração, que até costuma reagir contra “...tem que se estar sempre

³⁰⁰ *idem*

³⁰¹ *idem*

³⁰² *idem*

³⁰³ Entrevista com Alice Cruz.

³⁰⁴ Doutoramento que fez na Faculdade de Letras do Porto – porque sentiu raiva contra as universidades de Lisboa e de Coimbra, tidas como responsáveis pelo encerramento da primeira. Apresentado no ponto ?

³⁰⁵ Entrevista com Alice Cruz.

³⁰⁶ *idem*

³⁰⁷ Entrevista com Fernando Alves.

³⁰⁸ Entrevista com Alice Cruz.

³⁰⁹ *idem*

³¹⁰ *idem*

com a objeção pronta para ver se podemos demolir aquilo que na vida não nos serve afinal para nada, nos está apenas iludindo, não é?...”³¹¹.

Questionado sobre eventuais mudanças na sua vida causadas pela participação neste programa de televisão, responde afirmativamente “Sim, houve diferença...”³¹², e especifica a natureza de tais mudanças - a que dá um pendor negativo “...pessoas que vêm ter comigo quando eu estou a pensar noutra coisa, me interrompem...”³¹³.

Ter discípulos é, neste contexto, algo que rejeita: “...ter discípulos!?!... – de jeito nenhum!!”³¹⁴ (...) Espero não ter discípulos...!...”³¹⁵” e continua o seu discurso, mostrando, com muita clareza, que não pretende que o sigam cegamente “Já disse uma vez que, se fosse navio, não tinha jeito para ser rebocador!... E, em terra, continuo da mesma maneira!...”³¹⁶. Para além disto, não há qualquer interesse em duplicar pessoas “...para quê duplicados no mundo?!... Não é preciso!!... Para isso, inventaram os carimbos!... – nós não somos carimbos nenhuns de ninguém!...”³¹⁷.

Sobre esta veneração e, agora, relativamente ao outro, é preciso assumir sempre uma atitude crítica, “...estar sempre crítico diante daquilo que se vai admirar (...) diante daquilo que se admira, muito cuidadinho...”³¹⁸. Assim, admirar é diferente de amar “...é uma coisa diferente...”³¹⁹, já que amar pressupõe a não crítica.

Tal como admirar não é amar, tolerar também não o é – tanto admirar como tolerar excluem a completa aceitação do outro: “Eu tenho a palavra tolerar como diferente de aceitar! (...) É-se de uma tal maneira!; a pessoa, para agradar, devia ser de outra maneira...”³²⁰. Então, aquele que tolera assume, perante o outro, que lhe é superior: “Tolerar é já marcar uma superioridade!! (...) tolerar é dar licença, com desprezo, que o outro seja assim...!... – Coitado!... Oxalá se modifique!...”³²¹. Assim sendo, tolerar é, também, algo com que Agostinho da Silva não empatiza, e rejeita “Tolerar porquê?! (...) Tolerar não é nada de interessante!...!!”³²².

³¹¹ Entrevista com Alice Cruz.

³¹² *idem*

³¹³ *idem*

³¹⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³¹⁵ Entrevista com Adelino Gomes.

³¹⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³¹⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³¹⁸ Entrevista com Alice Cruz.

³¹⁹ *idem*

³²⁰ *idem*

³²¹ *idem*

³²² *idem*

2.3.2.3. Ter saudades

Declara que não tem saudades “...essa coisa de saudade, para mim, não existe!...”³²³ – já que ter saudade implica uma ausência, e isso é coisa que nunca se verifica.

Assim, não tem saudade das pessoas de quem gosta: “...eu não tenho saudades das pessoas de quem eu gosto (...) como é que eu vou ter saudades?!...”³²⁴ porque, embora não se encontrem fisicamente presentes ou estejam mesmo a longa distância, estão todos sempre consigo e assim “...como é que eu vou ter saudades deles?!... (...) eu nunca estou ausente; eles nunca estão ausentes de mim...”³²⁵.

De igual modo, e independentemente de, por vezes, lhe apetecer viver num ou noutro lugar, nem que fosse apenas provisoriamente, Agostinho nunca teve saudades de nenhum dos vários lugares por onde andou e de que gostou: “...sempre que tenho andado pelo mundo – Brasil, por exemplo – nunca tive saudade de Portugal!... E, agora que estou em Portugal, não tenho saudade do Brasil nem de nenhum outro lugar...!!”³²⁶.

2.3.2.4. Julgar

Agostinho é avesso a fazer julgamentos sobre pessoas, afirmando que “...é um defeito muito grande que nós temos, aquele de dizer que tal pessoa tem tais qualidades e tem tais falhas, ou tais defeitos...”³²⁷. Acrescenta que a postura que assumimos - quando consideramos pessoas ou situações como tendo qualidades e defeitos - apenas depende do nosso agrado ou desagrado relativamente a essas pessoas ou situações: “...umas vezes, quando não nos agradam, nós chamamos defeitos; e, quando nos agradam, nós chamamos qualidades!”³²⁸. Então, melhor seria excluir estas palavras do nosso vocabulário quando se trata de qualificar, pois “O que se tem que dizer é que a pessoa nasce em determinadas circunstâncias, sem se dizer se elas são boas ou más...”³²⁹, pelo que se distancia desse tipo de considerações bom ou mau, qualidade ou defeito, evitando “...todas essas coisas...”³³⁰, propõe o termo características, uma vez que entende que “...nenhuma pessoa tem qualidades ou defeitos – a pessoa tem características!”³³¹ (...) O que tem que se dizer de qualquer pessoa, ou de qualquer

³²³ Entrevista com Alice Cruz.

³²⁴ *idem*

³²⁵ *idem*

³²⁶ *idem*

³²⁷ Entrevista com Adelino Gomes.

³²⁸ Entrevista com Alice Cruz.

³²⁹ Entrevista com Adelino Gomes.

³³⁰ Entrevista com Alice Cruz.

³³¹ *idem*

situação no mundo, é que ela tem determinadas características...³³². E, desta forma, Agostinho evita fazer julgamentos “Eu não tenho que julgar isso!...”³³³.

2.3.2.5. Discutir com outros

Agostinho alerta para o grande perigo que é, para todos, crer-se que se é dono da verdade, pois “...ter chegado a uma situação de verdade é quase meio passo para daí a pouco instalar uma inquisição qualquer...”³³⁴, postura que assim reforça “...quem tem a verdade num bolso tem sempre uma inquisição...”³³⁵.

Esta inquisição traduzir-se-á na tentativa persistente de impor, aos outros, a dita verdade, e “...com a qual se quer obrigar todos os outros a serem como ele, e a chegarem à mesma verdade!”³³⁶ - utilizando como seu instrumento, sistematicamente, o ataque por meio da palavra “...pronta para atacar alguém!”³³⁷.

Perante tal situação, Agostinho da Silva afirma “Fujo da verdade como de tudo...”³³⁸ – pelo que evita a discussão “...eu, quando posso, me livro dessa coisa de discutir com os outros!...”³³⁹, sempre que isso envolve pouca abertura e rigidez na postura daqueles com quem se discute, por crerem possuir a tal verdade. Assim sendo, ao invés de partilha e aceitação, das diferentes perspetivas em jogo resultaria antes rejeição, luta e agressão, “...pontos de vista diferentes e que estabelecem uma certa discussão...”³⁴⁰ – pelo que evita, de igual modo, envolver-se em qualquer tipo de discussão “...não discussão! – que é antipática...”³⁴¹, e aconselha a “...não ficar, tantas vezes, em pequenas discussões em coisas que são uma porcaria que não vale a pena fazer...!!...”³⁴².

Então, e especialmente, quando o objeto de discussão se relaciona de algum modo com Portugal³⁴³ é que Agostinho seguramente evita essa luta “...faço todo o possível para que não surja nenhum momento desses.”³⁴⁴.

³³² Entrevista com Adelino Gomes.

³³³ Entrevista com Alice Cruz.

³³⁴ Entrevista com Adelino Gomes.

³³⁵ Entrevista com Manuel António Pina.

³³⁶ Entrevista com Adelino Gomes.

³³⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

³³⁸ *idem*

³³⁹ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁴⁰ *idem*

³⁴¹ Entrevista com Adelino Gomes.

³⁴² Entrevista com Joaquim Vieira.

³⁴³ Portugal: o país que tanto respeita e ao qual é tão devedor – como apresentado em 1.2.1.2.5.

³⁴⁴ Entrevista com Isabel Barreno.

2.3.2.6. Publicar, direitos de autor, trabalhar, ter horário

Apenas publicar, em vez de também realizar ações é, de igual modo, atitude que Agostinho da Silva não aprova “...a sociedade portuguesa não se podia transformar através de discursos, através de publicações!... A sociedade portuguesa tinha que se transformar através de fazer coisas!...”³⁴⁵.

Receber direitos de autor por aquilo que se publica não se coaduna, também, com aquilo que crê ser adequado³⁴⁶ “E a razão é metafísica!”³⁴⁷ – e, de acordo com esta posição, recusa recebê-los por não se sentir “...com direito àqueles direitos de autor!!”³⁴⁸.

Então, em vez de receber aquele dinheiro, arranjou-lhe outro destino – tendo, para tal, incumbido as respetivas editoras de transformarem “...isso em doação cultural em alguma coisa que vos pareça digna!”³⁴⁹.

O resultado afigurou-se-lhe muito mais relevante do que “...ter comprado uns sapatos novos, ou uma mesa chique!!...”³⁵⁰, já que se concretizou em obra do seu interesse, sobre Portugal, fazendo “...avançar estudos do Vieira, e estudos do messianismo português...”³⁵¹.

Outras matérias de grande desagrado de Agostinho consistem em trabalhar e ter horários – e de tal modo o aborrecem que afirma gostar que as pessoas o interrompam quando se encontra nessa situação: “Quando estou a trabalhar, sim... gosto muito que as pessoas venham, e apareçam, e tal...!”³⁵². Mas, se está livre, já não lhe agrada ser interrompido “Eu não gosto de ser interrompido, sobretudo quando não estou disposto a trabalhar...!”³⁵³. Sobre os horários, diz que “É uma pena haver horas...!”³⁵⁴ – expressando, deste modo, uma atitude de rejeição relativa ao hábito de se medir o tempo.

³⁴⁵ Entrevista com Baptista-Bastos.

³⁴⁶ No sentido em que Agostinho da Silva crê que quem escreve não é, realmente, o autor dessas escritas.

³⁴⁷ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³⁴⁸ *idem*

³⁴⁹ *idem*

³⁵⁰ *idem*

³⁵¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³⁵² Entrevista com Isabel Barreno.

³⁵³ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁵⁴ Entrevista com Baptista-Bastos.

2.4. O que quer para si e para os outros

2.4.1. Viver em liberdade, sem pressas e sem pensar

Agostinho da Silva quer que a vida seja, ela própria, uma ficção “...o que é que me apetece a mim?!...: É que a vida seja uma ficção!!”³⁵⁵ e, em consequência viver “...a própria ficção em que a vida se tornou...!!...”³⁵⁶. Aqui, inclui “...ver tudo...”³⁵⁷ e ter amigos para falar de tudo em liberdade: “...a liberdade que têm as pessoas de dizer o que lhes apetece, onde lhes apetece, sem provar nem uma coisa nem outra!!”³⁵⁸ (...) em que cada um pode dizer aquilo que lhe pareça que é o mais interessante”³⁵⁹ – pelo que devemos louvar acima de tudo “...estarmos num tempo de liberdade...”³⁶⁰.

Neste domínio, e tal como faz ele e os seus gatos, sessegam todos “...na independência de cada um!...”³⁶¹, e assim deve “...suceder com toda a gente...”³⁶² – situa-se, aqui, a vontade que manifesta relativamente à não existência de discípulos: “Gostarei muito que não haja discípulos nenhuns...!!...”³⁶³.

Agostinho quer que se viva e se faça aquilo que se tem que fazer, com os outros, tranquilamente “Procuro estar numa atmosfera que ponha toda a gente de acordo, em que se procure ver o que se vai realmente fazer com os elementos de que se dispõe!”³⁶⁴, e sem pressas “...correr, para quê?!...”³⁶⁵, e que se chegue a uma altura em que as pessoas sejam capazes de não fazer nada e não pensar nada: “Eu quero é que, um dia (...), as pessoas estejam nessa espécie de preguiça – que significa não fazer nada, não pensar nada...!!”³⁶⁶.

E é assim que, “...mais do que escrever ficção...!!...”³⁶⁷ e mais do que ler ficção – até porque não se “...divertiria muito a ler ficção!!...”³⁶⁸ – Agostinho da Silva quer que todos possamos viver a real ficção que a Vida é.

³⁵⁵ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁵⁶ Entrevista com Fernando Alves.

³⁵⁷ Entrevista com Joaquim Vieira.

³⁵⁸ *idem*

³⁵⁹ Entrevista com Fernando Alves.

³⁶⁰ *idem*

³⁶¹ Entrevista com Herman José.

³⁶² *idem*

³⁶³ Entrevista com Adelino Gomes.

³⁶⁴ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁶⁵ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³⁶⁶ Entrevista com Fernando Alves.

³⁶⁷ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁶⁸ Entrevista com Fernando Alves.

2.4.2. Fazer em Portugal

Portugal é, para Agostinho, o ponto crucial da sua ação – como temos vindo a referir³⁶⁹. É neste contexto que se pode compreender o grande arrependimento e remorso que declara ter quando, em vez da Ilha Terceira, foi para Paris³⁷⁰. Se calhar para se redimir de tal falta “...alguma coisa que eu não fiz, e desejava fazer em Portugal...”³⁷¹, mas certamente porque lhe parece interessante para Portugal, expressa a sua intenção e a sua vontade de fazer algo útil nos Açores, com vista ao futuro, procurando “...ver se, algum dia, tenho a sorte de fazer, na Ilha Terceira, na Angra, ou outro lugar, aquilo que realmente for útil àquela gente para o futuro!...”³⁷².

E é para o futuro que a sua ação se dirige: fundamentalmente, Agostinho pretende desenvolver, neste país, determinadas ideias e ações, “...implantar em Portugal um certo número de coisas...”³⁷³ que possam ser “...semente...!!...”³⁷⁴ capaz de dar origem a uma floresta, pois “...é da semente que saem as florestas...!!...”³⁷⁵. (...).

Uma dessas coisas que refere, e que constituirá aquela semente, é a capacidade de manifestar curiosidade: “...o que eu quero de todos os portugueses é o seguinte: que sejam curiosos!!”³⁷⁶, aconselhando-os a procurar satisfazer sempre, e o mais completamente possível, essa curiosidade que deverão assumir; “Quando tiverem alguma curiosidade de alguma coisa, façam o favor de a satisfazer ao máximo...!!...”³⁷⁷. Também gostaria, para facilitar a sua ação, de ter, para além das duas nacionalidades, todas as nacionalidades de todos os países de língua portuguesa: “O que me impede as coisas não é ter duas nacionalidades!, é não ter as nacionalidades de todos os países de língua portuguesa!!”³⁷⁸. Associada a esta aspiração sua, declara que os portugueses – bem como todos aqueles cuja língua oficial é a língua portuguesa – deveriam ter trânsito livre por estes países através, por exemplo, de um passaporte comum: “...deviam almejar por ter (...) um passaporte comum para todos os países de língua portuguesa!!...”³⁷⁹. Esta é uma das metas: “E a isso chegaremos um dia!!”³⁸⁰.

³⁶⁹ Ação que se associa muito intimamente ao seu pensamento – e que iremos desenvolver no decurso deste trabalho.

³⁷⁰ Apresentado no ponto 1.1.2..

³⁷¹ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁷² *idem*

³⁷³ Entrevista com Baptista-Bastos.

³⁷⁴ Entrevista com Fernando Alves.

³⁷⁵ *idem*

³⁷⁶ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³⁷⁷ *idem*

³⁷⁸ Entrevista com Fernando Alves.

³⁷⁹ *idem*

2.4.3. Contagiar outros para a expressão da mensagem deles

Agostinho procurará abranger, com a sua ação e o seu pensamento, muitas outras pessoas – no sentido em que os vários aspetos da sua mensagem, que é “...única...”³⁸¹, se espalhem por essas pessoas. E utiliza termos da família de “contágio” para descrever a sua intenção: “Gostaria o egoísta de se tornar contagioso?!...”³⁸² - referindo-se, com a palavra “egoísta”, à sua própria pessoa.

Assim, será necessário contagiar o egoísmo por todos - para que cada um lute pela sua própria liberdade, até poder deixar de ser egoísta³⁸³. Paralelamente, Agostinho da Silva pretende contagiar os outros para a expressão das respetivas e próprias mensagens “...faça o favor de cuidar da sua mensagem!!, não é da minha!!... A minha (...) é só para dizer que cuide da sua!!”³⁸⁴ – já que cada pessoa terá, tal como ele, a sua mensagem única para dar ao mundo, “Porque essa é que tem importância!! Não é?...”³⁸⁵. Neste contexto, incentiva o ócio facilitador da expressão dessa mensagem, contrariamente ao trabalho que a inibe – declarando explicitamente como crê que as pessoas se devem posicionar relativamente a esta matéria: “Quero sempre que sejam como o tal brasileiro respondeu ao americano - que lhe perguntou: o senhor nunca tem vontade de trabalhar?!: tenho, muitas vezes, mas reajo sempre!!”³⁸⁶.

Por fim, e apesar de toda a humildade, Agostinho considera que “...não sabe se se tornou, ou não se tornou contagioso!”³⁸⁷.

³⁸⁰ *idem*

³⁸¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³⁸² Entrevista com Cáceres Monteiro.

³⁸³ Tal como se apresenta no ponto

³⁸⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³⁸⁵ *idem*.

³⁸⁶ Entrevista com Fernando Alves.

³⁸⁷ Entrevista com Cáceres Monteiro.

CAPÍTULO II
Humanidade:
A Criança e o Mundo por se cumprir

“Pode ser que nós, no mundo, sejamos apanhados pelo cachaço – como a gente apanha os gatos, para eles fazerem determinada coisa num determinado momento (...) deixarmos morrer a criança que nascemos. Ficamos com saudades da criança que fomos – coisa inteiramente absurda!!

Entrevista com Herman José

1. Humanidade e Eternidade: a Criança

1.1. Ser-se Humano: Natureza e Cultura, Corpo e Espírito

Em qualquer exposição sobre o percurso do ser humano na terra, algo nos remete, habitualmente, para as chamadas teorias evolucionistas. Neste contexto, e especificamente sobre o ser humano, diz-nos Agostinho da Silva que “...pelo lado exterior, por aquilo que é possível averiguar em vértebras ou patas, temos que ver com os lémures de Madagáscar...”¹; por outro lado, e em particular sobre o evolucionismo de Darwin, salienta “...nem há a certeza, hoje, de que o Darwin tenha razão, que tenha havido evolução das espécies animais...!!...”². A este propósito, avança com outra explicação para o facto de se encontrarem, na terra, fósseis de animais muito semelhantes em tempos diferentes e sequenciados: em vez de evolução do mesmo animal, tratar-se-ia, afinal, de uma nova criação de um novo animal “Pode ser que aquilo que Darwin supôs que era a passagem de um animal a outro animal fosse a criação de um animal novo extremamente semelhante ao outro...”³. Assim sendo, terão ocorrido no mundo “...várias criações sucessivas a sobrepor-se no tempo...!”⁴. Servindo-se do exemplo do cinema, reforça a sua conjectura: “Quando olhamos um filme de cinema, podemos ter duas hipóteses: foi um homem que estava com um braço em certa posição na fotografia A, e que na fotografia B apareceu com outra posição!... Na realidade, o que houve, houve duas criações diferentes: a fotografia 1, e a fotografia 2.”⁵.

Pelo exposto, e no que especificamente diz respeito ao ser humano, não podemos afirmar que o atual (ou outro anterior) constitua e integre, afinal, uma sequência evolutiva – a este propósito, Agostinho refere-se ao seu aparecimento na terra como algo que terá ocorrido subitamente “...de repente, aparecemos nós...”⁶ - mas devemos considerar a possibilidade de todos aqueles restos encontrados e classificados como seres humanos não o serem realmente, no sentido em que o ser humano atual não será seu descendente. Para além disso, temos que ter em conta que nem todos os anteriores terão deixado restos “Para não falarmos de outros mais antigos...”⁷...

¹ Entrevista com Herman José.

² *idem*

³ *idem*

⁴ *idem*

⁵ *idem*

⁶ *idem*

⁷ Entrevista com Herman José.

E estes mais antigos seres humanos do passado, segundo Agostinho da Silva, terão usufruído de condições de vida que lhes terão permitido viver em felicidade: “...havia no princípio fruta, e raízes, e comida à vontade para toda a gente⁸ (...) tinham sempre o que comer (...) não faltava nada para eles...”⁹. Com estas necessidades satisfeitas e sempre asseguradas, “...percorriam o mundo à vontade...”¹⁰ e ser-lhes-ia habitual “...contemplan a beleza que os podia impressionar!...”¹¹, pelo que assumiriam uma atitude de grande respeito pela vida “...a vida merecia(-lhes) um extraordinário respeito!!....”¹².

1.1.1. Até ao atual, vários tipos

Do que se conhece sobre a idade dos primeiros seres humanos no mundo, comparativamente à de todos os outros animais, são “...um ser muito recente na Terra...”¹³, porque apareceram em último lugar “...o homem aparece numa das últimas idades geológicas do mundo¹⁴ (...), nós somos os últimos animais que apareceram na terra. A terra estava bem constituída, com o seu terciário, o seu quaternário, e as coisas biológicas todas...!”¹⁵.

Entretanto, e até ao presente, já viveram no mundo muitos tipos diferentes de seres humanos “...já passaram várias qualidades dele”¹⁶ (...), “várias espécies de gente...”¹⁷ que podemos classificar com base nos restos que deixaram. Refira-se, como exemplo, o homem de Neanderthal, que seria provido de algumas competências intelectuais e espirituais “...pela análise da caveira do homem de Neanderthal, é possível supor que ele já tivesse algum pensamento metafísico...”¹⁸.

Depois do desaparecimento deste tipo, aparece o ser humano atual “...com outra espécie de pensamento científico mais algumas técnicas que usamos para ir construindo a vida.”¹⁹ – considerando-se, regra geral, este último do tempo presente como o ser humano mais evoluído.

⁸ Entrevista com Maria Elisa.

⁹ Entrevista com Baptista-Bastos.

¹⁰ *idem*

¹¹ *idem*

¹² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹³ Entrevista com Joaquim Letria.

¹⁴ *idem*

¹⁵ Entrevista com Herman José.

¹⁶ Entrevista com Joaquim Letria.

¹⁷ Entrevista com Herman José.

¹⁸ *idem*

¹⁹ Entrevista com Herman José.

1.1.2. De larva à borboleta voadora do futuro

Atendendo a que qualquer perspectiva de futuro que agora possamos ter será sempre construída com base naquilo que conhecemos, não nos parece possível prevermos, com certeza, como será o ser humano futuro “...como somos os últimos, não podemos ter nenhuma ideia do que pode ser o homem no futuro...”²⁰. Tal como aqueles que se locomoviam a quatro patas “... segundo parece, raciocinavam, capazes de ter já alguma geometria elementar...”²¹ que, se pudessem pensar um homem seguinte, muito provavelmente o imaginariam algo diferente deles próprios, mas locomovendo-se a quatro patas: “Eles que ideia poderiam ter do futuro de um homem de quatro patas?!... Que outros homens com quatro patas se portariam dessa ou daquela maneira...!!...”²². Assim sendo, talvez o ser humano atual não seja tão evoluído como se pretende, e acabe por desaparecer “...como aqueles que andavam a quatro patas (...) desapareceram também...!”²³, dando lugar a outro que, no futuro, se lhe seguirá. E este novo poderá ser de tal modo diferente, que “...os nossos netos, bisnetos, trinotos, o que for...”²⁴, quando olharem para este nosso tempo presente que, no futuro, será tempo passado seu, “...vão ter uma noção do passado como nós temos noção das cavernas em que viviam os primeiros homens...!!”²⁵.

Portanto, tendo o ser humano tão pouca idade de vida no planeta, atualmente “Talvez nós sejamos apenas mais uma larva de homens...!!”²⁶ – ou seja, seres humanos em estado inacabado, mas com um potencial que poderá despoletar em casulo apropriado e promissor de uma nova e outra fase do percurso humano no mundo: de larva rastejante a borboleta voadora: “Amanhã pode[...], em lugar de braços, aparecer gente com asas...!!...”²⁷.

Desta ou de qualquer outra maneira, e também devido aos avanços da ciência e da técnica que se têm vindo a verificar e que permitirão “...igualar as condições económicas, as condições técnicas, em que vivia o homem primitivo...!!...”²⁸, esse humano que irá aparecer no futuro deverá superar largamente o atual “...alguma coisa

²⁰ *idem*

²¹ *idem*

²² *idem*

²³ *idem*

²⁴ Entrevista com Maria Elisa.

²⁵ *idem*

²⁶ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁷ Entrevista com Herman José.

²⁸ Entrevista com Baptista-Bastos.

que nos exceda completamente...”²⁹ e, quem sabe, seja tão diferente daquilo que nos foi possível imaginar, “...que se possa rir das ideias que nós tivemos sobre o futuro...!!...”³⁰.

1.1.2.1. Vocação e destino: ser livre; voar alto e ver chão

No que diz respeito à existência, ou não, de destino, Agostinho da Silva considera que “Pode ser que haja destino!...”³¹, sendo que esse destino, para cada pessoa, é a sua liberdade, “Pode ser que o destino de uma pessoa seja ser livre!!”³². A este propósito, declara: “Eu não aceitarei nunca que esteja nítido no mundo que nós somos escravos...!!”³³.

Associado ao destino que é ser-se livre, os seres humanos têm como vocação voar alto - mas sem nunca perder o chão: “...a vocação do homem é voar alto! Mas sem nunca perder a linha de terra...!”³⁴.

Assim sendo, e enquanto humanos, nós nunca podemos prescindir de nenhum destes dois elementos: do céu – para “...voarmos alto!...”³⁵; e do chão - “...um chãozinho em baixo tão objetivo e tão rígido...”³⁶ e que, lá muito do alto por onde voamos, o vemos “...como se fosse um mapa em relevo...”³⁷.

Se apenas tivéssemos um deles, não poderíamos cumprir esse destino e essa vocação humana: tratando-se apenas do chão da terra, isso diria respeito a “...um bicho adaptado ao chão, só!...”³⁸; e tratando-se apenas do céu, isso diria respeito, por outro lado, a algo que é só “...adaptado ao céu...”³⁹ – portanto, “Uma só das coisas não é humana...!!...”⁴⁰. Devemos ter ambas, ar do céu e chão da terra, “...ao mesmo tempo...”⁴¹.

²⁹ Entrevista com Joaquim Letria.

³⁰ *idem*

³¹ Entrevista com Alice Cruz.

³² *idem*

³³ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

³⁴ Entrevista com Herman José.

³⁵ *idem*

³⁶ *idem*

³⁷ *idem*

³⁸ Entrevista com Herman José.

³⁹ *idem*

⁴⁰ *idem*

⁴¹ *idem*

1.1.3. Cérebro e coração

1.1.3.1 Cérebro: antena que deteta ondas e ideias do exterior

O cérebro tem uma potente “...iluminação...”⁴² que nós não conseguimos ver, uma vez que “...não temos olhos para ver essa iluminação!!!...”⁴³.

Sobre o cérebro humano, Agostinho declara existir uma quase completa ignorância: “...Não se sabe como é!!... (...) Sabemos pouco da cabeça de um homem...!!...”⁴⁴ (...) Não sei como é que funciona o cérebro...”⁴⁵.

No que se refere à sua fisiologia, praticamente nada sabemos “...dessa fisiologia não sabemos nada!!...”⁴⁶, já que o nosso conhecimento se restringe a “...uma composição genética e uma composição de tais ácidos e de tais bases, e mais nada!”⁴⁷; e, no que se refere ao seu funcionamento, desconhece-se ainda mais do que da respetiva fisiologia.

1.1.3.1.1. Não cria, não pensa

Desconhecemos as capacidades do cérebro “...se ele é capaz disto ou daquilo...”⁴⁸ - pelo que apenas podemos fazer conjecturas a respeito desta matéria. Se considerarmos que é capaz de criar “...podemos ter, em cima dos ombros, uma máquina que pensa”⁴⁹ (...) um fabricante de pensamentos⁵⁰, (...) alguma coisa que tem uma tarefa de criação e uma possibilidade de criação...”⁵¹. No entanto, Agostinho da Silva alerta: “Conheço pouco desse mundo do pensamento ou da fisiologia do meu cérebro para garantir que fui eu que pensei!!...”⁵², e esclarece que “...quando nós acordamos de manhã com uma boa ideia, não temos a certeza que ela fosse fabricada pelo nosso cérebro!!...!!...”⁵³. Então, o cérebro poderá não criar nada “...ou não cria...”⁵⁴...

1.1.3.1.2. Capta ondas ou ideias do exterior

O cérebro terá a capacidade de captar pensamentos/ideias que se encontram no exterior – será, portanto, “...uma máquina que deteta ideias que andam pelo mundo”⁵⁵ com a

⁴² Entrevista com Fernando Alves.

⁴³ *idem*

⁴⁴ *idem*

⁴⁵ Entrevista com Manuel António Pina.

⁴⁶ *idem*

⁴⁷ *idem*

⁴⁸ *idem*

⁴⁹ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁵⁰ Entrevista com Fernando Alves.

⁵¹ Entrevista com Manuel António Pina.

⁵² Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁵³ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁵⁴ Entrevista com Manuel António Pina.

especial função de “...detetar pensamentos que andam por aí”⁵⁶ ou as “...ondas misteriosas que andam por fora...”⁵⁷.

Neste caso, e quando as ideias “...batem na nossa cabeça...”⁵⁸ – o que é equivalente a dizer que se captou essas ideias – então a pessoa apercebe-se, e poderá depois expressá-las. Agostinho da Silva declara, sem qualquer hesitação, que “...com o Einstein aconteceu isso!”⁵⁹ – ele captou a ideia para a teoria da relatividade “...era a relatividade-receita!”⁶⁰. E só depois de lhe aparecer aquela ideia é que Einstein desenvolveu, com base na mesma, a teoria da relatividade: “Foi lá para cima, compôs aquilo!”⁶¹.

Pelo exposto, podemos afirmar com bastante segurança que, para Agostinho, o cérebro não cria, mas comporta-se como uma antena que deteta ideias do exterior⁶²: “A ideia pode ser que seja muito engraçada, mas talvez não seja nossa!!...”⁶³.

1.1.3.1.3. Evite-se o verbo pensar

Neste contexto, e sempre que surjam ideias interessantes a alguém sobre seja o que for, Agostinho alerta para a necessidade e a sensatez de se ser humilde: “...é possível que tenhamos que ser mais modestos pela vida fora nessa coisa, e dizer: “Me aconteceram realmente alguns versos!”; ou um matemático dizer “Me aconteceu agora uma equação que vai mudar tudo!”⁶⁴. Também, no mesmo contexto e pelos mesmos motivos, devemos evitar, e até excluir, a aplicação do verbo “pensar”: “Não pensar?! O verbo pensar é que pode estar sendo errado!”⁶⁵, tendo-nos a nós como sujeito. Mas isso não implica nem significa que deixemos de poder captar ideias: “Quem quer viver sem ideias?!... Quem quer...!?”⁶⁶ - cremos que ninguém!

⁵⁵ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁵⁶ Entrevista com Fernando Alves.

⁵⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

⁵⁸ *idem*

⁵⁹ *idem*

⁶⁰ *idem*

⁶¹ *idem*

⁶² O que é consonante com a convicção que tem de não ser ele o autor da sua obra – ponto 1.2.1.1.4..

⁶³ Entrevista com Manuel António Pina.

⁶⁴ Entrevista com Manuel António Pina.

⁶⁵ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁶⁶ *idem*

1.1.3.2. Coração: atmosfera de amor que nos envolve e guarda

1.1.3.2.1. Faz circular o sangue...

Tal como acontece com o cérebro, também se ignora muito sobre o que é o coração. Existem várias crenças relacionadas com este órgão do corpo humano: muito frequentemente, associamo-lo a determinados estados e emoções; já os antigos gregos atribuíam isso ao fígado “...julgavam que grande parte dessas coisas vinham do fígado...!... E não do coração!...”⁶⁷.

Sobre a relação entre o estado de saúde da pessoa e respetiva condição emocional, crê-se geralmente que variações no primeiro aspeto referido correspondem, e conduzem, a variações nos segundos - mas não o contrário. No entanto, e a este propósito, Agostinho da Silva serve-se, como exemplo, de outro órgão do corpo humano, “...nunca se sabe se o sujeito (...) está mal disposto porque lhe dói o estômago, ou se... o estômago lhe dói porque ele está mal disposto...”⁶⁸ – sugerindo, assim, que aquela relação também poderá existir em sentido inverso ao que habitualmente consideramos.

Afinal, e sobre o coração, aquilo que parece ser certo é que a sua função é fazer circular o sangue “...ter as contrações necessárias (...) empurrar o sangue...”⁶⁹ por todo o corpo, desde que tudo esteja a funcionar bem.

1.1.3.2.2. É uma atmosfera de amor geral no mundo

No contexto desta manifesta ignorância relativamente ao coração, as pessoas baralham-se em matérias que a este órgão dizem respeito, “...hoje, que toda essa coisa da fisiologia está tão atrapalhada...”⁷⁰ – um exemplo disso é a sua localização a qual, como a consideramos, está errada.

Afinal, o coração não está encerrado no interior do nosso corpo “Pode ser que pensemos que o coração, coitado, está cá dentro, de um dos lados do peito, não é?”⁷¹, mas encontra-se no exterior e à nossa volta, a guardar-nos “...ele está em torno de nós, inteiramente nos guardando...”⁷² – e isto acontece de tal modo que cada um de nós não se encontra envolvido por um coração: “Nem sabemos se o coração, por exemplo, nos envolve!...”⁷³.

⁶⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

⁶⁸ Entrevista com Manuel António Pina.

⁶⁹ *idem*

⁷⁰ *idem*

⁷¹ *idem*

⁷² *idem*

⁷³ *idem*

O que realmente nos envolve é “...uma atmosfera à nossa volta...”⁷⁴, atmosfera esta que corresponde a “...um sentimento (...), uma afeição (...), Um amor geral no mundo...!!”⁷⁵ – o qual Agostinho da Silva faz corresponder ao coração.

1.1.4. Nascimento e Morte

Entre os dois momentos em que vivemos no mundo – o nascimento e a morte – existe o espírito que anima cada corpo, e que se pode entender como sopro “Espírito, em latim, significa o sopro!...”⁷⁶.

1.1.4.1. Como se escolhe onde nascer

De acordo com o que afirmou a propósito do seu nascimento⁷⁷, Agostinho da Silva terá escolhido o local para nascer. E, tal como ele, as outras pessoas também o terão feito “Eu posso ter a ideia, por exemplo, que a pessoa nasce onde lhe agrada nascer...”⁷⁸.

E isso processar-se-á assim: antes de nascerem neste mundo, as pessoas estarão num certo ponto fora da terra “...vamos supor (...) no céu das ideias do Platão...”⁷⁹ de onde podem ver, inteiro e em rotação, o planeta terra “...e vê, em frente, rodar a Terra!...”⁸⁰ – deste modo, todas as partes do planeta se vão apresentando ao olhar de cada observador, o que lhe permite a escolha do lugar que prefere para nascer “E vai olhando, a ver qual é o ponto em que lhe seria interessante, para ela, nascer...!”⁸¹.

1.1.4.2. A idade real não é a do registo de nascimento

Portanto, nesta perspetiva, a pessoa pré-existirá ao seu nascimento – o que será o mesmo que dizer que o início de alguém não corresponderá ao momento do seu nascimento, mas ser-lhe-á anterior. Neste contexto, podemos compreender Agostinho quando diz: “...as pessoas não têm todas a mesma idade: têm a mesma idade dos registos de nascimento e lá no código do registo civil (...), não é?... Mas o resto não!... Há gente que já nasce velha... e há gente que fica sempre nova!...”⁸². Portanto, a idade real da pessoa não será a que consta no registo de nascimento.

⁷⁴ *idem*

⁷⁵ *idem*

⁷⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁷⁷ Ponto

⁷⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

⁷⁹ *idem*

⁸⁰ *idem*

⁸¹ *idem*

⁸² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

1.1.4.3. Não se pode garantir que a morte exista

Relativamente à questão da morte, e perante a aceitação indubitável da sua existência expressa por “de certeza”, Agostinho corrige “Não é de certeza!... (...) Que certeza tem o amigo de morrer?!...”⁸³ – não podemos ter certezas sobre esta matéria, porque não tivemos essa experiência “Que temos visto os outros morrerem, sem dúvida (...) Até agora, a única experiência que temos de morte é a dos outros, não é a nossa!...”⁸⁴. Assim, ninguém pode garantir que a morte exista.

1.2. NaScER Criança: Ser Poeta à Solta; Ser Poema

1.2.1. Uma pessoa, uma exceção

Em toda a população humana que existe atualmente no mundo, e cujo número ultrapassa os sete biliões de indivíduos, “Não há ninguém igual a cada um de nós em todos os biliões de homens que existem...!”⁸⁵ (...) “Não há nenhum homem igual a outro homem em biliões de homens!!!”⁸⁶, cada um é único “...o ser único que existe no mundo entre os tais biliões de seres que pelo mundo existem!!”⁸⁷ e essa efetiva unicidade que nos caracteriza torna-nos “...diferentes uns dos outros...!!!”⁸⁸, “...Somos todos diferentes!! – cada um é um (...) não há igual entre os outros biliões de homens!”⁸⁹. As diferenças podem observar-se a todos os níveis, física e psicologicamente. Assim, e enquanto ser humano, cada um de nós constitui uma exceção: “...os casos excepcionais são todos os que há no mundo!... Cada um de nós, como homem, é inteiramente excepcional...!!!”⁹⁰.

Em tal perspetiva, cada pessoa deverá assumir-se e expressar-se como excepcional ou única que é, contrariamente a apresentar-se igual a todas as outras - pelo que ser normal não será algo tido como positivo “Não creio que a coisa melhor do homem seja ser normal...!!!”⁹¹.

⁸³ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁸⁴ *idem*

⁸⁵ Entrevista com Adelino Gomes.

⁸⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁸⁷ Entrevista com Adelino Gomes.

⁸⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁸⁹ Entrevista com Isabel Barreno.

⁹⁰ Entrevista com Adelino Gomes.

⁹¹ Entrevista com Adelino Gomes.

A respeito da classificação que muitas vezes se faz sobre ser normal/anormal, refira-se o episódio do homem cujo carro perde os quatro parafusos de uma das rodas - problema que é de imediato ultrapassado através da ideia de um indivíduo da clínica psiquiátrica “E eu a julgar que você era maluco!”. E o outro disse, lá de cima: “Maluco, sou! O que não sou é estúpido!”. Pois!... E isso é uma grande solução para muita coisa!...”. Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

1.2.1.1. Uma cultura pessoal

Nesta sequência, e relativamente ao conceito de cultura, Agostinho da Silva distancia-se e rejeita a conceção de que existe uma cultura geral, igual para todos e por todos partilhada “...que coisa é essa da cultura geral?!... Não sei o que é!!...”⁹², antes considera que a cultura será algo muito próprio e exclusivo de cada pessoa “Há a cultura de cada pessoa!...”⁹³ que, por esse motivo, será muito especial e que cada um deverá conservar durante toda a sua vida.

Esta “...outra espécie de cultura...”⁹⁴ traduzir-se-á, então, numa cultura que cada um que consistirá no seguinte: em primeiro lugar, e sobretudo, este indivíduo terá a consciência que ignora muito do que é fundamental “...sabe, acima de tudo, que ignora muita coisa de fundamental...”⁹⁵ – tal como sabe que ignora, também, muito daquilo que os outros pensam que ele sabe; em segundo lugar, o mesmo indivíduo encontrar-se-á sempre aberto e atento às curiosidades que lhe vão surgindo, e também sempre disponível, e com disposição, para procurar as respetivas respostas: “...está pronto a sempre ter curiosidade, e satisfeito quando tem sempre curiosidades a que procura responder...!!...”⁹⁶.

1.2.1.2. Tudo é exceção

Então, tudo aquilo que existe no mundo não deverá ser aplicado igualmente a todos, mas terá que ser diferenciado - de acordo com as especificidades de cada pessoa, enquanto exceção que é – de tal modo que essas coisas, elas próprias, também se converteriam em exceções “...deviam ser exceções aplicadas a esses seres excepcionais...!!”⁹⁷. No caso das leis, por exemplo, estas deveriam ser específicas para cada pessoa “Quase devia haver direito – os códigos, etc. – para cada pessoa!!...”⁹⁸. Nesta perspetiva, no mundo “Tudo é exceção!...”⁹⁹.

De igual modo, qualquer ideia que alguém tenha tido também não se pode generalizar a todos, no sentido em que nem todas servem para uso de cada um de nós: “Eu acho que nenhuma ideia, de cada um de nós, é realizável para todos!...”¹⁰⁰. Mas o conjunto de

⁹² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁹³ *idem*

⁹⁴ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁹⁵ *idem*

⁹⁶ *idem*

⁹⁷ Entrevista com Adelino Gomes.

⁹⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁹⁹ Entrevista com Adelino Gomes.

¹⁰⁰ Entrevista com Isabel Barreno.

ideias que existe no mundo - e que vai surgindo por via das várias pessoas - deverá encontrar-se disponível para uso de cada uma “Daí que, de facto, todas as ideias do mundo deviam ser para uso do próprio...!!...”¹⁰¹ – de acordo com os respetivos interesses, cada pessoa escolherá e usará aquelas ideias que lhe fazem sentido “...para ser plenamente aquilo que é!!!”¹⁰².

1.2.1.3. Ser criador único com mensagem única

Aquilo que cada um realmente é, é ser criador – afirma, veementemente, Agostinho da Silva - já que entende que todo o ser humano nasce para criar “...eu creio que o homem que nasce é sempre criador!”¹⁰³, todo o ser humano “...nasce para criar...!”¹⁰⁴. E, por ser excecional e único no mundo, a respetiva criação será, de igual modo, excecional e única no mundo, também – então, todo o indivíduo terá “...a tal capacidade de criar uma coisa que nunca ninguém tinha criado no mundo...!!!...”¹⁰⁵, pelo que cada um é “...criador único!!”¹⁰⁶.

Este criador único tem sempre, associada a si, uma mensagem para dar ao mundo a qual, também e pelas mesmas razões de exclusividade, é diferente de qualquer outra: “...a mensagem será vossa, na medida em que for o mais diferente possível da minha!!!..., ou de qualquer outra!...”¹⁰⁷. Portanto, “A sua mensagem é uma mensagem única!”¹⁰⁸, e cada indivíduo deverá conduzir-se, na sua vida, no sentido de perseguir “...alguma coisa que ele sinta que o está desenvolvendo na mensagem única que ele tem que dar no mundo!!!...”¹⁰⁹. Com vista a alcançar este objetivo, geralmente surge, no indivíduo, alguma motivação que o acompanha e o move naquela, e para aquela, direção “Aparece sempre alguma motivação - se ela tem que aparecer!”¹¹⁰.

¹⁰¹ *idem*

¹⁰² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁰³ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁰⁴ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁰⁵ Entrevista com Joaquim Letria.

¹⁰⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁰⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁰⁸ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁰⁹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹¹⁰ Entrevista com Maria Elisa.

1.2.2. SER Criança: de poeta a Poema – cumprir-se

1.2.2.1. Criança: criação e imaginação

As palavras criança e criação são muito semelhantes “A palavra criança e criação têm (relação) uma com a outra...”¹¹¹, e isto porque uma das competências que melhor pode caracterizar a criança é a capacidade de imaginar – o que, afinal, é sinónimo de criar... Portanto, para que cada um se realize, ou se cumpra, naquilo que, real e fundamentalmente, é – criador único com mensagem única – deverá ser capaz, neste sentido, de se manter sempre criança “...viver até ao fim com a capacidade de imaginação e de criação que, em geral, todas as crianças têm (...) que seria preciso nós conservarmos até ao fim da vida.”¹¹². Assim, até se ser velho e morrer, ser-se-ia sempre criança, cumprindo-se assim o ideal da Vida, “...que morrêssemos jovens, que morrêssemos crianças...”¹¹³. Porque realmente assim pensava é que Agostinho nos diz que “...provavelmente o verdadeiro génio é aquele que foi criança até ao fim...”¹¹⁴.

1.2.2.1.1. O destino de ter liberdade

Atingir o ideal de se ser criança durante toda a vida pressupõe e exige ser-se livre – condição necessária para a imaginação e a criação poder despoletar e ocorrer: a liberdade plena é, assim, uma muito importante meta que todos devemos almejar na vida “...o ideal é que, um dia, tenhamos tal liberdade que cada um possa ser verdadeiramente aquilo que é!!!”¹¹⁵.

Para Agostinho, essa liberdade irá acontecer, já que ela está inscrita no destino de todos os seres humanos: “...pode ser que haja o destino de ter liberdade!!!”¹¹⁶, ou então que a liberdade lhe seja “...dada com o destino!!!”¹¹⁷ – não se devendo separar uma coisa da outra: “...é muito difícil separar as duas coisas (...) estão intrincadas de tal maneira, que estarmos a separar liberdade de destino e etc., talvez não valha a pena...”¹¹⁸.

Então, e nesta perspetiva, podemos entender que se viverá uma coincidência de ambos: o destino (o inevitável) coincidirá com a liberdade (o que se escolhe) “...pode ser que a um tempo ninguém se possa livrar de ter, ao mesmo tempo, o destino e a liberdade!!... –

¹¹¹ Entrevista com Manuel António Pina.

¹¹² *idem*

¹¹³ *idem*

¹¹⁴ Entrevista com Herman José.

¹¹⁵ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹¹⁶ Entrevista com Alice Cruz.

¹¹⁷ Entrevista com Isabel Barreno.

¹¹⁸ *idem*

o fatal, e aquilo que quer!”¹¹⁹ – e até, mais do que uma coincidência, esta junção do destino ou fatalidade¹²⁰ e da liberdade resultará em algo que será, tão só, uma fusão em um.

1.2.2.2. Poeta: criador único e livre

Para Agostinho, poeta é todo aquele que cria – no sentido geral de criador a que, originalmente, o termo se referia: “...poeta veio de um verbo grego que significa fazer, no sentido de criar...”¹²¹ – pelo que ser poeta não se restringia à escrita “...pode ter a poesia de um escultor!!!... – e não a poesia de um poeta que escreve versos...”¹²².

Só mais tarde, com o decorrer do tempo, é que “...a linguagem comum especializou isso num criador que é capaz de juntar (...) música e palavra com um certo sentido, e a que chamam de verso! E ao conjunto chamam de poesia...”¹²³, ou poema.

Portanto, retome-se o sentido mais abrangente que o termo original expressa, considerando que poeta é “...inventor de qualquer coisa que não havia no mundo ainda”¹²⁴ e tal obreiro “...é o mesmo tipo de criador, de imaginativo, e de sabedor, que aparece na física, ou na matemática ou, por exemplo, no campo da metafísica ou da mística...”¹²⁵ – afinal, “...trata-se de arte...”¹²⁶ à qual também podemos chamar poesia, seja em que área for.

1.2.2.2.1. Todos nascemos poetas

O poeta criador é sempre único “... e inteiramente individual...”¹²⁷. A sua identidade é única, tal como a sua poesia ou criação, a sua mensagem ou obra, igualmente o é: “...dar ele mensagem particular no mundo: fazer a obra que pode fazer e, porque ele é único, será a única obra daquele tipo no mundo!...”¹²⁸ (...) Porque é o único!!! A poder fazer o mundo!! O único!!!¹²⁹”.

¹¹⁹ Entrevista com Alice Cruz.

¹²⁰ Agostinho da Silva chama a atenção para o uso que frequentemente se faz desta palavra “...fatal, ou fatalidade, põe logo essa ideia do fatum, do destino, e quase sempre no mau sentido da palavra...!”- em que se lhe atribui um sentido que não é o mesmo que aqui se considera. Entrevista com Adelino Gomes.

¹²¹ Entrevista com Manuel António Pina.

¹²² *idem*

¹²³ Entrevista com Manuel António Pina.

¹²⁴ Entrevista com Maria Elisa.

¹²⁵ Entrevista com Manuel António Pina.

¹²⁶ Entrevista com Maria Elisa.

¹²⁷ *idem*

¹²⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

¹²⁹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

Então, e tal como antes nos referimos à criança e respetiva obra de criação como sendo únicas - que será isso que todos somos quando nascemos "...os poetas criadores que nasceram!!"¹³⁰ – também, e pelo que se apresentou, todos nascemos poetas "...com igual possibilidade de criar..."¹³¹, mas cada um de nós criará sempre algo diferente em determinada área: "O que acontece no mundo é que toda a gente que nasce, nasce de alguma maneira poeta..."¹³², cada um, um criador único de criação(ões) única(s) no mundo.

1.2.2.2.2. Ser vadio e ser poeta

Ser vadio, no sentido em que "...se contempla o mundo, e se percebe o mundo!!..."¹³³, é ser poeta: "Eu costumo dizer que uma das formas de poesia... é a vadiagem...!!"¹³⁴.

Tal como já referimos, para vadiar não é necessário deslocarmo-nos fisicamente de lugar para lugar¹³⁵: também se vadia interiormente – é o caso do físico inglês Hawking¹³⁶: "...esse homem está vadiando por dentro!!..."¹³⁷. E, dessa vadiagem, surgirá a sua poesia "...faz física da mais pensada, da melhor – talvez a mais completa!... – que se tem feito até hoje!!..."¹³⁸.

Se a vadiagem está intimamente associada à liberdade – como, também, já se disse¹³⁹, só podemos ser poetas e fazer poesia sendo livres, sendo poetas livres para podermos "...ser o tal poeta à solta!!..."¹⁴⁰. Mas a liberdade não se reduzirá apenas aos aspetos materiais e físicos da pessoa, como podemos compreender pelo exemplo deste poeta da física.

Para além desse, Agostinho refere outros poetas à solta: "Eu estou a falar daqueles que existiram até hoje...!!... E por isso cito o Camões; e por isso cito o Vieira..."¹⁴¹; e acrescenta que, como estes, os poetas "Podem ser pessoas fortemente intuitivas, como

¹³⁰ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹³¹ Entrevista com Manuel António Pina.

¹³² Entrevista com Maria Elisa.

¹³³ Entrevista com Maria Elisa.

¹³⁴ *idem*

¹³⁵ A propósito de Agostinho da Silva se considerar vadio...

¹³⁶ Stephen Hawking, "...que só mexe um dedo da mão esquerda – e que vive numa cadeira de rodas transformada em aparelhagem de comunicação com tudo o que é possível!". Entrevista com Fernando Alves.

¹³⁷ Entrevista com Fernando Alves.

¹³⁸ *idem*

¹³⁹ O mesmo que na nota nº 52.

¹⁴⁰ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁴¹ Entrevista com Joaquim Vieira.

acontece com outros seres que estão fazendo aquilo a que chamamos em geral verso ou poesia, e que dão pelo futuro!!...”¹⁴².

1.2.2.3. Criação de cada poeta: ser ele próprio um Poema

Tal como cada pessoa deve ser um poeta no mundo e para o mundo, também o mundo deverá ser um poeta para a pessoa “...sua verdadeira vida que é a de contemplar o mundo, ser poeta do mundo, e o mundo poeta para ele...”¹⁴³ – pelo que a vida será uma poesia “Provavelmente toda a nossa vida é poesia!...”¹⁴⁴.

Nessa poesia, o comportamento da pessoa deverá orientar-se no mesmo sentido do mundo e da vida, e coincidir com ele “...de tal maneira que nunca mais ninguém se preocupe por fazer tal ou tal obra, mas por ser tal ou tal objeto no mundo!!...”¹⁴⁵ - processo que traduz o ideal de todo o poeta, e que consiste na sua conversão em poema cujos autores serão, essencialmente, o mundo e a vida.

Fernando Pessoa, segundo Agostinho da Silva, terá sido o poeta cuja vida tocou este ideal “...o poeta que (...) mais se aproximou do que devia ser o ideal do poeta que é ser ele próprio poema (...) foi o Fernando Pessoa!”¹⁴⁶. Se é verdade que os poemas que escreveu são geralmente muito bem considerados “...alguns até saíram bastante bons, como se sabe!”¹⁴⁷, também será verdade que “...podem-se encontrar muitos outros poemas tão bons como os dele!...”¹⁴⁸.

Assim, não terá sido esta sua poesia que lhe fez merecer o (re)conhecimento que atualmente tem: “Eu costumo dizer que o Fernando Pessoa ser chamado Grande Poeta não é por causa dos poemas que escreveu (...) de vez em quando, escrevia uns poemas...”¹⁴⁹ - mas outra poesia sua será a verdadeira responsável por isso “...foi o Fernando Pessoa ter conseguido fazer dele um poema...”¹⁵⁰.

E Agostinho sublinha esta como sendo a grande criação poética do poeta da *Mensagem*: “Isso é que eu acho que foi a grande criação poética do Fernando Pessoa!”¹⁵¹, declarando que deve ser esse o objetivo que toda a pessoa deverá almejar: a sua

¹⁴² Entrevista com Manuel António Pina.

¹⁴³ Entrevista com Adelino Gomes.

¹⁴⁴ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁴⁵ Entrevista com Adelino Gomes.

¹⁴⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁴⁷ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁴⁸ *idem*

¹⁴⁹ *idem*

¹⁵⁰ *idem*

¹⁵¹ *idem*

conversão de poeta em poema: “... todo o objetivo da nossa vida deve ser: quando acabássemos, as pessoas dizerem “Morreu um Poema!”¹⁵².

1.2.2.3.1. Ser um poema é cumprir-se

Ser um poema é realizar-se e cumprir-se, neste mundo, naquilo para que se nasceu, o que pressupõe estar-se naturalmente na vida – tal como fazem, por exemplo, a papoila “...ter aquela cor viva, a um sol maravilhoso, durar relativamente pouco tempo mas, enquanto dura, ser realmente aquilo que é...”¹⁵³, e também o gato “...o gato é um animal que está naturalmente na vida: se cumpre gato...”¹⁵⁴. E, associada à atitude do gato, Agostinho considera que existe uma filosofia “...a filosofia fundamental do gato...”¹⁵⁵, da qual emerge uma ideia fundamental “...dá imediatamente a ideia fundamental...”¹⁵⁶ que revela aos indivíduos humanos: “...e vê lá tu que não és gato (mas uma coisa diferente!), vê lá tu se te cumpres!”¹⁵⁷.

Cumprir-se será, então, e para todos os humanos, algo que se constitui como uma necessidade que “...parece ser, para toda a gente, o de se cumprir (...) de cumprir-se!”¹⁵⁸. Mas essa necessidade que obriga a pessoa a agir não virá do exterior¹⁵⁹ “Não se trata, portanto, de uma coisa imposta de fora...”¹⁶⁰ - pelo contrário, ser-lhe-á, essencial e originalmente, interior “...que veio com a pessoa e que é a própria pessoa em que ela trata, fundamentalmente, de se cumprir!”¹⁶¹. Assim, e para se cumprir, cada pessoa deverá conduzir convictamente a sua ação dentro daquilo que constitui a sua inclinação ou a preferência das suas vontades.

1.2.2.3.2. Cumprir-se é realizar a própria vontade ou vocação

Aquilo que irá servir à pessoa para chegar a este objetivo de se cumprir - e que a impele a agir nesse sentido - revela-se nos respetivos gostos, inclinações e preferências que alberga em si, e que procura manifestar no decurso da sua vida: “Eu conheço muita gente que o que gosta é de cultivar a terra! (...) para eles é a obra de criação

¹⁵² *idem*

¹⁵³ Entrevista com Herman José.

¹⁵⁴ *idem*

¹⁵⁵ *idem*

¹⁵⁶ *idem*

¹⁵⁷ *idem*

¹⁵⁸ *idem*

¹⁵⁹ Embora possam existir aqueles apelos – como o do gato – talvez para a lembrar.

¹⁶⁰ Entrevista com Herman José.

¹⁶¹ *idem*

deles!...”¹⁶². Portanto, sempre que qualquer pessoa se dedica a ocupar o tempo com aquilo que realmente gosta de fazer, ela estar-se-á a cumprir.

Como exemplos do que acabamos de referir, Agostinho apresenta-nos duas situações: um ex-governador de Macau que se encontrava reformado, e “...que passava o dia inteiro montando e desmontando motores na quinta onde morava...!”¹⁶³ - atividade que realizava por escolha própria e gosto seu, pelo que “...esse homem se cumpria...!”¹⁶⁴; e também a vontade que algumas pessoas têm de emagrecer¹⁶⁵, que pode significar o querer cumprir-se, desde que o indivíduo em questão creia que assim é, “...que a gordura lhe foi posta para que ele proceda de tal maneira que, heroicamente, se torne magro...”¹⁶⁶ – em ambos os casos, Agostinho confirma e incentiva a ação “...faça favor de se cumprir!”¹⁶⁷.

Em qualquer caso, o que realmente importa para que qualquer indivíduo se possa cumprir é acreditar que identificou aquilo que deve realizar “...visto que é aquilo que julgou...”¹⁶⁸.

Nesta sequência, e ainda no que diz respeito a Fernando Pessoa, este terá passado a sua vida a “...dedicar-se completamente àquilo que queria...”¹⁶⁹, preterindo outros domínios dela que não incluiria nessa categoria “...sem se importar se comia, se não comia, o que é que se passava na vida dele, se tinha onde dormir, se não tinha onde dormir... tanto lhe fazia!...”¹⁷⁰.

Para além disto, Agostinho considera que, tal como Pessoa e respetivos heterónimos, cada um de nós também albergará outros na sua pessoa que é única – cada um é composto de muitos. Mas, e diferentemente daquele poeta, não devemos nomear qualquer deles “...sem precisar de ter heterónimo nenhum!: todos conhecidos pelo mesmo nome!!...”¹⁷¹ pois explicar as coisas é impossibilitá-las de existir: “...parece que logo que se define alguma coisa ela, na realidade, deixa de existir”¹⁷². Nestas condições, de vez em quando emergirá um que surpreenderá todos os outros, sendo nós capazes,

¹⁶² Entrevista com Maria Elisa.

¹⁶³ *idem*

¹⁶⁴ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁶⁵ Esta situação surgiu na sequência de uma questão colocada a Agostinho da Silva pelo entrevistador desse dia, Herman José, o qual lançou este tema a propósito da sua própria pessoa.

¹⁶⁶ Entrevista com Herman José.

¹⁶⁷ *idem*

¹⁶⁸ *idem*

¹⁶⁹ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁷⁰ *idem*

¹⁷¹ *idem*

¹⁷² Entrevista com Herman José.

naquele respetivo momento, de sermos esse que surge “Seremos de cada vez um!”¹⁷³. E, deste modo, nós poderemos cumprir-nos enquanto poema.

1.3. Deus, Eternidade e Origem, Universo, Vida e Mundo

1.3.1. Ideia de Deus: uma criatividade que se manifesta

Traduzir a ideia de Deus por meio de um nome será, pelo motivo que foi referido¹⁷⁴, algo a evitar “...é alguma coisa, é o inominado (...) o que está recomendado nessa coisa é nunca se dar nome, nunca definir...”¹⁷⁵. A esta dificuldade acresce ainda outra que se relaciona com a sua associação a matérias de difícil entendimento por parte de muitas pessoas: “...a palavra Deus é muito difícil de chegar até à raiz indo-europeia que a liga com o theos grego, e todas essas coisas.”¹⁷⁶. E, para além de tudo isto, torna-se muito difícil escolher uma designação única, já que existirão várias diferentes na medida em que “A ideia de Deus (...) aparece em todas as religiões”¹⁷⁷ nas quais “...cada um dará seu nome...”¹⁷⁸.

Atualmente, as ideias dos “...verdadeiros teólogos...”¹⁷⁹ – que são “...aqueles que se aprofundam na sua religião qualquer que seja essa religião!...”¹⁸⁰ estarão a convergir para uma mesma ideia de Deus, independentemente da pertença a determinada religião “...estão chegando, cada vez mais, à mesma ideia de divino puro, de absoluto...”¹⁸¹.

Na perspetiva de Agostinho, esta ideia de divino puro e de absoluto corresponderá à imagem que Fernando Pessoa expressa “...num poema, [a que] chamou “O cais absoluto...”¹⁸².

Então, Agostinho vai-nos aproximando do que ele próprio entende sobre a ideia de Deus, que entende poder ser substituída pela “...palavra que se exprime, na ideia que se exprime por meio da palavra Deus...”¹⁸³, acabando por propor um nome para a designar “...um nome geral que é muito bom: é uma criatividade qualquer que se manifesta!”¹⁸⁴

¹⁷³ Entrevista com Alice Cruz.

¹⁷⁴ Segundo Agostinho da Silva, definir algo resulta no respetivo desaparecimento.

¹⁷⁵ Entrevista com Herman José.

¹⁷⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁷⁷ *idem*

¹⁷⁸ Entrevista com Herman José.

¹⁷⁹ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁸⁰ *idem*

¹⁸¹ *idem*

¹⁸² *idem*

¹⁸³ *idem*

¹⁸⁴ Entrevista com Herman José.

que designa de “...criatividade absoluta!”¹⁸⁵. E, a este propósito do nome para Deus, acrescenta que “...às vezes damos um nome que seja facilmente compreensível pelas pessoas...”¹⁸⁶.

Outras considerações que Agostinho tece a respeito de Deus giram em torno da questão da liberdade, estado ou condição que todas as teologias aceitam: “...Deus é sempre considerado um ser completamente livre!”¹⁸⁷; aliás, ele próprio se lhe refere como “...Deus, criador livre...”¹⁸⁸.

No entanto, e perante esta postura geral relativamente a Deus, Agostinho interroga-se e interroga-nos: “...mas é completamente livre?! Ou a fatalidade dele é ser livre?!... (...) Se ele quiser deixar de ser livre, pode ser livre?... Para isso, para deixar de ser livre?...”¹⁸⁹ – respondendo em seguida às mesmas questões: “Parece que não...!”¹⁹⁰. Assim, poder-se-á admitir que, para Agostinho, a fatalidade - no sentido de destino - de Deus é ser livre...

1.3.2. Eternidade e origem: sem espaço, sem tempo

Aqueles dois aspetos – a fatalidade ou o destino, e a liberdade – coincidirão, simultaneamente, num ponto, em algo que contenha “...os dois – tão misturados, tão simultâneos, tão parecidos um com o outro, que seria impossível distingui-los!”¹⁹¹, ponto esse que corresponderá à origem de tudo quanto existe e que é, ele próprio também, a eternidade, “E que, nessa eternidade atrás, no ponto de arranque de tudo quanto há no mundo, tenham coincidido a liberdade e o destino!”¹⁹².

Neste ponto que contém, e é, origem e eternidade, não será adequado considerar as duas dimensões que nós conhecemos com os nomes de espaço e de tempo pois Agostinho refere que nesse início não há espaço nem tempo porque, nele “...está tudo quanto o mundo foi enquanto teve espaço e tempo...”¹⁹³.

E, desde esse ponto ou origem - “Provavelmente tudo teve uma origem...”¹⁹⁴ – no mundo ocorrerá, com aquelas duas dimensões, uma expansão que “Depois, pela lei

¹⁸⁵ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁸⁶ Entrevista com Herman José.

¹⁸⁷ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁸⁸ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

¹⁸⁹ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁹⁰ *idem*

¹⁹¹ Entrevista com Adelino Gomes.

¹⁹² *idem*

¹⁹³ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁹⁴ Entrevista com Maria Elisa.

geral do mundo, do universo, o universo se expande...”¹⁹⁵ o que, atualmente, se pode observar “Por enquanto, está expandindo...!!”¹⁹⁶.

E até onde e até quando se expandirá, “...e, depois, o que é que acontece (...) o que é que se pode fazer para lá do máximo?”¹⁹⁷. Tal como a sua origem se terá desencadeado, também “...possivelmente tudo terá um acabamento, um fim...”¹⁹⁸.

Esse fim dar-se-á depois de concluída e completa a expansão do universo, momento em que haverá uma conseqüente retração: “...pode ser que, a certa altura, chegue ao máximo da expansão, e haja uma retração!... (...) Possivelmente, haverá uma retração...!”¹⁹⁹.

Relativamente ao fim do universo que esta retração parece implicar, Agostinho comenta: “...não me parece que seja para lamentar a retração!!...”²⁰⁰ - já que, na sua perspectiva, esse fim constitui-se num outro ou mesmo princípio, na medida em que a retração se converterá em regresso àquele ponto inicial ou “...uma volta à origem!...”²⁰¹. Afinal, os tempos passados, presente e futuro serão a eternidade que corresponderá, por assim dizer, a todos esses tempos ao mesmo tempo - tal como Agostinho parece sugerir quando se refere ao que será um profeta: “...pode ser apenas aquele que não está indicando o futuro, mas que olha a eternidade...!!... (...) profeta pode ser, para quem o ouve, aquele que diz como vai ser o futuro; mas, para ele que está - segundo o que os outros dizem - profetizando, é apenas aquele que vê a eternidade!!”²⁰².

Assim sendo, e por esta via, talvez possamos atingir o nosso objetivo final que consistirá no seguinte: “...um dia, seja nosso fim, o fim que nos é dado: chegar ao tal ponto em que liberdade e destino estão conjuntos!!”²⁰³ - de tal modo que, atualmente, “Quem quiser, pode dizer: o meu destino é a minha liberdade!”²⁰⁴.

A este respeito, ainda considera que “...talvez seja aí aquilo que os místicos pensavam quando falavam num afundar-se em Deus...!...”²⁰⁵ - e será para isto, bem como para a proximidade com que poderá ocorrer, que as crianças, através do seu comportamento,

¹⁹⁵ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁹⁶ *idem*

¹⁹⁷ *idem*

¹⁹⁸ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁹⁹ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁰⁰ *idem*

²⁰¹ Entrevista com Maria Elisa.

²⁰² Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁰³ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁰⁴ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁰⁵ *idem*.

nos têm vindo a alertar: “...talvez o comportamento das crianças seja um aviso de que esse momento está perto demais!!...”²⁰⁶.

1.3.3. Universo: um movimento para ser um

Os físicos que estudam o universo têm estado, atualmente, muito empenhados em tentar descobrir algo a que chamam partícula fundamental do universo, mesmo que no entender de Agostinho se tenham cansado de “...a procurar a partícula fundamental do universo...”²⁰⁷, tarefa para si inglória porque, seguramente, não irá resultar naquilo que pretendem: “...tenho a certeza absoluta que eles nunca encontrarão a partícula fundamental do universo...!”²⁰⁸. Então, encontrar essa partícula será impossível, já que “...partícula quer dizer parte de alguma coisa! E logo que uma partícula é também uma parte...”²⁰⁹, de modo incessante, e infinitamente, “...pode ser dividida em partículas!”²¹⁰ - processo este que, assim, seria interminável, nunca chegando “...ao fim!...”²¹¹.

Pelo exposto, podemos compreender que esta física não será uma ciência adequada e bastante para nos dar a conhecer realmente o universo. Aliás, e a este propósito, diz-nos Agostinho que “Uma coisa que hoje se pode adotar como filosofia do Universo, é que há não só... filosofia e física do Universo!”²¹² – da vastidão²¹³ do universo, que “...pode ser muito mais vasto, e muito mais diferente, do que aquilo que é apenas o nosso mundo!!...”²¹⁴, só vemos e entendemos o que podemos ver e entender.

Assim, o universo apenas se oferece, a cada um de nós, muito parcialmente, tanto no que se refere à quantidade como à qualidade do que podemos receber²¹⁵: “Cada um só vê, do universo, aquilo que a sua sensibilidade, ou a sua maneira de ser, lhe

²⁰⁶ Entrevista com Maria Elisa.

²⁰⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

²⁰⁸ *idem*

²⁰⁹ *idem*

²¹⁰ *idem*

²¹¹ *idem*

²¹² Entrevista com Joaquim Letria.

²¹³ O sentido da palavra “vastidão”, aqui, não se restringe à dimensão espacial, ao tamanho – mas considera-se a abrangência de toda e qualquer dimensão.

²¹⁴ Entrevista com Fernando Alves.

²¹⁵ Este fenómeno que se relaciona com a nossa capacidade de compreensão não diz apenas respeito ao conhecimento do universo, mas ao conhecimento de qualquer objeto que percecionamos – a capacidade de entendimento dos seres humanos é sempre limitada e subjetiva. Quando se trata do universo, e dada a grande vastidão que pressupõe, essa capacidade sofrerá ainda mais variações.

permite!!...!!”²¹⁶ - porquanto haverá várias maneiras de o entender “...é que há não só aquilo que nós entendemos dele, mas outras muitas maneiras de entender!!...”²¹⁷.

Considerando tudo aquilo que aqui foi apresentado, talvez nunca nos venha a ser possível ter um conhecimento real e completo: “Provavelmente o mistério é alguma coisa que nós nunca conheceremos!!... Ou conheceremos só segundo uma ideia que fazemos do que é o mistério, sem que seja o mistério!!... – pode ser que suceda isso!!”²¹⁸.

Contudo, fiquemos com esta ideia para a qual a palavra universo nos remete: um movimento para ser um “...a palavra indica que todas as coisas estão ali juntas: é, dos vários lados, um movimento para ser um – Universo!”²¹⁹.

1.3.4. Vida

1.3.4.1. Um conceito de vida mais abrangente

Para se discorrer sobre tal questão, Agostinho insiste sempre que, em primeiro lugar, será preciso acordar numa definição do conceito de vida “E, só depois de se chegar a uma definição de vida...”²²⁰ é que, perante um qualquer objeto, se pode considerar “...se ele é vivo, ou não!! Antes disso, não pode!!... - Completamente impossível!!!”²²¹. Sobre aquilo que formalmente se estabeleceu que é vida ou, por outro lado, que não o é, existe uma fronteira que parece ser necessário ultrapassar: “Se é apenas inseto ou baleia que tem vida, ou se quartzo também tem vida!!?...”²²² e o “...cristal que cresce – tem vida, ou não tem vida?!...”²²³.

Confrontado com a questão da eventual existência de vida noutros mundos para além deste planeta terra, Agostinho não assume nem rejeita isso explicitamente, mas vai dizendo que, quando se procurou descobrir se haveria vida no planeta Marte, o problema que logo se levantou foi este da definição de vida: “Quando se tratou de averiguar se havia vida em Marte, o problema que apareceu imediatamente foi dizer-se o que era vida!!...”²²⁴ – é que, segundo o que nós entendemos como sendo ou estando vivo, poderia encontrar-se algo que não se enquadrasse nesses parâmetros “...podia

²¹⁶ Entrevista com Fernando Alves.

²¹⁷ Entrevista com Joaquim Letria.

²¹⁸ Entrevista com Fernando Alves.

²¹⁹ Entrevista com Joaquim Letria.

²²⁰ Entrevista com Joaquim Vieira.

²²¹ *idem*

²²² Entrevista com Cáceres Monteiro.

²²³ Entrevista com Joaquim Vieira.

²²⁴ Entrevista com Joaquim Vieira.

chegar-se a Marte, e não haver gente como nós, e não haver couves...”²²⁵ e, ainda assim, aquilo com que nos deparássemos poderia, com o estabelecimento de outros parâmetros, incluir-se nessa dimensão da vida, “Mas não queria dizer que não houvesse vida em Marte!!...”²²⁶. Assim, considerar se existe, ou não, vida noutros mundos depende de como se define esse conceito: “É possível que haja!...”²²⁷ (...) a vida extraterrestre depende da definição que o meu amigo der de vida!!...”²²⁸.

Aliás, no mundo nunca se terá conseguido definir realmente vida. As opiniões sobre o tema divergem não permitindo “...nenhuma conclusão sobre o que é realmente vida!”²²⁹. No entanto, têm-se desenvolvido ideias que se constituirão em avanços relacionados com esta matéria, e que se traduzem na hipótese de Gaia²³⁰, “...uma série de ideias – todas conjugadas naquela ideia a que se chama hipótese de Gaia, extremamente complicada, que se vem discutindo por aí fora...”²³¹. Com base nesta hipótese, a definição de vida tornar-se-ia muito mais abrangente do que aquela que é atualmente aceite. Portanto, para si, está ainda por “...definir o que é vida!”²³².

1.3.4.2. Ouvir a vida falar

Na vida, nós nunca podemos saber se algo é real, ou se apenas nos parece real, “Uma coisa na vida é que nunca sabemos se a coisa parece ou é, na realidade...”²³³, como também não podemos conhecer certas forças que aí existirão “...há forças na vida que nós ignoramos...!”²³⁴ e, tampouco, a ação dessas forças por não sabermos “...como é que elas (...) estão agindo, o que é que elas estão fazendo...”²³⁵.

A exemplo do que foi dito, Agostinho propõe-nos imaginar a existência, na mesa à sua frente, de “...uns seres microscópicos que andem passeando por entre os átomos que constituem a mesa...!!...”²³⁶, os quais serão poetas por nós desconhecidos, bem como os

²²⁵ *idem*

²²⁶ *idem*

²²⁷ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²²⁸ Entrevista com Joaquim Vieira.

²²⁹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²³⁰ A hipótese Gaia – assim denominada por referência à deusa grega da Terra (Gaia) também é conhecida por hipótese biogeoquímica. Propõe que a biosfera e os componentes físicos da Terra se encontram intimamente relacionados e em interação - de modo a formar um complexo sistema que mantém as condições climáticas e biogeoquímicas em homeostase; a vida da Terra tem função ativa na manutenção das condições para a sua própria existência. Finalmente, a Terra é considerada um organismo vivo.

²³¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²³² *idem*

²³³ Entrevista com Herman José.

²³⁴ Entrevista com Alice Cruz.

²³⁵ *idem*

²³⁶ Entrevista com Fernando Alves.

seus poemas o serão também, “...estão fazendo belíssimos poemas que nós nunca escutaremos e que nunca entenderemos...!!!...”²³⁷. De igual modo, e para outros gigantes, também poderemos ser nós estes seres microscópicos e desconhecidos “Ou podemos imaginar, pelo contrário, gigantes tremendos para os quais nós sejamos os seres microscópicos que imaginámos para esta mesa vadiando entre os átomos...!!!...”²³⁸.

Portanto, nós “Podemos imaginar as coisas mais espantosas!!...”²³⁹ relativamente à vida, porque “É uma coisa extremamente complicada, extraordinária...”²⁴⁰.

E, como extraordinária que é, a vida será muito “...mais inteligente do que nós...”²⁴¹. Frequentemente, a vida far-nos-á sinais que, muitas das vezes não conseguimos entender, porque nós não somos tão inteligentes como ela – embora a vida não saiba disso “...coitada, supondo que nós somos tão inteligentes como ela...”²⁴². Como não compreendemos corretamente aqueles sinais, não nos orientamos devidamente e cometemos erros, “...apresentamos soluções que julgamos que eram aquelas que tinham que haver e, afinal, não serem...!...”²⁴³.

Para impedir que isso aconteça, devemos prestar muita atenção ao que a vida nos diz, ficando em silêncio para que a possamos ouvir falar: “...sobretudo, que a pessoa esteja em silêncio, ouvindo!! (...) É bom estarmos o mais possível em silêncio para que a vida – ela! – possa falar!!...”²⁴⁴.

1.3.5. Mundo

Da vastidão imensa e desconhecida que será o universo, a uma parte que julgamos entender chamamos mundo “...o que é o mundo diferente do universo?!... O mundo, chamamos nós àquilo que entendemos do Universo...!!!...”²⁴⁵.

E, contrariamente ao que nos habituámos a considerar, a palavra mundo será um adjetivo e não um substantivo “...mundo, que nós todos tomamos como um substantivo, é efetivamente um adjetivo!...”²⁴⁶ - pelo que lhe poderemos associar o antónimo

²³⁷ *idem*

²³⁸ *idem*

²³⁹ *idem*

²⁴⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁴¹ Entrevista com Herman José.

²⁴² *idem*

²⁴³ *idem*

²⁴⁴ Entrevista com Fernando Alves.

²⁴⁵ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁴⁶ *idem*

“imundo” “...como se considerássemos o outro exatamente como o antónimo da palavra mundo...”²⁴⁷.

Neste contexto, poder-se-á pressupor que apenas nos interessará a tal parte do universo que conhecemos, o mundo; e não nos interessará toda aquela outra que desconhecemos, o “... *imundo* (...) a pôr de lado!... A não querer para nada!!...”²⁴⁸. Por outro lado, no sentido que Camões destaca, “Mundo significa *limpo*...”²⁴⁹, pelo que este poeta “...fala das *mundas almas*, nas almas que podem ir para o Paraíso eterno: as almas limpas!!”²⁵⁰. Assim, e como estas, há também muitas outras perspetivas do mundo, “Há variadíssimas maneiras de ver o mundo...!!...”²⁵¹.

Sobre o comportamento ou funcionamento do mundo, o nosso conhecimento é muito restrito: por exemplo, nós podemos conhecer determinados elementos da história de cada nação, “...saber quais são as características de uma nação nesta época ou naquela época!”²⁵², mas saber o que verdadeiramente despoletou e conduziu às respetivas ocorrências é-nos inteiramente vedado, pois “...o mecanismo interno que faz que elas tenham tomado tal posição ou tal outra, está continuamente e completamente fora do nosso alcance...!!...”²⁵³. Afinal, “...nós não sabemos, de facto, em toda a mecânica do mundo, se o homem modifica a vida, ou se a vida modifica o homem!...”²⁵⁴. Não sabemos agora e porventura nunca o viremos a saber, pois para Agostinho da Silva está é “...uma questão extremamente discutível!!”²⁵⁵.

2. Humanidade no Mundo: falta cumprir a Criança

2.1. A dificuldade de se cumprir no mundo

Ser pessoa no mundo, no sentido em que cada um se cumpra enquanto tal, será comparativamente muito mais difícil do que se ter nascido enquanto outro animal ou planta - como, por exemplo, a papoila: “...ser homem é uma aventura muito mais

²⁴⁷ *idem*

²⁴⁸ *idem*

²⁴⁹ *idem*

²⁵⁰ *idem*

²⁵¹ *idem*

²⁵² Entrevista com Adelino Gomes.

²⁵³ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁵⁴ Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁵⁵ *idem*

complicada: muitas vezes se murcha, depois se retoma a cor, voltam as coisas dum lado e outro...”²⁵⁶.

Nesta perspetiva, serão poucos aqueles que conseguem cumprir-se crianças durante a sua vida “...alguns conseguem isso (...) Mas são raros...!!... aqueles que conseguem morrer crianças!...”²⁵⁷ já que, dos cerca de sete biliões de indivíduos que existem no mundo, apenas uns milhares serão capazes de manter a capacidade de brincar, característica das crianças “Há milhares de pessoas que ainda gostam de brincar!!...”²⁵⁸. Apesar das dificuldades com que são confrontados no seu percurso pelo mundo, esta gente “...faz o intervalo, e ainda brinca!!...”²⁵⁹. Estes conseguem fazer o tal intervalo, ou porque as suas características próprias lho permitem, ou porque as condições em que vivem não terão sido tão desfavoráveis a ponto de impedir isso completamente “...ou porque são hábeis na acrobacia da vida, ou porque a vida, por grande favor, os poupou!!...”²⁶⁰.

De qualquer modo, e embora variando em termos de grau, existirão nas vidas de todos nós constrangimentos capazes de impedir a nossa realização enquanto criança ou poeta ou poema, ou, pelo menos, de em muito a dificultar. A este propósito, Agostinho da Silva refere-se a um botão que se liga e que é um meio para por as pessoas a brincar, o qual muitas delas não poderão encontrar, porque “Para muita gente, esse botão desapareceu na vida!”²⁶¹ – o que se deverá a determinadas condições desfavoráveis em que se vive, “No tumulto da vida, desapareceu!!”²⁶².

Essas condições desfavoráveis resultarão, por exemplo, em engano na direção e no sentido do caminho de cada um, o que impedirá a respetiva criação única “...muitas vezes, não acertamos no campo em que poderíamos triunfar...”²⁶³; assim, ter-se-á como consequência gravíssima a impossibilidade de expressão e manifestação de cada poeta porque “...a vida nos põe em condições que não permitem, de nenhuma maneira, que a nossa poesia se exprima!!...”²⁶⁴, ou seja, “...o que acontece no mundo é que a maior

²⁵⁶ Entrevista com Herman José.

²⁵⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

²⁵⁸ Entrevista com Fernando Alves.

²⁵⁹ *idem*

²⁶⁰ Entrevista com Manuel António Pina.

²⁶¹ Entrevista com Fernando Alves.

²⁶² *idem*

²⁶³ Entrevista com Manuel António Pina.

²⁶⁴ *idem*

parte das pessoas que surgem (...) com essa mensagem particular, individual deles, nunca a podem pronunciar”²⁶⁵.

Portanto, as tais condições desfavoráveis, no que diz respeito a ser poeta que se poderia cumprir poema - mas é impedido disso – serão, nesta perspectiva, literalmente mortais, e traduzem-se em “...condições sociais, condições de vida, condições de trabalho...”²⁶⁶.

Assim, as condições de (não) vida das pessoas geralmente se apresentarão como não sendo propícias a este cumprir-se de cada um no sentido de ser a criança que nasceu - pelo que a humanidade resultará sacrificada no propósito da sua vinda para este mundo.

2.2. Europa ou mundo ocidentalizado

Nesta sequência e a este propósito, salientamos a Europa enquanto contexto muito constrangedor à expressão e manifestação de cada um enquanto a criança que é “...a Europa, para conseguir o que conseguiu de avanço da ciência e avanço da tecnologia, teve que sacrificar muito da sua humanidade!...”²⁶⁷. Entende-se aqui a Europa, então, do ponto de vista do desenvolvimento científico e tecnológico, pelo que se considera uma extensão e uma abrangência de território e de pessoas para além da geográfica: “...estou-me referindo a esta que está para lá dos Pirenéus e vai até aos Urais, mas estou-me referindo ao Canadá e aos Estados Unidos, que são a Europa para lá do Atlântico!...”²⁶⁸ e onde também se inclui o Japão “...à classe industrial japonesa (aos fabricantes de automóveis, e essa coisa toda...!!)”²⁶⁹. Sobre os japoneses, e neste contexto, diz-nos Agostinho da Silva que se trata de “...uma Europa instalada no Japão...”²⁷⁰ - também na medida em que esta Europa terá, para o trabalho, “...aproveitado do Japão a capacidade militar dos japoneses de obedecer...”²⁷¹ que será, neles, algo muito simples.

2.2.1. Alemães, japoneses e norte americanos: sacrificaram muito a sua humanidade

De todos os povos desta Europa, ou mundo ocidentalizado, aqueles que mais terão sacrificado a sua humanidade corresponderão aos alemães, aos japoneses e aos norte-

²⁶⁵ Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁶⁶ *idem*

²⁶⁷ Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁶⁸ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁶⁹ *idem*

²⁷⁰ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁷¹ *idem*

americanos – já que todos aqueles povos gostam de trabalhar muito, e são também muito rápidos e competitivos, obrigando a “Alemanha e Japão e América estarem concorrendo umas com as outras, a ver quem trabalha mais e produz mais coisas!!...”²⁷². Destes, tanto os alemães quanto os japoneses revelam interesse pelo trabalho “...um alemão, ou um japonês – cujo entusiasmo é de trabalhar...”²⁷³ particularmente naquelas condições de competição “Eles são rápidos, gostam de trabalhar muiiito, e trabalhar uns mais do que outros...!”²⁷⁴. E, claro que o trabalho meramente produtivo, é visto com pouca simpatia pelo nosso autor.

2.2.1.1. Alemães: conservam quase nenhuma humanidade

Especificamente no que diz respeito aos alemães, diz-nos Agostinho da Silva que estes não terão conservado quase nenhuma da sua humanidade, “Raríssima! E pouquíssima!!”²⁷⁵, dando como exemplo disso o respetivo comportamento agressivo por altura da unificação daquele país: “Ainda agora, nessa unificação da Alemanha, lá voltaram às ruas, a berrar com as pessoas, a bater nas pessoas, etc..”²⁷⁶.

Se é verdade que haverá alguns alemães - muito poucos - que não terão sacrificado a sua humanidade, conseguindo preservá-la (contrariamente à grande maioria da população deste país), também será verdade que esses não partilharão a cultura alemã “Não é cultura alemã: é a cultura de certos alemães que quase todos detestaram viver na Alemanha...”²⁷⁷, pelo que todos estes se terão sentido “...como presos na Alemanha!...”²⁷⁸.

2.2.1.2. Japoneses: um paradoxo

A vida de cada japonês é meticulosa e totalmente controlada pela respetiva Companhia onde trabalha, o que se concretiza na organização e divisão dos tempos de trabalho e de lazer: “Toda aquela coisa está organizada assim!... E, portanto, com tal eficiência...”²⁷⁹. Na empresa, o dia inicia-se com o hino à Companhia, que todos cantam em conjunto “E ter todo o cuidado de entrar à mesma hora que entra o gerente para cantarem, todos

²⁷² Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁷³ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²⁷⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁷⁵ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²⁷⁶ *idem*

²⁷⁷ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²⁷⁸ *idem*

²⁷⁹ Entrevista com Joaquim Letria.

juntos, o hino da Companhia...!”²⁸⁰, e decorre com cada japonês e respetiva atividade controlados, sempre no espírito de obediência ao que está exterior e previamente determinado: “... numa companhia, marcar o patrão da companhia, o gerente, o lugar em que ele deve estar, segundo as suas qualidades, ou os seus defeitos...!”²⁸¹. Se o trabalhador se revela incumpridor em determinada tarefa, a respetiva Companhia não o despede porque existe preocupação pela sua sobrevivência “... se ele não cumprir... não cumpre? – não pô-lo fora, que ele ficava sem comer – mas ir pô-lo noutros lugares...!...”²⁸².

Os tempos de lazer de cada japonês são ocupados por atividades que, do mesmo modo, cabe à respetiva Companhia determinar “... e ir a espetáculos que a Companhia paga...”²⁸³ - e tanto assim é que Agostinho, a este respeito, declara nunca ter conseguido, durante o período de tempo em que aí esteve²⁸⁴, assistir a um espetáculo de luta japonesa, “Nunca, no Japão, consegui ver luta japonesa!...”²⁸⁵, exatamente porque “... o circo, ou o teatro, ou o que aquilo era, estava sempre ocupado por companhias...!...”²⁸⁶. Este controle de que os japoneses serão objeto estende-se, igualmente, aos respetivos períodos de descanso, não raras vezes acabando “... por ir dormir o sono (...) no mausoléu da Companhia...!...”²⁸⁷. E habitua-se a viver assim “E o homem se habitua àquilo...!...”²⁸⁸.

No entanto, e para além deste tipo de vida, o que realmente constituirá uma verdadeira esquizofrenia na vida dos japoneses, consistirá, antes, na assunção, da sua parte, de duas posturas diferentes e aparentemente opostas de vida: “... metade do dia eram americanos trabalhando mais que americanos; a outra metade do dia eram japoneses procurando trabalhar menos que ninguém...!”²⁸⁹ - então, para Agostinho, embora os japoneses trabalhem muito, não é isso que lhes agrada fazer, já que “... são eles que mais preocupação têm com o lazer, os tempos livres, a liberdade do espírito!...”²⁹⁰ - o que é

²⁸⁰ *idem*

²⁸¹ *idem*

²⁸² *idem*

²⁸³ *idem*

²⁸⁴ Durante um período de cerca de dois anos, tal como é apresentado na sua biografia.

²⁸⁵ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁸⁶ *idem*

²⁸⁷ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁸⁸ *idem*

²⁸⁹ *idem*

²⁹⁰ *idem*

consonante com o seu ideal de vida, enquanto budistas que são “...o ideal deles é serem o menos possível alguma coisa...!!...”²⁹¹.

Afinal, e paradoxalmente, um povo que quer ser nada “...o de querer não ser nada, não ter dinheiro, nem nada pesado sobre eles (...) cada um daqueles homens não queria ser nada...”²⁹² tornou-se um povo muito rico “...efetivamente, o dinheiro se ia acumulando...!! (...) e é pelo menos muito rico!!...”²⁹³. Nesta perspetiva, esta é “...hoje, a perplexidade do Japão é estar rico querendo ser pobre!...”²⁹⁴.

2.2.2. Devemos agradecer o sacrifício da sua humanidade

Neste mundo ocidentalizado de hoje em que a ciência e a tecnologia parecem imperar, e especialmente em relação aos seus principais atores - alemães, japoneses e norte americanos – nós deveremos assumir uma postura que inclui dois importantes aspetos: não os imitar; e agradecer-lhes o que fizeram.

Assim, o primeiro aspeto consistirá na atitude de deixar fazer - sem nos imiscuirmos nem tentarmos tomar aquele comportamento como modelo a seguir: “...os alemães e os japoneses que façam a tecnologia”²⁹⁵. Como Agostinho enfatiza, “Deixa o alemão ser rápido!!... (...) Deixa o japonês ser rápido!!...!”²⁹⁶ - já que, fundamentalmente, essa tecnologia “...não tem importância...!!... - é um aperfeiçoamento do martelo ou da broca!!...”²⁹⁷. O segundo aspeto, e não menos importante, consistirá na atitude de agradecer a estes povos - porque reconhecemos que a tarefa a que se propuseram trouxe, por um lado, resultados benéficos para todos “...a quem devemos agradecer na vida quase tudo o que temos de material na vida, e de científico...”²⁹⁸ e, principalmente, devemos-lhes agradecer porque tal tarefa acarretou paralelamente, e sobretudo para eles, uma contrapartida terrível que se traduziu no sacrifício da sua humanidade, pois atiraram-se “...a isso, sacrificando a sua humanidade!”²⁹⁹.

²⁹¹ *idem*

²⁹² *idem*

²⁹³ *idem*

²⁹⁴ *idem*

²⁹⁵ Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁹⁶ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁹⁷ Entrevista com Joaquim Vieira.

²⁹⁸ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²⁹⁹ *idem*

2.3. Modelo capitalista: contrário à expressão da poesia

Aquelas condições capazes de matar o poeta que cada um de nós deveria ser durante toda a vida verificam-se atualmente no mundo e, mais particularmente, neste mundo ocidentalizado – o qual se rege pelo modelo de economia capitalista ou de mercado. Assim sendo, praticamente tudo o que conhecemos no mundo se lhe encontra associado e sob o seu domínio, até “...o desporto foi invadido pelo capitalismo...!! – como aconteceu com muitas outras coisas!...”³⁰⁰ uma vez que “...a economia está misturada a tudo... e imperando sobre tudo...”³⁰¹.

Neste contexto, ser-nos-á muito difícil conseguir escapar ao domínio desta economia “...se pedirmos a uma pessoa na rua o que ela precisa para apaziguar o seu corpo, ela vai logo mexer num ponto de economia qualquer...!”³⁰². As suas influências, que necessariamente atingem as pessoas, revelar-se-ão, quase sempre, como fatores determinantes dos respetivos percursos de vida pois “Não podemos pôr de parte a ideia que o capitalismo, hoje, domina a nossa vida...!!...”³⁰³, e afetarão de tal maneira esses percursos que estes poderão sofrer graves desvios relativamente àquilo que antes estaria previsto, afastando-os irremediavelmente da meta que consiste em que cada um se cumpra.

Num breve percurso desde o nascimento até à morte de cada pessoa no mundo, podemos verificar que o aspeto económico – que consistirá, basicamente, em ter que pagar a vida - marca constantemente a sua presença “...desde que a pessoa, para viver como vive, tenha o suficiente para comprar as coisas...!”³⁰⁴. Assim, a partir do momento em que nascemos e que é de graça, nós passamos depois a estar obrigados a pagar, a cada passo, todo o percurso que fazemos neste mundo. Por isso, encontramos atualmente presos na contradição que consiste, exatamente, em nascer de graça, mas ter que ganhar e pagar toda a vida, “...estar preso por essa contradição terrível que é nascer-se de graça e ter que continuar a vida ganhando-a hora a hora e tempo a tempo”³⁰⁵. Os indivíduos, estão, então, “...nessa contradição (...) nascer de graça, e passar o resto da vida a ganhá-la!...”³⁰⁶ – situação atual da humanidade no mundo, e

³⁰⁰ Entrevista com Adelino Gomes.

³⁰¹ Entrevista com Joaquim Letria.

³⁰² Entrevista com Adelino Gomes.

³⁰³ *idem*

³⁰⁴ Entrevista com Herman José.

³⁰⁵ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

³⁰⁶ Entrevista com Herman José.

que Agostinho inclui no domínio do “...inteiramente absurdo!”³⁰⁷. Para além disto, e considerando também que ainda temos que pagar a própria morte, então esta situação que envolve toda a nossa vida já caberá no domínio do absurdo supremo: “Há coisa absurda suprema de ter que pagar a morte?!...”³⁰⁸.

Pelo exposto, poder-se-á afirmar que as condições de (não) vida que o capitalismo pressupõe serão responsáveis pela morte dos poetas no mundo, no sentido em que poderão impedir cada pessoa de ser, na vida, o poeta que nasceu.

2.3.1. Economia capitalista: guerra e competição

Se quisermos definir e descrever o capitalismo, poderemos dizer que se trata, afinal, de uma guerra na qual as partes envolvidas lutam entre si “É a guerra do homem contra o homem!”³⁰⁹ - luta esta que se processa sob a forma de competição na qual cada parte se propõe, através de vários meios, ganhar à outra parte: “...há sempre gente empurrando atrás porque quer passar à frente...!!...”³¹⁰.

Esta guerra é apoiada e legitimada pela lei de mercado³¹¹, criando-se e desenvolvendo-se produtos que se pretende serem convertidos em necessidades que as pessoas irão querer adquirir “Em que cada um (...) procura inventar um lápis mais perfeito do que o lápis que inventou o outro...!!...”³¹² – pelo que se tratará, referindo-a mais corretamente, da lei dos mercadores “Que nunca é a lei do mercado – é a lei dos mercadores!! As pessoas se enganam aí na palavra...!!”³¹³.

Então, o objetivo desta guerra que é o capitalismo consiste, e resume-se, na perspetiva da obtenção de qualquer tipo de lucro, “...para o poder vender, atraído pelo lucro ou qualquer coisa assim...!!”³¹⁴ – que é o que traduz a vitória.

O lucro obtido, ou essa vitória, expressa-se, habitualmente, através do dinheiro o qual, por sua vez, se tornou um normal símbolo de vida para muitas pessoas “Isso se tornou,

³⁰⁷ *idem*

³⁰⁸ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

³⁰⁹ Entrevista com Baptista-Bastos.

³¹⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³¹¹ Lei de mercado ou lei da oferta e da procura – pretende estabelecer a relação entre a oferta e a procura de um determinado produto, entendendo-se como oferta a quantidade desse produto disponível para venda, e como procura o interesse em relação à sua compra. Quando a oferta de um determinado produto excede a sua procura, o respetivo preço tende a baixar; quando é a procura que excede a oferta, o preço tende a subir.

³¹² Entrevista com Baptista-Bastos.

³¹³ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³¹⁴ Entrevista com Baptista-Bastos.

para muita gente, um símbolo de vida!!...”³¹⁵ – que significará, para elas, vencer na vida. Deste modo, e paralelamente, essas pessoas – porque pretendem vencer – terão convertido o dinheiro no seu próprio objetivo, pelo que passam a sua vida em constante intranquilidade nessa busca “...muito ansiosos por fazer dinheiro que atraia dinheiro que multiplique dinheiro...!!...”³¹⁶, acabando, geralmente, por se tornarem prisioneiros – e ficarem literalmente presos - neste jogo que está viciado, “...continuamente tendo mais lucros e descontando mais juros e pagando mais dívidas e pedindo mais dinheiro emprestado...”³¹⁷.

Em toda a dinâmica desta guerra, afinal não haverá vencedores – mas todos sairão vencidos, no sentido em que esta se revela contrária à expressão da poesia de cada um.

2.3.1.1. A origem da carência e da competição

O estado de carência no mundo ter-se-á iniciado nos primeiros tempos da humanidade, numa altura em que se terá dado um considerável aumento no número de indivíduos, “...a população cresceu depressa demais...”³¹⁸. Esta ocorrência terá tido sérias implicações no que diz respeito ao sustento para todos, o qual se terá tornado insuficiente: “...o que aconteceu foi que, pelo desenvolvimento dessa primeira gente, apareceram mais consumidores do que havia mercadoria para consumir...”³¹⁹.

Então, e perante tal situação, “...as coisas têm que se precipitar para haver comida para essa gente toda...!!...”³²⁰ – o que se terá convertido em catalisador para a produção de alimentos, no sentido de dar resposta àquela necessidade. Então, esta passar-se-á a fazer através de intervenção humana - e não apenas pela simples recolha de alimentos que a natureza oferece como, até ali, sempre acontecia. Paralelamente, ter-se-á despoletado e desenvolvido a atitude de cada um procurar tomar para si o máximo possível de produtos disponíveis, acabando por subtraí-los aos outros “...e imediatamente entrámos na competição...”³²¹. Assim sendo, a competição terá surgido como consequência da carência, e terá conduzido e incentivado uma grande produção de bens necessários à

³¹⁵ Entrevista com Fernando Alves.

³¹⁶ *idem*

³¹⁷ Entrevista com Adelino Gomes.

³¹⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³¹⁹ Entrevista com Maria Elisa.

³²⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³²¹ Entrevista com Maria Elisa.

sobrevivência de todos, “...era a única maneira que havia de conseguir para toda a gente aquilo de que essa gente precisava.”³²².

2.3.1.2. Até hoje, há carência e competição no mundo

Existe uma grave contrapartida em toda aquela dinâmica, a qual irá deitar por terra eventuais anseios de que os meios de sobrevivência produzidos cheguem efetivamente a todos: trata-se da outra face da competição, que resultará numa distribuição desigual dos produtos: por um lado, e para muito poucos, haverá abundância; por outro lado, e para muitos, haverá carência. E é esta a situação que, ao longo do percurso conhecido da humanidade, tem perdurado até aos dias de hoje em que a “...sociedade (...) tem de produzir em comum – embora não seja para uso comum aquilo que produz!...”³²³.

Neste mesmo contexto, Agostinho da Silva apresenta exemplos das discrepâncias que atualmente existem no mundo: relativamente ao Brasil e, mais especificamente sobre Santa Catarina, diz-nos “...essa gente era pobre – (...) às vezes sucede isso: que os estados são ricos, e há muita gente pobre!...”³²⁴, situação esta que “...há, também, em Portugal...”³²⁵, bem como naqueles outros países considerados mais desenvolvidos “...na adiantadíssima Inglaterra, na civilizadíssima França, etc.... e na Alemanha, também...”³²⁶. E, no Perú, as pessoas plantam droga em vez de produtos comestíveis, para ganhar dinheiro: “Porque é que o peruano planta droga, em lugar de plantar batata ou milho?!... (...) Porque ganha muito mais dinheiro (...) vendendo a droga, do que vendendo outro produto natural...!...”³²⁷.

Devido a este quadro de pobreza, carência e competição que se observa no mundo, muitas pessoas sofrem, sobretudo as crianças, “...muita criança... maltratada, ou abandonada, recolhida... de qualquer jeito...”³²⁸. Este sofrimento, que resulta contrário ao cumprir-se das pessoas no mundo, relacionar-se-á diretamente com o fenómeno da competição: “O problema está no mundo competitivo e não nos meninos...!...”³²⁹.

³²² *idem*

³²³ Entrevista com Isabel Barreno.

³²⁴ Entrevista com Maria Elisa.

³²⁵ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³²⁶ *idem*.

³²⁷ Entrevista com Herman José.

³²⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³²⁹ Entrevista com Maria Elisa.

2.3.2. Consumismo

2.3.2.1. O consumismo é uma droga

Sobre este aspeto do modelo capitalista, Agostinho afirma perentoriamente “O consumismo é uma droga!!...”³³⁰ porque, tal como o fumo que “até rimava com (...) consumo...”³³¹, o consumismo é viciante. E revela o motivo pelo qual usou a metáfora do tabaco, e não de outra droga, para traduzir aquele fenómeno “Apenas como fumo é uma metáfora que facilmente se entende, adotei o fumo...”³³² – já que poderia, com o mesmo objetivo, ter-se servido de outras drogas como metáfora “...podia ter adotado drogas mais complicadas...”³³³, acabando por declarar ser o consumismo equivalente à cocaína “...exatamente como se fosse coca.”³³⁴, no que particularmente se refere à respetiva capacidade de viciar ou de exercer domínio sobre o comportamento das pessoas que a consomem, e que “...é a coisa terrível da maior parte das pessoas que vivem neste tempo (...) fugirem da vida para irem para o consumo...”³³⁵.

Assim, e nesta perspetiva, o facto de as pessoas comprarem sistematicamente produtos que, em boa verdade, não necessitam para a sua sobrevivência e bem estar – mas que disso terão sido convencidos através da máquina da economia capitalista – será prova desse vício: “O consumo é uma droga: as pessoas andam metidas nessa coisa de comprar no... nos... supermercados Modelos, enormes, imensos...”³³⁶.

2.3.2.2. Ausência do sentido da vida

Este consumismo não se restringirá à compra de produtos desnecessários: o conceito poderá alargar-se a outro tipo de drogas “Pode ser qualquer coisa... Inteiramente metafórico!”³³⁷, desde que se trate de vícios que aprisionam as pessoas e as alienam das realidades da vida que cada uma deveria viver, interessam-se antes “...por (...) drogas – várias espécies de drogas...!!...”³³⁸.

Então, entre estas drogas que incapacitam o viver considera-se, também, qualquer outra atividade que nos afaste da vida - como é disso exemplo a literatura de ficção, “...em que as pessoas chegam ao sábado, compram o livrinho da ficção, e se evadem

³³⁰ Entrevista com Fernando Alves.

³³¹ Entrevista com Herman José.

³³² *idem*

³³³ *idem*

³³⁴ Entrevista com Herman José.

³³⁵ Entrevista com Fernando Alves.

³³⁶ Entrevista com Herman José.

³³⁷ *idem*

³³⁸ Entrevista com Fernando Alves.

completamente da vida até raiar a segunda feira...!! Sempre com muitas saudades do sábado e do domingo que passaram...!!”³³⁹. Esta atitude encontrar-se-á muito generalizada, já que a “...literatura que mais se vende é a literatura de ficção...”³⁴⁰. Excetuando os casos dos que a leem e cujo objetivo caberá nos domínios histórico e estético, todos aqueles que, não tendo esse “...sentido estético ou histórico que os leve a isso...”³⁴¹, e que constituirão a grande maioria, estes procurarão essa ficção para, basicamente, “...fugirem da vida para irem ler uma novela ou um romance...”³⁴² o que “...é efetivamente ficção ela própria...!!”³⁴³, e não a verdadeira vida.

Contudo, “...se a vida fosse apaixonante, se as pessoas estivessem enamoradas com o viver, (não) faziam o que nenhum namorado faz: nenhum namorado se anestesia completamente antes de ver a sua amada... Ninguém se anesthesiaria para a vida!...”³⁴⁴. Assim, o consumo destas diversas drogas será, então, revelador da ausência de sentido da vida por parte de grande número de pessoas, já que “A maior parte das pessoas vive sem sentido pela vida!... E por isso (...) é que eles vão para a tal história do consumismo...”³⁴⁵ - as quais, nestas condições, não se poderão cumprir como poetas.

2.3.3. Poder, políticos e política

2.3.3.1. Ter cargos de poder é perigoso

O modelo de economia capitalista pressupõe, necessariamente, desigualdades e desequilíbrios no que se refere às relações de poder³⁴⁶. Exercer domínio sobre outro(s) é, pelo menos neste contexto, algo por que a maioria das pessoas anseia: “...muita gente só tem a mania de se congraçar quando o outro faz aquilo que ele quer...!!, aquilo que ele manda!”³⁴⁷.

Das várias formas de poder que existem no mundo, aquelas que formalmente integram as sociedades capitalistas - e que são facilmente identificadas enquanto tais - correspondem habitualmente a cargos em instituições públicas e privadas, bem como a

³³⁹ *idem*

³⁴⁰ *idem*

³⁴¹ *idem*

³⁴² Entrevista com Fernando Alves.

³⁴³ *idem*

³⁴⁴ Entrevista com Herman José.

³⁴⁵ Entrevista com Fernando Alves.

³⁴⁶ Pelo que tem vindo a ser apresentado relativamente a este modelo, o facto de uns indivíduos possuírem mais do que outros criará desigualdades entre eles. A este propósito, lembramos que o poder, nas diversas formas em que se apresenta, não será da simpatia de Agostinho da Silva – como se observa no ponto

³⁴⁷ Entrevista com Herman José.

outros no meio político propriamente dito. Todos estes cargos, sem exceção, serão muito perigosos para aqueles que os ocupam³⁴⁸.

Relativamente à última situação referida e, mais concretamente, acerca do ministério da educação, diz-nos Agostinho que deter o poder daquela pasta corresponde a ficar envolvido num perigo ainda maior, já que “...o grave nessas coisas é ser ministro da educação – isso é que é perigoso!!... (...) A pasta da educação é extremamente perigosa para toda a pessoa...”³⁴⁹ – e isso porque, para além do poder que necessariamente possui, também “...tem que mover uma máquina fantasticamente poderosa e com grande propensão para a inércia...”³⁵⁰ pelo que se tornará praticamente impossível conseguir realizar algo diferente daquilo que está instituído “...para que realmente se possam fazer coisas...!!...”³⁵¹.

2.3.3.2. Os políticos estão presos

Tal como o ministro da educação, e embora em menor grau do que este, todos os outros políticos têm tarefas inglórias. E, dada a visibilidade das figuras públicas, estas acabam por se converter, elas próprias, em alvo de críticas várias: “O desgraçado do político, como anda à vista do público, é aquele que toda a gente censura, ou ataca, ou põe dúvidas...”³⁵².

Mas essa é uma atitude que não se deveria ter em relação aos políticos, já que estes apenas estão a realizar a sua tarefa, “E aí não há nada que acusar os políticos disto ou daquilo: eles estão realizando a sua tarefa!...”³⁵³ – a qual se lhes apresentará muito difícil de sustentar e de levar a cabo “...tarefa terrível e difícil!!...”³⁵⁴, pelo menos na medida em que o político não tem liberdade para agir, pois está “...naturalmente (...) submetido a uma série de influências...”³⁵⁵. Estas influências que prendem os políticos existem no tempo e no espaço onde estes vivem - e onde têm que viver – já que “...o político tem a obrigação (...) de se colocar, nitidamente, dentro do tempo em que realmente vive!”³⁵⁶. Nesta sequência, e recordando o que define o profeta e que

³⁴⁸ Porque o poder dificultará, ou será contrário, ao cumprir-se.

³⁴⁹ Entrevista com Fernando Alves.

³⁵⁰ *idem*

³⁵¹ *idem*

³⁵² Entrevista com Herman José.

³⁵³ Entrevista com Joaquim Letria.

³⁵⁴ *idem*

³⁵⁵ *idem*

³⁵⁶ *idem*

consistirá na sua capacidade de se situar nos tempos todos ou eternidade³⁵⁷, Agostinho declara que “Todo o profeta daria um mau político!!...”³⁵⁸.

2.3.3.3. Políticos e partidos políticos não nos merecem confiança

De qualquer modo, e independentemente da responsabilidade direta que os políticos terão, ou não terão, pelas suas ações, o que parece acontecer no que diz respeito ao objetivo na vida que consiste em cumprir-se a criança, é que estas ações não lhe serão adequadas. Por outro lado, e segundo Agostinho, salienta-se que as pessoas, atualmente, se encontram “...sobretudo, sem grande confiança na capacidade que os políticos têm de levar por diante uma missão e de a cumprir!”³⁵⁹.

Relativamente aos partidos políticos, deparamo-nos com duas designações que, geralmente, todos eles tendem a partilhar, e que consistem nas palavras social e democrata: “Hoje, todos os partidos tendem, de uma maneira ou outra, a chamarem-se de social e de democrata!!...”³⁶⁰. Relativamente ao significado de cada uma destas palavras, diz-nos Agostinho: a palavra social refere-se ao cuidado que o governo deve ter para que as pessoas vivam sem privações básicas “...é obrigação de todo o governo tomar atenção à maneira de (como) as pessoas viverem...”³⁶¹; e a palavra democracia refere-se à liberdade que cada pessoa deve ter para expressar as suas escolhas “...deve haver uma liberdade de cada pessoa dizer o que é que prefere...”³⁶².

No entanto, e por ocasião das eleições, regra geral verifica-se um elevado número de abstenções: “O facto de a abstenção começar a ser um fator importante em eleições leva a pensar que as pessoas não estão muito agradadas com os sistemas políticos que existem...”³⁶³ – o que será um importante indicador de não identificação, e até de desconfiança, das pessoas relativamente a esses sistemas políticos.

³⁵⁷ Como referido no ponto 2.3.2. No entanto, e agora, Agostinho da Silva estabelece uma distinção entre as figuras de profeta e de político com base no critério de se ficar, ou não, preso no tempo em que se está a viver: se o político se situa sempre, e apenas, neste tempo, já o profeta irá muito para além disso, porque olha a eternidade.

³⁵⁸ Entrevista com Joaquim Letria.

³⁵⁹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³⁶⁰ Entrevista com Joaquim Vieira.

³⁶¹ *idem*

³⁶² *idem*

³⁶³ Entrevista com Cáceres Monteiro.

2.3.4. Sociedade e Instituições

2.3.4.1. Leis para todos, todos iguais

As pessoas, no mundo, vivem normalmente em sociedade – entendendo-se a palavra “normalmente” no seu sentido literal, e significará que todos os membros das várias sociedades deverão obedecer às mesmas normas ou leis, já que, “Por enquanto temos que ter esse direito romano, e essas leis todas...”³⁶⁴. Deste modo, o comportamento de cada pessoa não terá grandes condições de se diferenciar do de outra, pelo que o de todos resultará semelhante, “...porque ainda temos que estar, de alguma forma, semelhantes uns aos outros...”³⁶⁵.

Assim, esta situação visará a manutenção do funcionamento ordeiro da sociedade “Porque, se não, a coisa não funciona...!!...”³⁶⁶, de acordo com o que se encontra previamente estabelecido, pelo que todos terão “...que se submeter a um certo número de preceitos...”³⁶⁷, esperando-se que “...marchem com o passo certo!!...”³⁶⁸, ou seja, todos iguais ou normais.

Aqueles que eventualmente marchem de modo diferente (porque se afastam da norma prescrita) serão considerados infratores e marginais pela respetiva sociedade – a qual dispõe de instrumentos de controlo e de punição a que pode recorrer nesse tipo de situações como, por exemplo, a polícia e a prisão. A propósito de, em certos casos, se circundar as leis, Agostinho questiona: “Você sabe a que é que as pessoas chamam fraude?!... – é quando a coisa não dá certo, quando a polícia apanha!!”³⁶⁹; o que, em termos de resultados, é muito diferente de não se ser apanhado “Porque, quando a polícia não apanha, é um bom negócio...!!”³⁷⁰.

2.3.4.2. Socializar é preciso

A par das leis, existem atualmente nas sociedades outros instrumentos capazes de normalizar ou socializar os indivíduos naquilo que aí se precisa e se pretende: “...as condições da sociedade em que vivemos obrigam todos nós, lentamente, a nos irmos

³⁶⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³⁶⁵ *idem*

³⁶⁶ *idem*

³⁶⁷ *idem*

³⁶⁸ *idem*

³⁶⁹ *idem*

³⁷⁰ *idem*

parecendo uns com os outros...!...”³⁷¹ – entre esses instrumentos, salientamos as instituições como a família e a escola.

Refira-se que, nas sociedades em que vivemos, ninguém escapará à ação destas instituições, ou seja, não existirá no mundo ninguém que seja verdadeiramente natural³⁷² “...nenhum de nós! – nunca viu um homem natural!... Sempre viu um homem metido (...) numa determinada cultura, numa determinada civilização!...”³⁷³.

Efetivamente, quando uma criança nasce, ela já faz parte de uma determinada sociedade através dos seus progenitores e, assim sendo, fica de imediato sujeita às respetivas condições “E a criança, por genética, já está metida... exatamente nessas condições!...”³⁷⁴. Assim, ela é iniciada e introduzida pela família, paulatinamente, na vida daquela sociedade de que faz parte: “...estamos nesta sociedade que tem determinadas características, evidentemente que o que temos que fazer é proceder de tal maneira que ele não fique um estranho dentro dessa sociedade...”³⁷⁵ e, para isso, torna-se necessário que cada indivíduo passe por todo este processo de socialização: “...a família tem que habituar o menino a ter os costumes que tem a sociedade dos adultos.”³⁷⁶. Depois, e geralmente em paralelo com a família, a ação de outras instituições – como a escola – prossegue na tarefa de socialização. E não se vislumbra outro modo de proceder: “Há outra maneira de fazer?!... – Nenhuma outra!”³⁷⁷.

Nesta perspetiva e no contexto atual, então as instituições ainda “...são necessárias...!”³⁷⁸ – e, por tal motivo, não merecem o desprezo de Agostinho “Eu não tenho desprezo nenhum pelas instituições...!”³⁷⁹, mas o seu respeito “Eu tenho o maior respeito pelas instituições...!...”³⁸⁰, esclarecendo que o tipo de respeito que diz ter se deve a essa necessidade “E é o respeito que eu tenho!...”³⁸¹.

³⁷¹ Entrevista com Adelino Gomes.

³⁷² Natural - como sinónimo de ausência de qualquer intervenção humana.

³⁷³ Entrevista com Manuel António Pina.

³⁷⁴ *idem*

³⁷⁵ Entrevista com Joaquim Letria.

³⁷⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³⁷⁷ Entrevista com Joaquim Letria.

³⁷⁸ Entrevista com Maria Elisa.

³⁷⁹ *idem*

³⁸⁰ Entrevista com Maria Elisa.

³⁸¹ *idem*

2.3.4.3. Socializar é adulterar

No contexto desta necessidade de socializar os indivíduos, e relativamente à realização de cada um, esta não se concretizará ou, então, ficará reduzida a uma determinada parte - a qual coincidirá com os interesses e expectativas do grupo sociocultural em que se insere, realizando-se "...nalguma parte que possa ser útil aos outros, e entrar no jogo geral com que o mundo se apresenta!..."³⁸².

A este propósito, Agostinho apresenta-nos um jogo onde brinca com a palavra "adulto" "...eu costume brincar com a palavra "adulto"..."³⁸³, o qual consiste na descrição de uma espécie de operação cirúrgica que se faz às crianças para as transformar em adultos: em primeiro lugar, cortam-se para as obrigar a parar; e, em seguida, cola-se-lhes um pedaço de adulto – e será daqui que "...veio o verbo "adulterar"!!"³⁸⁴. Este jogo será, assim, uma metáfora que pretenderá mostrar que, nesta sociedade em que vivemos e através dos seus instrumentos de socialização, se impede cada indivíduo de ser a criança que nasceu: "Quer dizer, toda a criança é adulterada porque se lhe colou um adulto!..."³⁸⁵. Nesta perspetiva, podemos entender Agostinho quando declara gostar das crianças sobretudo em determinadas condições: "Eu gosto sobretudo delas enquanto não andam na escola, ou enquanto não são estragadas pela família, não é?"³⁸⁶ – ou seja, antes de terem sido objeto de adulteração ou, pelo menos, enquanto ainda não lhes terá sido colado, com muita consistência, o tal adulto.

Assim sendo, esta sociedade, com a respetiva socialização – que inclui a educação - não poderá ser compatível com a realização dos indivíduos no sentido de cada um se cumprir a criança que é, pois "...estamos sempre a ter o perigo de reduzir o que ele era, para o habituar aos nossos costumes, para ele viver na nossa sociedade!..."³⁸⁷ e "...enquanto vivermos numa sociedade (...) que tem que ter uma determinada organização, é evidente que o indivíduo não se pode realizar completamente...!!..."³⁸⁸.

Mas essa criança, embora "cortada e parada", continuará presente em cada um de nós - como se poderá verificar a partir do comentário que Agostinho da Silva fez a propósito da recetividade ao programa³⁸⁹ por parte de muitas pessoas: "É por de repente verem, do

³⁸² Entrevista com Isabel Barreno.

³⁸³ Entrevista com Manuel António Pina.

³⁸⁴ *idem*

³⁸⁵ *idem*

³⁸⁶ Entrevista com Herman José.

³⁸⁷ Entrevista com Joaquim Letria.

³⁸⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁸⁹ Programa "Conversas Vadias"

lado de fora dito, aquilo que elas pensaram sempre do lado de dentro e que, por exemplo, pelos tais processos de educação aprenderam a reprimir...!!...”³⁹⁰.

2.4. Seres humanos: soldados produtores na guerra contra a carência

2.4.1. Guerra contra a carência

Como já vimos³⁹¹, por vivermos neste mundo ocidentalizado onde o modelo de economia de mercado impera, encontramos-nos todos, necessária e sistematicamente, em competição. Mas, e ainda mais do que em competição, nós estaremos envolvidos numa situação de guerra, pois “É evidente de que além de competição e acima de competição, nós estamos, por exemplo, quanto à economia, numa guerra perfeita (...) estamos todos envolvidos numa guerra”³⁹², refrega essa na qual todos lutamos contra um mesmo inimigo no mundo, que é a carência - trata-se, então, da “...guerra contra a carência”³⁹³. Como em qualquer guerra, esta só poderá acabar quando se eliminar completamente o inimigo, o que significará dizer que a guerra contra a carência terá o seu fim quando deixar de haver qualquer tipo de carência no mundo, tendo “...portanto, que dar um passo no sentido da segurança, começando por acabar com essa miséria!!”³⁹⁴ - mesmo em determinados países em que essa situação não existirá muito notoriamente, convém investigar “...se, dentro (...) duma França, duma Inglaterra, provavelmente Portugal, ou doutros países semelhantes, existe ou não existe a tal miséria que parece não existir!...”³⁹⁵.

Assim, e contrariamente àquilo que, na sua generalidade, as pessoas pensam sobre nós vivermos em paz no mundo e sermos civis, isso realmente não se verificará “...as pessoas (...) julgam que estão em paz no mundo, que são civis... - quando não são nem uma coisa nem outra!”³⁹⁶, mesmo que muita gente continue a pensar “...que está no serviço civil...!!... Coisa nenhuma!!...”³⁹⁷. Afinal, nesta guerra contra a carência, todos nós somos militares ao seu serviço “...todos nós entramos em serviço militar...!!...”³⁹⁸ sendo cada um “...soldado da arma de produção!!”³⁹⁹ e, através dessa produção, luta no

³⁹⁰ Entrevista com Maria Elisa.

³⁹¹ Ponto 3.2.1.

³⁹² Entrevista com Maria Elisa.

³⁹³ *idem*

³⁹⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³⁹⁵ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³⁹⁶ Entrevista com Maria Elisa.

³⁹⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³⁹⁸ *idem*.

³⁹⁹ *idem*

sentido de contribuir para que a “...carência que ainda há no mundo para tanta e tanta gente...”⁴⁰⁰ seja finalmente anulada, conseguindo que os produtos necessários à sobrevivência e bem estar cheguem para todos, para que, deste modo, se vença o inimigo “...que cheguemos à vitória final...”⁴⁰¹, podendo, finalmente, inaugurar a paz – o que nos permitirá, a todos, cumprirmo-nos enquanto poeta que somos, poema e criança que nascemos.

2.4.2. Soldados

2.4.2.1. Produzir e cumprir

Enquanto houver carência no mundo, haverá guerra e, paralelamente, serviço militar e respetivos soldados produtores “...nós estamos ainda na tal guerra, e precisamos de ter soldados produtores...”⁴⁰², pelo que “...cada um de nós é apenas um soldado produtor disto ou daquilo!”⁴⁰³, e “Nós somos todos soldados para produzir coisas...”⁴⁰⁴ integrados num regimento onde marchamos com os outros soldados “...o regimento ainda tem que marchar a passo...”⁴⁰⁵.

Como soldados que somos, aquilo que nos cabe fazer é cumprir o que está exteriormente determinado, pois “O serviço militar significa cumprir!! (...) Então, no serviço militar, o importante é o cumprir...!!...”⁴⁰⁶, pelo que cada um deverá obedecer de imediato e sem questionar, seja que aspeto for em relação à tarefa a realizar, uma vez que “O capitão, na tropa, dá a ordem ao tenente ou ao sargento, e ele não quer saber se pode fazer, se não pode fazer, se sabe, se não sabe, se é aquilo que lhe apetece, ou não...”⁴⁰⁷ - mas, simplesmente, “Vai, e faz!”⁴⁰⁸. Nada mais do que apenas cumprir que será, afinal, a filosofia do militar “...cumprir só!! – porque essa é (...) a filosofia do militar...”⁴⁰⁹.

⁴⁰⁰ Entrevista com Fernando Alves.

⁴⁰¹ *idem*

⁴⁰² Entrevista com Maria Elisa.

⁴⁰³ *idem*

⁴⁰⁴ Entrevista com Herman José.

⁴⁰⁵ Entrevista com Fernando Alves.

⁴⁰⁶ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴⁰⁷ Entrevista com Joaquim Letria.

⁴⁰⁸ *idem*

⁴⁰⁹ Entrevista com Herman José.

2.4.2.2. Vantagens de cumprir

Esta filosofia do militar inclui, para além do cumprir e associado a este aspeto, um outro que consiste na disciplina – e tanto um quanto outro poderiam faltar à pessoa: “O serviço militar – na marinha, ou na aviação, ou no exército – para mim, pode inculcar no homem – introduzir dentro! – alguma coisa que ele pode não ter, que é a disciplina e o verbo cumprir!!”⁴¹⁰. Deste modo, e devido ao serviço militar de soldados produtores que obrigatoriamente faremos no mundo, todos os indivíduos ficarão providos de ambos os aspetos referidos.

E isso trar-nos-á vantagens no sentido em que, por este meio, poderemos passar a conhecer-nos melhor relativamente àquilo que seremos mais capazes ou, por outro lado, menos capazes de fazer “...ao receber uma ordem e cumprindo-a, verificamos que éramos menos hábeis do que pensávamos, ou menos inábeis do que também pensávamos...!!...”⁴¹¹, já que provavelmente, se não passássemos por essa experiência, poderíamos continuar enganados a nosso respeito, “De maneira que é bom experimentar se, quando nos julgamos muito hábeis – ou muito inábeis!... - não estamos enganados...!...”⁴¹².

2.4.2.3. Até a guerra acabar

Apesar dessas vantagens que existirão enquanto somos soldados produtores (e que só se entenderão como vantagens em contexto militar)⁴¹³, não se pretende que esta nossa condição no mundo dure para sempre, pelo que terá um fim⁴¹⁴.

No entanto, e “...até lá, temos que continuar a ser da tropa, temos que nos resignar a fazer a nossa parte de trabalho...”⁴¹⁵ – devendo lutar cada vez mais e melhor para todos nos livrarmos dessa condição tão cedo quanto pudermos. Assim, e nesta perspetiva, será obrigação nossa entregarmo-nos à tarefa de produzir o máximo e o mais rapidamente possível, para que o tempo em que todos possam usufruir de uma vida sem quaisquer privações não tarde a chegar.

⁴¹⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴¹¹ Entrevista com Joaquim Letria.

⁴¹² Entrevista com Joaquim Letria.

⁴¹³ Logo que se abandone a condição de soldados produtores (o que ocorrerá em consonância com o fim da guerra), estas que antes seriam vantagens deixarão depois de o ser: a existirem, converter-se-iam em prisões – o que não teria cabimento, nem faria sentido, nesse novo contexto de paz.

⁴¹⁴ Fim esse que se traduzirá na vitória desta guerra contra a carência – tal como já foi referido.

⁴¹⁵ Entrevista com Fernando Alves.

2.4.3. Trabalhadores e trabalho

2.4.3.1. Trabalhar é obrigatório

Sempre que desenvolvemos qualquer tarefa ou atividade, costumamos referir-nos a isso como sendo trabalho: “...cada coisa que a pessoa faz, dá sempre aquilo a que se chama o trabalho...”⁴¹⁶. Mas, de acordo com determinadas condições nas quais cada um leva a cabo a respetiva tarefa, Agostinho da Silva considera que poderá tratar-se de trabalho ou, por outro lado, de ocupação - e estabelece uma distinção entre aqueles dois conceitos “Sempre fiz a distinção entre trabalho (...) e ocupação...”⁴¹⁷.

Tal distinção consiste no seguinte: enquanto que o conceito de ocupação corresponderá a um tipo de trabalho que se escolhe livremente fazer, porque se gosta “...é trabalho feito com gosto”⁴¹⁸, e por isso escolhemos fazê-lo, pelo que até será mais apropriado chamar-se-lhe “...ocupação plena...”⁴¹⁹; já o conceito de trabalho corresponderá àquilo “...que é obrigatório!”⁴²⁰, e que é contrário à nossa vontade. Desta forma, “...quando a pessoa faz alguma coisa que não gostaria de fazer, que lhe custa realmente fazer, e vai fazer... – trabalha...”⁴²¹ - porque não conseguimos prescindir das contrapartidas que daí resultarão, ou que estarão associadas a essa situação “...por exemplo, ter honorários, ou qualquer coisa dessa espécie...!...”⁴²².

2.4.3.2. Para deixar de trabalhar

Atualmente, no mundo, a maior parte dos indivíduos trabalha e é escrava, pois “...por azar, não encontram senão um trabalho que lhes é extremamente desagradável...”⁴²³ ou, então, tomam o trabalho como uma droga “O trabalho às vezes é uma droga!!...”⁴²⁴ – ambas as situações alienam da verdadeira vida, no sentido em que aqueles indivíduos, enquanto trabalhadores, “...estavam distraídos pela vida porque estavam a ter que realizar uma tarefa (...) apertados por uma tarefa que eles têm que realizar, a essa tarefa vão!!...”⁴²⁵.

⁴¹⁶ Entrevista com Alice Cruz.

⁴¹⁷ Entrevista com Fernando Alves.

⁴¹⁸ Entrevista com Alice Cruz.

⁴¹⁹ *idem*

⁴²⁰ Entrevista com Fernando Alves.

⁴²¹ Entrevista com Alice Cruz.

⁴²² *idem*

⁴²³ Entrevista com Fernando Alves.

⁴²⁴ *idem*

⁴²⁵ *idem*

No entanto, existem atualmente muitas pessoas, “Há milhares de pessoas que desejariam brincar...”⁴²⁶, ser Crianças, mas o respetivo trabalho impede-as disso.

Assim, e ao invés da ocupação, o trabalho não será adequado ao cumprir-se de cada um no mundo, mesmo que pareça encontrar-se em consonância com o mundo de hoje, tal como se este apresenta. Neste contexto, ainda será preciso trabalhar muito, “...milhões de homens têm ainda que trabalhar (...) ainda precisamos de trabalhar - e muito!...”⁴²⁷ para produzirmos, por exemplo, máquinas em número suficiente “...para fazer o trabalho que nós fazemos ainda...”⁴²⁸, já que “O homem não nasce para trabalhar...!...”⁴²⁹. E deste modo nos libertaremos do trabalho para, no futuro, sermos todos a criança que nascemos.

2.4.4. A arma do soldado ou a profissão do trabalhador

Nesta guerra contra a carência, e enquanto seus soldados produtores, dispomos de uma arma que se traduz em instrumento de produção “...em lugar de escolhermos Artilharia ou Cavalaria, escreve-se Filosofia ou Matemática, por exemplo.”⁴³⁰ - a qual consiste habitualmente numa determinada profissão que nos possibilitará produzir.

Para conseguirmos aceder a essa arma ou profissão, conta-se habitualmente com a escola como meio: aí, começa-se pela obrigatoriedade de aprender a ler “...muita gente hoje é obrigada a ler, tem que ler...”⁴³¹ como condição necessária de entrada no processo de produção.

Depois de armado com a respetiva profissão, cada soldado produtor poderá trabalhar, tendo legitimidade para produzir na área em que esta se insere “...os mestres, do melhor que há, como humanidade e como ciência, se nos salva o corpo...”⁴³², e também para obter o dinheiro “...ao mesmo tempo salva os honorários que lhes devemos...!...”⁴³³. Dinheiro que utiliza para adquirir aquilo que entende necessitar para o seu sustento – onde se incluirão pagamentos que fará, por sua vez, a outros.

Nesta dinâmica que se expõe, será praticamente impossível a cada soldado, sendo produtor, apresentar-se sem arma ou profissão, pois ainda “...não temos a coragem de

⁴²⁶ *idem*

⁴²⁷ Entrevista com Fernando Alves.

⁴²⁸ *idem*

⁴²⁹ Entrevista com Maria Elisa.

⁴³⁰ *idem*

⁴³¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴³² Entrevista com Joaquim Letria.

⁴³³ *idem*

não ter profissão...⁴³⁴. Para além disto, a profissão que cada um tem determina todos os aspetos da sua vida e tende a cultivar uma determinada personalidade que crê ser socialmente consonante com "...a que tem na folha de pagamentos..."⁴³⁵. Mas, a bem de nos cumprirmos, este não será o caminho que deveremos seguir.

2.5. Serviço militar não prepara para a vida civil

Todo o serviço militar propriamente dito prepara qualquer elemento seu apenas para ser soldado, ignorando totalmente a vida civil que aquele indivíduo irá ter depois de cumprido esse serviço: "...ninguém, quando prepara um soldado, o prepara para a vida civil que ele vai ter depois!..."⁴³⁶. Portanto, esse indivíduo – que fora preparado para ser soldado - irá certamente, em determinada altura, abandonar o serviço militar, prosseguindo a sua vida enquanto civil "...um dia tem que viver sem se lembrar que é da artilharia, ou da cavalaria..."⁴³⁷.

Paralelamente, e tal como aquele soldado, todos nós estaremos a ser preparados apenas para a vida militar - e não para a vida civil que iremos ter depois, quando esta guerra terminar.

Anteveem-se, portanto, sérias dificuldades com as quais teremos que nos confrontar – e, espera-se, que sejamos capazes de ultrapassar. Dois exemplos disso corresponderão a duas dimensões fundamentais da vida civil, e que se encontrarão associadas uma à outra: a capacidade de viver o tempo livre e a manifestação da habilidade de criação de cada indivíduo⁴³⁸.

No que se refere à capacidade de viver o tempo livre, devido às obrigações de que temos vindo a ser objeto no contexto da guerra "...tivemos de aprender uma porção de coooiisas: ortografias, aritméticas, cerimónias, etc..."⁴³⁹, acostumámo-nos a ter o tempo repleto e preso por coisas que, depois, "...vão ser dispensáveis...!!..."⁴⁴⁰, e que poderão ter como resultado tornar-nos incapazes de viver o tempo livre que virá depois "E ainda vamos ser impedidos de gozar esse lazer..."⁴⁴¹. Neste contexto e, relativamente à criação, será quase impossível que esta capacidade se manifeste, já que

⁴³⁴ Entrevista com Alice Cruz.

⁴³⁵ *idem*

⁴³⁶ Entrevista com Herman José.

⁴³⁷ *idem*

⁴³⁸ Tanto uma como outra não se inserem no serviço militar – e até lhe são contrárias.

⁴³⁹ Entrevista com Maria Elisa.

⁴⁴⁰ *idem*

⁴⁴¹ *idem*

ela depende da concretização da primeira. Para além disto, considerando que a criação praticamente não se verifica no serviço militar e, a verificar-se, está restrita a muito poucos, “...é mais rara no serviço militar, e está com os comandos sobretudo, não é?...”⁴⁴². Então teremos que admitir a possibilidade real de, nesta vida militar que temos de soldados produtores, não ficarmos preparados para virmos a viver a vida civil que se seguirá, pois “...ninguém nos está preparando para a tal vida civil que será a de poder viver sem a ideia de que se é um produtor!”⁴⁴³.

2.5.1. Reformados e desempregados: gente com tempo livre que não o aprendeu a viver

2.5.1.1. Reformados: muitos morrem logo – não foram preparados para o tempo livre

Quase todos os reformados atualmente existentes no mundo são um exemplo bem visível daqueles soldados produtores que não terão sido preparados para viver uma vida civil “...o que acontece a grande parte dos reformados (...) porque só aprenderam a trabalhar (...) (e portanto) não sabem fazer mais nada senão trabalhar...!”⁴⁴⁴.

Confrontados com o tempo livre que passam a ter serão incapazes de o usar - convertendo-se este tempo livre, nestas condições e para eles, em algo “...que é a carga mais pesada que alguém pode ter na sua vida!...”⁴⁴⁵. Assim, deixam-se invadir pela recordação da vida militar que tinham anteriormente “...quando eles deixam de ser os trabalhadores de um determinado sector (...) apenas têm para viver a recordação disso...”⁴⁴⁶, transportando amargamente, no dia a dia, aquela ausência como “...uma saudosa recordação...!”⁴⁴⁷.

Como não conseguem ocupar de outro modo o tempo livre, “...ficam muito tristes porque não têm trabalho”⁴⁴⁸ e “...lhes faltou a droga!!”⁴⁴⁹, vão-se mortificando “...e não lhes resta nenhuma ocupação senão, às vezes, definharem molemente e melancolicamente num cafezinho, chupando um cigarrinho triste...!”⁴⁵⁰ até que, devido a esta sua incapacidade, acabam por morrer rapidamente: “...as pessoas, muitas

⁴⁴² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴⁴³ Entrevista com Herman José.

⁴⁴⁴ Entrevista com Maria Elisa.

⁴⁴⁵ Entrevista com Joaquim Letria.

⁴⁴⁶ *idem*

⁴⁴⁷ *idem*

⁴⁴⁸ Entrevista com Maria Elisa.

⁴⁴⁹ Entrevista com Fernando Alves.

⁴⁵⁰ Entrevista com Joaquim Letria.

vezes, quando se reformam, morrem logo”⁴⁵¹ “... morrem! Rapidamente...!!”⁴⁵² e de forma fácil.

2.5.1.2. Desempregados: não encontram trabalho – só foram preparados para trabalhar

Dos desempregados que existem no mundo, muitos deles, provavelmente, nunca virão a trabalhar, “...talvez nunca mais trabalhem...!!...”⁴⁵³. Efetivamente, a busca que incessantemente farão ao emprego “Como se houvesse empregos para eles...!!”⁴⁵⁴ resultará inglória, pois há muitas situações em que “...o desempregado (...) nunca consegue encontrar emprego”⁴⁵⁵ porque, atualmente, “Não há os empregos!...”⁴⁵⁶. Assim, “Como é que ele encontra trabalho...”⁴⁵⁷ que não existe? – não encontra e, por isso, não poderá trabalhar: “Tem que trabalhar ainda, como!?!...”⁴⁵⁸.

Neste âmbito, a utilização da palavra “desempregado” revela-se inadequada e incorreta⁴⁵⁹, já que se encontrará ultrapassada, “Nós é que nos continuamos a enganar com palavreado inteiramente fora de... de... série, e de... e de... ocasião!...”⁴⁶⁰ – mas isso apenas teria cabimento no passado, na altura em que havia empregos para todos. E o motivo pelo qual ainda recorremos a este tipo de vocabulário inadequado, pois “Continuamos a dizer (...) desempregados!!...”⁴⁶¹ prender-se-á com o nosso hábito anterior - que se encontrará, na generalidade das pessoas, bastante estruturado - e consecutiva dificuldade presente de vivermos este outro tempo “...porque só estamos habituados a um processo, a um vocabulário (...) que é do passado...”⁴⁶². Essa dificuldade refletir-se-á, igualmente, no assumir - tanto por parte dos indivíduos em causa como da sociedade em geral - que estas pessoas não mais irão trabalhar

Os indivíduos erroneamente chamados desempregados têm que sobreviver no mundo mas, devido à inexistência de trabalho que lhes assegure o seu sustento, recebem

⁴⁵¹ Entrevista com Fernando Alves.

⁴⁵² Entrevista com Maria Elisa.

⁴⁵³ Entrevista com Adelino Gomes.

⁴⁵⁴ *idem*

⁴⁵⁵ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁴⁵⁶ Entrevista com Adelino Gomes.

⁴⁵⁷ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁴⁵⁸ *idem*

⁴⁵⁹ Segundo Agostinho da Silva, só poderíamos referir-nos deste modo a alguém que, não tendo emprego, houvesse emprego disponível para esse indivíduo. Como, atualmente, não será este o caso, não deveríamos utilizar o termo “desempregado”.

⁴⁶⁰ Entrevista com Adelino Gomes.

⁴⁶¹ *idem*

⁴⁶² Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

dinheiro do Estado para isso. Tal situação na qual a pessoa não paga o seu sustento através do próprio trabalho, a par com aquela do tempo livre que têm e que continuarão a ter, poderá transformá-los nas “...primeiras pessoas que hoje têm o tempo livre...”⁴⁶³ no mundo.

Nesta perspectiva, poderíamos considerá-los como gente do futuro. No entanto, será mais correto tomá-los, antes, como um esboço dessa gente do futuro, na medida em que ainda pertencem ao presente: “E sabe o amigo porque eles são do presente?”⁴⁶⁴ – é que “O dinheiro que eles recebem do Estado não cai do céu!!... aos trambolhões!!...!”⁴⁶⁵, pelo que outros têm que trabalhar para lhes assegurar o sustento, “É dinheiro de impostos... que alguém paga...!!... (...) muita gente, hoje, está pagando impostos para (...) os desempregados não morrerem de fome!”⁴⁶⁶, impostos estes que serão muito bem aproveitados no sustento desta “...gente que é a primeira de tempo inteiramente livre no mundo...!!...”⁴⁶⁷. Então, visto que ainda é o trabalho que os sustenta, já que outros têm que trabalhar para que eles possam viver, a subsistência dos chamados desempregados não é gratuita, já que depende igualmente do trabalho, mas do trabalho de outros.

Neste quadro, estes desempregados experienciarão grande sofrimento por se verem impossibilitados de viver de acordo com aquilo para que foram preparados⁴⁶⁸ no decurso de toda a sua vida.

Tal como os reformados, também os desempregados não serão capazes de ocupar saudavelmente o tempo livre⁴⁶⁹ que obrigatoriamente têm – o que acontecerá pelo mesmo motivo dos anteriores: tanto uns como outros terão sido apenas preparados para a vida militar, para serem soldados produtores.

⁴⁶³ Entrevista com Adelino Gomes.

⁴⁶⁴ Entrevista com Fernando Alves.

⁴⁶⁵ *idem*

⁴⁶⁶ *idem*

⁴⁶⁷ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁴⁶⁸ Se, por um lado, lhes está vedado o trabalho – porque não há – por outro lado também lhes estará vedado o uso do tempo livre – porque não foram preparados para isso. A acrescentar a isso, outros precisam de trabalhar para que aqueles possam dispor de meios de subsistência – o que será igualmente contrário aquilo para que foram preparados, onde o trabalho é sinónimo de honra.

⁴⁶⁹ Ocupar saudavelmente o tempo livre no sentido em saber desfrutá-lo livremente, com ocupações consonantes com o poeta que cada um é - isto é, cumprir-se.

2.6. A vida não vai continuar assim...

No atual mundo ocidentalizado em que vivemos e que se encontra em guerra contra a carência⁴⁷⁰, os valores e atitudes das pessoas regem-se pelas normas do modelo de economia capitalista e, como tal, coincidem mais com a artificialidade da vida – é o caso da valorização do dinheiro e do trabalho por oposição à vida gratuita e ao tempo livre – do que com aquilo que a natureza preconiza. E, deste modo, as pessoas vivem uma vida pouco natural.

Neste contexto, a inexistência de preparação para o tempo livre conduzirá a generalidade dos indivíduos que se veem impossibilitados de trabalhar – como os reformados e os desempregados, a um desespero “...terrível (...) para a vida deles...”⁴⁷¹. Esta vida aterradora não proporcionará condições favoráveis à realização da verdadeira tarefa ou objetivo que teremos neste mundo, e que será cumprirmo-nos – pelo que toda esta situação se poderá entender como um pesadelo para a maioria das pessoas, mas do qual se deverá acordar o mais depressa possível, “...quanto mais depressa eles se virem livres desse pesadelo, melhor!!...”⁴⁷². Até se conseguir ganhar esta guerra contra a carência, a vida continuará a ser difícil para nós; no entanto, e com o decorrer do tempo, cada vez menos haverá a obrigatoriedade de participar nas dinâmicas desta economia: “...espero que, um dia, tudo o que é obrigatório hoje para essa campanha de produção, as coisas se vão... vão melhorando de tal ordem que seja possível, a cada um, entrar o menos possível nesse jogo geral.”⁴⁷³.

Sendo o cumprir-se de cada pessoa o objetivo que realmente importa na vida, esta não pode nem vai continuar assim: “Essa gente julga que a vida (...) vai continuar exatamente assim?!!... Não!!...”⁴⁷⁴, um dia “Estoira!!”⁴⁷⁵ – entendendo-se, deste modo, que o mundo que existe e que está atualmente em guerra irá desaparecer.

⁴⁷⁰ Como já foi referido em 3.3.1., embora esta guerra seja necessária para vencer a carência no mundo, nós viveremos infelizes enquanto ela não tiver o seu fim – e será para esse fim que nos estaremos a encaminhar.

⁴⁷¹ Entrevista com Fernando Alves.

⁴⁷² *idem*

⁴⁷³ Entrevista com Isabel Barreno.

⁴⁷⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴⁷⁵ *idem*

CAPÍTULO III
Uma Revolução Salvadora de Poetas

“...teve que cumprir um dever – ser isto ou aquilo como trabalhador! (como nós somos hoje na vida!...) – terminada essa empresa, aparece o tempo de cada homem ser aquilo que realmente é: ser ao máximo, plenamente, aquilo que nasceu!!; e que marca a sua individualidade!!”

Entrevista com Adelino Gomes

“É evidente que, se eu estou a fazer geometria, e há uma linha que me aparece sempre reta, eu digo: a não haver qualquer coisa de inesperado, esta linha vai continuar reta! Se, por outro lado, uma linha começa a ter uma inclinação parabólica, eu digo: esta linha, o que vai gerar, o que vai dar de si é, efetivamente, uma parábola!...”

Entrevista com Joaquim Vieira

“...quando nós confiamos uma tarefa a uma máquina: confiança absoluta que ela vai preparar o nosso almoço quando se carrega num botão tantos minutos... e, depois, o que é que há a fazer?...(...) esperar que a máquina acabe a sua tarefa!...”

Entrevista com Isabel Barreno

1. Para cumprir a Criança: Revolução Salvadora de Poetas

- chegar à vida gratuita

1.1. Iniciar a Revolução Salvadora de Poetas: dar condições de vida

Todo este processo - que se desenvolverá na continuidade do modelo de economia capitalista - traduz-se no que Agostinho da Silva chama Revolução Salvadora de Poetas a qual, segundo ele, será para levar a cabo “...talvez uma revolução a fazer no mundo seja a revolução salvadora de poetas...”¹. Por meio desta revolução se proporcionará a todas as pessoas do mundo as respetivas “...condições materiais de vida...”² e se acabará com a carência de qualquer tipo, de modo a que cada criança que nasce possa viver aquela “verdadeira vida do homem” de que fala Agostinho, condição necessária “...para que cada criança que nasça possa continuar a ser poeta pela vida fora...”³.

1.2. Assegurar os três *esses*: Sustento, Saber e Saúde

- alicerce para outras culturas

Aquilo que do mundo irá desaparecer será, pois, a guerra contra a carência, cuja vitória trará a paz que se traduzirá na realização da “...verdadeira vida do homem”⁴ que consiste em “...ser poeta pela vida fora até ao fim: morra poeta!”⁵ - e para a qual se afigura indispensável ter, em primeiro lugar, todas as necessidades da vida asseguradas e satisfeitas “...o corpo satisfeito em todas as suas necessidades...”⁶.

Neste âmbito, e para que tal se efetive, será necessário proporcionar a todos os indivíduos as condições que Agostinho da Silva reúne num conjunto a que chama “os três *esses*” “Primeiro, eu acho que, para toda a gente, o que é necessário num país é haver os três esses (S’s)...”⁷ que passa a apresentar sequencialmente “...S número um - Sustento; S número dois - Saber; S número três - Saúde!”⁸.

Estes três *esses* - Sustento, Saber e Saúde - incluir-se-ão no domínio da cultura, e converter-se-ão, por sua vez, em instrumento possibilitador de acesso a outras formas

¹ Entrevista com Manuel António Pina.

² *idem*

³ *idem*

⁴ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁵ Entrevista com Manuel António Pina.

⁶ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁷ Entrevista com Maria Elisa.

⁸ Tais condições, sendo imprescindíveis para a subsistência dos seres humanos, sê-lo-ão também para a manifestação e expressão das respetivas e várias formas de cultura. Entrevista com Maria Elisa.

culturais - como a pintura, a poesia ou a matemática: “A cultura, para mim, não é pintar quadros ou saber poesia, fazer matemática – também é cultura!!...”⁹. No entanto, e em primeiro lugar, será preciso que aquela outra cultura, ou de base, se encontre resolvida para que se possa “...fazer essa cultura em cima da outra!...”¹⁰ pelo que, nesta perspectiva, proporcionar sustento, saber e saúde a todos os indivíduos será sinónimo de lhes “...dar tudo aquilo que é um alicerce e um degrau para a cultura!...”¹¹ – entendendo-se assim aqueles três *esses* como equipamento cultural que lhes possibilitará o acesso a outras culturas, porquanto, e só depois de garantidos, é que os indivíduos “...começam a ter interesses culturais!...”¹².

1.2.1. Subir a escada cultural, degrau a degrau

Nesta escada cultural formada por aqueles três *esses*, “A cultura começa...”¹³ no primeiro degrau que se nos apresenta e que corresponderá ao sustento “Então vamos começar pelo Sustento, primeiro degrau das coisas!...”¹⁴. Este só será ultrapassado quando todas as pessoas tiverem à sua disposição, para além dos alimentos que precisam, “...poderem comer o que devem comer...”¹⁵; abrigo digno, “...terem uma casa decente como deviam ter...!...”¹⁶; e vestuário, “...ter o vestuário que querem...!”¹⁷. Portanto, tratar-se-á de prover todas as pessoas dos recursos económicos necessários “...pôr toda essa gente com a capacidade económica - e livre!”¹⁸ para percorrerem o seu caminho sem tais constrangimentos. A este propósito, Agostinho da Silva lembra os benefícios que o modelo da cooperativa militar pode trazer às pessoas “...desde pequeno que eu ouço falar a amigos meus e parentes, que eram militares, nos benefícios trazidos pela cooperativa militar!”¹⁹ – pelo que defende então que “...o que seria muito interessante era fazer a experiência de adaptação de serviços militares à vida civil...”²⁰. No caso do sustento, por exemplo, “...aquela gente estava satisfeita porque comprava

⁹ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁰ *idem*

¹¹ *idem*

¹² *idem*

¹³ *idem*

¹⁴ *idem*

¹⁵ *idem*

¹⁶ *idem*

¹⁷ *idem*

¹⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁰ *idem*

mais barato...”²¹ e propõe, neste âmbito, uma possibilidade “...que se estendia a cooperativa militar a todo o Portugal (...) talvez Portugal pudesse ficar satisfeito por comprar também mais barato!!...”²², sugerindo que este poderá constituir um caminho capaz de nos conduzir ao sustento para todos, pelo que será conveniente explorá-lo “...há muita coisa a estudar nisso...!!!...”²³.

Transposto com êxito aquele primeiro degrau, esta subida cultural prosseguirá agora para o segundo degrau - o saber: “Ponho aqui agora cultura como o Saber.”²⁴ – onde aquilo que a cada um interessará aprender ou saber será escolhido pelo próprio, porquanto “...tudo quanto é interessante na vida deve ser sempre por opção!... – não haver nada obrigatório...!!!...”²⁵. Portanto, aqui “...as pessoas dizem qual é o seu interesse em saber - o que é que querem aprender!”²⁶ – sendo que este grupo de interesses incluirá praticamente tudo aquilo que poderemos ser e fazer na vida, como, por exemplo, aprender a ler, “...quando quiser, aprender a ler aquilo que lhe apeteça!”²⁷ ou “Aprender a bordar, aprender a pintar, aprender a cozinhar... - isso é cultura!!...”²⁸. Então, a escolha de cada um - que corresponderá aos seus interesses naquela determinada altura - terá a resposta adequada “...quero que o senhor nos ensine a ler!...” E eu ensinei a ler...!!!...”²⁹.

A saúde corresponderá ao terceiro degrau da escada da cultura e que, tal como os dois degraus anteriores, deve ser gratuita. Aqui, e tal como fez relativamente ao sustento, Agostinho sugere o recurso ao modelo da cooperativa militar – do qual se poderiam adaptar certos aspetos, porque considera que o “...serviço de saúde (...) é muito bom em quase todos os exércitos, em quase todas as forças armadas!!...”³⁰.

Deste modo, transpostos com êxito os respetivos três degraus culturais, e suportados pelo alicerce que o seu conjunto constitui, cada indivíduo terá então, e a partir daqui, condições para ser confrontado com outros interesses culturais e, em contexto de verdadeira liberdade “...viver uma vida completamente livre...”³¹ enquanto pessoa única com a sua cultura própria, estará em condições de “...contemplar o mundo, para

²¹ *idem*

²² *idem*

²³ *idem*

²⁴ Entrevista com Maria Elisa.

²⁵ Entrevista com Fernando Alves.

²⁶ Entrevista com Maria Elisa.

²⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁸ Entrevista com Maria Elisa.

²⁹ *idem*

³⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³¹ Entrevista com Baptista-Bastos.

colher toda a beleza do mundo, para ouvir a voz da deusa ...”³², cada um poderá, finalmente, escolher o meio que melhor servirá a expressão da sua própria e única poesia.

1.3. Capitalismo a (ultra)passar: chegar à vida gratuita

No futuro, a vida não mais será o tormento que tem sido – já que se nos tornará possível modificar ou restabelecer as condições ou circunstâncias que permitirão o cumprir-se de cada um “...que podiam perfeitamente ser modificadas...”³³. Esta possibilidade de modificação residirá na economia capitalista, “...o que podemos hoje fazer por meio da economia...”³⁴ – porque, afinal, será seu fim último prover a humanidade de altos níveis de produção compatíveis com as necessidades de subsistência de todos³⁵, o que permitirá ganhar a guerra contra a carência e chegar à meta que se pretende e que corresponderá à vida gratuita.

Ora, tais níveis de produção não se poderão atingir entretanto de outro modo, “...parece que não há outra forma de economia, por enquanto...”³⁶ que seja capaz de assegurar níveis de produção tão elevados “...senão esta economia competitiva em que estamos.”³⁷, e em que a concorrência que lhe está associada, nesta mesma perspectiva de produção, “...seja precisa para desenvolver o mundo...!”³⁸. Então, teremos que passar pelo capitalismo para, depois de ultrapassado, chegarmos à vida gratuita, mas por enquanto Agostinho está resignado ao facto de ser a economia capitalista a única “que pode desenvolver o mundo (...) é a única, creio eu, que pode realmente inaugurar a paz, não haver carência alguma para o mundo”³⁹. No estado de avanço civilizacional em que o mundo se encontrava, acreditava que “...só uma economia capitalista pode chegar até ao desenvolvimento pleno do mundo, acabar essa guerra contra a carência que vem de tão longe...!!”⁴⁰ - e assim se constituirá esta economia capitalista em único instrumento ou meio capaz de trazer o fim da carência ao mundo.

³² *idem*

³³ Entrevista com Herman José.

³⁴ Entrevista com Baptista-Bastos.

³⁵ O que corresponderá, nesta guerra onde todos estaremos envolvidos, à vitória contra a carência e consequente fim da guerra; e ao início da paz no mundo.

³⁶ Entrevista com Maria Elisa.

³⁷ *idem*

³⁸ Entrevista com Manuel António Pina.

³⁹ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁴⁰ Entrevista com Adelino Gomes.

Como tal, é este o modelo que atualmente domina o mundo, “E tem que dominar!...”⁴¹. Enquanto a respetiva capacidade de produção se revelar ainda insuficiente para responder satisfatoriamente às necessidades de todos os indivíduos, o “...processo de produção - tem que continuar no mundo com o mesmo sistema de produção...”⁴², o que ainda irá acontecer durante bastante tempo.

Contudo, quando se atingir o ponto em que a produção chegue para distribuir por todos, coincidirá também nesse ponto o fim daquele modelo económico, “A economia capitalista – que eles têm que levar até ao fim...”⁴³ - fim esse que corresponderá, no que diz respeito às condições de vida, ao tempo em que os primeiros seres humanos terão vivido no mundo⁴⁴ “...até à altura de podermos ter as mesmas condições...”⁴⁵, ou seja, que se chegue, tal como aqueles, à vida gratuita para todos.

1.3.1. Um descobrimento futuro: economia mais humana

Considerando então, por um lado, que temos que passar pelo modelo económico capitalista para, finalmente, o ultrapassar e, com isso, conquistarmos a nossa liberdade; por outro lado, sabemos que o tempo que vivemos sob tal jugo nos custará o sacrifício parcial da nossa humanidade: “...o facto da vida pesar sobre nós, e tem que pesar, e há de pesar, para se conseguir a vitória sobre a carência, uma porção de gente fica sacrificada...”⁴⁶. Pelo que será de todo o interesse que amenizemos os males da economia enquanto esta tem que durar; e, até, que possamos encurtar o seu tempo de vida, apressando-lhe a sua meta ou fim, por isso nos diz Agostinho: “Acho que se pode sempre progredir, e que (...) (nos podemos) aproximar daquilo que está mais certo racionalmente...!...”⁴⁷.

Nesta perspetiva, impõe-se um importante descobrimento a fazer que é “...ver de que maneira essa economia pode avançar mais rapidamente e mais humanamente do que tem avançado...”⁴⁸.

Tal tarefa que, afinal, consiste em indicar o caminho para a vida gratuita, caberia neste âmbito principalmente aos economistas, que teriam “...sobretudo a obrigação (...) de

⁴¹ *idem*

⁴² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴³ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁴⁴ Sem qualquer tipo de carência, tal como já foi referido no decurso do trabalho.

⁴⁵ Entrevista com Baptista-Bastos.

⁴⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁴⁷ Entrevista com Isabel Barreno.

⁴⁸ Entrevista com Joaquim Vieira.

dizer de que maneira é que nós podemos fazer avançar a gratuidade da vida!”⁴⁹, em vez de (se) distraírem com outros assuntos, como por exemplo “...andar a calcular inflações, e... ou taxas de juro, ou essas coisas desse género...”⁵⁰.

De toda a maneira, o que mais importa será nós não rejeitarmos essa ideia “...não como muita gente a vê, como uma coisa impossível de se realizar!”⁵¹, mas deveremos (man)tê-la presente para a concretizar no futuro, porquanto é “...necessário vermos a ideia do futuro (...) mas sobretudo como uma coisa possibilíssima de ser ultrapassada...”⁵².

Entretanto, e tal como a vida “Avança para isso...!”⁵³, nós deveremos igualmente avançar, encaminhando-nos no sentido da vida gratuita, “...estamos caminhando para isso!, para essa capacidade de tornar a vida gratuita para toda a gente!”⁵⁴ – mesmo sendo passo a passo, “...nessa história da vida gratuita, eu quero dizer apenas que tem que se ir por passos”⁵⁵, lenta e persistentemente “Passo a passo, linha a linha...”⁵⁶, de tal modo que “Espero que segunda feira, por exemplo, terça feira ou quarta feira, a vida seja mais barata!!...”⁵⁷. E um dia, finalmente, chegaremos à vida gratuita para todos “Acho que chegaremos a isso!”⁵⁸.

Segundo Agostinho da Silva, as crianças sabem que estamos perto do fim da guerra, “...os meninos, melhor que nós - porque já vêm a crescer para um terceiro milénio - os meninos, melhor que nós, já sabem que estamos perto desse fim...”⁵⁹, fim esse que trará a paz e o cumprir-se de cada pessoa no mundo.

1.4. Trabalhadores, desempregados, reformados: viver o tempo livre

A todos os trabalhadores, desempregados e reformados - gente a quem a existência do trabalho, de uma ou de outra forma, afetarà ou até destruirà o que cada um daqueles verdadeiramente é, será preciso criar condições para lhes facilitar a vida, “...tem que se ver se, de alguma maneira, se toma atenção a essa gente, se lhes facilita a vida...”⁶⁰.

⁴⁹ Entrevista com Manuel António Pina.

⁵⁰ Entrevista com Manuel António Pina.

⁵¹ Entrevista com Joaquim Letria.

⁵² *idem*

⁵³ Entrevista com Fernando Alves.

⁵⁴ Entrevista com Isabel Barreno.

⁵⁵ Entrevista com Manuel António Pina.

⁵⁶ Entrevista com Fernando Alves.

⁵⁷ Entrevista com Manuel António Pina.

⁵⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

⁵⁹ Entrevista com Maria Elisa.

⁶⁰ Entrevista com Fernando Alves.

Relativamente àqueles que têm tempo livre e que formam já um grupo muito numeroso “...e notar sobretudo que hoje, com o desempregado, já há muita gente de tempo livre...”⁶¹, gente e tempo livre que é positivo e deve ser “...preciso apoiar e aproveitar na sua plenitude...!!...”⁶². Particularmente no que diz respeito aos desempregados, será necessário esperar que estes abandonem a atitude de desesperadamente procurar emprego para se convencerem que já são reformados: “É apenas as pessoas esperarem que venha o momento não terrível, (...) uma altura em que tenham a certeza que já estão reformados...”⁶³.

Tal como estes desempregados já se encontram reformados - no sentido em que nunca mais irão encontrar emprego – também para quase todos aqueles que vão nascendo hoje no mundo, não irá “...haver emprego para eles!!...”⁶⁴, pelo que se encontrarão igualmente reformados, pois uma “...grande parte dessa geração já nasce reformada”⁶⁵, havendo, por isso, “...todas as probabilidades do menino ficar reformado – já ter nascido reformado...”⁶⁶, ou, então “...ser reformado antes de tempo (que haverá tanto trabalhador, que a gente pode dar a cada um cinco, dez anos de trabalho, e depois o larga...!)”⁶⁷ – ambas as situações serão positivas, e Agostinho apresenta-as como “...um bem!!!...”⁶⁸, já que é objetivo da nossa vida não ter necessidade de trabalhar “...haver essa reforma para toda a gente...!!...”⁶⁹.

Mas, e segundo Agostinho da Silva, “...nós ainda não tomámos a consciência plena disso...!!...”⁷⁰. Portanto, será melhor que nos possamos confrontar com esta realidade e que a consciencializemos desde já, para que entretanto sejamos capazes de tomar medidas favoráveis ao cumprir-se de cada um.

Para que tal possa acontecer, sabemos que, em primeiro lugar, “...nós temos que resolver esse problema de alimentar...”⁷¹ todas estas pessoas, temos que ter condições para dizer “...para comer, você tem à sua disposição o subsídio de desemprego...”⁷², o

⁶¹ Entrevista com Fernando Alves.

⁶² *idem*

⁶³ *idem*

⁶⁴ Entrevista com Maria Elisa.

⁶⁵ *idem*

⁶⁶ Entrevista com Joaquim Letria.

⁶⁷ *idem*

⁶⁸ Entrevista com Maria Elisa.

⁶⁹ *idem*

⁷⁰ *idem*

⁷¹ Entrevista com Adelino Gomes.

⁷² Entrevista com Fernando Alves.

qual não virá do trabalho de ninguém e, para outras situações, “...podem dirigir-se a outro lugar onde lhes dizem: você tem à sua disposição isto...”⁷³.

Paralelamente, e tendo em consideração que, por ser cada indivíduo único no mundo será a sua prestação, de igual modo, também única neste mesmo mundo, “Porque agora já estamos pensando que há mais coisas...!... Que há o tal ideal de, depois de realizarmos um empreendimento, deixar uma determinada profissão, para sermos nós próprios!...”⁷⁴. É, por isso, preciso identificar o respetivo interesse para que cada um possa ocupar o tempo de que dispõe em algo que seja do seu próprio proveito porquanto é particularidade sua, “...então o que você precisa de ter é alguma coisa de si mesmo (...) se é um poeta... (...) ou um músico... ou qualquer coisa...”⁷⁵, e prover cada pessoa dos respetivos meios de expressão que lhe possibilitem “...avançar nesse campo...”⁷⁶; para isso, em seguida e muitas vezes também paralelamente, dever-se-á “...instruir (...) e educar os homens de tempo livre...”⁷⁷, de modo a que aprendam a utilizar aqueles meios adequados ao desenvolvimento e à expressão desse seu interesse e, dessa forma “Ele devia ter a possibilidade de, depois, se exprimir por aquele meio...!!”⁷⁸. Também para todos aqueles que, mais tarde no tempo de reforma, se possam expressar, sendo, então “...inteiramente esse poeta que nasci, e não o soldado que me habituaram a ser...”⁷⁹; e, finalmente, haja condições para que todos os seres humanos se possam cumprir “...para que eles sejam plenamente os tais poetas à solta de que falamos...!...”⁸⁰.

1.5. Ciência e técnica: arma eficaz para ganhar a guerra e chegar à vida gratuita

1.5.1. Libertar da carência e do trabalho

Para se conseguir chegar ao ponto que se pretende, dispomos de uma arma ou instrumento muito eficaz: trata-se da ciência e da técnica, cujos avanços que se têm verificado nestes domínios cada vez mais nos aproximarão da vida gratuita: “...uma ciência e uma técnica avançando fortemente, dia a dia, para que cada um na vida possa

⁷³ Entrevista com Fernando Alves.

⁷⁴ Entrevista com Joaquim Letria.

⁷⁵ *idem*

⁷⁶ Entrevista com Manuel António Pina.

⁷⁷ Entrevista com Adelino Gomes.

⁷⁸ Entrevista com Joaquim Letria.

⁷⁹ Entrevista com Herman José.

⁸⁰ Entrevista com Adelino Gomes.

ter tudo aquilo que quer”⁸¹. Para já terá que ser esse o nosso trabalho, “...essa nossa corrida para o aperfeiçoamento cada vez maior, para a maquinização, para a informática, para os computadores, para essa coisa toda, possivelmente nos levará a um tempo em que nós podemos igualar...”⁸² as condições de abundância, nos vários aspetos da vida, de que terão usufruído os primeiros seres humanos na terra.

Se, por este meio, alcançarmos alimento para todos, também disporíamos do tempo livre que a utilização das máquinas proporcionará, pois “...vai haver tanta máquina... - fazendo tanta coisa...! – em lugar de se fazer por humanos”⁸³. Só com um sistema de produção avançadíssimo conseguiremos que “...cada vez mais a máquina fa(ça) trabalho que caberia em geral ao homem...”⁸⁴, o que terá implicações muito positivas para as pessoas num futuro próximo, no sentido de as libertar para que se possam cumprir “...haverá mais crianças que não vão ser soldados produtores!...”⁸⁵.

1.5.2. Avanços na ciência e na técnica

Neste contexto que se entende favorável ao cumprir-se de cada um, já que “...a ciência e a tecnologia avançam para isso...”⁸⁶, sabemos, no entanto, que ainda não chegámos lá, precisando, ainda de “...se progredir muito... na mecânica!!... E na ciência, tudo isso...”⁸⁷ – sendo necessário criar muitas máquinas novas e aperfeiçoar outras já existentes que, efetivamente, nos possam libertar totalmente do trabalho. A este propósito, Agostinho refere como exemplo o automóvel, para cuja condução se prescindiria de qualquer instrumento, “...nem sequer tem computador nenhum...”⁸⁸, bem como de todos os comandos que atualmente nos obrigamos a manipular: “...hoje o grande automóvel seria o automóvel inteiramente automático ao qual nós comunicássemos o nosso pensamento...”⁸⁹ e, através do nosso pensamento, ele nos transportasse para onde queríamos.

Portanto, se por um lado nos poderá parecer que nos encontramos já suficientemente avançados “...quando se compara com o passado, nós temos, numa série de campos,

⁸¹ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁸² Entrevista com Baptista-Bastos.

⁸³ Entrevista com Maria Elisa.

⁸⁴ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁸⁵ *idem*

⁸⁶ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

⁸⁷ Entrevista com Fernando Alves.

⁸⁸ Entrevista com Herman José.

⁸⁹ Entrevista com Herman José.

avançado bastante...”⁹⁰, e embora possamos ter dúvidas sobre se outros avanços virão, ou não, a ocorrer “...nunca se sabe, com certeza, se podemos avançar mais ou não...!”⁹¹, deveremos compreender que, afinal, ainda precisamos de progredir muito em vários domínios. Para Agostinho da Silva, e dada esta necessidade, isso será possível “Eu estou convencido que sim, que se pode avançar mais!...”⁹².

1.5.2.1. É possível avançar mais

Tais avanços, que se revelam necessários, são possíveis já que o nosso conhecimento sobre a ciência é ainda muito incompleto e, portanto, tem muitíssima margem de progressão. Por exemplo, a matemática ainda se encontra aquém das suas reais potencialidades, “Porque se ela tivesse avançado todos os passos que era necessário, nenhum físico ficava repousado no Princípio de Heisenberg que apenas garante uma probabilidade...”⁹³, e não está completa porque ainda não encontrou equações para tudo. Sendo a matemática “...a linguagem da ciência...”⁹⁴, então qualquer saber científico se apresentará, de igual modo, incompleto.

No entanto, muito daquilo que atualmente não compreendemos da linguagem matemática, aquelas coisas que por agora “...parecem não existir por aí...”⁹⁵, poderá ser ultrapassado. Neste contexto, a incompletude da mesma ciência tenderá a reduzir-se cada vez mais: “Vamos a ver agora se, com essa história da geometria fractal, e coisas semelhantes, a matemática avança mais um passo...!!...”⁹⁶ e tal progresso reflectir-se-á igualmente em avanços em outras ciências.

Portanto, e relativamente à questão de se chegar ao ponto em que poderia haver equações para tudo e conseqüente solução para qualquer problema que a ciência “Até hoje não encontrou...”⁹⁷, Agostinho sugere que a todos os problemas da humanidade poderão ficar resolvidos “...se um dia ela (a matemática) encontrar equações para tudo...”⁹⁸.

⁹⁰ Entrevista com Manuel António Pina.

⁹¹ *idem*

⁹² *idem*

⁹³ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁹⁴ *idem*

⁹⁵ Entrevista com Joaquim Letria.

⁹⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁹⁷ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁹⁸ *idem*

1.5.3. Aplicar bem a ciência

Toda a ciência e a respetiva aplicação são duas situações diferentes “Não se deve confundir ciência com a aplicação da ciência!... Engenharia genética é a aplicação prática – ou se quer fazer prática – de uma ciência que é a genética, a qual faz parte da biologia!... São coisas distintas!”⁹⁹ e, não raro, a aplicação da ciência se reveste de riscos que será preciso prevenir, podendo, por isso, não ser o momento certo para que tal ocorra pois as teorias podem não ter sido bem compreendidas, “...porque o tempo pode não ser o exato, ou a maneira como as pessoas o entenderam pode não ser a certa...”¹⁰⁰. Colocar em prática certas teorias poderá desvirtuá-las de tal modo que os que as pensaram “...eles próprios poderiam considerar errada se tivessem que a olhar, pode ter sido erro...!”¹⁰¹. Por isso, torna-se necessário tomar muito cuidado nessa aplicação, contextualizando e procurando sempre entender as reais intenções dos cientistas.

Dever-se-á assumir “...uma atenção científica completa!...”¹⁰², adotando aquela determinada postura que Agostinho da Silva identifica como “...atitude científica...”¹⁰³ e que caracteriza deste modo “...estar solidamente ancorado no presente, não esquecer nenhum dos passos do passado, nem esquecer nenhuma possibilidade do futuro...!”¹⁰⁴. Nesta perspetiva, e relativamente ao que se pode entender que será uma boa utilização da tecnologia, deveremos ter em atenção que “O que tem importância é pôr os princípios fundamentais para que serve essa tecnologia, o que nós queremos fazer com ela, e a que ponto vamos chegar se a empregarmos bem!!!...”¹⁰⁵ - isto, tendo sempre em vista a meta que se pretende, e à qual se deverá e se poderá chegar “...o que estou convencido é que se pode chegar ao porto que se imaginou, que se pode ir lá!”¹⁰⁶, o qual consiste, como dissemos já, na vida gratuita para todos, “...questão de vontade (...) e de (...) técnica...”¹⁰⁷, bem como de determinadas dinâmicas do mundo são “...uma questão de sorte – ou daquilo a que chamamos sorte no mundo!”¹⁰⁸ – enfim, de todos estes fatores reunidos.

⁹⁹ Entrevista com Adelino Gomes.

¹⁰⁰ Entrevista com Baptista-Bastos.

¹⁰¹ Segundo Agostinho da Silva, tal ter-se-á passado com a aplicação de teorias de Marx, de Freud e de Einstein. Entrevista com Baptista-Bastos.

¹⁰² Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁰³ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

¹⁰⁴ *idem*

¹⁰⁵ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁰⁶ Entrevista com Manuel António Pina.

¹⁰⁷ *idem*

¹⁰⁸ *idem*

E será para essa meta, para se conseguirem as condições possibilitadoras de cada um se cumprir naquilo que é, que “...avança a ciência e avança a tecnologia (...) ser o poeta que nasce, e poeta inteiramente livre...”¹⁰⁹.

2. Futuro: revolução salvadora de poetas - Ser Criança

2.1. Futuro: do provável, podemos escolher aquilo que nos dê liberdade

Quando nos situamos no futuro do mundo e falamos sobre esse futuro, falamos sempre, e apenas, do que disso podemos entender e, portanto, prever: “...quando nós falamos do mundo e do futuro do mundo, estamos falando do que é previsível aqui neste... nesta parte do universo que nós entendemos...!!...”¹¹⁰. No entanto, e segundo o Princípio de Heisenberg, nenhum acontecimento ocorrerá com toda a certeza no futuro, mas apenas haverá a probabilidade disso acontecer, “...um princípio da Física, chamado o Princípio de Heisenberg, que diz apenas que tal acontecimento é provável!! (...) que o futuro é apenas alguma coisa de provável!”¹¹¹. Nessa perspectiva, e relativamente ao dito acontecimento, “...nada garante que esse seja o futuro!...”¹¹².

No entanto, e apesar de Agostinho da Silva pensar que sempre existirá aquele princípio da física, declara que nos será possível fazer, aí, uma escolha de liberdade “...nós podemos escolher do provável aquilo que nos dê a nós e aos outros liberdade!...”¹¹³.

2.1.1. Futuro: a ideia de um presente melhorado ao máximo

Em tal contexto, não devemos deixar de considerar que o futuro que antevemos e que escolhemos corresponderá – porque estará associado - à nossa ideia do presente, mas deste presente melhorado ao máximo que nos é possível imaginar: “...se perguntam a uma pessoa o que pensa que é o futuro, cuidado (...) porque ele está sempre imaginando um presente mais avançado...!!...”¹¹⁴. Posição que Agostinho reforça e sublinha através do seu próprio exemplo: “...quando eu próprio digo que o futuro será de tal maneira, estou apenas a dar a ideia de um presente melhorado ao máximo que eu posso

¹⁰⁹ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

¹¹⁰ Entrevista com Joaquim Letria.

¹¹¹ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

¹¹² Entrevista com Joaquim Letria.

¹¹³ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

¹¹⁴ Entrevista com Joaquim Letria.

imaginar!...”¹¹⁵. O que não significa necessariamente “...que o futuro não vai para além daquilo que eu não posso nem sequer imaginar...!!...”¹¹⁶. Em tal perspetiva, ser-nos-á lícito considerar e admitir até que “Tudo pode ser excedido em termos tais que nem a mais ousada das poesias ou das músicas é capaz de chegar a isso!”¹¹⁷, passando o mundo a apresentar-se “...de tal maneira que nós nem a pudéssemos entender...!!...”¹¹⁸. Portanto, deveremos preparar-nos e abrir-nos agora a todas e quaisquer possibilidades de vida para o futuro, e não definir e nos restringirmos apenas a uma conhecida e específica, “Porque quem sonhar o mundo que existe como diferente, está enganado!”¹¹⁹. Aliás, se a vida tem que ser tudo¹²⁰ - no sentido literal do termo – não a poderemos entender enquanto restrita apenas àquilo que cremos incluir-se no domínio do que arbitrariamente qualificamos como sendo positivo, mas a vida será verdadeiramente completa: “...se ela tiver que ser completa, ela tem que ser, ao mesmo tempo, essa particulazinha fundamental – o racional e o irracional, o bem e o mal, o aceitável e o inaceitável, etc...”¹²¹. Pelo exposto, o que poderemos constatar é que agora não nos é possível prever e definir esse futuro, uma vez que “...o fundamental vai ser, um dia, alguma coisa de perfeitamente indefinível!”¹²², o que estará em consonância com o ser poeta à solta nesse mundo, onde “Sonhar, é daí para diante!... – é para o futuro!!”¹²³.

2.2. Um futuro: o mundo irá mudar muito rapidamente

Depois de alertar para a possibilidade de quaisquer ideias de futuro serem suscetíveis de não se realizarem tal como se preconiza, Agostinho da Silva vai apresentando, nesse quadro, as suas conjeturas sobre esse tempo do mundo.

Muitas dessas ideias são consideradas, por parte de grande número de pessoas, utópicas – o que não será revelador de algo especial, já que “De uma maneira geral, todas as ideias que visam ao futuro são utópicas!”¹²⁴ – e isso acontece, simplesmente, porque ainda não se concretizaram no mundo, “Ainda não estão realizadas em parte

¹¹⁵ Entrevista com Joaquim Letria.

¹¹⁶ *idem*

¹¹⁷ *idem*

¹¹⁸ *idem*

¹¹⁹ Entrevista com Isabel Barreno.

¹²⁰ Como foi referido no ponto 2.3.4.

¹²¹ Entrevista com Manuel António Pina.

¹²² *idem*

¹²³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹²⁴ *idem*

alguma...”¹²⁵, só por isso, e “...não como muita gente a vê, como uma coisa impossível de se realizar!”¹²⁶. Neste sentido, as ideias que tem e que são qualificadas como utópicas até se poderão tornar atrativas devido a esse motivo: “...são tanto mais atrativas quanto menos realizadas são!”¹²⁷.

Assim, para Agostinho importa que tenhamos a ideia de futuro como algo a realizar, “É, portanto, necessário vermos a ideia do futuro (...) sobretudo como uma coisa possibilíssima de ser ultrapassada...”¹²⁸, até porque esse futuro que trará grandes mudanças se aproxima muito rapidamente, movimentando-se em contínuo estado de aceleração: “...parece que o mundo está fazendo história da mesma maneira que há a lei do afastamento das galáxias...!...: quanto mais longe, mais depressa!”¹²⁹. Aliás, a confusão generalizada que hoje se observa no mundo será um sinal que anuncia essas grandes mudanças que estão muito perto, “...a afirmação de muita coisa que um dia pode nascer, e ser útil!!...”¹³⁰. Consequente acontecerá o desmoronamento e fim daquilo que não mais interessará no mundo mas que, na sua agonia, reagirá com algum ruído “...e com a afirmação de muita coisa que, por estar desabando, bate o pé!”¹³¹. Relativamente a toda esta dinâmica, apresentar-se-ão em seguida alguns exemplos.

2.2.1. Não haverá economia

A economia capitalista, e tudo aquilo que lhe está diretamente associado e dependente, irá desaparecer do mundo. Podemos referir a Europa capitalista “O que vai desaparecer na Europa, provavelmente, é, apenas, uma parte da Europa... que se tinha instalado como uma empresa económica, uma empresa industrial...”¹³² e, com essa Europa, acabará definitivamente a competição, “...estamos cada vez mais perto do fim dela...!...”¹³³, bem como o dinheiro e aquilo que ele significa para muitos enquanto único objetivo de vida “...é um pesadelo de que (...) é possível acordar...”¹³⁴. Deixará de se cobrar dinheiro, ou pagar, por quaisquer serviços prestados, podendo “...ter o ideal de, um dia, nunca mais ninguém reclamar honorários por isto ou por

¹²⁵ *idem*

¹²⁶ Entrevista com Joaquim Letria.

¹²⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹²⁸ Entrevista com Joaquim Letria.

¹²⁹ Entrevista com Maria Elisa.

¹³⁰ Entrevista com Manuel António Pina.

¹³¹ *idem*

¹³² Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹³³ Entrevista com Maria Elisa.

¹³⁴ Entrevista com Fernando Alves.

aquilo...!!”¹³⁵, já que a vida será gratuita e não haverá este conceito de trabalho como necessidade para nos assegurar a subsistência, “...porque não precisa!!... Não é por virtude...!!... - É porque realmente não precisa...!!...”¹³⁶. Neste âmbito, e relativamente às dívidas de muitos países “Quando vejo fazer cálculos como é que (...) paga as dívidas ...são biliões e biliões de contos...!!”¹³⁷, elas nunca serão pagas “...nunca ninguém vai pagar a ninguém...!!... coisa nenhuma!!...”¹³⁸, porque antes “Rebenta tudo!!...”¹³⁹, convertendo-se aquela economia apenas numa recordação, chegando ao “...ponto em que toda a economia desaparecerá, em que será apenas uma recordação do passado...”¹⁴⁰. Passado este que, como temos observado, foi muito sofrido e doloroso para quase todas as pessoas do mundo porquanto lhes terá custado o sacrifício da sua humanidade. Neste futuro sem economia, isso não mais acontecerá porque esse contexto terá deixado de existir, tendo a europa¹⁴¹ - que era aquele mundo ocidentalizado - sido substituído por outro com características diferentes, a Europa “...está desaparecendo para realmente se construir a outra Europa!”¹⁴².

2.2.2. Sociedade: instituições e crime irão desaparecer

Num mundo onde todos somos os poetas à solta que nascemos “...porque a criança cresce livremente, ninguém a impede de ser naturalmente o que é...”¹⁴³, cada pessoa deverá viver a própria vida como realmente gosta e escolhe vivê-la “...o ideal seria que cada pessoa pudesse viver a sua própria vida da sua própria maneira...”¹⁴⁴, sem interferir na dos outros e, de igual modo, sem os outros interferirem na sua “...sem intercalar nada na vida dos outros, sem modificar em nada a vida dos outros.”¹⁴⁵.

Nesta vida caracterizada pela liberdade total e, muito particularmente, pela gratuidade, “...como consequência disso...”¹⁴⁶, agora “...a vida não lança sobre nós todas as durezas de combate que costuma(va) lançar no quotidiano...”¹⁴⁷, o crime

¹³⁵ Entrevista com Joaquim Letria.

¹³⁶ *idem*

¹³⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹³⁸ *idem*

¹³⁹ *idem*

¹⁴⁰ Entrevista com Adelino Gomes.

¹⁴¹ Ponto

¹⁴² Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁴³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁴⁴ *idem*

¹⁴⁵ Se tal não nos parece possível de todo, recordemos o conceito de utopia de Agostinho da Silva...
Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁴⁶ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁴⁷ *idem*

“...desaparecerá do mundo!...”¹⁴⁸, pelo que deixará igualmente de existir a prisão que consiste no próprio medo “...nunca mais (...) ter medo dessa figura terrível que (antes) não consegue arredar que é a figura do crime!”¹⁴⁹, bem como todas aquelas que, de um modo ou de outro, aprisionam psicologicamente cada pessoa. E, relativamente às instituições que também a aprisionam fisicamente, em tal contexto a sua existência não fará qualquer sentido, pelo que irão seguramente desaparecer: “...o que sei, é que essas instituições são temporárias...!!...”¹⁵⁰. E Agostinho reforça esta sua posição augurando que “...um dia se chega a isso...!!... (...) Acho que sim!”¹⁵¹.

Entretanto, e enquanto esse dia não chega, ainda haverá necessariamente algumas amarras que nos prenderão - como por exemplo determinadas regras de conduta nas relações interpessoais, já que “As pessoas tomarem liberdade para si, isso é fácil; dar aos outros é que é mais complicado!...”¹⁵² – o que pressupõe a continuação do estabelecimento de determinados procedimentos a que todos terão que obedecer deixando “...muito claro aquilo que se pode e que não se pode fazer!”¹⁵³ para que possamos entender-nos e coexistir o melhor possível, sempre na esperança de “...que é possível darmos-nos todos bem assim no mundo!!...”¹⁵⁴.

2.2.3. Povos do mundo: gente de várias etnias misturada em todos os continentes

Tal como hoje já se pode observar a mistura de pessoas de várias raças num mesmo lugar do mundo “A qualquer parte onde as pessoas vão hoje, dizem: “Ah! Havia lá muita gente amarela...!!..., muito chinês, muito japonês, muito não sei quê, etc....!!...”¹⁵⁵, assim será no futuro.

O contexto do mundo atual “...com as emigrações sucessivas, facilidades de comunicação, as crises que surgem nos países, e que levam à emigração...”¹⁵⁶, a par dos baixos índices de natalidade que se têm verificado na Europa por oposição às elevadíssimas taxas de natalidade e de ocupação demográfica de outras partes do mundo, constituem um conjunto de fatores que se revela favorável às migrações

¹⁴⁸ *idem*

¹⁴⁹ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

¹⁵⁰ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁵¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁵² Entrevista com Alice Cruz.

¹⁵³ *idem*

¹⁵⁴ *idem*

¹⁵⁵ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁵⁶ *idem*

populacionais pelos vários continentes do planeta e, conseqüentemente, à tendência para a mistura dessas populações em todo o mundo.

Particularmente no que se refere aos países da Europa, estes irão receber e ser ocupados por muitas pessoas dos outros continentes “...vai levar a muita emigração de gente para a Europa!...”¹⁵⁷, gente oriunda de todo o mundo “...da África (...) do Oriente - Pequim, e o que vier do outro lado da América, já do Oriente veio...”¹⁵⁸. Então, por exemplo, no caso de França, os franceses “...deviam pelo menos entender que não têm muito menino, não nasce muito menino na França...!...”¹⁵⁹ mas que, havendo tantos países no mundo com tanta população, esta tenderá a distribuir-se por outros lugares – incluindo esse país “...aquilo não vai ficar vazio...!...”¹⁶⁰. Assim sendo, e neste caso da população europeia do futuro, o cenário será este: “Um dia, são os africanos, ou são os orientais, ou são os latino-americanos – os americanos ibéricos, não é?...”¹⁶¹.

Tal cenário verificar-se-á por todo o mundo onde encontraremos todas as populações misturadas nos vários continentes “...o mundo futuro?!... Vai ser um mundo... de todos... a população de todos os continentes misturada com a população de todos os continentes...!...!”¹⁶².

Segundo Agostinho da Silva, esta visão do mundo futuro não pode ser considerada utópica “...utópico só quer dizer que ainda não há em lugar nenhum!!, não quer dizer mais nada, não é?...”¹⁶³, porque afinal já existe um lugar no mundo onde essa mistura se verifica “E há num lugar – já há no Brasil...”¹⁶⁴.

Apesar de atualmente existir muita carência neste país “...no Brasil há muita falta (...) Com criança abandonada...!! Criança vivendo maltratada, na miséria...!...”¹⁶⁵ – que não é o que se quer – na perspectiva que vimos a tratar, e que é relativa à mistura das populações no mundo, podemos considerar hoje este país como modelo do mundo futuro, cuja mistura populacional forma uma cultura geral que respeita a cultura de cada pessoa: “O Brasil é o modelo do futuro quanto à mistura de populações e ao gosto de se encontrar, um dia, uma cultura que, sendo geral, respeite a cultura de cada um!...!!!”¹⁶⁶.

¹⁵⁷ *idem*

¹⁵⁸ *idem*

¹⁵⁹ Entrevista com Manuel António Pina.

¹⁶⁰ *idem*

¹⁶¹ *idem*

¹⁶² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁶³ *idem*

¹⁶⁴ *idem*

¹⁶⁵ *idem*

¹⁶⁶ *idem*

Portanto, nesta sequência e ressaltando o estado de carência que referimos, porque “...não queremos modelos desses para ninguém!!!”¹⁶⁷, diremos antes que o Brasil é esse modelo ou imagem do mundo futuro, mas “...uma imagem, quer dizer, muito melhorada!!...!!!...”¹⁶⁸.

2.2.4. Sem uso da racionalidade, sem separação

A bem de podermos viver a verdadeira vida cumprindo-nos, uma das prisões que deixará de existir corresponderá a tudo aquilo que se inclui no domínio da racionalidade – pelo que nos será dado assistir ao desmoronamento das ideologias e dos modelos racionais da explicação do mundo e isso acontecerá associado a muita resistência e confusão no mundo, deixará “...muita poeira...!!!...”¹⁶⁹.

Depois de assentar essa poeira, deixaremos igualmente a separação das coisas - passando a viver de acordo com o fundamental, e que consiste essencialmente em viver a totalidade, juntando e integrando aquilo que, até aí, teríamos considerado como inconciliáveis opostos “Porque se o fundamental do mundo apenas tiver o que nós achamos bom, o que nós achamos racional, o que nós achamos científico, etc., ela é metade do mundo!!...”¹⁷⁰ e a obrigação de cada um é não se restringir apenas a uma coisa da vida, mas sim estar aberto a todas as que o mundo nos sugerir.

A este respeito, e no domínio da religião, a igreja “...mais bem pensante seria aquela que as pensasse todas juntas”¹⁷¹ – tornando-se, portanto, uma única a integrar todas “E que desse, com o resumo geral, sem coibir em nada, e sem prender em nada, as integrasse todas num todo!”¹⁷². Mas, como tal religião “Até agora, ainda não apareceu”¹⁷³, este campo tem sido palco de violentas consequências das separações. Superando isso, o que, no futuro, deverá aparecer “Pode ser que efetivamente apareça...”¹⁷⁴, será uma metafísica ou um pensamento que não se ligará necessariamente a culto ou fé “...pode ser simplesmente uma coisa que se chame metafísica, ou pensamento - sem se ligar a uma ideia de culto ou de fé...!”¹⁷⁵.

¹⁶⁷ *idem*

¹⁶⁸ *idem*

¹⁶⁹ Entrevista com Manuel António Pina.

¹⁷⁰ *idem*

¹⁷¹ Entrevista com Herman José.

¹⁷² *idem*

¹⁷³ *idem*

¹⁷⁴ *idem*

¹⁷⁵ *idem*

Assim, nesta perspetiva de abrangência e totalidade, não mais haverá exclusividade para a razão “Quando chegarmos ao fundamental, eu quero ver como é que se usa a razão!!...”¹⁷⁶ – questão que Agostinho coloca, e à qual responde perentoriamente e sem hesitações, afirmando que, no futuro, se dispensará completamente o uso da razão “Não se usa coisa nenhuma!!”¹⁷⁷.

2.2.5. Ser Criança ou Poeta à solta...

Todo este panorama futuro que apresentamos é utópico, mas apenas no sentido que já referimos “...no sentido de que ainda não existe...”¹⁷⁸, porquanto deverá vir a existir “...podemos caminhar para isso...”¹⁷⁹, cumprindo-nos finalmente todos como os poetas à solta que nascemos. Depois de concluída a empresa que, até aí, fomos carregando “...até que cada homem possa cumprir a sua verdadeira missão na vida que é ser poeta criador...!!, e não trabalhador!...”¹⁸⁰, passaremos a ter tempo livre “...nós vamos poder ter o ócio, o lazer criador...”¹⁸¹ - sobre o que Agostinho da Silva afirma “Acho que caminhamos para isso...”¹⁸².

No entanto, a maior parte das pessoas que existem atualmente no mundo não se encontrarão preparadas para essa vida futura indo “...ter uma vida - para que a maior parte não está preparada...”¹⁸³ porque não conhecem a sua verdadeira natureza “...não assimilou a natureza da vida!!”¹⁸⁴. Se a isto acrescentarmos, como já dissemos anteriormente¹⁸⁵, que os acontecimentos se poderão precipitar inesperadamente “...de maneira que podemos ter rapidamente surpresas...!!...”¹⁸⁶, compreenderemos a necessidade premente de todos nos prepararmos para tal maneira de viver.

2.2.6. Idade do Espírito Santo: a Criança Imperador

O desaparecimento do mundo tal como atualmente se apresenta, a que se seguirá um outro no qual irá “...o divino resplandecer por todo o mundo...”¹⁸⁷ tem vindo a ser

¹⁷⁶ Entrevista com Manuel António Pina.

¹⁷⁷ *idem*

¹⁷⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁷⁹ *idem*

¹⁸⁰ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁸¹ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁸² Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁸³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁸⁴ *idem*

¹⁸⁵ Ver ponto ?

¹⁸⁶ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁸⁷ Entrevista com Herman José.

anunciado, em Portugal, desde o século XIII pela “...gente da Santa Isabel e do D. Dinis...”¹⁸⁸, e corresponde à teologia que “...Joaquim de Fiore proclamou (...) na Itália...”¹⁸⁹. Dali, e por via do casamento daquela rainha cujo confessor era o franciscano Arnaldo de Vilanova, terá essa ideia do mundo penetrado em Portugal, e de tal forma isso aconteceu que aqui logo houve uma forte identificação com ela “...aceitaram com uma alegria, um júbilo, realmente extraordinários...”¹⁹⁰.

Para anunciar que “...vamos entrar (...) na Idade do Espírito Santo!”¹⁹¹ e o respetivo espírito “...inspirador de uma nova época...”¹⁹², os portugueses “...faziam o Culto do Espírito Santo...”¹⁹³, festa prospetiva cujas celebrações consistem sumariamente em três passos: a coroação de uma criança como imperador do mundo; o bodo gratuito para todos os presentes; e o abrir da prisão pela criança coroada.

Segundo Agostinho da Silva, aqueles três passos são plenos de simbolismo, correspondendo a cada um deles uma mensagem particular, respetivamente: o governo do mundo pela criança; vida gratuita para todos; e liberdade plena para todos.

Assim, proclama-se ser a criança quem tem condições de “...ser imperador do mundo...”¹⁹⁴, pelo que “...são as crianças que vão dirigir o dito mundo”¹⁹⁵. Nesse mundo, “...a vida deixará de pesar (...) sobre nós...”¹⁹⁶, porque não existirá qualquer tipo de carência, antes havendo total abundância, havendo “...tudo para todos...”¹⁹⁷, uma vez que no futuro que se anuncia a vida passará, finalmente, “...a ser gratuita para toda a gente...”¹⁹⁸.

Tais condições de vida, a par da liberdade plena que iremos ter quando “...o menino imperador do mundo (...) abrir as cadeias, soltar todos os presos...”¹⁹⁹, pelo que logo “...nos veremos livres das cadeias...”²⁰⁰ de qualquer tipo, já que estas cadeias ou prisões se podem apresentar sob variados aspetos, cada criança será finalmente livre de crescer “...sem nenhuma espécie de pressão deformante, inteiramente à sua

¹⁸⁸ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

¹⁸⁹ Entrevista com Joaquim Letria.

¹⁹⁰ Entrevista com Joaquim Letria.

¹⁹¹ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁹² Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁹³ Entrevista com Fernando Alves.

¹⁹⁴ Entrevista com Joaquim Vieira.

¹⁹⁵ Entrevista com Herman José.

¹⁹⁶ Entrevista com Manuel António Pina.

¹⁹⁷ Entrevista com Adelino Gomes.

¹⁹⁸ Entrevista com Isabel Barreno.

¹⁹⁹ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²⁰⁰ Entrevista com Manuel António Pina.

vontade...²⁰¹, com “...o menino não sujeito a nenhuma espécie de disciplina...”²⁰² e “Inteiramente com tudo aquilo a que nós podemos chamar liberdade...”²⁰³. Assim, todas as crianças poderão “...crescer, desenvolver-se e chegar a adultas (...) sem nós, os adultos, perdermos a criança que já fomos...”²⁰⁴.

Paralelamente, a não existência de prisões pressupõe também que o crime tenha “...desaparecido da Terra...!!”²⁰⁵, o que virá seguramente a acontecer, já que podemos “...ter a certeza de que daí por diante, sendo o menino livre e sendo a vida gratuita...”²⁰⁶, estarão reunidas as condições para que tal se realize.

Num mundo assim, todos seremos sempre crianças a usufruir verdadeiramente da vida. Para Agostinho da Silva, e independentemente do modo por que se apresenta “...com um feitio, ou outro feitio; de uma maneira, ou de outra maneira...”²⁰⁷, será esta a meta a que todos os seres humanos aspiram chegar, acrescentando que a Idade do Espírito Santo “...talvez, realmente um dia, tome conta de todo o mundo!...”²⁰⁸.

3. Como viver o Presente e preparar o Futuro

3.1. Aprender a viver o presente para a meta do futuro

A fim de nos encontrarmos preparados para esta vida de surpresas que se desenha, e enquanto não se concretiza a tal revolução salvadora de poetas, devemos ir vivendo o tempo presente com essa meta em vista “O presente (...) é como nós, quando marchamos para nos dirigirmos para alguma coisa (...) vamos marchando...!!... – É como hoje!!...”²⁰⁹.

E, durante esse percurso, “...nós temos também que o guiar para o futuro, para lhe dar a ideia do que vai ser o futuro...”²¹⁰, pelo que será crucial ir aprendendo instrumentos que nos permitam levar a cabo, com êxito, a difícil navegação que teremos que fazer e que já se terá iniciado, “...já partimos donde partimos, ainda não chegámos onde queremos

²⁰¹ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁰² Entrevista com Fernando Alves.

²⁰³ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁰⁴ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁰⁵ Entrevista com Fernando Alves.

²⁰⁶ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²⁰⁷ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁰⁸ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁰⁹ Entrevista com Fernando Alves.

²¹⁰ Entrevista com Joaquim Letria.

chegar”²¹¹, o caminho será longo porquanto é “...extremamente difícil, navegar no tempo em que estamos...!!...²¹²”. Portanto, enquanto navegadores que terão já embarcado, todos deveremos conhecer e saber utilizar os tais necessários instrumentos que nos poderão assegurar uma navegação sem intempéries muito significativas, tanto exteriores como interiores: “...olhe, eu digo sempre a todos os meninos: Meu querido amigo, aprenda – e bem aprendido! – a não enjoar a bordo!”²¹³.

Nesta perspetiva, e considerando que “...é positivo tudo aquilo que constrói, que vai adiantando a construção!!... E negativo tudo aquilo que para a construção...”²¹⁴ apresentaremos, em seguida, esses modos de viver que devemos utilizar, e alguns outros que deveremos evitar tanto quanto possível.

3.1.1. Amar a Vida: vivê-la naturalmente em alegria e curiosidade

O modo como todos nós devemos viver no presente, enquanto seres humanos que caminham para aquele futuro que apresentámos, traduz-se essencialmente em amar cada vez mais a vida “...temos é que amar cada vez mais a vida e a ter cada vez mais ampla...”²¹⁵, o que cada um fará com o respetivo contributo que, para isso, é capaz de dar “...e fazemos tudo na nossa pequena área, ou na nossa área maior para que ela assim seja...”²¹⁶. Este amor pela vida revelar-se-á na expressão da alegria – ou entusiasmo - com que celebraremos a vida “Se andando vivos na vida (...) chegemos a ter um entusiasmo...”²¹⁷, alegria essa que será sempre comunicativa e que, por sua vez, se deverá também espalhar aos outros “...e comunicativo, contagioso, para todos aqueles que conosco lidarem...”²¹⁸.

Outro aspeto a salientar que faz naturalmente parte da nossa vida traduz-se na curiosidade que, como tal, deve ser cultivada - no sentido de todos a procurarmos satisfazer sempre ao máximo, seja em que área for. Isso deverá acontecer de tal modo que nos possamos tornar aí peritos, como diz Agostinho “...de maneira a tornarem-se peritos nessa área de curiosidade!!...”²¹⁹. Para que tal possa acontecer, a organização da sociedade deverá, tanto quanto possível, apresentar-se com capacidade de resposta a

²¹¹ Entrevista com Fernando Alves.

²¹² Entrevista com Manuel António Pina.

²¹³ *idem*

²¹⁴ Entrevista com Fernando Alves.

²¹⁵ Entrevista com Herman José.

²¹⁶ Entrevista com Herman José.

²¹⁷ *idem*

²¹⁸ *idem*

²¹⁹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

todos os desafios que vão surgindo “...que a organização em sociedade que possa ser de tal maneira que eles possam satisfazer essa curiosidade completamente!!!”²²⁰.

Neste âmbito, tentaremos desviar-nos e evitar tudo o que é suscetível de nos trazer tristeza e que se nos apresenta como contrário à verdadeira vida – a qual será sempre natural – como, por exemplo, a artificialidade das grandes cidades “...que estão a deitar por fora, que já não aguentam mais gente!...”²²¹, tornando-se lugares onde é praticamente impossível viver de acordo com a natureza, pois aí “...a pessoa é submetida a uma vida que não é natural!..., que não é vida!!...”²²².

Tal como esta situação se apresenta negativa à vida por lhe ser contrária, de igual modo a expressão de determinados comportamentos e verbalizações que eventualmente possamos fazer se inclinarão para o mau – como refere Agostinho da Silva a propósito de determinado discurso²²³: “Mauista é o meu amigo – com *u*... (...), não com *o* – quer dizer, porque se inclina para o mau, e não para aquilo que é bom!...”²²⁴, e lamenta tal inclinação “...Que pena!...”²²⁵. Assim sendo, devemos antes inclinar-nos para aquilo que é capaz de nos levar a bom porto.

3.1.2. Não ter qualquer poder e propriedade

Devemos principalmente renunciar a ter qualquer espécie de poder “...sobretudo, fugir do poder!!”²²⁶ – tarefa que se pode tornar muito difícil de concretizar, dado o nosso historial anterior onde isso tanto se privilegia “...a coisa em que tem que tomar mais cuidado (...) coisa extremamente difícil!!...”²²⁷.

Nesta sequência, todos nós deveremos compreender e assumir que não temos que ter sempre certezas na vida, mas nela integraremos também as nossas dúvidas “É preciso que tenhamos certezas na vida, mas é preciso também que um grande número de dúvidas nos acompanhe...”²²⁸. Aliás, e a este propósito, nunca poremos de lado a possibilidade de aquilo que se nos apresenta em determinada altura como sendo uma

²²⁰ *idem*

²²¹ *idem*

²²² *idem*

²²³ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso: Agostinho da Silva fez este jogo de palavras imediatamente na sequência de uma observação do seu entrevistador, a respeito de ser ou não maoista.

²²⁴ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²²⁵ *idem*

²²⁶ Entrevista com Manuel António Pina.

²²⁷ *idem*

²²⁸ Entrevista com Alice Cruz.

verdade, afinal não o ser, pois nunca devemos “...julgar que aquilo em que se acredita é efetivamente a verdade!!”²²⁹.

Com esta atitude de não apropriação da verdade, não correremos o risco de nos julgarmos algo diferente do que realmente somos, ficando presos a essa eventual falsa imagem de nós próprios, “...para não perdermos a cabeça...!, para não nos julgarmos uma coisa diferente da que somos!!...”²³⁰. Nesta perspetiva, e igualmente, será da maior importância não nos convenceremos que compreendemos todos os sinais da vida “...sobretudo não ficarmos presos à ideia de que nós entendemos todos os sinais da vida...”²³¹.

Tal como não devemos convencer-nos ou apropriar-nos daquilo que julgamos que é a verdade, tampouco devemos apoderar-nos de coisa alguma da vida e do mundo “É bom perder os poderes!!... (...) É bom não poder mandar em gente!!...”²³². Assim, a atitude que deveremos assumir será a de distanciamento em relação àquele conjunto de coisas e situações associadas ao sentido de posse e de prestígio, não permitindo que isso, de um modo ou de outro, se possa constituir, para nós, numa prisão “...nem ser apanhado pela luta do prestígio: ter mais valor que os outros, ser sobranceiro aos outros...”²³³. Assim, devemos ter bem consciente o verdadeiro objetivo das nossas vidas que é cumprirmo-nos, pois se existimos não é “...para ganhar dinheiro...!...; para fazer figura...!...; (ou) para ganhar cargos...!...”²³⁴.

Especificamente no que se refere ao dinheiro, precisamos de abandonar a sua perseguição e respetivos comportamentos que a caracterizam “Hoje, toda a gente está com a mania de viver o mais depressa possível para ganhar dinheiro o mais depressa possível para meter no banco o mais depressa possível...”²³⁵. Viveremos apenas tranquilamente a vida, não adotando tais comportamentos - mas adotando outros que traduzem a vontade que aqueles terminem, e onde se inclui o fim da competição: “A atitude tem que ser, ao mesmo tempo, a de sonhar, a de desejar que essa competição acabe...!”²³⁶.

²²⁹ Entrevista com Manuel António Pina.

²³⁰ Entrevista com Alice Cruz.

²³¹ Entrevista com Herman José.

²³² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²³³ Entrevista com Manuel António Pina.

²³⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²³⁵ *idem*

²³⁶ Entrevista a Maria Elisa.

3.1.3. Ser egoísta até deixar de o ser

Outra das atitudes que se podem incluir no domínio do poder consiste na apropriação da pessoa por ela própria – trata-se daquilo que habitualmente designamos por egoísmo, e traduz-se no pensamento e nas ações da pessoa sempre em função de si própria²³⁷.

A existência de egoísmo em determinada pessoa revelar-se-lhe-á na imagem que vê no espelho quando se lhe coloca por diante: se ali vir refletida a sua própria imagem, isso significará que é egoísta: “Enquanto vir a si próprio, está errado, e precisa de ser egoísta!!...”²³⁸. Portanto, enquanto egoísta que é, mas que quer deixar de ser, terá entretanto que se ocupar sobretudo de si “O que é preciso, quanto a gostar dela própria, é que a pessoa faça o favor de fazer, quanto a si, tudo o que é preciso...”²³⁹ – processo que irá continuar e durar até ao ponto em que o espelho não mais lhe devolverá a própria imagem, pois “...a pessoa só deve poder deixar de ser egoísta quando olhar para o espelho e nunca vir a cara própria...!!...”²⁴⁰, mas sim outra imagem qualquer “Vê sempre outra coisa qualquer no dito espelho, e não a si própria.”²⁴¹. Deste modo, ao viver o seu egoísmo até o esgotar completamente no sentido de criar as condições para, depois, ser capaz de o abandonar “Se a pessoa não fez consigo tudo quanto achava necessário fazer para se esquecer de si mesmo, está errada!”²⁴² pelo que, nesta perspetiva, a pessoa terá agido corretamente, terá deixado de ser egoísta porquanto foi capaz de “...se esquecer de uma altura por diante completamente daquilo que é, ou daquilo de que precisa.”²⁴³, atingindo o dito ponto que corresponderá ao esquecimento de si própria e respetivas necessidades, pelo que toda a pessoa “...deve ser egoísta até esse ponto...”²⁴⁴.

Neste âmbito, e tendo como critério o benefício da pessoa²⁴⁵, Agostinho da Silva considera a existência de dois modos diferentes de se ser egoísta: um negativo e outro positivo. Relativamente ao primeiro, a pessoa que o pratica prejudica-se “...julgando que se faz um favor...!”²⁴⁶, já que “...se mete numas aventuras e numas manias que só

²³⁷ Mesmo que, muitas vezes, não nos pareça egoísmo, nem o próprio reconheça determinada ação sua como tal - é o caso referido no ponto ?, em que determinado indivíduo dá uma grande esmola.

²³⁸ Entrevista com Alice Cruz.

²³⁹ *idem*

²⁴⁰ *idem*

²⁴¹ *idem*

²⁴² Entrevista com Alice Cruz.

²⁴³ *idem*

²⁴⁴ *idem*

²⁴⁵ Entendendo-se como benefício, neste contexto específico, o abandono do próprio egoísmo; e, no contexto mais abrangente, o cumprir-se de cada pessoa.

²⁴⁶ Entrevista com Herman José.

o vão (...) diminuir...”²⁴⁷, em vez de orientar o seu comportamento para o seu benefício, procedendo de maneira a “...que aquilo que faz seja sempre alguma coisa que o melhora a ele...”²⁴⁸ - portanto, este tratar-se-á de um comportamento “...estupidamente egoísta...”²⁴⁹; por outro lado, já o segundo pode melhorar a natureza da pessoa, beneficiando-a: “Então a grande sorte é quando se é egoísta a ponto de aquilo que se faz aos outros nos servir a nós para melhorarmos, quanto possível, na natureza que somos!”²⁵⁰.

3.1.4. Cumprir e aprender a viver o tempo livre

Como ainda temos que ser soldados produtores e aprender uma profissão para realizar trabalho, então “É preciso que, a um tempo, o menino que nasce hoje saiba, se for preciso, cumprir uma determinada profissão...!, realizar um determinado trabalho!...”²⁵¹. Trabalho esse que deverá ser o mais simples possível “...às vezes, relativamente fácil...”²⁵² e cuja tarefa de aprendizagem se reduzirá, de igual modo, à maior simplicidade possível “...que ele pode aprender mais facilmente do que pode aprender, hoje, a manejar uma peça de artilharia ou um instrumento de engenharia qualquer para uma construção militar ou não...!”²⁵³. O que realmente importa é que não seja descuidada a preparação para viver o tempo livre “...é alguma coisa que se tem que ver desde hoje, e desde hoje modificar!!!”²⁵⁴, pelo que, a par daquela rápida aprendizagem para a vida militar²⁵⁵, será imprescindível aprender-se a viver como civil para, ao mesmo tempo podermos ser “...soldados e poetas!!”²⁵⁶ – e é nesta perspetiva que Agostinho da Silva propõe a união da vida militar com a civil “...fazerem dois serviços: serviço militar e serviço civil!!”²⁵⁷, o que equivale a dizer que devemos reunir a tarefa de cumprir do soldado “...se alguém fizesse treino de cumprir (...) muita repartição, muito serviço, funcionaria muito melhor do que funciona...!!...”²⁵⁸, com a

²⁴⁷ *idem*

²⁴⁸ *idem*

²⁴⁹ *idem*

²⁵⁰ *idem*

²⁵¹ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁵² Entrevista com Joaquim Letria.

²⁵³ *idem*

²⁵⁴ *idem*

²⁵⁵ Cujo fim se prevê ser rápido.

²⁵⁶ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁵⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁵⁸ *idem*

atividade de criação do poeta, para poder “...viver uma vida em que haja cumprimento das coisas e, ao mesmo tempo, a habilidade de criação...”²⁵⁹.

Portanto, e porque existem ainda instituições que importa funcionarem o melhor possível, para já não devermos prescindir do serviço militar, “Não é a destruição do serviço militar que importa!!...”²⁶⁰, mas pensá-lo de um modo novo: “...como é que serviço militar e serviço civil, e comunidades civis, se podem coordenar!!..., se podem casar!!...”²⁶¹. Compete, então, realizar esta coordenação entre os dois serviços, atendendo a que, entretanto, o civil se deve apoiar no militar “...pela tal história do verbo cumprir!!”²⁶².

No entanto, devemos cuidar em não nos entregarmos ao trabalho em demasia, mas cumprir apenas o estritamente necessário e deixar, sempre que possível, tempo livre para usufruirmos: “É preciso que a preguiça – aquilo que eu chamo preguiça ou ócio – seja uma reação a ocupações que não têm interesse...!!...”²⁶³.

Deste modo, e caminhando assim com vista ao futuro, podemos “...simultaneamente, guardar para nós, dentro de nós - para quando nos reformarmos, para todo o momento que tivermos livre...!!”²⁶⁴, a possibilidade real de virmos a cumprir-nos enquanto poeta à solta que cada um de nós é.

3.1.5. Não pensar e ouvir a voz da Vida

O tempo livre permite, privilegiadamente, o encontro de cada um com a sua própria pessoa, em especial nos momentos em que “...a pessoa está sozinha, está sobre si própria, consigo mesma...”²⁶⁵, o que se pode converter em vadiagens interiores: “O interessante é vadiar muito, e conversar pouco!... Ou, enquanto se faz a vadiagem, conversar por dentro...!!”²⁶⁶. Esta solidão poderá constituir-se, para a pessoa, em “...uma ocasião extraordinária de diálogo consigo própria...”²⁶⁷ e com outros seres humanos “...que, ao mesmo tempo, seja pronto para todos os contactos humanos que seja preciso...”²⁶⁸, e poderá também conduzir a outros contactos de natureza diferente

²⁵⁹ *idem*

²⁶⁰ *idem*

²⁶¹ *idem*

²⁶² *idem*

²⁶³ Entrevista com Fernando Alves.

²⁶⁴ Entrevista com Joaquim Letria.

²⁶⁵ Entrevista com Alice Cruz.

²⁶⁶ Entrevista com Fernando Alves.

²⁶⁷ Entrevista com Alice Cruz.

²⁶⁸ *idem*

“...humanos, ou não!...”²⁶⁹ já que, deste modo, nos predisporremos a ouvir outras vozes, como a voz de Deus ou a voz da Deusa²⁷⁰.

Estar apto a ouvir tais vozes significará que se é capaz de escutar a ciência, a arte, a mística: “...agora vamos não dizer a voz da Deusa (que é para não imitar o Camões!) nem vamos dizer a voz de Deus (que é para não imitar o Vieira!), mas vamos dizer a voz da ciência, a voz da arte, a voz da mística...”²⁷¹ a que, afinal, podemos chamar a voz da Vida “...escutar a vida...”²⁷². Tal processo de escuta consiste em tudo o que é capaz de nos libertar das amarras do espaço e do tempo, “...de tudo aquilo que efetivamente nos pode libertar, cada uma à sua maneira, do espaço e do tempo!!...”²⁷³, devolvendo-nos, por isso, a pessoa poeta que somos.

Para conseguirmos que aquela voz chegue até nós e a possamos escutar, é necessário que fiquemos o mais possível calados e quietos, o que devemos fazer essencialmente na nossa cabeça “...é uma boa ideia deixar a cabeça repousada...”²⁷⁴, procurando esvaziá-la o mais possível de quaisquer pensamentos “...dentro da nossa cabeça o menos possível de pensamentos...”²⁷⁵, principalmente aqueles pensamentos “...que nos digam respeito só a nós...”²⁷⁶. Assim, e em vez de “...encher a cabeça de coisas que podem não ter importância no mundo...”²⁷⁷, antes criaremos nela o espaço necessário à entrada de outros pensamentos e ideias - o que será o mesmo que dizer que criaremos condições em nós que nos permitirão, então, ouvir a voz da Vida.

3.1.6. Viver calmamente e evitar decisões definitivas

Nesta mesma perspetiva, “A vida tem que se viver calmamente!!”²⁷⁸, pelo que devemos procurar vivê-la sem pressas, dando ao tempo o tempo que este precisa para que as dinâmicas do mundo se desenvolvam naturalmente. A este propósito, Agostinho da Silva refere que, por vezes, a vida se nos apresenta com determinadas situações que nós

²⁶⁹ *idem*

²⁷⁰ As expressões “voz de Deus” e “voz da Deusa” foram utilizadas pelo Padre António Vieira e por Luís de Camões, respetivamente:

²⁷¹ Entrevista com Fernando Alves.

²⁷² Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁷³ Entrevista com Fernando Alves.

²⁷⁴ Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁷⁵ Entrevista com Fernando Alves.

²⁷⁶ *idem*

²⁷⁷ Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁷⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

entendemos como sendo recuos²⁷⁹, mas isso não será assim “...a vida é também para perder anos, não é só para ganhar...!!...!”²⁸⁰. Portanto, nós deveremos confiar na vida, vivendo-a sempre o mais respeitosamente possível “...todos nós que podemos devemos andar devagar, ritualmente, respeitosamente...!!”²⁸¹. Também, e no entanto, por vezes a vida incita-nos a algumas pressas dá-nos “...uns empurrões...”²⁸² pelo que, nestas situações, nós deveremos agir em conformidade, passando, então, a “...andar um pouco mais depressa!...”²⁸³ – mas apenas nos comportaremos deste modo nessas situações, as quais constituem exceção no percurso da vida, sem deixar-mos que isso passe a “...ser a norma!!”²⁸⁴ já que, sublinhamos, “A norma deve ser viver a vida respeitosamente!!...”²⁸⁵. Outro aspeto que importa considerar será evitar tomar decisões definitivas ou resolver completamente qualquer situação-problema que se nos apresente no nosso percurso de vida, temos que “...tomar cuidado em nunca resolver coisa nenhuma...”²⁸⁶, pelo que deveremos procurar adiar isso sempre “...ir sempre adiando a resolução – ou aquilo que lhe parece ser atingir a verdade...”²⁸⁷.

Se tal atitude a ter se deverá, por um lado, ao cuidado em evitar a posse da verdade²⁸⁸, por outro lado também prevenirá a redução do nosso leque de escolhas na vida. Assim, e como sabemos, escolher uma via implica excluir todas as outras possíveis, “...a pessoa que, de repente, tomou uma resolução, não quer saber de mais nada que aquilo que venha depois...”²⁸⁹ e, deste modo, ela fechará a porta ao futuro, impedindo-se de viver outras experiências que lhe poderiam estar reservadas “...e pode não experimentar as coisas que seriam magníficas para a sua vida...”²⁹⁰.

²⁷⁹ É o caso de se ser obrigado a repetir determinado ano de um percurso escolar, o que se poderá dever ou atribuir a qualquer motivo; nesta situação, costuma-se dizer que tal indivíduo perdeu um ano (da sua vida)... Contudo, nesta perspetiva, isso não deverá ser assim entendido.

²⁸⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁸¹ *idem*

²⁸² *idem*

²⁸³ *idem*

²⁸⁴ *idem*

²⁸⁵ *idem*

²⁸⁶ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁸⁷ *idem*

²⁸⁸ Como referido no ponto 3.1.3.

²⁸⁹ Entrevista com Adelino Gomes.

²⁹⁰ *idem*

3.1.7. Boiar e esperar que a vida venha ao nosso encontro

Neste espírito de respeito pela vida e da confiança que nela depositamos²⁹¹, devemos procurar não nos anteciparmos à vida e estabelecermos, nós próprios, planos para o percurso de cada um “...em lugar de estarmos continuamente fabricando planos para a vida...”²⁹², porque essa atitude que eventualmente tomarmos poderá dificultar e contrariar aquilo que verdadeiramente nos caberá fazer, atrapalhando “...os planos que a vida tinha para nós...!!”²⁹³ - mas deveremos simplesmente esperar que a vida venha ao nosso encontro e nos indique o caminho a seguir: “...sobretudo há que aprender uma coisa que é: esperar que a vida venha no seu caminho e nos incite àquilo que temos que fazer...”²⁹⁴.

Assim, em primeiro lugar temos que deixar que as forças desconhecidas da vida se manifestem “...temos que deixar que aconteçam, e continuar o nosso caminho calmamente...”²⁹⁵. Desta forma se poderá prevenir o risco de nos desviarmos desse nosso caminho.

Perante a eventual existência de dúvidas da nossa parte sobre se a ação que compreendemos que devemos desenvolver será mesmo a correta, basta seguir a nossa vontade e fazer aquilo que realmente nos apetece fazer naquela determinada situação, pois isso “...é capaz de ser o correto...!!...”²⁹⁶. De qualquer modo, e se mesmo assim nos enganarmos, o resultado apresentar-se-á sem mais delongas “E depois, se se errou, se não caiu na hora certa, sabe-se quase imediatamente que não deu na hora certa!... Não era aquilo mesmo!... Não é?...”²⁹⁷. E, assim sendo, poderemos escolher outra via.

Portanto, deve-se sempre agir deste modo, ao qual Agostinho da Silva se refere como “boiar”: “Boiar: e deixar que a vida lhe traga os problemas que ele vai tentar resolver, se puder!... Mais nada!!...”²⁹⁸.

²⁹¹ Porque não ignoramos que ela sabe imensamente mais do que nós sobre nós próprios e sobre o respetivo percurso que nos caberá desenhar no mundo.

²⁹² Entrevista com Baptista-Bastos.

²⁹³ *idem*

²⁹⁴ *idem*

²⁹⁵ Entrevista com Alice Cruz.

²⁹⁶ Entrevista com Isabel Barreno.

²⁹⁷ *idem*

²⁹⁸ Aqui se incluirá também a capacidade de improvisação, referida no ponto ? Entrevista com Baptista-Bastos.

3.1.8. Realizar ideias quando as condições permitem dando um passo em frente

E assim, boiando na vida, vamos acompanhando o seu ritmo “...acelerado, ou não!! Do ritmo de desenvolvimento (...) da vida!”²⁹⁹, e será de acordo com este ritmo que deveremos conduzir e adequar a nossa ação, “Ver-se em que ponto se está da História (...) temos de tomar muito cuidado com o que existe...!!”³⁰⁰. Nesta perspetiva, e antes de encetarmos qualquer ação que constitua novidade, deveremos ser capazes de observar e avaliar o estado do mundo naquela altura, como um bom político o olha: “O mundo de hoje tem de ser olhado como um bom político (...) com uma atenção política...”³⁰¹ e comportarmo-nos em conformidade com a avaliação que fizermos.

Nesta sequência, a escolha da realização, ou não, de determinadas ideias que eventualmente possamos ter dependerá do resultado daquela avaliação “...fazendo aquilo que é possível, e negando-se a fazer o que parece incompatível com o resto do mundo e com o estado do mundo...!!”³⁰² – isto, a bem da aceitação dessas ideias naquele dado contexto “...e só fazer naquele momento aquilo a que o resto pode responder!”³⁰³.

Entretanto, deveremos continuar atentos aos desenvolvimentos do mundo, esperando a mudança de condições que venha a possibilitar a concretização de tais ideias “...procurando sempre que apareçam as condições para que tal ou tal coisa se realize...!”³⁰⁴.

Todavia, estes cuidados a ter não deverão ser sinónimo de se caminhar exatamente a par do mesmo ponto em que o mundo se encontrará naquela altura “Há momentos em que pode ser que a vida seja perturbada, mas é preciso fazer alguma coisa que fica para todo o futuro!!...”³⁰⁵, tentando avançar mais um pouco, “...procurando sempre dar um passo em frente...”³⁰⁶ na direção do que pensamos e queremos que seja o futuro “...avançar sempre para a ideia que se tem do futuro!!”³⁰⁷.

²⁹⁹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³⁰⁰ Entrevista com Isabel Barreno.

³⁰¹ *idem*

³⁰² Entrevista com Isabel Barreno.

³⁰³ *idem*

³⁰⁴ *idem*

³⁰⁵ Entrevista com Joaquim Vieira.

³⁰⁶ *idem*

³⁰⁷ *idem*

3.1.9. Dificuldades na vida para nos aperfeiçoarmos ao máximo

Quando confrontados com a adversidade durante o respetivo percurso pelo mundo, geralmente as pessoas reagem com desorientação “...de súbito as coisas mudam, e a pessoa fica completamente desorientada sem parar sequer um momento...”³⁰⁸ – mas este não será o comportamento adequado. Devemos, antes, procurar ficar calmos “...é preciso que a pessoa, numa altura dessas (...) esteja calmo”³⁰⁹ e, por outro lado, “...o que se tem que fazer é ser ao mesmo tempo (...) objetivo, perante a realidade que existe!”³¹⁰, procurando encontrar um modo de ultrapassar aquela dificuldade.

Mas, se não vislumbrarmos qualquer solução a que possamos chegar através dos nossos próprios meios, o que haverá então a fazer, num contexto o mais possível tranquilo, será pensar bem e esperar o tempo necessário “...deixe suceder mais um tempo, veja o que lhe vai aparecendo...”³¹¹; paralelamente, deveremos procurar compreender o que a vida nos pretenderá revelar, e também para o que nos estará a solicitar, “...pacientemente e humildemente, ver o que a vida lhe está querendo dizer, e a que ponto está empurrando...!!”³¹². Isto porque tal situação que se nos apresenta como sendo adversa ou negativa poderá, afinal, proporcionar-nos algo de muito positivo, encaminhando-nos no sentido para que deverá apontar e se orientar a nossa vida: “...aquilo que aparece contra, eu acho que deve ser sempre olhado como alguma coisa de positivo, e tirarmos um proveito para avanço daquilo que, para muita gente, parece significar um recuo...!!...”³¹³ - que o tempo se incumbirá de nos mostrar, ou não... “...e depois reflita se, realmente, não avançou com aquilo que lhe parecia negativo...!”³¹⁴.

Tal terá, muito provavelmente, acontecido - já que muitas vezes a vida nos exercitará por meio da adversidade, no sentido de nos ajudar a que nos possamos cumprir “...afinal, é com o esforço de subir um degrau que a pessoa chega ao patamar...!!...”³¹⁵.

A este respeito, Agostinho da Silva sublinha que existem no mundo grandes obras cuja criação se deverá àquilo que habitualmente incluímos na categoria de adversidades ou ocorrências negativas – este será o caso dos romances de Dostoievski, que sofria de epilepsia “...discutir se o Dostoievski, geneticamente epilético, devia ter sido, logo à nascença (...) curado dessa epilepsia o que o curaria, por exemplo, de ter feito

³⁰⁸ Entrevista com Herman José.

³⁰⁹ *idem*

³¹⁰ Entrevista com Isabel Barreno.

³¹¹ Entrevista com Herman José.

³¹² Entrevista com Baptista-Bastos.

³¹³ Entrevista com Fernando Alves.

³¹⁴ Entrevista com Herman José.

³¹⁵ *idem*

romances...!!...”³¹⁶, e acrescenta que, não raro, as boas obras se realizam devido àquilo que chamamos defeitos; e o que as abate é aquilo a que chamamos qualidades “...muitas vezes, o que nós verificamos é que são os defeitos que fazem as boas obras; e as qualidades, aquelas que muitas vezes as abatem...”³¹⁷.

Assim sendo, “Talvez a vida nos ponha degraus bastante fortes para nós darmos boas passadas, exercitarmos bem nossos músculos, e chegarmos aos patamares mais altos que há...!!...”³¹⁸. Pelo que Agostinho da Silva declara “De maneira que tudo quanto surge adverso ou contrário, me parece extremamente interessante...!!...”³¹⁹ e aconselha, metaforicamente, a não impedirmos o escultor de ir esculpindo, nesta pedra que somos nós, aquela estátua que terá nos seus planos “...para ver se ela não é uma pedra que está recusando o cinzel do escultor que a quer tornar menos pedra, e mais estátua...”³²⁰.

³¹⁶ Entrevista com Adelino Gomes.

³¹⁷ *idem*

³¹⁸ Entrevista com Herman José.

³¹⁹ Entrevista com Fernando Alves.

³²⁰ Entrevista com Herman José.

CAPÍTULO IV

**A Educação como caminho para a (re)emergência da
Criança:
uma Universidade Diversidade Agostiniana**

“...um dia as crianças estarão livres de serem modeladas, ou deformadas (...) pelas famílias ou pelas escolas; que um dia a vida deixará de pesar – e duramente! – sobre nós pela maneira económica como está travada, não?; e que um dia, por exemplo, nos veremos livres das cadeias...”

Entrevista com Manuel António Pina

“...porque vive a vida, e é educado pela vida!”

Entrevista com Cáceres Monteiro

1. O Presente: Educação e Universidade sob a lei dos mercados

1.1. Escola fornecedora de soldados produtores

No contexto do atual mundo ocidentalizado, sublinhamos que, para Agostinho da Silva, a educação se apresenta como uma importante instituição à qual cabe uma função fortemente socializadora e, portanto, normalizadora dos indivíduos¹ - o que se poderá observar, também, na etimologia da palavra educar, onde se associam e se encontram presentes duas ações facilmente identificáveis com tal normalização: conduzir e reduzir “...educar já tem um elemento que significa *conduzir*...!... – é parente dessa palavra!... E até, possivelmente, o elemento de *reduzir*...”². Neste sentido, e porque tais ações se revelam claramente contrárias ao cumprir-se de cada um, poderemos compreender Agostinho quando se refere à educação nestes termos “...educar (...) essa horrível palavra!...”³. Paralelamente, e nas condições em que o indivíduo se encontrará - conduzido e reduzido pela educação - tornar-se-lhe-á praticamente impossível realizar a respetiva e necessária obra de criação única, uma vez que “...para o educar, nós não estamos a dar tudo o que é necessário para ele construir o edifício à sua maneira, segundo o seu gosto...!”⁴.

No entanto, e como já tivemos oportunidade de referir⁵, ao atual modelo de economia de mercado associar-se-á a guerra contra a carência e respetivo exército de produção, o qual ainda terá que lutar até que a guerra tenha um fim e se concretize a vitória contra a carência. Portanto, a atual necessidade da existência desta instituição - que é a educação – no contexto daquele modelo, residirá no serviço que esta lhe prestará, principalmente enquanto entidade fornecedora dos soldados produtores para o respetivo exército de produção “Porque há tarefas de produção em que temos que nos empregar, e de que temos que dar conta!”⁶.

1.1.1. Educação obrigatória

Neste contexto, cumprir um percurso escolar apresenta-se às pessoas, geralmente, como algo relevante e necessário “Digo que, nas condições atuais, eles têm mesmo que

¹ Como referido no capítulo III. A Humanidade, pontos

² Entrevista com Joaquim Letria.

³ Entrevista com Adelino Gomes.

⁴ Entrevista com Joaquim Letria.

⁵ No capítulo III. A Humanidade.

⁶ Entrevista com Joaquim Vieira.

estudar!!⁷ – tornando-se isso, até, obrigatório⁸; “...a escolaridade obrigatória da escola em que o menino tem que aprender (...) aquilo que é necessário...”⁹.

Esta obrigatoriedade existe porquanto será imprescindível, a cada nação, poder dispor de trabalhadores para produzir “...de maneira a poder estar bem empregado, e ser um produtor para a nação.¹⁰”, um soldado produtor da tal guerra contra a carência onde todos estamos envolvidos.

No entanto, muitas destas aprendizagens hoje obrigatórias em determinada altura da vida, não o deveriam ser. Se, por um lado, estas não se encontrarão adequadas a especificidades de várias naturezas “O que ensinam é a ler coisas com uma mecânica que ele não entende de maneira nenhuma...!!...”¹¹, por outro lado a pessoa em causa poderá não lhes dar uso, ou continuidade – pelo que nada adiantará “...obrigar a ler, a ensinar a ler, e que aprendam a ler pessoas que depois não têm nada que ler!”¹². A este respeito, Agostinho declara que “...ensinar a ler sem ter a certeza de que a coisa continua, não vale a pena!!...”¹³. Para além disto, devemos considerar que atualmente existem muitas aprendizagens de carácter obrigatório que serão desnecessárias na vida que as crianças e jovens virão a ter, sabendo os estudantes que “...muitas das coisas que ensinamos nas nossas escolas são desnecessárias para eles!”¹⁴.

A este propósito, Agostinho da Silva pergunta-se e pergunta-nos: “Como é que menino se vê livre um dia (...) de qualquer espécie de escolaridade obrigatória?...”¹⁵.

1.1.2. A educação reprime a curiosidade

Enquanto soldado que cada um é, deverá aprender “...a marchar bem...”¹⁶. Assim, a partir da altura em que se inicia um determinado percurso escolar, iniciar-se-á, igualmente, o respetivo processo de socialização por parte desta instituição – o qual resultará na adulteração da pessoa com todos os grandes males que, na perspetiva de se cumprir, lhe estarão associados.

⁷ Entrevista com Joaquim Vieira.

⁸ Obrigatório, no sentido em que as circunstâncias do mundo a isso conduzem; e paralelamente também existe, formalmente, escolaridade obrigatória.

⁹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁰ *idem*

¹¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹² Entrevista com Maria Elisa.

¹³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁴ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁵ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

Um desses grandes males reside na repressão da curiosidade natural própria das crianças. Assim, a escola não responde a essa curiosidade natural, sendo “...perfeitamente absurdo [...] pegar num menino, [que] vai para a escola (...) [que] quer aprender o que é formiga, como morde aranha, ou qualquer coisa assim, e como lança papagaio ao ar, e não lhe ensinam...!!...!!...”¹⁷. Mas a escola reprime de tal modo que, quase sempre, acaba por conduzir as crianças à mudez e à inibição das perguntas que teriam para fazer, uma vez que os habitua “...desde o princípio a não fazer perguntas...”¹⁸, o que se relaciona, também, com a percepção que elas terão relativamente aos professores e respetiva capacidade de estes lhes responderem: “...talvez sintam intimamente que às vezes podiam atrapalhar um professor qualquer com as perguntas que fazem...”¹⁹.

Neste contexto, e à medida que cada indivíduo vai avançando no respetivo percurso escolar, de igual modo se irá distanciando da criança e poeta que nasceu, pelo que, metaforicamente, acabará por ficar com a cabeça definitivamente deformada: “...o desgraçado começa logo a ficar com a cabeça... com a cabeça cúbica – em lugar de redonda...!! – e depois conserva-a até ao fim da vida...!!...”²⁰, e é esta triste situação que urge e “...é preciso modificar...!!...”²¹.

1.2. Entrada na Universidade: *numerus clausus* e exclusão

1.2.1. *Numerus clausus*

Depois de realizado e concluído o percurso escolar exigido²² para a entrada na Universidade, ainda assim nem todos os alunos nessas condições que ali pretendem entrar conseguem realizar o seu anseio e, por isso, será nossa obrigação tentar perceber “...porque é que não há universidade para toda a gente?!...”²³. A resposta encontrar-se-á no contexto da economia de mercado em que atualmente vivemos, já que esta instituição “...que devia ser um órgão cultural!...”²⁴, tal como qualquer outra de

¹⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁸ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁹ *idem*

²⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²¹ *idem*

²² Habitualmente trata-se do 12º ano; existem também outros casos, mas não constituem a norma.

²³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

natureza diferente, encontra-se submetida às leis de mercado²⁵ “...obedece a uma coisa que é chamada a lei do mercado...!...”²⁶, e “...meter leis de mercado juntamente com cultura é inteiramente absurdo!...”²⁷, o que se traduz, muito particularmente, no chamado *numerus clausus*²⁸ “O *numerus clausus* é uma coisa que mete leis de mercado...”²⁹, através do qual é legitimado o número de candidatos que acedem a determinado curso da universidade e, paralelamente também, o daqueles que daí ficam excluídos.

Assim, relativamente à lei dos mercadores e de acordo com a respetiva capacidade de receber alunos, a universidade estabelece para cada curso um determinado número limitado de vagas ou *numerus clausus*, que corresponderá à oferta e a quantidade de candidatos ao mesmo curso corresponderá, por sua vez, à procura. Quando a procura excede a oferta, o critério utilizado para a seleção dos respetivos candidatos nesta competição é a média das classificações de cada um³⁰, pelo que aos cursos mais pretendidos corresponderão as melhores notas de acesso e, paralelamente, muitos candidatos ficarão excluídos, “...não conseguem entrar em universidade nenhuma...”³¹. No entanto, e neste contexto, o aluno não pode entrar em nenhuma universidade por ter as vagas preenchidas por um mecanismo semelhante à “...lei do mercado!”³².

1.2.2. Exclusão

Todavia, destes que ficam excluídos, muitos haveria “...possivelmente com grande capacidade de entrarem na universidade!”³³. Devido a este sobrar de algo que interessaria aproveitar, Agostinho considera o 12º ano³⁴ de uma forma original: “...digo sempre “o dôcimo”...”³⁵, já que este termo “...dá assim mais a ideia de uma vindima que se faz...”³⁶. Então, “...quando se faz o dôcimo, e depois se não entra na

²⁵ Ou lei da oferta e da procura ou, como já se disse, as leis dos mercadores – porque o que determina a entrada, ou não, na Universidade são os *numerus clausus* que são estabelecidos pelos mercadores das Universidades.

²⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²⁷ Entrevista com Maria Elisa.

²⁸ Traduzido do latim significa “números fechados”.

²⁹ Entrevista com Maria Elisa.

³⁰ Tal como o dinheiro.

³¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

³² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³³ Entrevista com Maria Elisa.

³⁴ O 12º ano de escolaridade é o ano que corresponde à transição para a Universidade, e que estabelece a respetiva nota de acesso.

³⁵ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

³⁶ *idem*

universidade...³⁷, o resultado de tal vindima traduz-se numa “...coisa terrível de haver milhares de jovens...”³⁸ que fizeram um percurso escolar e não atingiram a sua meta “...vieram do chão, da pré-primária, foram andando por ali acima, chegam de repente a um sítio, e não têm para onde pular...!!”³⁹. Desta forma deparam-se com um vazio “...que se lhes abre...”⁴⁰, perdidos sem saberem o que fazer “Flutuando no vazio?!...”⁴¹, e tal situação naturalmente gerará frustração e atentará contra a integridade desses alunos: “A única vantagem deles é darem depois emprego aos psicólogos (...) que têm que os curar das doenças psicológicas.”⁴².

Devido em grande parte a todo o processo, o fenómeno da competição encontra-se fortemente associado ao percurso escolar dos indivíduos, pelo que “Nós o que temos é que pensar se o mundo competitivo tem que continuar assim, ou se tem jeito de ser de outro modo...!...”⁴³.

1.2.2.1. Duas motivações diferentes...

Relativamente à motivação para ingressar na Universidade, Agostinho da Silva considera dois tipos diferentes de indivíduos: aqueles cujo interesse reside na expectativa de vir a ter um emprego para ganhar dinheiro, possibilitado pelo que aprenderam e respetiva certificação oficial; e os outros que querem realmente, e tão só, aprender: “...ou a pessoa que queria entrar na universidade, queria entrar na universidade para depois ter emprego no fim, um diploma e uma colocação; ou ia entrar para saber alguma coisa...!!”⁴⁴.

No caso de exclusão do candidato, e no que se refere ao primeiro tipo apresentado, não a lamenta muito porquanto esses indivíduos terão sido apanhados pelas regras do próprio jogo da lei do mercado que jogavam, se “...ele ia para pegar emprego, eu importo-me pouco...!! Ele estava jogando na lei do mercado, e a lei do mercado o apanhou!!...”⁴⁵. Por outro lado, e tratando-se daqueles que não eram movidos pelo interesse no dinheiro, “...não para ganhar dinheiro com a biologia, ou a matemática que

³⁷ *idem*

³⁸ Entrevista com Maria Elisa.

³⁹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁴⁰ *idem*

⁴¹ Entrevista com Maria Elisa.

⁴² *idem*

⁴³ *idem*

⁴⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴⁵ *idem*

aprendesse...”⁴⁶, mas que queriam realmente aprender para ser ou se cumprirem em determinada área de conhecimento, já lamenta a respetiva exclusão: “...fico com pena daquele que queria entrar (...) para se desenvolver, para ser em matemática ou em biologia...!!...”⁴⁷.

2. Melhorar o presente: uma escola mista, para cumprir e se cumprir

2.1. Uma escola mista: unir o serviço militar ao civil

A escola de hoje deverá ser capaz de contemplar e proporcionar aos seus alunos a preparação para dois tipos diferentes de vida com que eles se irão confrontar: a guerra que ainda existe, e onde temos que cumprir, obedecendo; e a paz que se lhe seguirá, onde nos deveremos cumprir, criando. Para tal, e enquanto continuarmos “...com o mesmo sistema de produção...”⁴⁸, Agostinho defende a necessidade do desenvolvimento de uma escola a que chama mista: “É preciso que a escola, por enquanto, seja uma escola mista...”⁴⁹, no sentido em que deverá considerar e incluir ambos aqueles tipos de vida, preparando os indivíduos para serem capazes de viver nestes dois diferentes contextos.

Assim, a escola deverá continuar a preparar os seus alunos para a tarefa de produção do soldado, e “...é muito bom que haja isso...”⁵⁰, algo que obriga a “...aprender o currículo que permite depois ir para o secundário (estamos no primário!), passar ao nível superior de estudos - inteiramente seguros do caminho que percorremos!...”⁵¹. Por outro lado, e considerando o trabalho como algo que irá deixar de existir quando no futuro todos se converterem em reformados “...prevenindo-se para o caso de nunca mais ter emprego...”⁵², a escola deverá ser capaz de assumir ainda outra tarefa, alimentando “...um sistema paralelo!”⁵³ onde as escolas de todos os níveis, e ao mesmo

⁴⁶ *idem*

⁴⁷ *idem*

⁴⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁴⁹ Entrevista com Maria Elisa.

⁵⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁵¹ Entrevista com Joaquim Letria.

⁵² Entrevista com Maria Elisa.

⁵³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

tempo, assumam como tarefa primordial, preparar os alunos para o tempo livre e a criação “...para quando ele estiver reformado de ser soldado produtor.”⁵⁴.

Nesta perspetiva, a escola deverá reunir o serviço militar ao civil: “...temos, a cada passo, de olhar a escola como uma parada de quartel em que se tem que aprender a marchar e a atirar...”⁵⁵ tornando-se, deste modo, “...uma escola que seja uma Academia Militar...”⁵⁶; e, paralelamente, deverá ser aí posto em prática “...um ensino que faça o possível por já contemplar aqueles que serão reformados, aqueles que vão ser os poetas à solta...”⁵⁷, proporcionando-lhes os necessários meios de expressão para tal, ajudando-os a “...adquirir os meios de expressão necessários para a poesia que ela fizer!”⁵⁸ como, por exemplo, “...saber pintar, saber fotografar, saber dançar... Saber, se for preciso, ser vadio...!...”⁵⁹, constituindo-se, assim, esta escola “...como um lugar onde eu posso ter todos os meios de expressão do que eu for”⁶⁰.

2.1.1. A escola mista em desenvolvimento

Para termos hoje a escola mista, ou duas escolas paralelas – em que uma visa o emprego, e outra o tempo livre ou não emprego, será preciso acrescentar àquela primeira, que já existe, “...montar, ao lado da escola oficial...”⁶¹, uma outra de natureza diferente “...uma escola, [...] marginal, ao lado, à parte, para gente que se quer arriscar a não ter emprego...!...”⁶². E isso já está a acontecer em algumas escolas “...vejo que a escola, efetivamente, está passando para alguma coisa completamente diferente do que eram as nossas escolas...”⁶³, escolas essas onde hoje podemos dispor de duas valências diferentes: uma formal, e outra que se pretende o mais possível informal.

Assim, e para além da obediência àquilo que está previamente estabelecido e que corresponde à escola formal “...em que há uma parte curricular...”⁶⁴ que tem que ser cumprida, deve existir paralelamente a outra valência em “...que a criança, durante uma

⁵⁴ Entrevista com Herman José.

⁵⁵ *idem*

⁵⁶ Entrevista com Maria Elisa.

⁵⁷ *idem*

⁵⁸ Entrevista com Manuel António Pina.

⁵⁹ Entrevista com Maria Elisa.

⁶⁰ Entrevista com Herman José.

⁶¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos. Aqui terá presente a experiência da Escola Cultural de que Manuel Ferreira Patrício era, entre nós, o principal proponente, projeto que elogiou, cf. Agostinho da Silva, “Essa escola vai avançar”, em *A Razão*, nº 4, janeiro, 1990, p. 18.

⁶² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁶³ Entrevista com Manuel António Pina.

⁶⁴ Entrevista com Maria Elisa.

parte do dia, está livre de imaginar e realizar aquilo que quer...⁶⁵. Para tal, aquelas escolas disponibilizam as condições necessárias aos alunos “...e depois há os clubes, livres... há os grupos, que se formam...⁶⁶, “...os círculos de trabalho vários...⁶⁷ que resultam e são constituídos de acordo com os interesses dos próprios alunos, os quais podem escolher integrar aquele, ou aqueles, com base no mesmo critério “...em que a pessoa pode escolher (...) aquilo que quer⁶⁸, aprendendo assim, apenas e só, o “...que realmente quer aprender...⁶⁹”. E, deste modo, porque aquilo com que cada um se ocupa resultará da sua escolha e, como tal, corresponderá aos seus próprios gostos, a pessoa ir-se-á realizando naquele determinado campo “...em que o aluno pode escolher, e ser brilhante nisso!!...⁷⁰”.

Este modelo de escola mista já existe, afinal, em alguns países do mundo, nos quais se inclui Portugal “E olhe que as escolas portuguesas estão fazendo isso...!!...⁷¹ e têm tido muito êxito. Também, haverá vontade de prosseguir, bem como de realizar avanços nesse caminho, pois há muitas pessoas empenhadas nessa nova dinâmica, “...que gostam disso, e que querem avançar...⁷², o que é um indicador de que, nas escolas, esta vertente mais livre poderá vir a prevalecer relativamente à outra que é formal “...provavelmente, essa parte [mais livre] das escolas é que vai aumentar mais...!!...⁷³. A este propósito, e em contrapartida, Agostinho previne do perigo que poderá vir a ocorrer, se nas escolas se institucionalizar aquela vertente do tempo livre, tornando-a obrigatória e, desse modo, a desvirtuando. Para tal, serve-se do exemplo dos antigos gregos, os quais “...chamavam à escola tempo livre, e tinham um escravo, de propósito, para pegar o menino à força e levá-lo ao tempo livre...!!...⁷⁴, e alerta para que tal situação não aconteça connosco. No modelo por si apresentado, o tempo livre não poderá ser ocupado à força, nós “...não podemos fazer uma coisa dessas!!...⁷⁵”.

⁶⁵ Entrevista com Manuel António Pina.

⁶⁶ Entrevista com Maria Elisa.

⁶⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁶⁸ *idem*

⁶⁹ Entrevista com Maria Elisa.

⁷⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁷¹ Entrevista com Maria Elisa.

⁷² Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁷³ *idem*

⁷⁴ Entrevista com Fernando Alves.

⁷⁵ *idem*

2.2. Construir, e não conduzir e reduzir

Se, por um lado, ainda vivemos enquanto soldados produtores no contexto da guerra contra a carência, por outro lado iremos então passar a viver num outro contexto de paz “...em inteira liberdade...”⁷⁶ onde nos poderemos cumprir totalmente como os poetas que nascemos “...cumprindo-se, realizando-se nessa plena liberdade...!”⁷⁷, única forma de cada um poder “...ser o artista que nasceu, o místico que nasceu, o cientista que nasceu...”⁷⁸.

Nesta perspetiva, e até lá, deveremos preparar-nos, dando sempre o tal passo em frente de que fala Agostinho o que, para já, consiste em preservar ao máximo a criança que fomos e que deveremos continuar a ser “...espontaneamente livre, espontaneamente imaginativa...”⁷⁹ e procurando, tanto quanto possível, aproximar-nos daquela nossa meta.

Um dos aspetos fundamentais para que tal aconteça será evitar educar os indivíduos no sentido de os conduzir e reduzir, pelo que Agostinho prefere instruir, pois considera haver “...uma grande diferença entre instruir e educar!...”⁸⁰. Assim, e contrariamente a conduzir, instruir relacionar-se-á com a ideia e a ação de construir, uma vez que “Instruir é um parente do verbo construir...”⁸¹ e, neste âmbito, quem instrui apenas apoia aquele que se constrói, fornecendo-lhe o que ele vai necessitando para o desenvolvimento da sua própria obra: “...nós vamos dando, na medida em que podemos instruir alguém ou alguma coisa, nós vamos dando o tijolo com que ele vai fazer o seu próprio edifício à sua vontade - instruimos!”⁸².

E, em consonância com esta atitude para com os alunos que Agostinho considera ser a mais adequada, fala-nos também da sua experiência enquanto professor: “O que eu faço a alguns de quem tenho sido professor, é que eles busquem o seu próprio caminho, não que os influencie para ser isto ou aquilo!!...”⁸³.

⁷⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁷⁷ *idem*

⁷⁸ Entrevista com Herman José.

⁷⁹ *idem*

⁸⁰ Entrevista com Joaquim Letria.

⁸¹ *idem*

⁸² *idem*

⁸³ Entrevista com Cáceres Monteiro.

2.2.1. Alunos e Professores: gostar de o ser

2.2.1.1. Alunos

No que diz respeito aos alunos, estes deverão caracterizar-se sobretudo pela predisposição e abertura à aquisição do conhecimento que eles próprios entenderão necessitar. Nesta perspectiva, refere-se que, etimologicamente, as palavras *aluno* e *alimentar* partilham a mesma origem “A origem da palavra *alimentar* e *aluno* é exatamente a mesma...!”⁸⁴, pelo que se poderá entender que o indivíduo, na condição de aluno, será aquele que é alimentado: “...não é por acaso que a palavra *aluno* é um particípio passado de um verbo – que se deixou de empregar!... – e que significa *o alimentado!*...”⁸⁵. O alimento do aluno consiste no saber, e é habitualmente disponibilizado através da figura do professor.

Tomando como exemplo o processo de ensino e aprendizagem da leitura, Agostinho salienta dois aspetos: só se sabe ler quando se compreende aquilo que se lê e, para manter tal competência, lembramos que é preciso que haja continuidade na sua prática “...para que, depois, não aconteça (...) que desaprendam de ler aquilo que aprenderam antes...!”⁸⁶. Portanto, alargando esta ideia a qualquer tipo de aprendizagens e todos os graus de ensino, o respetivo processo deverá poder continuar “De maneira que não se pode falar de ensinar a ler só, e depois parar!...”⁸⁷.

2.2.1.2. Professores

Sobre os professores em geral e respetiva motivação para ensinar, Agostinho considera a existência de três tipos diferentes: aqueles para quem ser professor constitui uma profissão, no sentido em que isso lhes serve para a subsistência do dia a dia “...em todas as escolas, e nas universidades também, há professores que só estão lá para ganhar dinheiro no fim do mês...”⁸⁸; existem ainda outros, habitualmente inseridos no âmbito da universidade, cujos interesses são consonantes com importantes objetivos daquela instituição que são, de uma maneira geral, “...investigar coisas, fazer a ciência avançar...”⁸⁹; e, por último e em larga maioria relativamente aos dois tipos anteriores,

⁸⁴ Entrevista com Joaquim Letria.

⁸⁵ *idem*

⁸⁶ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁸⁷ *idem*

⁸⁸ *idem*

⁸⁹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

existem aqueles professores que se dedicam privilegiadamente ao ensino e respetivos alunos “...esses são, em geral, o maior número...!”⁹⁰.

Uma competência que um professor deverá ter será a de ensinar, para além daquilo que já sabe, também outras matérias diferentes, desde que possa dispor de algum tempo para as preparar “...vinte e quatro horas para ele aprender a primeira lição...!”⁹¹. A este propósito, refere que “...não é vergonha nenhuma a pessoa não saber! A pessoa não pode saber tudo o que está no mundo para perguntar...!”⁹². Como exemplo, apresenta-se a situação em que Agostinho teve que lecionar inesperadamente a disciplina de Geografia Humana⁹³ pelo que, depois de solicitar as ditas vinte e quatro horas para preparar a primeira aula, todo o processo se desenvolveu de tal modo que a experiência resultou positiva para professor e alunos – o secretário do governador do Estado e sua mulher - “No fim do ano, os três sabiam bastante bem Geografia Humana!”⁹⁴. E, depois disso, quando finalmente chegou um professor daquela disciplina, este apenas teve que indicar “...o que havia a fazer neste ou naquele ponto...!”⁹⁵.

2.2.2. A ação dos professores responde à curiosidade dos alunos

A ação do professor deverá responder àquilo que irá emergindo dos seus alunos, porquanto será isso que constituirá os seus interesses, nunca lhes impondo qualquer outra matéria. Deste modo, o professor instruirá, já que ajudará a construção da pessoa que o aluno é, ao invés de o conduzir e reduzir.

A este respeito, Agostinho da Silva salienta umas experiências relativas à aprendizagem da leitura e da escrita “...as experiências que se têm feito... curiosas... - na Checoslováquia...”⁹⁶ e, mais particularmente, uma delas “...de um grande pedagogo checo...”⁹⁷ que ensinava aos seus alunos tudo aquilo que eles manifestavam interesse e curiosidade em aprender “Ensinou todas as coisas que eles realmente queriam

⁹⁰ *Idem*. Ver as características desta maioria...

⁹¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

⁹² Entrevista com Maria Elisa.

⁹³ Na Universidade de Paraíba, onde ia lecionar uma disciplina diferente da que acabou por lecionar e que foi Geografia Humana, devido a um equívoco. Para esta última, não se encontrava previamente preparado, mas preparou-se entretanto e no decurso das aulas, não tendo portanto deixado de a lecionar.

⁹⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

⁹⁵ *idem*

⁹⁶ *idem*

⁹⁷ Entrevista com Maria Elisa. O interesse por parte de Agostinho pelas experiências pedagógicas da República Checa torna-se evidente quando escreve sobre Frantisek Bakulé (1877-1957), educador checo que integrou o movimento da Educação, cuja experiência pedagógica poderia ter em mente neste raciocínio, cf. Agostinho da Silva, “Frantisek Bakulé”, em *Peregrinação*, nº 5, julho 1984, pp. 11-15.

aprender...”⁹⁸, e nunca lhes impôs qualquer outra matéria que não surgisse da expressão, por parte deles, da sua própria vontade.

Por vezes, os alunos solicitavam-lhe assuntos por ele desconhecidos, pelo que este se informava e aprendia, para depois os poder ensinar “...um dia quiseram aprender carpintaria, e ele disse: “Mas eu não sei carpintaria!...”⁹⁹. “Ah! Não sabe? Então vá aprender!”¹⁰⁰. “E ele ia para uma escola - em que aprendeu carpintaria...”¹⁰¹. Durante o processo de aprendizagem do professor, os alunos acompanhavam a sua evolução, questionando-o “”O que é que você aprendeu hoje?...” E achavam que ele era cábula ou não conforme tinha aprendido muito ou pouco...”¹⁰².

Entretanto, o tempo foi passando e, até cerca dos 12 anos de idade destes alunos, “...nunca essa questão de ler e de escrever apareceu.”¹⁰³, pelo que, em consonância com o procedimento que vinha tendo e a que se associa a ideia de “...ler quando a pessoa quiser ler!!!...”¹⁰⁴, o professor não os ensinara “...não ensinou os meninos da escola dele a ler e a escrever. Não ensinou!...”¹⁰⁵.

2.2.2.1. Aprender com gosto

Nesta sequência, só mais tarde é que teve início o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, o que terá sido despoletado pela necessidade de aprender a ler que um dos alunos manifestou quando “...um dos meninos recebeu uma carta dum tio que estava emigrado na América.”¹⁰⁶, e cujo conteúdo desconhecido suscitou a sua curiosidade e também a dos colegas “...toda a gente queria saber o que vinha dentro...!!!...”¹⁰⁷. Para isso, dirigiu-se ao professor “Disseram-me que esta é uma carta de meu tio!... O que é que ele diz?”¹⁰⁸. Mas o professor recusou-se a lê-la ao aluno: “Ele não me escreveu a mim...”¹⁰⁹ tendo-lhe, a propósito, sugerido “...aprenda você, leia você!...”¹¹⁰, e isso valeu para todos os outros “...eles que aprendessem!!”¹¹¹.

⁹⁸ Entrevista com Maria Elisa.

⁹⁹ *idem*

¹⁰⁰ *idem*

¹⁰¹ *idem*

¹⁰² *idem*

¹⁰³ *idem*

¹⁰⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁰⁵ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁰⁶ *idem*

¹⁰⁷ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁰⁸ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁰⁹ *idem*

¹¹⁰ *idem*

¹¹¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

Perante tal situação, surgiu imediatamente nos alunos a motivação para a aprendizagem da leitura, que a todos abrangeu e contagiou. Então, manifestaram e solicitaram o seu ensino ao respetivo professor, tanto o aluno que recebera a carta que manifestou querer “...aprender a ler!!”¹¹², como os seus colegas, pois “...a classe inteira, que nunca tinha recebido carta de ninguém, de tio nenhum... disseram: ‘Nós também queremos aprender a ler!’...”¹¹³. Como habitualmente, o professor respondeu em conformidade a este interesse que movia os alunos, ensinando-os, então, “...a ler!...”¹¹⁴; e propôs-se a isso obtendo, como sempre acontecia com o que ensinava¹¹⁵, um êxito assinalável. Os seus alunos “...aprenderam a ler!!”¹¹⁶ muito rapidamente, fenómeno esse que se propagou a outros grupos “...classes inteiras aprenderam...”¹¹⁷, pelo que todo este processo terá resultado gratificante para professor e alunos que liam “...com muito gosto...”¹¹⁸. Este gosto deverá ser algo que caracteriza alunos e professores: enquanto o primeiro deverá ser “...gente que gosta de aprender...”¹¹⁹, o segundo “...gosta de ter alunos (...) gosta de ensinar!!”¹²⁰.

2.2.3. Aprender o que se quer em qualquer idade

A este respeito, e considerando que aquela aprendizagem da leitura e escrita se deu bastante tempo depois “...aos 13 anos...”¹²¹ relativamente à idade estabelecida para a realizar, resulta que afinal, no entendimento do nosso pedagogo, o que realmente importará para que qualquer aprendizagem se faça com êxito será a motivação da pessoa que a impele para isso, independentemente de outros fatores como a idade. Aqueles alunos que aprenderam a ler e a escrever não o terão feito devido a isso, “...não foi por terem 13 anos!!...!”¹²², mas porque a respetiva motivação surgiu naquela altura das suas vidas. Tal motivação poderá surgir em qualquer idade da pessoa, ou até nunca acontecer; no entanto, e independentemente da idade, importa é “Que as pessoas que queiram ler aprendam a ler...”¹²³ na altura das suas vidas em que o queiram fazer.

¹¹² Entrevista com Maria Elisa.

¹¹³ *idem*

¹¹⁴ *idem*

¹¹⁵ Que ensinava naquelas mesmas condições de corresponder aos interesses dos alunos.

¹¹⁶ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹¹⁷ *idem*

¹¹⁸ *idem*

¹¹⁹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹²⁰ *idem*

¹²¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹²² *idem*

¹²³ *idem*

Assim, não se deverá estabelecer rigidamente uma idade para levar a cabo determinadas aprendizagens, como neste caso a da leitura “...quando eu digo que os alunos, ou gente jovem, às vezes é pelos 12, 13 anos e tal...”¹²⁴ que a deverão fazer, Agostinho acrescenta de imediato que nem sempre será assim “...têm já um desmentido: ontem encontrei um que quer ler, e tem 5...!!...”¹²⁵. A este respeito, relata também outro caso com adultos, no Brasil, em que lhe “...apareceram duas mulheres do povo...”¹²⁶, as quais declararam interesse em aprender a ler, ao que Agostinho correspondeu. Para tal, e inicialmente, procurou introduzir aquelas mulheres nesse domínio da palavra escrita e contextualizou-lhes isso: “A primeira coisa que eu fiz foi dar-lhes a ideia do que é a escrita.”¹²⁷ e depois “...elas entenderam...”¹²⁸ pelo que, finalmente, “...aprenderam a ler num instante.”¹²⁹.

Portanto, e nestes três casos considerados que envolvem pessoas de diferentes idades, o que as terá movido foi a motivação para ler que todas partilhavam. Também, e a propósito das decisões que os alunos se veem obrigados a tomar durante o respetivo percurso escolar¹³⁰, deverá sempre ser a respetiva motivação a imperar nessa escolha, e não outro qualquer fator. No entanto, quando um aluno se encontra já num determinado percurso escolar, e percebe nessa altura que não fez a opção mais certa para si “...ele foi para uma área que obrigava à matemática...”¹³¹, depois de confrontado durante algum tempo com aquela realidade “Faz a experiência, e acha que ele não é realmente um matemático...”¹³², não deverá hesitar em mudar “Então, faça favor! – Muda!”¹³³ – independentemente da idade que tiver “Qualquer pessoa pode escolher à vontade em qualquer idade...!!...”¹³⁴.

¹²⁴ *idem*

¹²⁵ *idem*

¹²⁶ Entrevista com Maria Elisa.

¹²⁷ *idem*

¹²⁸ *idem*

¹²⁹ *idem*

¹³⁰ Referimo-nos à obrigação que o aluno tem de escolher, logo no 9º ano de escolaridade, sobre seguir por uma ou por outra via de estudos. Como geralmente ainda são muito novos nessa altura, os indivíduos poderão ter nisso alguma dificuldade e receio de se enganar – esta foi a preocupação que os jovens entrevistados expressaram a Agostinho da Silva.

¹³¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹³² *idem*

¹³³ *idem*

¹³⁴ *idem*

2.3. Universidade aberta: todas as pessoas, todos os saberes

A universidade aberta de que fala Agostinho da Silva deverá ser entendida no sentido mais amplo da expressão: será aberta sobretudo porque aí se poderão encontrar todas as respostas para as nossas perguntas, ou o caminho para lá chegarmos “...uma universidade aberta onde você pode encontrar aquilo que realmente procura...”¹³⁵ e, especialmente, encontrar a resposta que poderá conduzir à realização de cada pessoa “...para dar um sentido à sua vida!!...”¹³⁶. Esta universidade aberta, por sê-lo e para o ser, terá que ter a capacidade de nela receber e incluir todos os indivíduos do extenso leque das muitas e várias culturas que existem¹³⁷. Nesta perspectiva, qualquer ato de aí escolher e privilegiar apenas uma determinada cultura não terá cabimento - a este propósito, e acerca da universidade que temos, Agostinho da Silva ironiza “...estão ocupados com altas culturas, não é?...”¹³⁸, e deste modo revela a sua posição, que será contrária a tal procedimento.

2.3.1. Para reformados e desempregados: dar sentido à vida

Acerca da população que se encontra desempregada, depois de assegurada a sua subsistência física¹³⁹, será também preciso garantir-lhe a respetiva sobrevivência relativamente a necessidades de outra natureza “...para que esses desempregados possam não morrer de tédio...!!!...”¹⁴⁰. Assim, é preciso criar condições para a sua ocupação com uma atividade que possam escolher e que lhes faça sentido, para que “...tenham alguma coisa que os interesse...!!!...”¹⁴¹, com vista à sua realização enquanto pessoa que cada uma é. Para isso, disponibilizar-se-lhes-ão os meios necessários “...para [...] aprender o que não sabe ou desenvolver aquilo que já começou...”¹⁴², o que se concretizará através do acesso a universidades que as recebem “...você dirige-se a este outro lugar e eles lhe indicam onde há uma universidade aberta...”¹⁴³.

¹³⁵ Entrevista com Fernando Alves.

¹³⁶ *idem*

¹³⁷ Aliás, e como já vimos, para Agostinho da Silva o conceito de cultura é pessoal – pelo que, nesta perspectiva, se poderá considerar que a cada pessoa corresponderá uma determinada e única cultura: uma pessoa, uma cultura. Também, lembra-se a cultura dos três esses...

¹³⁸ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹³⁹ Através de um subsídio de desemprego, como já referido.

¹⁴⁰ Entrevista com Fernando Alves.

¹⁴¹ *idem*

¹⁴² *idem*

¹⁴³ *idem*

2.3.2. Experiências no Brasil

2.3.2.1. De acordo com os interesses dos alunos

Como se disse para a educação em geral, então também a Universidade - que Agostinho quer aberta - deverá responder a toda e qualquer solicitação com que as pessoas a confrontem, no sentido de lhes ser possível aprender aí seja o que for que pretendam “...pessoas que consigam aprender aquilo que querem aprender!!...”¹⁴⁴.

Em tal contexto, haverá aqueles a quem interessará algum dos domínios que têm sido incluídos nos saberes desta instituição “...pode interessar arte, pode interessar ciência, pode interessar mística...”¹⁴⁵, como também haverá outros com interesses diferentes daqueles “Pode ser que não queiram...!!... (...) Sejam contra...!!”¹⁴⁶, mas se sintam impelidos a aprender outras matérias de natureza diferente das que têm entrado no domínio da universidade, e que, assim sendo, deverão também passar a incluir-se aí.

Neste âmbito, referimos a Universidade de Santa Catarina, Brasil, onde se deu resposta a um grupo de mulheres cujo anseio era aprender a costurar “...mulheres que queriam aprender a fazer os seus vestuários, a fazer vestuário para os maridos e (...) a adaptar os vestuários de pessoas já grandes, para meninos e meninas que se queriam vestir!...”¹⁴⁷, já que não podiam comprar as roupas que necessitavam para si e para as suas famílias, uma vez que “...eram muito pobres...”¹⁴⁸. Então, Agostinho abriu as inscrições para esse curso na Universidade e estas mulheres puderam realizar esse seu propósito, tendo depois exposto publicamente o resultado das suas aprendizagens: “Fizeram-se exposições depois, de vestidos feitos por aquelas mulheres... E de outras... e de comida, e de todas essas coisas...”¹⁴⁹, pelo que esta experiência terá sido vivida, por toda a comunidade envolvente como “...uma maravilha!!...”¹⁵⁰.

2.3.2.2. Para o Brasil conhecer África

Devido ao interesse de Agostinho pelo conhecimento que acreditava que devia existir sobre África, em que “...o Brasil pudesse conhecer África!...”¹⁵¹, quando colaborava na Universidade Federal da Bahia, fundou em 1959 o CEAO - Centro de Estudos Africanos e Orientais, propondo a esta Universidade que formasse e “...enviasse

¹⁴⁴ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁴⁵ Entrevista com Fernando Alves.

¹⁴⁶ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁴⁷ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁴⁸ *idem*

¹⁴⁹ *idem*

¹⁵⁰ *idem*

¹⁵¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

professores dela para a África para aprenderem África...”¹⁵², e ensinarem o Brasil, projeto que veio a concretizar-se. Era, afinal, um apelo à indagação pelas raízes do grande povo brasileiro o que se pretendia que a Universidade procurasse. A sugestão partiu da UNESCO, interessou ao reitor da Universidade da Bahia Edgard Santos, que delegou em Agostinho a tarefa de concretizar tal projeto¹⁵³.

2.4. Frequentar a Universidade

2.4.1. Alternativas ao *numerus clausus*?...

Relativamente ao ingresso na universidade, Agostinho sugere que se pense noutras vias de acesso alternativas à que existe e que é suportada no *numerus clausus*. Avança de imediato com uma proposta: em vez de se considerar as classificações das disciplinas e respetivos exames, solicitar-se-ia a cada candidato que escrevesse o que lhe ocorreria num dado momento “...“pega aí num papel, e faça aí... escreva qualquer coisa!...”¹⁵⁴. E seria com base naquilo que estava escrito no dito papel que se poderia decidir da capacidade, ou não, daquele candidato vir a ingressar na universidade, avaliando o que escrevesse, ver-se-ia se “...ele tinha alguma espécie de cultura que desse para ele entrar na universidade, ou não!!...”¹⁵⁵.

Mas, se o candidato não obedecesse a esta diretiva e se se recusasse a escrever fosse o que fosse, se não quisesse “...escrever coisa nenhuma!...”¹⁵⁶, acrescentando que queria ir para a universidade para conhecer, para “...ouvir o que se diz na universidade!!”¹⁵⁷, então não restaria qualquer dúvida que ele estaria totalmente apto para aí ingressar, devendo “...entrar direto na universidade...!!...”¹⁵⁸, sem necessidade de passar por qualquer outra prova que atestasse a sua capacidade para isso: “...passava distinto!! (...)

¹⁵² *idem*

¹⁵³ Agostinho viu neste projeto uma grande oportunidade de colocar o Brasil num plano global onde a convivência entre os povos que cruzavam as suas origens – Brasil, África e Ásia -, completamente desconhecidos entre si, poderia ganhar um estatuto de verdadeira universalidade. O Centro rapidamente formou especialistas como o geógrafo Waldir Freitas de Oliveira, o antropólogo Vivaldo da Costa Lima, o historiador Paulo de Farias, o etnólogo e linguista Júlio dos Santos Braga, entre outros, e iniciou trabalho conjunto com as Universidades de Dakar, Senegal, Ibadan e Ifé, na Nigéria, Acra, no Gana, bem como com diversas Universidades no Japão tendo aqui iniciado a cooperação pela Universidade de Sophia, em Tóquio que rapidamente se estendeu a outras como Quioto e Kobe, desenvolvendo, ainda, intercâmbios com a Etiópia, Ceilão, Índia, etc cf. Agostinho da Silva, “Da existência do CEAO”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II*, Lisboa, Âncora, 2001, pp. 37-40.

¹⁵⁴ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁵⁵ *idem*

¹⁵⁶ *idem*

¹⁵⁷ *idem*

¹⁵⁸ *idem*

Sem fazer prova nenhuma!! (...) ¹⁵⁹. Neste caso, tal indivíduo teria revelado, através daquele comportamento, a sua inteligência, “Porque tinha mostrado que era bastante inteligente para não se querer submeter àquela porcaria da PGA...!!” ¹⁶⁰, sigla para a qual Agostinho, de forma depreciativa, estabelece outra correspondência: “Eu acho que é a pobre gente abandonada!!...” ¹⁶¹ em vez da Prova Geral de Acesso, como se designava na altura o exame obrigatório que dava acesso ao Ensino Superior

2.4.2. Todos os que querem devem poder ir para a Universidade

Todavia, e contrariamente ao caráter seletivo que qualquer mecanismo de ingresso pressupõe, Agostinho da Silva defende que o processo de entrada e frequência na Universidade deveria ocorrer sem obstáculos e impedimentos de qualquer natureza, o que implicaria a total exclusão de respetivas provas de acesso. Assim, todos aqueles que querem frequentar a universidade deverão poder fazê-lo: “Eu propunha que toda a gente que quisesse entrar numa Universidade, e que tivesse feito um curso secundário, entrasse na universidade!...” ¹⁶². E, depois de lá estar, se a pessoa não se identificasse com aquele contexto, sairia facilmente e sem quaisquer entraves. Se depois não gostasse de andar por lá, “...se a pessoa lá dentro da Universidade não se satisfaz, é fácil: não frequenta mais a Universidade!...” ¹⁶³. Deste modo, ter-se-á proporcionado essa experiência àquela pessoa, ao invés de lhe ter sido previamente vedada, ficando assim a sua curiosidade satisfeita. Em contrapartida, e na mesma linha, não haverá também qualquer caráter de obrigatoriedade no acesso e na frequência da universidade, como refere a este respeito Agostinho “Não obriguei ninguém a matricular-se ali...!...” ¹⁶⁴.

A propósito do obstáculo que a capacidade da universidade para receber todos os alunos interessados na sua frequência tem constituído, Agostinho pergunta “...o que é que falta? Falta o metro quadrado?!... Falta barracão?!... Falta professor?!...” ¹⁶⁵; e, ironicamente, acrescenta “Eu acho graça!...” ¹⁶⁶, sublinhando ser isso um absurdo que se deve à lei de mercado ou lei dos mercadores, e que irá deixar de existir, pois “Os órgãos

¹⁵⁹ *idem*

¹⁶⁰ PGA – sigla de Prova Geral de Acesso ao ensino superior. Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁶¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁶² Entrevista com Maria Elisa.

¹⁶³ *idem*

¹⁶⁴ Entrevista com Maria Elisa. Refere-se à Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil que ajudou a fundar em 1955.

¹⁶⁵ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁶⁶ *idem*

culturais têm que se libertar completamente dessa lei...”¹⁶⁷ - já que é imperativo privilegiar o interesse das pessoas que são os alunos “...o que é preciso é haver os lugares suficientes para que as pessoas que querem ter uma cultura universitária tenham uma cultura universitária!!”¹⁶⁸, em detrimento de outros interesses relacionados com o domínio do poder, e que têm impedido que a aspiração de muitos daqueles se realize, pelo que “...é preciso é arranjar os lugares onde se ensine, a pessoa que ensine...”¹⁶⁹.

2.4.2.1. Todo aquele que sabe mais do que outro pode ensiná-lo

Relativamente à necessidade de haver maior número de professores para as universidades, uma vez que “...não há bastantes doutores para construir uma universidade...!!”¹⁷⁰, esta situação não será impeditiva do que pretendemos e até se tornará facilmente ultrapassável, desde que passemos a não considerar tal condição, ou seja, não deverá ser imprescindível a existência de um determinado número de professores com o grau de doutor que se convencionou ser necessário para aquele fim. A este respeito, Agostinho da Silva declara que, a ter agido de acordo com tal norma, nunca teria sido criada qualquer Universidade no Brasil, pois se aí tivesse que “...escolher doutores para fazer a Universidade da Paraíba, a Universidade de Santa Catarina, a Universidade de Brasília, e (...) outros institutos noutras universidades, eu não tinha feito nada...!!...”¹⁷¹. Portanto, a bem de se criarem estas universidades e institutos, “Entrou quem havia, entrou o que havia, e deram todos muito...”¹⁷², já que “...há muita gente que, sem ser um alto professor de Universidade, pode dar as primeiras noções de todas aquelas matérias...!!...(...) para as primeiras noções, servem... perfeitamente...!!”¹⁷³ os quais, no decurso da sua experiência docente, irão progredindo e desenvolvendo o seu conhecimento, e foi o que aconteceu nas Universidades que no Brasil foram surgindo. Associada a esta postura está a ideia de “Quem souber mais que o aluno está logo em cultura universitária em comparação com o aluno...”¹⁷⁴, pelo que aquele que se encontra na primeira situação estará em condições de ensinar este último.

¹⁶⁷ Entrevista com Cáceres Monteiro.

¹⁶⁸ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁶⁹ *idem*

¹⁷⁰ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁷¹ *idem*

¹⁷² *idem*

¹⁷³ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁷⁴ *idem*

2.4.2.2. Criar Universidades para formar docentes: “oficiais milicianos”

Aliás, e em situações de emergência, a decisão de tomar determinadas medidas, consideradas muitas vezes extremas, justifica-se, tal como aconteceria no caso de uma guerra “Se houvesse uma guerra com Portugal, arranjavam-se academias militares rápidas para formar oficiais milicianos!”¹⁷⁵, e isso decorreria tão rapidamente que, “...em lugar de demorar quatro ou cinco anos, nas Academias Militares autênticas...”¹⁷⁶, apenas demorariam a ser formados “...três ou quatro meses...”¹⁷⁷.

Nesta linha de pensamento, e considerando, por um lado, que a utilização e adaptação a várias dimensões da vida atual do modelo da instituição militar fará sentido e que, por outro lado, a falta de professores para a Universidade que terá que passar a haver, então, e à semelhança do serviço militar, Agostinho propõe a criação de Universidades para formar docentes muito rapidamente, aos quais se refere como “oficiais milicianos”¹⁷⁸: “...o que é preciso é fazer Universidades que formem oficiais milicianos das Universidades...”¹⁷⁹. Assim, e tal como o procedimento no serviço militar com aqueles oficiais, também estes da Universidade poderiam escolher ficar na respetiva carreira e ir aí progredindo, “...vão avançando (...) os que querem ficar na carreira vão-se graduando...”¹⁸⁰ até se tornarem “...autênticos professores universitários!”¹⁸¹.

2.4.3. Estar ou não na sala de aula...

Atualmente existem recursos audiovisuais que permitem, aos alunos, escolher estar ou não fisicamente nas aulas dos respetivos estabelecimentos de ensino: “Hoje já há muita Universidade americana, por exemplo...”¹⁸², em que “...os meninos não vão à aula!...”¹⁸³, mas levam-na consigo através da respetiva gravação “...vão buscar a videocassete que se gravou da aula por aquele professor...”¹⁸⁴. Poderão, assim, assistir à respetiva aula em qualquer local da eleição de cada um, como, por exemplo, na sua

¹⁷⁵ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁷⁶ *idem*

¹⁷⁷ *idem*

¹⁷⁸ Os oficiais milicianos são militares oficiais de qualquer ramo das forças armadas que não integram os seus quadros permanentes – mas poderão, depois, prosseguir na carreira militar.

¹⁷⁹ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁸⁰ *idem*

¹⁸¹ *idem*

¹⁸² Entrevista com Fernando Alves.

¹⁸³ *idem*

¹⁸⁴ *idem*

própria casa “...estendem-se na cama, bem confortáveis, e ali é que vão vendo o que eles tiveram... que teriam que aprender se tivessem ido à aula!!...”¹⁸⁵.

Mas isto trata-se de “...uma opção, apenas!”¹⁸⁶ já que, sempre que o pretendam, aqueles alunos podem estar com o professor presencialmente “Quem quer (...) ver o professor (...) vai lá!!... (...) Vai à vontade!!...”¹⁸⁷.

No entanto, aquele procedimento não se adequará a todo o tipo de aprendizagens, como será o caso das técnicas, situação em que professor e aluno deverão estar fisicamente presentes “...tem que ser viva!!!... – pessoa olhando pessoa!!!...”¹⁸⁸ e, para melhor ilustrar esta posição, Agostinho apresenta o exemplo do que seria o ensino da escultura por meio de audiovisuais: “...as pessoas irem assistir, horas seguidas, ao amigo esculpir...!!!...”¹⁸⁹, e conclui: “Simplesmente, suponho que, dentro das técnicas, seria bem monótona...!!!...”¹⁹⁰. Tal como com a escultura, o mesmo aconteceria em outras áreas, por exemplo na aprendizagem de “...latim; (...) mística muçulmana.”¹⁹¹. Afinal, e também por este motivo, “...é que ainda está muito bem que existam... aquilo a que chamam educadores, pedagogos, instrutores – o que quiserem chamar-se...”¹⁹².

3. O futuro: Universidade, uma porta sempre aberta

3.1. Para todos aprenderem o que quiserem

Todo o conhecimento deverá encontrar-se sempre inteiramente disponível a todos os que queiram saber seja o que for e, por assim o desejar, Agostinho utiliza a imagem de

¹⁸⁵ Entrevista com Fernando Alves.

¹⁸⁶ *idem*

¹⁸⁷ *idem*

¹⁸⁸ *idem*

¹⁸⁹ Entrevista com Fernando Alves. Institucionalmente, a Universidade do futuro foi por si tentada aquando da fundação da Universidade de Brasília em 1961, projeto que teve a oportunidade de iniciar e que desenvolveu com o sentido de integrar todas as Universidades brasileiras dando um verdadeiro sentido de universalidade de pessoas e de povos, a todo o conhecimento universitário, humanístico, técnico e científico, onde todas as regiões da imensa nação brasileira estariam representadas, bem como todas as partes do mundo, de um modo especial, as que ajudaram a fundar o Brasil, destacando-se, naturalmente, Portugal. Este projeto e a sua singularidade que nunca chegou a cumprir os principais desejos de Agostinho, tornou-se como que uma obsessão no seu imaginário em torno da Universidade, tendo-lhe dedicado dezenas de páginas, cf. por exemplo: “Notas para uma posição ideológica e pragmática da Universidade de Brasília”, em *Dispersos*, Lisboa, ICALP, 1989, pp. 246-247; “Presença de Portugal”, *Dispersos*, pp. 201-2018; “Carta do Brasil: Portugal na Universidade de Brasília”, em *Ensaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I*, Lisboa, Âncora, 2000, pp. 261-264; “Depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito”, em *Textos pedagógicos II*, Lisboa, Âncora, pp. 33-87.

¹⁹⁰ Entrevista com Fernando Alves.

¹⁹¹ Entrevista com Fernando Alves.

¹⁹² Entrevista com Herman José.

“uma porta sempre aberta” para representar a escola onde tal fosse possível. Sublinha, contudo, que essa imagem não é dele “...não foi inventado por mim...!!...”¹⁹³, “...foi inventado por uma analfabeta...!”¹⁹⁴. Esta analfabeta, quando questionada sobre o que devia ser, para si, uma boa escola, terá dito que “...a boa escola era aquela que tivesse sempre a porta bem aberta para (...) eu entrar lá, e perguntar o que não saiba!”¹⁹⁵, o que traduz uma definição de escola com a qual Agostinho se terá identificado tendo-a, por isso, adotado e partilhado. Como tal, declara que “...toda a escola devia ser um lugar com porta aberta para toda a gente (...) entrar, e perguntar o que não sabia...!!...”¹⁹⁶, uma vez que “A pessoa precisa de ver muito bem aquilo que sabe ou não sabe, e depois perguntar...”¹⁹⁷. Estas questões não se restringiriam àquelas matérias que habitualmente são consideradas de domínio escolar ou académico, mas cada um poderia perguntar sobre todo e qualquer assunto do seu interesse “...o que vai saciar a sua imaginação e a sua vontade de saber...!!”¹⁹⁸. Na Universidade do futuro, à semelhança de qualquer outra escola, a frequência terá de ser inteiramente livre: “Se eu entrasse e quisesse aprender a ler, aprendia a ler!... Mas se não quisesse, se quisesse aprender a disparar pistola, ou a montar automóvel, ou qualquer coisa assim – vamos a isso, também!”¹⁹⁹. Esta é que seria, então “...uma Universidade inteiramente aberta...”²⁰⁰.

3.1.1. Primeira Universidade livre, primeira fantasia poética do mundo

Esta Universidade, capaz de dar as respostas às nossas perguntas é, por isso, “...coisa muito (...) importante...”²⁰¹ mas que “...ainda se não fez...”²⁰². Agostinho interroga-se se já se abriu “...alguma coisa que se dissesse: aqui se pode aprender ciência; aqui se pode aprender arte; aqui se pode aprender mística...?!...”²⁰³, e a resposta, naturalmente, será não, pelo que a realização de tal Universidade terá, então, que ser levada a cabo. Esse desejo de Agostinho da Silva poderá começar naquele momento, e “...começar por aqui...”²⁰⁴, para concretizar “...a primeira Universidade Livre...”²⁰⁵ a que também

¹⁹³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

¹⁹⁴ *idem*

¹⁹⁵ *idem*

¹⁹⁶ *idem*

¹⁹⁷ Entrevista com Maria Elisa.

¹⁹⁸ *idem*

¹⁹⁹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁰⁰ Entrevista com Fernando Alves.

²⁰¹ Entrevista com Fernando Alves.

²⁰² *idem*

²⁰³ *idem*

²⁰⁴ *idem*

chama “...a primeira fantasia poética no mundo – no que se refere a aprender e ensinar!!”²⁰⁶. O seu aspeto não se restringirá necessariamente à imagem que desta instituição educativa nos habituámos a ter, mas poderá apresentar-se, por exemplo, como a mesa onde Agostinho se reúne e conversa com outra pessoa. Diz-nos ele: “...estou chamando Universidade aberta a esta mesa...”²⁰⁷, no sentido em que, à volta daquela mesa, caberiam ainda mais duas pessoas “...por exemplo: se vem um amigo, esta mesa dava para mais dois...”²⁰⁸, cada uma aprendendo aquilo que escolhesse aprender “...uma arte que quisessem, uma ciência que quisessem, ou uma espécie de mística que quisessem...!!!...”²⁰⁹. E, desse modo, esta situação poderia converter-se em semente potencialmente capaz de vir a gerar aquela Universidade aberta que Agostinho crê ser necessário passar a existir, e cuja vontade de a iniciar manifesta “...não me importaria de abrir alguma coisa que só tivesse três pessoas aprendendo cada uma a sua coisa...!!!...”²¹⁰ – e reforça “Eu gostaria de, um dia, poder ainda fazer uma pequena experiência de abrir alguma coisa em queoubessem duas ou três pessoas para aprenderem...”²¹¹. Esta semente depois cresceria e se espalharia, contagiando e transformando toda a Universidade, que hoje realmente existe, nesta outra sempre aberta.

3.1.2. Simplificar o processo de ensino e aprendizagem

3.1.2.1. O que os alunos querem aprender, os professores devem ensinar

Na Universidade aberta que se poderá iniciar com as pessoas sentadas à volta daquela mesa para aprender “...o que [...] quiserem!...”²¹², cada uma escolherá então aquilo que lhe interessar “...e os três que estão à minha frente, por exemplo, diziam: (...) eu quero aprender latim; e o outro dizia eu quero aprender escultura; e o outro dizia eu quero aprender como é a mística do sufi dos muçulmanos!!”²¹³.

E seria em função destas escolhas que se procurariam os professores para ensinar as respetivas matérias, os quais se poderiam voluntariar, tal como estava ele mesmo disposto a fazer: “...eu lhes disse logo: se vocês, por exemplo, quiserem ser

²⁰⁵ *idem*

²⁰⁶ *idem*

²⁰⁷ *idem*

²⁰⁸ *idem*

²⁰⁹ *idem*

²¹⁰ *idem*

²¹¹ *idem*

²¹² Entrevista com Cáceres Monteiro.

²¹³ Entrevista com Fernando Alves.

especialistas em latim, eu talvez recorde o latim, e vos ensine...”²¹⁴, já que “De latim eu vou sabendo...”²¹⁵; e, relativamente às restantes matérias “...as outras coisas não sei...”²¹⁶, pelo que será necessário haver outros professores, tendo, por isso, que se “...procurar quem venha aqui ensinar!!...”²¹⁷.

Para tal propósito, vários se poderão disponibilizar, como foi o caso de “...um grande professor de matemática...”²¹⁸ que enviou uma carta a Agostinho exatamente para esse fim, dizendo-lhe “...se precisar de algum matemático, eu estou ao seu dispor!”²¹⁹. Esta disponibilidade poderia ser, também, imediata “...em qualquer altura (...) Num instante...”²²⁰.

3.1.2.2. Meios audiovisuais, mais autonomia dos alunos

Entretanto, o processo de ensino e aprendizagem ir-se-á simplificando até ao ponto em que deixará de haver necessidade de professores: “...o que nós temos que fazer é simplificar a vida de tal maneira que isso (educadores, pedagogos, instrutores) não seja mais necessário...”²²¹. Paralelamente, e considerando a crescente relevância dos meios audiovisuais na educação, estes virão a “...substituir o livro, no futuro...!”²²², processo que não estará muito longínquo, pelo que Agostinho tem já o seu fim anunciado: “...livro é uma coisa morta!”²²³.

Nesta perspetiva, torna-se necessário prover as escolas de documentação daquela natureza “E o que tem é que haver uma documentação audiovisual daquilo que se for fazendo...”²²⁴, por exemplo através de “...antologias...”²²⁵, e dispor de espaços adequados que sirvam de “...depósitos das videocassetes...”²²⁶ de muito fácil acesso a todos aqueles que querem instruir-se “...para eles irem lá e aprenderem...!!...”²²⁷.

²¹⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²¹⁵ Entrevista com Fernando Alves.

²¹⁶ *idem*

²¹⁷ *idem*

²¹⁸ *idem*

²¹⁹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²²⁰ Entrevista com Fernando Alves.

²²¹ Entrevista com Herman José.

²²² Entrevista com Fernando Alves.

²²³ Entrevista com Miguel Esteves Cardoso.

²²⁴ Entrevista com Fernando Alves.

²²⁵ *idem*

²²⁶ *idem*

²²⁷ *idem*

Esta escola, tal como se apresenta, será surpreendente para muitos “...e muita gente, quando eu falo nessas coisas, julgam que eu quero começar isso amanhã...!!...”²²⁸, mas não é assim, já que tal situação não tem condições para ocorrer num futuro imediatamente próximo “Sei que hoje ainda não se pode fazer isso!...”²²⁹. No entanto, e com vista a que tal se venha a concretizar, deveremos habituar-nos àquilo que agora se nos poderá afigurar como algo muito novo e diferente, temos que começar a “...entrar em processos inteiramente novos!”²³⁰ mas, por enquanto, teremos “...que dar tempo ao tempo!!...”²³¹.

3.2. Uma universidade para se cumprir

Tomando o monumento aos Descobrimentos como metáfora, Agostinho da Silva estabelece um paralelismo entre o Infante D. Henrique e os alunos que não entram na universidade, eles “...estão na mesma situação em que está o Infante D. Henrique naquele monumento dos Descobrimentos...”²³² já que, depois de todo o percurso que até ali fizeram, deparam-se com esta dificuldade: ou ficam parados perante o vazio, ou caem “Pulam, caem no rio!! Não é?”²³³. Portanto, ambas as situações se deverão evitar. Assim sendo, torna-se necessário descobrir alguma forma do Infante continuar a andar o seu caminho: “Para onde vai aquele Infante D. Henrique?...”²³⁴ – que será o que aqueles alunos imaginarem “Vocês têm que imaginar que continuação damos nós ao monumento dos Descobrimentos...!!”²³⁵, de modo a que todos se salvem da queda e do vazio “Vocês têm que imaginar o que é que querem fazer para não ficar esse vazio diante de vocês!!”²³⁶. Para tanto é necessário indicar tal caminho e o modo de o fazer “...são os meninos (...) aqueles que têm que dizer como é que eles vão saltar esse vazio!... para onde, e como!?”²³⁷. Quando descobrirem o caminho que o Infante deverá tomar, eles terão descoberto também o seu, e seguirão por aí: “Para onde vocês acharem que ele deve ir, vocês irão também...!!...”²³⁸.

²²⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²²⁹ *idem*

²³⁰ Entrevista com Fernando Alves.

²³¹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²³² Entrevista com Cáceres Monteiro.

²³³ *idem*

²³⁴ *idem*

²³⁵ *idem*

²³⁶ *idem*

²³⁷ *idem*

²³⁸ *idem*

Para levarem tal empreendimento a bom porto, estes alunos poderão contar com a ajuda de Agostinho “...eu disse, este ano, a alunos (...) que, se algum [...] ficasse reprovado, não pudesse entrar na universidade...”²³⁹, então que viesse ter comigo para, juntos, tentarmos encontrar uma alternativa que será aquele tal caminho que “Estou disposto a fazer com eles – com aqueles que puder...! e que quiserem!...”²⁴⁰, e que corresponderá à invenção ou descoberta de uma Universidade que todos possam concretizar e frequentar.

3.2.1. Nasce dos próprios alunos, e não se repete

Mas não será a Agostinho da Silva que caberá a tarefa de inventar ou descobrir tal Universidade “...eu não vou dizer-lhes qual é que é a alternativa!!...”²⁴¹ porque, se assim acontecesse, esta limitar-se-ia apenas a “...uma receita de médico que para aqui não tem importância absolutamente nenhuma!!”²⁴²; e, a ser receita, de igual modo deveria não ter como proveniência a pessoa de Agostinho “...são vocês que têm que dar a receita a mim, não eu a vocês!!”²⁴³. Afinal, e em consonância com os portugueses de há seiscentos anos que “...achavam também que seriam os meninos que deviam dirigir o mundo!!...”²⁴⁴, e reconhecendo Agostinho já não ser “...menino...!!...”²⁴⁵, a ideia para o nascimento desta Universidade emergirá seguramente dos alunos, “...a alternativa nasce de vocês mesmos...”²⁴⁶.

Assim sendo, e em primeiro lugar, estes deverão declarar “...aquilo que eles acharem que é a Universidade!...”²⁴⁷ e, em função disso, se estabelecerá a Universidade que querem para eles “...tendo ele que dizer que espécie de Universidade queria!!...”²⁴⁸. Então, a ajuda de Agostinho consistirá em apoiar estes alunos na sua própria decisão, nos moldes em que puder e eles assim o quiserem, e combinar-se-ia, entre todos, a “...espécie de Universidade [...] que se fazia...!!”²⁴⁹.

²³⁹ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁴⁰ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²⁴¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²⁴² *idem*

²⁴³ *idem*

²⁴⁴ *idem*

²⁴⁵ *idem*

²⁴⁶ *idem*

²⁴⁷ *idem*

²⁴⁸ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁴⁹ *idem*

Poderá, depois, iniciar-se a concretização daquela Universidade “O que, acho, seria uma experiência bem interessante...”²⁵⁰. Para já, “...vamos a isso!...”²⁵¹, já que podemos antever que esta Universidade se irá encontrar liberta da lei dos mercadores, já que “...é possível (...) libertar!!!”²⁵², e os alunos fá-lo-ão; também será “...a gosto do aluno!!...”²⁵³ e, portanto, verdadeiramente diferente e inteiramente nova, cada uma como única a existir no mundo: “Não tenciono repetir Universidade nenhuma no mundo!! Nem daqui, nem de fora... Nada!!”²⁵⁴.

Para além destas características e premissas, outras futuramente se poderão observar “Como se verá quando esses meninos disserem qual é a ideia...”²⁵⁵, já que, essencial e exclusivamente, será da sua iniciativa que nascerá e se desenvolverá tal Universidade: será a primeira Universidade livre, a primeira fantasia poética do mundo.

²⁵⁰ *idem*

²⁵¹ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²⁵² *idem*

²⁵³ Entrevista com Vasco Ramalho e João Carlos.

²⁵⁴ Entrevista com Cáceres Monteiro.

²⁵⁵ Entrevista com Cáceres Monteiro.

CONCLUSÕES

1. Voltando à educação pela vida

1.1 Quanto mais escola, menos natureza e liberdade

Com base no percurso histórico da educação no mundo, podemos observar que, dependendo da variação do respetivo grau de institucionalização de um grupo social e no que se refere ao maior ou menor contacto e aproximação dos indivíduos com a natureza, a educação ocorrerá em condições diferentes: quanto menos institucionalizado for o contexto, maior será o contacto e aproximação com a natureza, e vice-versa.

Consequentemente, nos vários contextos espaço-temporais que se vão sucedendo ao longo da história, a educação tem assumido diversos aspetos: desde a simples educação pela vida - onde o indivíduo é socializado através da participação no dia a dia do grupo e em contacto próximo com a natureza - até aos sistemas mais complexos, com a criação e organização de instituições destinadas ao efeito, e afastados da natureza. São exemplos extremos destas duas situações, respetivamente: o início do percurso histórico com as sociedades primitivas; e o ponto em que estamos, com as sociedades capitalistas.

1.2 O elogio da educação pela vida

Tal foi o que aconteceu geralmente mas, nesta escalada do mais simples para o mais complexo, entre uma e outra situação, ocorrem exceções traduzidas em ideias e práticas pedagógicas diferentes e mais ou menos isoladas do contexto geral em que ocorrem. Exemplos significativos são, entre outras, as de Sócrates, de Pestalozzi na linha de Rousseau, e o movimento da escola nova, o qual se caracteriza por colocar a criança no eixo central do seu pensamento e ação, bem como a relevância que se dá à natureza, bem como à liberdade e à criatividade que lhe estão associadas.

E são exatamente estas procuras e aberturas de caminhos que Agostinho da Silva releva e corrobora no seu discurso, tanto oral como escrito: as situações que traduzem aproximação à vida natural são por si elogiadas, enquanto que as que se afastam da natureza são por si repudiadas.

Relativamente à educação pela vida das sociedades primitivas, Agostinho louva-a. Tais formas traduzem-se sempre em atitudes e posturas dos seres humanos associadas ao contacto íntimo com a natureza e ao respeito por essa natureza – que se manifesta no viver de acordo com ela, em vez de a manipularmos para a transformar naquilo que cremos ser melhor para nós. Este respeito traduz-se em comportamentos e atitudes como o usufruto do tempo livre, a alegria de viver e a contemplação, o silêncio, crescer

em liberdade com o mínimo de intervenção sobre a criança – todos enformados pela assunção da natureza e da vida enquanto entidades divinas e de expressão divina.

1.3. Escola, natureza e liberdade coabitam: a escola nova

Neste contexto, Agostinho da Silva salienta o movimento da escola nova dos nossos dias, e também outros que o antecederam e o terão inspirado. Tanto os pedagogos considerados precursores deste movimento como os seus efetivos atores reúnem, nas suas pedagogias, um conjunto de características semelhantes às daquela educação pela vida das sociedades primitivas: todos relevam o contacto próximo com a vida natural em oposição à artificial expressando, pelo seu pensamento e respetivas práticas pedagógicas, preocupações sobretudo relacionadas com a liberdade dos indivíduos – a qual se deverá realizar o mais possível em contacto com o real, e num clima de amor e respeito pela natureza humana, esta entendida como essencialmente divina pela criatividade que lhe é inerente. Através das respetivas pedagogias, estes pedagogos procuram despoletar e fazer emergir essa criatividade de cada aluno.

Em consonância com esse objetivo, repudiam-se práticas pedagógicas que atentam contra a integridade física e psicológica dos indivíduos e que, como tal, constituem prisões que constroem ou até impedem aquela libertação: a obrigatória atitude dos alunos de apenas ouvirem o professor como único que tem voz na sala de aula, os castigos que lhes são infligidos, os horários rígidos e a imobilidade a que têm que se sujeitar, a emulação... Afinal, todas as práticas que se incluem na velha escola e que a definem - em oposição às novas que se vieram a constituir no movimento da Escola Nova. Assim, e contrariamente às anteriores, estas práticas promovem a libertação da criatividade, e correspondem por isso às práticas dos pedagogos referidos.

1.3.1 Pedagogos e pedagogias: para naturalmente aprender

A este propósito, e relativamente aos precursores, os antigos gregos faziam a apologia da natureza, do amor e da vida; e, no caso de Sócrates, a sua oposição aos sofistas revela, por si só, a rejeição ao artifício e ao poder – que se opõem à natureza. Também os oratorianos, Coménio e Pestalozzi privilegiaram sempre, na educação, o contacto com o mundo natural e as realidades da vida, bem como a relação de afetividade com os alunos. Neste clima de respeito pela pessoa humana, trata-se de educar atendendo às singularidades e interesses de cada indivíduo.

Depois, esta aproximação à educação pela vida evoluiu com os pedagogos da Escola Nova que igualmente partilharam aqueles aspetos, e também desenvolveram e inauguraram outros: Maria Montessori, com a criança como centro da ação educativa, e em inter-relação com o meio; Sanderson, cuja escola é local de realização das tarefas da vida em grupo onde se promove a cooperação; Illich, que rejeita a instituição escola e a pretende substituir por grupos de interesses com material de propriedade pública, para uso de todos; Bakulé, que entende que os seus alunos devem aprender o que querem e quando querem, e que se disponibiliza a que estes o construam enquanto professor; Gruntvig e Kold, para quem a riqueza maior dos seus alunos é a capacidade de sonhar; Lietz, com as suas escolas no campo, cuja vida acompanha o ritmo da natureza e onde se privilegia o tempo livre; Washburne e a prática do auto-governo das escolas, associado à promoção da autonomia dos alunos; Parkhurst e a liberdade ampliada pelo não compartimentar do tempo; Duane, que abriu a escola a um novo entendimento entre diferentes culturas; e Baden-Powell, o militar que traz um presente das crianças, para ensinar a cumprir e a nos cumprirmos.

2. Agostinho da Silva: humildade, convicção, missão e sorte na vida

De si próprio, diz Agostinho da Silva que é uma pessoa simples e normal, já que não é místico, nem profeta, nem génio, nem é autor de coisa nenhuma. Nunca sente saudades porque as pessoas e lugares de que gosta, mesmo afastados fisicamente, são-lhe sempre presentes.

Para ele, viver significa ser livre o mais possível e amar os outros e a vida, a qual deve ser vivida sem pressas e sem pensar, acompanhando-a de acordo com o modo por que se apresenta - já que ela tem planos para nós que ignoramos e, a agir contrariamente, só a iremos atrapalhar e nos atrapalhar. Aliás, várias ocorrências na vida que, na altura, percebemos como desfavoráveis são, afinal, úteis para nos cumprirmos – como no caso de Agostinho¹, que a tal atribui a ativa vadiagem que fez pelo mundo. E, porque Portugal o impulsinou para estas necessárias vivências fora dele, e o autorizou aqui a

¹ Agostinho da Silva declara ter sido conduzido para a sua vida de vadiagem pelo mundo devido a determinadas circunstâncias com as quais se confrontou: por ter sido perseguido pelo governo de Portugal em determinada fase da sua vida, acabou por sair do país e realizar depois todo aquele périplo de ação pedagógica pelo mundo, principalmente no Brasil. Se assim não fosse, muito provavelmente se teria deixado amolecer por uma vida estável e monótona.

nascer e também o instruiu de graça, sente-se em dívida para com este país, nutrindo por ele especial gratidão e respeito.

A par de tais benesses com que a vida o presenteou, existem ainda outras que servem para o alertar e afastar daquilo que não convém ao cumprir-se: poder e respetiva luta económica, trabalho e contrapartida do dinheiro, cumprimento de horário, ato de julgar e, também, discussões e atitude de tolerar, à qual subjaz uma relação hegemonicamente desigual em vez de compreensão e entendimento com o outro, bem como da humildade que se lhe associa.

Por todo este conjunto de fatores que o ajudam a manter-se no caminho que convictamente crê que deve seguir, Agostinho da Silva considera-se com muita sorte na vida.

2.1. A sua e outras vidas dos pedagogos que biografou: modelos de qualidades humanas

O que Agostinho da Silva diz de si próprio, bem como o que revela relativamente às respetivas atitude e postura na vida, apresenta consideráveis semelhanças com o que escreve sobre os seus biografados e, mais especificamente, sobre os pedagogos relacionados com o movimento da escola nova. Cultivando a humildade e distanciando-se sempre daquilo que se lhe afigura como indiciador de prestígio, cremos que este pedagogo terá utilizado as suas experiências de vida, com as daqueles, como modelos em aspetos que considerará relevantes², e que a seguir salientamos.

Assim, todos revelam a consciência de que têm missão a cumprir no sentido de melhorar as vidas humanas usando, para isso, a educação como instrumento privilegiado. Tal consciência traduz-se sempre numa convicção que emerge nestes indivíduos e que os encaminha para os seus objetivos - aos quais consagram as suas vidas com humildade e determinação e que conflui, em todos eles, no levar a humanidade a despoletar a criatividade que tem em si. Certamente para todos, e agora mais especificamente no que diz respeito a Agostinho da Silva, tal criatividade corresponderá à manifestação do divino no humano, constituindo este o objetivo fundamental de todas as vidas humanas.

Se Agostinho rejeita receber o dinheiro correspondente aos direitos de autor pelas obras que publica, isso relacionar-se-á, por um lado, com este domínio da economia com que não se identifica, mas também com a sua convicção da

² Provavelmente, tal como acontecia na educação dos gregos, com Ulisses...

3. O que é ser-se humano: não se sabe muito bem...

Observa-se que cada ser humano surge na terra através do seu nascimento, e deixa-a com a respetiva morte. Sobre estes dois momentos, diz-nos Agostinho que cada um de nós escolhe previamente o local onde virá a nascer, pelo que a idade real de cada indivíduo não corresponderá à do respetivo registo; também, afirma que não se pode garantir que a morte exista – já que a nossa experiência se restringe à perspetiva que temos apenas sobre a morte de outros.

Salienta dois órgãos humanos: o cérebro e o coração. Relativamente ao primeiro, trata-se de uma antena que deteta ondas e ideias do exterior - pelo que criar e pensar não terão aí a sua fonte ou origem; e, relativamente ao segundo, se é verdade que o coração faz circular o sangue, também será verdade que não se localiza apenas no interior do corpo, mas no seu exterior, como uma atmosfera de um amor geral no mundo que nos envolve e guarda.

Até hoje, terá já havido vários tipos de seres humanos a habitar na terra. No entanto, e comparativamente a outros animais, a existência da humanidade é muito recente - como tal, ainda teremos muito a crescer e a desenvolver-nos enquanto espécie. Nesta sequência, e segundo Agostinho da Silva, a humanidade atual poder-se-á comparar à larva que, rastejante e depois presa no casulo, espera e se prepara para de lá se libertar como borboleta voadora no futuro – já que tem como vocação e destino ser livre, voar alto e ter um chão para pousar sempre que quiser.

3.1. ...sabe-se que é essencialmente criador, e tem missão

Afinal, o que realmente caracteriza o ser humano é a sua capacidade de voar ou imaginar e criar. Portanto, sendo cada criança que nasce no mundo sempre única e, por isso, excepcional, com uma cultura também excepcional porque a cultura é sempre pessoal e inata³, também a criação que deverá fazer será igualmente única. Ou seja, cada ser humano nasce poeta e poema, no sentido em que traz consigo essa obra de criação única para o mundo e onde é seu dever realizá-la e se realizar, ou cumprir-se. Para tal, cada um aloja em si uma vontade, ou vocação, que o impelirá para a sua mensagem e criação cuja meta maior é cumprir-se poema, converter-se afinal cada um na própria obra de criação.

³ O conceito de cultura, para Agostinho da Silva, não é o habitual do domínio da antropologia.

De acordo com Agostinho, a criação relacionar-se-á com os conceitos de Deus, Eternidade, Origem, Universo e Vida, sendo que todos eles se converterão em sinónimos do mesmo. Nesta leitura, tal criatividade que se manifesta corresponderá à ideia de Deus que, por sua vez, igualmente corresponderá à eternidade e origem, ponto sem espaço e sem tempo, e que se poderá entender como um movimento para ser um, ou universo. Neste movimento está a vida, que é muito mais ampla do que habitualmente a consideramos, e o mundo está aí e nós também. Nesse todo, e na condição de crianças ou criatividade, nós podemos ouvir a vida falar – como diz Agostinho. Crê em algo que o manterá no mundo com uma missão a cumprir, a qual consistirá em contagiar outros para a expressão da mensagem deles próprios, já que todos os seres humanos terão igualmente uma missão específica a realizar e que, por a cumprirem, se cumprem Criança.

4. A quebra da unidade com a vida

O mundo, tal como se apresenta, contraria este cumprir-se criança. Principalmente o mundo ocidentalizado, com a economia de mercado do modelo capitalista que o caracteriza e que praticamente invadiu todo o globo, dificulta muito e até impede quase sempre o alcançar da almejada meta, o que ocorrerá com maior incidência nos países ditos mais desenvolvidos, cujos habitantes inadvertidamente terão sacrificado a sua humanidade – impedindo-se de ser crianças. Tal modelo económico é contrário à expressão da poesia, já que nele estão contidos os fatores que conduzem à morte da criança que cada um de nós é ao nascer, por alienarem da verdadeira vida: guerra e competição; consumismo; poder e instituições. Finalmente, todos estes elementos se podem traduzir e condensar na guerra contra a carência em que todos estamos envolvidos, e que faz de nós soldados dessa guerra. Nesta condição, encontramos-nos obrigados a cumprir, produzindo ou trabalhando com a arma que a profissão constitui. Este serviço militar não prepara para a vida civil e respetivo tempo livre e vida gratuita que virá brevemente, pelo que as pessoas correrão o grave risco de se perderem por não terem aprendido a lidar com tal situação: isto já acontece com reformados e desempregados que, privados do trabalho para que só foram preparados, morrem sem ter realmente vivido – ou seja, sem se terem cumprido crianças, ou os poetas à solta que nasceram.

Quando este conjunto de condições naturais não se cumprem, decorre uma quebra da necessária unidade com a Vida – como aconteceu neste mundo ocidentalizado que perpetró aquela guerra e que, por isso, pôs em causa a existência desta unidade, a qual se poderia ter irremediavelmente perdido.

Toda a ação que se leva a cabo justifica-se pela necessidade imperiosa de restabelecer a unidade perdida do ser humano com Deus ou a Vida, ocorrida desde há tempos imemoriais – tal como é referido em fontes diversas, e cuja promessa de realização ou vitória se encontra representada na festa prospetiva ou culto popular do Espírito Santo. Com vista a este restabelecimento da unidade perdida, ou regresso à Idade do Ouro ou do Paraíso Perdido ou, no dizer de Agostinho da Silva e de acordo com as três idades do Mundo de Joaquim de Flora, a entrada na Idade do Espírito Santo, é que se vão tentando e fazendo as aproximações à educação pela vida através da educação e, mais recentemente, através das respetivas práticas pedagógicas do movimento da escola nova que, como tal, Agostinho da Silva defende e promove⁴.

4.1. Revolução salvadora de poetas: para voltar à unidade perdida

A necessária unidade com a vida não se perdeu irremediavelmente, já que se poderá reatá-la através de uma revolução salvadora de poetas, inaugurando a vida gratuita para todos: tal como Vieira dizia e Agostinho corroborava, para se ouvir a voz de Deus é preciso que o corpo se encontre apaziguado. Assim, findo o percurso do capitalismo, haverá abundância a distribuir por todos – pela criação de uma economia mais humana. Paralelamente, ciência e técnica disponibilizarão tempo completamente livre através da utilização de máquinas que realizarão trabalho e, sem esta e outras prisões, dar-se-á a libertação do potencial de criação da humanidade, pelo que todos seremos as crianças que verdadeiramente somos, num mundo que se anuncia habitado pelas várias etnias espalhadas por todos os continentes, com uma cultura comum que incluirá harmoniosamente as várias e diferentes culturas – então entraremos na Idade do Espírito Santo, da Criança Imperador, do Ser Criança ou Poeta à solta, do ser poema.

Como a *máquina do mundo* está ligada e nada a poderá fazer parar, tal revolução irá inevitavelmente acontecer. Mas, até lá, continua a humanidade aprisionada.

⁴ Segundo Agostinho da Silva, cada um de nós albergará em si a vontade de restabelecer tal unidade, embora nem sempre exista claramente essa consciência; também, a máquina do mundo se encarregará de fazer com que tal venha a acontecer.

No entanto, recordamos que, no decurso da história e em contextos adversos ao exercício da liberdade e da criatividade, houve sempre pedagogos capazes de não fazerem esquecer à humanidade a sua verdadeira condição de criadores livres, sendo capazes de manter viva a lembrança da unidade à vida através dos seus constantes apelos à liberdade e à natureza, então agora igualmente se recorrerá à educação como instrumento capaz de preparar e acelerar a realização desta revolução de poetas.

5. Educação: meio para a (re)emergência da Criança

Salvo aquelas exceções que referimos, e que são reveladoras das capacidades da educação como instrumento de libertação do ser humano, tem cabido à educação principalmente o papel de fornecedora de soldados produtores para a guerra contra a carência. Mas, para o tempo que se aproxima de uma total plenitude que passará por aquela revolução salvadora de poetas, terá esta um papel fundamental de propiciadora e de catalisadora da mesma revolução – o que se conseguirá, para já, e partindo das práticas da escola nova, pela introdução e promoção de procedimentos de natureza mais libertadora, com possibilidade de escolha, por parte dos alunos, de atividades concordantes com os seus interesses e à sua escolha, constituindo assim, e no dizer de Agostinho, uma escola mista no sentido em que une o carácter militar de cumprir a outro de natureza civil, e que diz respeito à ocupação do tempo livre.

De acordo com Agostinho da Silva, seguimos nesse caminho passo a passo, com a escola libertando-se gradualmente da sua anterior rigidez militar e adquirindo cada vez maior abertura e flexibilidade civis de tal modo que, num futuro próximo, a educação se transformará noutra bem diferente da que temos atualmente, servindo tão só para que cada um se cumpra criança.

5.1. Uma universidade diversidade aberta criada pelos alunos

A escola será uma porta sempre aberta a todos aqueles que queiram saber seja o que for, e que poderá designar-se por universidade – a qual incluirá todas as diversidades de gente no que se refere também a idades, e de saberes do mundo, e onde não haverá qualquer tipo de hierarquização dos conhecimentos, nem tampouco obrigatoriedade de frequência.

O aspeto de tal universidade não se assemelhará ao que atualmente conhecemos, por exemplo, enquanto edifício localizado. Para tal muito contribuirão as tecnologias – como já fazemos, quando buscamos respostas às nossas perguntas através do recurso à internet, e poderá prescindir-se do livro enquanto este será inteiramente substituído pelo audiovisual. O processo de ensino e aprendizagem ir-se-á simplificando até ao ponto em que deixará de haver necessidade de professores, pelo que todos nos converteremos em alunos, em *alimentados* – como refere Agostinho, com base na etimologia da palavra aluno. Este processo conseguirá, deste modo, responder aos anseios de um ensino individualizado cuja necessidade e relevância se têm revelado necessárias.

O traço que particularmente definirá esta universidade diversidade será ela surgir como criação dos alunos, servindo para cada um se cumprir e, por isso, não se repetirá porquanto cada aluno que é único, cria uma universidade única também. Para Agostinho da Silva, esta universidade verdadeiramente livre e cuja existência se encontra muito próxima constituirá, então, e no que à educação diz respeito, a primeira fantasia poética do mundo.

5.2. Voltar à unidade perdida não é voltar à sociedade primitiva

Do percurso histórico que conhecemos relativo ao ser humano como habitante deste planeta, observa-se que os indivíduos têm vivido normalmente integrados em grupos sociais – pelo que a educação, enquanto instrumento socializador e independentemente do seu maior ou menor grau de institucionalização, sempre terá aí estado presente. Assim, humanidade e educação têm-se apresentado como realidades indissociadas. Enquanto socialização, a educação configura também uma prisão, pelo que sublinhamos que o caminho que deveremos percorrer até chegarmos à meta não desembocará na educação pela vida das sociedades primitivas – de que tão só se fez a apologia pelo seu contacto com a natureza e liberdade, que será o que atualmente poderemos experienciar de mais próximo com essa unidade perdida.

Recordamos que estes povos, que se encontram tão harmonizados com o mundo em que vivem e que por isso conservam muito da sua humanidade, não se encontram todavia na ausência de qualquer forma de economia – vivem numa economia de subsistência que, embora simples e comparativamente muito diferente à economia de mercado que sacrifica gravemente a humanidade dos que aí estão implicados, também aquela não os deixa completamente imunes.

Assim, Agostinho da Silva não terá anunciado um regresso às sociedades primitivas e respetiva educação pela vida, porquanto aí existem ainda prisões por existir sociedade e educação; aliás, declara que a história não se repete...

5.3. Voltar à unidade perdida é voltar para cima

Antes destes primitivos que conhecemos, terão existido outros - totalmente livres, sem quaisquer prisões – portanto, crianças – como sugere Agostinho da Silva, quando se refere aos vários tipos de seres humanos que terão existido antes destes primitivos e que não tinham qualquer tipo de economia, apenas se deslocando pelo mundo e alimentando-se do que iam colhendo que a natureza graciosamente oferecia. No futuro poderemos viver, de novo, como estes primeiros seres humanos, até melhor devido às conquistas da ciência e da técnica: o ser humano não nasceu para trabalhar, nasceu para criar – criar é atributo de Deus, e Agostinho aconselha “Sê-te Deus”.

Finalmente, trata-se da ideia da volta da humanidade à origem, sugerindo que *origem* se poderá entender como Vida ou Deus ou Universo ou Eternidade, será a vida plena sem qualquer prisão, nem a do espaço nem a do tempo, o que traduzirá a Idade do Espírito Santo com a Criança Imperador do mundo. Assim, e tal como Agostinho lembra que sempre repete o fundamental, ficamos a saber que anuncia para a humanidade o tempo não tempo e o lugar não lugar a que se associa o sermos plena e verdadeiramente a criança que nascemos, ou criatividade pura. E também lembra que nós, enquanto humanos que somos, não deveremos deixar de ser bicho de pés no chão, a par de uma cabeça no ar, que permite captar as ideias que por aí andarão. Se ser essa Criança inclui tudo, assim será. Juntando tudo, em vez de separar. Não racional. Imprevisível e inimaginável.

BIBLIOGRAFIA

- 1. DE AGOSTINHO DA SILVA**
- 2. SOBRE AGOSTINHO DA SILVA**
- 3. OUTRA**

1. DE AGOSTINHO DA SILVA

1.1. Livros

Agostinho da Silva e Vasco de Magalhães-Vilhena entrevistados sobre António Sérgio, por A. Campos Matos, Lisboa, Horizonte, 2007.

Agostinho da Silva, ele próprio, Lisboa, Zéfiro, 2006.

Biografias I (critério de edição e estudo introdutório de Helena Maria Briosa e Mota), Lisboa, Âncora, 2003.

Biografias II (critério de edição Helena Maria Briosa e Mota), Lisboa, Âncora, 2003.

Biografias III (critério de edição Helena Maria Briosa e Mota), Lisboa, Âncora, 2003.

Caderno de Lembranças (fixação do texto, transcrição, introdução e notas por Amon Pinho Davi e Romana Valente Pinho), Lisboa, Zéfiro, 2006.

Carta vária, Lisboa, Relógio d'Água, 1988.

Citações e Pensamentos de Agostinho da Silva (organização de Paulo Neves da Silva), Alfragide, Casa das Letras, 2009.

Dispersos, 2ª ed., Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

Do Agostinho em torno de Pessoa, Lisboa, Ulmeiro, 1990.

Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira I (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2000.

Ensaaios sobre cultura e literatura portuguesa e brasileira II (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2001.

Estudos e obras literárias (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2002.

Estudos sobre cultura clássica (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2002.

Ir à Índia sem abandonar Portugal – Considerações – Outros textos, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.

Moisés e outras páginas bíblicas: cinco falas de gente pastoril - fala do Pastor, fala de Labão, Fala de Lia, Fala de Raquel, fala do Velho, Famalicão, ed. do autor, 1945.

Namorando o amanhã, Alhos Vedros, Cooperativa da Animação Cultural de Alhos Vedros, 1996.

Quadras inéditas, Lisboa, Ulmeiro, 1990.

- Reflexões, aforismos e paradoxos*, Brasília, Thesaurus, 1999.
- Textos e ensaios filosóficos I* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 1999.
- Textos e ensaios filosóficos II* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 1999.
- Textos pedagógicos I* (critério de edição e estudo introdutório de Helena Maria Briosa e Mota), Lisboa, Âncora, 2000.
- Textos pedagógicos II* (critério de edição e estudo introdutório de Helena Maria Briosa e Mota), Lisboa, Âncora, 2000.
- Textos vários – dispersos* (critério de edição e estudo introdutório Paulo Alexandre Esteves Borges), Lisboa, Âncora, 2003.
- Uma antologia* (organização e apresentação Paulo Borges), Lisboa, Âncora, 2006.
- Uns poemas de Agostinho*, Lisboa, Ulmeiro, 1989.
- Vida conversável*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.
- Viva a República! Viva o Rei! Cartas inéditas de Agostinho da Silva*, org. de Teresa Sabugosa, pref. de Paulo Borges, anexo de Artur Manso, Lisboa, Zéfiro, 2006.

1.2. Entrevistas

1.2.1. Audiovisuais

“Conversas Vadias”, 13 episódios coligidos em quatro DVD’s, RTP/Público/ Alfândega Filmes/Associação Agostinho da Silva, 2006.

- . Vol. 1, “Conversas Vadias” com Maria Elisa; Adelino Gomes, Joaquim Letria.
- . Vol. 2, “Conversas Vadias” com Isabel Barreno; Baptista-Bastos; Alice Cruz.
- . Vol. 3, “Conversas Vadias” com Cáceres Monteiro; Fernando Alves; Vasco Ramalho / João Carlos.
- . Vol. 4, “Conversas Vadias” com Herman José; Miguel Esteves Cardoso; Manuel António Pina; Joaquim Vieira.

“Agostinho ele Próprio”, DVD, gravação de António Escudeiro, Zéfiro, 2006.

1.2.2. Transcritas

“O pensamento académico (entrevista a Bento Caldas)”, em *A Voz*, Lisboa, 24 de Maio de 1927, p. 3.

- “O pensamento da nova geração (s/a [entrevista a Bento Caldas])”, em *A Ide’ a Nacional*, 25 de Maio de 1927, p. 1.
- “Inquérito ao livro em Portugal. Bibliotecas culturais, XXII (s/a [entrevista a Irene Lisboa])”, em *Seara Nova*, nº 869, 8 de Abril de 1944, pp. 203-206.
- “Agostinho da Silva: um passeio à roda do céu (entrevista a Maria José Mauperrin)”, em *Expresso-Revista*, 6 de Junho de 1987, pp. 62R-64R.
- “Agostinho da Silva: um príncipe das ideias (entrevista a Eduardo Paz Barroso)”, em *Jornal de Notícias*, Porto, 17 de Novembro de 1987, p. 14.
- “Agostinho da Silva: A Europa vai morrer (entrevista a João Tocha)”, em *Universos*, 28 de Março de 1988, pp. VIII-IX.
- “Um assento em África para ver o futuro – e mais três propostas de comemoração dos descobrimentos portugueses (entrevista a Luis Carlos Patraquim)”, em *Europeu*, 10 de Novembro de 1988, p. 16.
- “Entrevista: Agostinho da Silva (entrevista a Ana Maria Guardiola & Maria da Conceição Moita)”, em *Cadernos de Educação de Infância*, nº 10, Lisboa, Abril-Junho de 1989, pp. 13-15.
- "Portugal e os portugueses - a utopia de bolinar (entrevista com introdução e palavras finais de António Macedo)", em *Forma, publicação para formadores e animadores/monitores*, Lisboa, Direcção Geral de Extensão Educativa, nº 35, Dezembro de 1989, pp. 41-51.
- “Agostinho da Silva ou a cultura portuguesa em Portugal e no mundo. O que é preciso é criar povo, (entrevista a um grupo de jovens)”, em *A Ilha – suplemento cultural do Jornal da Madeira*, Funchal, 15 de Novembro de 1970, pp. 6-8.
- "Agostinho paradoxo (entrevista a Carlos Vaz Marques)", em *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, nº 397, Lisboa, 13 de Fevereiro de 1990, p. 9.
- Conversas com Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)*, Lisboa, Pergaminho, 1994.
- “Gostava de viver até ao ano 2000 (entrevista a Carlos Magno)”, em *Expresso-Revista*, Lisboa, 9 de Abril de 1994, pp. 80-82.
- Ir à Índia sem abandonar Portugal [entrevista a Gil de Carvalho e Hermínio Monteiro]*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1994.
- A última conversa (entrevista a Luís Machado)*, Lisboa, Editorial Notícias, 1996.

"Uma Janela Sobre a vida - professor Agostinho da Silva (entrevista a Victor Mendanha)", em *Diálogos filosóficos e alquímicos*, Lisboa, Pergaminho, 1996, pp. 126-144.

"Entrevista aos escuteiros do Estoril - Outubro de 1991- (coordenação de Luís Villalobos)", em *Jornal de Notícias - Notícias Magazine*, Porto, 30 de Março de 1997, pp. 30-32.

"Agostinho da Silva, Bandeirante do espírito (entrevista a Francisco Palma Dias - Primavera de 1987)", em AA VV, *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil Ed., 2000, pp. 140-166.

Diálogos com Agostinho da Silva. O império acabou. E agora? [entrevista a Antónia de Sousa], 5ª ed., Lisboa, Editorial Notícias, 2003.

"Conversa solta com o Professor Agostinho da Silva (entrevista a Ilídio de Sousa), em Manso, Artur, *Agostinho da Silva. 1906-1994*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2004, pp. 41-50.

1.3. Textos Dispersos

"Ensaio sobre a pedagogia oratoriana", *Seara Nova*, nº 298, Maio 1932, pp. 149-156.

"Prefácio" em *A Defesa de Sócrates* (tradução e prefácio de Agostinho da Silva), Lisboa, Seara Nova, 1937.

"Vida e Morte de Sócrates", em *À Volta do Mundo – Coleção de Textos Para a Mocidade*, Lisboa, Edição de Autor, 1938.

"Considerações pedagógicas", *O Diabo*, 18 de Fevereiro de 1939, p. 1.

"O Plano Dalton", *O Diabo*, 18 de Julho de 1939, pp. 1 e 6.

"As altas escolas populares da Dinamarca", *O Diabo*, 11 de Novembro de 1939, pp. 1 e 4.

"As escolas de Lietz", *O Diabo*, 9 de Dezembro de 1939, p. 1.

"O Pensamento de Epicuro", em *Iniciação, Cadernos de Informação Cultural*, 1ª série, s/d.

"As Escolas de Winnetka" em *Iniciação - Cadernos de Informação Cultural*, 3ª série, Lisboa, Edição de Autor, 1940.

"Sócrates", em *Iniciação - Cadernos de Informação Cultural*, 9ª série, 1943.

- “Carta do Brasil – Portugal na Universidade de Brasília”, *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, nº18, Maio de 1962, pp. 46-47
- “Tema: Ivan Illich - os males”, *Vida Mundial*, 19 de Maio de 1972, pp. 40-41 (assinado J. C. M.).
- “Tema: Ivan Illich - os remédios”, *Vida Mundial*, 26 de Maio de 1972, pp. 55-56 (assinado J. C. M.).
- “Tema: A escola nova”, *Vida Mundial*, 2 de Junho de 1972, pp. 48-49.
- “Tema: Matemáticas modernas”, *Vida Mundial*, 9 de Junho de 1972, pp. 50-51 (assinado Carlos S. Ficalho).
- “Tema: Matemáticas clássicas”, *Vida Mundial*, 16 de Junho de 1972, pp. 43-45 (assinado Carlos S. Bicalho).
- “Tema: Conciliação das matemáticas”, *Vida Mundial*, 23 de Junho de 1972, pp. 46-48 (assinado Carlos S. Bicalho).
- “Tema: Transmontanos”, *Vida Mundial*, 30 de Junho de 1972, pp. 73-75.
- “Tema: A escola de Risinghill - 1. Quem propõe”, *Vida Mundial*, 7 de Julho de 1972, pp. 37-39 (assinado J. C. M.).
- “Tema: Risinghill: 2. Quem supõe”, *Vida Mundial* 14 de Julho de 1972, pp. 45-47 (assinado J. C. M.).
- “Tema: Liberdade escolar”, *Vida Mundial*, 1 de Julho de 1972, pp. 30-32 (assinado J. C. M.).
- “Tema: Escola e trabalho”, *Vida Mundial*, 28 de Julho de 1972, pp. 37-39 (assinado P. S.).
- “Tema: Os precursores – Komenski”, *Vida Mundial*, 4 de Agosto de 1972, pp. 35-37.
- “Tema: Responsabilidade portuguesa”, *Vida Mundial*, 11 de Agosto de 1972 (assinado Arnold R. Middlebee).
- “Tema: Educadores portugueses - António Sérgio”, *Vida Mundial*, 18 de Agosto de 1972, pp. 49-51.
- “Tema: Risinghill: 3. E quem dispõe”, *Vida Mundial*, 25 de Agosto de 1972, pp. 25-27 (assinado J. C. M.).
- “Tema: Formação de educadores”, *Vida Mundial*, 1 de Setembro de 1972, pp. 25-27.
- “Tema: Fundação nacional”, *Vida Mundial*, 8 de Setembro de 1972, pp. 42-45 (assinado J. C. M.).
- “Tema: Educação africana I”, *Vida Mundial*, 15 de Setembro de 1972, pp. 25-27 (assinado Frei G. H.) (*Dispersos*, pp. 575-579).

- “Tema: Educação africana II”, *Vida Mundial*, 22 de Setembro de 1972, pp. 25-28 (assinado Frei G. H.) (*Dispersos*, pp. 581-585).
- “Tema: Educação africana III”, *Vida Mundial*, 29 de Setembro de 1972, pp. 25-28 (assinado Frei G. H.) (*Dispersos*, pp. 587-593).
- “O homem e as civilizações”, *Peregrinação*, nº 4, Abril de 1984, pp. 13-14.
- “Frantisek Bakulé”, *Peregrinação*, nº 5, Julho de 1984, pp. 11-15.
- “O direito de ser”, *Peregrinação*, nº 7, Janeiro de 1985, pp. 6-9.
- “De Portugal, e da Europa, e do Mundo”, *Nova Renascença*, nº 22, 1986, pp. 89-92.
- “Divagações quanto a futuro”, *Revista de Educação*, nº 2, vol. 1, 1987, p. 102.
- “Ilha de Moçambique – Casa de Estudos Tomás António Gonzaga”, *Universus*, 19 de Setembro de 1988, p. 2.
- “Passado iluminando o futuro”, em AA. VV., *Educação e direitos humanos*, Algueirão, Comissão para a Promoção dos Direitos Humanos e Igualdade na Educação, 1988, pp. 31-40.
- “Notas outras sobre a Europa e o mundo”, *Boletim Interno do ICALP*, Março de 1989, pp. 13-19.
- “A época mais decisiva do mundo”, *Diário de Notícias*, 31 de Dezembro de 1989, pp. 5-9.
- “Essa escola vai avançar (mensagem enviada a um debate sobre a Escola Cultural)”, *A Razão*, nº4, Janeiro de 1990, p. 18.
- “Carta de Agostinho da Silva sobre Talhamar (1988)”, em Silva, Dora Ferreira da, *Poesia reunida*, Rio de Janeiro, Topbooks, 1999, pp. 467-468.
- “Cartas de Agostinho da Silva para António Telmo”, *Nova Águia. Revista de Cultura para o Século XXI*, 13, 1º semestre 2014, pp. 94-115.

1.4. Cadernos

1.4.1. À Volta do Mundo - Colecção de Textos Para a Mocidade, Lisboa, ed. do autor/Seara Nova, 1938-39.

Vida e Morte de Sócrates”, em *À Volta do Mundo – colecção de textos para a mocidade*, Lisboa, Edição de Autor, 1938.

1.4.2. Iniciação - *Cadernos de Informação Cultural*, Lisboa, ed. do autor, 1940-47.

1ª série - A primeira volta ao mundo; Breve história do linho; A vida de Edison; A vida e a arte de Goya; Uma ascensão nos Himalaias; O pensamento de Epicuro.

2ª série - O planeta Marte; A vida de Lesseps; Por três ovos de pinguim; A arte pré-histórica; O budismo; História dos Estados- Unidos

3ª série - O petróleo; A vida e a arte de Van Gogh; O Sahará; A vida de Pierre Curie; As escolas de Winnetka; História da Holanda.

4ª série - A vida e a arte de Ticiano; O gás; As viagens de Colombo; O estoicismo; Mozart; O mundo dos micróbios.

5ª série - A vida de Masaryk; O ferro; História do Egipto antigo; A escultura grega; As viagens de Stanley; A Reforma.

6ª série - O transformismo; A vida de Florence Nightingale; O islamismo; As abelhas; A vida e a arte de Cellini; Literatura latina.

7ª série - A vida de Nansen; O plano Dalton; As cooperativas; O sol; Goethe; O cristianismo.

8ª série - Beethoven; Literatura russa; Filosofia pré-socrática; Alexandre Herculano; A hulha; A vida e a arte de Courbet.

9ª série - Alimentação humana; Sócrates; A vida e a arte de Rembrandt; Apicultura; História do Japão; As viagens de Livingstone.

10ª série - Vida de Vivekananda; As estrelas; O sistema nervoso; Literatura portuguesa; Motores de explosão.

11ª série - William Morris; Platão; A arte egípcia; Bach.

1.4.3. *À Volta do Mundo - Textos Para a Juventude*, Lisboa, ed. do autor, 1943.

(coleção de textos de vulgarização científica, literária, artística, geográfica, etc. destinada à mocidade)

1ª série - A vida das enguias; Como se faz um túnel; História dos comboios; Aventuras com tubarões; O sábio Confúcio; Viagem à Lua.

2ª série - Os primeiros aviões.

2. SOBRE AGOSTINHO DA SILVA

2.1. Antologias, Ensaios e Testemunhos

- AA VV, (org. Amândio Silva e Pedro Agostinho), *Presença de Agostinho da Silva no Brasil*, vol I, Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2007.
- AA. VV., *Convergência lusítada. Centenário de Agostinho da Silva*, Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 2006.
- AA. VV. (coord. Rui Matoso), *Agostinho da Silva, um pensamento a descobrir*, Torres Vedras, Cooperativa de Comunicação e Cultura, 2004.
- AA. VV., "Agostinho da Silva", *A Phala*, nº 38, Lisboa, Assírio & Alvim, Julho-Agosto de 1994.
- AA. VV., "Agostinho da Silva, Pronto a Pensar", *Expresso-Revista*, Lisboa, 31 de Março de 1990, pp. 4R-13R.
- AA. VV., "Especial evocação do mestre que cumpriu Portugal - Agostinho da Silva", *O Comércio do Porto*, Porto, 3 de Abril de 1996.
- AA. VV., (Org. de Almir de Campos Bruneti), *Homenagem a Agostinho da Silva*, Newcomb College, Tulane University, New Orleans, 1991.
- AA. VV., "À descoberta de nós", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Lisboa, 13 de Fevereiro de 1990, pp. 7-12.
- AA. VV., *Agostinho da Silva e o pensamento luso-brasileiro*, Lisboa, Âncora, 2006.
- AA. VV., *Agostinho da Silva. Pensador do mundo a haver*, Lisboa, Zéfiro, 2007.
- AA. VV., *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil, 2000.
- AA. VV., *Encontros – Revista luso-espanhola de investigadores em Ciências Humanas y Sociales* (monográfico sobre Olivenza en homenaje al professor Agostinho da Silva), nº 3, Olivenza, 1997.
- AA. VV., *In memoriam de Agostinho da Silva. 100 anos, 150 nomes*, Lisboa, Zéfiro, 2006.
- AA. VV., *Iº ciclo agostiniano – Actas* -, Horta (Açores), FaiAlentejo, 2003.
- AA.VV., *II Ciclo Agostiniano – Actas* – Pico (Açores), FaiAlentejo, 2005.
- AA.VV., *III Ciclo Agostiniano – Actas* – São Jorge (Açores), FaiAlentejo, 2006.
- AA. VV., *Lusitânia – Mensal Canadiano Celebrando o mundo Português*, v.3, n. 8, Vancouver, Fevereiro de 2006.

- AA. VV., *Nova Águia. Revista de Cultura para o Século XXI*, 3, (O legado de Agostinho da Silva quinze anos após a sua morte), 1º trimestre 2009.
- AA. VV., *Tradição e inovação - sua unidade em Agostinho da Silva (actas de colóquios sobre Agostinho da Silva, 1996-1999)*, s/l, CADA - de cada um a cada qual, s/d [texto policopiado].
- Agostinho, Pedro, “Agostinho da Silva: pressupostos, concepção e ação de uma política externa do Brasil com relação à África”, *Encontros – Revista luso-espanhola de investigadores em Ciências Humanas y Sociales* (monográfico sobre Olivença em homenagem al professor Agostinho da Silva), nº 3, 1997, pp. 33-51.
- Araújo, Alberto Filipe, “A ideia do V império em Agostinho da Silva. Para uma interpretação mitanalítica”, em AA. VV., *História, educação e imaginário*, Braga, IEP-CEEP - UMinho, pp. 73-95.
- Barcellos, João. & Reis, Manuel, *Agostinho e Vieira: Mestres de Sujeitos!*, Santa Maria da Feira: Profedições, 2006.
- Bastos, J. Pereira, “Agostinho da Silva – a digressão pelo mundo de um humanista irrequieto”, *Jornal de Notícias*, 25 de Maio de 1994, p. 36.
- Belo, Maria N R Duarte, *O pensamento pedagógico segundo Agostinho da Silva*, UBeira Interior–Departamento de Ciências de Educação, 2000. [Tese policopiada].
- Borges, Paulo & Briosa, Helena, “As muitas dimensões de Agostinho da Silva”, *Aprender ao longo da vida*, nº 1, Maio de 2004, pp. 44-48.
- Borges, Paulo A. E., “Não se limitou a ter ideias mas a ser as ideias que teve (entrevista a Ana Sofia Rosado)”, *Das Artes, Das Letras – suplemento de O Primeiro de Janeiro*, 13-02-2006. pp. 8-9.
- Borges, Paulo Alexandre Esteves, "Silva, Agostinho da", em *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 4, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1992, cols 1120-1125.
- Borges, Paulo Alexandre, "Evocação: Agostinho da Silva ou a divina paradoxia", *Philosophica*, 4, 1994, pp. 149-153.
- Borges, Paulo Alexandre, “Profecia, messianismo e utopia no pensamento português e sua repercussão na ‘Escola Portuense’”, em *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos–1850-1950*, vol. I, Lisboa, UCatólica Portuguesa–Centro Regional do Porto/IN-CM, 2002, pp. 187-216.
- Borges, Paulo, “Pensador do terceiro milénio”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 15 de Fevereiro de 2006, pp. 14-15.

- Borges, Paulo, *Línguas de Fogo. Paixão, Morte e Iluminação de Agostinho*, Lisboa, Ésquilo, 2006. .
- Borges, Paulo, *Tempos de Ser Deus: a espiritualidade ecuménica de Agostinho*, Lisboa, Âncora, 2006.
- Borges, Paulo, *Uma Visão Armilar do Mundo*, Lisboa, Verbo, 2010.
- Branco, João, *Agostinho da Silva Um Perfil Filosófico*, Lisboa, Zéfiro, 2006.
- Bruneti, Almir de Campos, "Um Agostinho da Silva, uns Fernando Pessoa", *Nova Renascença*, 8 (30-31), 1988, pp. 174-182.
- Casulo, José Carlos, "Agostinho da Silva: contributo para uma análise filosófico-pedagógica de *Educação de Portugal*", em *Contributos para o estudo da pedagogia portuguesa contemporânea*, Braga, CEEP-UMinho, 2001, pp. 111-129.
- Casulo, José Carlos, "Fundamento de um testemunho de Agostinho da Silva sobre a escola cultural", em AA. VV. (org. Manuel Ferreira Patrício), *Globalização e diversidade – A escola cultural, uma resposta*, Porto, Porto Editora, 2002, pp. 359- 362.
- Casulo, José Carlos, Recensão a Silva, Agostinho da, *Educação de Portugal, Revista Portuguesa de Educação*, 3 (2), 1990, pp. 156-159.
- César, Constança Marcondes, *O grupo de São Paulo*, Lisboa, IN-CM, 2000.
- Coelho, Jacinto do Prado, "O nacionalismo utópico de Fernando Pessoa", *Colóquio, Revista de Artes e Letras*, nº 31, Dezembro de 1964, pp. 53-57.
- Costa, Luís, "O velho sábio com habilidade de mestre-escola", *O Tripeiro*, 7ª série, nº 2, Fevereiro de 2006, p. 40.
- Couto, Filipe Abraão, *A mediação cultural em Agostinho da Silva na senda do Quinto Império*, ILCH-UMinho, 2012. [Tese policopiada].
- Dacosta, Fernando, "Um ser que veio do futuro", *Público*, 4 de Abril de 1994, pp. 9-11.
- Domingues, Joaquim, "Agostinho da Silva e a Faculdade de Letras do Porto", em *De Ourique ao Vº Império*, Lisboa, IN-CM, 2002, pp. 223-234.
- Ellys, *Raízes Intemporais da vida e da alma de Agostinho da Silva*, Lisboa, Setecaminhos, 2006.
- Epifânio, Renato, "Breve retrospectiva biográfica", *Aprender ao longo da vida*, nº 1, Maio de 2004, p. 49.
- Epifânio, Renato, *Perspectivas sobre Agostinho da Silva na imprensa portuguesa*, Lisboa, Zéfiro, 2008.

- Epifânio, Renato, *Visões de Agostinho da Silva*, Lisboa, Zéfiro, 2008.
- Flórido, José, *O caminho da afirmação, o caminho da renúncia – dois percursos de Agostinho da Silva*, s/l, Aeterna, 2000.
- Flórido, José, *Reencontrar Agostinho da Silva, o poeta e o poema*, Lisboa, Zéfiro, 2006.
- Flórido, José, *Um Agostinho da Silva - correspondência com o autor*, Lisboa, Ulmeiro, 1995, pp. 5-77.
- Fonseca, Edson Nery da, “Agostinho da Silva (1906-1994) – Caminhos brasileiros”, *Colóquio–Letras*, 140/141, Abril/Setembro de 1996, pp. 269-272.
- Franco, António Cândido, “Entrevista a Paulo Alexandre Esteves Borges sobre Agostinho da Silva”, *O Setubalense*, 18 de Abril de 1990, p. 4.
- Franco, António Cândido, “O jovem Agostinho”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 6-10-1999, p. 37.
- Franco, António Cândido, “Poesia e profecia em Agostinho da Silva”, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 4 de Outubro de 1988, p. 17.
- Franco, António Cândido, *O estranhíssimo colosso. Biografia de Agostinho da Silva*, Lisboa, Quetzal, 2015.
- Freitas, Helena de Sousa, “Agostinho da Silva, pensador controverso e enigmático”, *Jornal de Notícias*, 13-02-2006, p. 36.
- Gama, Manuel, “Agostinho da Silva: o homem e o seu porvir”, em AA VV, *Agostinho da Silva pensador do mundo a haver*, Lisboa, Zéfiro, 2007, pp. 249-253.
- Gomes, Pinharanda, “Silva, George Agostinho Baptista da”, em *Verbo, Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 20, suplemento H-Z, Lisboa/S. Paulo, Verbo, 1980, col. 1197.
- Jardim, Maria Antónia, “Entre Fernando Pessoa e Agostinho da Silva, uma educação simbólica”, em *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, vol. III, Lisboa, UCatólica Portuguesa–Centro Regional do Porto, IN-CM, 2002, pp. 327-332.
- Kujawski, Guilherme de Melo, “Agostinho da Silva, o navegador intelectual”, em *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, vol. III, Lisboa, UCatólica Portuguesa–Centro Regional do Porto, IN-CM, 2002, pp. 309-314.
- Limpo Píriz, Luis Alfonso, “Agostinho da Silva y Olivenza”, *Encontros – Revista luso-española de investigadores em Ciências Humanas y Sociales* (monográfico sobre

- Olivenza en homenaje al professor Agostinho da Silva), nº 3, Olivenza, 1997, pp. 13-32.
- Lopes, Amélia, *A Dimensão Pedagógica de Agostinho da Silva*, Porto, Profedições, 2006.
- Lúcio, Álvaro Laborinho, "António Sérgio e Agostinho da Silva", em AA. VV., *Educação, memórias e testemunhos*, Lisboa, Gradiva, 1988, pp. 105-114.
- Macedo, J. M. das Dores, *Uma leitura das teses pedagógicas de Agostinho da Silva ou o indicativo do que deve ser a educação*, Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2002. [Tese de Mestrado].
- Magalhães, Carlos A. Oliveira, *O pensamento antropagógico de Agostinho da Silva*, Porto, ed. autor, 2005.
- Manso, Artur "Agostinho da Silva: As 'Sete Cartas a um Jovem Filósofo'". "Agostinho da Silva e a 'Educação de Portugal'". "Agostinho da Silva e a primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto: entre a Seara Nova e a Renascença Portuguesa", em AA. VV., *Tradição e inovação, sua unidade em Agostinho da Silva - Actas de Colóquios sobre Agostinho da Silva 1996-1999*, CADA - de cada um a cada qual, s/l, s/d, pp. 23-58.
- Manso, Artur, "Agostinho da Silva - um pedagogo contemporâneo português em busca de uma educação para o futuro", em AA. VV., *Diversidade e identidade - Iª Conferência Internacional de Filosofia da Educação*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000, pp. 361-376.
- Manso, Artur, "Notas sobre o milenarismo quinquiescensalista de Agostinho da Silva", em AA. VV. *Pensar(es)*, nº 1, Maio de 1999, pp. 46-49.
- Manso, Artur, "A Europa e a Lusofonia segundo Agostinho da Silva", *Nova Águia*, 13, 1º Semestre 2014, pp. 24-29.
- Manso, Artur, "Agostinho da Silva: teoria e prática educativa em terras de Portugal e do Brasil", em AA. VV. (organização António Gomes Ferreira), *Escolas, culturas e Identidades – comunicações*, vol. III, Coimbra, 2004, pp. 350-360.
- Manso, Artur, "O nacionalismo monárquico de Agostinho da Silva", em Sabugosa, Teresa, *Viva a república! Viva o rei! Cartas inéditas de Agostinho da Silva*, Lisboa, Zéfiro, 2006, pp. 111-118.
- Manso, Artur, "Um sábio do nosso tempo (entrevista a Vera Luza)", em *JM.Pedras Vivas – suplemento cultural do Jornal da Madeira*, Funchal, 12 de Fevereiro de 2006, pp. 8-9.

- Manso, Artur, *Agostinho da Silva - Aspectos da sua vida, obra e pensamento*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2000.
- Manso, Artur, *Agostinho da Silva. 1906-1994*, Vila Nova de Gaia, Estratégias Criativas, 2004.
- Manso, Artur, *Filosofia educacional na obra de Agostinho da Silva*, Braga, CIEd/IEP-UMinho, 2007.
- Manso, Artur; Araújo, A Filipe; Casulo, J. Carlos, “Do particular ao global: a emergência dos mitos de Prometeu e da Idade do Ouro em dois textos de Leonardo Coimbra e de Agostinho da Silva”, em AA. VV., (organização Margarida Fernandes e outros), *O particular e o global no virar do milénio – cruzar saberes em educação*, Lisboa, Colibri/SPCE, 2002, pp. 529-537.
- Mendanha, Víctor, "Uma janela sobre a vida - professor Agostinho da Silva", em *Diálogos filosóficos e alquímicos*, Lisboa, Pergaminho, 1996, pp. 126-144.
- Mendanha, Víctor, *Conversas com Agostinho da Silva*, Lisboa, Pergaminho, 1994.
- Mota, Helena Briosa e, "A questão da formação integral do homem em Agostinho da Silva", *Ecos FF Revista dos Clubes da Escola Secundária Francisco Franco*, nº 4, Funchal, Março de 1999, pp. 4-6.
- Mota, Helena Briosa e, “Educação, cultura e vida em Agostinho da Silva”, em AA VV (org. Manuel Ferreira Patrício), *Globalização e diversidade – A escola cultural, uma resposta*, Porto, Porto Editora, 2002, pp. 299-306.
- Mota, Helena M. Briosa e, “Agostinho, a liberdade por arma”, *O Tripeiro*, 7ª série, nº 2, Fevereiro de 2006, pp. 35-38.
- Mota, Helena Maria Briosa; Carvalho, Margarida Larcher Santos, *Uma introdução ao estudo do pensamento pedagógico do professor Agostinho da Silva*, Lisboa, Hugin, 1996.
- Nunes, João Carlos Raposo, “Memória de Agostinho – ‘Sono Mama’”, *O Setubalense*, 27 de Abril de 1994, p. 6.
- Nunes, João Carlos Raposo, “Novas palavras do Professor Agostinho da Silva”, *O Setubalense*, 21 de Fevereiro de 1990, p. 4.
- Patrício, Manuel Ferreira, "Filosofia da educação em Portugal no século XX", em AA VV, (Dir. Pedro Calafate) *História do Pensamento Filosófico Português*, Vol V - tomo 2, Lisboa, Caminho, 2000, pp. 125-134.

- Patrício, Manuel Ferreira, "Prefácio", em Mota, Helena Maria Biosa, Carvalho, Margarida Larcher Santos, *Uma introdução ao estudo do pensamento pedagógico do professor Agostinho da Silva*, Lisboa, Hugin, 1996, pp. 7-14.
- Pereira, António dos Santos, "A soteriologia portuguesa de Agostinho da Silva: uma divina loucura, 'é que também somos deuses'", em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, vol. III, Lisboa, UCatólica Portuguesa–Centro Regional do Porto, IN-CM, 2002, 315-326.
- Pipa, Feliciano P, *Agostinho da Silva – comunicação e transmissão do saber*, Lisboa, UNova de Lisboa, 2000. [Tese policopiada].
- Pires, José Cardoso, "Agostinho da Silva teve uma vivência extraordinariamente rica e inconformada", *Correio da Manhã*, 4 de Abril de 1994, p. 27.
- Pombo, Olga, "Agostinho da Silva, *Educação de Portugal*" (recensão), *Revista de Educação*, vol. II, nº 1, Maio de 1991, pp. 110-115.
- Quadros, António, "Agostinho da Silva - pensador do mito português", *Tempo Magazine*, 3 de Dezembro de 1981, pp. 6-7.
- Quadros, António, "Agostinho da Silva - profeta do terceiro milénio", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 22 de Setembro de 1986, p. 8.
- Quadros, António, "Uma homenagem a Agostinho da Silva", *Tempo Magazine*, 26 de Novembro de 1981, pp. 5-6.
- Real, Miguel, "Silva, George Agostinho Batista Da", em AA. VV. (dir. António Nóvoa), *Dicionário de educadores portugueses*, Porto, Asa, 2003, pp. 1312-1317.
- Real, Miguel, "Vida e liberdade", *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 15 de Fevereiro de 2006, p. 16.
- Real, Miguel, *Agostinho da Silva e a Cultura Portuguesa*, Porto, Quidnovi, 2007.
- Reis, José Eduardo, "O espírito da utopia em Agostinho da Silva", em AA. VV., *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*, São Paulo, UNESP, 2002.
- S/a, "Agostinho da Silva - Profeta do Terceiro Milénio", *Jornal de Notícias*, 4 de Abril de 1994, p. 25.
- S/a, "Agostinho da Silva e a emigração dos intelectuais portugueses", *57 - Movimento de Cultura Portuguesa*, nº 5, Setembro de 1958, p. 21.
- S/a, "Agostinho da Silva, filho pródigo", *Leonardo*, nº 4, Dezembro de 1988, pp. 40-41.
- S/a, "A volta ao mundo em 88 anos", *O Tripeiro*, 7ª série, nº 2, Fevereiro de 2006, pp. 41-43.

- S/a, “Misto de sábio, visionário e homem comum”, em AA. VV., *Montepio*, Lisboa, nº 31, Março de 2001, pp. 32-35 (evocação de Agostinho da Silva por Paulo Esteves Borges, aquando da atribuição dos prémios D. Dinis, ano 2001).
- S/a, “Núcleo pedagógico Antero de Quental: As distrações infantis – Psicologia da adolescência – A educação cívica e as actualidades”, *O Diabo*, 26 de Agosto de 1939, p. 3.
- S/a, “Núcleo pedagógico Antero de Quental: Os pais e a orientação profissional – Equipes sociais – Os ‘quadros’ das colónias de férias”, *O Diabo*, 29 de Julho de 1939, p. 3.
- Sá, J. Victor de, "Agostinho da Silva", em AA. VV., *Educação, memórias e testemunhos*, Lisboa, Gradiva, 1988, p. 125.
- Sá, Victor de, *Agostinho da Silva: trinta e tal anos de idade...*, Lisboa, Universidade Lusófona, 1994.
- Sabugo, José, *Hipócritas, autores e Agostinho da Silva*, Casal de Cambra, Ed. Prof. Agostinho da Silva, 1999.
- Sabugosa, Teresa, *Viva a república! Viva o rei! Cartas inéditas de Agostinho da Silva*, Lisboa, Zéfiro, 2006.
- Santos, Luís Carlos dos, “Memória de Agostinho”, *O Setubalense*, 18 de Maio de 1994, p. 4.
- Santos, Luís Carlos dos, “Memória de Agostinho”, *O Setubalense*, 15 de Junho de 1994, p. 4.
- Santos, Luís Carlos dos, *Do convento*, Setúbal, Livraria Uni Verso, 1996.
- Saraiva, José Hermano, "Era um homem que não temia o pensar, um exemplo para todos", *Correio da Manhã*, 4 de Abril de 1994, p. 27.
- Scarpim, Alcione, “Agostinho da Silva e os seus gatos”, *Gazeta de Lisboa*, 16 de Março de 2000, p. 17.
- Seabra, José Augusto, "Agostinho da Silva e a 'Nova Renascença'", *Jornal de Notícias*, 11-04-1996, p. 36.
- Seabra, José Augusto, "Agostinho da Silva", em AA. VV., *Educação, memórias e testemunhos*, Lisboa, Gradiva, 1988, pp. 165-171.
- Silva, Carlos H. do Carmo, “De como metade é igual ao seu dobro... ou da sabedoria paradoxal de Agostinho da Silva”, em AA. VV., *Agostinho*, São Paulo, Green Forest do Brasil Ed., 2000, pp. 63-103.

- Silva, Germano, "À descoberta de nós" (apresentação do ciclo de conferências da cooperativa portuense *Árvore*), *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 13 de Fevereiro de 1990, p. 7.
- Soares, Mário, "Um intelectual solidário e generoso", *Público*, 4 de Abril de 1994, p. 36.
- Sousa, Avelino de, "Memória de Agostinho", *O Setubalense*, 1 de Junho de 1994, p. 4.
- Sousa, Ilídio de, "Bibliografia e antologia de textos", *Contraste, Associação de Estudantes da Faculdade de Economia do Porto*, nº 1, Novembro de 1995, p. 16: idem, nº 2, Janeiro de 1996, p. 22: idem, nº 3, Março de 1996, p. 22: idem, nº 4, Maio de 1996, p. 22.
- Sousa, Ilídio de, "Agostinho da Silva – a grandeza de um ‘marginal’", *Biosofia*, nº 1, Primavera de 1999, pp. 25-26.
- Soveral, Eduardo Abranches de, "Agostinho da Silva: um homem de Deus", em AA. VV. (d direcção de Pedro Calafate) *História do pensamento Filosófico Português*, Vol. V - tomo 1, Lisboa, Caminho, 2000, pp. 273-295.
- Soveral, Eduardo Abranches de, "Felicidade e sacrifício em Agostinho da Silva", em AA. VV. (coordenação de Maria José Cantista), *A dor e o sofrimento – abordagens -*, Porto, Campo das Letras, 2001, pp. 319-324.
- Teixeira, António Braz, "O pensamento teodiceico de Agostinho da Silva", em *Ética, filosofia e religião – estudos sobre o pensamento português, galego e brasileiro*, Évora, Pendor, 1997, pp. 195-200.
- Telmo, António, "Testemunho", *Diário de Notícias*, 4 de Abril de 1994, p. 34.
- Varela, Maria Helena, "Agostinho da Silva e a heteronímia da portugalidade", *Revista Brasileira de Filosofia*, nº 211, Julho-Setembro de 2003, pp. 335-348.
- Vitorino, Manuel, "Agostinho da Silva, 100 anos de vida na cidade", *Jornal de Notícias*, 28 de Dezembro de 2005, p. 24.

2.2. Testemunhos audiovisuais – DVD's

- "Entrevistas com os músicos Caetano Veloso e Gilberto Gil, durante a rodagem do filme "Agostinho da Silva – Um Pensamento Vivo" de João Rodrigo Mattos", vol. 1, RTP/Público/Alfândega Filmes/Associação Agostinho da Silva, 2006.
- "Entrevistas com o escultor Lagoa Henriques e Mário Soares, durante a rodagem do filme "Agostinho da Silva – Um Pensamento Vivo" de João Rodrigo Mattos", vol. 2, RTP/Público/Alfândega Filmes/Associação Agostinho da Silva, 2006.

- “Entrevistas com o cineasta Manoel de Oliveira e Roberto Pinho, durante a rodagem do filme “Agostinho da Silva – Um Pensamento Vivo” de João Rodrigo Mattos”, vol. 3, RTP/ Público/Alfândega Filmes/Associação Agostinho da Silva, 2006.
- “Entrevista com Pedro Agostinho, filho de Agostinho da Silva, durante a rodagem do filme “Agostinho da Silva – Um Pensamento Vivo” de João rodrigo Mattos”, vol. 4, RTP/Público/Alfândega Filmes/Associação Agostinho da Silva, 2006.
- “Agostinho da Silva - Um Pensamento Vivo”, documentário de João Rodrigo Mattos, vol. 5, RTP/Público/Alfândega Filmes/Associação Agostinho da Silva, 2006.
- “Presença de Agostinho da Silva no Brasil”, Alfândega Filmes, s/d, (2006?).

3. OUTRA

- AA. VV. (coord. Walter Rüegg), *Uma história da Universidade na Europa*, 2 vols, Lisboa, IN-CM, 1996.
- AA. VV. (dir. António Nóvoa), *Dicionário de educadores portugueses*, Porto, Asa, 2003.
- AA. VV. (dir. Jean Houssaye), *Éducation et philosophie, approches contemporaines*, Paris, ESF, 1999.
- AA. VV. (org. José Ribeiro Dias e Alberto Filipe Araújo), *Actas do I Encontro Nacional de Filosofia da Educação*, Braga, CEEP, 1998.
- AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, 3 volumes, Lisboa, U. Católica Portuguesa–Centro Regional do Porto - IN-CM, 2002.
- AA. VV., *Educação e direitos humanos*, Algueirão, Comissão Para a Promoção dos Direitos Humanos e Igualdade na Educação, 1988.
- AA. VV., *Filosofia de la educacion hoy, conceptos, autores, temas*, 3 vols, Madrid, Dickinson, 1989.
- Abbagnano, N., Visalberghi, A., *História da pedagogia*, 3 volumes, trad. Glicínia Quartín, Lisboa, Livros Horizonte, s/d.
- Akoun, André, “Sociedades Arcaicas e Sociedades Modernas” em *Dicionário de Antropologia – do homem primitivo às sociedades actuais* (dir. de André Akoun), tradução de Geminiano Cascais Franco, Lisboa, Verbo, 1983, pp. 194-207.

- Andrade, Antonio Banha de, *Contributos para a historia da mentalidade pedagogica portuguesa*, IN-CM, Lisboa, 1982.
- Avanzini, Guy (dir. de), *A pedagogia no século XX*, trad. de António Pinto Ribeiro, Lisboa, Moraes, 1978.
- Bandarra, *Profecias*, 4ª ed., Lisboa, Vega, 1989.
- Baptista, Isabel, *Capacidade ética e desejo metafísico, uma interpelação à razão pedagógica*, Porto, Afrontamento, 2007.
- Baptista, Isabel, *Ética e educação – estatuto ético da relação educativa*, Porto, U.Portucalense, 2008.
- Baptista, Isabel, *Laços sociais: por uma epistemologia da hospitalidade*, Caxias Sul, EDUCS, 2014.
- Barreau, Jean-Claude; Bigot, Guillaume, 2005 *Toda a História do Mundo – da pré-História aos Nossos Dias*, tradução de Paula Reis, Lisboa, Teorema, 2005.
- Bartolomis, Francesco de, *Introdução à didáctica da escola activa*, José L Borges Coelho, Lisboa, Livros Horizonte, 1984.
- Bloch, M. A., *Filosofia da Educação Nova*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1951.
- Candeias, António; Nóvoa, António; Figueira, M. H., *Sobre a Educação Nova: Cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*, Lisboa, Educa, 1995.
- Candeias, António, “Traços marcantes do movimento da Educação Nova na Europa e Estados Unidos da América”, em A. Candeias, A. Nóvoa, & M. H. Figueira, *Sobre a Educação Nova: cartas de Adolfo Lima a Álvaro Viana de Lemos (1923-1941)*, Lisboa, Educa, 1995, pp. 13-24.
- Candeias, António, *Educar de outra forma: a Escola Oficina nº. 1 de Lisboa, 1905-1930*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1994. .
- Capitan Dias, Alfonso, *História del pensamiento pedagógico en europa*, 2 volumes, Madrid, Dickinson, 1986.
- Carvalho, Adalberto Dias de, *A contemporaneidade como utopia*, Porto, Afrontamento, 2000.
- Carvalho, Adalberto Dias de, *A educação como projecto antropológico*, Porto, Afrontamento, 1992.
- Carvalho, Adalberto Dias de, *Utopia e educação*, Porto, Porto Editora, 1994.

- Carvalho, Rómulo de, *História do Ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*, Lisboa, F.Gulbenkian, 1986.
- Casulo, José Carlos, *Contributos para o estudo da pedagogia portuguesa contemporânea*, Braga, CEEP–UMinho, 2001.
- Claparède, Edouard, *L'école sur mesure*, Genève, Payot, 1920.
- Claparède, Édouard, *Psychologie de l'enfant et pédagogie expérimentale I*, Neuchatel, Delachaux et Niestlé, 1972.
- Clarke, Robert, *O Nascimento do Homem*, Trad.Fernando Cascais Franco, Lisboa, Gradiva,1995.
- Coimbra, Leonardo, “Sobre educação”, em *Obras Completas I - 1903-1912*, tomo I, Lisboa, IN-CM/UCPortuguesa-Centro Regional do Porto, 2004, pp. 192-199.
- Coimbra, Leonardo, “O problema da educação nacional”, em *Obras completas*, vol. VI, Lisboa, IN-CM, 2010, pp. 149-181.
- Coménio, *Didáctica magna*, 3ª ed., trad. Joaquim Ferreira Gomes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.
- Condorcet, *Instrução pública e organização do ensino*, tradução de Eduardo Cruz, Educacao Nacional, Porto, 1943.
- Cousinet, Roger, *A Educação Nova*, 3ª ed., tradução de Maria Emília Moura, Lisboa, Moraes, 1978.
- Cunha, Pedro de Orey da, *Ética e educação*, Lisboa, Universidade Católica, 1996.
- Dewey, John, *A Escola e a Sociedade*, tradução de Paulo Faria, Maria João Alvarez, Isabel Sá, Lisboa, Relógio d'Água, 2002.
- Dewey, John, *Democracia e educação*, tradução de Susana Guimarães, Lisboa, Didáctica Ed., 2007.
- Dias, J. M. de Barros, *Ética e educação*, Lisboa, Universidade Aberta, 2004.
- Fernandes, Rogério, *A pedagogia portuguesa contemporânea*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa, 1979.
- Fernandes, Rogério, *O pensamento pedagógico em Portugal*, Instituto de Cultura Portuguesa/M.E.C., Lisboa, 1988
- Ferrière, Adolphe, *A escola activa*, tradução de Domingos Evangelista, Porto, Editora Educação Nacional, 1934.
- Figueira, Manuel Henrique, *Um roteiro da educação nova em Portugal. Escolas novas e práticas pedagógicas inovadoras (1882-1935)*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004.

- Fort, Carmina, *Conversando com Carlos Castaneda*, Rio de Janeiro, Record, 1995.
- Franco, José Eduardo; Mourão, José Augusto, *A influência de Joaquim de Flora em Portugal e na Europa*, Lisboa, Roma ed., 2005.
- Fullat, Octavi, *Filosofias de la educacion*, 2ª ed., Barcelona, Ceac, 1979.
- Gal, Roger, *História da Educação*, tradução de António Campos, Lisboa, Veja, 1976.
- Gama, Manuel, *O pensamento de Sampaio Bruno: contribuição para a história da filosofia em Portugal*, Lisboa, IN-CM, 1994.
- Gauthier, Clermont & Tardif, Maurice (orgs), *A Pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias*, trad. Lucy Magalhães, Petrópolis, Editora Vozes, 2010.
- Guedes, António José, *Evolucionismo e educação. A filosofia da educação no evolucionismo positivista de Herbert Spencer*, Porto, Asa, 1999.
- Gomes, Pinharanda, *A 'Escola Portuense': uma introdução histórico-filosófica*, Porto, Caixotim, 2005.
- Gusdorf, Georges, “Réflexions sur L’age D’or en Occident”, em AA. VV., *Les templiers, le Saint-Esprit et L’age D’or – II Colloque de Tomar, rencontres internationales de Tomar*, Lisboa, Gabinete de Estudos de Simbologia da UNova de Lisboa, 1985, pp. 8-23.
- Herbart, J. F., *Pedagogia geral*, trad. de Ludwig Scheidl, 4º ed., Lisboa, FCG, 1971.
- Hesse, Hermann, *Siddhartha um poema indiano*, trad. Pedro Miguel Dias, Cruz Quebrada, Casa das Letras, 2008.
- Hetzer, Hildegard, *Psicologia Pedagógica*, trad. M. Mendes Silva e João Pinguelo, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- Illich, Ivan, *Educação sem escola?*, trad. de João Xavier, Lisboa, Teorema, 1974.
- Illich, Ivan., *A convivencialidade*, trad. de Arsénio Mota, Lisboa, Europa-América, 1976.
- Itard, Jean *Memória e Relatório sobre Vítor de Aveyron em Malson*, Lucien, As *Crianças Selvagens: Mito e Realidade*, Porto, Civilização, 1978, pp. 119-253.
- Jaeger, Werner, *Paidéia, a formação do homem grego*, trad. de Artur M. Parreira, 2ª ed., S. Paulo, Martins Fontes, 1989.
- Larroyo, Francisco, *História geral da pedagogia*, Editora Mestre Jou, S. Paulo, 1970.
- Leão, Francisco da Cunha, *O enigma português*, 4ª ed., Lisboa, Guimarães Ed., 1998.
- Léon, Antoine, *Introdução à História da Educação*, trad. Manuel Ruas, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983.
- Lima, Adolfo, “As Escolas Novas”, *Educação Social*, nº. 15-16 (1), 1924, pp. 277-283.

- Lisboa, Irene, *Modernas tendências de educação*, Lisboa, Cosmos, 1942.
- Lourenço, Eduardo, *Portugal como destino, seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999.
- Luzuriaga, Lorenzo, *História da educação e da pedagogia*, 15ª ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1984.
- Lyotard, F, *A condição pós-moderna*, 2ª ed., tradução de José B. de Miranda, Lisboa, Gradiva, 1989.
- Malson, Lucien, *As crianças selvagens: mito e realidade*, tradução de Carlos Cidrais Rodrigues, Porto, Livraria Civilização Editora, 1978.
- Manso, Artur, “O projecto de reforma do ensino superior no Movimento da Renovação Democrática (1932)”, *Actas do VIII Congresso Galego-Português de Psicopedagogia* (org. Bento D. Silva e outros), Braga, CIEd/IEP– UMinho, 2005, pp. 2873-2884.
- Manso, Artur, “A pedagogia de Leonardo Coimbra e seus discípulos”, *Actas do XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (org. Bento D. Silva e outros), Braga, CIEd, 2013, pp. 2132-2148.
- Manso, Artur, “O Lugar da sabedoria na Escola Actual”, *Actas do XI Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (org. Bento D. Silva e outros), UCoruña/UMinho, 2011, pp. 41-50.
- Marinho, José, *Verdade, condição e destino no pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão, 1976.
- McKenna, Therence, *O pão dos Deuses: Em busca da árvore do conhecimento original*, tradução de Luís Torres Fontes, Porto, Via Óptima, 2000.
- McLuhan, Teri (recolha), *A fala do Índio: Auto-retrato da vida dos índios da América do Norte*, tradução de Júlio Henriques, Lisboa, Fenda, 1982.
- Montessori, Maria, *A Criança*, trad. Adília Ribeiro, Lisboa, Portugália Editora, 1966.
- Morin, Edgar, *Amor, poesia, sabedoria*, trad. Ana P. Viveiros, Lisboa, Instituto Piaget, 1999.
- Morin, Edgar, *O paradigma perdido: a natureza humana*, trad. de Hermano Neves, Mem Martins, Europa-América, 2000.
- Morin, Edgar, *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, 3ª ed., trad. Catarina E. F. da Silva e Jeanne Sawaya, S. Paulo, Cortez Ed., 2001.
- Neill, A S, *Liberdade sem medo*, 6ª ed., trad. Nair Lacerda, S. Paulo, Ibrasa, 1968.

- Neves, Loureiro, *Meditações Orientais – Confúcio e Lao Tse*, Cruz Quebrada, Editorial Notícias, 2004.
- Not, Louis, *As pedagogias do conhecimento*, 2ª ed., tradução de Américo E. Bandeira, Rio de Janeiro, Bertrand, 1991.
- Nóvoa, António (org.), *A imprensa de educação e ensino. Repertório analítico (séculos XIX-XX)*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional, 1993.
- Nóvoa, António, *Os Professores - Quem são? Donde vêm? Para onde vão?*, Lisboa, ISEF, 1989.
- Pascoaes, Teixeira de, *A arte de ser português*, Lisboa, Delraux, 1978.
- Patrício, Manuel Ferreira, “O problema da educação na Renascença Portuguesa”, em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional Pensadores Portuenses Contemporâneos*, vol. I, Lisboa, UCatólica Portuguesa–Centro Regional do Porto, IN-CM, 2002, pp. 367-381.
- Patrício, Manuel Ferreira, *A escola cultural, horizonte decisivo da reforma educativa*, 3ª ed., Lisboa, Texto Editora, 1996.
- Peters, *Filosofia de la educacion*, trad. Francisco G. Aranburo, México, Fondo de Cultura Económica, 1977.
- Piaget, Jean. *Epistemologia genética*, tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- Planchard, Émile, *A Pedagogia Contemporânea*, 8ª ed., Coimbra, Coimbra Editora, 1982.
- Planchard, Émile, *Introdução à Pedagogia*, Coimbra, Coimbra Editora, 1979.
- Quadros, António, “Leonardo Coimbra e os seus discípulos”, *Nova Renascença*, vol. 8, nº 29, 1988, pp. 14-30.
- Quintana Cabanas, José María, *Teoria da educação*, tradução de Joana Pinto, Porto, Asa, 2002.
- Real, Miguel, *O Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2011.
- Rousseau, Jean-Jacques. *Emílio*, tradução de Pilar Delvaulx, Mem Martins, Europa-América, 1989.
- Scheurmann, Erich (recolha) *O Papalagui: discursos de tuiavii chefe de tribo de tiavéa nos mares do sul*, tradução de Luiza Neto Jorge, Lisboa, Antígona, 2003.
- Silva, Carlos H. do Carmo, “Filosofia e mística na *Escola Portuense* ou destino mítico de uma literatura pensante?”, em AA. VV., *Actas do Congresso Internacional*

- Pensadores Portuenses Contemporâneos*, vol. I, Lisboa, UCatólica Portuguesa–
Centro Regional do Porto, IN-CM, 2002, pp. 291-322.
- Sousa, José, *Notas de Pedagogia Philosophica*, Lisboa, Adolpho, Modesto & C.^a –
Impressores, 1890
- Suchodolski, Bogdan, *A pedagogia e as grandes correntes filosóficas*, 3^a ed., tradução
de Liliana R. Soeiro, Lisboa, Horizonte, 1984.
- Trindade, Rui, *O movimento da Educação Nova e a reinvenção da escola*, Porto,
U.Porto, 2012.
- Vasconcelos, António Faria de, *Une école nouvelle en Belgique*, Paris e Neuchâtel,
Delachaux & Niestlé e Librairie Fischabacher, 1915.
- Veiga, Manuel Alte da, *Um perfil ético para educadores*, Viseu, Palimage, 2005.
- Veiga, Manuel Alte da, *Um critério para a educação?*, Covilhã, LusoSofia Press, 2009.
- Vieira, Pe António, *História do futuro*, Lisboa, IN-CM, 1982.

APÊNDICE

As treze “Conversas Vadias” transcritas

Entrevista nº 1: com Maria Elisa

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Maria Elisa (ME)

ME – Boa Noite! Conversas Vadias é o título genérico desta nova série de treze emissões para as quais a Rádio Televisão Portuguesa convidou o Professor Agostinho da Silva. A ideia destes programas, destas Conversas, é dar a conhecer ao público de televisão o pensamento original e polémico de uma grande figura da cultura portuguesa contemporânea.

(dirige-se ao Professor Agostinho da Silva)

ME - Professor Agostinho da Silva, muito boa noite!

AS - Boa noite!...

ME - Ontem, quando eu estava a trabalhar nesta entrevista, o meu filho, que tem quinze anos, e a quem eu tento desesperadamente convencer que se não for um bom aluno não entra para a Universidade e, portanto, tem muito menos hipóteses de vir a arranjar um trabalho interessante, olhou para os meus papéis e leu a seguinte frase sua: “Hoje, a maior parte dos desgraçados dos alunos têm de aguentar professores a quem não pediram coisa nenhuma.”. “Estás a ver?!...” - disse-me ele, triunfante - “Esse tipo é que tem razão!!”. E eu fiquei perplexa, porque eu também acho que “esse tipo” - que é o senhor Professor - tem razão!! Mas como é que nós havemos de ajudar os nossos filhos a viver num mundo altamente competitivo se eles começarem por contestar completamente a escola e tiverem más notas?

AS - O problema está no mundo competitivo e não nos meninos...!!... Nós o que temos é que pensar se o mundo competitivo tem que continuar assim, ou se tem jeito de ser de outro modo...!...

É evidente de que além de competição e acima de competição, nós estamos, por exemplo, quanto à economia, numa guerra perfeita: a guerra contra a carência. Se houvesse como havia no princípio fruta, e raízes, e comida à vontade para toda a gente, não haveria nenhum problema no mundo. Simplesmente o que aconteceu foi que, pelo desenvolvimento dessa primeira gente, apareceram mais consumidores do que havia mercadoria para consumir, e imediatamente entrámos na competição – que era a única maneira que havia de conseguir para toda a gente aquilo de que essa gente precisava.

De maneira que, de facto, as pessoas por exemplo julgam que estão em paz no mundo, que são civis...- quando não são nem uma coisa nem outra!... Nós estamos todos envolvidos numa guerra: a guerra contra a carência; e então isso só poderá acabar quando, como nas outras guerras, nós abatermos completamente o inimigo...!!

E parece que não há outra forma de economia, por enquanto... - nenhuma outra forma de economia que consiga levar a esse fim senão esta economia competitiva em que estamos.

ME - Bom, mas é nesse mundo que estamos. Portanto, qual é que tem que ser a atitude dos meninos?

A.S. – A atitude tem que ser, ao mesmo tempo, a de sonhar, a de desejar que essa competição acabe...! E estamos cada vez mais perto do fim dela!...

E os meninos, melhor que nós - porque já vêm a crescer para um terceiro milénio - os meninos, melhor que nós, já sabem que estamos perto desse fim, e que muitas das coisas que ensinamos nas nossas escolas são desnecessárias para eles! O que acontece é que grande parte dessa geração já nasce reformada, e nós ainda não tomámos a consciência plena disso...!!...

ME - O que é que o senhor Professor quer dizer com isso, “já nasce reformada”?!...

AS - Quero dizer que vai haver tanta máquina... - fazendo tanta coisa...! – em lugar de se fazer por humanos...

ME - ... que já não vai haver emprego para eles...

AS - ...que não vai haver emprego para eles!!...

ME - E acha que isso é um bem...

AS – E, portanto,...

ME - ... ou é um mal?...

A.S. - Evidente que é um bem!!!... O que acontece no mundo é que toda a gente que nasce, nasce de alguma maneira poeta, inventor de qualquer coisa que não havia no mundo ainda...! - antes de eles nascerem...!... - e inteiramente individual: cada um o poeta que é!!

E o que acontece é que nós, por causa da questão económica que temos pela frente, os metemos não a fazer poesia à solta – que era o que eles desejariam!... – mas a seguir alguma coisa que é, na realidade, uma espécie de vida militar!!...

ME - Ó senhor Professor, alguns não querem nada fazer poesia, querem fazer coisas muuuito menos poéticas - se me permite a redundância: querem fazer *surf*, querem andar de *skate*, querem ir para as *boîtes*...!!... - também acha isso interessante?...

AS - Claro!!... Eu costumo dizer que uma das formas de poesia foi... é a vadiagem...!!
E, por isso exatamente, é que um amigo resolveu que estas conversas se chamassem “conversas vadias”!...: não só porque eram errantes - no sentido de que podiam andar por aqui ou por acolá... - mas sobretudo porque eram uma forma de ver a imaginação sobretudo da pessoa que pergunta!... Nesta coisa de perguntas e respostas, a imaginação está fundamentalmente do lado da pessoa que pergunta...!!... A resposta vem automaticamente logo que a pergunta aparece...!!... A pessoa precisa de ver muito bem aquilo que sabe ou não sabe, e depois perguntar o que vai saciar a sua imaginação e a sua vontade de saber...!!

ME - Mas desculpe-me voltar à questão da escola – como mãe, me preocupa, e a tantos de nós... Hããã!... O mundo é, de qualquer maneira, altamente competitivo - o senhor Professor diz que ele está para mudar...

AS – Claro!!...

ME - ...mas... o “está para mudar”...

AS – Claro!!...

ME - ...se calhar significa o quê: umas centenas de anos, não?!... Ainda faltam umas centenas de anos para o mundo mudar...!?!...

AS - Talvez não!!... O mundo agora caminha tão rapidamente... – parece que o mundo está fazendo história da mesma maneira que há a lei do afastamento das galáxias...!...: quanto mais longe, mais depressa! Provavelmente tudo teve uma origem - como possivelmente tudo terá um acabamento, um fim, uma volta à origem!... E, quanto mais longe se está da origem, mais depressa a história avança!... - de maneira que podemos ter rapidamente surpresas...!!...

E, então, temos que nos preparar para essas surpresas!... E talvez o comportamento das crianças seja um aviso de que esse momento está perto demais!!... - e que nós vamos poder ter o ócio, o lazer criador, o tal ser poeta à solta!!... E ainda vamos ser impedidos de gozar esse lazer, porque tivemos de aprender uma porção de cooiisas: ortografias, aritméticas, cerimónias, etc., não é? - que vão ser dispensáveis...!!...

ME - Mas o senhor Professor, por outro lado, a sua vida é o contrário disso, porque o senhor Professor estudou, estudou, estudou...: tem várias licenciaturas - da Filologia Clássica à Biologia; continua a aprender – penso que está a estudar islandês (ou pelo menos estava há pouco tempo, não é?); interessa-se por moluscos, pelas coisas mais diversas; doutorou-se, e isso permitiu-lhe, por exemplo, estar (...) na origem da formação de várias Universidades!... Nega o valor da escola, como aprendizagem?...

AS – Não!... Simplesmente porque me apeteceu aprender, porque eu já fui o aluno mais cábula que jamais existiu no mundo...!...

ME - É verdade que, quando andava na escola primária, o seu pai ou a sua mãe tinha que lhe agarrar a perna à mesa?!... Ah! Ah! Ah!...

AS - Nããã...!!... Isso foi ainda em Barca d'Alva, quando eu tinha quatro anos ou... ou coisa parecida, e minha mãe achou que eu devia aprender a ler... – para quê?! - pergunto eu hoje!...

Mas, de qualquer maneira, ela achou isso e, como a mim me apetecia muito mais ir para a rua e brincar... e ver a vida - do que ler letras e saber escrever letras! - ela me tinha que amarrar a perna...

ME - ...à perna da mesa!

A.S. - Depois, fiz a instrução primária muito bem - porque me interessou fazer a instrução primária...!! Depois...

ME – Então!... Está a ver, aprender a ler foi-lhe útil, aprendeu coisas muito úteis... Gostou... de muitas coisas que leu, não gostou?...

AS – Sim!!... Úteis muito depois...! - porque na altura não me interessou absolutamente nada ler!... Ler o quê?!... E porque tinha que perceber aquilo que lia!!...

ME - Mas lá está!... mas parece... Mais tarde, para fazer coisas de que gostou teve que aprender a ler!... – como é que tinha conhecido o Pessoa, uma das suas grandes paixões, se não tivesse aprendido a ler?!...

AS – Diz uma senhora: parece que a boa idade de aprender a ler é lá para os treze ou catorze anos...!

E eu me lembro sempre duma experiência feita por um grande pedagogo checo, que não ensinou os meninos da escola dele a ler e a escrever. Não ensinou!... Ensinou todas as coisas que eles realmente queriam aprender, e teve um êxito sempre, não é?

Às vezes eram os alunos que impunham ao professor uma tarefa...!... Por exemplo, um dia quiseram aprender carpintaria, e ele disse: “Mas eu não sei carpintaria!...”. “Ah! Não sabe? Então vá aprender!”. E ele ia para uma escola - em que aprendeu carpintaria - e os alunos lhe tomavam a lição: “O que é que você aprendeu hoje?...” E achavam que ele era cábula ou não conforme tinha aprendido muito ou pouco...

E nunca essa questão de ler e de escrever apareceu. Até que, um belo dia, um dos meninos recebeu uma carta dum tio que estava emigrado na América. Veio ter com o

professor: “Disseram-me que esta é uma carta de meu tio!... O que é que ele diz?”. E o professor disse: “Ele não é o meu tio!...”

ME – Não me escreve a mim...!

AS – “Ele não... Ele não me escreveu a mim, aprenda você, leia você!...”; “Então eu quero aprender a ler!!”. E ele disse: “Às ordens! Eu vou ensinar você a ler!...”.

E a classe inteira, que nunca tinha recebido carta de ninguém, de tio nenhum...

ME- Claro... Era isso que eu lhe ia a perguntar: se não recebessem carta, como era?!...

AS - ...os outros disseram: “Nós também queremos aprender a ler!...”...

M.E. - E se não surgir assim uma motivação?...

AS - ...E a classe aprendeu a ler num instante!!

ME - ...Se não surgir assim uma motivação?...

A.S. - Aparece sempre alguma motivação - se ela tem que aparecer!

O que não adianta nada é obrigar a ler, a ensinar a ler, e que aprendam a ler pessoas que depois não têm nada que ler!... A mim... - eu tive uma aventura no Brasil, na Serra de Itatiaia, em que me apareceram duas mulheres do povo, camponesas, disseram: “Apareceu aí um missionário americano que tem uma igreja especial lá dele, e a minha família está lá, a nossa família está lá; só que ele só admite na igreja quem saiba ler, e nós não sabemos ler! Nós sentimo-nos mal por não estarmos juntamente com a nossa família na tal igreja, e quero que o senhor nos ensine a ler!...”. E eu ensinei a ler...!... A primeira coisa que eu fiz foi dar-lhes a ideia do que é a escrita. Depois da história dos fenícios, que, segundo parece, inventaram essa coisa, elas entenderam, aprenderam a ler num instante – e suponho eu que entraram na igreja!...

Tempos depois eu passei por lá, e as coitadas estavam lendo o jornal da terra...!! Pois, evidente!... - o missionário não estava a pensar... Elas não precisavam apenas de ler, precisavam de entender o que liam, e não tinham cultura suficiente para isso...!... Então

fugiam de ler os textos sagrados – que ele naturalmente queria que lessem – e estavam lendo o jornal da terra!...

Valia a pena?!... Evidentemente que não!...

ME – Senhor Professor, eu também sei que não está muito de acordo com esta prova de cultura geral que é necessário, agora, os jovens fazerem para entrarem para a universidade, não é?...

AS – Eu só queria saber, minha senhora, que coisa é a cultura geral...!!... No dia em que me definirem o que é cultura geral, então eu acho que sim: que deve haver uma prova de cultura geral se ela for...

ME - Nunca perguntou...

AS - ...realmente necessária!...

ME – Nunca perguntou ao ministro da educação o que é que ele acha que é cultura geral?!...

AS - Nunca perguntei...!!?... Eu tenho muito respeito pelos ministros!!... - não lhes vou perguntar coisas dessas...!!... Não é assim?...

ME – Mas... não é uma pergunta desrespeitosa, senhor Professor!...

AS – Nããã!... Mas quando eles... quando o Ministério da Educação quiser, o Ministério da Educação diz que coisa é cultura geral...!!...

ME - Até lá...

AS - Quando lhe apetecer...!

ME – ...o que é que o senhor Professor propunha para os jovens poderem entrar na Universidade?

AS - Eu propunha que toda a gente que quisesse entrar numa Universidade, e que tivesse feito um curso secundário, entrasse na universidade!...

ME - Portanto, é completamente contra o *numerus clausus*, por exemplo...

AS - Evidente!!... O *numerus clausus* é uma coisa que mete leis de mercado e não sei quê, e eu acho que meter leis de mercado juntamente com cultura é inteiramente absurdo!...

ME – Com os estudos... É uma coisa recente...!

AS - Bom, o que é preciso é haver os lugares suficientes para que as pessoas que querem ter uma cultura universitária tenham uma cultura universitária!!

ME – Pois! Mas a questão é que não há, também, não é?!...

AS - Haja! Se houvesse uma guerra com Portugal, arranjavam-se academias militares rápidas para formar oficiais milicianos! Demoravam três ou quatro meses - em lugar de demorar quatro ou cinco anos, nas academias militares autênticas - e morrem tão bem como quaisquer outros...!...

ME - Acha que é uma questão de vontade?

AS – O quê?...

ME - Haver universidades suficientes, por exemplo...!

AS – Sim senhor!...

ME - .Haver sítios suficientes para os jovens aprenderem...

AS – Claro!...

ME - ... os jovens, os adultos..., quem quiser ter acesso ao ensino?...

AS - Claro!! Quem souber mais que o aluno está logo em cultura universitária em comparação com o aluno...

ME – E, portanto, pode dar aulas...

AS - De maneira que o que é preciso é fazer universidades que formem oficiais milicianos das universidades, não é?!... E depois eles vão avançando, os que querem ficar na carreira – como se faz com o oficial miliciano!... – os que querem ficar na carreira vão-se graduando até serem autênticos professores universitários!...

Mas, para as primeiras noções, servem... perfeitamente...!! O que é preciso é arranjar os lugares onde se ensine, a pessoa que ensine – e há muita gente que, sem ser um alto professor de universidade, pode dar as primeiras noções de todas aquelas matérias...!!...

ME – Seria qualificado para essa área!...

AS - E depois, se a pessoa lá dentro da universidade não satisfaz, é fácil: não frequenta mais a universidade!... Mas ninguém se desilude!...!! E não é essa coisa terrível de haver milhares de jovens que chegam ao 12º ano - possivelmente com grande capacidade de entrarem na universidade! - e ficam quê?!... fazendo quê?!...

ME – Não! E às vezes...

AS - Flutuando no vazio?!...

ME - ...Às vezes com médias muito boas, muito altas até!...

AS - Com médias muito boas!... A única vantagem...

ME - Ficam a décimos de não conseguirem entrar...!!...

AS - A única vantagem deles é darem depois emprego aos psicólogos...

ME – Ah! Ah! Ah!

AS - ...que têm que os curar... que têm que os curar das doenças psicológicas. Não é?...

ME - Aos psicólogos, aos psiquiatras...

AS – Claro! Toda essa coisa... Não é?

ME - Cria-se muito emprego, afinal de contas...

A.S. - Cria-se muito emprego!... Não é? Com o desemprego de muita gente...!...

ME – O senhor Professor fez... foi diretor dos serviços culturais no estado brasileiro de Santa Catarina...

AS - Santa Catarina!

ME – E eu vi, com alguma perplexidade, que o senhor Professor, enquanto desempenhou esse cargo, recusou sempre conceder qualquer subsídio aos artistas - o que o tornou impopular, a certa altura, nesse lugar! Ora, em Portugal, pelo menos há muito a mentalidade contrária – que os artistas se devem ajudar, se devem subsidiar... Qual é que...? Porque é que a sua política, na frente... à frente dessa direção cultural, era dessa maneira?...

AS – Em Santa Catarina, eu abri a inscrição para mulheres que queriam aprender a fazer os seus vestuários, a fazer vestuário para os maridos - que eram muito pobres e não os podiam comprar!... – e, por exemplo, a adaptar os vestuários de pessoas já grandes, para meninos e meninas que se queriam vestir!... Aprender a bordar, aprender a pintar, aprender a cozinhar... - isso é cultura!!... Os poetas, os artistas, os pintores, etc.... lá se arranjavam de qualquer maneira...! Mas aquela gente não!... Ou a terem uma casa decente como deviam ter...!...

A cultura, para mim, não é pintar quadros ou saber poesia, ou fazer matemática – também é cultura!!... Mas tem que se fazer essa cultura em cima da outra!... De pessoas que consigam aprender aquilo que querem aprender!!... Não obriguei ninguém... a matricular-se ali...!...

Fizeram-se exposições depois, de vestidos feitos por aquelas mulheres... E de outras... e de comida, e de todas essas coisas... - uma maravilha!!...

ME – Era um estado muito pobre!?!...

AS – Diga?...

ME - Era um estado muito pobre, esse!?!...

AS – Era...!... Era gente muito pobre, essa! Se o estado era rico ou não, não sei!... Agora, essa gente era pobre – que às vezes sucede isso: que os estados são ricos, e há muita gente pobre!...!

ME - Se o senhor Professor cá mandasse na cultura, o que é que fazia? Dava subsídios aos artistas, ou não?...

AS - Bom, eu começava por dar tudo aquilo que é um alicerce e um degrau para a cultura!...

A cultura começa por todas as pessoas poderem comer o que devem comer, e começa por terem uma casa como devem ter uma casa, e por ter o vestuário que querem...! E depois é que começam a ter interesses culturais!... Ponho aqui agora cultura como o Saber.

Primeiro, eu acho que, para toda a gente, o que é necessário num país é haver os três S's: S número um - Sustento; S número dois - Saber; S número três – Saúde! Então vamos começar pelo Sustento, primeiro degrau das coisas!... E em seguida as pessoas dizem qual é o seu interesse em saber: o que é que querem aprender! - e eu digo isto para grandes e para pequenos! – notando-se que, como nós estamos ainda na tal guerra, e precisamos de ter soldados produtores (cada um de nós é apenas um soldado produtor disto ou daquilo! - em lugar de escolhermos artilharia ou cavalaria, escolhe-se filosofia ou matemática, por exemplo.

Então, como é isso?!... É preciso que a escola, por enquanto, seja uma escola mista: uma escola que seja uma academia militar, digamos assim – para que cada pessoa aprenda uma profissão, aprenda a sua arma; e, por outro lado, um ensino que faça o possível por

já contemplar aqueles que serão reformados, aqueles que vão ser os poetas à solta, dar-lhes meios de expressão!... E olhe que as escolas portuguesas estão fazendo isso...!!...

ME - Quais escolas?...

AS – Essas escolas... as escolas em que há uma parte curricular - que toda a gente tem que frequentar com maior ou menor aproveitamento - e depois há os clubes, livres... há os grupos, que se formam, para que a pessoa aprenda aquilo que realmente quer aprender.

Um homem pode aprender ortografia, ou aritmética, ou lá o que seja, e, ao mesmo tempo - já prevenindo-se para o caso de nunca mais ter emprego!... - saber pintar, saber fotografar, saber dançar... Saber, se for preciso, ser vadio...!... porque só vale a pena ser vadio quando se contempla o mundo, e se percebe o mundo!!...

ME - Acha que essas profissões (fotografar, pintar, dançar) vão ter futuro?...

AS - Não se trata de profissão: trata-se de arte... e trata-se de criação!...

O homem não nasce para trabalhar...!... - o homem nasce para criar...!, para ser o tal poeta à solta!!...

ME - Mas, senhor Professor, o primeiro S - o Sustento -, como é que as pessoas vão viver, como é que comem, como é que sobrevivem?...!...

AS - Há gente que gosta disso!... Eu conheço muita gente que o que gosta é de cultivar a terra!... - para isso... para eles é a obra de criação deles!...

Eu conheci um homem que tinha sido Governador de Macau, e já estava aposentado não sei de quê... - da outra profissão que ele tinha - e que passava o dia inteiro montando e desmontando motores na quinta onde morava...!... Andava sempre sujo de óleo, porco, indecente..., não é? A mulher lamentava-se que ele só tomava banho à hora de jantar ou qualquer coisa assim... - mas, de facto, esse homem se cumpria...!... Montar e desmontar motores, não é?...

ME – Mas, lá está!...

AS - Para ele não era profissão nenhuma...!!

ME - ... Montar e desmontar motores, depois de uma vida de trabalho em que, provavelmente, ficou com a sua reforma que lhe... possibilitava o tal sustento, não é?...

AS - Claro!... E, por isso, o objetivo de nossa vida no mundo é haver essa reforma para toda a gente...!... Mas evitando o que acontece a grande parte dos reformados que, porque só aprenderam a trabalhar enquanto os chamaram educá-los, só aprenderam a trabalhar...! - depois ficam muito tristes porque não têm trabalho, e morrem! Rapidamente...!!

ME - Não sabem fazer mais nada!... Pois é...!

AS - Não sabem fazer mais nada senão trabalhar...!!

ME – Professor Agostinho da Silva, tem dupla nacionalidade – portuguesa e brasileira – e diz frequentemente que não tem bilhete de identidade nem número de contribuinte. É verdade, não é?...

AS – Não! Bilhete de identidade, tenho!...

ME – Ah!, tem bilhete de identidade...

AS – Tenho...!... Bilhete de identidade...!

ME – Está a ver?!... Foi uma das coisas que li a seu respeito é que não tinha...

AS – Posso ter só o passaporte...

ME – Pensei que vivia só com o passaporte...

AS - ...O passaporte... autorização de residência no país, etc.

ME – Número de contribuinte é que não tem, decididamente!...

AS - Número de contribuinte não tenho...!

ME – O que eu acho que é uma sorte fantástica!!... Porque...

AS – Não! Não sei se é sorte, se não...

ME – ...o tempo que nós perdemos... É, perdemos tanto tempo com o número de contribuinte...!...

AS – Mas eu quero explicar porque é que não tenho número de contribuinte!... Não é?...

ME – Eu julgo que sei! Mas acho que era interessante explicar...

AS – É que, se eu tivesse número de contribuinte, imediatamente me sentia no direito – e mais que no direito: na obrigação!! – de saber o que é que o governo faz dos impostos...!... Porque o número de contribuinte é exatamente para obrigar a que a pessoa cumpra a lei dos impostos – coisa que deve cumprir! – e, como sabe, muita gente procura não cumprir! Mas depois há outra parte: o direito ou a obrigação que tem o contribuinte de saber o que é que o governo...

ME - ...faz com o seu dinheiro!...

AS - ...faz dos impostos!... Ora muito bem!...

ME – Lá tinha que ir fazer perguntas aos políticos...!

AS – E o que acontece é que eu não quero ter, com Portugal, nenhuma espécie de conflito...! E, evidentemente, discutir com o governo o que ele faz dos impostos, acabava por dar conflito!... - Não quero!! Sou muito grato a Portugal – gratíssimo a Portugal!... – e não quero a menor coisa que possa perturbar as minhas relações com o país que eu acho que vai ser o país condutor do mundo, ou um dos países condutores do mundo...!! E não um pequeno país que tem que receber da CEE umas esmolas que ela

dá, em lugar de pagar o frete que consistiu em transportar a Europa ao mundo nos navios portugueses...!...

ME – A CEE é que nos deve dinheiro, não é? E muito...

AS – Que a Europa nos deve dinheiro!... Quem os levou ao mundo?!... Quem lhes deu dinheiro a ganhar, enquanto Portugal ficava pobre?!... E agora eles dão umas verbas, e julgam que fazem uma grande esmola...!... – nem são os juros do preço do frete!... Quanto mais o preço do frete...!!...

ME – Sim! Com tantos séculos, os juros de tantos séculos...!... Ó senhor Professor, como é que explica que, apesar do seu (desculpe a expressão!) mas desprezo, afinal de contas, pelas instituições – ou, pelo menos, o viver um bocado alheado...

AS – Eu não tenho desprezo nenhum pelas instituições...!...

ME – ... das instituições... Mas vive...

AS – Elas são necessárias...!

ME - ...vive alheado delas, de certa maneira!...

AS - Elas são necessárias...!!... Eu tenho o maior respeito pelas instituições...!!...

ME – Tem!?...

AS – Como... é como numa guerra, o soldado tem que ter todo o respeito pela instituição em que está inserido, e pelos seus oficiais comandantes...!... E é o respeito que eu tenho!...

Agora, o que sei, é que essas instituições são temporárias...!!... E que, um dia, nós temos... - os nossos netos, bisnetos, trinets, o que for... - vão ter uma noção do passado como nós temos noção das cavernas em que viviam os primeiros homens...!! Não é?...

ME – Mas, de qualquer maneira, tendo o senhor Professor um pensamento tão original e tão ao arrepio daquilo que se faz e... enfim, daquilo que se pratica, como é que explica que esteja a ser, neste momento, constantemente assediado pelas instituições, pelo poder?!... O senhor é solicitado para tudo – a dar opinião sobre tudo, a estar presente em tudo... Como é que explica o fascínio...

AS – É que, possivelmente...

ME - ... que o seu pensamento desperta?!...

AS - ...as pessoas têm dentro delas, esse mesmo ideal...! E se as pessoas me procuram, não é por eu ser um génio – coisa nenhuma! – Sou uma pessoa inteiramente normal...!... É por de repente verem, do lado de fora dito, aquilo que elas pensaram sempre do lado de dentro e que, por exemplo, pelos tais processos de educação aprenderam a reprimir...!!...

Porque é que nós vemos, por exemplo, as aulas... De vez em quando, me pedem que fale a uma turma de alunos, não é? E eu esperava sempre que essa turma de alunos fizesse perguntas, estabelecesse diálogo... Raríssimo...!! - Estão ali calados e quietos!!...

ME – Hã! Hã! Hã!...

AS - ...Habitados desde o princípio a não fazer perguntas porque, além de tudo, talvez sintam intimamente que às vezes podiam atrapalhar um professor qualquer com as perguntas que fazem...

ME – O professor podia não saber responder, não é?...

AS – Podia não saber responder, e não dizer que não sabia...!... Porque não é vergonha nenhuma a pessoa não saber! A pessoa não pode saber tudo o que está no mundo para perguntar...!!..., não é?

ME – Senhor Professor, uma última questão: em várias entrevistas...

AS – Diga!...

ME – ...tem reagido contra este facto de se ter tornado uma figura da moda, ou uma figura na moda! Lembro-me de o ouvir dizer nalgum sítio “Já estou alerta a ver se descubro alguma esquina próxima por onde me raspar!”. O senhor não tem medo de ficar prisioneiro desta onda de popularidade que, forçosamente, estas emissões lhe vão trazer?

AS – Tenho a certeza de que não vou ficar prisioneiro!! Certeza absoluta de que não vou ficar prisioneiro!! Não é?

Eu sirvo enquanto acho que posso ser útil na tal guerra de vir a estabelecer o mundo que seja bom para todos!... E pode ser que, num determinado momento, eu ache que o grande processo para isso é a pessoa retirar-se para um canto, e ficar pensando, sem nenhuma distração, naquilo que quer que o mundo seja...!...

ME – Muito obrigada!

AS – De nada!

ME – Muito boa noite! Até à próxima quinta feira!

AS – Eu é que tive muito gosto de estar convosco! Muito obrigado!

Entrevista nº 2: com Adelino Gomes

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Adelino Gomes (AG)

AG – Boa noite, Professor Agostinho da Silva! Faz hoje oito dias, Maria Elisa propôs, como tema de conversa, a situação dos jovens – a competição começa logo na escola, a PGA que está aí à porta, o mercado de trabalho... E o Professor, se bem me recordo, contrapôs esse... o destino desse poeta à solta que está... que cada um de nós transporta consigo! E até falou do ideal dos três S's – que era o sustento, o saber e a saúde.

AS – Isso...

AG – Eu hoje proponho-lhe, como tema de conversa, a liberdade e o destino – individual e coletivo! Hã... Como ponto de partida, porque o ponto de chegada será aquele onde a conversa vadia do senhor Professor nos conduzir... Eu pergunto-lhe: nós sabemos que a liberdade é uma aspiração – talvez a mais nobre das aspirações do homem – mas como é que se pode ser livre se a gente nasce com um código genético que logo nos pré-determina, ou pelo menos nos condiciona muito a saúde que nós vamos ter ou as doenças que nós vamos ter, as capacidades físicas e intelectuais... Nós, afinal, não somos livres logo à partida... Ou somos?...

AS – Nós nunca sabemos quando é a partida!... Consideramos que a partida é o momento em que nascemos – pode ser que a partida tenha uma eternidade atrás...!!... E que, nessa eternidade atrás, no ponto de arranque de tudo quanto há no mundo, tenham coincido a liberdade e o destino!! Que seja alguma coisa que contém os dois – tão misturados, tão simultâneos, tão parecidos um com o outro, que seria impossível distingui-los!

E que depois, quando se manifesta a vida, quando ela aparece, umas vezes nós nos damos conta da liberdade – ou supomos que damos conta da liberdade! – outras vezes

nos damos conta de alguma coisa a que chamamos destino - ou supomos que damos conta disso!...

De maneira que, na realidade, liberdade e destino são apenas duas fantasias nossas, talvez – não há nada de real! – duas fantasias nossas sobre as quais nós podemos constituir belos sistemas filosóficos, embora estejamos sempre à espera de alguma coisa muito mais decisiva que a filosofia – que é exatamente a ciência!

AG – Ora bem, e a ciência... há um perigo aí!... Há um perigo que está nos nossos tempos da engenharia genética. O que é que o Professor pensa dessa... dessa ameaça que, pelo menos os mais pessimistas veem, da possibilidade de se criarem homens todos fortes – para mandar – e homens todos fracos – para obedecer?

AS – Bom! Não se deve confundir ciência com a aplicação da ciência!... Engenharia genética é a aplicação prática – ou se quer fazer prática – de uma ciência que é a genética, a qual faz parte da biologia!... São coisas distintas!

Em segundo lugar, quando o homem cria qualquer espécie de máquina, tem logo que decidir em que sentido é que vai empregá-la: ela pode servir para um fim; ou pode servir para outro fim! É evidente quando, agora, engenheiros da genética – ou gente que supõe que sabe alguma genética, ou que sabe alguma espécie de engenharia ou o que ela significa... - se põe, por exemplo, a discutir se o Dostoievski, geneticamente epilético, devia ter sido, logo à nascença, apresentar a sua identidade genética, e teria sido curado dessa epilepsia o que o curaria, por exemplo, de ter feito romances...!... Mas de maneira que, nessa altura, a pessoa tem que decidir o que é que se faz, e de que maneira se faz!... Não creio... Não creio que a coisa melhor do homem seja ser normal...!... – como me parece que não é a fruta melhor do mundo ser a normalizada que agora Portugal está importando, ou a CEE (enquanto existir a CEE, claro!...) vai obrigar a importar...!

AG – Mas eu volto a pôr-lhe a questão da liberdade logo à partida, esse ideal da revolução francesa de nascermos todos iguais... A verdade é esta, a realidade é esta: se eu nascer hoje no Alto Volta, ou eu mesmo nascer hoje na Suécia, logo à partida tenho, como esperança de vida no Alto Volta cinquenta anos, na Suécia oitenta anos; no Alto Volta, se calhar não ir para a escola e seguramente não ir para o liceu, e quase... de certeza absoluta não ser doutor em genética; e na Suécia tenho toda a vida à minha

frente, todos os cursos universitários... Nós não somos iguais!... É a fatalidade do lugar onde, como dizia um escritor português?...

AS – Não empregue a palavra *fatal* – porque *fatal*, ou *fatalidade*, põe logo essa ideia do *fatum*, do destino, e quase sempre no mau sentido da palavra...!...

O que se tem que dizer é que a pessoa nasce em determinadas circunstâncias, sem se dizer se elas são boas ou más – é um defeito muito grande que nós temos, aquele de dizer que tal pessoa tem tais qualidades e tem tais falhas, ou tais defeitos... O que tem que se dizer de qualquer pessoa, ou de qualquer situação no mundo, é que ela tem determinadas características – porque, muitas vezes, o que nós verificamos, é que são os defeitos que fazem as boas obras; e as qualidades, aquelas que muitas vezes as abatem...

AG – Em casos excepcionais...!...

AS – Meu amigo, os casos excepcionais são todos os que há no mundo!... Cada um de nós, como homem, é inteiramente excepcional...!... – Não há ninguém igual a cada um de nós em todos os biliões de homens que existem...!... Nem fisicamente, nem psicologicamente...!... Tudo é exceção!... E todas as coisas que existem no mundo deviam ser exceções aplicadas a esses seres excepcionais...!!

Simplesmente, as condições da sociedade em que vivemos obrigam todos nós, lentamente, nos irmos parecendo uns com os outros...!...

AG – Mas aquilo que eu gostava que o senhor Professor Agostinho da Silva me ajudasse a resolver, era este problema de mim ser humano que, por exemplo, hoje nasço na África do Sul, e posso nascer filho de um *boher*, posso nascer filho de um inglês, posso nascer filho de um português, filho de um asiático, ou filho de um zulu – serei completamente diferente só por esse facto!

AS – Meu querido amigo, se é a sua ideia que eu o posso ajudar a resolver alguma coisa, está inteiramente enganado!

Eu posso ajudá-lo é a o meu amigo tomar cuidado em nunca resolver coisa nenhuma, a ir sempre adiando a resolução – ou aquilo que lhe parece ser atingir a verdade – por dois motivos, e para dois fins: primeiro, para não fechar a porta ao futuro – toda a pessoa

que, de repente, tomou uma resolução, não quer saber de mais nada que aquilo que venha depois... e pode não experimentar as coisas que seriam magníficas para a sua vida; em segundo lugar, porque a pessoa resolveu alguma coisa, ter chegado a uma situação de verdade é quase meio passo para daí a pouco instalar uma inquisição qualquer com a qual quer obrigar todos os outros a serem como ele, e a chegarem à mesma verdade!

AG – E assim também acontece com as nações?... As nações também nascem em determinadas circunstâncias, e depois o... O que é que determina que elas sejam isto ou aquilo? O que é que determinou que Portugal fosse aquilo que é hoje?

AS – Nós podemos saber quais são as características de uma nação nesta época ou naquela época! Mas qual o mecanismo interno que faz que elas tenham tomado tal posição ou tal outra, está continuamente e completamente fora do nosso alcance...!... As razões que se apresentam para tal país ter mudado, para o império romano ter nascido como nasceu, e se ter estendido até onde se estendeu e, de repente, encontrar um muro tremendo, o muro líquido do Atlântico - que impedia a sua expansão ao resto do globo!... E o que é que veio derrubar esse muro (fala-se hoje mais do muro de Berlim do que esse do Atlântico...!...)

AG – Mas esse também já foi derrubado...!

AS - Mas esse muro do Atlântico, quem o veio derrubar...!?... Foi um pequeno povo, quase esquecido, lá ao ocidente na Península, que conseguiu que o muro se derrubasse e o império romano – já com outras características – se estendesse efetivamente a todo o globo!...

Então, nós podemos dar umas razões - que são apenas aparências!..., aquilo que nós vemos como fenómenos!... Mais nada! – E hoje, está entrando nos domínios da matemática uma coisa chamada (vamos pôr assim modestamente) uma geometria fractal...

AG – Geometria...?...

AS – Fractal! ...que continua a desenvolver-se, que é extremamente difícil – pelo menos para mim para a entender bem... - mas que talvez chegue a um problema que o meu amigo levantou há pouco... Porque eles já falam em caos determinado – parece que pode haver uma determinação, não de fazer aquelas formas puras, simples, claras (com que trabalhou Euclides, na sua geometria), mas realmente é capaz de criar aquilo que, olhado, parece um caos! E, depois de ter parecido um caos, e de ser na sua formação um caos, pode chegar a atingir as tais formas claras e definidas do Euclides.

AG – Então, de que caos é que o nosso país nasceu? O senhor disse, um dia – pelo menos, li numa entrevista! – que Portugal nasceu quase como um parque de recreio...?!...

AS – Acho que nunca disse “nasceu como um parque de recreio”, não é? Mas, se me mostrar aí o texto, é capaz... sou capaz de dizer: Sim senhor!...

AG – Mas como é que nasceu então Portugal?...

AS – Portugal nasceu com uma primeira marca de que os portugueses são descobridores! Quando se fala agora muito dos descobrimentos, eu digo se não se está celebrando bastante o primeiro descobrimento que fizeram os portugueses: que foi descobrir que numa península em que havia muita coisa diversa, em que os romanos tinham estado, em que iam estar as tais formações humanas??, etc., os portugueses descobriram que havia aí um país pelo qual ninguém tinha dado, e a que se chamou depois Portugal!

E nesta altura, é muito curioso vermos que outra pessoa pode estar aqui ao lado, e dizer: “Você diz que os portugueses descobriram que havia um Portugal na Península; você devia dizer *inventaram* um Portugal na Península!... Isto é, chegamos a uma coisa muito curiosa em que podemos empregar, para o mesmo, o verbo descobrir ou o verbo inventar!... – o que, logo a seguir... o que, logo a seguir, nos permite perguntar se, quando os portugueses começaram as suas navegações - foram por essa costa de África, deram o jeito para ir ao Golfão do Brasil para poder dobrar o Cabo, etc. - se eles estavam inventando aquilo que iam descobrindo, ou apenas descobrindo aquilo que outros inventaram...!!...

AG – Mas... Ó senhor Professor Agostinho da Silva...Hããã!... No fundo, cada país não se inventa também a si mesmo, e cada povo não é invenção do seu país?... Quer dizer, quando nós ouvimos falar o Professor Agostinho da Silva ficamos, evidentemente, muito orgulhosos deste país onde nascemos...!...

AS – E bem!...

AG – Mas, na verdade, qualquer outro povo se pode sentir orgulhoso da sua própria história...!... E nós... às vezes, há uma certa tendência para considerarmos que nós temos um destino...!!... de Quinto Império... - quando outros povos já cumpriram também, ou estão a cumprir, o seu próprio destino do seu próprio império...! As civilizações Maias, o que foram... na História?!... Mesmo... Tirando, agora, este lado em que nós estamos – o lado ocidental – se nós formos, por exemplo, para a Índia – há pouco tempo, a televisão apresentou um filme “O Mahabharata”, em que nós vimos que tudo aquilo que era... que enformou o nosso pensamento está lá, já tudo!... Quer dizer, os povos pelo mundo inteiro são grandiosos, não é apenas o nosso...!...

AS – Querido amigo, não se trata disso...!... Por exemplo, se dizer que Portugal tem como destino o Quinto Império; Portugal teve... inventou... imaginou isso do Quinto Império, e nós temos que o examinar, e de ver realmente o que pensou o Vieira, e ver se isso está, ou não está, dentro de nós, e da nossa capacidade de o executar!! Mais nada! E para mim não se trata de discutir a questão do destino ou a questão da liberdade que são questões filosóficas a cuja resolução, querido amigo, dificilmente chegaremos – a não ser que, um dia, seja nosso fim o fim que nos é dado: chegar ao tal ponto em que liberdade e destino estão conjuntos!!

Enquanto não for assim, nós o que temos é que olhar como nos comportámos na História até agora!... E se realmente essa ideia do tal Quinto Império (já vamos falar, porque esse Quinto Império tem sido muito mal interpretado em toda a parte, não é?...). Mas de que chegarmos a esse Quinto Império, parece, ou não parece, uma possibilidade nossa!... E quando eu digo *nossa*, não se trata apenas daquele Portugal que vai entre Minho e a Ilha do Corvo...

AG – Então?...

AS – É daquela gente que foi tocada por esta cultura que se originou daqui, com que se apresentam formas várias por toda a parte...!!

AG – Mas sabe, Professor, se nós hoje... - e o senhor tem percorrido a África, por exemplo, que foi tocada pelos portugueses!... – talvez, afinal, fiquemos chocados... Por exemplo, vamos à Guiné-Bissau – pouca gente fala o português...!... começam as pessoas a falar o francês... começam a ser tocadas por outra formas de viver... Se calhar, nós estamos a pensar num Portugal - e num... num toque português! - que já não existe, não está lá já!...

AS – Meu querido amigo, a questão portuguesa não é de falar ou não falar português...!... É de ser, ou não ser, à maneira portuguesa de ser...!

AG – E o que é ser ou não ser à maneira portuguesa de ser?...

AS – Ah!!... – Aí é que vamos...!... – é ser variadíssimas coisas ao mesmo tempo!... E, por vezes, coisas que parecem contraditórias!! E é a possibilidade de tomar um tema, e o olhar de várias maneiras, conforme o temperamento das pessoas, a época em que viveram, a linguagem de que usavam, a maneira por que se sentiam na vida...

Quando... quando se fala agora em Quinto Império, toda a gente se esquece de que a primeira ideia de Quinto Império apareceu com o Camões n'Os Lusíadas, na Ilha dos Amores... O que é que o Camões põe como fim da atividade humana?... Na primeira parte d'Os Lusíadas, ele o que conta é como os portugueses realizaram esse projeto extraordinário, passo a passo, com toda a obediência à lei... e às técnicas que era preciso empregar – desde o começo de uma agitação, digamos, portuguesa lá pelo lado do Porto e pelo lado de Gaia, até o Vasco da Gama chegar a Calecute.

E depois nos diz que, terminada uma empresa em que cada um teve que cumprir um dever – ser isto ou aquilo como trabalhador! (como nós somos hoje na vida!...) – terminada essa empresa, aparece o tempo de cada homem ser aquilo que realmente é: ser ao máximo, plenamente, aquilo que nasceu!!; e que marca a sua individualidade!! Aqueles marinheiros que foram a Calecute, assim que tocam a Ilha que a Deusa lhes plantou diante, pulam para ela, e não são mais marinheiros, nem artilheiros, nem capitães, nem coisa nenhuma...! Eles são aquilo que eram!!

E como eram?... Três pontos põe o Camões sobre os quais nós, hoje, temos que meditar, e ver como é! Ponto número um: é preciso que os corpos se apaziguem para que a cabeça possa estar livre para entender o mundo à volta – enquanto nós estamos perturbados por existir um corpo que temos que alimentar, que temos que fartar, que temos que tratar o melhor possível (cometendo, para isso, muitas vezes, coisas extremamente difíceis...!!), nessa altura, com a nossa cabeça inteiramente livre e límpida, nós podemos ouvir aquilo que Camões chama “A voz da Deusa”...

AG – Esse ponto número um...

AS – ...e que faz a voz da Deusa?... E que faz a voz da Deusa?... A voz da Deusa arranca aqueles marinheiros às limitações do tempo e às limitações do espaço!!

Arranca-os à limitação do tempo porque faz que eles saibam qual vai ser o futuro de Portugal; e arranca-os às limitação do espaço porque eles veem todo o mundo ao longe – o universo está ao longe, a Deusa lho mostra (embora com o sistema hã... hã... errado, digamos assim, ou imperfeito do Ptolomeu...) – e eles estão, portanto, inteiramente fora do espaço!! - aquilo que foi ideal dos gregos, e que os gregos nunca conseguiram realizar...

Então o que é que aconteceu?... Aconteceu que, um dia, houve outro português que tinha ido para o Brasil – ponto a que foram muitos portugueses porque lhes era insuportável aquilo que Portugal se tornara para poder levar a Europa ao mundo!... – o menino António Vieira foi para o Brasil, foi... cresceu no Brasil – abasileirou-se, se quisser empregar a expressão!... – e é possível que ele, um dia, tivesse lido o poema do Camões, e tivesse lido a Ilha dos Amores. E dissesse: as três ideias do Camões são as fundamentais!! – o apaziguar do corpo (para que o esqueçamos como corpo!); termos a nossa cabeça bem aberta, bem livre de pesadelos que o corpo tantas vezes nos dá (a nossa vida quotidiana!) para que possamos ouvir a voz da Deusa (dizia o Camões!), mas o António Vieira, que se fizera jesuíta, diz “Trata-se de ouvir a voz de Deus”... e então ele diz “Para apaziguar os corpos, eu tenho outros métodos!” (eram, naturalmente, os métodos que se usavam na Companhia!...).

AG – ... de Jesus...

AS – A meditação dos textos sagrados, os jejuns, as chibatadas – se era preciso chibatar-se a si próprio, etc., não é?... – para que, realmente, da mesma maneira, a cabeça se torne limpa, e nós possamos ouvir – diz agora o Vieira... - a voz de Deus, o qual me vai mostrar as coisas fundamentais do mundo, me vai fazer ultrapassar o tempo e o espaço... me vai provavelmente fazer ultrapassar esse problema de se há liberdade, ou se há destino – para eu chegar àquele ponto onde liberdade e destino estão inteiramente conjuntos!...

E avançou sobre o Camões!...! – Porque o grande defeito de Camões foi contar o que se passava na Ilha dos Amores, e não tirar conclusão nenhuma...!... Nenhuma!!...

AG – Mas tudo isso...

AS - Termina logo o poema...!!...

AG - Mas tu...

AS – Não! Agora deixe-me...

AG – Ah!... Faz favor!...

AS - ...deixe-me ir até ao fim... Se não... não se entende nada!...

Ele não diz o que fizeram esses marinheiros depois de terem aquela experiência extraordinária de ter vivido na Ilha dos Amores... Chegaram a Lisboa, o que é que fizeram!?... Não se sabe nada, Camões estava cansado, já não podia cantar mais coisa nenhuma, não mais Musa não mais, e ficamos por aí...!

Com o Vieira não aconteceu assim: quando ele pensou à sua maneira uma Ilha dos Amores, ele disse “Agora, aquilo que eu pensei...” – e pôs os mesmos três pontos essenciais que pôs o Camões!... – “...agora isso deve servir para o mundo inteiro!... Homem porque é homem, terá sempre como ideal apaziguar o seu corpo, ter a cabeça livre de pesadelos...” - para poder ouvir o quê?!... E já não se podia dizer nem a voz da Deusa, nem a voz de Deus!...: a voz do Universo!!... - entender o que o Universo é na sua essência!!!

Podemos nós pensar outra vez a Ilha dos Amores? Claro que sim!!...

Podemos nós pensar... Por exemplo, se pedirmos a uma pessoa na rua o que ela precisa para apaziguar o seu corpo, ela vai logo mexer num ponto de economia qualquer...! Quer dizer, é preciso, para que essa Ilha dos Amores possa existir, que o homem possa entender que o capitalismo existe – não para ficar continuamente tendo mais lucros e descontando mais juros e pagando mais dívidas e pedindo mais dinheiro emprestado... - mas para terminar num ponto em que a economia desapareça completamente!!... Em que haja tudo para todos!! - Primeiro ponto!

Segundo ponto: que aí o homem possa passar à sua verdadeira vida que é a de contemplar o mundo, ser poeta do mundo, e o mundo poeta para ele – de tal maneira que nunca mais ninguém se preocupe por fazer tal ou tal obra, mas por ser tal ou tal objeto no mundo!!... A identidade dele – a única; o ser único que existe no mundo entre os tais bilhões de seres que pelo mundo existem!!

Então isso aí... isso aí é alguma coisa que muita gente, hoje, pode ter como ideal...!... E muita gente tem, como ideal... e toda a gente (podemos dizer...!) tem como ideal!... – com um feitio, ou outro feitio; de uma maneira, ou de outra maneira...!... E que talvez, realmente um dia, tome conta de todo o mundo!...

E quando o nosso amigo diz “O Quinto Império”, ele está-se a referir apenas aos quatro que desabaram – que vêm na Bíblia e que desabaram!... – e aquele império é o quinto, mas não há sexto...!! É o império que não desabará!! É aquilo que ficará para todo o sempre!!...

AG – Mas depois de Camões, e depois de Vieira, hãã... está tudo ainda por cumprir...!... Esse programa...!...

AS – Meu querido senhor, está muito mais perto!... Sabe?... No século em que ele viveu não havia muita coisa que hoje há...!... Nem havia tanta aproximação desse tipo de economia como hoje há!...

Nós é que nos continuamos a enganar com palavreado inteiramente fora de... de... série, e de... e de... ocasião!... Continuamos a dizer que as primeiras pessoas que hoje têm o tempo livre – que talvez nunca mais trabalhem...!... – nós lhe chamamos desempregados!!... (Como se houvesse empregos para eles...!...). Não há os empregos!...

E nós temos que resolver esse problema de alimentar e instruir e educar – se quiser empregar essa horrível palavra!... – e educar os homens de tempo livre para que eles sejam plenamente os tais poetas à solta de que falamos...!...

AG – Professor Agostinho da Silva, há um... seu discípulo, um... jornalista português chamado Fernando da Costa...

AS – Espero não ter discípulos...!...

AG - ... Fernando da Costa, que muito o aprecia...

AS – Gostarei muito que não haja discípulos nenhuns...!!...

AG - ...que escreveu, no princípio da semana, num artigo sobre a invasão de Lisboa... hããã... pelos adeptos de futebol, quando houve o jogo do Porto com o Benfica, escreveu... hããã... uma frase... alinou uma ideia que eu gostava aqui de reproduzir, porque me parece extremamente pessimista, e... enfim, que parece mostrar o atraso em que nós podemos estar, a nível de Portugal, para cumprir essa utopia. Diz ele “A nossa utopia, hoje, depois de termos estado na Índia, na Ilha dos Amores, na fé em D. Sebastião, está hoje num esférico a rolar em relva verde. Os que conceberam a esfera armilar da bandeira estavam premonitoriamente a antecipar, afinal, o verdadeiro significado que ela irá ter para nós.”. Será que os portugueses estão, no fundo, a converter, a olhar demasiado para o esférico a rolar na relva verde?!...

AS – Suponho que não!...

AG - ...e deixaram de olhar lá para cima?!...

AS - Suponho que não!... Como se está a rolar... como se está a olhar para muita outra esfera... de futebol, o jogo dos bancos, por exemplo...

O jogo dos políticos que se não entendem entre si... em lugar de se ajudar uns aos outros, nessa tarefa difícil que é administrar um país, em que se tem que, ao mesmo tempo, olhar o presente com todo o cuidado objetivo, e ter a maior confiança com o que se pode profetizar do futuro... Em lugar dos políticos se ajudarem uns aos outros, se

auxiliarem a levar essa tarefa por diante, tantas vezes se entretêm em todos os países a lutar uns com os outros, a desacreditarem-se uns aos outros, como se isso pudesse fazer avançar seja o que for!...

Quanto ao futebol, o que aconteceu é que é... que tem como origem o gosto do homem desenvolver o seu corpo (a mesma história...!), desenvolver o seu corpo, tornar poderoso o seu corpo... - desde os gregos, que não jogavam futebol, não é?... – tornar essa coisa assim... Simplesmente... simplesmente, o desporto foi invadido pelo capitalismo...!! – como aconteceu com muitas outras coisas!...

Não podemos pôr de parte a ideia que o capitalismo, hoje, domina a nossa vida...!!... E tem que dominar!... – porque só uma economia capitalista pode chegar até ao desenvolvimento pleno do mundo, acabar essa guerra contra a carência que vem de tão longe...!!, e chegar a um ponto em que toda a economia desaparecerá, em que será apenas uma recordação do passado – como queriam os tais portugueses do século XIII!!...

Meu querido amigo, é curioso...!: a melhor maneira de ser revolucionário em Portugal é a de ser conservador do século XIII...!!... – porque eles queriam apenas que as crianças pudessem crescer, desenvolver-se e chegar a adultas...!!... sem nós, os adultos, perdermos a criança que já fomos, e termos saudades dele...!!... Eles chegaram a dizer... se a criança se desenvolvesse sem nenhuma espécie de pressão deformante...!!, inteiramente à sua vontade!!... Inteiramente com tudo aquilo a que nós podemos chamar liberdade!!... E queriam que a vida se tornasse gratuita! – não reclamavam que a vida fosse mais barata do que era...!!... Reclamavam que se fizesse todo o possível por que ela, um dia, fosse inteiramente gratuita!!...

AG – Aqui está provavelmente...

AS – E terceira coisa... terceira coisa: que as cadeias desaparecessem para sempre; fossem um monumento de um passado que nem recordar se queria...!!

AG – Aqui está provavelmente uma excelente pista de conversa para de hoje a oito dias... O Joaquim Letria estará nestas funções...

AS – Espero que seja de conversa, e não de discussão! – que é antipática, não é?....

AG – O Joaquim Letria...

AS – De conversa, isto é, que significa que pela palavra, que uns se voltam para outros, e procuram chegar sempre a alguma coisa de comum!...

AG – Esta foi uma discussão?!...

AS – Não!!... E se foi discussão, no sentido da etimologia da palavra – que significa *sacudir* - foi bom para nós: porque é bom duas pessoas sacudirem as respetivas cabeças, para terem a certeza de que alguma coisa existe lá dentro...!... Por exemplo, não é?...

AG – Boa noite, Professor Agostinho da Silva!

AS – Muito boa noite!

Entrevista nº 3: com Joaquim Letria

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Joaquim Letria (JL)

JL – Professor Agostinho da Silva, muito boa noite! Vamos pegar na... no final da sua conversa da semana passada, hãã... - e penso que há muita coisa que anda na cabeça das pessoas que o ouviram... e pensar como é que nós os dois, que temos o corpo apaziguado, cabeças abertas, e... e embora não estejamos na Ilha dos Amores – estamos... enfim, estamos aqui numa mesa quase de palratória... Hã! Hã!!...

AS – Mmmm...!! Ainda bem!...

JL - ...das tais cadeias que o senhor também dizia que tinham que acabar...!!... Como é que é possível... hãã... isso que se referia, e que era de facto a ideia... hã... no século XIII, desses conservadores - no fundo uma vida gratuita, com as crianças – que eu penso que o senhor diz, quando diz... (é uma coisa que muita gente o entende mal...!: “educar, essa palavra horrível” – não é que o senhor seja contra a educação, é pela forma como essa educação é... é feita!... Hãã... Hãã... O senhor é a favor, ou acha que a educação – tal como a temos! – mata a criança que nós temos dentro de nós, obrigando-nos a ser adultos antes de tempo...?!... Mas como é que é possível isso: de uma vida gratuita, e de ser educado sem... sem o... sem o instrumento por que temos de passar?...

AS – Bom! Em primeiro lugar, eu acho que se deve fazer uma... uma grande diferença entre *instruir* e *educar*!... Instruir é um parente do verbo construir: nós vamos dando, na medida em que podemos instruir alguém ou alguma coisa, nós vamos dando o tijolo com que ele vai fazer o seu próprio edifício à sua vontade - instruimos!; e também não é por acaso que a palavra *aluno* é um participio passado de um verbo – que se deixou de empregar!... – e que significa *o alimentado*!... O aluno é aquele que nós alimentamos! A origem da palavra *alimentar* e *aluno* é exatamente a mesma...!! Não é? E o outro é

instruir!... Ao passo que *educar* já tem um elemento que significa *conduzir*...!... – é parente dessa palavra!... E até, possivelmente, o elemento de *reduzir*...

JL – Portanto, isso é...

AS – De maneira que, quando passamos do instruir para o educar, nós não estamos a dar tudo o que é necessário para ele construir o edifício à sua maneira, segundo o seu gosto...! – mas estamos sempre a ter o perigo de reduzir o que ele era, para o habituar aos nossos costumes, para ele viver na nossa sociedade!... Há outra maneira de fazer?!... – Nenhuma outra!!: estamos nesta sociedade que tem determinadas características, evidentemente que o que temos que fazer é proceder de tal maneira que ele não fique um estranho dentro dessa sociedade... Só não!!... Porque agora já estamos pensando que há mais coisas para além disso...!... Que há o tal ideal de, depois de realizarmos um empreendimento, deixar uma determinada profissão, para sermos nós próprios!... – que é, por exemplo, o que falta aos reformados: porque é que os reformados morrem tão facilmente?!... – Porque quando eles deixam de ser os trabalhadores de um determinado setor, eles apenas têm para viver a recordação disso... e uma saudosa recordação...!! Porque cai sobre eles o tempo livre – que é a carga mais pesada que alguém pode ter na sua vida!... – e não lhes resta nenhuma ocupação senão, às vezes, definharem molemente e melancolicamente num cafezinho, chupando um cigarrinho triste...!... Então, é alguma coisa que se tem que ver desde hoje, e desde hoje modificar!!... É preciso que, a um tempo, o menino que nasce hoje saiba, se for preciso, cumprir uma determinada profissão...!, realizar um determinado trabalho!... - às vezes, relativamente fácil, e que ele pode aprender mais facilmente do que pode aprender, hoje, a manejar uma peça de artilharia ou um instrumento de engenharia qualquer para uma construção militar ou não...! Por outro lado, nós temos também que o guiar para o futuro, para lhe dar a ideia do que vai ser o futuro, e dizer: há todas as probabilidades do menino ficar reformado – já ter nascido reformado, provavelmente (nunca mais ter emprego!...), ou ser reformado antes de tempo (que haverá tanto trabalhador, que a gente pode dar a cada um cinco, dez anos de trabalho, e depois o larga...!), então o que você precisa de ter é alguma coisa de si mesmo para a qual tenha aprendido os meios de expressão... - se é um poeta...

JL - ... como... como a criança...?!...

AS ... ou um músico... ou qualquer coisa...

JL – Como a criança, a criança nunca tem tempo para... para brincar tudo...

AS - ... ele devia ter a possibilidade de, depois, se exprimir por aquele meio...!! – e já se está fazendo...!!...

JL – Já?!...

AS – É o que se está fazendo nas escolas portuguesas mesmo, não é?... – Pode-se aprender o currículo que permite a nós depois ir para o secundário (estamos no primário!), passar ao nível superior de estudos (inteiramente seguros do caminho que percorremos!...) e, simultaneamente, guardar para nós, dentro de nós - para quando nos reformarmos, para todo o momento que tivermos livre...!! – a tal capacidade de criar uma coisa que nunca ninguém tinha criado no mundo...!!... Então temos que ser, ao mesmo tempo, soldados e poetas!!: Camões andou nisso, por exemplo!; Vários portugueses andaram nisso, e se deram muito bem!... – conseguiram juntar as duas coisas, não é?: a guerra ou ocupação de algum local, e a poesia que iam fazendo como se estivessem desprendidos disso!!..., não é? O que os levava, por vezes, a ter filosofias diferentes conforme... - nós, no... no...

JL - ... conforme o que viviam...!

AS – Claro!... Nós, no Camões, encontramos vestígios do Aristóteles, e encontramos vestígios do Platão...!...

JL – Mmmm!... Mmmm!...

AS - Eu costumo dizer: quando ele estava seguro, sólido, comendo bem, e com bons amigos e tal, ele era todo Aristóteles, não é?; quando as coisas estavam mal, ia para o Platão, para se escapar para o ???...

JL – Portanto, o drama do Fernando Pessoa foi ter escrito sobre o que não viveu...!?!...
Hããã...

AS – Diga...?!...

JL - O drama do Fernando Pessoa terá sido... escrever sobre o que não viveu...!?!... A
diferença em relação...

AS – Afinal, o que é que ele viveu?!... Ele provavelmente viveu a companhia do
Ricardo Reis, e do Caetano...!! E, talvez, de vez em quando, ele estivesse a conversar... -
ele, no Martinho, tendo em frente o Álvaro de Campos, de um lado o Ricardo Reis, do
outro o Caetano – e era uma excelente conversa entre aqueles quatro...!!...

JL - Era uma tertúlia...!...

AS – Nós não temos ideia nenhuma do que era o Fernando Pessoa em si próprio...!...
Nós podemos dizer o que era cada um dos poetas que ele criou - ou foi!... – pelo que
eles deixaram escrito...!!... Podemos fazer as características deles, não é?... Mas do
Fernando Pessoa, não!!

JL – Exato...

AS – Não saber... O que é que ele era?!... – Era uma multipersonalidade que
apareceu...?!... – mas não com o aspeto de doente com que os psiquiatras tratam a
dupla, ou tripla, ou décima não sei que personalidade com que as pessoas aparecem, não
é?, mas realmente...

JL – Eu creio que, aliás, o...

AS - ... podia ser isso, ou um criador puro, não limitado pela sua própria vida...!!... E,
até às vezes, sentindo coisas que, penso eu, tinham um carácter de heteronomia, mas a
que ele punha o próprio nome!!... Eu, suponho, todo o episódio dos amores com a
Ofélia, não é?...

JL – Mmm! Mmm!

AS – Ele, o que fez naquela altura, o que nasceu dentro dele foi o pequeno empregadinho do escritório da Baixa...!! Apaixonado pela pequena empregadinha do escritório da Baixa...!!... E foi escrevendo aquelas cartas que, como sabe, a respeito de... de... de literatura, ou de filosofia, não têm coisa nenhuma...!!... Não é assim?... – a única carta notável é a de rompimento...!..., não é?... – quando ele viu que, naquele jogo, ele tinha atingido uma pessoa viva!!... (e não um dos outros puramente criados!), não é assim?!... Mas, o que ele... o que ele pôs lá como heterónimo dele... - o nome que tinha: Fernando Pessoa!

JL – Hã! Hã!...

AS – E é curioso que o nome dele todo – não é? – é, curiosamente, o de um homem notável no mundo que também foi... passivo, ou ativo, dessa heteronomia...!!... Quando, outro dia no Porto, me disseram que aquela história das conferências da Árvore ia acabar no dia 13 de Junho, e me disseram: “... no dia de Santo António, um santo português...” – Cuidado, hã?!... Porque Santo António foi um santo europeu, um santo universal, um malho dos hereges, etc.; ao passo que o verdadeiro santo português foi o heterónimo que ele deixou em Portugal: o Santo Antoninho!!... – esse sim!; Santo António, não!!

JL – Hã! Hã!...

AS - Santo António é um santo universal, teólogo e variadíssimas outras coisas, não é?... Agora, o Santo Antoninho...

JL – Esse...

AS - ... do bailarico e do bom vinhito, não é?...

JL – Esse é... é português!...!

AS - ... é verdadeiramente um santo Português!!

JL – O senhor Professor acha que Lisboa continua... a impor a este país o estrangeiro?... Ããã... como sede do governo que é, e que sempre tem sido ao longo da nossa história... Ããã... e muito mais faz isso, do que projetar Portugal... nesse império do... dos sonhos e dos sorrisos das crianças que o senhor nos fala nos seus escritos...

AS – Não!, quer dizer: o político tem a obrigação – e a tarefa, terrível e difícil!!... - de se colocar, nitidamente, dentro do tempo em que realmente vive! Não é?... – Todo o profeta daria um mau político!! Não é?... Então, ele tem naturalmente que estar submetido a uma série de influências e, como se trata da capital do país, naturalmente é o ponto onde essas influências vão partir para o resto do país...! Mas, na realidade, o que tem que haver, junto com o governo, é um outro poder – não se trata de um contra poder!, mas de um equilíbrio de poder - de tal modo que as pessoas façam o contrário...!!... : se fixem naquilo que pensam que é nacional, aceitem do estrangeiro aquilo que têm que aceitar (um carro mais veloz, ou um remédio muito mais eficiente de que outro...), mas sempre contraponham que aquilo é alguma coisa que se tem que usar, mas não se tem que viver!!...!! O que se tem que viver é o próprio!!...

E aí não há nada que acusar os políticos disto ou daquilo: eles estão realizando a sua tarefa!... Realizem os que não são político... - isto é, como é que eu defino o não político?!...: é aquele de que de nenhuma maneira quer tocar, ou que o toque, alguma coisa que tenha que ver com o poder!!; é aquele que é tão venerador da humanidade dos homens, que não quer ter poder nenhum sobre eles - embora, de vez em quando, tenha que haver acontecimentos que parecem inferir isso!!...

Outro dia, no Porto, a discussão que houve foi, tendo o Martins de Albuquerque muito bem, marcado que foi sempre constante, no pensamento português, a defesa da liberdade de todos os homens – fossem eles de que país fossem, de que hemisfério fossem, ou de que cor fossem...!... – ao mesmo tempo os faziam escravos, de vez em quando, embora dissessem que fosse para salvar as almas...!... Não é?... Como é que essa coisa se... se junta?!... Sim!!: os portugueses tinham aquela doutrina... - simplesmente, de vez em quando eram confrontados com um problema, que resolviam a seu modo...!... Por exemplo, podiam ter sido confrontados com esse problema de, realmente, salvar as almas daqueles mouros...!..., daqueles hereges, daqueles pagãos... não é?... E... a possibilidade era trazê-los, e mantê-los nas casas para que eles se fossem convertendo..., fossem tomando costumes dos cristãos, etc.... E... e depois veio a

??fia de muitos que efetivamente se tornaram cristãos...!... Depois, quando nós olhamos isso no passado, esquecemos muita coisa no presente... - porque a economia está misturada a tudo... e imperando sobre tudo... Quando, outro dia, muita gente se espantava quando disse que aceitava perfeitamente que os portugueses, a um tempo, achassem que estavam salvando as almas de mouros, e servindo-se deles corretamente, e legalmente, como criados gratuitos...!... Não é?...

JL – E de acordo com...

AS – Porque era... porque era o pagamento...

JL - ...com a moral das circunstâncias...!...

AS - ...o pagamento que eles faziam...!... E, quando as pessoas se admiram disso, como é que acham quando os mestres, do melhor que há – como humanidade e como ciência, se nos salva o corpo (efetivamente nos salva o corpo!...), mas ao mesmo tempo salva os honorários que lhes devemos...!!...

JL – Hã! Hã!...

AS – E que a economia se meteu de tal modo em todas essas coisas, que nós já não podemos separar...!!... – o que podemos é ter o ideal de, um dia, nunca mais ninguém reclamar honorários por isto ou por aquilo...!! - porque não precisa!!... Não é por virtude...!..., não é?...

JL – É a tal...

AS – É porque realmente não precisa!...!!...

JL - É a tal sociedade gratuita que nos falava - do século XIII...

AS – A sociedade...

JL - ... e dos conservadores... e da Igreja!... do século XIII!...

AS – Era o que aqueles homens queriam! O que aqueles homens queriam!... Não é verdade?...

Porque é que a Igreja foi contra essa teologia?!...: Era uma teologia do inesperado – o Espírito Santo é a pessoa de Deus na qual está o domínio do inesperado..., naquilo que parece ser a liberdade pura (e não o destino!...)... Mas naquele momento em que o Joaquim de Fiore proclamou essa coisa na Itália – e os portugueses aceitaram com uma alegria, um júbilo, realmente extraordinários – o que acontecia é que efetivamente se entrava numa época histórica em que o que era preciso era ver a continuidade das coisas, e não adorar o inesperado...!!... E então a Igreja, percebendo esse momento da História – por exemplo, expulsou e impôs em Portugal aquilo que achava que era realmente o entendimento ortodoxo que tinha que se ter da doutrina...!!... Não era a... a supremacia do Espírito Santo, era o conjunto de Deus Pai, de Deus Filho, e do Espírito Santo!!... Como... – passando agora para um plano que nós vamos entender muito melhor!...: quando um Papa deu ordem aos franciscanos, à Ordem dos Franciscanos, para ser rica... (dos franciscanos...!!... – cujo patriarca tinha sido o poeta da pobreza...!?!), o poeta do abandono do ter – para obter a liberdade!!: porque uma coisa que é preciso marcar muito bem, e começar a entender, é que os votos eclesiásticos não são votos de submissão, são votos de liberdade!... Quando um eclesiástico faz um voto de pobreza – e pode fazer um voto de pobreza um não eclesiástico! – ele está se libertando da posse que o ter exerce sobre a pessoa que tem...!!...

JL – E exige...

AS – E exige dela um determinado esforço num determinado sentido...! E é violenta, muitas vezes, quando o natural dela seria não se importar com o que tem, ou com o que não tem...! Ou quando se faz...

JL – São muito mais livres... Ser é muito mais livre do que ter...!!...

AS - ...um voto de celibato...!!... – pode ser de várias maneiras e em várias circunstâncias, não é?... a pessoa se está livrando de outra coisa: está se livrando de que outros o possuam!!... Está livre!!... de ser possuído!... E, na medida em que pode, livre também de tratar o outro como se fosse a posse dele...!!

E depois chega o outro voto que então toda a gente acha que é uma coisa que prende a pessoa – é o voto de obediência! (que livra de uma coisa muito simples: livra da pessoa ser possuída por ela própria!!..., e ter a ideia que só serve para isto, ou que só serve para aquilo...!!... Recebe uma ordem, cumpre! O capitão, na tropa, dá a ordem ao tenente ou ao sargento, e ele não quer saber se pode fazer, se não pode fazer, se sabe, se não sabe, se é aquilo que lhe apetece, ou não...

JL - ...se concorda, ou não...

AS – Vai, e faz!

JL – São ordens, não é?...

AS – Como ordens!

JL - Ouvimos isso muitas vezes como desculpa...

AS – A pessoa... Uma das piores posses que a pessoa pode sofrer é estar possuída por si própria...!!...

JL – Hã!... Hã! Hã!...

AS – Possuída pela ideia que tem de si mesma, e que pode ser errada!... De maneira que é bom experimentar se, quando nos julgamos muito hábeis – ou muito inábeis!... - não estamos enganados...!!... E, ao receber uma ordem e cumprindo-a, verificamos que éramos menos hábeis do que pensávamos, ou menos inábeis do que também pensávamos...!!...

JL - ...do que também pensávamos...!

AS – Para mim, são votos efetivamente de liberdade...!! Mas eles, o Papa, achou que, naquele momento, o que era necessário da economia do mundo era ir acumulando capitais que permitissem, depois, à Europa, transportar-se ao mundo...!!...

JL – Pois!...

AS - E eles não entenderam...

JL – Posso pegar... posso pegar aí nessas suas palavras...?... Eu acho que nós demos mundos ao mundo – como se diz!... – mas, em termos económicos, (vamos deixar... vamos continuar a deixar que a economia se imponha sobre esta conversa...!), demos matérias primas ao mundo... hããã... muito recentemente, e ainda atualmente, demos força de trabalho à Europa, demos matéria prima, demos aqueles que transformam essa matéria prima, ajudámos a construir a riqueza dessa Europa...

AS – Isso!...

JL - ... O que é que acha no futuro, este futuro que nós não sabemos bem qual vai ser, e que é uma fase apaixonante este fim de século,... hããã... Qual vai ser o nosso papel, vamos dar o quê ao mundo?...

AS – Vamos dar...

JL - Vamos dar esse...

AS - Vamos dar aquilo que temos de melhor...

JL – O sonho...

AS - ... que é o de sonharmos continuamente e de, ao mesmo tempo, termos da vida um conceito objetivo e, quanto possível, vamos dizer físico ou, se quisermos exagerar, matemático! Veremos o mundo tal qual é e, ao mesmo tempo, descobriremos nisso o que ele também é, mas é muitas vezes oculto aos outros...!...

E vamos-lhe dar uma coisa muito simples: é que essa gente da Europa, por exemplo – e quando eu digo Europa, estou-me referindo a esta que está para lá dos Pirenéus e vai até aos Urais, mas estou-me referindo ao Canadá e aos Estados Unidos, que são a Europa para lá do Atlântico!... ou estou-me também referindo à classe industrial japonesa (aos fabricantes de automóveis e , e essa coisa toda...!! que é uma Europa instalada no

Japão, tendo aproveitado do Japão a capacidade militar dos japoneses de obedecer... - simples neles, não é?...

Porque o ideal deles é serem o menos possível alguma coisa...!!... É a coisa perfeita para entrar numa companhia, marcar o patrão da companhia, o gerente, o lugar em que ele deve estar, segundo as suas qualidades, ou os seus defeitos...!, não é?, ir degradando por exemplo, se ele não cumprir... não cumpre,) – não pô-lo fora, que ele ficava sem comer – mas ir pô-lo noutros lugares...!!... E o homem se habituar àquilo...!!... e ir a espetáculos que a Companhia paga... Nunca, no Japão, consegui ver luta japonesa!... – que o circo, ou o teatro, ou o que aquilo era, estava sempre ocupado por companhias...!!... Não é?... E ter todo o cuidado de entrar à mesma hora que entra o gerente para cantarem, todos juntos, o hino da Companhia...! E acabar, até, por ir dormir o sono por aí fora, no mausoléu da Companhia...!!...

JL – Ah! Ah! Ah! Ah!

AS – É verdade! Toda aquela coisa está organizada assim!... E, portanto, com tal eficiência que, hoje, a perplexidade do Japão é estar rico querendo ser pobre!... Ele que, cada um daqueles homens não queria ser nada, e é pelo menos muito rico!!... Eu me lembro muito bem de ter sido chamado à Escola Normal de Tóquio para se discutir com os professores da escola qual ia ser a sorte do Japão...!!... – em que havia essa esquizofrenia, não é?: metade do dia eram americanos trabalhando mais que americanos; a outra metade do dia eram japoneses procurando trabalhar menos que ninguém...!! E por um lado isso: o de querer não ser nada, não ter dinheiro, nem nada pesado sobre eles e, efetivamente, o dinheiro se ia acumulando...!! Como é que isso vai acabar? – Não se sabe!...

JL – Mas também são eles que mais preocupação têm com o lazer, com os tempos livres, com a...

AS – Claro!...

JL - ... com a liberdade do espírito!...

AS – Claro! Porque eles sabem perfeitamente – porque são budistas!... - eles sabem perfeitamente que a coisa vai nesse sentido!... E foi por isso exatamente que não se deu o ajustamento entre a pregação dos magníficos jesuítas portugueses que foram para lá, e a gente japonesa...!! Os japoneses se converteriam todos ao cristianismo se os jesuítas os deixassem ser, ao mesmo tempo, budistas e do xintô!... – tudo junto! Porquê adotar apenas uma das coisas da vida? Podemos adotá-las a todas! Não é?

JL – Senhor Professor, nós estamos a... - eu não sei se serei correto em lhe dizer que estaremos, talvez, em um grande parêntesis da História: temos para trás um passado com referências certas, seguras, e temos à frente um futuro que não sabemos o que é que vai ser – vai ser aquilo que todos nós fizemos dele! O que é que pensa que vai acontecer a este mundo? O que é que vai ser o mundo...? – Fala-se do fim da História... Tenho lido, aí, análises estranhíssimas sobre todo este período que eu acho que é... que é apaixonante, porque não é o fim da História, é o nascimento de qualquer coisa de diferente, ou o aproximar de qualquer coisa mais... mais humano... com sobressaltos, e com custos, e baixas (como nas guerras!...), mas... O que é que vem aí?

AS – Quando nós falamos do futuro, quando eu próprio digo que o futuro será de tal maneira, estou apenas a dar a ideia de um presente melhorado ao máximo que eu posso imaginar!... Mas nada garante que esse seja o futuro!... E que o futuro não vai para além daquilo que eu não posso nem sequer imaginar...!!...

Uma coisa que hoje se pode adotar como filosofia do Universo, é que há não só... - filosofia e física do Universo! - é que há não só aquilo que nós entendemos dele, mas outras muitas maneiras de entender!!... E é curiosíssimo que, se nós juntarmos e compararmos as duas palavras com que podemos designar um certo objeto das nossas atenções, podemos chamar ou Universo ou Mundo. No Universo, a palavra indica que todas as coisas estão ali juntas: é, dos vários lados, um movimento para ser um – Universo! E Mundo?!... – Mundo, que nós todos tomamos como um substantivo, é efetivamente um adjetivo!... : Mundo significa *limpo*... É o Camões que fala das *mundas almas*, nas almas que podem ir para o Paraíso eterno: as almas limpas!! Então, o que é o mundo diferente do universo?!... O mundo, chamamos nós àquilo que entendemos do Universo...!!... – como se considerássemos o outro exatamente como o antónimo da palavra mundo... - isto é, *imundo*!...

JL – ãh! ãh! ãh!...

AS - ... a pôr de lado!... A não querer para nada!!... Então, quando nós falamos do mundo e do futuro do mundo, estamos falando do que é previsível aqui neste... nesta parte do universo que nós entendemos...!!...

Mas tem uma coisa mais grave do que isso: é que o homem aparece numa das últimas idades geológicas do mundo... é um ser muito recente na Terra... - e já passaram várias qualidades dele: por exemplo, o homem de Neanderthal (em que muita gente vê o começo da abertura para as coisas intelectuais, para o espírito, etc.)... Talvez nós sejamos apenas mais uma larva de homens...!! E, a certa altura, apareça alguma coisa que nos exceda completamente, e que se possa rir das ideias que nós tivemos sobre o futuro...!!... É, portanto, necessário vermos a ideia do futuro não como muita gente a vê (como uma coisa impossível de se realizar!), mas sobretudo como uma coisa possibilíssima de ser ultrapassada de tal maneira que nós nem a pudéssemos entender...!!...

JL – ãh! ãh! ãh!...

AS – Há variadíssimas maneiras de ver o mundo...!!... Há coisas de matemática, por exemplo, que estão fora de uma nossa compreensão imediata, e que parecem não existir por aí, e etc.!... Não é?... Isso tudo pode ser ultrapassado!! De maneira que a ideia... se perguntam a uma pessoa o que pensa que é o futuro, cuidado sempre e piedade com ele...!!... – porque ele está sempre imaginando um presente mais avançado...!!... Tudo pode ser excedido em termos tais que nem a mais ousada das poesias ou das músicas é capaz de chegar a isso!! – a música com mais probabilidade do que a poesia...!!... Não é?... É assim...

JL – Professor Agostinho da Silva, muito obrigado por esta...

AS - Muito obrigado eu por esta conversa...!

JL - ... por esta meia hora de estar consigo

AS - Obrigado eu pela nossa conversa!...

L – Eu é que lhe agradeço!...

Entrevista nº 4: com Isabel Barreno

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Isabel Barreno (IB)

IB – Boa noite, senhor Professor. Quero dizer-lhe o prazer que tenho em estar aqui consigo, esta noite! Vou começar a nossa conversa fazendo-lhe uma pergunta talvez um pouco indiscreta: eu sei (aliás muita gente sabe!) que não gosta de atender o telefone, que raramente o atende. Porquê? É misantropo, ou não gosta muito de ouvir as outras pessoas, e acha que tem mais para dizer do que para ouvir?

AS – Não sou misantropo, gosto de ouvir as outras pessoas, mas não gosto de as ouvir ao telefone!... – é uma máquina pela qual eu não tenho nenhuma espécie de simpatia! Além disso, estou vendo se educo o meu telefone a falar só para fora...

IB – ãh! ãh! ãh! ãh!...

AS - ... e como isso provavelmente vai levar tempo, vamos a ver o que é que dá a experiência!...

IB – Não gosta de ser interrompido no seu trabalho, ou é mesmo o telefone que...

AS – Não! Eu não gosto de ser interrompido, sobretudo quando não estou disposto a trabalhar...!... Não é?... Quando estou a trabalhar, sim... gosto muito que as pessoas venham, e apareçam, e tal...! Mas, por telefone, não!

IB – É uma máquina infernal...!...

AS – Eles que é infernal, é uma máquina muito útil para dizer sim ou não, ou marcar uma hora... mas para o resto, para qualquer espécie de conversa, haver aquele intermediário ali, acho que não dá para nada...!...

IB – Variando agora um pouco de assunto, uma coisa que eu própria tenho muita curiosidade de lhe perguntar: o senhor Professor tem várias ideias que penso que são atrativas até para a maioria das pessoas – são belas ideias! – por exemplo, em relação à escola, em relação à organização do trabalho – seria bom que as pessoas realmente pudessem expressar os seus talentos em lugar de serem apanhadas numa estrutura organizada e que acaba sempre por ser repressiva. Agora, como é que se pode conseguir? Isto não é uma ideia um pouco utópica?... Por onde é que se pode começar a mudar uma sociedade para evoluir para uma solução desse tipo?

AS – De uma maneira geral, todas as ideias que visam ao futuro são utópicas! Ainda não estão realizadas em parte alguma, e por isso são tanto mais atrativas quanto menos realizadas são! E, naturalmente, o que se tem que fazer é ser ao mesmo tempo uma pessoa calma, objetiva, perante a realidade que existe! Ver-se em que ponto se está da História, e só fazer naquele momento aquilo a que o resto pode responder! No entanto, procurando sempre dar um passo em frente, procurando sempre que apareçam as condições para que tal ou tal coisa se realize...! E, na minha experiência, muitas vezes me lembrei de coisas sem perceber que o mundo ainda não estava preparado (ainda não estava no ponto certo!) para ser o ator que era preciso ser!! E então tive que esperar, por exemplo, trinta anos...!... – mas não me arrependo nada de ter tido essas ideias...!!... O que não quer dizer que fosse mais inteligente que os outros, ou mais capaz que os outros - pelo contrário: menos inteligente!!, porque o inteligente era ter a ideia na altura certa de a poder realizar! Porquê esperar tanto ano?!...

IB - Ah! Ah! Parece um pouco difícil ter essa percepção do momento exato...! De qualquer forma, há aqui um... um pormenor que me chamou a atenção na sua conversa... na sua primeira conversa com a Maria Elisa: falando do facto de não ter número de contribuinte e de não pagar impostos, disse que se pagasse impostos, teria que se informar detalhadamente para onde iria o seu dinheiro... Ehhhhhh!!... E, como não estava para ter conflitos, que então, pura e simplesmente não pagava impostos...! Isto pressupõe já que não estará de acordo com o destino dado ao dinheiro dos contribuintes...!... E a pergunta concreta que eu lhe quero dizer é isso: este tipo de atuação – a pessoa informar-se concretamente para onde vai o seu dinheiro, e barafustar caso não concorde com o emprego, não pode ser uma forma de atuar para modificar a

sociedade?... Não é um pouco passivo a pessoa limitar-se a não pagar, a não barafustar...?...

AS – Eu disse muito claramente que o que não quero é ter conflitos com Portugal!

IB – Mmmm!...

AS – Se estiver em qualquer outro lugar, e se for preciso ter conflitos por ter número de contribuinte e pagar os impostos, estou disposto a isso! Inteiramente!... Simplesmente, com Portugal, não quero!!: tenho tais dívidas de gratidão com Portugal que não quero, de maneira nenhuma, ter o menor conflito com a Administração do país, ou com aquilo que represente de qualquer maneira Portugal!

IB – Mas pensa que, em geral, poderá ser uma atitude acertada para mudar a sociedade esse tipo de confronto com a Administração Pública...

AS – Não se trata de confronto...!... Trata-se de ajudar a Administração Pública a ser mais coerente do que aquilo que é!!... Mas como naturalmente isso envolve pontos de vista diferentes e que estabelecem uma certa discussão, eu, quando posso, me livro dessa coisa de discutir com os outros!...

IB – ãh! ãh! ãh!

AS – Procuro estar numa atmosfera que ponha toda a gente de acordo, em que se procure ver o que se vai realmente fazer com os elementos de que se dispõe! E, como há essa coisa – nítida! – de que não quero ter nenhuma espécie de conflito com Portugal em virtude do que lhe devo, faço todo o possível para que não surja nenhum momento desses. E, até hoje, tenho conseguido...!...

IB – E, já agora, pergunto: porque é que deve tanto a Portugal? Qual é essa sua enorme dívida de gratidão?

AS – Por exemplo, a de ter nascido em Portugal!... Eu posso ter a ideia, por exemplo, que a pessoa nasce onde lhe agrada nascer... que está num ponto qualquer – vamos

supor que está no céu das ideias do Platão, não é? – e vê, em frente, rodar a Terra!... E vai olhando, a ver qual é o ponto em que lhe seria interessante, para ela, nascer...! E pode ser que, ao rodar o mundo diante de mim, eu tenha achado que Portugal era extremamente interessante para eu nascer...!! E até um certo ponto!! do país!... Talvez, por exemplo, tivesse apetecido nascer na própria aldeia de Barca d'Alva...!!... – para ver bem como era uma aldeia portuguesa...! E aquela tão característica!!... duríssima!! aldeia naquele tempo...!!... Mas, como é muito difícil fazer um tiro de artilharia de alguma coisa que rola para outra coisa que rola...

IB - Mmm! Mmm!...

AS - ... deve ter havido um engano, e foi cair no Porto...!!... Não é?...

IB – ãh! ãh!

AS - O que foi muito bom, porque fui cair num... na cidade mais municipalista que pode existir! E continuo a achar que a base profunda de Portugal é efetivamente o concelho, o município, quaisquer que sejam as modificações que ainda é preciso fazer!... Talvez seja preciso voltar ao princípio; talvez seja preciso perguntar às aldeias e às freguesias que espécie de município é que querem constituir...!!... E não haver já os municípios estabelecidos desde sempre, que se vão aceitando, e que vão vogando pelo tempo fora, mais ou menos com as mesmas características!... Não é?...

IB - Mmm! Mmm! Agora, essa... essa sua exposição...

AS – A primeira... a primeira dívida é essa!...

IB – Diga! Diga!...

AS - ... Portugal deu-me licença de nascer!

IB – E a segunda?!... Há segunda parte na dívida?...

AS - Há segunda!!... - Portugal me educou... (havia pouco dinheiro em casa!) Portugal me educou, me instruiu se quiser, completamente de graça...!!... Nunca se gastou dinheiro... e o dinheiro que Portugal... dos portugueses que efetivamente gastaram comigo, não é?... Portanto, segunda dívida! E a terceira, com as bolsas de estudo fora do país, e toda essa coisa, eu pude, a certa altura, completar uma carreira universitária com a tal história do doutoramento (que não teve, quanto a mim, nenhum mérito científico; mas teve o mérito, da minha parte, de demonstrar a vontade que tinha de salvar, quanto possível, a Faculdade de Letras do Porto que o governo tinha mandado extinguir...!!). Então eu, com o doutoramento, com a carreira assegurada, podia ter ficado em Portugal com o risco de adormecer em Portugal, de me perder em alguma coisa que não interessasse muito, etc.. Então, devo a Portugal um terceiro favor: ter arranjado as coisas de maneira a pôr-me fora!...

IB - ãh! ãh! ãh! ãh!

AS – Não é?... E ter-me feito ver muita coisa no mundo, que eu não veria de outra maneira!... São três dívidas que eu não me esqueço!!... além de alguma coisa que eu não fiz, e desejava fazer em Portugal...

IB – Qual é essa coisa?...

AS – Olha!: o primeiro lugar de professor efetivo que eu tive foi para a Ilha Terceira... mas, no mesmo momento, a Junta de Educação da ideia do Sérgio e que se tinha realizado havia pouco, e ofereceu uma bolsa para ir a Paris...! – e eu troquei!!... a Ilha terceira por Paris, sabe?!... Até hoje, não consegui não me arrepender...

IB - ... por ter trocado...!

AS - ... de tudo isso, ter um remorso muito profundo, e procurar sempre ver se, algum dia, tenho a sorte de fazer, na Ilha Terceira, na Angra, ou outro lugar, aquilo que realmente for útil àquela gente para o futuro!...

IB – Uma coisa que... há pouco me estava a dizer, e que... enfim, ressaltou dessas suas palavras de agora, era que... achava que era melhor esperar por aquilo que a vida nos

traz do que a pessoa ter uma atitude muito voluntarista em relação à vida, que era querer à viva força seguir os seus projetos que, muitas vezes, não têm hipótese...! Parece-lhe essa a forma realmente mais acertada de a pessoa ir vivendo e, eventualmente, até ser ativo na sociedade em que vive?...

AS – Pode ser que, para outras pessoas, a coisa seja diferente!... Estou apenas a falar de mim...!!

IB – Mas não acha que a sua... as suas ideias sejam uma filosofia generalizável, e que outras pessoas devessem aceitar...?...

AS – Pode ser generalizável para aqueles que sejam como eu!... – por exemplo! Para o resto...

IB – Mas acha que é uma questão de personalidade...

AS – Para o resto... para o resto do mundo, não!...

IB – Não considera uma teoria infalível!?!...

AS – Não! Eu acho que nenhuma ideia, de cada um de nós, é realizável para todos!... Somos todos diferentes!! – cada um é um!!, de que não há igual entre os outros biliões de homens!... – Daí que, de facto, todas as ideias do mundo deviam ser para uso do próprio...!...

IB – Portanto, não concorda com teorias gerais... Teorias gerais é uma coisa com que não concorda!?!...

AS – Sim!?!... – Há sempre uma teoria geral: porque somos diferentes, por exemplo, fisicamente, uns dos outros, mas há uma teoria geral, daí essas fórmulas físicas – entra nas biológicas, entra nas físicas, entra nas químicas, e essas coisas todas... Do mesmo modo, em todas as outras ideias!... Simplesmente, o ideal seria que cada pessoa pudesse viver a sua própria vida da sua própria maneira – sem interceder nada na vida dos outros,

sem modificar em nada a vida dos outros (a não ser por aquilo que eles quisessem aceitar, em virtude de ser o próprio que tem lá dentro!).

IB – E acha...

AS – E algum dia se chegue a isso...!...

IB – Acha que sim?...

AS – Ai! Acho que sim!

IB – Acha que...

AS – Acho que se pode sempre progredir, e que se pode sempre aproximar-nos daquilo que está mais certo racionalmente...!... É evidente que, enquanto vivermos numa sociedade que tem de produzir em comum – embora não seja para uso comum aquilo que produz!... – mas que tem que ter uma determinada organização, é evidente que o indivíduo não se pode realizar completamente...!!... Tem que se realizar nalguma parte que possa ser útil aos outros, e entrar no jogo geral com que o mundo se apresenta!... Mas espero que, um dia, tudo o que é obrigatório hoje para essa campanha de produção, as coisas se vão... vão melhorando de tal ordem que seja possível, a cada um, entrar o menos possível nesse jogo geral, e dar ele a sua mensagem particular no mundo: fazer a obra que pode fazer e, porque ele é único, será a única obra daquele tipo no mundo!... Acho que chegaremos a isso!!

IB – Acha que sim?... Confia nesse...

AS – E que tem... quando se olha à marcha da História, as aproximações têm vindo... E, agora, parece que cada vez mais rápidas...!! Não é?... E, talvez algum dia, seja possível exigir o máximo... Depois, fica o problema...

IB - ãh! ãh! ãh!...

AS - ... o que é que aparece... o que é que se pode fazer para lá do máximo?!, não é?...

IB – Bom, isso é...

AS – Depois, pela lei geral do mundo, do universo, o universo se expande... - se expande até onde?!; se expande até quando?!... – e depois, o que é que acontece...

IB – E se se contrai?!...

AS - ... quando chegar ao ponto máximo de expansão?!...!!... Possivelmente, haverá uma refração...!

IB – Sim! Mas a ideia de contrair-se é uma ideia que não lhe seja aceitável, que o universo se esteja a contrair...?!... – isso não lhe parece... aceitável...?!...

AS – Ele não está a contrair-se!... Ou, pelo menos, não damos por que ele se esteja a contrair... Por enquanto, está expandindo...!! – Por enquanto!... Mas pode ser que, a certa altura, chegue ao máximo da expansão, e haja uma refração!... E não me parece que seja para lamentar a retração!!... – porque quando tudo vier a um ponto inicial de onde partiu, nesse ponto inicial...

IB – Regressa a...

AS - ... sem espaço, nem tempo, está tudo quanto o mundo foi enquanto teve espaço e tempo... e expansão!! Então talvez seja aí aquilo que os místicos pensavam quando falavam num afundar-se em Deus...!... – o qual não tem nenhuma espécie de extensão, tendo todas...!!

IB – Agora que falou em pensamento místico, recordou-me outra pergunta que lhe queria fazer: o senhor Professor fala muito em... de um papel histórico de Portugal... Eu queria-lhe perguntar o seguinte: essa sua convicção desse papel importante que Portugal tem e, segundo julgo, que terá ainda no futuro, é fundamentalmente uma conclusão retirada da análise da História, ou tem qualquer coisa a ver com... conhecimentos esotéricos... pensamento místico, etc.?...

AS – Não! Não tem nada com pensamentos esotéricos, não tem nada! Tem, por origem, uma análise do que parece que sucedeu na História de Portugal – marcando muito bem que ele fez coisas que nenhum outro país fez e, portanto, se é assim, se foi capaz de desempenhar trabalhos, missões, de realizar aquilo que outros países não realizaram, então talvez – quem sabe?... – pode ser ele, no futuro, a realizar as tais missões que nos parecem utópicas mas que, porventura, nenhum outro... nenhuma outra nação do mundo seria capaz de realizar como ele!...!!

IB – E essas missões utópicas são essa transformação da sociedade de que falava há pouco...

AS – Sim!...

IB - ... caminhar para uma sociedade...

AS – Não... não é o que eu chamo utópico no sentido geral que a palavra tem...

IB - Mmm! Mmm...

As – Eu digo apenas que ainda não há...!!

IB – Pois! Mas acha-as possíveis!?...

AS – Oh! Inteiramente possível!! Não há nada de racionalmente irrealizável naquilo que se pode pensar quanto a Portugal!... – a começar por ele próprio...!! Porque agora Portugal, pela primeira vez talvez, tem que juntar, numa harmonia, sua política interna e sua política externa! Portugal talvez tenha sido um país que tenha usado sobretudo tudo o que é para fazer política externa, política internacional, do mundo! Talvez chegue um dia em que seja obrigado, para continuar essa política externa, a fazer uma política interna que o presente, totalmente, como ele deve concluir a sua vida! E, daí, contamine os outros, e realize alguma coisa que é o máximo do que eu posso dizer como utópico e realizável – dirão as pessoas! – que todo o mundo seja Portugal! Isto é, que todo o mundo se... no mundo, toda a gente se comporte como se têm comportado, na História, os portugueses!...

IB – Acha que, realmente, esse... esse comportamento tem sido excepcional, quer dizer que há qualquer coisa...

AS – Eu acho que sim...!...

IB - ... qualquer coisa de muito característico na cultura portuguesa...

AS – Eu acho que sim...!... Primeiro, inventaram o país que queriam (porque não havia!...) – quem olhava para o mapa da Península nunca via desenhado nele Portugal!: havia muitas províncias romanas; havia os tais domínios mouros; havia umas coisas esquisitas que sobravam lá do... do... muito atrás como o país dos bascos, etc.... Mas... foram os portugueses que viram nitidamente o país desenhado no mapa da Península, e depois lhe traçaram os limites!... E que aconteceu?!... Aconteceu que realizaram o único país estável no mundo!! – todos os outros têm mudado, todo o jogo de fronteiras tem existido no mundo, exceto quanto a Portugal! E depois foram para o mar...! E o mar... que mar resultou das viagens dos portugueses?...: o mar que há, o mar que toda a gente teve que aceitar: não havia outro possível!... Então, quem sabe se os portugueses não estão prontos...! e dispostos...! e capazes de realizar aquilo que se chama o Céu Aberto na Terra!?... ... na linguagem portuguesa?!...

IB – Olhe, e... não acha que, divulgando muito essa sua convicção, que se corre talvez um risco de as pessoas adormecerem num certo sonho?... Eu digo isto porque a mim, pessoalmente, parece-me que há uma certa tendência para a passividade... Aqui em Portugal... - aliás, não é só convicção minha, é bastante constatável (desde o sebastianismo...), há assim uma certa tendência para as pessoas esperarem que as coisas aconteçam, lhes caíam do céu, etc.... Hã... Não acha que a pessoa, garantindo que Portugal tem essa... esse papel único, essa característica tão saliente em relação a todo o resto do mundo, que as pessoas continuem mergulhadas nesse...?...

AS – Não creio!...

IB – Não!?...

AS - Não creio! Além disso, se esse é o destino de Portugal, se essa é a missão que Portugal tem que realizar no mundo, porquê agitar-se muito?!... – Deixa andar!... É como quando nós confiamos uma tarefa a uma máquina: confiança absoluta que ela vai preparar o nosso almoço quando se carrega num botão tantos minutos... e, depois, o que é que há a fazer?... Agitar-se?!... – Nada disso!: esperar que a máquina acabe a sua tarefa!... Pode ser que a máquina do mundo tenha uma determinada tarefa para Portugal!... Então, não me agita nada que os portugueses, ao que se diz, sejam passivos – que nunca o foram, na História! De maneira que é uma ideia curiosa essa que aparece muito hoje, de que os portugueses são passivos...!! – eles estão à espera de que o barco chegue, que o barco passe, para pularem dentro, não é?... E já da outra vez... - olhe o que sucedeu com a Ilha dos Amores...!!... Os marinheiros viviam completamente indiferentes a essa possibilidade... E foi a coitada da deusa que teve que andar com a Ilha dum lado para outro, sem eles darem com a Ilha...!! Não é?... Talvez, de novo, as deusas e os deuses tenham que andar com a Ilha diante de Portugal até se desembarcar lá!...

IB – Portanto, voltamos à ideia que, no fundo, é mais importante o destino ou, digamos, a força das coisas exteriores, do que propriamente as decisões voluntaristas dos indivíduos...

AS – Não se sabe...! – Pode ser que nós tenhamos por destino a liberdade!!...

IB – Mas é fundamentalmente isso!?... Quer dizer, a pessoa tem é que estar de acordo com o destino que lhe é oferecido...!... É essa a sua ideia...?!...

AS – O destino, ou a liberdade que lhe é dada com o destino!!

IB – Mmm!...

AS – Porque é... é muito difícil separar as duas... as duas coisas...!... Por exemplo, olhe: na teologia que saiu noutras teologias, Deus é sempre considerado um ser completamente livre!! E eu pergunto: mas é completamente livre?! Ou a fatalidade dele é ser livre?!...

IB - ãh! ãh! ãh!...

AS – Se ele quiser deixar de ser livre, pode ser livre?... Para isso, para deixar de ser livre?... Parece que não...!... Então, as coisas estão intrincadas de tal maneira, que estarmos a separar liberdade de destino e etc., talvez não valha a pena...! Podemos... Quem quiser, pode dizer: o meu destino é a minha liberdade!

IB – E... e não... e é impossível distinguir, ao certo, qual será realmente, a forma então mais correta da pessoa viver!?...

AS – Como não?!...

IB – Se procurar as motivações próprias...

AS – É!...

IB - ... se procurar as coisas exteriores...

AS – Aquilo que apetece fazer é capaz de ser o correto...!... E depois, se se errou, se não caiu na hora certa, sabe-se quase imediatamente que não deu na hora certa!... Não era aquilo mesmo!... Não é?...

IB – Olhe, uma curiosidade grande que eu tenho tido... Também, já há bocado me respondeu indiretamente, dizendo que o seu pensamento não tinha nada a ver com esoterismo ou misticismo... Hãã...

AS – Não não não não!... – com esoterismo!... Eu distingo isso de misticismo...!!

IB – Ah! Esoterismo...

AS – Eu distingo isso...!!

IB – Hãã...!... Tem alguma consonância com o seu próprio pensamento... hãã... aquelas teorias que vêm desde a Idade Média – como, por exemplo, Joaquim de Fiori –

que falam de uma Idade do Pai, e outra do Filho, e que estamos agora a entrar na Idade do Espírito Santo?... Hãã...!... Parece-lhe que isto é... é, enfim, uma forma correta de descrever mais ou menos a evolução da humanidade?!... Que há qualquer...?!...

AS – O que me... mas não é... Quer dizer, é uma coisa assente na ideia de que, logo que se criou o mundo, existiu a... a História, não é?... os homens, etc.... Porque hoje sabemos, pelas arqueologias e paleontologias, e tudo isso, que não é assim!... Mas, o que me parece é que estamos destinados, vamos entrar nalguma coisa muito parecida (senão igual!) àquilo que os portugueses consideravam – depois dos italianos, ou alguns italianos – a Idade do Espírito Santo!... E isso sim! Que afinal o que era, essa coisa da Idade do Espírito Santo?!... Era que as crianças crescessem tão livremente que sua imaginação, sua espontaneidade, sua capacidade de sonhar, nunca se extinguísse e que, um dia, fossem capazes de dirigir o mundo!... Segundo lugar... segundo lugar, que a vida ficasse a ser gratuita para toda a gente – estamos caminhando para isso!, para essa capacidade de tornar a vida gratuita para toda a gente!... E, como consequência disso, diziam os portugueses: porque a criança cresce livremente, ninguém a impede de ser naturalmente o que é; e, por outro lado, a vida não lança sobre nós todas as durezas de combate que costuma lançar no quotidiano, então aí o crime desaparecerá do mundo!... Acho que caminhamos para isso, podemos caminhar para isso, não é alguma coisa de utópico – senão no sentido de que ainda não existe, naturalmente!... – e temos de tomar muito cuidado com o que existe...!: tratar bem, com uma atenção política, uma atenção científica completa!... Porque quem sonhar o mundo que existe como diferente, está enganado!: Sonhar, é daí para diante!... – é para o futuro!! O mundo de hoje tem de ser olhado como um bom político, fazendo aquilo que é possível, e negando-se a fazer o que parece incompatível com o resto do mundo e com o estado do mundo...!! Agora, avançar sempre para a ideia que se tem do futuro!!

IB – Isso é o que a si lhe parece importante...!... Olhe, hãã...!... O tempo, infelizmente, é pouco...! – haveria ainda muitas outras perguntas que eu gostaria de lhe fazer...! No entanto, há uma que... hãã... também me tem preocupado, de certa forma, bastante: como é que uma pessoa como o senhor Professor vive este tipo de situação?... - eu quero dizer, atualmente, e de certa forma um pouco subitamente, tornou-se muito popular (é quase uma moda, o Professor Agostinho da Silva!)... hãã... como é que vive isso?... Quer dizer, como uma das tais necessidades, um dos tais eventos exteriores que

surtem nos quais é preciso a gente embarcar, ou há alguma contradição entre... a sua própria individualidade, e todo este burburinho à sua volta?...

AS – Não!... Estou fazendo... estou fazendo aquilo que me é natural fazer...!... E, portanto, as pessoas, se acham que isso está bem, é porque elas também acham que é natural que eu também esteja assim...!... Ou que elas acham possível algumas das ideias, ou combatam outras que, a elas, lhes parecem impossíveis... - em inteira liberdade!... Ajudam-me mais as pessoas que me olham criticamente, que procuram encontrar erros no que digo, e acham que as coisas são exageradas da minha parte...! – do que aqueles que aplaudem cegamente (exceto se eles próprios estão convencidos de que é verdade aquilo que eu digo!... – por exame próprio que fizeram, por exame crítico... porque lhes pareceu que realmente era isso que tinha que acontecer...!). Não me considero nada na moda!... Quando me apetecer sair da moda, saio imediatamente! Não é?... Ah! Ah!... Não tenho...

IB – Vai-se embora, e não... não...

AS – Claro!... Não tenho problema nenhum...!... É o que me tem acontecido várias vezes, e pode acontecer mais uma...! Não é?... Mas suponho que será possível fazer um certo número de coisas ainda...!... – Vamos a ver!!... como é daqui a uns meses, em que direção vão os acontecimentos, a que rumo é que eles me levam, não é?...

IB – Parece-me que é, realmente, um homem otimista, e que sobretudo sabe tirar sempre o lado bom das situações! Bom, hãã...!... Não sei se ainda quer dizer alguma coisa, estamos mesmo no fim...

AS – Não! Quero dizer talvez que não sou otimista... - o que sou é determinado naquilo que me apetece que seja determinado!... Não é assim?!... E continuo convicto até me... entender que a convicção estava errada, e que tenho que mudar...!... Mas, até hoje, não me tem acontecido muito, não!!...

IB – Não!?...

AS – Não!

IB – Olhe, lamento... Ainda haveria muitas outras coisas de que gostaria de falar consigo, nomeadamente sobre a sua obra de ficção - que está a ser menos falada atualmente do que sobre a sua obra de...

AS – Oh!... Coitada da minha obra de ficção...!?... – tem sido um entretenimento, um entretenimento e... Sabe o que é que me apetece a mim?!...: É que a vida seja uma ficção!! – mais do que escrever ficção...!!...

IB – Sim!?... E aqui temos que terminar...!...

AS – Com grande pena minha, porque gostava de conversar com você...!

IB – Agradeço-lhe muito!...

AS – Eu é que agradeço...!...

IB - Muito boa noite! Muito boa noite, senhores telespetadores!

Entrevista nº 5: com Baptista-Bastos

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Baptista-Bastos (B-B)

B-B – Senhor Professor, muito boa noite!

AS – Boa noite!

B-B – As conversas vadias pressupõem a ideia de uma conversa em liberdade, com indisciplina e com fantasia! Nós temos duas... várias coisas em comum, uma das quais, ou duas das quais, é que ambos gostamos de poetas, e ambos fomos da Seara Nova...!! – o senhor Professor numa altura mais antiga, e eu numa época mais recente!... De qualquer das formas, eu vou começar por citar um poeta – o Afonso Duarte (que eu presumo que o senhor conheceu muito bem...!) num poema, nas “Ossadas”, diz: “O passado é sempre um resto, ou pior, uma falta de saúde!” Por outro lado, um outro grande poeta português, o Teixeira de Pascoaes – que eu, pessoalmente, considero muito mais importante que o Fernando Pessoa – diz: “Eu só tenho é saudades do futuro!”. De qualquer das formas, eu penso que a saudade é legítima, e eu gostava de falar um bocado do passado!... As suas relações, por exemplo como seareiro, na Seara Nova – pouca gente, neste país, sabe... ou se sabe, esqueceu que o senhor Professor foi uma figura extremamente importante na Seara Nova e que conviveu com algumas das... dos portugueses ilustres que tentaram transformar a mentalidade deste país como o António Sérgio, como o Raul Proença, como o Raul Brandão, como o Aquilino Ribeiro, como o Castelo Branco Chaves... Ora bem, como é que o senhor Professor se integrou naquele movimento, e depois eu queria falar acerca de certas pessoas que o senhor Professor também conheceu!?...

AS – A minha ingressão no movimento foi à entrada na Escola Normal Superior, em que eu ia ter que afrontar para... para que me iam examinar homens que tinham ajudado a extinguir a Faculdade de Letras do Porto, não é?...

B-B – Exatamente...!!...

AS - ...E a Seara Nova era o único lugar onde eu podia, antes de ir ao exame, combater os examinadores!!... E, portanto, entrar logo em posição que os obrigaria a tomarem eles próprios posições, e a ver o que havia...!! Então, a Seara me acolheu, escrevi os artigos que eram necessários...

Fui, como se calcula, muito mal acolhido na Escola Normal Superior mas, como teimei em ficar, fiquei!... E, depois, começou a relação com toda a gente da Seara - eu não me lembro se, nessa altura, o Sérgio estava em Lisboa, ou se estava exilado... - lembro-me bem de Câmara Reis, de como aquilo corria tudo, a liberdade que havia naquelas reuniões, e o gosto que havia, em grande parte, de tornar o país racional – era a influência, de algum modo, do Sérgio, já... - e... quanto a entender o país, isso é outra questão diferente...!!... Eu, por exemplo quanto ao Sérgio, acho que de facto o Sérgio, é duvidoso se amava ou se não amava Portugal...!!... – amava Portugal, na medida em que Portugal lhe punha problemas...

B-B – Pois...!!...

AS - ... a que ele podia responder com aquela racionalidade que era ao gosto dele...

B-B – Mas eu penso que, de facto, quando se ama qualquer coisa, tem de se problematizar... Quer dizer, eu penso que nós devemos levantar problemas, devemos interpelar e fazer questões...!!... Por exemplo, eu recordo-me do texto do António Sérgio contra (ou sobre... - como se queira...) o Guerra Junqueiro, que transformou a minha mentalidade republicana, jacobina e racionalista!... Mas... veja, senhor Professor, por exemplo, eu penso – e desculpe a expressão! – que a sua mística, a sua metafísica, vai um bocado ao... ao... ao combate... ou... ou contra as ideias do grupo da Seara Nova... porque... admitamos... - e não leve a mal esta expressão – que eu penso que o senhor Professor, em certas coisas, é um pouco... irracionalista...!! Não é?... É um pouco lírico, digamos assim... Como é que essas coisas se juntaram?...

AS – Não! Acho que não!... Acho que eu e Sérgio estávamos perfeitamente de acordo sempre quanto àquilo que é preciso aplicar de razão ao que é racional!... Mas me

lembro de uma conversa em que, depois de falarmos disso, e em que o Sérgio ter dito que também lhe dava emoções estéticas o ser racionalista, que a grande emoção estética dele tinha sido encontrar na politécnica a teoria geral das equações quando se falava para entrar na Marinha...!, e depois quando passámos... quando passámos ao lado da metafísica, ele... sim, achou que aquilo seria muito interessante mas aí, a razão já era duvidosa que pudesse acompanhar tudo isso, e então seria melhor uma intuição, e etc. – a conversa ficou por aí! Porque logo que nos afastávamos do campo racional, o Sérgio tinha a prudência necessária para parar! E, embora ele citasse continuamente como grande filósofo português – e foi! – o Espinosa, ele sentia perfeitamente que a coisa fundamental no Espinosa não era ele ser racionalista, era que, como bom português, de vez em quando não era racionalista coisa nenhuma, não é?...

B-B – Ah! Ah!

AS - ... Punha isso completamente de parte, não é?

B-B – Mas olhe uma coisa... Mas a Seara tentou transformar este país, quer dizer... não é? Apesar de tudo, os seareiros tinham uma ideia... digamos, política... digamos, política... - porque é uma ideia cultural!... Quer dizer, eu penso que a política é um dos interesses da cultura, e a cultura deve fazer parte da política, não é?...

AS – As duas coisas são políticas... A coisa... a palavra não vem da tal polis, da cidade?...

B-B – Exatamente!...

AS - ... Tudo o que se passa na cidade é político, seja de uma natureza ou de outra natureza...!...

B-B – Como é que essas coisas se conciliavam, ó... ó senhor Professor?... A transformação da sociedade portuguesa através de...?...

AS – Bom, eu creio que a sociedade portuguesa não se podia transformar através de discursos, através de publicações!... A sociedade portuguesa tinha que se transformar

através de fazer coisas!... O que Portugal realizou no mundo foi fazer aquilo que os outros não faziam! E, portanto, o que se devia fazer em Portugal não era escrever artigos para jornais, publicar numa revista - todas as semanas, quando havia dinheiro; todos os meses, quando não havia - mas, de facto, implantar em Portugal um certo número de coisas que depois, como semente, daria uma floresta, não é?... E isso é que, realmente, a Seara nunca fez!... O Sérgio tentou alguma coisa quanto a escolas, por exemplo, tentou alguma coisa em certa altura da vida quanto às cooperativas... Mas, de facto, uma ação concreta sobre o que havia a fazer em Portugal, aí a coisa não se realizou...!!

B-B – Pois! Mas a discussão de ideias... Quer dizer, ainda hoje as pessoas se reclamam de uma condição de seareiros...!! E estou-me a lembrar, por exemplo, de que o Raul Proença – que eu considero um dos homens mais importantes da Seara Nova!... – hãã... foi o primeiro publicista – digamos assim – na Europa (ao que dizem os historiadores!...) que advertiu, em Portugal, para os perigos dos fascismos que aí vinham! É um texto famoso, que vem na obra política do Raul Proença, na organização do Sotto Mayor Cardia, nos livros organizados pelo Sotto Mayor Cardia, e eu penso que isso é uma... é um problema extremamente importante para a advertência e para nós... enfim, pensarmos o que é que ia acontecer...!!... Como é que o senhor Professor se integrou nesse... nessa altura, quando o Raul Proença disse “Atenção, vêm as ditaduras, vem o fascismo, e vem aí o obscurantismo...!!”?...

AS – Eu estava sobretudo muito interessado, nessa altura, em aprender aquilo que devia fazer, que era ensinar no ensino secundário, já que tinha sido impedido do ensino superior!...

B-B – Pois!...

AS - Não é? Então, todo eu estava dedicado à prática desse ensino, aquilo que devia fazer nesse domínio!... E o resto, puramente à discussão de ideias sobre pedagogia ou qualquer coisa, punha isso de parte, porque achei que o importante era fazer as coisas em lugar de estar a declamar sobre elas – embora com toda a racionalidade, embora com todo o interesse...! Mas que lá está: podia-se advertir mesmo sem discutir ideias, sem ver que se aproximava para Portugal um tempo em que as coisas iam completamente

mudar...!!... Me lembro muito bem que naquele fim da primeira república – com toda aquela gente extraordinariamente inteligente, tanta da qual eu conheci aqui... ou conheci fora de Portugal – toda aquela gente não conseguia chegar a nenhuma espécie de organização de Portugal!: havia qualquer coisa, qualquer obstáculo ao qual eles não tinham dado...

Parece-me que hoje é que eu estou a pensar qual era o obstáculo que continua a existir: é Portugal ter tido realmente dois regimes portugueses!... Um – costumo resumir assim: era o do rei coordenando os municípios republicanos, e deu a volta ao Cabo da Boa Esperança; e o outro foi o de aguentar o desastre do Oriente e de, ao mesmo tempo, de construir o Brasil – o que não era coisa fácil para uma nação tão pequena, com tão reduzido número de pessoas – e teve um outro regime que foi de se ouvir pouco as cortes gerais, deixá-las bem espaçadas e ir o rei governando – coisa que eu digo, muito própria para Portugal, como é navio, quanto menos assembleias gerais tinha a bordo, tanto melhor, não é?: não havia perigo de ir para o fundo...! E conseguiu isso!!... Mas, quando o nosso amigo D. João, o futuro VI, embarcou para o Brasil, esse segundo regime português foi embora...!!...

E Portugal, durante trezentos anos, tem um problema extremamente importante, que é o de não ter nenhum regime português!... Tanto os regimes que houve na monarquia como aqueles que tem havido na república, foram fora, a um shopping centre qualquer, buscar um modelo que usaram!... Bom, de vez em quando o modelo dava mais certo que... A primeira república, com todas as coisas bem interessantes que teve, não era um regime, de facto, adequado a Portugal – era uma coisa qualquer que tinha vindo, metade da França, e metade da Inglaterra... Depois, quando houve o regime da ditadura, também foi uma ditadura inspirada por ditaduras que havia fora...!!... – que eu acho que foi, agora quando vejo aquilo à distância, que foi útil ao país... no sentido...

B-B – A ditadura?! A ditadura!!!?...

AS - ... no sentido de que Portugal, realmente, estava sendo, naquela altura, criticado por toda a parte... e até se tinha inventado, como sabe, o verbo *portugaliser* – quando uma coisa estava bem... desordenada, quanto a finanças, era *portugaliser*...

Quando o nosso amigo veio lá de Coimbra, professor de finanças, percebia daquilo, pôr as finanças em ordem - pelo grande processo de não dar o jantar às pessoas, e obrigar a pagar para almoçar...!!, não é? - mas foi um processo..., ele conseguiu manter aquela

ordem financeira!... Que, de resto, o Afonso Costa já tinha tentado!... Simplesmente, o Afonso Costa não tinha conseguido a continuidade – que o regime era um regime de mudar de ministério a cada passo!! – o ministro que veio a seguir ao Afonso Costa acaba com tudo!!

Então o nosso amigo, quando percebeu que tinha que repetir o Afonso Costa, o que não quis foi repetir a saída...!! E se manteve no poder todo aquele tempo e, como havia gente que protestava, e gente que não se sentia bem – porque não era um regime adequado a Portugal – o nosso amigo teve que montar todo aquele aparelho policial – cadeias e pides e tal, toda essa história...!!... De qualquer maneira...

B-B – De que o senhor Professor foi vítima!!...

AS – Diga...?!...

B-B – De que o senhor Professor foi vítima!!...

AS – Eu fui vítima... Eu fui favorecido, sabe!?!... Eu não me considero vítima da ditadura que houve em Portugal! Porque, se não fosse a ditadura, eu provavelmente teria ficado aí com o doutoramento, e essas coisas todas, uma vida bem tranquila, bem sossegadinha em Portugal, estava hoje bem aborrecido da vida porque não tinha visto o mundo... Ao passo que aqueles acontecimentos, quanto a mim, me obrigaram a ir embora, foram uma abertura para a vida com a qual eu nunca tinha... pensado!!

B-B – Mas sabe, senhor Professor, isso para mim é um bocado estranho porque parece que o senhor Professor está a legitimar o fascismo português... quando o fascismo...

AS – Não estou a legitimar coisa nenhuma!! Devo dizer que, de vez em quando, se o sujeito partiu a perna, o gesso é bom...!!... E aí, por isso, como foi gesso na perna do português, ele do 25 de Abril para diante ainda continua coxeando bastante...!!... Não é?... Portanto, temos que lhe dar... dar qualquer jeito para que Portugal deixe de coxear, e realmente se reinstaure. Eu acho que o problema que está hoje diante de Portugal é o de se reinstaurar! Não digo restaurar para não haver confusões com 1240, em que entra muita coisa...

B-B – Pois!

AS - ... do açúcar do Brasil para ajudar os fidalgos mas, de qualquer maneira, reinstaurar!!: voltar àquilo que os portugueses acharam que era a sua própria cultura!! E parece-me que, nessa altura do mundo, era extremamente interessante que isso se implantasse em Portugal!...

B-B – Mas olhe que eu penso que a inteligência portuguesa nunca coxeou!... Porquê? Quer dizer, nós vemos a história da cultura portuguesa, não é?, e verificamos esta coisa surpreendente: a poesia portuguesa não tem que se por de cócoras perante poesia nenhuma do mundo!!... Depois há uma outra coisa: nós vemos os prosadores e os cronistas das descobertas, e não há um só que legitime o latrocínio, o genocídio, hããã..., sei lá, hããã... a brutalidade!!...

AS – Claro!!...!

B-B – Quer dizer, mesmo os grandes prosadores... mesmo os prosadores... - como é que eu hei de dizer?!... - ... religiosos, são prosadores progressistas!

AS – Exato!

B-B - Daí a circunstância de eu pensar que, de facto, a inteligência portuguesa nunca coxeou!! Mais ainda...

AS – Nunca!!

B-B - Mais ainda...

AS - De jeito nenhum!!

B-B – Mais ainda: eu penso – e vê-se! – a facilidade com que o senhor Professor se expressa, a juventude que tem no olhar, os gestos,... - tudo isso é uma sùmula de uma cultura, quer as pessoas queiram, quer não... Eu, aqui há tempos, ouvi dizer, ou li, uma coisa para mim infausta, que... bvbvbbv... tratava mal o senhor Professor!... Foi... um

semanário que o tratou mal...!! Eu estou em perfeito desacordo, mas queria fazer-lhe uma pergunta: Ehhh!!... O senhor Professor considera-se um guru, um visionário, um profeta, um poeta, ou um universitário?...

AS – O que é que eu me considero!?!...!!...

B-B – Sim!...

AS – Considero-me uma pessoa que tenta ser o mais simples possível, e deixar que a vida lhe traga os problemas que ele vai tentar resolver, se puder!... Mais nada!!...

B-B – Pois!

AS – Nunca me considerei coisa nenhuma senão como uma pessoa qualquer à qual a vida apresentou uma série de circunstâncias que ele tratou de uma certa maneira – que me parece a mim que deram resultado, interno, regular, para minha satisfação, mas que efetivamente podem parecer aos outros diferente...

B-B – Sim!...

AS - ... de maneira que toda essa coisa de me acharem diferente, ou de porem perguntas “se o cavalheiro é isto, ou se o cavalheiro é aquilo”, eu fico sempre à espera da resposta, porque eu próprio não a sei dar...!!...

B-B – Pois! Eu próprio também sou a favor da diferença, como deve calcular!... Quer dizer, e penso que o senhor Professor que foi um... para mim, de facto, um... grande divulgador das coisas... da cultura portuguesa, foi um homem que... se bateu, no melhor sentido do termo, através da cultura... para dinamizar uma certa... um outro tipo de inteligência em Portugal... De qualquer das formas, eu penso que o senhor Professor é a súpula de uma cultura!... Acumulou muita sabedoria, muitos conhecimentos... eu conheço e leio, e tenho ouvido e etc., amigos comuns que me falam do senhor Professor!... De qualquer das formas, eu penso que... hããã... o senhor Professor cai em Portugal, digamos assim, entre aspas, numa espécie de... quando há um vazío de ideias em Portugal...!! Ainda há bocado estávamos aqui, antes de chegarmos ao

estúdio, e estavam ali uns atores, e todos falavam de si com grande simpatia, com grande respeito e com grande consideração!!... Mas não lhe parece que é extremamente perigoso... hããã... as pessoas, como o caso do senhor Professor – que é um homem sábio, é um sage no sentido antigo do termo – cair numa época de vazio em Portugal onde, de facto, não há batalha de ideias... quer dizer, e as pessoas podem ser arrastadas por um certo sentido poético que o senhor Professor tem, e transformá-lo num guru!, transformá-lo num visionário!!... Isso é que eu gostava de saber a sua opinião...?...

AS – O que eu tenho procurado sempre é entender o que houve na História de Portugal de mais importante e de mais interessante e, no fim de contas, eu não tenho repetido senão... apresentado como posso, o mais claramente possível, e repetido, o que foi o pensamento e a obra, também, de muitos portugueses do século XIII, com o culto do Espírito Santo, com o Camões, ou do António Vieira, ou de muita coisa que pensou, ou executou, o... o próprio Fernando Pessoa!... Toda essa gente, ou gente da Seara, tudo isso... Não tenho mais nada... não tenho feito mais nada senão repetir... De maneira que, de facto, não sou nenhuma espécie de génio, nem de guru, nem de visionário,...

B-B – Claro! ãh! ãh!

AS - ... nem de coisa nenhuma!... Sou um sujeito que, para ver se entendo Portugal, examinou tanto quanto possível, o que foi Portugal, e ficou muito satisfeito com isso: achou que todos tinham tido muito boas ideias... E mais: ideias que não foram, muitas delas, porque não podiam ser aplicadas no tempo em que eles viveram, mas podem ser agora, a partir daqui, não só para que Portugal se reinstaure, volte a si próprio, depois de ter sofrido a tal invasão europeia para nos levar nos navios a todo o resto do mundo, mas até para ajudar a Europa...!!... Quando se fala nessa adesão de Portugal à CEE e coisas parecidas, eu só vejo aquilo como um desembarque de Portugal na Europa para ajudar a coitada da Europa a ver se tem algum jeito, depois de toda essa confusão em que anda...!!... Vendo Portugal muito raramente que a Europa, para conseguir o que conseguiu de avanço da ciência e avanço da tecnologia, teve que sacrificar muito da sua humanidade!... Que, agora, ainda pode fazer isso em planos que nos interessam, e que interessam ao mundo inteiro – mas que, a pouco e pouco, Portugal tem que mostrar a contrapartida que ele é!! A economia capitalista – que eles têm que levar até ao fim

porque é a única, creio eu, que pode realmente inaugurar a paz, não haver carência alguma para o mundo...

B-B – Mas ouça lá, ó senhor Professor, mas o capitalismo é a exploração do homem pelo homem, não é?!...

AS – É a guerra do homem contra o homem!! Em que cada um...

B-B – Então, está de acordo com isso?!...

AS – Em que cada um procura inventar um lápis mais perfeito do que o lápis que inventou o outro...!... – para o poder vender, atraído pelo lucro ou qualquer coisa assim...!! Mas evidentemente que, por isso...

B-B – Mas nós, os poetas, somos contra o lucro...!!...

AS – Diga?!...

B-B - Nós, os poetas, somos... somos contra o lucro...!!?...

AS – Bem...!!... Isso, aí, é muito complicado, porque podemos ter lucros doutras espécies...!... Não é?...

B-B – Do lápis?... ãh! ãh!...

AS – Não os económicos, etc.!!... Mas, é a única economia que pode desenvolver o mundo até à altura de podermos ter as mesmas condições em que viviam (supomos! – pelo que sabemos da arqueologia e pelo que sabemos da vida de alguns ? sobrevivem) em que não faltava nada para eles, em que eles percorriam o mundo à vontade, e tinham sempre que comer, e tinham sempre possibilidade de contemplar a beleza que os podia impressionar!... Então a nossa... essa nossa corrida para o aperfeiçoamento cada vez maior, para a maquinização, para a informática, para os computadores, para essa coisa toda, possivelmente nos levará a um tempo em que nós podemos igualar as condições económicas, as condições técnicas, em que vivia o homem primitivo...!!...

B-B – Mas olhe, senhor Professor, o que é que Portugal – penso eu! – pode ensinar à Europa, sobretudo à Europa Central, sobretudo à Alemanha?!... A Alemanha não se vai reunificar, vai unificar-se! De qualquer das formas, a Alemanha foi – digamos, durante dois, três séculos, hegemonicamente cultural, não é? Dali saiu a poesia, a música, a arquitetura, a filosofia, etc., etc.. O que é que Portugal, o pobre deste país – quer dizer, que não tem condições económicas – a quem o poder... o poder, em Portugal, não apoia as grandes manifestações culturais... por exemplo, nós hoje temos um dos mais importantes romances que se produz na Europa (não sou eu que o digo, são os grandes críticos, são todos os grandes críticos, e todos os grandes exejetas) e, de facto, os esforços são cada vez mais isolados... Ehhhh... Quer dizer, eu não vejo muito bem como é que Portugal... ehhhh... pode auxiliar uma Europa cada vez mais desenvolvida e – penso eu – cada vez culturalmente mais poderosa?!...

AS – Não se trata de ensinar!... Trata-se de fazer melhores poemas do que eles fizeram, ou de fazer melhor matemática do que aquela que eles construíram...!!... Do que se trata é de lhes ensinar que é uma vida mais interessante do que aquela de Alemanha e Japão e América estarem concorrendo umas com as outras, a ver quem trabalha mais e produz mais coisas!!... - não se trata disso!! O que Portugal tem que ensinar ao mundo é que há uma maneira de viver, de contemplar o dito mundo...

B-B – Então sempre é ensinar...!!...

AS – Sim!!... Ensinar nesse sentido!! Não de fazer cultura, mas de viver uma vida culturalmente perfeita! Podem os alemães terem inventado o que quiserem mas, de facto, se nós vamos ao Camões ou se nós vamos ao Vieira, com a ideia que eles tiveram do que seria a verdadeira vida do homem – o corpo satisfeito em todas as suas necessidades, o que podemos hoje fazer por meio da economia; e, depois disso, por outro lado, poder viver uma vida completamente livre, para contemplar o mundo, para colher toda a beleza do mundo, para ouvir a voz da Deusa (se quisermos falar como o Camões!) ou para ouvir a voz de Deus (como... se quisermos ouvir... falar o jesuíta António Vieira...!) mas, de qualquer maneira, apreendermos a beleza do mundo, e a lição que é, para nós, ou pode ser para nós, tudo quanto existe de vivo, e no mundo, e de construtivo!!... Não é?...

B-B – Mas veja, por exemplo, nos últimos – digamos, cento e cinquenta anos – o mundo, ou parte do mundo, substancial parte do mundo – viveu... eh... sob o pensamento de três alemães que eram três judeus: o Marx; o Freud; e o Einstein. Isso está tudo a ser posto em causa, pensa o senhor Professor?...

AS – Ahhh... Tê-los posto em prática, tê-los posto em prática de maneira que eles próprios poderiam considerar errada se tivessem que a olhar, pode ter sido erro...!... Entender aqueles que foram os reais, entendê-los nas suas intenções, mas ter muito cuidado com a aplicação prática, porque o tempo pode não ser o exato, ou a maneira como as pessoas o entenderam pode não ser a certa, isso evidentemente tem que se por de parte...!... Então, sobretudo há que aprender uma coisa que é esperar que a vida venha no seu caminho e nos incite àquilo que temos que fazer, em lugar de estarmos continuamente fabricando planos para a vida, que podem atrapalhar os planos que a vida tinha para nós...!! – e o português é muito mais isso:...

B-B – Mas os homens...

AS - ... esperar que o tempo venha!!

B-B - Mas os homens, segundo o discurso do senhor Professor, têm de modificar a vida, não é?!... Quer dizer, o Marx dizia “transformar o mundo”, e um poeta, o Rimbaud, “mudar a vida”, não é? Que é que lhe parece?...

AS – Parece-me que isso só se consegue se o homem se for mudando a si próprio e, para mudar a si próprio, ele tem sobretudo que escutar a vida...

B-B – Agora, para terminar...

AS - ... pacientemente e humildemente, ver o que a vida lhe está querendo dizer, e a que ponto está empurrando...!! Porque nós não sabemos, de facto, em toda a mecânica do mundo, se o homem modifica a vida, ou se a vida modifica o homem!... Nós hoje estamos sem saber se foi o Infante D. Henrique que fez os descobrimentos, ou os descobrimentos que fizeram o Infante D. Henrique...!!...

B-B – Sim! Isso é a história...

AS – É uma questão... uma questão extremamente discutível!!

B-B – É a história do Eça de Queirós, quando se referiu ao Ramalho Ortigão, não sabia se o Ramalho Ortigão era o autor das Farpas, ou as Farpas o autor do Ramalho...

AS – Evidente! Não sabe, não é?...

B-B – Mas de qualquer das formas, para o final desta belíssima conversa vadia, eu queria-lhe fazer uma última pergunta...

AS – Diga, diga...

B-B - ... que é o seguinte: o senhor Professor costuma recomendar aos seus alunos para não pensarem muito, cansa a cabeça...

AS – Não é só cansar a cabeça: enche a cabeça de coisas que podem não ter importância no mundo, e nenhuma, ao passo que é uma boa ideia deixar a cabeça repousada, se nos entra na cabeça a voz da Deusa – vamos falar como o Camões! Quer dizer, quando nós acordamos de manhã com uma boa ideia, não temos a certeza que ela fosse fabricada pelo nosso cérebro!!...!...

B-B – Mas olhe... Não se pode viver sem ideias, pois não?!... Não se pode viver sem pensar...!!...

AS – Quem quer viver sem ideias?!... Quem quer...?!... – Não pensar!! O verbo pensar é que pode estar sendo errado! Nós podemos ter, em cima dos ombros, uma máquina que pensa; mas podemos ter, em lugar disso, uma máquina que deteta ideias que andam pelo mundo...!!... – e a coisa, também, ainda não se sabe de que jeito é!...

B-B – Muito bom!

AS – E...

B-B - Olhe, foi muito agradável estar à conversa consigo...!...

AS - Pronto! Eu também!

B-B - Estou em cima da hora...

AS – É uma pena haver horas...!!

B-B - Muito obrigado!

Entrevista nº 6: com Alice Cruz

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Alice Cruz (AC)

AC – Há um poema do Professor Agostinho da Silva que começa assim: “Acho graça às homenagens que me prestam/ Excelente sinal de ilusões que a eles restam”. Que ilusões, senhor Professor?

AS – Ilusão de que eu valho alguma coisa assim muito extraordinária...!!... Não é? Quando, de facto, são eles que têm essa ideia, e são eles que fabricam esse objeto... Não é? De maneira que, para mim é uma ilusão que eles têm, para eles é uma criação – alguma coisa que lhes dá gosto – e oxalá isso se conserve com eles!...

AC – Acha que as pessoas têm necessidade de... de homenagear..., de... admirar alguém... ou alguma coisa?...

AS – Possivelmente têm!! Lhes parece que é um apoio que eles têm para uma vida que, às vezes, não os satisfaz, e então que é ali um apoio, alguma coisa que os vai ajudar!... – o que é preciso é cuidado é que isso não seja uma ilusão...!!... Diante daquilo que tendemos a homenagear e a amar, devemos também ter um espírito crítico muito vivo!! Não é? Não estar sempre dispostos a aplaudir, a achar que tudo o que o outro diz é uma maravilha... que apareceu no mundo...!! Mas, pelo contrário, procurar dentro de si próprio aquilo que é uma resposta, aquilo que é uma crítica, aquilo que é uma objeção – e que pode ajudar o outro a construir alguma coisa que ele realmente quer alcançar e que, sozinho, não o possa fazer!... Não é?...

AC – O senhor Professor considera que este programa de televisão que tem vindo a fazer é, de certa maneira, uma homenagem?...

AS – É... muito difícil... Para mim, não considero que é uma homenagem, considero que é uma obrigação!!... Desde que me convidam para alguma coisa, eu não tenho razão nenhuma para dizer que não!...

AC – Não!... Mas que é uma homenagem, é... ao senhor Professor!

AS – Não sei se é, se não é!...

AC – Fazerem este programa...

AS - Pode ser uma curiosidade...!..., apenas... Eu não tenho que julgar isso!... Eu, o que tenho, é que estar muito calmo e, quando me vêm convidar para fazer alguma coisa... - é como quando me perguntam, na rua, se eu sei onde é a rua não sei quê, eu por acaso sei, e digo, indico como é que se vai para lá!... É a obrigação geral que eu tenho...!... E, sobretudo, tomar o meu cuidado em não pensar que é uma homenagem a mim... porque nessa altura, eu acho que as pessoas estão a homenagear alguma coisa que lhes pode ser ilusória... Então, é preciso ter muito cuidado nisso...!, não é?: estar sempre crítico diante daquilo que se vai admirar – o que é diferente de ser crítico daquilo que se ama!, é uma coisa diferente: diante do que se ama não se deve ser crítico, deve-se deixar que o amor nos possua!!; mas, diante daquilo que se admira, muito cuidadinho... - tem que se estar sempre com a objeção pronta para ver se podemos demolir aquilo que na vida não nos serve afinal para nada, nos está apenas iludindo, não é?...

AC – O senhor Professor sente-se um homem amado?...

AS – Não sei!... Olhe, nem me preocupa... nada disso!... – basta que eu ame os outros...!... O que me preocupa é isso!!... Não é?...

E de vez em quando isso me sucede, porque tenho muita qualidade ruaemissorada?, e de vez em quando o amor que devia ter aos outros não dá assim tanto nas vistas...!... Não é? Bom! Não há maneira... não há maneira de... eu tomar outro tipo de vida, deixo-me estar como está!...: não procuro corrigir-me, mas o que procuro é que os outros, se têm que corrigir, ponham a sua objeção bem clara...! Sobretudo, levantem dúvidas!! Não é? É preciso que tenhamos certezas na vida, mas é preciso também que um grande número

de dúvidas nos acompanhe, para não perdermos a cabeça...!, para não nos julgarmos uma coisa diferente da que somos!!... Não é?

AC – Ó senhor Professor, hãã... a propósito destes programas de televisão (voltando a isso...), já lhe aconteceu... - não sei se os vê... vê?!... Costuma ver estes programas que tem feito?!...

AS – De vez em quando vejo... programas de televisão!...

AC – Hããã... Gosta?!...

AS – De quê?!...

AC – Deste programa que está a fazer!?!...

AS – Deste?!!

AC – Destas “Conversas Vadias”! Costuma vê-las?

AS – Eu costumo vê-las!... E... gosto da pessoa que está falando comigo... Não é? Isto é: sobretudo a atenção que eu tenho é para a outra pessoa que fez o favor, teve a atenção, de vir dialogar, de vir perguntar coisas...!! Comigo, não me interessa absolutamente nada!!... – ponho essa coisa de parte num instante, não é?...

AC – Não se costuma contestar a si próprio, quando se vê, aquilo que disse...?!...

AS – Não!, não contesto coisa nenhuma!... Não é? Nem ligo importância nenhuma!...

AC – Não!?!... E quando vai na rua, nota que houve alguma diferença na sua vida pelo facto de estar a fazer estes programas na televisão?...

AS – Ah! Sim, houve diferença: por exemplo, pessoas que... que vêm ter comigo quando eu estou a pensar noutra coisa, me interrompem... não é?...

AC – Eh! Eh! Eh!

AS - ... e eu fico espantado com o que eles querem, ou qualquer coisa assim... Ou outras vezes encontro muito interessantes, que me põem sempre perguntas: que coisa há nisto que leva tal ou tal pessoa a achar que a coisa foi muito interessante, que mudou a vida dele, ou qualquer coisa dessa espécie... Que é que foi?... E, muitas vezes, é difícil saber o que é que é: eu só disse vulgaridades...!! Só disse muita coisa que está nos livros, que está na História de Portugal, repetindo sempre essa história, não é?... Que é que houve... de diferente?!... Então isso é que... é que eu gostaria que a outra pessoa dissesse!!: Porque é que você diz essa coisa?; O que é que achou de fundamental?... – Porque, às vezes, são coisas que, pelo vocabulário, ou pelo problema envolvido, podem ir acima, além, da cultura da pessoa, e no entanto ela disse que acha que gostou...!... Ou porque quer ser amável comigo, ou porque há qualquer coisa que eu próprio ignoro... - é que há forças na vida que nós ignoramos...!!, não sabemos como é que elas... como é que elas estão agindo..., o que é que elas estão fazendo... - temos que deixar que aconteçam, e continuar o nosso caminho calmamente como se nada tivesse acontecido...!!...

AC – Olhe, senhor Professor, diz também... eh... a certa altura nesse poema: “Sou tão humano quanto os outros/ Com qualidades e defeitos/ E mais as manhas que se escondem/ Em seus peitos”. Manhas, qualidades, defeitos... Como é o senhor Professor? Tem assim tantas manhas?!...

AS – Devo ter!

AC – Que qualidades acha que tem, que defeitos são os seus?

AS – Bom! Eu... eu costumo até evitar todas essas coisas, dizendo que nenhuma pessoa tem qualidades ou defeitos – a pessoa tem características! E umas vezes, quando não nos agradam, nós chamamos defeitos; e, quando nos agradam, nós chamamos qualidades! E, quanto ao português, também não temos nada que discutir se ele tem qualidades ou tem defeitos!... Numas coisas, o que ganhou a vida, o que ganhou a partida, foi exatamente o conjunto de defeitos que ele tinha juntamente com o conjunto de qualidades que se reconhecem! Eu costumo sempre citar, a propósito da construção do Brasil, como o

português, durante duzentos e cinquenta anos, foi o mais manhoso ser que jamais existiu no mundo, mentiu sempre: mapas falsos para toda a parte, para conseguir ter o Brasil que se tem hoje! Não é?

AC – E fazer as fronteiras durante a noite...

AS – Foi um defeito ou uma qualidade?!... Ter aquele país, e poder construir aquele país, e levá-lo a um ponto em que depois, ele mesmo, na sua liberdade, se poderia desenvolver, foi uma qualidade ou foi defeito?... Também entraram qualidades, claro!... Quando o português mandava embaixadores comprar relógios pela Europa, porque isso era preciso para marcar a longitude, era uma qualidade!... Mas, ao mesmo tempo, era um defeito, porque procurava ir à frente de outros povos que ainda não sabiam medir tão bem as longitudes, e que podiam ser enganados, de facto, pelos portugueses!... É um tal conjunto de coisas, que o melhor é dizer que todos nós temos características...!!

AC – É! As características... Eu li, do senhor Professor que, das características portuguesas, se destacavam o comerciar e o conversar...!! Hãã... que isso nos levou longe... no mundo, também! O senhor Professor é um homem que gosta de conversar... - já o confessou várias vezes...!! E de comerciar?...

AS – De comerciar?!... Bom! A palavra comércio, em latim, significava também o contacto – não apenas a troca de coisas, mas o contacto com outras pessoas!... E ainda hoje se pode usar essa expressão: ter comércio com tal tipo de pessoa, ter comércio com tal tipo de arte, ou tal tipo de literatura... Não é assim?! - o contacto!! E as duas coisas se ligam!...

A história do... quando o S. Bernardo disse aos templários: quando vocês deixarem de combater os muçulmanos, o melhor é comerciar com eles, oferecer-lhes coisas, para que isso resulte numa conversa, e para que isso resulte no tal comércio de se compararem as duas religiões - a religião cristã e a religião islâmica – e, quem sabe se, ao fim de alguns presentes, os cavaleiros não se convertem mesmo?!...

A coisa é que saiu mal, porque com aquela coisa de ter que ter o cristão capital para comprar presentes para dar ao muçulmano, depois receber os presentes do muçulmano, e fazer comércio de lucro com eles, acabou de transformar os nossos amigos templários em banqueiros, e a levantar as cobiças de reis, as cobiças de papas, as cobiças de gente

que tinha qualquer espécie de poder, e que lhe saltou em cima dos tesouros, não é? – Coisa que fez o D. Dinis também!!... Claro! O que levou o D. Dinis a fazer uma coisa muito interessante que foi a primeira nacionalização que era... que houve em Portugal... - nacionalizou os tesouros dos templários fazendo, ao mesmo tempo, a primeira privatização porque os privou, a eles, de ter o tesouro!! Toda a nacionalização pode ser uma privatização ao mesmo tempo, não é?!...

AC – Mmmm... Hããã... Qual será...

AS – E a privatização uma nacionalização!

AC – O... o senhor Professor acredita no destino? No destino fado, no destino...!?

AS – Pode ser que haja! Pode ser que haja destino!... Pode ser que o destino de uma pessoa seja ser livre!!

AC – Livre?!...

AS – Como hoje... como hoje as matemáticas estão chegando ao ponto de achar que há arquitetos do caos – arquitetos do caos!! – pode ser que haja o destino de ter liberdade!! Ou pode ser que a um tempo ninguém se possa livrar de ter, ao mesmo tempo, o destino e a liberdade!!... – o fatal, e aquilo que quer!

AC – Liberdade será... cada pessoa ser aquilo que é...?! ... e deixar... tornar isso contagioso... - como diz o senhor Professor?... Quer dizer, deixar os outros ser assim, também...?!...

AS – Deixar os outros!!

AC – E como é possível?...

AS - O que é extremamente difícil...!!

AC – Como é que é possível?...

AS – As pessoas tomarem liberdade para si, isso é fácil; dar aos outros é que é mais complicado!...

AC - Como é que é possível conciliar a nossa liberdade com... as leis, com a liberdade dos outros... hãã... em relação a um futuro...

AS – É preciso, sobretudo, ter – como têm todos os portugueses!... – o sentido do intervalo entre os artigos das leis, por onde as pessoas se podem escapar, uma habilidade extraordinária nessa coisa, não é? Então, é possível conciliar a liberdade o mais possível – porque a lei foi feita exatamente (todo o direito é feito exatamente!) para conseguir dar o máximo de liberdade às pessoas, sem destruir... não destruindo relações possíveis, que seja possível, travar, não é?...

AC – Mas, ao longo da sua vida, o... o senhor Professor tem lidado com impedimentos à sua liberdade, e é por isso que... larga, muitas vezes, o seu próprio destino, e procura outra forma de o realizar – mudando de terra, mudando de profissão... Já lhe aconteceu, várias vezes...!?

AS – Bom! É porque eu creio que todos os impedimentos que me têm surgido, foi para ajudar...!... E que a minha obrigação, quando me surge qualquer impedimento, é estar calmo diante das coisas, e ver se não foi uma coisa para ajudar!!... E sempre que tenho podido fazer a conta, o que tem resultado é isso!: tudo o que veio contra, foi para favorecer!!

AC – Mas, no intervalo, houve a raiva, houve a desilusão,... enfim, todas aquelas paixões humanas...!?!...

AS – Raiva... - creio que nunca houve, não é?... A não ser em duas ou três vezes em que era preciso fazer uma coisa que me custava fazer, e eu tinha que a fazer, não é?...

AC – O senhor Professor afirmou que fez o seu doutoramento com raiva!!...

AS – Pois claro!... Com raiva porque eu não queria de nenhuma maneira ser doutorado pela Universidade de Coimbra ou pela Universidade de Lisboa – que tinham ajudado a destruir a do Porto!! E então, com raiva a elas, eu fui fazer o doutoramento no Porto – que não tencionava fazer!... Eu não precisava de ser doutor para coisa nenhuma...!!... Mas, como um amigo me falou na possibilidade de um dia surgir uma carreira universitária para que exigissem o título de doutor, para ir com ele (sobretudo para ir com ele – o António Salgado Júnior, de quem eu era muito amigo!), lá fomos os dois, e eu lá fiz o meu doutoramento!...

Mas o que moveu a fazer a tese e tudo aquilo, foi exatamente a raiva que eu tinha à Universidade de Lisboa e à Universidade de Coimbra, por terem destruído a do Porto!

AC – Tem-lhe acontecido...

AS - Tenho muito gosto em ter tido raiva nessa altura!...

AC – Tem-lhe acontecido lidar com muita gente, em raiva, ao longo da vida... por esta ou aquela circunstância?...

AS – Nããão!... Tenho... tenho sempre dado bem, muito bem com a maior parte das pessoas, mas ponho nitidamente aquilo que me convém... que é, não convém ultrapassar quando as pessoas querem ultrapassar determinadas coisas que me podem incomodar!... Tendo eu, também, todo o cuidado em não ultrapassar os direitos à sua liberdade que têm as pessoas...!...

E acho que é possível dar-mo-nos todos bem assim no mundo!!... Não é? Pondo muito liso, muito claro, aquilo que se pode e que não se pode fazer!!

AC – Senhor Professor, tem... vários filhos... oito?... salvo erro!?... Como é a sua relação... com os seus filhos...?...

AS – É uma relação de liberdade!

AC - ... com a sua família...?...

AS – Eles sempre fizeram o que quiseram... Naturalmente, quando perguntaram o que é que eu achava sobre tal ou tal procedimento, eu dizia o que achava!!... Posso ter dito muitas vezes coisas certas, posso ter dito muitas vezes coisas erradas...

Mas sobretudo a relação foi uma relação de liberdade completa! Não é? Eles fizeram, tomarem os caminhos que lhes pareciam mais interessantes para a sua vida... E acho que fizeram muito bem!

AC – E na... naquela vida... doméstica, digamos, que toda a gente tem, mesmo os homens muito ilustres... hãã... como é que o senhor Professor... reage, como é o seu quotidiano...?... O senhor Professor... deu apoio a... enfim, ao crescimento dos rapazes, e das raparigas... à doença,... ao apoio das dificuldades escolares... enfim, todos esses problemas que preocupam os pais?...

AS – Apoio, sim! Dei o que pude, não é? O que era possível naquele momento, ou o que me parecia que era interessante...! Mas isso era uma boa pergunta para eles...!, o que eles acharam do lado deles, não é? Podem ter uma opinião completamente diversa, não é?

AC – Eles são dispersos pelo mundo, também!...

AS - Eles são! Andam pelo mundo, por onde andaram, pelo que escolheram... O que escolheram como lugar em que queriam habitar, e se quiserem mudar, também podem mudar à vontade – não os impeço absolutamente em nada!

AC – Não sente saudades?!...

AS – As tais saudades... as saudades, sabe, eu não tenho saudades das pessoas de quem eu gosto, estão sempre comigo, como é que eu vou ter saudades deles?!... Mesmo que estejam a muita distância, não é? De maneira que essa coisa de saudade, para mim, não existe!... Quando... sempre que tenho andado pelo mundo – Brasil, por exemplo – nunca tive saudade de Portugal!... E, agora que estou em Portugal, não tenho saudade do Brasil nem de nenhum outro lugar...!! Embora haja, naturalmente, lugares do mundo em que me apeteceria, de vez em quando, viver! Mas eu não chamo a isso ter

saudades...!! Na saudade normalmente há uma ausência – eu nunca estou ausente; eles nunca estão ausentes de mim – como é que eu vou ter saudades?!...

AC – O senhor Professor confessou-se... confessa-se nómada e doméstico! Gosta da vida doméstica, gosta de estar sozinho, precisa de solidão?... Há tanta gente a queixar-se de solidão...!!...

AS – Acho que às vezes preciso...!

AC – Como é que a solidão pode ser desejada?...

AS - Como é que...!!?...

AC - ... a solidão pode ser desejada e amada?

AS – Pode! Porque a pessoa está sozinha, está sobre si própria, consigo mesmo, não é?

AC – E não é preciso gostar...?...

AS - É uma ocasião extraordinária de diálogo consigo própria, não é? E é bom... que esteja!... E que, ao mesmo tempo, seja pronto para todos os contactos humanos que seja preciso... - humanos, ou não!... Até por bichos, não é? – que seja preciso com as coisas, que seja preciso fazer! Tem que ser tudo ao mesmo tempo, não é?...

AC – Para se sair da solidão que não se deseja, hãã... procura-se... pode procurar-se o convívio, comunicar com as pessoas... Mas... não será, primeiro, necessário, a pessoa gostar dela própria?!...

AS – Bom! O que é preciso, quanto a gostar dela própria, é que a pessoa faça o favor de fazer, quanto a si, tudo o que é preciso para se esquecer de uma altura por diante completamente daquilo que é, ou daquilo de que precisa.

Se a pessoa não fez consigo tudo quanto achava necessário fazer para se esquecer de si mesmo, está errada! Então deve ser egoísta até esse ponto...

AC – Mmmm...

AS – Quer dizer, a pessoa só deve poder deixar de ser egoísta quando olhar para o espelho e nunca vir a cara própria...!... Vê sempre outra coisa qualquer no dito espelho, e não a si própria. Enquanto vir a si próprio, está errado, e precisa de ser egoísta!...

AC – Mas não acha que a pessoa precisa de ter uma certa harmonia com aquilo que é, com o seu interior e com o exterior, e com... e com o resto do mundo...?...

AS – Evidente!... Evidente, aí não há dúvidas nenhuma...!!

AC – Então, precisa de se encontrar a si própria...

AS – De se...?!...

AC - ... encontrar a si própria!

AS – Claro! Por isso mesmo: de se conhecer, de se encontrar a si própria, e de ver, de fazer todo o possível por que não haja uma discórdia contínua dele consigo mesmo!! Há muita gente que, coitado, foi essa a sorte que tiveram na vida...!... – ou aquilo que conseguiram construir, não é? E que se deve ajudar, realmente, a fazer o contrário!!

AC – A procura da tolerância... eh... é uma auto-mortificação?

-

AS – A quê?!...

AC - A procura de tolerância... tolerância em relação ao mundo, em relação às pessoas...

AS – Não! Não!! Não se deve... Tolerar não... não é nada de interessante!...!! O que se deve é gostar de! Tolerar porquê?! Tolerar é já marcar uma superioridade!! É-se de uma tal maneira!; a pessoa, para agradar, devia ser de outra maneira – então a gente tolera que ele seja...!...! Não senhor!!

AC – Não! Tolerância no sentido de aceitar os outros como eles são!...

AS – Não!...!! Isso é outra coisa...

AC – Então, como lhe chamaria?!...

AS – Eu tenho a palavra tolerar como diferente de aceitar!

AC – Ah! Sim!...

AS – Aceitar é, realmente, tomar para si! A palavra vem da mesma palavra que capturar...!!... Aceitar!!... Aceitar é tomar para si... captar para si!! E tolerar não!: tolerar é dar licença, com desprezo, que o outro seja assim...!... – Coitado!... Oxalá se modifique!...

AC – Há um poema de Fernando Pessoa que eu gosto muito, que é o “Elogio da Preguiça”. E encontro traços semelhantes no senhor Professor, quando diz que trabalha por solidariedade. No entanto, tem uma vida de trabalho intensíssima... Ehhh... O que é isto, trabalhar por solidariedade?...

AS – Bom!, é quando a pessoa faz alguma coisa que não gostaria de fazer, que lhe custa realmente fazer, e vai fazer... – trabalha por solidariedade, não é? Mas, por exemplo, esse “Elogio da Preguiça”, com o Fernando Pessoa, é totalmente contraditório de si mesmo – provavelmente lhe deu bastante trabalho fazer o “Elogio da Preguiça”, não é?...

De modo que cada coisa que a pessoa faz, dá sempre aquilo a que se chama o trabalho – pode ser é trabalho feito com gosto, ser ocupação plena; ou ser o trabalho que se é obrigado a fazer para, por exemplo, ter honorários, ou qualquer coisa dessa espécie...!... Não é?

AC – Na sua vida, como é que isso tem decorrido? Tem feito muito trabalho porque é obrigado, ou consegue transformar esse trabalho num gosto?

AS – Sempre gostei... Olhe, sempre gostei de dar aulas – nunca foi nenhuma espécie de trabalho para mim, nunca foi nada que eu... de que me quisesse livrar (e tenho passado a vida quase toda nisso!) e, realmente, eu nunca fui obrigado a fazer coisa nenhuma...! Tive sempre a grande sorte – se é que se pode dizer que é sorte! – a grande sorte de só fazer as coisas de que tenho gostado!... De maneira que nunca houve esse conflito do trabalho para mim próprio!! Não é?...

AC – E também... eh... eu li que o senhor Professor acha que fazer poesia – a sua poesia – que é uma espécie de amalandramento... Não leva a sério a sua poesia, os seus escritos?!

AS – Bom! Então... nunca... nunca trabalhei em poesia!... De repente, há um poema, surge, e eu apenas o escrevo!... De maneira que tenho as maiores dúvidas que seja eu que o faça...!! – lá quem faz, não sei! Mas por mim, não creio que faça!... – a não ser que seja preciso, às vezes, acertar qualquer coisa que saiu torta do outro que ditou o poema (ou qualquer coisa dessa espécie, não é?). De maneira que acho que poesia, poema, não é coisa que me dê trabalho, nem a que eu dê importância nenhuma – quando tem que sair, sai!! E depois, durante muito tempo, não há poema nenhum que saia! Por mais que eu quisesse fazer um poema, não conseguia coisa nenhuma!! – é só quando ele lhe apetece, não é?... Eu estou às ordens dele: se ele aparecer, eu faço!

AS – E, no entanto, todo o seu discurso é poético!... Toda a sua filosofia é poesia!...

AS – Acho que...?!...

AC - Toda a filosofia de vida do senhor Professor é poesia!...

AS – Pode ser! Provavelmente toda a nossa vida é poesia!... Não é? E tudo... todo o objetivo da nossa vida deve ser: quando acabássemos, as pessoas dizerem “Morreu um Poema!”.

Eu costumo dizer que o Fernando Pessoa ser chamado Grande Poeta não é por causa dos poemas que escreveu – podem-se encontrar muitos outros poemas tão bons como os dele!... A questão foi o Fernando Pessoa ter conseguido fazer dele um poema, dedicar-se completamente àquilo que queria sem se importar se comia, se não comia, o que é

que se passava na vida dele, se tinha onde dormir, se não tinha onde dormir... tanto lhe fazia!... – Isso é que eu acho que foi a grande criação poética do Fernando Pessoa!!

E, de vez em quando, escrevia uns poemas...!! – alguns até saíram bastante bons, como se sabe! Não é?...

AC – Ah! Ah! Ah!... Os heterónimos de Fernando Pessoa... eh... que ele assumiu... eh... há muitas pessoas que têm, também, várias personalidades! Ou, pelo menos, mais que uma personalidade! Será essa uma característica nossa, mais nossa que todos os povos?!...

AS – Provavelmente! Pelo menos no que tem feito, o português tem sido muito variado!...

É possível que, se eu me importasse com os outros povos tanto quanto me importo com os portugueses ou com o que os portugueses espalhou pelo mundo, eu acharia os outros povos tão variados como o nosso povo. Mas, como é com ele que eu tenho mais contacto, é evidente que eu os acho com uma grande riqueza de personalidade, e gostaria bem que houvesse os regimes económicos e regimes políticos, e as crenças filosóficas, culturais, tudo isso... de tal maneira que o português não precisasse pôr nunca coisa nenhuma no seu cartão de visita: era ele, tinha um nome, acabou-se, e o resto era o que viesse na altura!!... Tão variado e tão imprevisível como era o tal Fernando Pessoa!!... Mas, como ele... não teve a coragem de passar fome, como ele passou fome – não temos a coragem de não ter profissão, como ele não teve a... ele teve a coragem de não ter profissão nenhuma, o resultado é que nós, efetivamente, não nos podemos dar... dar a isso, e... cultivamos uma certa personalidade – que é a que tem na folha de pagamentos, e que determina todas as coisas da nossa vida! Não é? Mas o ideal seria não! Sermos de cada vez um! - aparecer um de vez em quando, com grande surpresa dos outros...!!... Não é? E sem precisar de ter heterónimo nenhum!: todos conhecidos pelo mesmo nome!!...

AC – Olhe, senhor Professor, parece que o nosso tempo está a acabar... Eu tenho muita pena! E, se me permite, eu terminaria com a parte final, justamente, do seu poema: “De nós nada mais deixamos que vãs memórias/ Só Deus é grande/ Só Deus é santo/ E o demais, histórias”.

AS – Bem! É uma... é a definição que se pode dar do divino... pode-lhe dar várias outras. De resto está bem!... É uma teologia que eu aceito muito bem, com muito gosto! Muito obrigado!

Entrevista nº 7: com Cáceres Monteiro

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Cáceres Monteiro (CM)

CM – Senhor Professor, permite-me uma brevíssima leitura da passagem do livro que é “A Casa da Rússia” de John Le Carré, um dos maiores *best-sellers*... hãã... mundiais...!?!... A certa altura, diz assim: “Era uma árvore enorme, pela sombra a mais procurada daquele jardim público perto do rio. Estive por várias vezes sob essa árvore, sentado ou não, admirando o nascer do sol sobre o porto, com a gabardine cinzenta cheia de lágrimas de orvalho. Por vezes, durante o dia, pude ouvir, sem nada compreender, os discursos de um velho místico com rosto de santo que gosta de receber os seus discípulos, discípulos de todas as idades... Hãã... Chamam-lhe “O Professor!”.” Senhor Professor, reconhece-se nesta passagem do livro do John Le Carré?...

AS – Bom! O John Le Carré, como o meu amigo sabe, é um homem que conhece, ao mesmo tempo, a realidade – tal como ela é!; a rede de espionagem em que ele andou bem por dentro!... – e é, simultaneamente, um homem da ficção...!!... De maneira que ele tem sempre, aí, coisa de realidade – por exemplo, a água (que está muito bem dada, não é?, exatamente aquele cedro português, não é?, que tem sido tratado com todo o cuidado, e é uma árvore admirável naquele jardim...!... – e ao mesmo tempo de ficção (a árvore não é perto do rio...))...

CM – Pois não...!

AS – Não se ouve barulho nenhum de guindastes, nem de cais, nem de coisa alguma... - tudo ficção!!... De maneira que podemos admitir que ele continuou a sua ficção!!... Até onde foi?!... Sobre alguma realidade que é o quê?!...!

Que os editores dele, que é exatamente desse romance em português... apareceram-me lá, dizendo que gostariam que eu conhecesse um escritor inglês que estava à minha

espera em baixo! Saímos, encaminhámo-nos todos para o jardim, sentei-me num banco, os amigos também, começámos conversando, enquanto o dito escritor inglês, o Jonh Carré, estava lá! Estava sentado na realidade, estava debaixo da realidade que era a árvore, mas já estava fazendo a ficção!...

Então inventou que chegou um sujeito – a quem chamavam “O Professor” (era ainda a realidade!...), mas depois ele avançou imediatamente, dizendo que o dito sujeito era um místico – coisa muito para discutir!!, que era preciso perguntar ao Jonh Le Carré que coisa é um místico..., a que leva..., qual é a... a densidade desse misticismo, se existe, ou não! Segunda coisa: que costuma ir para ali com discípulos – ficção completa!! – esse sujeito, o tal místico professor, nunca tem discípulos, não gosta de discípulos... gosta de ter alunos, gente que gosta de aprender qualquer coisa que ele saiba ensinar – que ele já saiba, ou então ao qual ele dê 24 horas para ele aprender a primeira lição...!!... Isso, ele gosta de ensinar!! Agora, ter discípulos!?!... – de jeito nenhum!! Já disse uma vez que, se fosse navio, não tinha jeito para ser rebocador!... E, em terra, continua da mesma maneira!...

CM – No entanto, tem sido caricaturado, às vezes, precisamente assim: com discípulos à volta...! Eu lembro-me de um *cartoon* do Rui Pimentel... penso eu que o senhor conhece...

AS – Tá bem!... Mas o que aconteceu é que era ficção também... isso, não é?...

Depois, ele fala no tal místico com cara de santo, não é? Eu suponho que ele estava de lado – só viu metade da cara, não é?... Se tivesse visto a outra metade, talvez mudasse de opinião...!!...

CM – Hã! Hã! Hã!

AS - ... E foi bom para ele não poder mudar de opinião: fez um bom livro, um livro interessante, não é?...

CM – Este livro, aliás, conduz-nos a... sei lá, pode-nos conduzir a vários... sítios: um deles... – o senhor Professor falou de espionagem (isto foi escrito no final do tempo da Guerra Fria) isto leva-nos talvez a pensar o que se passou sobretudo no fim do ano no

Leste da Europa! Como é que o senhor Professor vê esta transformação da Europa... tão rápida!...?...

AS – A transformação não foi na Europa!... A transformação, na realidade, foi na CEE!... O que vai desaparecer na Europa, provavelmente, é, apenas, uma parte da Europa... que se tinha instalado como uma empresa económica, uma empresa industrial...

CM – Uma vez o senhor Professor disse que era um departamento de secos e molhados...!...

AS – Por exemplo!!... Pode-se-lhe dar essa definição... da CEE!! Mas não tem importância nenhuma, porque ela está desaparecendo para realmente se construir a outra Europa!

Então, o que houve de lá de leste, foi um passo dado por toda aquela gente a caminho da liberdade – com uma dificuldade muito grande para eles: porque, para usar da liberdade, é preciso saber escolher...!... Eu tenho amigos do lado de lá que me declaram que há uma coisa que eles não sabem fazer, que é escolher!! Foram educados sempre a ter tudo escolhido quanto lhes punham na mesa e quanto lhes mandavam fazer, e o resultado é difícil!!

Então, nas eleições, por exemplo - como se tem visto pelos relatos que vêm - eles... movem-se naquilo com muita dificuldade! Mas com um... um aspeto notável em muitos pontos, que é o da abstenção! O facto de a abstenção começar a ser um fator importante em eleições leva a pensar que as pessoas não estão muito agradadas com os sistemas políticos que existem e, sobretudo, sem grande confiança na capacidade que os políticos têm de levar por diante uma missão e de a cumprir! Têm sido tantas as promessas de um lado e outro em vão... - por exemplo, lá, prometeram que eles teriam segurança absoluta!... Essa segurança faltava, por exemplo, no sabão – não havia... sabão para as pessoas se lavarem!... Faltou ecologia?, faltou em muita coisa...!...

Mas, de qualquer modo, foi um passo em direção à liberdade!! O que é pena, é que do lado de oeste não se tenha dado o passo equivalente para o outro lado, não se tenha dado um passo a caminho da segurança!...

Existe liberdade... do lado de cá? Sim, parece que existe. Em muitos países, está agora fazendo um inquérito provocado pelos acontecimentos de Leste para saber se, dentro

dele, duma França, duma Inglaterra, provavelmente Portugal, ou doutros países semelhantes, existe ou não existe a tal miséria que parece não existir!... E se temos, portanto, que dar um passo no sentido da segurança, começando por acabar com essa miséria!! Não é?

CM – O senhor Professor acredita, portanto... – aliás, eu penso que disse isso mais ou menos ao Joaquim Letria – ...acredita numa Europa do Atlântico aos Urais! Portanto, sem...

AS – Ela existe!! É geológica!! Foi sempre posta como uma parte do... do velho continente, de que a África é também uma parte...!!... O facto de haver um... Canal do Suez não implica que não haja essa grande ilha que tem a Sibéria, ou que tem a união sul-africana, e que tem numa ponta Portugal!... e a Península, não é?...

CM – Senhor Professor, partindo agora do livro noutra direção, hãã... apesar da... eu tenho a ideia que, apesar do senhor Professor ter nascido no Porto, tem uma relação muito íntima com a cidade de Lisboa, que disfruta dela no dia-a-dia, hãã... de uma maneira íntima... Isso é verdade?...

AS – Vivi muito tempo... tenho vivido muito tempo em Lisboa – que eu saí do Porto logo que terminei o curso na Faculdade de Letras, portanto com vinte e poucos anos, vinte e um ou vinte e dois, ou qualquer coisa como isso, e quase sempre tenho tido como centro de habitação Lisboa, exceto nos tempos da... de ter andado por fora, não é? Por Brasil, por Japão, e outros lugares assim...

Mas... sempre com uma ideia, não é?... – que não desapareceu, e pela qual... - por não ter cumprido a qual – eu censuro muito o Filipe I, o Filipe II de Espanha, quando veio tomar conta de Portugal!... Em não ter feito de Lisboa, ou pelo menos do estuário do Tejo, o que essa cidade devia ser: a capital dos mares...!! Ele não entendeu: voltou para Madrid e, voltando para Madrid, ele sufocou uma porção de coisas que podiam ter nascido nessa altura! – mas ainda há tempo!!...

CM – Acho que sim! Hãã... O senhor Professor, de qualquer forma, costuma andar por aí, pela... pelas ruas, a pé... Hãã... É uma coisa que faça, no seu dia a dia?...

AS – Eu é do que gosto!... Assim que entro num carro, quando me leva um amigo, ou um táxi me apanha, ou qualquer coisa assim, assim que entro num carro, já não sei onde estou...!!...

CM – ãh! ãh! ãh!...

AS - ... Estou tão acostumado a andar a pé e a sentir as ruas por estarem a meu lado andando comigo, por assim dizer, que qualquer meio de transporte eu me... me perco imediatamente e, por isso, prefiro, por exemplo, o metro... a tudo!

CM – Hãã... Senhor Professor, já viu as obras do Centro Cultural que estão a fazer, junto aos Jerónimos?... E que, de alguma maneira, caem sobre...

AS – Ainda não vi...!...

Eu quando... eu vou lá, e o que vejo sempre é os Jerónimos!! De qualquer ponto que me coloque, o que vejo sempre é os Jerónimos!!

CM – Mas qualquer dia vê menos, porque...

AS – Ohhh!!...

CM - ... vão ser encobertos!!...

AS – Vão fazer dali um centro cultural! Em primeiro, é preciso saber de quê! – se vale a pena meter lá dentro alguma espécie de cultura, e qual! Qual é a cultura que vai lá para dentro!!?... É a cultura portuguesa, ou é a cultura europeia?!... E há cultura europeia, ou não há cultura europeia?... E qual é a cultura europeia?!... É a da CEE, ou é a de Leste?... É a dos muçulmanos – que são a segunda grande religião de França! – ou é a de um cristianismo, tão atrapalhado por vezes com as implicações políticas em que entra?... É muito difícil definir!... De maneira que seria muito interessante, antes de se construir o edifício, saber que coisa é que vai viver lá dentro!!... Que espécie de cultura é!!... Se tem utilidade ou não tem utilidade para Portugal...!! E quando eu digo “Para Portugal”, se tem utilidade para o mundo!!

Porque continuo a achar que Portugal tem os seus deveres a cumprir com o mundo!!... A ver se tira o mundo de todas as confusões em que ele anda metido!!... E para isso é preciso refletir, sobretudo, sobre si próprio!!

CM – Hããã... Estava a falar nisso, senhor Professor, e... e lembro-me de uma passagem do... do livro do Eduardo Lourenço... Mas eu... eu, antes, queria ainda perguntar-lhe outra coisa: já alguém disse que o senhor Professor se está a substituir... enfim, sobre essas muitas reflexões que hoje se fazem sobre si... hãã... que se está a substituir... hããã... em termos portugueses, como uma espécie de ideólogo oficial... hããã... de um filósofo oficial, estando a tomar o lugar do Eduardo Lourenço...

As – Não creio! O Eduardo Lourenço sempre teve uma área de pensamento muito mais vasta que a minha!..., não é?... Eu, quando estive na Baía – quase ao mesmo tempo em que ele esteve por lá – já as áreas eram bem diferentes!...

Eu estava apenas interessado em que o Brasil pudesse conhecer África!... E o que eu fui propor Universidade da Baía foi que enviasse professores dela para a África para aprenderem África – África que era preciso conhecer – e, em seguida, estabelecesse em Salvador um Centro de estudos Africanos a que, por insistência da UNESCO, se juntou depois um Centro de Estudos Orientais: ficou Centro de Estudos Africo-Oriental. E o Eduardo Lourenço, nessa altura, estava numa área muito mais vasta e muito mais difícil: estava numa área de professor de Filosofia em que era excelente! Não é? Conhece muito bem a sua área, como domina todo o pensamento europeu, de uma maneira geral – ao passo que eu apenas estava tratando de África, e mais nada...!!

De maneira que substituir agora o Eduardo Lourenço em Portugal é uma ideia que pode ser pitoresca mas que não é, de nenhuma maneira, verdadeira!! Não é? Ele pensa as coisas de uma maneira geral, e eu penso sobretudo naquele descobrimento que Portugal tem que fazer para o futuro! Primeiro, o descobrimento dele próprio – para ver se há os tais povos, ou se não há os tais povos, e acabar com isso!; e, em segundo lugar, o descobrimento das suas potencialidades que apenas mostrou construindo Portugal, e construindo o mar!... Pode ser que ele tenha construído qualquer coisa de mais importante para toda a gente do que o Portugal que construiu, ou que o mar – que ele deu bem redondinho para a Terra inteira gozar!!...

CM – Pois! Mas, aliás, isso leva-nos também a uma ideia... o Eduardo Lourenço era precisamente isso!... Eu, há bocado, cortei o seu raciocínio, e peço desculpa...! Eu... hããã... hããã... O Eduardo Lourenço diz... - eu hoje estou em dia de citações! - hããã... “Agostinho da Silva...” – no livro... diz isto no livro “O Labirinto da Saudade” que, aliás, é um livro notabilíssimo...!! - “Agostinho da Silva, um dos portugueses mais originais do seu tempo, e que não se limitou a teorizar, em sentido limitado, esse papel messiânico de Portugal...”. Acha, portanto, que Portugal tem, de alguma maneira, um papel messiânico?

AS – Mmm...!... Deve... O que precisa de saber é: messias de quê?!... O papel messiânico vária gente tem tido...!! E, às vezes, tem dado para coisas ruins!... De maneira que é bom dizer-se qual é o papel messiânico de Portugal! Continuo a dizer que é para cumprir o que pensaram os seus portugueses há seiscentos anos, no século XIII! Como é que menino se vê livre um dia - porque vive a vida, e é educado pela vida! - de qualquer espécie de escolaridade obrigatória?... Precisa hoje ainda – a família tem que habituar o menino a ter os costumes que tem a sociedade dos adultos. E depois a escolaridade obrigatória da escola em que o menino tem que aprender – como soldado aprende a marchar bem – tem que aprender aquilo que é necessário, de maneira a poder estar bem empregado, e ser um produtor para a nação.

Então, os portugueses achavam que devia chegar um dia - por nossa própria construção, ou porque ele está no destino do mundo – a um tempo eles juntavam as duas coisas: porque eles tinham o culto do Espírito Santo que eles achavam que seria o inspirador de uma nova época e, por outro lado, faziam tudo quanto era possível, na prática, para atingir aquilo que queriam. Educavam os meninos na vida: mandavam-nos o menos possível para as escolas, oprimiam-nos o menos possível em casa – para que eles pudessem gozar a vida em plena liberdade, e se educar por ela...!! E foi assim que eles derrubaram o grande sábio Aristóteles!...!!

CM – Senhor Professor...

AS – por um analfabeto português...

CM - Hã! Hã! Hã!... Senhor Professor, ainda não...

AS – E depois...

CM – Diga! Diga!!...

AS - E depois... E depois, ainda, o que eles punham como ideal - que era que, um dia, a vida fosse gratuita, que fosse sendo cada vez menos cara, que fosse sendo cada vez mais aberta – para os homens poderem gozar, e dignamente, a vida!!

Tinham esse ideal!!!... Eu sinto na obrigação de os continuar...!!...

CM – Mmm! Mmm!... Estávamos a falar dos meninos, e dos meninos que vão à escola... A PGA!?!... Há tempos, o senhor Professor... hãã... declarou, algures... definiu – aliás, com muito humor! – que a PGA... hããã... era a prova da pobre gente abandonada!... E disse, até, que os meninos que não passassem na... na PGA, o senhor Professor estaria disposto a fazer uma espécie de universidade alternativa com eles...! – foi isso que eu julguei entender!... É isso?...

AS – Estou disposto a fazer com eles – com aqueles que puder...! e que quiserem! – aquilo que eles acharem que é a universidade!... Não tenciono repetir universidade nenhuma no mundo!! Nem aqui, nem de fora... Nada!!

CM – Ainda não apareceu nenhum por enquanto?!... Ainda não sabem os resultados dos exames...!?!...

AS – Eles ainda não foram... ainda...

CM – Hã?!...

AS – Se já fizeram a prova geral?...!!... Eles não sabem se entram, ou não entram, na universidade!!...!!... E eu lhes disse muito claro: depois de vocês não entrarem na universidade é que, se quiserem procurar uma alternativa, vêm ter comigo – e eu não vou dizer-lhes qual é que é a alternativa!!... Ou a alternativa nasce de vocês mesmo, ou é uma receita de médico que para aqui não tem importância absolutamente nenhuma!! Vocês têm que imaginar o que é que querem fazer para não ficar esse vazio diante de vocês!! Porque eu lhes disse: vocês, afinal, estão na mesma situação em que está o

Infante D. Henrique naquele monumento dos Descobrimentos – vieram do chão, da pré-primária, foram andando por ali acima, chegam de repente a um sítio, e não têm para onde pular...!! Não é?... Pulam, caem no rio!! Não é? Então, é isso que vocês têm que evitar!

Vocês têm que imaginar que continuação damos nós ao monumento dos Descobrimentos...!! Para onde vai aquele Infante D. Henrique?... Para onde vocês acharem que ele deve ir, vocês irão também...!!... Mas isso são vocês que têm que têm que dar a receita a mim, não eu a vocês!! Porque os portugueses achavam também que seriam os meninos que deviam dirigir o mundo!!... Então vamos a isso!... Eu não sou menino...!!... Gostaria!!... Mas todos nós ficamos com saudades dos meninos que fomos!!...

CM – Claro!

AS – Porque nos enxertaram um adulto em cima quando chegámos a uma certa idade!... Então são os meninos – cumprindo essa ideia dos portugueses de há seiscentos anos – aqueles que têm que dizer como é que eles vão saltar esse vazio!... para onde, e como!?... que se lhes abre quando fizerem o 12º, e não conseguem entrar em universidade nenhuma...!...

Porque a coitada – que devia ser um órgão cultural!... – obedece a uma coisa que é chamada a lei do mercado...!... Que nunca é a lei do mercado – é a lei dos mercadores!! As pessoas se enganam aí na palavra...!! Os órgãos culturais têm que se libertar completamente dessa lei... e é possível!!... libertar!!! Como se verá quando esses meninos disserem qual é a ideia... E eu lhes disse logo: se vocês, por exemplo, quiserem ser especialistas em latim, eu talvez recorde o latim, e vos ensine...!... E ontem mesmo, recebi uma carta de um professor de matemática que me dizia: se precisar de algum matemático, eu estou ao seu dispor!

CM – Hã! Hã!... Um bom princípio!...

AS – Portanto, já são dois princípios... para o que eles quiserem!... Se eles quiserem latim; se quiserem matemática...!... Pode ser que não queiram...!...

CM – Senhor Professor...

AS - ...Sejam contra...!!

CM – Quem não vive com... nas leis do mercado, penso que é o senhor Professor!... Há tempos falou-se – e as pessoas ficaram um pouco espantadas!; não vamos voltar a isso! – que não tinha número de contribuinte...

AS – Bom! Eu quero explicar porque é que não tenho número de contribuinte!!... – é porque não recebo dinheiro nenhum em Portugal!!...

CM – Pois! Era isso que eu lhe ia dizer...

AS – Porque, se recebesse dinheiro em Portugal...

CM – Mas vive sem dinheiro?

AS – O quê?!...

CM - Vive sem dinheiro?

AS – Não! Eu tenho uma pensão de reforma do Brasil, da Univer... Nenhuma universidade portuguesa jamais me reintegrou, ou... me reformou... coisa nenhuma...! Nem pensam nisso!... – estão ocupados com altas culturas, não é?... Mas a Universidade de Santa Catarina, que eu ajudei a fundar, me reformou!... Se o nosso amigo, o Presidente Collor, não cortar a reforma, ela continua a vir!...

CM – Pois!...

AS – Se me cortar a reforma, eu estou disposto a fazer uma coisa para a qual, segundo parece, não é preciso número de contribuinte: é mendigar, dos amigos, o meu sustento!

CM – Acho que é...

AS – E eles logo acham se vale a pena sustentar-me, ou não!...

CM – Mmm...

AS – Não vale a pena sustentar-me?!... Eu procuro outro destino qualquer!...

CM – E os seus direitos de autor?!... Ouvi dizer que também não recebe direitos de autor...!!?...

AS – Diga?!...

CM - Ouvi dizer que também não recebe direitos de autor...!!?...

AS – Não recebo!!... E a razão é metafísica! Vamos por assim?...

CM – Sim!

AS – Ou foi metafísica até há pouco tempo!! Eu não tenho a certeza de ser eu o autor dum livro!... Lá que eu escrevi ou dactilografei, seguro! Mas que fui eu que o pensei, não tenho a certeza – pode ser que não!! Conheço pouco desse mundo do pensamento ou da fisiologia do meu cérebro para garantir que fui eu que pensei!... Então, não me sinto com direito àqueles direitos de autor!!

Mas, como me disseram uma vez, fizeram notar que isso era absurdo, porque então ficavam para o editor que tinha outra espécie de lucros, eu agora entrei noutra coisa que já deu resultados duas vezes: não levanto o dinheiro, e peço à editora – quer oficial, quer não oficial (eu digo oficial cito o Instituto de Língua Portuguesa com os “Dispersos”; não oficial, cito a Cotovia – com as novelinhas da Herta e da Teresa) – quando me disseram que tinham os direitos de autor para me entregar, eu disse “não levanto, e vocês transformam isso em doação cultural em alguma coisa que vos pareça digna!”.

E eles fizeram isso: fizeram avançar estudos do Vieira, e estudos do messianismo português – que eram muito mais interessantes do que eu ter comprado uns sapatos novos, ou uma mesa chique!!...

CM – Hã! Hã! Hã!... Senhor Professor, as pessoas andam muito intrigadas consigo!... Dedicam-lhe jornais, designadamente agora sobretudo depois que há estes programas na televisão... dedicam-lhe páginas e páginas...

AS – Estão intrigadas, ou intrigam?!... Como é a...?...

CM – Eu acho que é as duas coisas...!... Hã! Hã! Hã!...

AS - As duas coisas?... Porque as duas coisas são diferentes!... Não é?... Intrigadas, não devem estar!! Quando quiserem perguntar alguma coisa, eu explico tudo...!!...

CM – Mas olhe... ãh! ãh! ãh!...

AS – Não há mistério nenhum...!!...

CM – Mas as pessoas chamam-lhe... chamam-lhe... monge do pensamento, santo, poeta, aventureiro, vagabundo, ãh... cavaleiro andante, profeta... Tenho lido isto tudo nos jornais...!... ãh... Até já se disse... um crítico disse que havia um sindicato Agostinho...!!... ãh... O que é que acha de todas estas coisas, de todos estes atributos?!...

AS - Acho que é uma grande imaginação!... de quem lança todos esses nomes, não é assim? A capacidade que cada um tem de ver no que vê, não o que lá está, mas o que ele imagina que se trata!... Não sei!...

Mas era preciso ver o que é que há de comum em tudo isso – se é, por exemplo, que o vagabundo não gosta muito de estar fixo, atarraxado num lugar, porque gostaria de ver ele o mundo todo, também sou!... Claro!! Profeta? Não creio!... O que pode acontecer, é que as coisas que acontecem coincidam com aquilo que eu imaginei que iam acontecer...!!... O que pode também, por não verem a parte negativa, olharem simplesmente a parte em que aquilo tudo deu certo!!...

E veríamos a cada um desses títulos, ou dessas ideias, e eles descobririam, no fim, que é um sujeito que apenas fez uma coisa: achou muito interessante que a vida de vez em quando lhe faça uns sinais – e ele pede à vida que fale bem claro, para ele entender (pode estar distraído, ou não perceber mesmo!) – e, depois, vai ver se pode ou não

satisfazer aquele sinal que a vida lhe deu!... Se, por exemplo, agora, as pessoas intrigadas – não é? – com todos estes mistérios, fizeram... - ou a vida fizer por eles - o sinal de que o cidadão se deve calar, e não aparecer mais – ou, como eles dizem, não andar na moda...!! – imediatamente o cidadão cumpre, e depois conta como cumpriu!!...

CM – Mas... alguns desses atributos... ãh...ãh... se pode... às vezes são... dá a impressão que são fomentados um pouco pelo senhor Professor!!... ãhh... Por exemplo, quando recusa a Ordem da Liberdade, digamos, quando... recusa as honrarias de estado, como fez... ããh..., de alguma maneira ajuda a construir essa auréola...

AS – Peço desculpa...

CM – ... essa majestade!!...

AS - Peço desculpa, mas há aí uma diferença!! Não é? Eu recusei a Ordem da Liberdade, porque foi a Ordem dada às pessoas que tinham lutado pela liberdade de Portugal...!! Eu nunca lutei pela liberdade de Portugal...!!... Quando eu me recusei a assinar lá o papel que o governo queria que eu assinasse, eu bati-me pela minha liberdade!!... Então não tem nada que me dar uma Ordem da Liberdade, porque daria Ordem da Liberdade a um egoísta que só se bateu pela própria liberdade!!... Gostaria o egoísta de se tornar contagioso?!!... Talvez!... Mas não sabe se se tornou, ou não se tornou contagioso! De maneira que a Ordem da Liberdade ficou com quem tinha que ficar.

Mas quando o Presidente da República achou que me devia dar a Ordem de Santiago, eu aceitei porque a Ordem de Santiago era uma Ordem monástica militar...!!... Que ajudou a fazer Portugal!! É evidente que eu não tomei aquilo como Ordem honorífica – porque eu não mereço a Grande Cruz de Santiago da Espada!! – mas o que acontece é que eu tomei aquilo como se fosse a Ordem monástica militar batendo à minha porta...!!... E dizia: o meu amigo tem que ver se não gostaria de ser as duas coisas ao mesmo tempo!! A Ordem do monge – que é servir tudo que lhe cumpre servir; e a ordem do militar – que é cumprir aquilo que tem que cumprir!! Eu gostaria muito de servir sempre quem precisar de serviço; e cumprir aquilo de que fui encarregado!...

CM – Mmm! Mmm! Senhor Professor, falou aí muito do Presidente da República! O Presidente da República, ainda há poucos dias, num depoimento num jornal, a propósito de um filme “O Clube dos Poetas Mortos”, dizia que o senhor Professor foi um dos... uma das três pessoas, um dos três mestres, que mais o influenciou. O que é que acha disso, e qual é a sua relação atual com o Presidente da República?

AS – É uma relação difícil!... Porque o Presidente da República, para mim, é Portugal!! E o... o meu aluno era um menino que vinha aprender um certo número de coisas, e que teve que as aprender por si próprio!... O que eu faço a alguns de quem tenho sido professor, é que eles busquem o seu próprio caminho, não que os influencie para ser isto ou aquilo!!...

CM - Mmm! Mmm!

AS – Pode ser que eu tenha deixado o futuro presidente em inteira liberdade, e ele continue cumprindo-se, realizando-se nessa plena liberdade...!! Mas, quando falo com ele, é evidente que eu me sinto falando com Portugal...!!... E espero que ele diga as coisas...!!... É Portugal que me tem que falar a mim, não eu a ele!!...

CM - Mmm! Mmm!

AS – E, portanto, é uma relação extremamente difícil disso, porque é dupla: eu vejo por dentro o meu antigo aluno, e com grande gosto; mas, por fora, é o Presidente da República diante da qual eu tenho que ter o respeito, a veneração que se tem por Portugal nele próprio!

CM - Mmm! Mmm! Senhor Professor, agora uma questão assim... – penso que estamos em cima do tempo, do fim...! – ... ãh... de ordem completamente diferente: o senhor Professor viveu... ãh... muitos anos, foi... foi professor em... em Brasília – que é uma região que tem uma fama de região mística... mítica – e onde, diz-se, até, aterram, por vezes, extra terrestres, ovnis e... O senhor Professor acredita nessas coisas, acredita...

AS – Quais? Nos homens?!...

CM – Acredita que há vida noutros mundos?...

AS – É possível que haja!... Resta definir o que é vida! E como agora, por causa da... da ida a Marte ver se havia lá vida, sempre ...?? do que é a vida, isso deu uma série de ideias – todas conjugadas naquela ideia a que se chama hipótese de Gaia, extremamente complicada, que se vem discutindo por aí fora, sempre sem ninguém ter chegado a nenhuma conclusão sobre o que é realmente vida! Se é apenas inseto ou baleia que tem vida, ou se quartzo também tem vida!!?... E então como é que isso se liga uma coisa com a outra?!!...

CM – Bom! Acho que é um bom fecho para a nossa conversa!

AS – E complicado/obrigado?

Entrevista nº 8: com Fernando Alves

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Fernando Alves (FA)

FA – Boa noite, Professor Agostinho da Silva!

AS – Boa noite!

FA – Alguém carregou ali num botão para que comecemos a conversar!...

AS – Vamos a isso!!...

FA – Isso, de alguma forma, constrange a nossa conversa...!?... Ou não... ou não crê que seja assim?!...

AS – Acho que não...!...

FA – ...que não...!...

AS – ... que é como se estivéssemos antigamente, em qualquer lugar, e nos tivéssemos encontrado, e vamos continuar a conversa...!!...

FA – Mas... mas vamos ser um pouco atores, por mais que estejamos descontraídos... ou o Professor já conseguiu uma descontração tal, que não se sente aqui um pouco na pele de alguém que... está a representar um papel...?!...

AS – Pode ser que a minha contração se apareça... me apareça a mim e aos outros como descontração...!!

FA – Não vai interpretar esta pergunta que acabei de lhe fazer como... ousadia demasiada da minha parte...!?...

AS – Não!!... Faça favor! Estamos à vontade...!!...

FA – Eu creio que um homem que aceita este desafio de... de... jogar o jogo da conversa nessa afirmação de uma vadiagem,... hããã... esse homem que também se afirma a si mesmo como português à solta, hããã... tem conversado muito, ultimamente, hããã... o que o torna um pouco um vadio que ficou parado!; ou que está demasiado parado!... Hããã... Não se sente demasiado parado – por conversar muito, e vadiar pouco?...

AS – Claro! O interessante é vadiar muito, e conversar pouco!... Ou, enquanto se faz a vadiagem, conversar por dentro...!!

Mas é sempre muito melhor conversar com outra pessoa qualquer, porque o outro está noutra posição – pode ser muito melhor que a nossa!... – e, desde que ele se exprima com toda a liberdade, pode aparecer mesmo com um pensamento inteiramente contrário que nós só temos, por um lado, que louvar estarmos num tempo de liberdade em que cada um pode dizer aquilo que lhe pareça que é o mais interessante; por outro lado, é muito bom sempre que o outro fale – e muito bom, a maior parte das vezes, que o outro pense o contrário daquilo que se está pensando, porque podemos nós estar iludidos a nosso respeito...!!

De maneira que aquilo que aparece contra, eu acho que deve ser sempre olhado como alguma coisa de positivo, e tirarmos um proveito para avanço daquilo que, para muita gente, parece significar um recuo...!!... De maneira que faça o favor de estar inteiramente à vontade: exatamente aquilo que pensar, exatamente aquilo que quiser dizer!!

FA – Nesse seu elogio da conversa, hããã..., há uma permanente busca do contrário. Hããã... - é um caçador de contrários, quando conversa com alguém?!...

AS – Não! Não sou um caçador de contrários, sou caçador de coisa nenhuma: deixo que a vida venha e me ofereça aquilo que ela acha que interessa - a ela vida!;, ou interessa a nós (um qualquer, um dos dois!) – então, ela que venha!...

FA – Isso tem acontecido, Professor?...

AS – Diga!

FA – Tem acontecido, isso?... A vida tem... tem chegado à... à sua porta, tem-lhe trazido coisas boas?...

AS – Amavelmente tem acontecido, da parte dela, ter trazido aquelas coisas que, mesmo parecendo contrárias, acabam por ser positivas no sentido que eu considero que é positivo tudo aquilo que constrói, que vai adiantando a construção!!... E negativo tudo aquilo que para a construção – por exemplo, na admiração de si-próprio!!... De maneira que tudo quanto surge adverso ou contrário, me parece extremamente interessante...!!... – e sobretudo porque é uma revelação da pessoa que o faz!!...

FA – ...Como se a vida, em si mesma, soubesse caçar também os preguiçosos que estão ali a contemplá-la...?!..., soubesse estimá-los um pouco mais!?!... Hãã... Um homem sentado à soleira da porta, contemplando a vida, e ela acaba favorecendo esse olhar contemplativo!?!... É isso? Sente que há esse jogo harmonioso?...

AS – A vida faz isso...!!... É bom estarmos o mais possível em silêncio para que a vida – ela! – possa falar!!... Veja só!... o que sucede em textos – eu estou sempre citando estes textos que as pessoas acham muito estranho que eu esteja citando estes textos, e eu os cito porque são receitas para o futuro...!!... – a Ilha dos Amores do Camões, ou a História do Futuro do Vieira são coisas em que eles pretendem, sobretudo, que a pessoa esteja em silêncio, ouvindo!! Da parte do Camões – porque é aquela linguagem politeísta que ele gostava, que era moda no tempo, não é? – e fala a voz da Deusa!; e o Vieira – que era um jesuíta muito disciplinado – ele queria que as pessoas ouvissem a voz de Deus! Estivessem o mais possível em silêncio para ouvirem a voz da Deusa, ou para ouvirem a voz de Deus!!...

FA – Essa... essa é uma referência decisiva no seu pensamento...

AS – Claro!!...

FA – ... já numa emissão destas falou na voz da Deusa...

AS – Exatamente!!

FA – ... falou do Vieira, falou do Camões... hããã...

AS – Exatamente! – porque é para o futuro!!...

Agora, nós o que podemos é dizer de outra maneira: nós temos que estar o mais possível calados, quietos, pensando também dentro da nossa cabeça o menos possível de pensamentos que nos digam respeito só a nós, para ouvirmos a voz de quê?!... – agora vamos não dizer a voz da Deusa (que é para não imitar o Camões!) nem vamos dizer a voz de Deus (que é para não imitar o Vieira!), mas vamos dizer a voz da ciência, a voz da arte, a voz da mística – de tudo aquilo que efetivamente nos pode libertar, cada uma à sua maneira, do espaço e do tempo!!...

FA – Ó Professor, e as pessoas que estão ali a ouvir-nos em casa... - já que isto é, de alguma forma, uma montra...! – e que ouvem sistematicamente apelar a essa escuta... hããã...esse... esse posto de faroleiro, de vigia, para captar a voz da Deusa nos seus muitos sinais, como é que elas captam a voz da vida, elas que passam pela vida como condenados...?!...

AS – Ah!... Mas essa é a coisa terrível da maior parte das pessoas que vivem neste tempo!!... Elas estão interessadas por pormenores, ou estão interessadas por drogas – várias espécies de drogas...!!...

FA – ... uma das quais o trabalho...

AS – O consumismo é uma droga!!...

FA – E o trabalho?...

AS – E... o trabalho?... O trabalho às vezes é uma droga!!... Por isso é que as pessoas, muitas vezes quando se reformam, morrem logo...!!... – porque lhes faltou a droga!!

Que era: estavam distraídos pela vida porque estavam a ter que realizar uma tarefa; ou estavam com companheiros de trabalho...!!

FA – Ora aí está uma coisa a que eu... que eu bato palmas... hããã... apesar da montra em que estamos nos constranger... Mas creio que quando... quando lança libelos contra o trabalho, hããã... deixa que... algo da imensa carga subversiva que o seu apelo à preguiça sempre criadora, inimiga do tédio, hããã... acabe por perder! Porque é que não diz às pessoas: deixem de trabalhar!!, e o diz de uma forma... hããã... mais... mais lateral, mais... mais subtil, mais poética?!...

AS – Sempre...

FA – Tem medo de ser subversivo?...

AS – Sempre fiz a distinção entre trabalho – aquele que é obrigatório!; e ocupação – aquilo que é de nosso gosto e de nossa escolha!... Eu quero é que, um dia...

FA – Condena o trabalho obrigatório?

AS – ...um dia, as pessoas não estejam nessa espécie de preguiça – que significa não fazer nada, não pensar nada...!! Quero sempre que sejam como o tal brasileiro respondeu ao americano – que lhe perguntou: o senhor nunca tem vontade de trabalhar?!: tenho, muitas vezes, mas reajo sempre!! É preciso que a preguiça – aquilo que eu chamo preguiça ou ócio – seja uma reação a ocupações que não têm interesse...!!...

FA – Mas a preguiça é uma coisa boa, Professor! O senhor defende isso...!!...

AS – Mas, meu amigo, ainda precisamos de trabalhar - e muito!... Faltam muitas máquinas...!! para fazer o trabalho que nós fazemos ainda... Tem que se progredir muito... na mecânica!!... E na ciência, tudo isso...

FA – Ou seja: e lá está o Professor... lá está o Professor, mais uma vez, a prometer-nos futuro!!... Hããã... A remeter-nos para o ancoradouro do passado – esse imenso caldinho

que sustenta a nossa saudade! – e a prometer-nos depois futuro!... E então, o que é que fazemos destes dias tristes e cinzentos?!...

AS – Olhe, eu não sei se estou a remeter para o futuro, se estou a remeter para o passado – ou se estarei, absurdamente se quiser, a remeter para a eternidade das coisas...!!... Porque eu me apoio, em quê?... Nos homens que, no século XIII, faziam o Culto do Espírito Santo: queriam a vida gratuita; queriam o menino não sujeito a nenhuma espécie de disciplina; e queriam que todas as cadeias (e provavelmente todos os códigos!) fossem simples recordação do passado!!..., que o crime tivesse desaparecido da Terra...!! Então, quando eu continuo defendendo isso, sou do futuro ou sou do passado?!... – é muito difícil de dizer!!... Parece que é... que sou de alguma coisa que ainda se não conseguiu fazer!!! – mas que esses portugueses acreditavam que um dia se pode fazer!! E eu acredito que um dia se pode fazer!!!

FA – E o presente joga aonde, aí, Professor?... O presente é um tempo de intervalo, é um tempo de espera só?!...

AS – O presente, meu querido amigo...

FA – ...é um tempo de espera, só?!...

AS – ...é como nós, quando marchamos para nos dirigirmos para alguma coisa, já partimos donde partimos, ainda não chegámos onde queremos chegar, vamos marchando...!!... – É como hoje!!...

Eu vou partir da ideia dos portugueses do século XIII (que eu não sei se é do século XIII...!!...: outros portugueses ainda mais antigos do que esses do século XIII... - foi donde parti!!...) – quero chegar àquilo a que eles queriam chegar...!!... Entretanto, estou caminhando...!!...

E, comigo, milhões de homens têm ainda que trabalhar!!... Como eu trabalhei...!!... Eu, hoje, posso advogar mais limpamente o futuro de ócio, porque tinha poucas horas de ócio no meio do trabalho todo que tive que executar...!!... – e que não foi pouco, porque foi sempre, para mim, a felicidade extremamente interessante!!... Ao passo que há pessoas, por azar, não encontram senão um trabalho que lhes é extremamente desagradável, e que está destruindo aqueles que eles podiam ser no mundo!!...

Então, tem que se ver se, de alguma maneira, se toma atenção a essa gente, se lhes facilita a vida, e notar sobretudo que hoje, com o desempregado, já há muita gente de tempo livre que seria preciso apoiar e aproveitar na sua plenitude...!!...

FA – Ora aí está: quando fala em desempregado... hããã... penso que alguma coisa se arrepiava na pele de alguns desempregados portugueses... hããã... Conseguem... conseguem explicar-lhes o que é que quer dizer-lhes, quando diz... hããã...aí está esse grande exército de desempregados; eles são de alguma forma, já, o... o... o esboço de futuro...

AS – ...o esboço?!...

FA – ... tal como o sonhamos!!...

AS – São!...

FA – Mas, de facto, não são! De facto, o presente nega isso! De facto é... é terrível, para eles, viver o...

AS – E sabe... porquê?!...

FA – ...os dias de grande incerteza em que vivem!!

AS – E sabe o amigo porque eles são do presente?... Porque alguém tem que trabalhar para eles!!... O dinheiro que eles recebem do estado não cai do céu!!... aos trambolhões!!...! É dinheiro de impostos... que alguém paga...!!... Então, o que acontece, é que muita gente, hoje, está pagando impostos para disso tirarem as despesas do comum – digamos assim – e, por outro lado, os subsídios para os desempregados não morrerem de fome!...

Mas ainda se não fez alguma coisa muito mais importante do que isso: é uma Universidade inteiramente aberta para que esses desempregados possam não morrer de tédio...!!..., tenham alguma coisa que os interesse...!!...

FA – O que é que pode interessá-los, Professor?...

AS – O que pode interessar!?...: pode interessar arte, pode interessar ciência, pode interessar mística... Abriu-se já alguma coisa que se dissesse: aqui se pode aprender ciência; aqui se pode aprender arte; aqui se pode aprender mística...?!... Eu gostaria de, um dia, poder ainda fazer uma pequena experiência de abrir alguma coisa em que coubessem duas ou três pessoas para aprenderem uma arte que quisessem, uma ciência que quisessem, ou uma espécie de mística que quisessem...!!!...

E não me importaria de abrir alguma coisa que só tivesse três pessoas aprendendo cada uma a sua coisa...!!!... – porque isso é semente...!!!...

FA – Valia a pena, mesmo que fossem três?...

AS – E é... Pois claro!!

FA – Então, é um... é um...

AS – E é da semente que saem as florestas...!!!...

FA – ...É um... é um... é um homem que anda a semear... hããã... em que campo?!... Acha que o campo em que semeia é fértil, ou... ou... dentro de dois, três anos, este discurso não pega mais?...

AS – Meu amigo, o campo é sempre fértil!! Eu, o que temo muitas vezes, é que a semente esteja avariada...!!!... – por culpa minha, ou não!!

FA – O que é que aqui é a semente? Especifique, Professor! O que é que aqui é a semente?...

AS – É isso!! É, por exemplo: se vem um amigo, esta mesa dava para mais dois...

FA – Pois dava!...

AS – ...e os três que estão à minha frente, por exemplo, diziam: já que você faz essas ofertas, meu querido amigo, eu quero aprender latim; e o outro dizia eu quero aprender escultura; e o outro dizia eu quero aprender como é a mística do sufi dos muçulmanos!!

E eu dizia: muito bem; vamos lá começar! De latim eu vou sabendo; as outras coisas não sei – vamos procurar quem venha aqui ensinar!!...

E outro dia, quando eu falei disso a propósito de alunos que não entravam na universidade, houve um grande professor de matemática que me escreveu, e disse: “Se você, em qualquer altura, precisar de um matemático, eu estou inteiramente ao seu dispor!”. Num instante, eu...

FA – E nunca um ministro da educação lhe fez uma oferta dessas?... Nunca um ministro da educação, por exemplo, o chamou para uma mesa destas, e disse: “Professor, ponha lá as suas ideias na mesa!”?!...

AS – Meu querido amigo, o grave nessas coisas é ser ministro da educação – isso é que é perigoso!!... Não é?...

FA – Ah sim?!!...

AS – ...Estar aqui a falar consigo, e para um público que nos ouve aos dois... - excelente, é do melhor que há!!...

Agora...!!... Por exemplo, quando eu penso... Outro dia, houve não sei quem, na rua, que me encontrou, e disse: “Gostei muito da sua fala na televisão!...” – aquelas coisas que se dizem, não é?... – “O... o senhor não gostaria da pasta da educação?!...”. Eu disse: “Nada!! Nem pensar nisso!!...”. A pasta da educação é extremamente perigosa para toda a pessoa: tem dentro um poder e, além disso, tem que mover uma máquina fantasticamente poderosa e com grande propensão para a inércia, para que realmente se possam fazer coisas...!!... Não...!!

Eu queria era começar por aqui: fazermos aqui, ao mesmo tempo, o ministério da educação, a primeira Universidade Livre, a primeira fantasia poética no mundo – no que se refere a aprender e ensinar!!

FA – Então, e esta montra... esta gigantesca montra... - virá-la do avesso?!!... Fazer da... desta montra uma escola?!... Como a defende?...

AS – Meu querido amigo...

FA – ...O outro lado da escola?...

AS – Isso eu acho que sim, que é uma coisa que se pode fazer!!...

Simplesmente, suponho que, dentro das técnicas, seria bem monótona...!!... Por exemplo, suponhamos que o amigo tinha escolhido a escultura: as pessoas irem assistir, horas seguidas, ao amigo esculpir...!!... – e falhar!! Porque, nas primeiras vezes, o amigo, naturalmente, falhava!!... Ou outro – do latim; ou outro – da mística muçulmana. A coisa seria monótona...!!... Nããã!!: tem que ser viva!!!... – pessoa olhando pessoa!!...

E o que tem é que haver uma documentação audiovisual daquilo que se for fazendo para, de vez em quando, se fornecerem ao público as videocassetes... (que vão, em grande passo, substituir o livro, no futuro...!), e fornecer a ele antologias... hã... lugares onde houvesse depósitos das videocassetes, para eles irem lá e aprenderem...!!... Hoje já há muita universidade americana, por exemplo – os meninos não vão à aula!!... Os meninos chegam... e vão buscar a videocassete que se gravou da aula por aquele professor, estendem-se na cama, bem confortáveis, e ali é que vão vendo o que eles tiveram... que teriam que aprender se tivessem ido à aula!!...

FA – Recebem cabal informação sem conversa!?!...!!...

AS – Diga!?!...

FA – A sua ideia da...da...da sabedoria passada através da conversa, através da grande troca da... uma forma da... dessa ideia afetiva da troca... hããã... que é uma ideia fundamental, tanto quanto creio, do seu pensamento, está completamente divorciada da... dessa...

AS – Nada!!...

FA – ...dessa modernidade...

AS – Nada!!... Olhe, no que me respeita, se eu tivesse aqui alguém candidato ao latim, haveria muita conversa no meio do latim! – e quase toda em português!...

FA – Não! Digo, esse exemplo das universidades americanas – que despejam através de vídeo para... para... para as criancinhas...

AS – Quem quer... quem quer ver o professor ele próprio...

FA – Mas não o arrepiia isto, Professor?!...

AS – ...vai lá!!...

FA – Não o assusta esse...?!...

AS – Vai à vontade!!... – é uma opção, apenas! Porque tudo quanto é interessante na vida deve ser sempre por opção!... – não haver nada obrigatório...!!... Porque é muito engraçado nós termos o divertimento como obrigatório...!!... – como tinham os coitados dos gregos!!...: chamavam à escola tempo livre, e tinham um escravo, de propósito, para pegar o menino à força e levá-lo ao tempo livre...!!... – não podemos fazer uma coisa dessas!!... Não é?

Temos que entrar em processos inteiramente novos! Por enquanto, meu querido amigo – que o regimento ainda tem que marchar a passo para obter a vitória sobre a carência que ainda há no mundo para tanta e tanta gente – até lá, temos que continuar a ser da tropa, temos que nos resignar a fazer a nossa parte de trabalho para que cheguemos à vitória final!!... Mas, depois, não!!

FA – Não teme que as pessoas, ao ouvirem esse discurso “Temos que nos resignar a”, acabem por se resignar tanto, que depois não percebam quando é que chegou a altura de deixarem de ficar resignadas?!...

AS – Meu querido amigo, alguns já estão percebendo, porque já estão desempregados!...

É apenas as pessoas esperarem que venha o momento não terrível, como é hoje, para a vida delas – em que elas vão procurar o emprego, e não encontram o emprego! – mas cheguem a uma altura em que tenham a certeza que já estão reformados, e que podem dirigir-se a outro lugar onde lhes dizem: Você tem à sua disposição isto!; para comer, você tem à sua disposição o subsídio de desemprego! Mas, para o resto, para você

aprender o que não sabe ou desenvolver aquilo que já começou, você dirige-se a este outro lugar e eles lhe indicam onde há uma universidade aberta – estou chamando universidade aberta a esta mesa...! Não é? – uma universidade aberta onde você pode encontrar aquilo que realmente procura, para dar um sentido à sua vida!!...

A maior parte das pessoas vive sem sentido pela vida!!... E por isso, meu amigo, é que eles vão para a tal história do consumismo; ou é por isso, por exemplo, que a literatura que mais se vende é a literatura de ficção – em que as pessoas chegam ao sábado, compram o livrinho da ficção, e se evadem completamente da vida até raiar a segunda feira...!! Sempre com muitas saudades do sábado e do domingo que passaram...!!

FA – Posso... posso concluir que o Professor não lê ficção?!...

AS – Diga?!...

FA – O Professor não lê ficção?!...

AS – Meu querido amigo, eu já li bastante ficção! Para eu próprio estar injetado de ficção!! E, segundo dizem as pessoas, ficcionar à vontade de minha parte, agora não tenho tempo!... mais para ler ficção!! E suponho que não me divertiria muito a ler ficção!!...

Que me está a interessando muito a própria ficção em que a vida se tornou...!!... - Porque as pessoas fugirem da vida para irem para o consumo, fugirem da vida para irem ler uma novela ou um romance, se não têm um sentido estético ou histórico que os leve a isso, é efetivamente ficção ela própria...!! É uma vida... Já não é um sonho, meu caro amigo, é um pesadelo!... E, quanto mais depressa eles se virem livres desse pesadelo, melhor!!...

FA – O Professor falou duas vezes em divertimento...

AS – Diga?!...

FA – Falou duas vezes em divertimento!

AS – Sim!?!...

FA – Não crê que as pessoas, de um modo geral, as pessoas com que nos cruzamos na rua andam cada vez mais tristes e se levam tanto a sério, tanto a sério, que não lhes sobra mais tempo, não lhes sobra mais disponibilidade, para, um dia, dizerem: “Agora vou levar-me um pouco mais a brincar!...”, e perceberem então que a brincadeira é a coisa mais séria do mundo?...

AS – Sim! Para muita gente é isso que sucede!... Eles estão de tal maneira empenhados na vida... E, sobretudo, muito ansiosos por fazer dinheiro que atrai dinheiro que multiplique dinheiro...!!... – Isso se tornou, para muita gente, um símbolo de vida!!... É um... é um pesadelo de que, coitados, é possível acordar...

FA – Ó Professor...

AS – ...e vão acordar!!...!!...

FA – Mas não é da condição humana... o gozo de... de brincar, o gozo de ter tempo para brincar? Não há... não há nenhum botão para... para retomar...

AS – Para muita gente...

FA - ...onde se possa carregar...

AS - Para muita gente...

FA – ...para por as pessoas a brincar?!...

AS – Para muita gente, esse botão desapareceu na vida! No tumulto da vida, desapareceu!!

FA – Então, são inúteis...

AS – Para outra gente, não! Outra gente faz o intervalo, e ainda brinca!!...

FA – Os seus apelos, então, são inúteis, de alguma forma!

AS – Diga?!...

FA – Está a clamar no deserto, nesse caso...!!

AS – Eu... estou a quê?!!...

FA – A clamar no deserto!

AS – Não senhor!!... Há milhares de pessoas que ainda gostam de brincar!!... Há milhares de pessoas que desejariam brincar, e apenas apertados por uma tarefa que eles têm que realizar, a essa tarefa vão!!... Não!!... Deserto nenhum!!...

FA – Professor, aqui... aqui há umas semanas, um... um... um jornal trouxe notícia de que teria sido sondado para... para se candidatar a presidente da república...

AS – Ah! Ah! Ah!...

FA – ... na sequência de um outro cargo para que teria sido convidado, que era o de alferes da pátria!... O que é que nos vai...

AS – Não, meu caro amigo!

FA – O que é que daí é verdade, ou é mentira?...

AS – Esse... esse convite... alferes da pátria. Esse convite para ser alferes d'El Rei Mor – calcule, ainda por cima!!: Alferes Mor d'El Rei – esse convite veio! Agora, para presidente da república, não!...

O que deve ter havido confusão é com um candidato a presidente da república que declarou que me nomearia ser o mandatário nacional! – coisa que eu não posso aceitar, porque eu tenho a dupla nacionalidade, e quero respeitar, juntamente com a nacionalidade portuguesa, a nacionalidade brasileira!... Uma e outra não me permitem candidatar-me a qualquer cargo político em Portugal...!!

FA – Mas é apenas esse facto de ter dupla nacionalidade que o impede de pensar, com os seus botões, que talvez...

AS – Não, meu senhor!

FA – ... que talvez ser presidente da república...

AS – Não impede!...

FA - ...lhe permitisse chegar mais... mais vezes aos portugueses...

AS – Não!

FA – ...e aliciá-los para...

AS – Não! Nada disso!!

FA – ...para esse mundo mágico?!...

AS – O que me... o que me impede as coisas não é ter duas nacionalidades!, é não ter as nacionalidades de todos os países de língua portuguesa!! O que os portugueses deviam almejar por ter – e todos os que têm como língua oficial a língua portuguesa! – é de ter um passaporte comum para todos os países de língua portuguesa!!... E a isso chegaremos um dia!! Vamos dar pequenos passos...

FA – Passaporte!...

AS – Passo a passo, linha a linha... Avança para isso...!!

FA – Voltamos à ideia inicial de vadiagem?!... Hããã... A ideia de vadiagem, onde... onde é que... belisca essa ideia de viagem que temos hoje, que é uma ideia que...

AS – Querido amigo, vadiagem...

FA – ...nos afasta do gozo de olhar mapas, e do gozo de olhar paisagens...

AS – Não, meu querido amigo...

FA – ...cada vez mais consumista olhar paisagens...

AS – Não, meu querido amigo!... Vadiagem é, simplesmente, não ter que assinar o ponto num lugar qualquer!!

FA – Mas é, também, andar caminho...?!...

AS – O quê?!...

FA – É, também, andar caminhos...?!...

AS – Andar caminhos!!... Por toda a parte! - o que se quiser!!... Pode ser vadiar por dentro!!... - não houve já um grande escritor que falou da vadiagem à roda do seu quarto?!... Pois claro!! Então, nós podemos andar à vadiagem sem mover um passo!!... – por dentro!! Por exemplo, esse físico inglês Hawking – que só mexe um dedo da mão esquerda – e que vive numa cadeira de rodas transformada em aparelhagem de comunicação com tudo o que é possível! – esse homem está vadiando por dentro!!... E, enquanto vadia por dentro, faz física da mais pensada, da melhor – talvez a mais completa!... – que se tem feito até hoje!!...

FA – Como é... como é que será a paisagem por dentro da cabeça de um homem?!...

AS – Como será por dentro?!... Sabemos pouco da cabeça de um homem...!... Sabemos pouco se ela é um fabricante de pensamentos, ou se é uma simples máquina de detetar pensamentos que andam por aí...!... Não se sabe!!... Não se sabe como é!!... Sabe-se pouco da sua fisiologia, e sabe-se menos ainda daquilo que seria mais interessante que a fisiologia - que é a forma do seu funcionamento, por exemplo, psicológico ou de outras espécies semelhantes...!...

FA – Mas imagina a cabeça de um homem, por dentro, como uma espécie de quarto escuro também, ainda?!...

AS – Não!... Com quarto escuro...

FA – À volta do qual se dão passos...

AS – ...com uma forte iluminação...

FA – ...se vadia...

AS – Nós é que, provavelmente, não temos olhos para ver essa iluminação!!!...

Cada um só vê, do universo, aquilo que a sua sensibilidade, ou a sua maneira de ser, lhe permite!!!...!! O universo pode ser muito mais vasto, e muito mais diferente, do que aquilo que é apenas o nosso mundo!!!... Pode haver, nesta mesa, uns seres microscópicos que andem passeando por entre os átomos que constituem a mesa...!!!... Nós não damos por eles!!!... Provavelmente estão fazendo belíssimos poemas que nós nunca escutaremos e que nunca entenderemos...!!!... Podemos imaginar as coisas mais espantosas!!!... Ou podemos imaginar, pelo contrário, gigantes tremendos para os quais nós sejamos os seres microscópicos que imaginámos para esta mesa vadiando entre os átomos...!!!...

FA – E então, Professor, nessa... nessa quase impossibilidade de resolver esses mistérios, outros se levantam... hããã... aparentemente mais legíveis, e... e são esses que nós vamos um pouco ensinar a perceber ao mundo inteiro...! Hããã... O Professor continua a desafiar-nos sistematicamente para essa grande aventura, essa aventura de sermos... hããã... o único povo capaz de descobrir mistérios, mais tangíveis... hããã... Crê também que... que essa aventura nos vai aproximar do futuro para que remete, ou é... ou é só um desafio, cada vez mais perdido numa névoa...?...

AS – Meu querido amigo, gostaria de poder convidar todas as pessoas a vadiarem pelo mistério...!!!...

Porque o resto que é conhecido – ou ainda desconhecido para nós, mas pode ser cognoscível, podemos vir a conhecê-lo – virá um dia ou outro!! Provavelmente o

mistério é alguma coisa que nós nunca conheceremos!!... Ou conheceremos só segundo uma ideia que fazemos do que é o mistério, sem que seja o mistério!!... – pode ser que suceda isso!!

Então me aprazia, se eu pudesse convidar alguém para uma boa vadiagem, seria a boa vadiagem por todo o mistério que nos cerca, completo, e que nós devemos ver, cada vez mais, como mistério...!! Ao mesmo tempo, que tomemos também a ideia de que qualquer coisa – esta mesa, por exemplo – ao mesmo tempo que é um mistério, é também alguma coisa muito conhecida, que eu posso, por exemplo, pôr em matemática! – Há as duas coisas ao mesmo tempo!!: o simultâneo é que é o interessante na vida!!

Mas, se eu tivesse que escolher – daquilo que é concreto para um dia dominar o concreto e passar a aborrecer-me em todas as horas vagas que tivesse – eu, o que gostaria, é que se me apresentassem sempre mistérios sucessivos para eu ir vadiando e, se pudesse vadiar com os amigos, excelente!!... Muito melhor ainda seria...!!!...

FA – Sempre à conversa...!

Entrevista nº 9: com Vasco Ramalho e João Carlos

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Vasco Ramalho e João Carlos

1º Jovem – Senhor Professor Agostinho da Silva, muito boa noite!

AS – Boa noite!...

1º Jovem – Eu sei que o Professor disse, numa entrevista, que não gosta de monólogos! Vamos tentar fazer, desta conversa, um diálogo! Para começar, eu gostava que o Professor esclarecesse – a nós os dois, e também à opinião pública – a sua teoria de que os alunos devem começar a ler a partir dos 13, 14 anos. Não acha que essa teoria vai aumentar um bocado o analfabetismo em Portugal, que já é elevadíssimo?...

AS - Primeiro – e deixamos a discussão para outra vez!... – não sei se é bom diminuir o analfabetismo em Portugal, ou não! Que as pessoas que queiram ler aprendam a ler, e que se trate primeiro de saber por que razão é que os analfabetos são analfabetos, por que não aprenderam a ler: se foi por motivos económicos; se foi por motivos de distância; se foi porque estavam trabalhando noutra coisa qualquer... - para, imediatamente, antes de os ensinar a ler, por toda essa gente com a capacidade económica - e livre! - de, quando quiser, aprender a ler aquilo que lhe apeteça! E, depois, com uma continuidade: para que, depois, não aconteça - como acontece em outros países que não são Portugal! (países desenvolvidos!...) – que as pessoas são tão absorvidas pela vida, ou por qualquer motivo de outra espécie, que desaprendem de ler aquilo que aprenderam antes...!! De maneira que ensinar a ler sem ter a certeza de que a coisa continua, não vale a pena!!... E talvez também seja preciso considerar analfabetos muitos daqueles que só sabem ler, e que não sabem mais nada senão ler...!!... E que, muitas vezes, leem e não entendem o que leem...!!... De maneira que não se pode falar de ensinar a ler só, e depois parar!!...

Além disso, quando eu digo que os alunos, ou gente jovem, às vezes é pelos 12, 13 anos, e tal, têm já um desmentido: ontem encontrei um que quer ler, e tem 5...!!... Eh! Eh!... Então acontece que as pessoas não têm todas a mesma idade: têm a mesma idade dos registos de nascimento e lá no código do registo civil, e essa trapalhada toda, não é?... Mas o resto não!... Há gente que já nasce velha... e há gente que fica sempre nova!!...

Jovem – Nova...

AS – Há!... Então acontece...

Jovem - O Professor, por exemplo...!...

AS - Acontece que, realmente, as experiências que se têm feito... curiosas... - na Checoslováquia, por exemplo – gente aprendeu, classes inteiras aprenderam a ler com muito gosto aos 13 anos... Mas não foi por terem 13 anos!!...!: foi porque veio para um deles uma carta, que toda a gente queria saber o que vinha dentro...!!... e o professor se recusou a ler!!... - eles que aprendessem!!...

E eles aprenderam a ler!!

2º Jovem – Então... desculpe, senhor Professor...

AS – É... tem ler quando a pessoa quiser ler!!...

2º Jovem - ...quando quiser...

AS – O que é perfeitamente absurdo é pegar num menino, vai para a escola...

2º Jovem - ...e obrigá-lo...

AS - ...quer aprender o que é formiga, como morde aranha, ou qualquer coisa assim, e como lança papagaio ao ar, e não lhe ensinam...!!...!!... O que ensinam é a ler coisas com uma mecânica que ele não entende de maneira nenhuma...!!... E o desgraçado

começa logo a ficar com a cabeça... com a cabeça cúbica – em lugar de redonda...!! – e depois conserva-a até ao fim da vida...!!!...

E é isso que é preciso modificar...!!...

2º Jovem – Então, senhor Professor, como é que seria, para si, o sistema de ensino ideal?...

AS – Ó meu querido amigo, seria uma porta sempre... - não é meu, não foi inventado por mim...!!...

2º Jovem – Não?!...

AS – Foi inventado por uma analfabeta...

2º Jovem – Segundo pensa...?...

AS – Meu amigo, foi inventado por uma analfabeta...! Digo, a boa escola era aquela que tivesse sempre a porta bem aberta para – dizia ela – eu entrar lá, e perguntar o que não saiba!

Eu, então, diria que toda a escola devia ser um lugar com porta aberta para toda a gente – menino ou grande que quisesse!... – entrar, e perguntar o que não sabia...!!... Se eu entrasse e quisesse aprender a ler, aprendia a ler!... Mas se não quisesse, quisesse aprender a disparar pistola, ou a montar automóvel, ou qualquer coisa assim – vamos a isso, também!!

Sei que hoje ainda não se pode fazer isso!... – e muita gente, quando eu falo nessas coisas, julgam que eu quero começar isso amanhã...!!... Não! De jeito nenhum!!... Temos que dar tempo ao tempo!!... E, dando tempo ao tempo, como muita gente hoje é obrigada a ler, tem que ler, para que depois entre no nosso processo de produção - que tem que continuar no mundo, isto é, todos nós entramos em serviço militar...!!... Muita gente julga que não, que está no serviço civil...!!... Coisa nenhuma!!... – é soldado da arma de produção!!

2º Jovem – Mas... portanto, não concorda com o atual sistema de ensino em Portugal...?!...

AS – Meu querido amigo, tem que concordar como, hoje, você...

2º Jovem – Tem de concordar?!...

AS - ...que ainda não tem regimento, tem que concordar que eles marchem com o passo certo!!... Porque, se não, a coisa não funciona...!!...

Desde que continuemos com o mesmo sistema de produção - e temos que continuar ainda por muitos anos...!!... – é muito bom que haja isso, e que haja logo um sistema paralelo! O que é preciso é começar a montar, ao lado da escola oficial – que pode garantir emprego – uma escola, digamos, marginal, ao lado, à parte, para gente que se quer arriscar a não ter emprego...!!... O menino deve ser livre de explicar lá a coisa de querer, ou não querer, ter emprego, colocação no futuro...!!...

Quando hoje, no 12º... - eu nunca chamo 12º, sabe?!; digo sempre “o dômimo”, porque dá assim mais a ideia de uma vindima que se faz, e fica sumo, e tal...! – quando se faz o dômimo, e depois se não entra na universidade, eu digo: ou a pessoa que queria entrar na universidade, queria entrar na universidade para depois ter emprego no fim, um diploma e uma colocação; ou ia entrar para saber alguma coisa...!! Como evidentemente em todas as escolas, e nas universidades também, há professores que só estão lá para ganhar dinheiro no fim do mês; e outros é realmente para investigar coisas, fazer a ciência avançar, e a seguir há muita gente e esses são, em geral, o maior número...!!

Então, se um aluno não pode entrar na universidade porque já está tudo lotado – ele não pode entrar, é a lei do mercado! – mas ele ia para pegar emprego, eu importo-me pouco...!! Ele estava jogando na lei do mercado, e a lei do mercado o apanhou!!... Agora, fico com pena daquele que queria entrar – não para ganhar dinheiro com a biologia, ou a matemática que aprendesse... – mas para se desenvolver, para ser em matemática ou em biologia...!!...

1º Jovem – Senhor Professor...

AS – Então foi para isso que eu disse, este ano, a alunos, a colegas vossos... - acho que foi na Escola Secundária Camões...! – que, se algum desses ficasse reprovado, não pudesse entrar na universidade, combinássemos que espécie de universidade é que se fazia para ele...!! Nessa altura, tendo ele que dizer que espécie de universidade

queria!!... Então se criaria universidades novas...!!... – a gosto do aluno!!... O que, acho, seria uma experiência bem interessante...!!!...

1º Jovem – Senhor Professor...

AS – Vocês iam dizer outra coisa qualquer... Vá lá!...

1º Jovem – Senhor Professor, essa do aluno querer alguma coisa...!!... Não acha que os alunos são... têm obrigação de decidir a sua vida profissional muito cedo?... Por exemplo, quando entram para o 9º ano – 9º ano de escolaridade – os alunos têm logo que optar... ter uma opção...! Não acha que é muito cedo?!... Arriscar a vida... o aluno arrisca a vida muito cedo, eu acho!...

AS – Está bem!... Pode escolher à vontade...!!... Qualquer pessoa pode escolher à vontade em qualquer idade...!!... Depois... Suponham vocês que ele foi para uma área que obrigava à matemática... - uma coisa científica obrigava à matemática!... Faz a experiência, e acha que ele não é realmente um matemático...

1º Jovem – Vai ter que mudar...!!...

AS - Então, faça favor! – Muda!

1º Jovem – Mas... perde... perde um ano, senhor Professor!?...

AS – Meu querido amigo, a vida é também para perder anos, não é só para ganhar...!!...!

1º Jovem – Hã! Hã!...

AS – Que negócio é esse?!... Hoje, toda a gente está com a mania de viver o mais depressa possível para ganhar dinheiro o mais depressa possível para meter no banco o mais depressa possível... E, depois, muita gente espera que, um dia, venha um Collor – como veio no Brasil! – e cace o dinheiro todo dos bancos...!!... De maneira que correr,

para quê?!... Para eu, um dia, perder tudo de uma assentada?! Como perdeu aquela gente toda no Brasil?!... Não é!...

Temos que dar tempo ao tempo!! A vida tem que se viver calmamente!! De vez em quando, ela dá uns empurrões, e a gente tem que andar um pouco mais depressa!... Mas isso não deve ser a norma!! A norma deve ser viver a vida respeitosamente!!... É uma coisa extremamente complicada, extraordinária... quando vocês entrarem nessa coisa das filosofias – já não digo das biológicas...! – mas das filosofias e tudo isso..., vocês vão ver que a vida merecia um extraordinário respeito!!... Evidente, como a população cresceu depressa demais, as coisas têm que se precipitar para haver comida para essa gente toda...!!...

Mas, apesar disso, todos nós que podemos devemos andar devagar, ritualmente, respeitosamente...!! – Sabe como é?! Vocês já repararam como, hoje, as pessoas comem?!...: à pressa à pressa à pressa!!!?, encostadas ao balcão...!!!? Sem nenhum ritual de comer!!... – para andar depressa!!

2º Jovem – Por isso mesmo! Senhor Professor, hããã...

AS – Diga!

2º Jovem – Então, já reparou, de facto... Considera o ritmo atual de vida das pessoas... hããã... é bastante rápido, corre tudo muito...

AS – Felizmente, em Portugal...

2º Jovem - ...bastante acelerado!...

AS - ...não é assim tão rápido como isso...!! Não é?

2º Jovem – Felizmente...!!... Por enquanto...!!...

AS – Deixa o alemão ser rápido!!!!!

2º Jovem – Por enquanto!!...

AS - Deixa o japonês ser rápido!!...!

2º Jovem – Hã! Hã!...

1º Jovem - ...o americano...

AS – Eles são rápidos, gostam de trabalhar muiiito, e trabalhar uns mais do que outros...!!

2º Jovem – Mas o senhor Professor...

AS – Vamos nós ao nosso ritmo...!!...

2º Jovem – O senhor Professor afirmou, recentemente, que... gostaria... de fazer com que as pessoas olhassem para dentro de si mesmo...

AS – Pois...!!...

2º Jovem – Mas... acha que as pessoas, com este ritmo de vida, se lembram de olhar para dentro de si mesmas?!...

AS – É como em São Paulo: quando vocês, um dia, forem a São Paulo, vocês vão reparar que é impossível andar em São Paulo, reparando para dentro!... – porque há sempre gente empurrando atrás porque quer passar à frente...!!... Não é? Então, com coisas que se fizeram no mundo como São Paulo, ou coisas desse género – cidades enormes... que estão a deitar por fora, que já não aguentam mais gente!... – a pessoa é submetida a uma vida que não é natural!..., que não é vida!!... É uma artificialidade em que toda a gente está metida, e um dia rebenta por si própria...!!...

Essa gente julga que a vida que vai continuar exatamente assim?!... Não!!!... Esteira!! Quando vejo fazer cálculos como é que o Terceiro Mundo paga as dívidas... - são biliões e biliões de contos...!! Não é? – nunca ninguém vai pagar a ninguém...!!... coisa nenhuma!!... Não é? Rebenta tudo!!... Não é?

E as pessoas vão ter uma vida - para que a maior parte não está preparada, porque não aprendeu a natureza da vida, e não assimilou a natureza da vida!! É evidente que vocês,

que estão numa altura que as coisas ainda existem, têm que se submeter a um certo número de preceitos...!!... Não é? Mas, felizmente, as escolas – até em Portugal, e com que êxito!! – as escolas estão criando, a par daqueles... a par daqueles que têm que... hããã... observar o currículo, e que gostam disso, e que querem avançar, já lançou os clubes, os círculos de... de trabalho vários, em que a pessoa pode escolher, em que o aluno pode escolher aquilo que quer, e ser brilhante nisso!!... E continua...!! Então, provavelmente, essa parte das escolas é que vai aumentar mais...!!...

Mas tudo depende do ritmo da vida: acelerado, ou não!! Do ritmo de desenvolvimento, quero eu dizer, da vida!! Não é?

1º Jovem – Senhor Professor, neste momento há uma... um tema muito polémico... para os alunos – e também para os pais! – que é a PGA. O Professor acha que a PGA vem... melhorar a situação dos alunos, ou vai transformá-los na “pobre gente abandonada”, como o Professor diz?...

AS – Eu acho que é a pobre gente abandonada!!...

Porque, realmente, que coisa é essa da cultura geral?!... Não sei o que é!!... Há a cultura de cada pessoa!... Então, podia-se inventar qualquer coisa: “pega aí num papel, e faça aí... escreva qualquer coisa!...”. E depois ver, por aquele papel... que a pessoa escrevia, se ele tinha alguma espécie de cultura que ele desse para ele entrar na universidade, ou não!!... E se o sujeito pegasse no papel, e dissesse: “Não quero escrever coisa nenhuma!... Quero ouvir o que se diz na universidade!!” – passava distinto!!

? – Ia ter condições na mesma?...

AS – Logo na PGA! Sem fazer prova nenhuma!! Porque tinha mostrado que era bastante inteligente para não se querer submeter àquela porcaria da PGA...!!!

?? – Hã! Hã! Hã!... Hã! Hã!...

AS – E ia entrar direto na universidade...!!... E, depois, se não desse certo na universidade, pô-lo fora!...

E o que se tem que saber é: porque é que não há universidade para toda a gente?!...; o que é que falta? Falta o metro quadrado?!... Falta barracão?!... Falta professor?!... Eu

acho graça!!... Diz: pois falta, porque não há bastantes doutores para construir uma universidade...!!

Meu amigo, se eu, no Brasil, me tivessem obrigado a escolher doutores para fazer a Universidade da Paraíba, a Universidade de Santa Catarina, a Universidade do Brasil, e outros... outros institutos noutras universidades, eu não tinha feito nada...!!... Entrou quem havia, entrou o que havia, e deram todos muito... que lá se desenvolveram...!!...

Você sabe uma coisa que me aconteceu na Paraíba?!!... Fui chamado para ensinar Geografia Humana, quando eu tinha sido chamado para ir lá ensinar Literatura Portuguesa...!!... Porquê? Porque tinha havido lá um engano qualquer, não tinha... hããã... tinham julgado que aquela cadeira era noutra ano qualquer, e o que havia era Geografia Humana!... E não havia professor de Geografia Humana!...!! E o diretor perguntou-me: “Você não é capaz de dar Geografia Humana?...”; “Dou tudo o que o senhor quer com 24 horas de antecedência!...”. Não é? Arranjei um bom manual, estudei a primeira lição... os alunos eram o secretário do governador do... do estado, e a mulher dele... No fim do ano, os três sabiam bastante bem Geografia Humana!... Depois é que veio um professor português, um grande professor de Geografia Humana, o Mariano Feio, que lhes mostrou o que é, efetivamente, Geografia Humana, levando pela... pelo estado, mostrando o que havia a fazer neste ou naquele ponto...!! Mas, naquele momento, nos desembaraçámos!!...

Quando se tem que, realmente, fazer alguma coisa de desembaraçar, a gente se desembaraça de qualquer jeito...!! Há aquela história do homem que sentiu o automóvel a afrouxar, o movimento das rodas a bambolear, etc., parou, foi ver o que era... tinham caído os parafusos de uma roda...! Todos eles!! Ele estava... era já de noite, não sabia, olhou para o lado... Havia lá uma coisa que dizia: “Clínica Psiquiátrica” – olhou para cima, estava um à janela, na clínica psiquiátrica. Disse: “Que é que eu vou fazer!?”. Mas o homem de cima, a certa altura chamou, e disse-lhe: “Tire um parafuso de cada roda, e ponha nessa!”. E ele disse: “E eu a julgar que você que era maluco!”. E o outro disse, lá de cima: “Maluco, sou! O que não sou é estúpido!”. Pois!... E isso é uma grande solução para muita coisa!...

2º Jovem – Senhor Professor, outro problema que... que preocupa... Não é... não é um problema, é uma obrigação – que preocupa bastante os jovens é... o cumprimento do serviço militar! Eu reparei que, ao longo destas “conversas vadias”, o senhor Professor

faz frequentes comparações, e... fala bastante de exemplos militares!... Hããã... Que papel assume, para si, o serviço militar na vida de um homem?...

AS – O serviço militar – na marinha, ou na aviação, ou no exército – para mim, pode inculcar no homem – introduzir dentro! – alguma coisa que ele pode não ter, que é a disciplina e o verbo cumprir!! O serviço militar significa cumprir!!

E vocês bem sabem que, se alguém fizesse treino de cumprir... - suponhamos que lhe davam outro nome qualquer...!! - ... treino de cumprir, quando viesse para terra, muita repartição, muito serviço, funcionaria muito melhor do que funciona...!!... Então, no serviço militar, o importante é o cumprir...!!...

Enquanto há estados de conflito no mundo – em que, de vez em quando, se tem que empregar a violência, a força! – possivelmente haverá alguém sempre inclinado a tarefas dessas...!!

Mas já, em muitos países, o serviço militar – como vocês sabem!... – é voluntário...!!... E parece que há uma possibilidade – estudada, já... - de se fazerem dois serviços: serviço militar e serviço civil!!... Não é? Mas o serviço civil sempre amparado ao militar, pela tal história do verbo cumprir!!

E então, aí, podia-se escolher: quem não quisesse ir mesmo para o serviço militar... - pode haver curiosidade!!... Pode haver uma curiosidade até histórica: aprendendo lá a estratégia, ou tática, ou tipo de arma... - a gente entender como é que foi para trás...!! , a história militar do mundo!!...

Então, o que seria muito interessante era fazer a experiência de adaptação de serviços militares à vida civil...!!...: serviço de saúde, por exemplo!... - é muito bom em quase todos os exércitos, em quase todas as forças armadas!!... Ou... – eu, às vezes, digo aos amigos: desde pequeno que eu ouço falar a amigos meus e parentes, que eram militares, nos benefícios trazidos pela cooperativa militar!! Suponham vocês que se estendia a cooperativa militar a todo o Portugal...!!... – se aquela gente estava satisfeita porque comprava mais barato, e não sei que mais, talvez Portugal pudesse ficar satisfeito por comprar também mais barato!!... – há muita coisa a estudar nisso...!!...

Não é a destruição do serviço militar que importa!!... É: como é que serviço militar e serviço civil, e comunidades civis, se podem coordenar!!..., se podem casar!!... E viver uma vida em que haja cumprimento das coisas e, ao mesmo tempo, a habilidade de criação - como vocês sabem, é mais rara no serviço militar, e está com os comandos sobretudo, não é?...

1º Jovem – Senhor Professor, eu acho que há uma dúvida, em certos alunos da primária, e mesmo... - eu também tenho essa dúvida...!! – o Professor diz que Portugal foi feito de uma fraude ao rei de Castela... Eu ainda não cheguei a perceber se foi mesmo uma fraude, ou se foi um acordo...

AS – Não foi!... Eu não chamaria fraude: foi uma deslealdade ao rei de Castela...!!

O Afonso Henriques, por ser filho de uma infanta, tinha as relações com o avô, naturalmente, essa história, não é? E... ele estava ali para cumprir um serviço – por ser vassalo do rei de Leão!!...

Mas evidentemente que os portugueses, logo de princípio – acho eu!, e é uma coisa estranha para Portugal!!... - logo de princípio eles tinham descoberto que havia um país a construir na Península...!!..., que era Portugal!! E imediatamente começaram a isso!!... E o Afonso Henriques tinha uma mania – que infelizmente se perdeu hoje: hoje, quem quer fundar uma coisa, tem que ir logo ao notário fazer um ato judicial, etc. - o Afonso Henriques não esteve para isso: o Afonso Henriques foi fazendo Portugal!!... E, quando ele já estava bastante grande para o notário não recusar, é que ele foi ao notário...!!! Não é?... E o notário, perante aquilo, deu a licença necessária...!!...

E então... – e ainda é possível... (que essa coisa não sabemos bem...!!...) – que na dita Batalha de Ourique, tudo tivesse sido uma habilidade de Afonso Henriques e da sua gente...!!!... O que aconteceu na Batalha de Ourique? Eles venceram os reis mouros!! Vocês sabem, não se sabe bem onde foi a Batalha de Ourique, nem nada disso! – mas venceram cinco reis mouros!! E a vitória pareceu tão espantosa aos soldados, a toda a tropa que ia, que eles imediatamente proclamaram Afonso Henriques Rei de Portugal!! Porquê Rei?!... – E aí há uma coisa de diferença entre o que se chama rei, e o que se chama presidente de uma república...!!...: o presidente de uma república é aquele em que o povo delega poderes seus – qualquer homem do povo podia ser presidente da república, se fosse eleito!!... – mas delegam todos em quem acham que é melhor do que eles, todos os poderes que têm!! Mas, quando os portugueses diziam “rei”... - por exemplo, nesse caso: proclamar rei o Afonso Henriques! – porque acharam que o Afonso Henriques tinha poderes!!!... Ele, além dos que cada um dos soldados ou dos militares que estava ao lado tinha, para ter conseguido uma vitória daquelas!!! Proclamaram-no rei – isto é, declararam que ele tinha poderes superiores aos de qualquer cavaleiro que estava ali!!...

Então... - parece que foi assim... Parece que foi assim!! (mas pode ter havido uma combinação entre todos para ser assim!!... Exceto os coitados dos reis mouros que ficaram debaixo, não é?...) – ele lá foi ao rei dizer que tinha sido proclamado rei, e agora que havia de fazer?!!...

2º Jovem – Ó senhor Professor...

AS – E o rei de Leão não teve outro remédio senão aceitar...!!

2º Jovem – ... mas... decerto que havia algo de muito forte além dessa fraude!!...
Porque o que é um facto...

AS – Não, não, meu amigo...

2º Jovem - ...é que esse reino chegou aos nossos dias...

AS – Não há fraude!...

2º Jovem – Sim! Essa deslealdade!!...

AS – Não, não!! Não diziam fraude!... – houve uma habilidade diplomática!!...

2º Jovem – Hã! Hã! Hã!...

AS - ...Exatamente a habilidade diplomática que usaram os portugueses para 250 anos terem ultrapassado o meridiano de Tordesilhas, violando tudo o que tinham jurado ao Papa e ao rei de Espanha!!

1º Jovem – Então, a descoberta do Brasil é outra fraude!!?...

AS – Diga?!... Não é fraude: é uma habilidade diplomática!!

1º e 2º Jovens – É uma habilidade diplomática!! Hã! Hã! Hã!...

AS – Pois é!!... É uma maneira de fazer as coisas!...!!

Você sabe a que é que as pessoas chamam fraude?!... – é quando a coisa não dá certo, quando a polícia apanha!! Porque, quando a polícia não apanha, é um bom negócio...!!

1º Jovem – Então, foi... foram bons negócios!!...

AS – Diga?!...

1º Jovem – Foram bons negócios, a descoberta do Brasil...

AS – Eu acho que Portugal foi um excelente negócio!!!...

1º Jovem - Mas está a perder...

AS - ...para nós e para o mundo...!!

1º Jovem – A partir... a partir de um certo momento, perdeu tudo...!!

AS – O que é que perdeu!!!?...!!... Perdeu o quê, Portugal?!...

1º Jovem – Hãã... Tinha poder, sobre o mundo, e está a perdê-lo...

AS – Mas é bom... É bom perder os poderes!!...

1º Jovem – Acha que sim?!...

AS – É bom não poder mandar em gente!!...!!...

Não!... Portugal não perdeu coisa nenhuma!!... Portugal não perdeu a língua...!!..., não deixou de falar português!!...!!... Não é verdade?...

1º Jovem – Está a perder!...

AS – Está a perder, como?!...

1º Jovem – No Brasil... é cada vez mais...

AS – Não!!!...! Meu amigo! Nããã!!!...!! Engano!! – no Brasil, sabe-se melhor português do que se sabe em Portugal!! Porque se sabe português igual a este...

1º Jovem – Fala-se, é mal!!!... Fala-se mal!!

AS - Fala-se mal, porquê!?!?!...!!...

1º Jovem – Eu acho que se fala mal!!!...

AS – Mal!?!?!...!! – é como o homem de Trás-os-Montes diria quando ouve dizer “lête”, no Brasil, e “quêjo”... dizer, no Algarve, a mesma coisa... Então, fala-se mal português no Algarve, ou fala-se mal em Trás-os-Montes?!... Onde é que se fala bem?!? Em Coimbra?!?!...

1º Jovem - Dizem que sim!...

AS - ...Onde se diz tanta asneira ao mesmo tempo?!?!...

1º Jovem - Hã! Hã!...

AS – Isso é que é falar mal português!!

2º Jovem – Bom...! Mas, eu acho que... o senhor Professor referiu, de facto, essa habilidade diplomática, mas... Não haverá algo mais para além dessa habilidade diplomática, para manter um povo unido... hããã... um... um... uma cidadania, ao longo destes anos todos?!...

AS – Claro! Em Portugal...

2º Jovem - ...Ao longo destes séculos todos...

AS – Claro que havia!...

2º Jovem - ...que ainda hoje se mantém...

AS – Claro que havia!...

Havia, em Portugal, uma coisa extraordinária!! – que era a vontade de construir alguma coisa que fosse o modelo para o mundo futuro: e construíram o Brasil!!...

O que é que o amigo...?... Vocês...?... e toda a gente julga que vai ser o mundo futuro?!... Vai ser um mundo... de todos... a população de todos os continentes misturada com a população de todos os continentes...!!...!! A qualquer parte onde as pessoas vão hoje, dizem: “Ah! Havia lá muita gente amarela...!!..., muito chinês, muito japonês, muito não sei quê, etc....!!... Então, um dia, com as emigrações sucessivas, facilidades de comunicação, as crises que surgem nos países, e que levam à emigração... - por exemplo, a natalidade negativa na Europa vai levar a muita emigração de gente para a Europa!!... Donde vem essa gente!!?... Vem da África, vem do Oriente - Pequim, e o que vier do outro lado da América, já do Oriente veio, não é?... Então, Portugal montou, no Brasil, um modelo do que vai ser o mundo futuro!!... E quando as pessoas duvidam dessa coisa, não é?, até é cómico!!...

Quando as pessoas dizem que eu sou utópico, quando diz que o português... - primeiro, não sabem português, não é?... (julgam que utópico quer dizer impossível!! – quando utópico só quer dizer que ainda não há em lugar nenhum!!, não quer dizer mais nada, não é?... E há num lugar – já há no Brasil, não é? E vai suceder isso em todo o mundo...!!...

2º Jovem – Então, o senhor Professor crê que, de facto, o mundo futuro vai ser... hãã... uma imagem do que se passa no Brasil atualmente?...

AS – Mas evid.... E uma imagem, quer dizer, muito melhorada!!...!!...

2º Jovem – Melhorada, espero...!...

AS – Porque no Brasil há muita falta de coisa do que fazem: 60 milhões de pessoas vivem à beira da pobreza!!...

2º Jovem – Exato! Eu espero que seja melhorada!...

AS – ...??E a população é de 240!... Não é?... Pois!!... Então, não queremos modelos desses para ninguém!!!...

2º Jovem – Eu acho que não!! Hã! Hã!...

AS – Não!! Com criança abandonada...!! Criança vivendo maltratada, na miséria...!!!... Como há, também, em Portugal, e em toda a... Na... na... na... adiantadíssima Inglaterra, na civilizadíssima França, etc.... e na Alemanha, também, muita criança... maltratada, ou abandonada, recolhida... de qualquer jeito... - isso não vai, isso não é assim!!!...!!

2º Jovem – Professor...?...

AS – O Brasil é o modelo do futuro quanto à mistura de populações e ao gosto de se encontrar, um dia, uma cultura que, sendo geral, respeite a cultura de cada um!!!...!!! Porque nós todos somos... Nós três que estamos a esta mesa, nós somos todos diferentes uns dos outros...!!!... ãh!!?... Mas, crendo que é uma possibilidade de entendimento e, depois, que cada um conserve a sua cultura especial, e uma!! Porque é o único!!! A poder fazer o mundo!! O único!!! Não é? Quase devia haver direito – os códigos, etc. – para cada pessoa!!... Cada um é diferente do outro, não é?... Por enquanto temos que ter esse direito romano, e essas leis todas – porque ainda temos que estar, de alguma forma, semelhantes uns aos outros... Podemos entender... Mas o ideal é que, um dia, tenhamos tal liberdade que cada um possa ser verdadeiramente aquilo que é!!! – isso é que é o ideal na vida!!

2º Jovem - E... e então, eu gostaria de saber se tem alguma mensagem especial para os jovens portugueses...?...

AS – Eu... eu tenho uma mensagem que não é especial, mas geral para toda a gente...

2º Jovem – Diga...?...

AS – Quando tiverem alguma curiosidade de alguma coisa, façam o favor de satisfazer ao máximo...!!... – de maneira a tornarem-se peritos nessa área de curiosidade!!... Suponhamos que o sujeito quer saber como se somam algarismos... Não é?... Vai avançando... quando chegar ao fim, ele está todo aflito com a matemática moderna – já não se entende quase nada: como é; aonde vai ter; e é possível!?... não é possível, e etc.!!...

Portanto, o que eu quero de todos os portugueses é o seguinte: que sejam curiosos!!; e que a organização em sociedade que possa ser de tal maneira que eles possam satisfazer essa curiosidade completamente!!! E não para ganhar dinheiro...!...; não para fazer figura...!...; para ganhar cargos...!... – mas para ser plenamente aquilo que é!!!, alguma coisa que ele sinta que o está desenvolvendo na mensagem única que ele tem que dar no mundo!!!...

De maneira que a minha mensagem única para qualquer aluno, para qualquer escola é: faça favor de cuidar da sua mensagem!!, não é da minha!! A minha – pois! – é só para dizer que cuide da sua!!... Porque essa é que tem importância!! Não é?... E a mensagem será vossa, na medida em que for o mais diferente que for possível da minha!!..., ou de qualquer outra!... Não é?... Porque se não, para quê duplicados no mundo?!... Não é preciso!!... Para isso, inventaram os carimbos!... – nós não somos carimbos nenhuns de ninguém!... Não é?

1º Jovem – Muito obrigado, senhor Professor!

AS – Nada!... Eu é que sou obrigado a vocês!!...

Entrevista nº 10: com Herman José

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Herman José (HJ)

HJ – Professor, acho surpreendente a calma com que o Professor aceita estar aqui a fazer televisão, ir para a maquilhagem, e falar com as pessoas... como se não tivesse feito outra coisa na vida senão fazer programas de televisão. Como é que se tem essa... essa segurança, essa calma, essa paz ...?!...

AS – Pode não haver calma nem segurança...

Pode ser que nós, no mundo, sejamos apanhados pelo cachaço – como a gente apanha os gatos, para eles fazerem determinada coisa num determinado momento... Pode ser que a mesma pessoa, sem ter calma e segurança no geral da vida, possa ser, numa ocasião dessas, levado a ter calma e segurança – ou a parecer que tem!

Uma coisa na vida é que nunca sabemos se a coisa parece ou é - na realidade - não?...

HJ - O Professor sente-se agarrado pelo cachaço?

AS – Eu não me sinto agarrado pelo cachaço...!! Mas acho que o meu dono deve ter a mão bastante leve para nunca magoar o gato...

HJ – E quem é o seu dono? É o destino? É Deus? São os tais sinais da vida?

AS – Parece que o que está recomendado nessa coisa é nunca se dar nome, nunca definir, porque parece que logo que se define alguma coisa ela, na realidade, deixa de existir. De modo que é darmos a expressão normal que damos às coisas: é alguma coisa, é o inominado, é aquilo a que cada um dará seu nome...

Podemos dar um nome geral que é muito bom: é uma criatividade qualquer que se manifesta!

HJ – Mas às vezes o Professor dá-lhe o nome de Deus... nalgumas das suas...

AS – Ah sim. Isso não importa nada!... Como às vezes damos um nome que seja facilmente compreensível pelas pessoas – embora não saibamos qual é o significado exato que eles dão a isso!...

Uma palavra perigosa, nesse sentido, é exatamente “Deus”... Deus ou é o divino, a realidade que supomos existir de divino para além de tudo quanto é físico ou, para determinadas pessoas, é aquilo que lhe garante a eles, se se portarem bem, uma boa existência na vida!...

De maneira que nunca sabemos quando preferimos esta ou aquela palavra, o que é que as pessoas estão tentando... Mas isso não é só com essas como Deus...

HJ – Mas o Professor tem fé?...

AS – Tenho!

HJ – É um homem de fé?

AS – Eu suponho que sou uma pessoa de convicção.

Se convicção é a mesma coisa que a fé... - coisa discutível! A convicção é alguma coisa que a pessoa terá, ou sente que terá dentro, que fizesse bem parte dele, e que não há maneira de evitar – o convicto não evita! Quanto à fé, é outra coisa em geral, aquilo em que se acredita, ou que se convence a pessoa de que existe, sem ter nenhuma matemática pelo meio, sem haver nenhuma equação que o prove. A pessoa, então, tem fé!

HJ – E das igrejas todas que conhece, qual é que lhe parece a mais bem estruturada, a mais bem pensante, e a mais...?

AS – A mais bem pensante seria aquela que a pensasse todas juntas. E que desse, com o resumo geral, sem coibir em nada, e sem prender em nada, as integrasse todas num todo!

Até agora, ainda não apareceu... Pode ser que efetivamente apareça...

HJ – De todas as religiões que conhece, qual será a mais abrangente?

AS- De todas as...?...

HJ - De todas as religiões conhecidas...

AS – Abrangente é a que ... Abrangente pode ser simplesmente uma coisa que se chame metafísica, ou pensamento sem se ligar uma ideia de culto ou de fé...!

HJ – A propósito de metafísica, ofereceram-me um livro que, de uma forma bem menos metafísica de que o Professor defende, atribui a autoria de alguns poemas a si próprio. Portanto, o editor garante que é o Agostinho da Silva que escreveu! E a propósito de gatos – porque eu também tenho gatos, e acho um animal surpreendente... - eu fui buscar – não vou ser nada original, porque a Maria Alice já fez isto, foi buscar algumas poesias suas – mas eu fui buscar poesias – algumas delas engraçadíssimas!!... e desconcertantes de tão singelas... Esta, por exemplo, que tem a ver com um gato, e... e diz só assim: “Mestre de Filosofia/ Com mais saber e engenho/ Meu gato mia”! - O que é que isso quer dizer?!...

AS e HJ – Ah! Ah! Ah!

AS – Quer dizer que o gato é um animal que está naturalmente na vida: se cumpre gato; e dá imediatamente ??? a ideia fundamental que parece ser: vê lá tu que não és gato (mas uma coisa diferente!), vê lá tu se te cumpres!

Então, a filosofia fundamental do gato parece ser, para toda a gente, o de se cumprir. Não é o de cumprir só!! – porque essa é, por exemplo, a filosofia do militar – é de cumprir-se!! Não se trata, portanto, de uma coisa imposta de fora, mas daquilo que veio com a pessoa que é a própria pessoa em que ela trata, fundamentalmente, de se cumprir!

HJ – E o Professor tem um carinho grande pelos seus gatos, não é? E um respeito por eles?...

AS – E eles por mim - ainda não percebi bem qual é a relação exata...

HJ – Dá ao animal – neste caso irracional – uma grande importância...? Tem algum respeito por eles, apesar de tudo...?

AS – Os animais?!...

HJ – Os animais! Irracionais...!

AS – Não é o respeito, é o gosto! É que são uma grande coisa na vida!...

HJ – Quais são as principais diferenças entre os animais racionais e os irracionais? O Professor acha que nós somos um... a continuação dos gatos com um bocadinho mais de inteligência – cérebro, cerebelo...?

AS – Meu amigo, ninguém sabe!...

É evidente, pelo lado exterior, por aquilo que é possível averiguar em vértebras ou patas, temos que ver com os lémures de Madagáscar, por exemplo. E alguns bem pequenos, que parecem menos interessantes... E depois as coisas vindo por aí...

E nem há a certeza, hoje, de que o Darwin tenha razão, que tenha havido evolução das espécies animais...!!... O que pode suceder é que tenha havido várias criações sucessivas a sobrepor-se no tempo...!! Quando olhamos um filme de cinema, podemos ter duas hipóteses: foi um homem que estava com um braço em certa posição na fotografia A, e que na fotografia B apareceu com outra posição!... Na realidade, o que houve, houve duas criações diferentes: a fotografia 1, e a fotografia 2.

Pode ser que aquilo que Darwin supôs que era a passagem de um animal a outro animal fosse a criação de um animal novo extremamente semelhante ao outro e que podia ser tomado por homens como o Darwin como uma evolução. A coisa é muito complicada...!!

HJ – Pois é! E nós saímos... Acha que nós saímos de uma linha de fabricação um bocado mais sofisticada que os outros animais?

AS – Ó meu amigo, aí há uma coisa bem mais importante do que isso: é que nós somos os últimos animais que apareceram na terra. A terra estava bem constituída, com o seu terciário, o seu quaternário, e as coisas biológicas todas, e de repente aparecemos nós!

E, desde que nós aparecemos, já há várias espécies de gente, de homens que se podem classificar pelos restos que deixaram... Para não falarmos de outros mais antigos... vamos falar do homem de Neanderthal: parece, pela análise da caveira do homem de Neanderthal, é possível supor que ele já tivesse algum pensamento metafísico... Depois o homem de Neanderthal desapareceu, aparecemos nós com outra espécie de pensamento científico mais algumas técnicas que usamos para ir construindo a vida.

Mas, como somos os últimos, não podemos ter nenhuma ideia do que pode ser o homem no futuro, como aqueles que andavam a quatro patas e já, segundo parece, raciocinavam, capazes de ter já alguma geometria elementar, desapareceram também...! Eles que ideia poderiam ter do futuro de um homem de quatro patas?!... Que outros homens com quatro patas se portariam dessa ou daquela maneira...!!...

Amanhã podemos, em lugar de braços, aparecer gente com asas...!...

HJ – Era ótimo... Eu adorava!...

AS – Não sei se não era ótimo, ou se atrapalhava as companhias de aviação...!...

HJ – Se a gente não voasse muito alto, era capaz de não haver problema...!... Atrapalhávamos era uns aos outros...

AS – Meu querido amigo, a vocação do homem é voar alto! Mas sem nunca perder a linha de terra...! Temos que ter as duas coisas ao mesmo tempo: ter um chãozinho em baixo tão objetivo e tão rígido – como se fosse um mapa em relevo – e ao mesmo tempo voarmos alto!... Uma só das coisas não é humana...!!... – seria de um bicho adaptado ao chão, só!...; ou adaptado ao céu, doutro lado!...

HJ - Isso eu também estou de acordo porque, tal como o senhor Professor, eu também gosto muito de passear e de vadiar aí pela cidade...! Esta outra é mais...

AS – Eu não gosto de passear!...

HJ - Não gosta de passear?!!...

AS - ...Gosto de vadiar!

HJ – Qual é a diferença entre passear e vadiar?

AS – Vadiar é já ter um fim em vista que é vadiar...!

HJ – E não se pode vadiar passeando? E passear vadiando?...

AS – Pode...! Pois! Claro! É o português, que é capaz de juntar tudo quanto é contraditório – pode fazer essas coisas todas juntas!...

HJ – A propósito de juntar coisas, e multiplicá-las umas pelas outras, esta ideia é completamente desconcertante: “Se estás triste por só teres para ti um menos A, o jeito que tens na vida é logo o multiplicar outra vez por outro menos A, e ver a boa saída que o resultado te trará”. Como é que se multiplica um menos A da nossa vida por outro menos A? Como é que isso se faz?

AS – Meu querido amigo, muitas vezes a pessoa encontra uma coisa que a contraria na vida, fica preso àquilo, e diz que a vida para ela é toda negativa, que não há jeito nenhum, sem se lembrar de procurar outro menos A para multiplicar por aquele menos A, e ver que dá um positivo que ela deve seguir...

Conheço uma porção de gente que, de súbito, andava com uma ideia, com uma ilusão se quisermos dizer, a respeito do que lhe sucedeu na vida, de súbito as coisas mudam, e a pessoa fica completamente desorientada sem parar sequer um momento para ver se ela não é uma pedra que está recusando o cinzel do escultor que a quer tornar menos pedra, e mais estátua...

Então é preciso que a pessoa, numa altura dessas, pense bem, esteja calmo, deixe suceder mais um tempo, veja o que lhe vai aparecendo, e depois reflita se, realmente, não avançou com aquilo que lhe parecia negativo...! – porque, afinal, é com o esforço de subir um degrau que a pessoa chega ao patamar...!...

Talvez a vida nos ponha degraus bastante fortes para nós darmos boas passadas, exercitarmos bem nossos músculos, e chegarmos aos patamares mais altos que há...!!...

HJ – Portanto, o Professor defende que nós devemos aceitar os sinais que a vida nos dá, mas não ficarmos presos a eles, se eles forem menos As, não é?...

AS – Não!... E sobretudo não ficarmos presos à ideia de que nós entendemos todos os sinais da vida... Pode ser que a vida seja muito mais inteligente do que nós, e nos faça sinais – coitada, supondo que nós somos tão inteligentes como ela – e nós depois apresentemos soluções que julgamos que eram aquelas que tinham que haver e, afinal, não serem...!...

HJ – Esta também é gira: “Três votos fará/ Aquele que não ser tolo decida/ E venha deles primeiro/ O de obediência à vida/ Será o segundo a vir/ O de não querer ser rico/ De muito passo largo/ De por o bico?/? Não violar-se a si próprio como principal o veja/ Alto ou baixo gordo ou magro/ Assim nasceu, assim seja.”. Quer isto dizer que os gordos não devem fazer dieta?... Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

AS – Podem, se lhes apetercer!!... – o gordo, como o magro, o que se deve é cumprir... Se ele acha que a gordura lhe foi posta para que ele proceda de tal maneira que, heroicamente, se torne magro, faça favor de se cumprir! – visto que é aquilo que julgou...

HJ – Porque isto é uma das minhas grandes lutas, sabe?... Eu tenho uma horrível tendência para engordar, só que não quero ser gordo, e não gosto de ser gordo! Como é que eu faço?!...

AS – Bom, pode não comer de todo, por exemplo...

HJ - Ah! Ah! Ah!... E aí acabam-se todos os problemas...!!

AS – ...ou um jejum bastante completo...

HJ – Como é que o Professor se alimenta?

AS – Diga...!?!...

HJ - Como é que o Professor se alimenta? Tem cuidado com a sua alimentação?... para chegar a essa idade nessa forma estupenda...?

AS – Eu não tenho cuidado! Não tenho cuidado!... Quer dizer, eu evito comer animal...

HJ - Evita comer animal?...

AS - Evito comer animal...

HJ - ... De qualquer espécie...

AS – Coitado do bicho... que culpa tem ele que eu exista? Nenhuma!!, não é?...

E, portanto, dentro disso, de evitar comer animal, há tanta coisa que comer...

E, sobretudo, comer fácil...!!: comer sopa - em lugar de ter que cortar com faca... e garfo... e toda essa complicação... - uma colherada chega!... e fruta... essas coisas...

É extremamente simples viver...! – desde que a pessoa, para viver como vive, tenha o suficiente para comprar as coisas...!

Porque nós estamos nessa contradição, não é?: nascer de graça, e passar o resto da vida a ganhá-la!...

HJ – Pois!...

AS - ... O que é inteiramente absurdo!: desde que nascemos de graça, a vida devia continuar a ser de graça!... E eu insisto sempre nisso, recordando os nossos antepassados do século XIII...

HJ – Mas olhe que nem para os animais isso é de graça...!!...

AS – Diga?...

HJ – Às vezes nem para os animais isso é de graça...!!...

AS – Não é de graça no sentido em que eles não têm que passar um cheque e, felizmente, não têm lá o Collor que impede as pessoas, no Brasil, de receberem cheques, não é? – mas não têm que pagar com cheque, nem com moeda, nem coisa nenhuma...

Eu digo de graça, não é sem fazer esforço...

HJ – Ah!, bom, porque os seus gatos têm de o aturar para... para comerem...

AS – Bom! Eles, coitados...

HJ - Ah! Ah! Ah!

AS - Ah! Ah! Ah! Bom! Eles, coitados, parece que não sentem muito que têm que me aturar!!...

HJ – Não! Tou a brincar...

AS – Não!... Eles lá têm a sua vida o mais independente possível... Eu a minha, também... - o mais independente possível... Isto é, nós nos congratulamos – e assim devia suceder com toda a gente - nos congratulamos na independência de cada um!... Ao passo que muita gente só tem a mania de se congratular quando o outro faz aquilo que ele quer...!!, aquilo que ele manda!!

HJ – Isso leva-me aqui a outra ideia, na qual eu me revejo muitíssimo, porque... porque... me acontece um bocado a mesma coisa: “Nunca percorri estrada que não fosse a de egoísmo/ Bem andada e com cinismo/ Mas cheguei agora ao fim/ Não amo os outros por eles/ Mas por mim”. Será que o verdadeiro egoísta é aquele que melhor aprende depois a amar os outros?

AS – Claro! Quando nós ficamos muito satisfeitos... Quando eu vejo uma pessoa muito satisfeita porque deu uma boa esmola a um pobre, ele deu a boa esmola a ele próprio...

HJ - ... por ele próprio – eu defendo muito isso!

AS - A ele próprio!

HJ – Eu estou sempre a dizer isso...

AS - A ele próprio! Egoísta!! Não vejo que, como sendo homem, aquele que olha todo o mundo à volta, ele pode deixar de ver aquilo que no dito mundo sucede – seja o que for – senão como alguma coisa que o fere ou gratifica a ele próprio...

O que se trata é de não ser tão egoísta, estupidamente egoísta, que se prejudique a si mesmo julgando que se faz um favor...! Há muita gente que, em lugar de proceder de tal maneira que aquilo que faz seja sempre alguma coisa que melhora a ele, de vez em quando se mete numas aventuras e numas manias que só o vão prejudicar, que só o vão diminuir...

HJ – É isso que terá perdido alguns políticos?

AS – Meu querido amigo, perdido político e perdido toda a gente...!! Não só o político...

O desgraçado do político, como anda à vista do público, é aquele que toda a gente censura, ou ataca, ou põe dúvidas, etc.. Mas quanto artista, quanto cientista, quanto místico até, tem por vezes procedido de maneira que não se gratifica, que se está prejudicando... - homens de pensamento nobre, de altíssimo pensamento, de dotes extraordinários de expressão artística ou filosóficos ou religiosos ou qualquer outra e que, no entanto, de vez em quando, mostram umas maneiras de ser, uns aspetos de carácter extremamente discutíveis e extremamente duvidosos...

Então a grande sorte é quando se é egoísta a ponto de aquilo que se faz aos outros se nos servir a nós para melhorarmos, quanto possível, na natureza que somos!

HJ – É por isso que o Professor gosta tanto das crianças? Elas são tão extraordinariamente egoístas e, ao mesmo tempo, tão espantosamente altruístas...

AS – Não! Eu gosto sobretudo delas enquanto não andam na escola, ou enquanto não são estragadas pela família, não é? – quando a criança é espontaneamente livre, espontaneamente imaginativa.

E é por isso que eu insisto sempre em que os portugueses do século XIII – veja como eu sou conservador...! - em que os portugueses do século XIII insistiam em que um dia, na idade final do mundo, quando o divino resplandecer por todo o mundo, são as crianças que vão dirigir o dito mundo.

HJ – Eu ouvi-o dizer isso, numa das outras entrevistas, e estava sentado na sala, e disse de mim para mim: se eu estivesse ali com eles, teria se calhar dito ao Professor o seguinte: no século XIII talvez isso fosse plausível e possível, como é que as crianças se podem autodirigir, sem educadores e sem pedagogos numa vida carregada de heroínas e haxes e craks e...

AS – Por isso mesmo, meu querido amigo, é que ainda está muito bem que existam aquilo a que chamam educadores, pedagogos, instrutores – o que quiserem chamar-se, não é?

Mas o que nós temos que fazer é simplificar a vida de tal maneira que isso não seja mais necessário: hoje o grande automóvel seria o automóvel inteiramente automático ao qual nós comunicássemos o nosso pensamento (nem sequer tem computador nenhum...)...

HJ – Só que há...

AS – ... só o nosso pensamento e ele cumprisse...

HJ - Só que há automóveis muito perto disso – que são caríssimos, custam quarenta e cinquenta mil contos – e, para os comprar, os passadores de droga não hesitam em vender vários quilos de heroína para, depois, poderem ter um automóvel...

AS – Meu querido amigo...

HJ – Como é que se corta isto?...

AS – Meu querido amigo, o ponto importante não está com os traficantes de droga: o ponto importante de todo esse problema da droga está com o consumo da droga e com a plantação da droga!... Porque é que o peruano planta droga, em lugar de plantar batata ou milho?!...

HJ – Porque há consumidores...

AS - Porque ganha muito mais dinheiro...

HJ – Pois!... Como é que se...?

AS - ... vendendo a droga, do que vendendo outro produto natural...!...

HJ – Como é que se anula o consumo?...

AS – E depois no consumo, a mesma coisa: se a vida fosse apaixonante, se as pessoas estivessem enamoradas com o viver, faziam o que nenhum namorado faz: nenhum namorado se anestesia completamente antes de ver a sua amada... Ninguém se anesthesiaria para a vida!...

É porque a vida, para a maior parte da gente, não presta para nada, é um tormento, e um tormento por circunstâncias que podiam perfeitamente ser modificadas – e não são! (por motivos de evolução geral, ou por motivos egoístas deste ou daquele) e portanto as pessoas o jeito é drogar-se!...

HJ – Sabe que é das coisas que eu tenho achado... - desculpe interrompê-lo, mas é tão pouco..., gostava de estar aqui a noite... - mas uma das coisas que eu tenho achado mais pedagógicas e mais importantes nos seus programas, é numa sociedade onde se vende constantemente a imagem da juventude da anquinha estreita, do consumo de coisas bonitas, de gente de 20 anos a andar de mota e a beber refrigerantes, é a primeira vez, talvez, que aparece alguém a avisar as pessoas que estão a chegar à sua terceira idade, de que têm que se agarrar à vida e arranjar outros estímulos, senão a vida vai ser uma enorme e desmedida maçada até ao seu final.

E nós não somos educados, hoje em dia, para isso!

AS – Pois não!

HJ – Ninguém nos avisa, toda a gente nos mostra imagens de juventude e de beleza física e de coisas extraordinárias, mas ninguém nos avisa, ninguém nos acende uma luz a dizer: Atenção que vais envelhecer, vai-te já preparando para isso, porque é já amanhã!!

AS – Claro! Como ninguém, quando prepara um soldado, o prepara para a vida civil que ele vai ter depois!... Prepara-o para ser soldado!...

Nós somos todos soldados para produzir coisas num mundo que é preciso que elas cheguem a todos...!!... E produzir cada vez mais!... E ninguém nos está preparando para a tal vida civil que será a de poder viver sem a ideia de que se é um produtor! – como o soldado, um dia tem que viver sem se lembrar que é da artilharia, ou da cavalaria...

Então as escolas, todas elas precisavam de, ao mesmo tempo que preparam o homem para essa tarefa da produção, o preparar para quando ele estiver reformado de ser soldado produtor, e puder ser o artista que nasceu, o místico que nasceu, o cientista que nasceu... E é por isso que temos, a cada passo, de olhar a escola como uma parada de quartel em que se tem que aprender a marchar e a atirar e, por outro lado, como um lugar onde eu posso ter todos os meios de expressão do que eu for para, quando chegar à reforma, eu ser inteiramente esse poeta que nasci, e não o soldado que me habituaram a ser...

HJ – Esta tem tanto de pequenina quanto de desconcertante e de bonita: “Papoula teria sido de preferência a por homem ter vivido”.

AS – Porque é que se escreveu isso!?!...

HJ – Sim!

AS – Eu digo porque é que se escreveu isso?!... Porque o que eu tenho que dizer contra a minha poesia é que talvez o único mérito dela seja a de ser involuntária: aparece! Aparece, e eu registo-a!... Simplesmente.

HJ – E porquê uma papoila?

AS – E depois... Uma papoila!?!... eu gosto muito da papoila, não é assim?!... De maneira que ter aquela cor viva, a um sol maravilhoso, durar relativamente pouco tempo mas, enquanto dura, ser realmente aquilo que é...

Ao passo que ser homem é uma aventura muito mais complicada: muitas vezes se murcha, depois se retoma a cor, voltam as coisas dum lado e outro, etc.... Então teria sido muito mais lindo ser papoila do que gente, não é?!...

HJ – No entanto, o Professor tem umas cores extraordinárias – não sei se será por causa de uma das suas características que vem aqui nesta poesia... hããã... à qual a administração da tabaqueira não vai achar piada nenhuma: “Mas que gente esta tão triste/ Fumadores e fumadoras/ Com o seu império perdido e o seu passado esquecido e o futuro inconcebido/ Mas tem a vida a seus jeitos/ Com os seus destinos perfeitos/ Os seus planos a cumprir/ Só não os quis descobrir/ Para nada os demolir/ Que ridícula figura/ Farão perante os seus netos/ Se é que têm energia bastante para haver netos/ Ou se não recusem estes a nascer de tais avós/ Que sois, claro, todos vós/ E seremos todos nós/ Se formos no mesmo rumo/ Com uma exceção, parece/ Esta de mim/ Que não fumo”. Fumar...?

AS – Não...!...

HJ – Está fora de questão?

AS - É qualquer espécie de tabaco...!...

HJ – Mesmo charuto?... ãh! ãh!...

AS – Pode não ser... Pode ser vinho...!!...

HJ – Ah! Bom!!...

AS – Pode ser sonho...

HJ – Portanto, isto é metafórico...

AS – Pode ser qualquer coisa... Inteiramente metafórico! Apenas como fumo é uma metáfora que facilmente se entende, adotei o fumo – podia ter adotado drogas mais complicadas...

Podia... - até rimava com fumo: consumo, por exemplo. O consumo é uma droga: as pessoas andam metidas nessa coisa de comprar no... nos... supermercados Modelos, enormes, imensos, etc., não é?, exatamente como se fosse coca.

HJ – O Professor tem noção que há muita gente que o está a fumar às quintas feiras?

AS – Que está a...?...

HJ – A fumá-lo às quintas feiras à noite, hoje em dia?

AS – Pode ser... que sim!

HJ – E gosta...?...

AS - O quê?! Quando ouvem estas gravações que nós fazemos?... Pode ser que sim...

HJ – E dá-lhe prazer?

AS - ... pode ser que também seja uma droga... - só que eu não tenho a culpa de ser droga...! Eles têm a culpa de me tomar como droga!

HJ – Bom! Ããã... Não queria deixar de dizer esta porque vem, no fundo, corroborar aquilo que já se falou: “Pé bem firme/ Leve dança/ Que o saber seja de adulto/ Mas o brincar de criança” – aí estamos perfeitamente de acordo: acho que um dos nossos maiores erros é deixarmos morrer a criança com que nascemos...

AS – Claro! É evidente!... Ficamos com saudades da criança que fomos – coisa inteiramente absurda!!

E provavelmente o verdadeiro génio é aquele que foi criança até ao fim...!

HJ – E... não queria... Queria acabar esta conversa que para mim só teve o defeito de ser muito pequenina...

AS – Oxalá ??? Eu não sei se teria sido demasiadamente longa da minha parte...

HJ – Não acredito!... Isto faz parte de dez quadras que constituem esta poesia, mas eu vou só ler a primeira quadra, porque tem um bocado a haver comigo: “Queria que os

portugueses tivessem senso de humor/ E não vissem como génio todo aquele que é doutor”. E depois continua. Os portugueses têm pouco senso de humor?

AS – Eu acho que sim... São facilmente vulneráveis àquilo que sucede no mundo, são facilmente pessimistas e, às vezes, eles estão tocando o pessimismo como quem toca guitarra – para se entreterem, não é? Vão dizendo: se amanhã estivermos vivos; se lá chegarmos; oxalá possamos chegar; etc.. Não é? Como se estivessem dando à vida – que é monótona para eles – um tempero excitante de poderem não estar vivos daí a uns minutos...

HJ – Como é que a gente faz para eles aprenderem a rir melhor?

AS – Não! Não é preciso...

HJ – ãh! ãh! ãh!...

AS – Não fazemos nada...!! Quer dizer, temos é que amar cada vez mais a vida e a ter cada vez mais ampla, e fazemos tudo na nossa pequena área, ou na nossa área maior para que ela assim seja, para ver se as pessoas se despem desse pessimismo. Se andando vivos na vida – ao passo que a maior parte da gente faz de morto para que a vida não o agrida a ele - andando vivos na vida chegemos a ter um entusiasmo comunicativo (a nós próprios sempre!), e comunicativo, contagioso, para todos aqueles que conosco lidarem, não é?

HJ – Professor, muito obrigado, vou continuá-lo a fumar todas as quintas feiras.

AS – ãh! ãh! Muito obrigado também!

Entrevista nº 11: com Miguel Esteves Cardoso

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Miguel Esteves Cardoso (MEC)

MEC – Boa noite!

AS - Boa noite!

MEC – Eu queria fazer-lhe uma série de perguntas simples que ainda não lhe fizeram. Primeiro: é monárquico?

AS – Está-me a perguntar se eu sou monárquico?!... Diga-me o que é ser monárquico...!?!...

MEC – É preferir um rei a um presidente da república...!

AS – Bom!... E por exemplo, se houver uma coisa conjunta de presidente-rei – é monárquico ou republicano?!

MEC - ... como Sidónio Pais: é republicano!

AS – Não, não! Ele não foi isso! Ele foi chamado rei, ou presidente-rei, pelo povo! Mas não estava na constituição!

Suponha o meu amigo que, na constituição, alguém se lembrava dessa figura do presidente-rei... Isto é – vamos pôr a questão assim: para mim, um presidente da república é aquela pessoa na qual o cidadão delega poderes que também teria se fosse presidente da república; mas acha que o outro é mais competente, que sabe melhor como se deve mover neste ou naquele campo, então delega o poder, e ele é o presidente da república.

Mas, eu creio que os portugueses, quando tinham um rei, viam no rei, a certa altura, alguma coisa de diferente: um homem que tinha um poder que nenhum dos cidadãos tinha – era alguém que era um delegado de poder, mas um poder que excedia o poder do cidadão.

Então, o que acontecia na realidade com a monarquia portuguesa, era que o filho do rei, o primogénito do rei que reinava, ou que tinha reinado, era considerado o candidato natural a ser rei. Apresentava-se às cortes gerais, mas as cortes gerais só o declaravam rei depois de ele ter jurado as leis fundamentais do reino - a que se tinha juntado antes, naturalmente, uma certa opinião que as cortes gerais, os seus delegados tinham a respeito daquela personalidade! E ainda mais: é que quando esse rei não satisfazia os portugueses, os portugueses calmamente o punham de lado!

Então, o que aconteceu naquelas cortes do século XVIII, do século XVII, em que tratou de se substituir o Afonso VI - que se julgava incompetente para reinar – pelo Pedro II, houve um delegado que falou especialmente sobre isso: sobre o rei de Portugal ser um rei eleito! Mas então ele era rei eleito primeiro porque cada português achava que podia delegar nele os poderes que ele próprio teria; mas, por outro lado, porque esse homem – depois de ter jurado as leis essenciais do reino – tinha outros poderes, ou adquiria outros poderes que ele não tinha!

Isto é: no fim de contas, sucedia na monarquia portuguesa alguma coisa como me parece ter no Vaticano: quando um Papa morre, os cardeais a primeira coisa que elegem é um cardeal capaz de ser o chefe de estado da cidade do Vaticano... E depois é que o Papa recebe, por uma série de cerimónias propriamente religiosas, um poder superior...! – vamos pôr: o poder do Espírito Santo! – que nenhum dos cardeais tem até ao momento de, um dia, quando for Papa, ter!

Então, um presidente-rei em Portugal seria um homem que, por um lado, era republicano – satisfazendo o que eram os municípios no tempo da monarquia portuguesa (eram municípios republicanos...!!). Esse primeiro município português – o município que dobrou o Cabo da Boa Esperança – era um regime extremamente curioso e interessante...!!...: era uma conjunção de municípios republicanos, alguns deles anteriores à própria fundação de Portugal, coordenados por uma política de coordenação, por um rei que tinha o poder de vetar, se quisesse!!... E, depois para avaliar o veto de rei, não havia disposição nenhuma!...

De maneira que eu lhe pergunto: que regime é que teria Portugal se hoje fosse possível pensar num presidente-rei?... Isto é, um presidente que coordenasse municípios

republicanos segundo uma lei republicana e, ao mesmo tempo, quando entendesse conveniente, pulasse por cima disso...

Mas o amigo tem uma coisa para meninos, um regime extremamente interessante que é nas leis do escutismo de Baden Powell: o chefe escuteiro é obrigado a obedecer à lei geral do escutismo; pode, porém, se entender que as circunstâncias são outras, tomar uma resolução que não está nas leis do escutismo... - depois o procedimento dele vai ser avaliado...! E é curioso que isso foi feito por um militar: o Baden Powell! Porque o Baden Powell, como militar, sabia perfeitamente que, de vez em quando, a grande virtude do militar é ultrapassar as ordens do general-em-chefe...!!, e fazer o que lhe apetece na ocasião do campo de batalha!... – assim é que ele as ganha!!

De modo que eu pergunto ao meu amigo que sentido tem perguntar-me a mim se eu sou monárquico ou republicano...!!?... Talvez...

MEC – Tem o maior... tem o maior sentido!!

AS - ...Talvez... Em primeiro lugar...

MEC – Porque há muitas monarquias...

AS – Há, meu amigo...

MEC – E é muito diferente uma monarquia da outra...

AS – Há!... Mas nós temos que ver com as monarquias em Portugal!!

MEC – E a monarquia portuguesa também é diferente...

AS – Meu amigo...!!...

MEC – ...dentro da sua história!...

AS - Meu amigo...!!...

MEC - Não é tudo igual!...

AS – Portugal... Portugal teve duas monarquias...

MEC – Eu queria que respondesse à pergunta sim ou não – porque nunca responde!...

AS – Sim... Não não não!! Não respondo...

MEC - Nunca responde!!...

AS - ...à pergunta sim ou não!!... Porque perguntar à pessoa se ela é monárquica ou não, é referente a uma determinada situação, ou não!

E então, meu amigo, aqui em Portugal houve duas espécies de monarquia...

MEC – Então... então, já percebi que não é monárquico...

AS - ...a monarquia que dobrou o Cabo da Boa Esperança, e depois outra monarquia a que muita gente chama a época de absolutismo real...!... – que começa não com o D. João II como se calcula, mas com o próprio D. João I que declarou que, numa terra doada a quem o tinha auxiliado na guerra com a Espanha, os vassallos não eram do homem a quem se doara a terra, os vassallos eram dele D. João I!!...

E a coisa era tão estranha para os costumes portugueses anteriores a isso, que vária gente que estivera nas batalhas com o D. João – inclusive o Nun'Álvares – hesitou muito...

MEC – Pois, eu já me...

AS - ...em aceitar, ou não aceitar, aquela coisa!...

MEC – Mas...

AS – Então a segunda monarquia portuguesa – a que muita gente chama o absolutismo real – eu digo: absolutismo real coisa nenhuma!!... Portugal tinha entrado noutra circunstância: tinha que afrontar o fim do Império do Oriente, a desordem em que aquilo andava - quarenta anos ou cinquenta anos depois do Vasco da Gama ter chegado

a Calecute e, ao mesmo tempo, de construir o Império que durou, que foi o Império do Ocidente a que hoje se chama Brasil...!

Então não houve absolutismo real: o que houve é o regime do capitão a bordo – a situação era tão difícil que se no navio reunisse assembleia geral, acontecia o que aconteceria a todos os navios onde havia assembleias gerais: ia tudo para o fundo...!!...

E o que é que acontece hoje em Portugal?... O que acontece desde 1800 (vamos pôr assim uma data geral...)?... É que, com o embarque do nosso amigo D. João VI para o Brasil, já não há mais a monarquia que dobrou o Cabo da Boa Esperança, e não há mais a monarquia do capitão a bordo!...

Então Portugal, o que acontece em Portugal, ao que me parece, é que Portugal não tem um regime português de há duzentos anos para cá!!... – desde 1800!! Não é?

Quando um governo está aflito, vai ao shopping centre – oxalá que não seja o das Amoreiras!... – saber o que veio ultimamente da França ou da Inglaterra para aplicar...!!...

MEC – A república também é uma importação!?!...

AS – Meu querido amigo!... Tudo o que eu digo... Eu não estou a distinguir república de...

MEC – Há de reparar...

AS - ...monárquico...

MEC - Sabe os nomes dos presidentes da república que já houve em Portugal?! Os nomes dos reis sabe... Sabe muito bem, e escreve lindamente sobre eles, mas aposto que não sabe os nomes dos presidentes da república...!?!?

AS – Ai não, não sei!!... Hã! Hã!!

Meu amigo...! Recitaria vários deles, e com os elogios necessários, e as coisas notáveis que foram!... O problema não foi dos presidentes da república!... O problema não foi de nenhum dos políticos portugueses!... – O problema foi que se herdou da monarquia para a república de 1810, e da república para o que se seguiu, se herdou o não haver um regime em Portugal!

Uma das coisas que, hoje, Portugal tinha que pensar é: como é que vai ser um regime português!!... – E não é coisa que eu ou o meu amigo nos sentemos a uma mesa, e começemos a pôr por escrito o que é que deve ser um regime português...!!...

É uma coisa que temos que deixar surgir da vida...!! E a vida nos vai dizer, pelas experiências que fizermos, aqui ou acolá...

MEC – Mas olhe que, nesse sentido...

AS - ... como é que haverá um regime português!

MEC - Nesse sentido, este regime é o mais português de todos, porque é o deixa andar!...

AS – Nããão, meu amigo!...

MEC - É muito português!!...

AS – Não, meu amigo!...

Essa ideia de deixa andar foi uma ideia dos portugueses preguiçosos que não quiseram nunca embarcar para a Índia – mesmo sabendo que depois podia haver a Ilha dos Amores! – nem nunca quiseram embarcar para o Brasil, nem nunca quiseram meter-se em algumas das aventuras extraordinárias dos portugueses – inclusive a daquela aventura tão extraordinária como a das anteriores da história dos homens que, no Inverno, passavam os Pirenéus a salto, muitas vezes abandonados por...

MEC – Sim, mas por exemplo quando...

AS - ... aqueles que os tinham contratado...!!...

MEC - ... quando diz mal da Renascença, e quando diz mal do D. João II...

AS – Eu não digo mal da Renascença!...

MEC – Diz! Diz, diz!...

AS – Não, meu amigo!

MEC – Tenho aqui!!...

AS – Não!! Querido amigo...

MEC – Quando critica...

AS – Não!!...

MEC - ... a Renascença e critica o D. João II...

AS – Não!! Não e não!!!

MEC - ... está a criticar também os Descobrimentos!...

AS – Não!!!...

MEC – Há aí uma contradição...!!

AS – Era o que faltava, haver contradição!...

Eu, o que digo, é que Portugal, a certa altura, teve que ajudar a cumprir o que era a missão do império romano: o império romano...

MEC – Mas você diz mal do império romano!...

AS – Ó menino...!!...

MEC - ... e do lugar do romano!... E do lugar de cesarista...

AS – Eu não digo mal de nada na História! Eu o que posso dizer...

MEC – Diz diz!... Diz diz!...

AS – ...é que há possibilidade de melhores acontecimentos históricos...!!...

O que aconteceu com Portugal foi que a cultura com que me aparece Portugal no princípio – a cultura com que apareceu ao Herculano, por exemplo, para não estar a citar-me a mim, não é?: tenho menos importância que o Herculano, naturalmente!... – mas a cultura que Portugal tinha, ela teve que ficar na prateleira, teve que ser posta de parte: a economia comunitária; a educação pela vida; o governo de coordenação, o acreditar no Espírito Santo, isto é, no divino absolutamente divino, no divino sem personalização! Tudo isso teve que ser posto de parte para os navios portugueses transportarem ao mundo o império romano!... E, por isso, vamos ter outra Idade Média...!!... A outra Idade Média foi porque os bárbaros invadiram o Império Romano...!!

A Idade Média em que vamos entrar é porque o Império Romano invadiu os bárbaros...!!... Então quero ver como é que se sai dessa segunda situação!!... E aí Portugal tem que pensar bem no que foi, a ver se a tal cultura sua – que ficou na prateleira para o Império Romano se estender ao mundo – não tem que ser agora cuidadosamente retirada da prateleira, pensada momento a momento, episódio a episódio, experimentada em laboratórios bem restritos para não haver atrapalhões públicas, a ver se, no futuro, se consegue para Portugal um regime em português com o qual ele possa ir de novo ao mundo!...

Ir ao mundo não foi só um episódio daquela época!!... – Portugal pode ir de novo ao mundo!!... Talvez uma esperança que o mundo inteiro tem, sem consciência própria, foi que aqueles homens que lhe construíram o mar não lhe venham a construir aquilo que eu lhe chamo o céu!!...!!... – o céu na terra!!, entenda-se, não o teológico!

MEC – Eu acho... eu acho...

AS - Ora diga...

MEC – Mas eu acho... eu acho que isso pode tornar-se numa obsessão doentia...

AS – Diga!?...

MEC - Pode tornar-se numa obsessão doentia...

AS – Claro, meu senhor!...

MEC – Uma pessoa fixar-se num episódio do passado...

AS - Claro, meu senhor!...

MEC - ... e querer que ele volte a acontecer no futuro...!...

AS – Claro! Todo o remédio que a pessoa...

MEC – Portugal...

AS – Olhe...

MEC – Não não, eu queria fazer uma pergunta: não acha que Portugal tem de ter sentido sem isso, sem essa... sem esse sebastianismo!?...

AS – Não...!...

O meu amigo pode ver em que altura é que lhe pareceu que Portugal estava perfeitamente certo, e cumprindo exatamente a sua natureza!...

E pode depois achar, com tanto português emigrando lá a partir do século XV ou XVI – com tanto português indo embora!!... para o Brasil, ou para a África, ou para o Oriente... porque já não aguentava viver num Portugal transformado – se não eram esses portugueses que tinham razão!!...

E se a emigração que houve para o Brasil não era, no fim de contas, uma emigração para o mundo futuro que satisfizesse, não perdendo nada de tudo que se ganhara com a ida do império romano ao mundo, que juntasse as coisas autenticamente portuguesas para haver uma nova maneira de viver no mundo! E eu acredito nisso!! Eu acredito que Portugal...

MEC – Mas Portugal existe! Portugal existe! Existe agora!...

AS - Existe agora, meu senhor!

MEC – Então não se pode dizer que há duzentos anos não há um regime português...?!

AS - Diga! Diga...?!...

MEC - Não se pode dizer que há duzentos anos não há um regime português!...

AS – Claro! É português porque há Portugal! Mas o amigo, logo no princípio, tem uma dificuldade com Portugal: o amigo não pode garantir, e provar, que português se chama português porque nasceu em Portugal!...

Mas pode imaginar que Portugal nasceu porque foi construído já por portugueses – que eram uns homens incríveis que viram na península hispânica um país que nunca ninguém tinha visto!!! Eles olharam para o mapa – como se isso fosse possível – e viram ao longo da costa um país que, bem contido do lado de dentro de inimigos que poderia ter, e até do lado do Norte (deixando a Galiza ir para o outro lado para não se ser agarrado e levado para o Reino de Leão que deu depois todo o resto) que essa gente viu aquele país novo, e resolveu construí-lo!...

Então, eu diria assim: o português antes de Portugal, que fizeram um país à sua medida!

MEC – Agora, posso-lhe fazer uma crítica?... Eu sou discípulo seu...

AS – Não pode fazer – deve fazer!

MEC - ... sempre desde miúdo... desde miúdo que leio os seus livros. Portanto, eu estou a ser propositadamente crítico: eu acho que no seu... nos seus ensaios pensa-se o passado e pensa-se o futuro, mas despreza-se o presente totalmente!

AS – De maneira nenhuma...!... Meu amigo...

MEC – É!... Da maneira como fala, fala sempre do passado, e do futuro... Mas não fala do presente!!

AS – Claro! Porque não!?...

MEC – O presente é sempre, para si, a altura em que se reflete sobre o passado, ou sobre o futuro...

AS – Não!!...

MEC - ...mas que, em si mesmo, não tem valor!...

AS – Não! De jeito nenhum!!

MEC – Éééé!...

AS – Meu amigo, se eu fosse...

MEC – E isso prende-se...

AS – Ouça: se eu fosse um homem de ciência, de laboratório, eu tinha, de cada vez que ia tentar uma experiência de física, estar solidamente ancorado no presente – mas conhecer toda a física para trás, e ter uma ideia de como podia ser a física do futuro... Pois!!...

MEC – Mas na sua maneira...

AS – A atitude científica é estar solidamente ancorado no presente, não esquecer nenhum dos passos do passado, nem esquecer nenhuma possibilidade do futuro...!! Porque se não a pessoa, fixada no presente, sem atender ao passado e sem atender ao futuro, fica naquela situação triste em que ficaram os gregos, que nunca se livraram da presença do tempo e do espaço!!...

MEC – Tomáramos nós! Tomáramos nós!...

AS - ... das prisões do tempo e do espaço...!!...

MEC - Mas, de qualquer maneira, eu acho que o passado, nos seus ensaios, está demasiado bem definido, e o futuro é demasiado nebuloso...

AS – Eu não creio!!...

MEC – O presente não existe!

AS – Meu querido amigo, como é um passado demasiado... um futuro demasiadamente nebuloso?!...!!...

MEC – Fala... fala... fala com certeza mais do passado...!

AS – Dá-me licença?

MEC – Sim, sim!

AS – Ser demasiadamente nebuloso quando eu digo: o futuro, para os portugueses... - não me estou a citar a mim...!!, eu estou a citar a gente da Santa Isabel e do D. Dinis... - o divino deve ser adorado em toda a sua plenitude, sem ser restrito a personagens, que convém a um momento, ou convém a uma circunstância. Segunda coisa: o futuro deve ser de tal maneira que nenhuma criança, ao nascer, se sinta torpedeada pela vida de maneira que julga que tem que desistir de ser para existir apenas como aquilo que a vida a obriga a ser. Terceira coisa: é nebuloso os portugueses desse tempo dizerem toda a vida quotidiana, toda a vida material, um dia deve ser inteiramente grátis?!...; e é ainda nebuloso, quando eles dizem uma das coisas que o menino imperador do mundo - menino imperador do mundo – tem que fazer é abrir as cadeias, soltar todos os presos, e ter a certeza de que daí por diante, sendo o menino livre e sendo a vida gratuita, nunca mais se poderá contar e de ter medo dessa figura terrível que não consegue arrear que é a figura do crime! Nebuloso isto?!...! – Não!

MEC – Isto para mim é extremamente nebuloso!

AS – Ah!! Meu querido amigo...

MEC – Com base no menino...

AS – Então, olhe...

MEC - Não é nebuloso no passado...

AS - Não é nebuloso para aquela gente!...

MEC – Pois não! Não era nebuloso no passado...

AS – E hoje? Hoje é nebuloso?!...

MEC - Hoje é nebuloso!

AS – É nebuloso!!!...!! Quando o meu amigo tem uma ciência e uma técnica avançando fortemente, dia a dia, para que cada um na vida possa ter tudo aquilo que quer sem ter que estar preso por essa contradição terrível que é nascer-se de graça e ter que continuar a vida ganhando-a hora a hora e tempo a tempo, e ainda por cima...

MEC – não vai acontecer tão cedo...

AS – ...há coisa absurda suprema de ter que pagar a morte?!... Quando a ciência e a tecnologia avançam para isso?!...!!... O meu amigo está muito mais adiantado que os homens do século XIII...!!... – O meu amigo, hoje, pode sustentar gente que é a primeira de tempo inteiramente livre no mundo...!!..., aquilo a que nós chamamos o desempregado, porque só estamos habituados a um processo, a um vocabulário...

MEC – Mas isso ainda não existe, isso não existe...

AS - ...a um vocabulário que é do passado...

MEC - Nós temos que trabalhar ainda, isso não existe!

AS – O desempregado...

MEC – Em cada... em cada...

AS – Meu querido amigo, o desempregado que nunca consegue encontrar emprego!?!...
Tem que trabalhar ainda, como!?!...

MEC – Não, o que estou a dizer é que não existe ainda...

AS – Como é que ele encontra trabalho?!...

MEC – Não, o que estou a dizer é que não existe ainda um avanço na ciência e na tecnologia que nos permita não fazer nada, ou não ter que trabalhar para viver!...

AS – Claro!... Um dia vai haver! Já há hoje...

MEC – Não, não vai haver! Não, não há!...

AS – Ah!, não há?!... Quer dizer, o meu amigo avança...

AS – Faz favor!?!...

MEC – Faz favor!...

AS – Quer dizer, avança a ciência e avança a tecnologia, e o seu sonho de futuro é continuar a ser o escravo que a maior parte da gente é hoje no mundo, quando podia ser o poeta que nasce, e poeta inteiramente livre?!...!!...

MEC – Não! Eu acho que o homem é escravo e poeta em cada momento.

AS – Oh!...

MEC – Essa é que é a verdade!

AS – Essa... Quer dizer,...

MEC – Não é tão simples...!! Não é tão simples...!!

AS - Quer dizer, o meu amigo está satisfeito...

MEC – Estou, estou...!...

AS - ...de, sendo um poeta como é – porque eu o considero poeta!...

MEC – Não! Eu estou satisf...

AS – O meu amigo está muito contente de ser escravo ao mesmo tempo!?...!!...?!

MEC – Nem satisfeito, nem insatisfeito! Eu sou escravo - como todos nós somos escravos, alguns mais, outros menos – e poetas!...

AS – Não!, meu querido amigo...!!... Não! Não! Não!...

MEC - A ideia que... a ideia que, no futuro, deixaremos de ser escravos...

AS – Não, não! Não!, nada disso...!!

MEC - ...é uma ideia utópica!!

AS – Nós o que temos é que nos libertar...

MEC – Nunca nos libertaremos...!

AS - ...a nós próprios, e nos libertarmos a todos...

Como é que o amigo diz que nunca nos libertaremos, como se conhecesse o futuro!?...!!...

MEC – Porque nunca nos libertámos...!...

AS – Então, afinal, o amigo conhece o futuro...!...

MEC – Não, não conheço o futuro...!

AS – Para vir dizer que nunca nos libertaremos...

MEC – Mas presumo que é parecido com o passado...! Hã! Hã! Hã!

AS – Se o meu amigo tiver respeito pelo futuro, apenas pode dizer: “Talvez nunca nos libertemos!; É provável que nunca nos...”. Faça favor de obedecer a um princípio da Física, chamado o Princípio de Heisenberg, que diz apenas que tal acontecimento é provável!!

E ainda hoje, com o tal Princípio de Heisenberg em perigo, por causa do avanço da geometria, da geometria fractal...!... – pode ser que dê cabo disso!!... Eu acho que não!!... Eu acho que vai sempre haver o Princípio de Heisenberg, que o futuro é apenas alguma coisa de provável!... - só que nós podemos escolher do provável aquilo que nos dê a nós e aos outros liberdade!...

Eu não aceitarei nunca que esteja nítido no mundo que nós somos escravos...!! Somos poetas livres, somos à imagem de Deus criador livre...

MEC – Somos escravos do nosso corpo...

AS – Diga?!...

MEC - ...somos escravos da nossa idade...

AS - Meu querido amigo, coisa...

MEC - ...somos escravos da nossa bolsa...

AS – Não!...

MEC - ...somos escravos do tempo...

AS – Não!...

MEC - ...somos escravos da família...

AS – Não!... Não!...

MEC - ...do clima...

AS – Não!... Não!...

MEC - ...e escravos da história, também!...

AS – Não!...

MEC - ...Escravos da língua...!...

AS – Não! Nada disso!... O meu amigo pode continuar a dizer isso...

MEC – E poetas!... Escravos e poetas!

AS – Não!...

MEC – Aliás, essa é a sua... a sua lição!...

AS – O meu amigo apenas está a fazer...

MEC – Porque eu faço esta crítica: nos livros...

AS – Diga!...

MEC – Nos livros é mais complexo do que quando fala – é natural, porque eu acho que as conversas, em si, não têm grande valor...!

AS – Sim!?!...

MEC – As conversas...! Qualquer conversa!!

AS – Isso...!!

MEC - Não há nada como os livros!!

AS – Não! Eu acho que não há nada como a conversa!!

MEC – Nos seus livros... Não!!...

AS – Não!!... Não!, meu amigo! Não, não!!...

MEC - Nos seus livros... é complexo, mas depois, quando fala, é demasiado simples!!...

AS – Livro!?... Meu amigo, livro é uma coisa morta!...

MEC – Não é, não!...

AS – Dentro de pouco tempo, talvez deixem de existir livros!...!!...

MEC – Nós é que vamos deixar de existir...!!!...

AS – Talvez a...

MEC – Nós é que vamos deixar de existir!!... Nós é que vamos morrer...

AS – Não faz mal!...

MEC – A conversa... - palavras leva-as o vento...!...

AS – Também é uma coisa que o amigo não pode garantir: que nós vamos morrer! Não se sabe!...

MEC – Que vamos morrer, garanto-lhe!

AS – Não! Que temos visto os outros morrerem, sem dúvida...

MEC – Não não!! E vamos morrer de certeza! Garanto-lhe!

AS – Não é de certeza!... Que certeza tem o amigo de morrer?!...

MEC – É provável, é como dizia o Heisenberg! Dou-lhe 99,99% de certeza...!!

AS – Não!:: é provável que morra!...

MEC – Pois exatamente!...

AS – Até agora, a única experiência que temos de morte é a dos outros, não é a nossa!...

MEC – E chega! Devia chegar para nos convencer...!!

AS – Para nos convencer de quê?!...

MEC – Que também vamos morrer...

AS – Não!... Temos visto tanta gente ser atropelada por automóvel...

MEC – Isso é uma humildade que nós devíamos ter...!

AS – ...como é que vamos agora convencer que também vamos ser atropelados por automóvel?!...

MEC – Vamos morrer de certeza absoluta!

AS – Não, meu amigo!...

MEC – Tão certo como nascemos...!!

AS – O meu amigo ponha sempre probabilidade!...

MEC – Não ponho, não!!... Nesse caso não se pode pôr!

AS – Então não ponha!... Isso é com o meu amigo!

MEC - Porque se não se é simples, não se é simples... Porque se não nunca se pode responder às perguntas!...

AS – Não! Não!

MEC – Agora falta pouco tempo, e eu tenho muitas coisas para fazer!...

Outra crítica... Outra crítica...

AS – Faça favor de fazer pergunta que tenha fundamento, e obterá a resposta...!...

MEC – Com certeza! Acho que existe, na sua obra, uma grande xenofobia... em relação, ou seja... (posso só um minutinho?..)

AS – Não! Não!...

MEC – Que é uma sorte nascer-se português; que é uma desgraça ser-se dinamarquês...

AS – Meu amigo, existe xenofobia...

MEC – Existe!...

AS – E quando eu lhe vou explicar que não existe xenofobia...

MEC – Que é pouco português, xenofobia, que é contraditório com a sua...

AS - ... (o amigo manda-me parar)...!...

MEC - ...com a sua mensagem, com a mensagem do Vieira...

AS – Não é nada!!

MEC – É, é!

AS – É achar que um alemão, ou um japonês – cujo entusiasmo é de trabalhar – são (já o tenho dito várias vezes!) pessoas a quem devemos agradecer na vida quase tudo o que temos de material na vida, e de científico, porque se lançaram a isso, sacrificando a sua humanidade! Eu não sou xenófobo...

MEC – Mas diz muito mal deles...

AS – O que digo é que aquela gente que teve a sorte de não estar tão empenhada no trabalho como eles estavam, é que conservou mais a sua humanidade – e não cito só os portugueses...

MEC – E está a dizer que eles não conservaram a humanidade?!!...

AS - ...eu citarei todos os africanos...

MEC - Eles não conservaram a humanidade?!!...

AS - O quê? Eles?... Raríssima! E pouquíssima!! Ainda agora, nessa unificação da Alemanha, lá voltaram às ruas, a berrar com as pessoas, a bater nas pessoas, etc..

MEC – Mas se diz que os livros são mortos, mas a cultura alemã tem muita mais humanidade que a nossa...!? É mais rica...

AS – Meu querido amigo...

MEC - ... é mais vasta...

AS – Não! Não é cultura alemã...

MEC - ...tem pessoas mais inteligentes...

AS – Não, meu querido amigo! Não!...

MEC - ...tem escritores melhores – essa é que é a verdade!...

AS – Não é cultura alemã: é a cultura de certos alemães que quase todos detestaram viver na Alemanha...

MEC – É verdade! É verdade! É, isso é verdade!...

AS - ...e estarem como presos na Alemanha!...

MEC – Mas é essa cultura que interessa! Essa é a cultura que fica...!...

AS – É a cultura que fica... Não!...

MEC – É que nós temos a certeza que... nós morremos, mas...

AS – É a cultura humana – que nos vai servir também a nós!...

MEC – ...agora os livros, ficam! Os livros não são coisas mortas...!!

AS – Ao passo que Portugal – esse, no conjunto da sua população...

MEC - ... é que tem sorte!

AS - ...essa é muito mais culta do que qualquer cultura do povo alemão ou de qualquer outro...

MEC – Não pode ser! Um povo não pode ser mais culto do que outro. Um povo não pode ser mais culto do que outro – isso é uma arrogância!...

AS – Depende daquilo que o meu amigo chama cultura...! A que é que chama cultura?...

MEC – Não! Isso é... Responde sempre isso!... Responde sempre uma pergunta!...

AS – Posso fazer-lhe uma pergunta?

MEC – Pode!... O que é, eu falava-lhe durante uma hora...

AS – A que é que chama cultura?

MEC - ...sobre cultura...

AS – Diga?...

MEC – Cultura é o conjunto dos hábitos, dos valores, das emoções, das tradições...

AS – Bom! Isso é cultura segundo a Antropologia, por exemplo.

MEC – Pois! É como eu defino a cultura!...

AS – É que o amigo fala a cultura dos polinésios, e tal... Mas há outra espécie de cultura...

MEC – E dos poemas, e a autocultura, e tudo...

AS – Não!!...: é aquela cultura de qualquer homem que se pode dizer culto porque sabe, acima de tudo, que ignora muita coisa de fundamental...

MEC – Sim! Isso é fundamental...

AS – Segunda coisa: que apesar de saber que ignora aquilo que os outros dizem que ele sabe...

MEC – Mas os portugueses não são assim...!!...

AS - ...está pronto – está pronto! - a sempre se ter curiosidade, e satisfeito quando tem sempre curiosidades a que procura responder...!!...

MEC – Os portugueses não são assim, são uns sabichões: os portugueses têm a mania que sabem tudo...!!... Falam sobre tudo...

AS – Os portugueses quê...?...

MEC - Os portugueses têm a mania que sabem tudo, falam sobre tudo...

AS – Não senhor!! Ahhhhh!!, meu querido amigo!!...

MEC - Têm opinião sobre tudo...!!...

AS – Não senhor!!... Eu não sei que portugueses é que...

MEC – Até o meu caro amigo!

AS - Eu não sei que portugueses...

MEC - Ou eu...!!...

AS - Eu não sei que portugueses é que o senhor conhece...

MEC – Toda a gente! Todos!!

AS – Todos!!?...

MEC - Conheço todos!! ãh! ãh!

AS – Conhece todos! Conhece bem os portugueses das aldeias, os portugueses do interior, os portugueses das terras...

MEC – Infelizmente não conheço tão bem como devia...

AS – Ah!!! Devia conhecer melhor!!

MEC – Pois!...

AS – Convido-o a dar passeios por Portugal de dentro, a conversar com o povo – em lugar de apenas conversar com intelectuais – e a ver como aquela gente é por dentro, tanto como muitas vezes é por fora, uma das maiores, das mais extraordinárias...

MEC – Acredito!...

AS - ...culturas vivas que tem visto no mundo!!

MEC – Mas não é superior a outras, pois não?...

AS – O grande defeito dos intelectuais portugueses tem sido sempre o de só lidarem com intelectuais quase todos – vão para o povo, vejam o povo, vejam como ele reflete, como ele entende a vida, como ele gostaria de que a vida fosse para ele...

MEC – O senhor Professor é um maoista... É um maoista, afinal...!...

AS – O quê?!... Não!!...

MEC - É um maoista!...

AS – Mauista é o meu amigo – com *u*...

MEC - Isso é de Mao... ãh! ãh!...

AS - ...com *u*, não com *o* – quer dizer, porque se inclina para o mau, e não para aquilo que é bom!...

MEC – Não...!!...

AS – Aí é que era!... Não sei como é que está o nosso tempo...

MEC – Já acabou...

AS – Diga!?...

MEC - Já acabou...

AS - Já acabou!!...

AS e MEC - ãh! ãh! ãh!

AS – Que pena!...

Entrevista nº 12: com Manuel António Pina

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Manuel António Pina (MAP)

MAP – Senhor Professor, eu... não tenho, infelizmente, podido assistir a todas... estas conversas...

AS – Devia dizer felizmente, não é?

MAP – Sim!... Depende do ponto de vista...!! Há sempre...

AS – Tem-se visto livre delas...!!...

MAP - Há sempre... O Vasco Santana, no filme – salvo erro – na “Canção de Lisboa”, perguntam-lhe os professores catedráticos, a certa altura, de que lado é o fígado, e ele diz que é do lado direito, e... perante a surpresa dos... para quem entra, evidentemente... há sempre dois pontos de vista, e o meu ponto de vista é o da infelicidade, neste caso! O meu ponto de vista, neste caso, é o da infelicidade!! Eu, as que tenho, as que vi, aquelas a que assisti, notei que ... observei que... fala muitas vezes, fala frequentemente de poesia... e de poetas, embora não fique... embora não fique... embora eu tenha ficado com algumas dúvidas do que quer dizer com isso... - O que é para si isso, de poetas e de poesia?...

AS – O poeta... olhe, eu tenho a mania... por causa do Porto... exatamente da Faculdade de Letras do Porto, onde estudei Filologia, eu tenho a mania de ir logo à origem da palavra: como “poeta” veio de um verbo grego que significa fazer, no sentido de criar, eu digo “poeta é todo aquele que cria” – num ou noutro ponto!!... Depois, é claro, a linguagem comum especializou isso num criador que é capaz de juntar – vamos dizer - música e palavra com um certo sentido, e a que chamam de verso! E ao conjunto chamam de poesia, não é?

Mas... eu acho que é o mesmo tipo de criador, de imaginativo, e de sabedor, que aparece na física, ou na matemática ou, por exemplo, no campo da metafísica ou da mística, não é?...

E provavelmente também que todos nós nascemos com igual possibilidade de criar só que, muitas vezes, não acertamos no campo em que poderíamos triunfar, ou a vida nos põe em condições que não permitem, de nenhuma maneira, que a nossa poesia se exprima!!...

E, portanto, talvez uma revolução a fazer no mundo seja a revolução salvadora de poetas, não é? – isto é, dar condições materiais de vida para que cada criança que nasça possa continuar a ser poeta pela vida fora até ao fim: morra poeta!!

MAP – Aliás, a criança, nesse sentido, também é um... é um poema, é uma criação! Não é?

AS – É uma criação!... Claro! A palavra criança e criação têm uma com a outra...!!

MAP – Criança e criação têm perigosíssimas afinidades...

AS - ...e que seria preciso nós conservarmos até ao fim da vida... Não é? O ideal era que morrêssemos jovens, que morrêssemos crianças... Não é?

MAP – E não morremos... crianças?!...

AS – Bom!! – alguns conseguem isso, não é assim?: ou porque são hábeis na acrobacia da vida, ou porque a vida, por grande favor, os poupou!!...

Mas são raros...!!... aqueles que conseguem morrer crianças!...

MAP – Acha... acha que são raros?!... Acha...?!... Eu...Eu... Eu, enfim, eu, há tempos, apercebi-me que a expressão “adultos”, “adulto” significa “acabado”, “morto”!

AS – Eu costume...

MAP - E acha que há adultos?! Nesse sentido, parece-me que o homem nunca... o homem só se torna adulto quando morre, não é?...!!...

AS – Eu costumo... eu costumo brincar com a palavra “adulto”, não é?... com uma etimologia falsa, dizendo que o que acontece com as crianças é que, quando chegam aí pelos 14, 15 anos, cortam-nas, fazem-nas parar, e juntam-lhes outro bocado de um adulto – de onde veio o verbo “adulterar”!!...

MAP – Ah! Ah! Ah!...

AS – Quer dizer, toda a criança é adulterada porque lhe colou um adulto!... Vamos ver se um dia se veem livres disso e conseguem viver até ao fim com a capacidade de imaginação e de criação que, em geral, todas as crianças têm, não é?...

MAP – Mas... sabe que, às vezes... Isso...!, enfim, isso é verdade! Embora, às vezes também... - já que estamos a conversar, que isto é uma conversa, isto é vadiagem... - a mim parece-me, às vezes, que... a criança não é assim... essa... essa ideia da criança como um ser tão puro e tão inocente, tão destinado exclusivamente à criação, não é... às vezes, não é verdadeiramente correto!... Parece-me que... há uma espécie... às vezes, defendo uma espécie de anti Rousseau: quer dizer que... o homem é, por natureza, pior do que parece, pior do... - é mau, por natureza, e é a sociedade, em muitos aspetos, que... o converte! Não é?...

AS – É completamente impossível decidirmos do assunto, porque nós – nenhum de nós! – nunca viu um homem natural!... Sempre viu um homem metido...

MAP – Sim!... Estou a falar da criança...

AS - ...numa determinada cultura, numa determinada civilização!...

MAP - Estava a falar da criança...!!

AS – E a criança, por genética, já está metida... exatamente nessas condições!... Não é? De maneira que era preciso, por isso, começar a purificar crianças desde muito atrás...

MAP – Em laboratório!... Em laboratório!... Ah! Ah!...

AS - ...para que a criança nascesse completamente pura, não é?...

MAP – E o senhor Professor, considera-se um poeta?

AS – Eu?!...: não! – de vez em quando me saem uns versos, mas eu não me considero...

MAP – Mas naquele sentido... no sentido... no sentido... no sentido original, no sentido primário...

AS – Não...!!... Eu não me considero autor de coisa nenhuma por mim próprio!!

Não sei como é que funciona o cérebro, se ele é capaz disto ou daquilo, como é que cria ou não cria... Tanto posso pensar que o cérebro é alguma coisa que... tem uma tarefa de criação e uma possibilidade de criação, como posso pensar que são ondas misteriosas que andam por fora, que de vez em quando batem na nossa cabeça, e nos fazem dizer: “Tive agora uma ideia engraçada!”. A ideia pode ser que seja muito engraçada, mas talvez não seja nossa!!...

De maneira que é possível que tenhamos que ser mais modestos pela vida fora nessa coisa, e dizer: “Me aconteceram realmente alguns versos!”; ou um matemático dizer “Me aconteceu agora uma equação que vai mudar tudo!” – com o Einstein aconteceu isso!!: desceu uma vez do almoço... para o almoço com a mulher, e disse “Aconteceu-me agora... tenho uma ideia que é engraçada...!!” (era a relatividade-receita!, não é?). Foi lá para cima, compôs aquilo – como fazem muitas vezes os poetas, não é?: aparecem dois ou três versos, e depois entra na serralharria... Para conseguir fazer o poema, não é?...

MAP – Eu acho que... Sim, mas no sentido... eu estava a falar naquele sentido da criação... Eu acho... Bem, enfim!... Mas, de qualquer maneira, é... é... é modéstia!... É modéstia... porque... e acha que, por exemplo, que a poesia, ou criação, só se cria com o cérebro?!... Só com o cérebro, só com a razão, não... não é outras...?...

AS – Não, não!!... A gente não sabe nada; dessa fisiologia não sabemos nada!!...

MAP - Ah! Ah! Ah!...

AS ...do cérebro sabemos uma composição... uma composição genética e uma composição de tais ácidos e de tais bases, e mais nada! Não é?...

MAP – Era, salvo erro, *Zarpão* de que... era o Zarpão que falava que os poetas são... são os... as antenas da raça! – quer dizer, ele... achava... atribuía aos poetas a... o estatuto de... hãã... se aperceberem dos sinais do futuro que já estão presentes...

AS – Sim...!...

MAP – ...no presente...

AS – Sim!... Quer dizer... Podem ser...

MAP - ...e que... a percepção...

AS – Sim!... Podem ser pessoas fortemente intuitivas, como acontece com outros seres que não estão fazendo aquilo a que chamamos em geral verso ou poesia, e que dão pelo futuro!!...

MAP – E era... Ora bem, nesse sentido...

AS – O que tem...

MAP - ...parece-me que o senhor... o senhor Professor... antecipa bastante... nestas conversas, tem antecipado naquelas... e na... na sua obra antecipa bastante o futuro...!!
Vê neste presente sinais desse futuro, e... e...?...

AS – Primeiro, eu...

MAP – Nesse sentido, é poeta!!

AS – Eu vou buscar as minhas ideias de futuro ao passado dos portugueses! – não inventei nenhuma ideia de futuro!!... Vou aos homens do século XIII, com a ideia de

que um dia as crianças estarão livres de serem modeladas, ou deformadas – embora com as melhores intenções! – pelas famílias ou pelas escolas; que um dia a vida deixará de pesar – e duramente! – sobre nós pela maneira económica como está travada, não?; e que um dia, por exemplo, nos veremos livres das cadeias, não é?

De maneira que a minha ideia do futuro é a repetição daquilo que aprendi com essa gente do século XIII. E enquanto não me demonstrarem que o que vai suceder é o contrário, continuo acreditando nisso.

E quando vejo, por exemplo, como falei há pouco, naquela escola de Matosinhos que os dois conhecemos, vejo que a escola, efetivamente, está passando para alguma coisa completamente diferente do que eram as nossas escolas – que a criança, durante uma parte do dia, está livre de imaginar e realizar aquilo que quer, e de adquirir os meios de expressão necessários para a poesia que ela fizer!!... Porque ela pode ter a poesia de um escultor!!... – e não a poesia de um poeta que escreve versos, não é?...

MAP - Sim! Ou de um...

AS - Então, tem que ter meios de expressão!!... para avançar nesse campo, não é?

Então, o que eles... como não me demonstram que é impossível chegar, por exemplo, à vida gratuita...!!...

É evidente que, quando dizem que eu que sou utópico ou não sei quê – porque falo nessa história da vida gratuita, eu quero dizer apenas que tem que se ir por passos, não é? Espero que segunda feira, por exemplo, terça feira ou quarta feira, a vida seja mais barata!!...

MAP – Ah! Ah!...

AS - E que os economistas tinham sobretudo a obrigação de não andar a calcular inflações, e... ou taxas dos juros, ou essas coisas desse género, mas dizer de que maneira é que nós podemos fazer avançar a gratuitidade da vida!!

MAP - Afinal o senhor Professor é um homem prático!...

AS – Diga!?!...

MAP - Afinal o senhor Professor é um homem prático!

AS – Tento ser um homem prático!... Não é... Não é independente da teoria!!... A prática só vale se é teoria; e a teoria só vale se é prática!!

MAP – E em...

AS – Mas temos que juntar as duas coisas...!!

MAP – E em relação ao futuro, esse primeiro passo, esse passo mais próximo, que é que lhe parece? Não digo em relação à vida gratuita!... Digamos, a vida um bocadinho mais barata... nos próximos tempos...!?... O que é que pensa? Acha que...?...

AS – Que ela poderá ser mais barata?...

MAP – Não dizia nesse aspeto...! O que é que pensa que há no... digamos: o que é que pensa que será, por exemplo, o nosso futuro nos próximos tempos?

As – Meu querido amigo, quer que lhe diga francamente?...

MAP – Queria...!

AS - Eu acho que, assim como tivemos uma Idade Média – a de trás – porque os bárbaros invadiram o Império Romano; que estamos agora numa outra Idade Média resultante do Império Romano ter invadido os bárbaros – a começar pelas navegações portuguesas, não é?: levámos bastante Império Romano para bastantes bárbaros!... Não é?

Bom! Então, isso vai criar situações extremamente difíceis como está criando, não é? De vez em quando, situações das quais não se sabe como sair: quando se diz que, por exemplo, na União Soviética, hoje as dificuldades é que haverá gente que não quer que haja mais produtos nas lojas para poder pedir ao patrão licença de se ausentar do trabalho para ir para a bicha – e quando não existir a bicha, ele tem que trabalhar mesmo as oito horas ou o que for marcado, não é?... Quando existem, não só as dificuldades

materiais, mas ainda as dificuldades psicológicas deste género, a coisa vai ser extremamente difícil!!

Então, se quer que lhe diga como penso que um dia se poderá sair disso, eu volto à tal Idade Média atrás a ver: como é que se fez uma Europa a partir daquela confusão que foi a mistura de bárbaros com romanos?!...

MAP - ...romanos...

AS – Não é?... Bem, penso nos monges!! Penso, por exemplo, no São Bento – não é na teologia do São Bento, na metafísica do São Bento que eu insisto...!!... É na atitude que ele teve de dizer: o futuro não é do lado dos romanos - que apodreceu!; e o futuro não é do lado do bárbaro – que ainda é bastante bruto, e não entende aquilo que é preciso fazer! Então eu vou ter uma metafísica... (ele, São Bento), vou ter uma metafísica que me aguento vivo numa vida difícil, e vou teimar nisso, em querer coisas novas, em tomar atitudes novas - não vou perguntar por nenhum emprego aos romanos, nem vou ser capitão de bárbaros, não é? – vou tentar, vou tentando por mim, a ver se vejo qual é o futuro...

E depois, teve um ou dois traços na regra extremamente importantes: por exemplo, nenhum frade meu (diria ele!), nenhum monge meu vai andar como outros cavaleiros por aí, vadiando pelo mundo... - e era das conversas vadias, também esses dos ??? Não, não!! Ele tem que ser aqui deste mosteiro, e dedicar-se a este mosteiro! O resto do mundo não importa para ele!!... Faça o favor de trabalhar aqui! Não é?...

MAP – É o que o senhor Professor faz!... É este mosteiro!!

AS – Pronto! E a outra coisa extremamente interessante, de imaginação e de entendimento das coisas: quando alguém bater à porta, vá abrir; e se for uma pessoa bastante miserável, faça-o entrar com todas as honras – pode ser Cristo disfarçado!... Isto é a posição geral de achar que cada homem no mundo, por mais miserável que apareça, por mais desprezível que apareça, pode ser um deus disfarçado...!!...

Se essa atitude do São Bento fosse a geral para nós no mundo, veja só...! - quanta diferença havia!... Até que ele conseguiu, com os outros que o acompanharam, naturalmente – centenas, milhares deles! – conseguiu abrir caminho!!

Então, é para nós o mesmo desafio: que é que vamos fazer!?!... Vamos também entrar na luta económica, procuramos os dois fazer um bom holding, com muitas empresas, ter muito dinheiro para comprar isto e aquilo... E gente – que é preciso também comprar juntamente quando se faz uma empresa...

MAP - Estávamos... estávamos falidos...!!...

AS – Não!!... Não nos interessa absolutamente para nada...!!...

MAP - Nós os dois estávamos falidos, senhor Professor!...

As – Não é?... Quer dizer, o que devíamos alguns de nós procurar, era não ser apanhado por essa coisa da luta económica - embora ela seja precisa para desenvolver o mundo...! – nem ser apanhado pela luta do prestígio: ter mais valor que os outros, ser sobranceiro aos outros; e, sobretudo, fugir do poder!!... – aí é a coisa em que tem que tomar mais cuidado, não é?... Não ter nenhuma espécie de poder!! – coisa extremamente difícil!!... Porque uma das atrapalhões de S. Bernardo era que, de vez em quando, lhe perguntavam como se resolveria tal ou tal problema... - ele era um homem muito hábil nisso...!! – dava a solução! Era adotada a solução, e ele... se batia no peito, se... hããã... justificava perante si-próprio, perante Deus, de ter poder!!... Não é?...

MAP – Sim! Mas ele... ele exerceu...

AS – O poder é uma coisa...

MAP - ...exerceu... exerceu algum poder!... Exerceu muito poder!!...

AS - Claro que exerceu sempre!!...

MAP – Mesmo... Não sei se o tinha!?!... Que o exerceu, exerceu!!

AS – Diga?!...

MAP - Não sei se o tinha!... Que o exerceu, parece que o exerceu!...

AS – Evidentemente que tinha!...

MAP – Pois tinha! Pois tinha!!...

AS – Podia ter havido! Por soluções...

De vez em quando, o poder lhe deu torto!... Quando ele achou que os templários dele deviam dar presentes aos árabes; receber presentes dos árabes para ser pessoa de boas relações, estava a abrir caminho para que os desgraçados fossem banqueiros, não é?... E assim que eles foram banqueiros, gente religiosa ou gente não religiosa – reis, etc. – caíram em cima!!

O único que se portou bem foi o nosso D. Dinis porque, indo ao contrário de muita tendência atual, ele nacionalizou os templários...!!... E arranjou dinheiro para o Infante D. Henrique navegar...!!... Claro! Foi o único hábil! Não é?... O único que, com aquilo, fez tudo!! – os outros não!!..., estragaram tudo o que fizeram os templários...

MAP – Mas, de qualquer maneira, nesta... nesta, digamos, Idade Média – não sei se são todas as Idades Médias...!! – mas, enfim, nesta, pelo menos...

AS – É...!

MAP - ...há alguns sinais assim... que parecem visíveis, algumas pessoas preocupam-se muito, por exemplo, com... esta... uma certa... certo reaparecimento... renascimento de... do individualismo, e, digamos, a prevalência do indivíduo... uma crescente prevalência do indivíduo sobre o grupo, sobre a... na alternativa da questão sociedade/grupo, prevalência do indivíduo, hããã... preocupam-se com alguns... alguns... alguns episódios dessa... disso, designadamente, por exemplo... o que distingue os indivíduos são as particularidades, e... a importância que aparecem, e mesmo que episodicamente, algumas particularidades como a raça...

AS – Isso!!... Claro!!

MAP - ...problemas do racismo... problemas do racismo que acontecem agora...

AS – Tudo faz parte...!...

MAP – ...problemas do... a religião – problemas do...

AS - Tudo faz parte...!...

MAP - ...integralismo islâmico... Ao senhor Professor não preocupa tudo isso?...

AS - Tudo faz parte da Idade Média...!! Toda essa confusão – com a afirmação de muita coisa que um dia pode nascer, e ser útil!!... – e com a afirmação de muita coisa que, por estar desabando, bate o pé! Não é?

Geralmente, essas coisas de racismo na Europa, por exemplo... Vê franceses racistas?... Hã?!... É até cómico!... Porque, coitados, deviam pelo menos entender que não têm muito menino, não nasce muito menino na França...!... E que aquilo não vai ficar vazio...!...

Um dia, são os africanos, ou são os orientais, ou são os latino-americanos – os americanos ibéricos, não é?...

MAP - ...não se pode dizer que os franceses sejam racistas!... – é capaz de haver franceses racistas, como há latino-americanos, e americanos, e...

AS - Claro! Mas aqueles que vão aparecer lá na Europa!... É que o... o mundo se vai misturar!...

É a importância dos portugueses terem criado o Brasil...!!... Eles deram ali o sinal do mundo no futuro!!... Há-de haver gente de todas as etnias em todos os continentes, e todos os lugares do mundo!!...

MAP – Os portugueses, o que são?...

AS – E quem... quem inventou isso...

MAP – E os próprios portugueses... e quem... quem... quem inventou os portugueses, não foram eles que se inventaram a si próprios?... O que são os portugueses? Não são...

AS – Claro!... que se misturaram também...!!

MAP – São uma mistura...

AS – Quanta gente misturada aqui! Não é?...

MAP – Mas há, de qualquer maneira, muita gente preocupada com isso! E, de qualquer maneira, a saída da Idade Média – se vamos fazer paralelismos – há quem... enfim, parece que a História... não se repete, diz-se...

AS – Não se repete, não!!

MAP - ... mas essa saída da Idade Média foi pela porta da razão...!... Pela porta da razão...!

AS – Surgiu pela porta da experiência...!! Não é?...

MAP – Sim!

AS – Pela porta da experiência!!

Foram os analfabetos portugueses, com a experiência que tinham da vida – porque, felizmente, não tinham escolas que os deseducassem!... – viviam na vida, e a vida os educava!, quando foram para o mar, eles começaram a ver coisas que eram o contrário do que dizia o Aristóteles!!...

E, portanto, vieram imediatamente com a ideia de que, para afirmar alguma coisa, era preciso ter a experiência dela!!... - e toda a ciência moderna entrou por esse caminho!!; ao mesmo tempo que verificou que a única maneira de arquivar dados científicos era pô-los em matemática!! Não é?

Então, a entrada da matemática, a entrada do pensamento coerente dos gregos, não é?, a experiência trazida pelos marinheiros obrigatória, fez que tudo mudasse!!

Estamos hoje nalguma coisa que deve muito, realmente, à navegação portuguesa nesse sentido, não é?...

MAP – Sim! Às vezes... pode... pode ser duvidoso que seja, digamos, que... que o avanço da ciência seja resultado da experiência, que não seja pelo inverso...! Sei lá...!! Hããã... Não seja o facto de uma pura criação do espírito, ou de uma pura... uma pura invenção...

AS – Mas é que é evidente...!!...

MAP – Primeiro... primeiro Galileu inventou o... inventou... inventou a... inventou a... inventou a... criou... hããã... os conhecimentos que o conduziram ao telescópio; depois é que experimentou, é que verificou! Não é?!...

AS - Muitas vezes, se inventa a sopa...

MAP – Mas não foi... não foi... não foi a partir da experiência...!?!...

AS - Muitas vezes se inventa a sopa antes de inventar a colher...!!... Não é?

MAP – Pois! É isso! Ora bem! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! O problema é que...

AS – É uma coisa...

MAP – Bom! Mas, de qualquer maneira, há quem... Hããã... O problema é o seguinte: é que... essa... este... este... esta, digamos, esta chamada crise das... no presente, esta crise das... das ideologias, das explicações racionais, dos modelos racionais da explicação do mundo...

AS – É uma... é uma das... da cultura que desaba!... Não é?... Com muita poeira...!!...

MAP – Estará a gerar-se outra?!... Uma nova explicação racional ou... gera talvez estes monstros, quer dizer... o sono da razão de facto gera...!?!... Os monstros gerados pelo sono da razão serão piores que os monstros gerados pela vigília da razão?!...

AS – Temos sempre que usar a razão!! Em muita coisa da vida, é a razão que efetivamente funciona!

MAP – E o coração?!...

AS - Mas quando chegarmos... Quando chegarmos ao fundamental, eu quero ver como é que se usa a razão!!... Não se usa coisa nenhuma!!

Porque o fundamental vai ser, um dia, alguma coisa de perfeitamente indefinível!! Porque tem que ser tudo!!! Porque se o fundamental do mundo apenas tiver o que nós achamos bom, o que nós achamos racional, o que nós achamos científico, etc., ela é metade do mundo!!...

Mas se ela tiver que ser completa, ela tem que ser, ao mesmo tempo, essa particulazinha fundamental – o racional e o irracional, o bom e o mal, o aceitável e o inaceitável, etc. , não é? – e aí como é... que a razão se porta, coitada?!...

MAP – E o papel do... e o papel do coração?!...

AS – Diga?!...

MAP – O papel do coração?!...

AS - O papel do coração é de empurrar o sangue...! – é o que nós sabemos assim da...

MAP – Eu estava a falar da... Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!...

AS – É o que sabemos da fisiologiazinha, não é?... É ter as contrações necessárias... se as coronárias funcionam bem, e toda essa história, não é?... Para que o sangue circule...

MAP – E o sentimento?!... O sentimento...

AS – Quanto ao resto,... Olhe, por exemplo...

MAP - ...o coração é sentimento; estava a falar de sentimento...

AS – ...por exemplo, alguns gregos julgavam que grande parte dessas coisas vinham do fígado...!... E não do coração!... Por exemplo... não é?...

MAP – Essas coisas... Que coisas?... Essas...

AS – Tanta coisa... Atitudes... na vida... e tal...! Provavelmente a sede...

MAP – Maus fígados; bons fígados...

AS - ...era o fígado! Eh! Eh!

MAP – Bons fígados e maus fígados, não é?...

AS - Não sabemos... onde é que essas coisas vão, não é?

MAP – Mas o que...?...

AS – Nem sabemos se o coração, por exemplo, nos envolve!... Pode ser que haja um sentimento geral no mundo..., não é?... Um amor geral no mundo...!!..., uma afeição geral no mundo, que seja uma atmosfera à nossa volta!!...

Pode ser que pensemos que o coração, coitado, está cá dentro, de um dos lado do peito, não é?, quando ele está em torno de nós, inteiramente nos guardando, não é?!...

MAP – E essa harmonia, digamos...

AS – Essa harmonia geral, não é verdade?...

MAP – Esse ritmo...

AS – Mas é... é cómodo dizer que é o coração!... Claro!! Porque... serve!... para um determinado número de coisas...

MAP – Sim! O coração aqui é uma metáfora da...

AS – Mas hoje... hoje, que toda essa coisa da fisiologia está tão atrapalhada – nunca se sabe se o sujeito... se o sujeito está mal disposto porque lhe dói o estômago, ou se... o estômago...

MAP - ...ou se é ele que dói ao estômago... ou se é ele que dói ao estômago...! Não é?...

AS - ...o estômago lhe dói porque ele está mal disposto, ou etc.... Não é? É claro...!... Não é?

MAP – Ó senhor Professor, o senhor Professor acredita... acredita... hããã... tem uma... tem uma fé... parece-me, às vezes, estas... do que eu sei de si, e das conversas que... a que tenho assistido, que tem... uma fé – desculpe dizer-lhe – a meu ver, um pouco excessiva na ciência!...

AS – Talvez sim! Bem, pode ser uma convicção de que tal coisa vai nesse caminho!! Quer dizer, quando eu olho o mundo... - apesar de todas as dificuldades!!..., não é?... não estou cego perante elas... Sei que a coisa é extremamente difícil, navegar no tempo em que estamos...!!... E olhe, eu digo sempre a todos os meninos: Meu querido amigo, aprenda – e bem aprendido! – a não enjoar a bordo! Hã? Porque a navegação vai ser extremamente complicada!... Não é? Bom! Portanto, eu vejo isso, e não estou afastado, como sonhador, de que isso existe!! Existe!

Mas o que estou convencido é que se pode chegar ao porto que se imaginou, que se pode ir lá! É uma questão de vontade, é uma questão de técnica, é uma questão de sorte – ou daquilo a que chamamos sorte no mundo! – tudo isso!!... E como vejo que, quando se compara com o passado, nós temos, numa série de campos, avançado bastante, nunca se sabe, com certeza, se podemos avançar mais ou não...!! – Eu estou convencido que sim, que se pode avançar mais!... E que ter... e que ter essa convicção é agradável para viver, por um lado...

MAP – Sim! Pelo menos, é tranquilizante...!!

AS - ...e, por outro lado, pode ser que influa... que influa, ela própria, no sentido de as coisas avançarem. Não é?

MAP – Na medida em que nos tranquiliza... nessa confiança!...

AS – Bom! O chamar... chamar a isso fé, por exemplo, pode fazer inclinar a... a ideia da pessoa para um campo propriamente religioso... Não é? A fé... a fé religiosa é uma convicção que há no campo da religião!!...

De maneira que talvez chamar convicção, ou ideia fundamental, ou qualquer coisa assim, não é?, seja melhor do que fé – para não entrar num campo especializado...!!...

MAP – Sim! De qualquer maneira... de qualquer maneira, não me parece... de qualquer maneira, não me parece que... que o senhor Professor se conforme com a explicação da ciência do mundo...! Não é? Pelo menos, nas suas... nos seus pontos de vista...

AS – Em muita coisa!!... Em muita coisa!! Claro! Com a ciência do mundo...

Mas quando vejo, por exemplo, os físicos cansarem-se a procurar a partícula fundamental do universo, tenho a certeza absoluta que eles nunca encontrarão a partícula fundamental do universo...!!...

MAP – ...E eles também... se calhar, também têm...!!

AS - Porque partícula...

MAP - Se calhar, também têm...!!... ãh! ãh! ãh!...

AS – Porque partícula... partícula quer dizer parte de alguma coisa! E logo que uma partícula é também uma parte...

MAP – Sim, sim!

AS - ...ela pode ser dividida em partículas! E nunca mais se chega ao fim!... Não é?

MAP – Sim! Mas, se calhar, os físicos sabem isso! Não é?... Os físicos...

AS – Diga?!...

MAP - Os físicos também têm essa consciência!... Se calhar, também sabem isso...!?!...

AS – Têm essa consciência, mas procuram... Procuram!! A obrigação deles é procurar!!...

MAP – Ora bem!!...

AS – Mesmo que estejam convencidos que não encontram... Não é assim? E muitos estão convencidos que encontram!! Não é assim?...

MAP – Neste contexto todo, ãããh..., antes de vir para aqui, ãããh ... - desculpe eu, de vez em quando, fazer uma...

AS – Nãããh...

MAP - ...fazer uma... fazer uma... passar por um atalho... Houve alguém que me perguntou que... estava muito curioso de saber como é que o senhor Professor... como é que um homem como o senhor Professor vive o seu dia a dia – e que assiste a todas... estas pessoas que assistem às suas... a estas conversas vadias regularmente, são clientes certos, e que estão muito curiosos... de saber como é que uma... pessoa como o senhor Professor, que é excepcional – se calhar, por se assumir tão igual a toda a gente! – como é que vive o seu dia a dia?!... O seu dia a dia é... um dia a dia...?!...

AS – É precisamente isso! Vivo o meu dia a dia igual a toda a gente!...

MAP – É que não é... não é normal ser-se... não é... não é... não é... não é normal ser-se tão normal!, digamos assim!...

AS – Eh! Eh!... Bom! Vamos pôr que é assim: o que eu procuro... - vamos pôr o exemplo do gato – eu procuro o mais possível ser um gato bem manso, de maneira que a vida venha, me pegue pelo cachaço, e me leve aonde for isso conveniente para a vida!!...

MAP – O gato do senhor Professor não tem nome!?!... Porque ele nunca lho disse, não é?!... Não tem nome...

AS – Eu... eu não ponho nome...

MAP – não lhe põe nome...! O senhor Professor também se considera sem nome?!... Um nómada, nesse sentido?!... Sem nome?!...

AS – Sim! Quer dizer, não há importância nenhuma...

MAP – Um gato sem nome...!!

AS – Não há importância nenhuma em ter um certo nome, ou não ter um certo nome!... É apenas um sinal de identificação!... Não é?...

MAP – É um...

AS – E para chamarem por nós, e sabermos que somos nós que somos chamados! Não é? O resto não tem importância nenhuma!! Isso do nome não tem importância nenhuma!!

MAP – Da identidade...!?!...

AS – Nada! Não é?...

MAP – Portanto, o seu dia a dia é o dia a dia de toda a...

AS – É o dia a dia de toda a gente: é levantar-se, fazer o trabalho que venha pela frente – e que interesse realmente fazer - e ver os amigos, e conversar com eles... E estar atento às ideias novas que vêm dos outros!!: nunca julgar que aquilo em que se acredita é efetivamente a verdade!!

Fujo da verdade como de tudo – porque acho que quem tem a verdade num bolso tem sempre uma inquisição do outro lado pronta para atacar alguém!! Hã?...

Então me livro de toda a espécie de poder!!... Não é?... – Isso sobretudo!!

MAP – Bom! Parece que...

AS – É!?

Entrevista nº 13: com Joaquim Vieira

Prefácio

Aqui se verá como o Prof. Agostinho da Silva (AS) responde às questões que lhe são colocadas por Joaquim Vieira (JV)

JV – Boa noite, senhor Professor! De que é que vamos falar hoje?

AS – Muito boa noite!... Diga?!...

JV – De que é que vamos falar hoje?!...

AS – Sobre o que vamos falar?!... Sobre o que quiser!!... Porque o que ficou combinado é que a pessoa que vinha fazia uma pergunta, e eu respondia, se pudesse responder...!!...

JV – Há uma questão que eu gostava de lhe pôr...

AS – Diga!!

JV – Há muita gente a dizer que o seu programa se tornou um pouco monótono – este programa! Porque o senhor Professor expõe duas ou três ideias... designadamente: o elogio do ócio; a necessidade que as crianças... os jovens não teriam de... ser obrigados a estudar; hããã... os desígnios...

AS – Nunca disse isso!!

JV – ...para, Portugal no futuro...

AS – Nunca disse isso! – que não deviam ser obrigados a estudar!! Digo que, nas condições atuais, eles têm mesmo que estudar!! Porque há tarefas de produção em que temos que nos empregar, e que temos que dar conta!

Eu digo é que, exatamente porque os sistemas de produção estão cada vez mais avançados, que cada vez mais a máquina faz trabalho que caberia em geral ao homem, haverá mais crianças que não vão ser soldados produtores!...

JV – Mas, portanto, estas ideias...

AS – Então é bom dar para eles a possibilidade de eles serem os poetas criadores que nasceram!!

JV – Estas ideias esgotaram-se nos primeiros programas, e há uma certa repetição!... Será que o seu sistema de ideias se esgota aqui, não há nada para dizer além disto?!...

AS – Deve haver muita coisa!!... Simplesmente, o que me acontece a mim é que, tendo eu chegado a um certo número de ideias que me parecem fundamentais - e que vêm de todo o Portugal que tem sido – a fatalidade é repetir! Para quê dizer coisas novas, se eu não as acho essenciais, e se não as acho essenciais para Portugal?!...

JV – Mas, então, se calhar...

AS – Andar à procura da última edição francesa para comentar uma coisa que não presta para nada...?!... De jeito nenhum!!...

JV – Justamente...

AS – Vamos, portanto, insistir naquilo que me parece, a mim, fundamental!!

JV – E eram precisos tantos programas para dizer isso?!...

AS – Ai isso não sei! Mas não fui eu quem marcou treze programas!... Eu talvez tivesse dito tudo logo no primeiro programa...!!

Marcaram-me treze... - não sei porquê!!

JV – Justamente se o senhor Professor diz que não está à espera da última edição francesa... Hããã... Há mais de trinta anos que estas ideias suas vêm sendo repetidas

sem trazer nada de propriamente inovador. Hãã... Apesar de tudo, o mundo evoluiu muito nestes trinta anos!...

AS – Certamente!!

JV – Será que não estuda...

AS – Meu amigo, evoluiu sempre no sentido em que queriam que ele evoluísse os portugueses do século XIII...!! – muito mais atrasados e muito mais repetidores do que eu...!!...

JV – Mas os portugueses pouco têm a ver com a evolução do mundo nos últimos... nas últimas décadas!...

AS – Nããão!... Muito!! Então não foram eles que transportaram o império romano ao mundo?!...!!...

O mundo de hoje é feito por portugueses!!... Mas não é feito por aqueles portugueses que ficam pelas edições francesas...!!... Foi feito por portugueses que pensaram por eles próprios, e que ficaram durante séculos afirmando aquilo que lhes parecia essencial!... Tanto no aspeto metafísico, teológico – se quiser dizer, e eu prefiro sempre dizer teológico a dizer metafísica! (porque marca melhor exatamente a posição que eles tomavam) – e, por outro lado, a tal história em que eles insistiam em que a criança deve ser imperador do mundo!!...

E que não é obrigando a aprender aritmética, ou latim, ou qualquer coisa dessas que a criança – desviada daquilo que é por natureza! – vai ser imperador do mundo...!!

JV – O senhor Professor põe as...

AS – Por outro lado – deixe-me dizer – por outro lado, os portugueses tinham como ideal que a vida fosse gratuita!... – continua a ser um ideal defensável hoje!!... ... E que não houvesse prisões!!... – outro ideal defensável!! Para que é preciso coisas novas?!... Eu não percebo para quê!!...

JV – O senhor Professor põe os portugueses no lugar de povo eleito!...

AS – Não ponho!! Eu apenas disse, quanto aos portugueses, não que eles são um povo eleito, mas que façam o favor de se eleger!! Isto é, de procurar alguma coisa que os valha!!... E de não ficar, tantas vezes, em pequenas discussões em coisas que são uma porcaria que não vale a pena fazer...!!...

JV – Mas, olhando para o lugar dos portugueses no mundo hoje em dia, não me parece que eles se estejam em posição de eleger!

AS – Diga?!...

JV – Olhando para o lugar dos portugueses... no mundo... hoje em dia...!?!...

AS – O senhor acha pequeno?!... A que é que o senhor chama “portugueses”?!...

JV – Qual é o protagonismo que os portugueses têm hoje no mundo?!...

AS – Não, não!!... Eu pergunto ao senhor o que é que o senhor acha que é português?... O Fernando Pessoa diz: “A minha pátria é a língua portuguesa”!!

JV – É esse o seu conceito de português?

AS – Então, se formos por aí, há milhões e milhões de portugueses no mundo, hoje!... Isto é, de homens que falam português!!... Olhe só os 450 milhões no Brasil...!!...

JV – Mesmo esses portugueses de que fala não têm um grande protagonismo na História, hoje em dia!

AS – Acha que não?!!...

JV – Acho que não!!

AS – Bem, porquê?!!... Eles não têm o protagonismo de continuar defendendo hoje, e procurando hoje fazer, ser, aquilo que os outros antigos tinham como ideal?!!...

JV – Porque quem lidera no campo das ideias, ou no campo da tecnologia, ou no campo da ciência, não são os portugueses...!...

AS – Mas... Meu amigo, os alemães e os japoneses que façam a tecnologia, porque isso não tem importância...!... - é um aperfeiçoamento do martelo ou da broca!!...

JV – Mas eu falo também das ideias...!...

AS – Não!! O que tem importância é pôr os princípios fundamentais para que serve essa tecnologia, o que nós queremos fazer com ela, e a que ponto vamos chegar se a empregarmos bem!!!...

O português só tem que empregar bem a tecnologia e, às vezes, inventá-la!... Como sabe, português na...

JV – Já inventou, em tempos! Mas agora não inventa nada...!!...

AS – Diga, diga!!?...

JV – O português, em tempos, inventou tecnologia! Mas agora não inventa nada...!!...

AS – Não?! Acha que não?!...?... Inventar usar da tecnologia!..., meu querido amigo!...

JV – O que é que inventa?...

AS – Enquanto que as pessoas ficam sujeitas à tecnologia – e vão ficar durante muito tempo! – o português sempre procurou libertar-se disso, e daí vem dizer-se muitas vezes que o português não gosta de trabalhar!... Se há uma tecnologia que trabalhe por ele, ela que avance...!!...

Ele tem coisas mais interessantes para fazer como poeta...

JV – Acha que o português não trabalha?

AS – ...do que trabalhar!!

Eu acho que trabalha! Sempre que foi preciso!: o que é que têm feito os emigrantes pelo mundo?!...

JV – Exato!

AS – Onde eles vão e onde é preciso trabalhar, eles trabalham!!

JV – Mas está... está a dizer que o português não gosta de trabalhar... É isso?!...

AS – O português, dentro de determinadas condições, se a vida lhe fosse inteiramente favorável, ele gostaria muito mais de contemplar e poetar do que trabalhar...!!... Mas quando é levado a uma função em que tem que trabalhar, ele trabalha mesmo!!

JV – Mais uma vez está a pôr os portugueses no lugar de povo eleito! De povo especial!...

AS – Não estou... Não, meu querido amigo! Não! Não! Não! Calma!!! Calma!... – porque não é impunemente que se põe num jornal uma pergunta de se eu sou um génio ou uma fraude!!!!!!...

JV – Para o senhor Professor não há grande diferença entre génio e fraude...?...

AS – O meu amigo dá licença?!... O meu amigo dá licença?!...!!...

JV – Faz favor...

AS – Eu quero dizer-lhe que essa pergunta do jornal, gostei muito dela!!... Porque é a pergunta que se deve fazer para toda a gente!!... E sobretudo para portugueses...

Eu gostava de ver o que respondiam todos aqueles portugueses que construíram o Brasil - entre 1500, e depois o tratado de Madrid de 1750 – que, durante 350 anos, foram geniais na marcação das longitudes (que ninguém era capaz de marcar no mundo como eles!); e, ao mesmo tempo, eles fizeram cartografia falsa, tranquilamente, durante 250 anos...!! O que é que eles responderiam?!...

JV – Mas as ideias do senhor Professor alimentam-se de glórias passadas...!!...

AS – Diga?!...

JV – As ideias do senhor Professor alimentam-se de glórias passadas!...

AS – Não senhor!!!

JV – Isso foi o que os portugueses fizeram...

AS – Não!, caro amigo!... De jeito nenhum!!!!...

JV – ...há séculos!...

AS – Não!! Não!! Não!!! Alimentam-se de glórias futuras!!... – indo buscar as ideias do passado!! Não das glórias passadas...

O meu amigo não sabe o que eu tenho dito muito das comissões dos descobrimentos?... Por exemplo...

JV – Mas que sinais...?...

AS – ...o que era interessante, hoje, fazer-se, não era uma comissão dos descobrimentos para comemorar os descobrimentos a partir do século XV...!!... O que era interessante fazer-se era uma comissão que marcasse quais os descobrimentos a fazer no futuro!!...!!

JV – Isso não é possível!!...

AS – Como não é possível!!?!!... O meu amigo acha que não é possível?!...

JV – Consegue prever os... os descobrimentos que vai haver no futuro?!...

AS – Sim senhor!!

JV – Quais são?

AS – Isto é: qual a maneira, qual o comportamento das pessoas... Por exemplo: hoje, o homem que nasce – e eu creio que o homem que nasce é sempre criador! E criador único!! Não há nenhum homem igual a outro homem em biliões de homens!!... A sua mensagem é uma mensagem única!

E o que acontece no mundo é que a maior parte das pessoas que surgem no mundo com essa mensagem particular, individual deles, nunca a podem pronunciar exatamente porque as condições sociais, condições de vida, condições de trabalho... o facto da vida pesar sobre nós, e tem que pesar, e há de pesar, para se conseguir a vitória sobre a carência, uma porção de gente fica sacrificada – então, um grande descobrimento futuro é ver de que maneira essa economia pode avançar mais rapidamente e mais humanamente do que tem avançado, até que cada homem possa cumprir a sua verdadeira missão na vida que é ser poeta criador...!!, e não trabalhador!...

JV – Mas vão ser os portugueses que vão fazer esse descobrimento?!...

AS – Diga?!...

JV – São os portugueses que vão fazer esse descobrimento?!...

AS – Meu querido amigo, pelo menos são os portugueses que o desejam...!! E nunca se sabe...

JV – E os outros não desejam...?!...

AS – Nunca se sabe se aqueles que vão realizar uma coisa a realizaram por si próprios, ou tangidos por milhares de pensamentos no mundo...!!!... A coisa é muito complicada!!...

Ação e pensamento, e a relação entre os dois, são extremamente complicados para que a gente decida logo uma coisa ou outra!!...

JV – E que sinais é que o senhor Professor encontra na sociedade portuguesa atual que o leve a prever que... hãã... o povo português tenha esse protagonismo no futuro?

AS – Meu querido amigo, o povo português é o mesmo!! que pensou estas coisas no século XIII; é o mesmo!! que deu o Camões e que pensou o Camões; é o mesmo!! que deu o Vieira e que pensou o Vieira...

JV – Mas estamos referidos ao passado, mais uma vez...

AS – Diga?!...

JV – Estamos referidos ao passado! Mas o presente...

AS – Meu querido amigo, eu não posso falar de poetas futuros que ainda não apareceram!...

JV – ...é uma coisa muito diferente! Do presente...

AS - ...Não acha?!...

JV - Mas eu pergunto...

AS – Eu ainda... Dá-me licença?!...!...

JV - Mas eu pergunto do presente...

AS - Meu querido amigo: eu não posso falar de um Camões que ainda não existe!; ou de um Vieira que ainda não existe!... Eu estou a falar daqueles que existiram até hoje...!!... E por isso cito o Camões; e por isso cito o Vieira...

E ainda acrescento, não provavelmente um grande poeta – porque há poetas, portugueses ou não, que fizeram poemas tão extraordinários como ele – mas o poeta que, digo eu, foi aquele que mais se aproximou do que devia ser o ideal do poeta que é ser ele próprio poema, que foi o Fernando Pessoa!!

JV – Mas...

AS – E que vem dizer ao português uma coisa fundamental, marcando bem que o português é plural; e que é na sua pluralidade que ele tem de se afirmar!!

JV – Então, coloca Camões, Vieira e Pessoa como profetas!?!...

AS – Não como profetas!!...

Primeiro, é preciso que nós disséssemos que coisa é um profeta!... Um profeta pode ser apenas aquele não que está indicando o futuro, mas que olha a eternidade...!!... Se o meu amigo tomar a palavra profeta – profeta pode ser, para quem o ouve, aquele que diz como vai ser o futuro; mas, para ele que está – segundo o que os outros dizem – profetizando, é apenas aquele que vê a eternidade!!

JV – Considera-se um profeta, o senhor Professor?!...

AS – Diga?!...

JV – Considera-se um profeta?...

AS – Quem? Eu?!... Evidentemente que não!... Eu sou... profeta?!... O meu amigo, há pouco, disse que eu que vivo do... passado!... – como é que me chama agora profeta?!... Contraditório...

JV – Mas quer-se inspirar no passado para prever o futuro... Ora, parece que são coisas...

AS – Evidente!...

JV – ...totalmente distintas...!!

AS – Evidente!... Evidente que, se eu estou a fazer geometria, e há uma linha que me aparece sempre reta, eu digo: a não haver qualquer coisa de inesperado, esta linha vai continuar reta! Se, por outro lado, uma linha começa a ter uma inclinação parabólica, eu digo: esta linha, o que vai gerar, o que vai dar de si é, efetivamente, uma parábola!...

JV – Mas... a história dos portugueses é assim tão linear?!!...

AS – Diga?!...

JV – A história dos portugueses é assim tão linear?!!...

AS – Depende!! Depende do que o meu amigo acha que é linear...!!...

Na geometria descritiva, ou na geometria analítica, há coisas muito para além do linear extremamente complicadas...!!!...

JV – Não parece nada que, no passado, fosse possível prever aquilo que veio a acontecer a Portugal no século XX, por exemplo!...

AS – Não se trata... não se trata de prever, meu querido amigo! Trata-se de marcar aquilo que os portugueses achavam que devia ser ideal eterno!! Para o português: a tal história teológica do divino – de que tanta gente se ri...!!...

JV – Está... está a encontrar valores no chamado espírito português que, se calhar, não existem, e que outras pessoas dirão que são totalmente diferentes...!!

AS – O quê?!!... A questão do divino?!!...

JV – Sim! Esse tipo de valores de que fala!

AS – Hoje, os verdadeiros teólogos, aqueles que se aprofundam na sua religião qualquer que seja essa religião!... – eles estão chegando, cada vez mais, à mesma ideia de divino puro, de absoluto... aquilo que o Fernando Pessoa, num poema, chamou “O cais absoluto” do que os cais que existem no nosso mundo são forrados de pedra...

JV – Fernando Pessoa é Fernando Pessoa, não é os portugueses...

AS – Diga?!...

JV – Fernando Pessoa é Fernando Pessoa, não representa os portugueses, na sua globalidade...!...

AS – Pois não! Mas é um português!... E se cada português, por si mesmo, não representa os portugueses, eu gostaria de saber quem os representa...!?!...

JV – Provavelmente ninguém!... Ou talvez o presidente da república...!... O que é que acha?...

AS – Não!! O presidente da república é eleito pelos portugueses que, segundo diz, não existem como portugueses...!... - de maneira que não podem eleger um português...!...

JV – Se é eleito...

AS – Nããã...!...

JV – ...representa!...

AS – O que é que se tem que ver como português?!... – É o conjunto do fundamental – que os portugueses pensaram, por um lado; e, por outro lado, o que fizeram por outro!...

JV – Não tem medo... não tem receio que as suas ideias sejam apropriadas pela extrema direita?...

AS – Meu querido amigo, podem ser apropriadas pela extrema direita – e eu farto-me de rir agora com o que vejo no Brasil, em que o candidato da esquerda foi apropriado pela direita...!... E é a direita que está vencendo...!... E é o candidato da esquerda que vem dizer: “Eu próprio não podia ter feito tais coisas que eles estão agora fazendo!!...”. De maneira que, às vezes, há dessas surpresas!!...

Mas eu acho que não!... Mas se a extrema direita... - a que é que o senhor chama extrema direita?: é aquela que se chega à... que se senta num parlamento para o lado direito do presidente, ou é qualquer outra coisa?!...!

JV – Hããã... Atualmente, nem sequer está ao lado direito do presidente – não está no parlamento!

AS – Pois é! Então como é? Como é essa história? O que é a direita, na realidade?...

JV – A direita defende valores conservadores, nacionalistas...

AS – Bom! Há duas espécies de conservador – que é o conservador da lata, e o conservador da sardinha!...

JV – Pois! Mas estou a falar de conservadores...

AS – O conservador da sardinha é útil!...

JV – ...de conservadores...

AS - Daquilo que é útil...

JV – ...em termos políticos, ideológicos!...

AS - ...e pode alimentar!...

O conservador da lata que se deita fora não presta para nada...!! – que é o que acontece a grande parte dos conservadores!!...

JV – Mas no seu caso, por exemplo, considera-se um conservador?...

AS – Eu!!?... Se o meu amigo diz que ter ideias – que continuo a achar que são vivas!!... e úteis!!... - as ideias de século XIII é ser conservador... Faça favor!...

Com atenção ao que eu digo: sou conservador da sardinha, não da lata!!

JV – Não da lata!...

AS – Ao passo que, quem sabe, se o meu interlocutor – que parece... que talvez seja de esquerda – é conservador de uma espécie de lata qualquer...!!?... que ainda não apareceu, ou de que a gente já não se lembra...!!... Não é?

JV – Considera-se monárquico ou republicano?

AS – Diga?!...

JV – Considera-se monárquico ou republicano?

AS – É preciso que o meu amigo me diga o que é ser monárquico; e que me diga o que é ser republicano...!!...

JV – Defende a autoridade de um rei como chefe de estado, ou defende a autoridade de um presidente...?

AS – Olhe!... Se... Não não não!!... Não é assim!... E se um rei é eleito, como é?!... É presidente ou rei?!

JV – Hãã...

AS – O que é que acha?...

JV – Segundo a constituição, é presidente!

AS – É! Mas, segundo as cortes gerais em Portugal durante séculos, o rei era eleito!... Era um presidente, ou era um rei?!... Como era?!...

JV – Mas tivemos as dinastias: havia uma sucessão, uma linha de sucessão...

AS – Claro!..., meu querido amigo!...

Mas o primogénito de uma dinastia era aquele que era apenas candidato, perante as cortes, a vir a ocupar o trono!... E o meu amigo sabe perfeitamente – porque sabe História! – como muitas vezes um rei que tinham as cortes aceitado era posto fora, era

posto de lado, quando se verificava que não cumpria as funções que tinha que cumprir!...

JV – Não respondeu à minha pergunta: qual é o sistema que defende?...

AS – Meu amigo, é o sistema que Portugal conseguiu criar!... Que atualmente não tem sistema...!!... Atualmente...

JV – Atualmente não tem sistema?!...!

AS – Nããã!!... O sistema português é um misto de sistema francês e de inglês, e de qualquer outra coisa que apareça...!!

Porque há 200 anos que Portugal não tem um regime propriamente português...!!...

JV – Mas provavelmente é o melhor que se consegue arranjar!...

AS – Diga?!...

JV – Provavelmente é o melhor que se consegue arranjar!...

AS – Ah sim!... Mas o melhor que se consegue arranjar, não serve!! É o melhor que tem de ser!!... O que se consegue arranjar é apenas uma coisa que serve de momento... Não!

JV – Mas acha... acha que aquilo a que chama um sistema português seria melhor do que aquele que existe atualmente?...

AS – Seria português!! E não houve até agora!...

JV – Mas... o ser português...

AS – E provavelmente vai existir!!... A vida portuguesa se vai desenvolver, e provavelmente um dia aparece um sistema que não tem os defeitos de muita coisa do sistema inglês, ou francês – apesar das vantagens que ele trouxe para todo o sistema, etc., não é?

E então aí é que será um sistema português!! – que ninguém pode inventar: ele tem que vir da vida; ele tem que crescer do vivermos, do pensarmos e do vivermos...!!...

JV – Mas, se calhar, o sistema português é pior do que o... o atual...!!...

AS – Diga?!...

JV – Se calhar, o sistema português...

AS – Meu querido amigo...

JV – ...só pelo facto de ser português, não é garantia de qualidade!...

AS – Não!! Os sistemas portugueses que houve não foram piores que os atuais!...

O primeiro – que era realmente um rei, como diz! – coordenando, conjugando municípios republicanos – era, ao mesmo tempo... Portugal era, ao mesmo tempo, monárquico e republicano!...

De maneira que perguntar a uma pessoa que é portuguesa se é monárquico ou republicano, o português deveria responder: o meu sistema seria aquele que conjugasse todas as possibilidades do regime monárquico e todas as possibilidades do regime republicano!!

JV – Acha que o Estado Novo era um sistema português?

AS – Meu querido amigo, creio que não! – é uma das tais imitações!!... O meu amigo sabe que o Estado Novo foi um sistema imitado dos italianos, um pouco tocado pelos alemães, mas sobretudo imitado dos italianos...!!...

JV – Mas era um sistema...

AS – E para uma... e para uma altura em que um regime republicano tinha falhado no que competia à administração do país...!!... Foi um regime... O regime do Estado Novo foi um regime estritamente financeiro!!... Um regime de contabilista...!!...

JV – Mas que, de qualquer modo, se inspirava em ideias portuguesas, tradicionais...

AS – Diga?!...

JV – Inspirava-se em ideias portuguesas, tradicionais...

AS – Não, meu amigo!!... Que nada!!!

JV – ...nacionalistas...

AS – Meu amigo!... Os portugueses...

JV – ...a defesa desses valores místicos, da História...

AS – Nããão...!... Os portugueses que dobraram o Cabo...

JV – ...de que fala também...

AS – ...ou os portugueses que construíram o Brasil teriam dito que aquele regime não era português!!

JV – Acha que sim?...

AS – Porque era apenas de contabilidade!! Era um regime de guarda-livros – com todo o respeito que eu tenho pelos guarda-livros!...

JV – O senhor Professor vota?

AS – Diga?!...

JV – Vota?...

AS – Sim! Voto! Se me apetece votar...! Ou quando sou obrigado a votar!...

JV – Mas vota por obrigação, ou vota porque lhe apetece?

AS – Voto, porque me apetece!... Se não me apetecesse, não votava!...

JV – E vota à esquerda, ou à direita?...

AS – Meu amigo, eu voto naquilo que me parece certo!!

JV – Mas não quer dizer se vota...

AS – Não...!!

JV – ...à esquerda ou à direita?...

AS – Eu não vou por rótulos...!!... Ou o meu amigo julga que eu vou por rótulos?!...
Julga que, se vejo numa loja “Este é o melhor presunto do mundo!” é esse presunto que eu como?!... Não! Vou provar, vou experimentar, e só como desse se me apetece!!...

JV – Portanto, escolhe livremente o seu voto em cada campanha eleitoral...? É isso?!...

AS – Meu querido amigo, eu não quero saber das campanhas eleitorais para nada...!!...
Eu quero saber das ideias que as pessoas têm, e depois da maneira como as vão defender ou praticar...!!...

De resto, isso hoje no mundo é extremamente fácil...!!... O meu amigo, no fim de contas, hoje, para este ou oeste e tal, o que se está falando?!... Está-se falando em que deve haver uma liberdade de cada pessoa dizer o que é que prefere – vamos chamar a isso a democracia!... – e, por outro lado, que é obrigação de todo o governo tomar atenção à maneira de as pessoas viverem – é o que quer dizer social!

Hoje, todos os partidos tendem, de uma maneira ou outra, a chamarem-se de social e de democrata!!... De maneira que, hoje, é muito fácil escolher!!...

JV – Acha...

AS – É mais pelo feitio do nariz que a pessoa escolhe, do que por outra coisa...!!

JV – Também é isso que acontece consigo?!...

AS – Diga?!...

JV – É isso que acontece consigo, também?...

AS – Não! Evidentemente que não!!... Evidentemente que eu posso escolher e... vá lá ver... Tenho a vaidade de dizer que talvez escolha mais ou menos certo... - mas já lhe vou marcar um episódio em que eu escolhi errado...!!...

JV – Diga!...

AS - E depois deu certo!! Hã?!!!...

Quando Jânio Quadros se apresentou como candidato no Brasil para ser presidente, eu votei contra!! Porque achei que o Brasil iria melhor com o outro candidato, com o Teixeira Lote!... Mas, depois, Jânio Quadros foi eleito por uma quantidade esmagadora de votos!!

Eu, nessa altura, tinha ido para a Universidade da Baía para fundar o primeiro Centro de Estudos Africanos e Orientais que houve no Brasil – que deu modelo para todos os outros – e que se espalhou até pela América Latina!!... E nesse momento, o presidente Jânio Quadros entrou em relações com a Universidade da Baía para ver como é que se podiam estabelecer boas relações entre o Brasil e a África, sobretudo a África Ocidental!!... E eu fui o encarregado dessa tarefa...!!

Tá vendo?!... Quer dizer, vota-se contra – porque pareceu que seria melhor para o Brasil, mais tranquilo para o Brasil ir numa certa direção... - e de repente a vida veio e mostra, e diz. Há momentos em que pode ser que a vida seja perturbada, mas é preciso fazer alguma coisa que fica para todo o futuro!!...

JV – O senhor Professor é religioso?...

AS – E o resultado qual foi?... O resultado foi que, ao passo que a política interna do Brasil tem sido, como o senhor sabe, bastante perturbada, a sua política externa de ligação entre a África e o Brasil há vinte anos que dura!!...

JV – É religioso?

AS – Diga?!...

JV – Se é religioso?...

AS – Precisava que o meu amigo me dissesse o que é ser religioso...!?!...

JV – Acredita na existência de Deus?...

AS - Diga?!...

JV – Acredita na existência de Deus?...

AS – É preciso que o meu amigo me dissesse que coisa é Deus...!!...

JV – Não! Pergunto-lhe a si: o que é, para si, Deus?...

AS – A ideia de Deus, que aparece em todas as religiões, me parece a mim que poderia ser substituída – porque a palavra Deus é muito difícil de chegar até à raiz indo-europeia que a liga com o theos grego, e todas essas coisas... - que era muito mais interessante que se visse na palavra que se exprime, na ideia que se exprime por meio da palavra Deus, por exemplo, a criatividade absoluta!!

JV – É... nisso que acredita?...

AS – Na criatividade?!... Evidente!...!! Pois se aparecem as coisas criadas, em que eu hei de acreditar senão que existe a criatividade?!... Não acha?!...

JV – E na essência... na essência da alma...?...

AS – Não acha que seria esquisito acreditar que existem coisas criadas, e não acreditar na criatividade?!...!!...

JV – A ciência tenta arranjar uma explicação para tudo...

AS – Diga?!...

JV – A ciência tenta arranjar uma explicação para tudo o que... é criado!...

AS - A ciência?! A ciência?!...

JV – ...Independentemente da existência divina...!

AS – Meu amigo, a linguagem da ciência é a matemática!... E, até hoje, a matemática ainda não está completa...!!... Vamos a ver agora se, com essa história da geometria fractal, e coisas semelhantes, a matemática avança mais um passo...!!... Porque se ela tivesse avançado todos os passos que era necessário, nenhum físico ficava repousado no Princípio de Heisenberg que apenas garante uma probabilidade...

De maneira que julgar que a ciência resolve todos os problemas... - sim!: se um dia ela encontrar equações para tudo, certamente resolve!... Até hoje não encontrou...!!...

JV – E... acredita na alma... existindo independentemente do...

AS – Meu amigo...!!... É preciso...

JV – ...corpo, como suporte físico?...

AS - O meu amigo está a empregar palavras de que eu exijo a definição...!!... O que é que o meu amigo entende por alma?...

JV – Acredita na vida depois da morte?...

AS – Nã nã não!! Eu estou-lhe a perguntar o que é que entende por alma, para eu lhe poder responder – se não a sua pergunta fica sem resposta minha...!!...

JV – Não há... não acha que há uma definição de alma, que existe nos dicionários...?!...

AS – Eu não sei se há, se não há...!!...

JV – ...nos conceitos das pessoas...?...

AS - Eu pergunto-lhe qual é a sua...?!...

JV – É um espírito... que existe, independentemente da existência do corpo...!...

AS – Bom! Então agora me diga o que é espírito...?... Espírito, em latim, significa o sopro!...

JV – Sim! Mas...

AS – Faça o favor de dizer isso em linguagem nossa...?!...

JV – Eu gostava mais de... Gostava de falar de ideias, e não de palavras...

AS – Não!!, meu amigo!!... Não não não!!!... As ideias se exprimem por palavras...!!...
Porque senão bastaria estarmos em silêncio um diante do outro...!...

JV – Acredita na reencarnação?...

AS – Meu amigo, é preciso dizer-me que coisa é essa da reencarnação!!...

O meu amigo está a perguntar por uma série de coisas, e eu pergunto-lhe o que é que o meu amigo entende por elas, e o meu amigo não responde...!!...

JV – São conceitos comuns que existem na... na cabeça das pessoas, na vida quotidiana... - penso que não vale a pena estar a definir isso!!...

AS – Ah! Sim!... As pessoas acreditam nisso...!! – Talvez!... Pessoas que o meu amigo conhece, e a quem disse: acreditam ou não na reencarnação? Eles dizem: sim! ou não! Eu não digo sim ou não!!... Eu peço que o meu amigo me diga que coisa é a reencarnação...!!...

JV – E na astrologia?...

AS – Quero que o meu amigo me diga o que é a astrologia!!... É essa coisa...?... De cada jornal...

JV – Qual... qual é o seu signo?...

AS – Não sei se o Expresso publica, ou não publica, essas coisas...

JV – Não! Não publica...! Qual é o seu signo?...

AS – Diga?!...

JV – Que signo... de que signo é?...

AS – O meu amigo... digo-lhe o seguinte: se o meu amigo comparar as páginas astrológicas que vêm todas as semanas – ao sábado, ou ao domingo, ou não sei quê – nos jornais que se publicam aí, o desgraçado que tiver um signo vê-se aflito...!!...

JV – Lá isso é verdade!...

AS – ...com uma porção de predições em que morre de repente, e a outra predição é que vai demorar quinhentos anos a morrer!!... Não é?... Inteiramente absurdo!!... Não é?...

A astrologia é uma invenção sobre posições de astros que pouca gente conhece – não são astrónomos, não sabem aquilo!... – e não se sabe nada a respeito da influência de um astro na vida da terra, na vida das pessoas...!!...

JV – E na vida extraterrestre?!...

AS – Diga?!...

JV – Na vida extraterrestre?!...

AS – Na vida...?!?!???

JV – Extraterrestre!

AS – Meu amigo, a vida extraterrestre depende da definição que o meu amigo der de vida!!...

Quando se tratou de averiguar se havia vida em Marte, o problema que apareceu imediatamente foi dizer-se o que era vida!!... Porque podia chegar-se a Marte, e não haver gente como nós, e não haver couves – por exemplo! Mas não queria dizer que não houvesse vida em Marte!!... Por exemplo, um cristal que cresce – tem vida, ou não tem vida?!!...

E, só depois de se chegar a uma definição de vida, é que o meu amigo podia ir a qualquer planeta, ou... encontrar qualquer objeto, e dizer se ele é vivo, ou não!! Antes disso, não pode!!... - Completamente impossível!!!

JV – Quais são os seus projetos para o futuro?

AS – São Viver!! Viver, ter amigos como o senhor – capazes de porem questões que é preciso discutir!... – e poder falar de tudo, e ver tudo, louvando sobretudo, e acima de tudo, a liberdade que têm as pessoas de dizer o que lhes apetece, onde lhes apetece, sem provar nem uma coisa nem outra!!

JV – Muito obrigado, senhor Professor!

AS – Nada...!!

JV – Boa noite!

AS – Muito gosto!